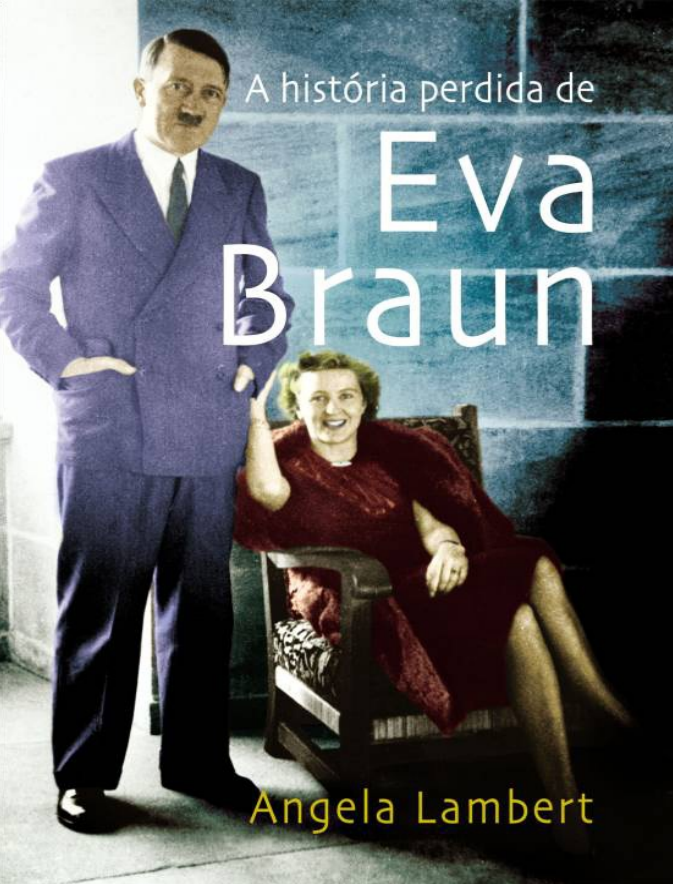




A história perdida de

Eva Braun

Angela Lambert



Angela Lambert

A HISTÓRIA PERDIDA

DE EVA BRAUN

tradução:

Cássio de Arantes Leite

GLOBOLIVROS

Copyright © 2007 by Angela Lambert
Copyright da tradução © 2007 by Editora Globo s.a.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Título original:
The Lost Life of Eva Braun

Preparação: Claudia Abeling
Revisão: Carmem T. S. Costa e Valquíria Della Pozza
Índice remissivo: Luciano Marchiori
Foto de capa: Adolf Hitler e Eva Braun, década de 1940.

© Bettman/CORBIS
Diagramação para ebook: Benedito Sérgio Carvalho de Souza

1ª edição, 2007

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NÁ-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L223h

Lambert, Angela, 1940-

A história perdida de Eva Braun / Angela Lambert ; tradução de Cássio de Arantes Leite. – São Paulo : Globo, 2007.

Tradução de: The lost life of Eva Braun

Anexos

Bibliografia

ISBN 978-85-250-5496-8

1. Braun, Eva, 1912-1945 – Biografia 2. Hitler, Adolf, 1889-1945

i. Título.

07-1601 cdd-923.143

cdu-929:32(43)

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo s.a.

Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – sp

www.globolivros.com.br

*à meus bem-amados
parentes alemães*

*meu avô
Wilhelm (Willy) Schröder
(8 de fevereiro de 1877 — 1959)*

*e minha tia-avó
Elizabeth (Lidy) Neubert
(1895 — 12 de julho de 1981)*

*que conheceram a guerra em
Hamburgo, e suportaram*

SUMÁRIO

CAPA

ROSTO

CRÉDITOS

DEDICATÓRIA

INTRODUÇÃO

PARTE 1. NUNCA MAIS A INOCÊNCIA OUTRA VEZ

1 O primeiro encontro, estranho e fatal

2 A família de Eva

3 Eva, Goethe, Schubert e Bambi

4 Lições tediosas e jogos rebeldes

5 A infância de Hitler

PARTE 2. DE ADOLF A FÜHRER, DE COLEGIAL A AMANTE

6 Eva se torna a *Fräulein* Braun, Hitler se torna o *Führer*

7 Baviera, o idílio germânico

8 Geli, Hitler, Eva

9 Morrer para estar com Hitler

10 Diário de uma mulher desesperada

11 Os álbuns de fotografias e os filmes caseiros

PARTE 3. AMANTE DE PRONTIDÃO

12 Eva sai de casa

13 Amante

14 1936 — A Alemanha na vitrine: as Olimpíadas

PARTE 4. OS MELHORES ANOS: À TOA NO BERGHOF

15 As mulheres no Berg

16 Três, três, as rivais...

17 1937-9 — Eva no Berghof: “Uma gaiola dourada”

18 1938-9 — Os últimos verões de paz

PARTE 5. OS ANOS DA GUERRA

19 1939 — A guerra se aproxima

20 À espera de que Hitler vença a guerra

21 Eva, Gretl e Fegelein

22 1941-3 — O que Eva poderia ter sabido?

23 ...O que Eva poderia ter feito?

24 O que Hitler fez

PARTE 6. CLÍMAX

25 Fevereiro de 1944-janeiro de 1945 — Eva no Berghof com Gertraud

26 A Conspiração Stauffenberg e suas consequências

27 No *bunker*

28 A última batalha de Hitler

29 *Frau* Hitler por trinta e seis horas

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

ANEXO A: A história da família de Eva Braun, por Alois Winbauer

ANEXO B: O diário de Eva Braun de 6 de fevereiro a 28 de maio de 1935

ANEXO C: Judeus mortos durante a Segunda Guerra Mundial (estimativas)

NOTAS

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

ÍNDICE REMISSIVO

INTRODUÇÃO

Eva Braun não foi nenhum estereótipo: ela não era nem o epítome da alemã submissa nem o brinquedo perverso de um tirano; contudo, por ter sido a amante de Hitler, as pessoas não têm a menor dúvida de que se tratasse de uma nazista dedicada e uma racista. A surpresa que tive ao pesquisar para este livro foi descobrir que não era nada do tipo. Mas sim uma garota decente de classe média, de boa criação, que não era antissemita e que jamais se filiou ao Partido Nazista, mas que teve a infelicidade de se apaixonar por um monstro. Em nome de Hitler, Eva abriu mão de tudo que poderia ter se constituído em sua realização na vida — casamento, maternidade, uma casa própria, o orgulho e a aprovação dos pais — para tornar-se a sombra inconfessa por trás da aclamação pública e da queda de Hitler. Em abril de 1945, à medida que o exército russo avançava através de uma Berlim em ruínas, cometeu suicídio com ele no *bunker*. Fora sua amante por catorze anos, ainda que dificilmente alguém no mundo exterior soubesse seu nome ou conhecesse seu rosto. Hitler foi tão eficaz em mantê-la longe dos olhos do público que ela viveu e morreu de forma anônima. Fiquei intrigada com seu caráter absolutamente ordinário — a banalidade do bem, se preferirem — e com a dificuldade em desvendar o quebra-cabeça: quem foi ela e se dividiu com Hitler e o Partido Nazista alguma culpa pelas atrocidades da Segunda Guerra Mundial, sobretudo o massacre de milhões de judeus e outros, no que chamo aqui de Eventos Negros.[1]

Um acaso do tempo tornou essa garota comum, apanhada sob os holofotes por sua ligação com Hitler, estranhamente próxima a mim. Eva Braun veio ao mundo no dia 6 de fevereiro de 1912. Minha mãe alemã, Edith Schröder, nasceu um mês depois disso, a 5 de março de 1912. Ambas oriundas de famílias de classe média sem filhos homens, mas com três meninas; ambas a filha do meio. As irmãs mais velhas de cada lado até tinham o mesmo nome: Ilse. A irmã menor de Eva, Margarethe, era chamada de Gretl, e minha tia Gertrude era conhecida como Trudl. Os eventos que moldaram a infância de Eva também moldaram a de minha mãe. Quando crianças, eram embaladas para adormecer com as mesmas cantigas e aprenderam a ler e escrever com os mesmos livros. Devem ter estudado na escola com os mesmos livros e usado as mesmas roupas. Esta biografia conheceu enorme ajuda graças a essas coincidências.[2] As garotas alemãs de classe média que estavam com doze anos em 1924, dezessete em 1929 ou 21 em 1933 inevitavelmente tinham muita coisa em comum. Este relato da vida de Eva está recheado de histórias paralelas da infância de minha mãe. Suas lembranças em primeira mão deram um foco mais nítido à vida que eu tentava reconstruir, seis décadas após a morte de Eva, como se a observasse através de um estereoscópio.

Mais de setecentas biografias já foram escritas sobre Hitler, mas esta história de Eva Braun é apenas a segunda em inglês e a primeira feita por uma mulher. Os fatos

conhecidos de sua vida dificilmente encheriam um capítulo. Quando conheceu o *Führer*, estava com dezessete anos, recém-saída do convento onde estudou, uma jovem atraente mas não bonita, limitada pelos gostos de sua classe e idade; totalmente inadequada para suportar o peso da história. Contudo, os 33 anos que vão de seu nascimento a sua morte conheceram períodos grandiosos e sanguinários e, ao longo de toda a sua vida adulta, ela esteve ao lado de um dos homens mais repugnantes, brilhantes e poderosos da Europa. Ninguém próximo a ela no seu círculo de amizades e bajuladores que os cercavam se deu ao trabalho de registrar qualquer detalhe da vida de Eva. Poucos homens julgavam que tivesse alguma importância e as mulheres — na maior parte, esposas dos companheiros de Hitler — mal a toleravam. Foi uma figura tão elusiva que, ainda em junho de 1944, o serviço secreto britânico continuava a pensar que fosse uma das secretárias de Hitler,^[3] embora a essa altura viesse sendo sua única amante por doze anos.

Comecei este livro num estado similar de ignorância sobre o Terceiro Reich e os eventos da Segunda Guerra Mundial. As garotas nas escolas inglesas dos anos 50 aprendiam pouca história militar, exceto o fato tranquilizador de que sempre vencíamos. A biblioteca escolar tinha algumas biografias glamorizadas de jovens pilotos heroicos como Guy Gibson e Leonard Cheshire e pouca coisa além disso. Perguntar a minha mãe não ajudava nada; ela se fechava e mudava de assunto. Portanto, quando me lancei nesta empreitada, recorri aos melhores e mais atualizados intérpretes do período, Michael Burleigh e Ian Kershaw, lendo e anotando seus livros com cuidado e admiração. Depois li Gitta Sereny, uma cronista inspirada não só de Albert Speer como também da Alemanha de seu tempo. (Foi Speer quem disse: “Para todos os historiadores, Eva Braun irá se revelar uma decepção”. Como estava errado.) Na época em que terminava este livro, minha “biblioteca Hitler e Eva” espalhava-se por diversas prateleiras, mas esses três primeiros historiadores foram meus principais guias e devo-lhes um agradecimento de principiante por terem me iluminado.

Nerin Gun, jornalista americano, escreveu uma biografia de Eva Braun nos anos 60, numa época em que inúmeros familiares e amigos dela ainda eram vivos. Ele se valeu de sua habilidade investigativa como repórter de jornal para rastrear várias pessoas que haviam sido próximas a Eva e persuadi-las a enfim falar sobre ela. Todos esses informantes hoje estão mortos, mas utilizei alguns episódios anedóticos, ainda que a indignação da família de Eva com o modo como Gun, na visão deles, “banalizou” sua vida seja um indicativo de que sua exatidão não seja algo em que se apoiar. O livro tende mais às conversas informais que à fonte autorizada, cita poucas datas, não possui uma única nota de rodapé e nenhuma referência bibliográfica, de modo que nada que afirma pode ser verificado.^[4] Até mesmo a foto da sobrecapa foi adulterada. Quando publicada inicialmente, a biografia teve pouco impacto e é hoje difícil de ser encontrada fora das seções de livros raros das livrarias na Internet.

Quando comecei a procurar algo além do escasso punhado de documentos oficiais remanescentes, em busca da verdade sobre a própria Eva, tive de cavar ainda mais fundo

para achar evidências — tanto escritas como orais — com pessoas que lhe foram íntimas. Nisso contei com a ajuda de um golpe de sorte inicial, ao encontrar sua prima mais jovem, uma virtual desconhecida, Gertraud Weisker, já quase octogenária. O que me conduziu a ela foi a generosidade da cineasta Marion Milne, que recém-finalizara o documentário premiado *Adolf and Eva*,^[5] no qual entrevistava *Frau* Weisker.

No dia 2 de abril de 2001, viajei para Frankfurt a fim de me encontrar com essa esquecida prima de Eva, no pequeno vilarejo de Eppelheim, perto de Heidelberg. Descobri uma mulher cheia de energia, extremamente acolhedora e, como mantivera as ligações com a família Braun em segredo por mais de cinquenta anos, portadora de lembranças cristalinas. Com a idade de vinte anos, em julho de 1944, passara algum tempo a sós com Eva (e um exército de empregados e seguranças) no Berghof. *Frau* Weisker e eu conversamos por horas e por seu intermédio fiquei com uma impressão inteiramente nova da jovem que vivera à sombra de Hitler. “É um peso que tenho carregado por toda a vida”, disse, “o fato de que minha prima querida tivesse sacrificado a sua vida a um assassino em massa.”^[6] Meu interesse por Eva Braun data desse dia em abril. *Frau* Weisker foi buscar no sótão seus álbuns de família, com fotografias de uma Eva sorridente, e a figura a seu lado cuidadosamente cortada com a tesoura. De modo contrário ao procedimento usual — Eva sempre foi apagada com o aerógrafo nas fotografias que a mostravam ao lado do *Führer* em público —, sua mãe literalmente o cortara do quadro. A maioria dos alemães católicos se opusera a ele e a família Braun morria de vergonha de sua ligação com Adolf Hitler.

Inevitavelmente, a presença de Hitler neste livro é enorme, embora eu tenha tentado resistir a seu campo gravitacional e mantê-lo em segundo plano. Eva Braun nos possibilita um vislumbre do ditador através dos olhos de alguém que o amou. A partir de seu relacionamento com ela, a mulher invisível a seu lado, começamos a discernir o Hitler oculto que tinha medo de intimidades com mulheres e pavor da paternidade, o Hitler sentimental e apaixonado por cães, que apreciava tanto as canções populares da época como as óperas de Wagner, que assistia a filmes vagabundos e lia histórias de caubói, e que, com toda a sua monstruosidade, adorava as tardes de bajulação e afagos no aconchego do Berghof, cercado pelos amigos de confiança.

Eva percebeu que até ditadores necessitavam de conforto doméstico e foi sua tarefa prover isso a ele. E Eva o amava, de modo sincero e fiel.

Precisei inserir Eva e seus contemporâneos num contexto. Atrás dela, assomavam vastos exércitos de soldados em marcha, estádios lotados de ginastas compondo a insígnia nazista, trabalhadores rurais e colegiais reluzentes de saúde e fervor, operários fabris e trabalhadores escravos laborando de sol a sol para produzir caças, tanques, artilharia antiaérea, uniformes, botas — elas nunca eram suficientes — para a glória do *Führer* e da Pátria. Nas sombras, por trás disso tudo, sendo vistos não como indivíduos, mas como massa, esparramando-se como uma mancha de sangue, estavam aqueles que eram julgados indignos de viver e ter filhos no Reich de Mil Anos: deficientes físicos e mentais, homossexuais, o povo rom (ciganos), católicos, poloneses,

russo e, aos milhões, judeus europeus, todos os que os saudáveis e eficientes alemães aprendiam a odiar e matar sem escrúpulos.

Minha mãe sempre se recusou a discutir o destino de seus colegas de escola judeus em Hamburgo, com quem brincara nos dias em que a cidade ainda era integrada e liberal. Numa rara ocasião, quando estava com mais de oitenta anos e começando a esquecer as coisas, perguntei — sabendo que poderia ser minha última oportunidade — o que acontecera com eles.

Minha mãe disse: “Eram de famílias ricas... então, quando veio a guerra... foram embora... de férias”.

“E você voltou a encontrá-los?”

“Não. Eles nunca voltaram. Por serem judeus, não podiam se permitir tal coisa.”

Minha mãe adorava recordar o que para ela eram os dias felizes e inocentes de sua infância e juventude. Essas histórias, que ouvi vezes sem conta ao longo dos anos, conforme crescia, sobrepõem-se indelevelmente às de Eva. Hoje penso: quem dera tivesse perguntado mais e ouvido melhor.

Parte 1

NUNCA MAIS A INOCÊNCIA OUTRA VEZ

O PRIMEIRO ENCONTRO, ESTRANHO E FATAL

A SCHELLINGSTRASSE ATRAVESSA o coração de Munique no sentido leste-oeste, paralela ao grande trio de galerias de arte conhecidas coletivamente como Pinakothek. É uma das principais artérias do Schwabing, distrito cuja atmosfera combina o Bloomsbury e o Soho londrinos, ao mesmo tempo livresca e irreverente.[1] A palavra alemã *Schellen* (como em Schellingstras- se) pode significar tudo: um valete de ouros, o som de guizos, um crescente turco, um pavilhão chinês, o chapéu de um bobo da corte — imagens que resumem a natureza impetuosa e festiva da rua. De modo mais prosaico, porém, é mais provável que tenha sido assim batizada em homenagem a Friedrich Schelling,[2] filósofo alemão do século XIX. Hoje, pela rua perfila-se uma profusão de bares (mais cerveja do que vinho, por ser Munique), livrarias (com bancas de livros universitários usados nas calçadas), cafés (que cedem gratuitamente os jornais para os clientes), restaurantes e brechós atulhados de roupas. Tudo isso atende a uma multidão boêmia e sem dinheiro, sobretudo alunos das faculdades locais. Eva Braun, entre a idade de dezessete e 25, passou mais tempo nessa rua do que em qualquer outro lugar, não porque estivesse se divertindo ou estudando, mas porque trabalhava como aprendiz e assistente atrás do balcão da Photo Hoffmann: estúdio e loja de equipamentos fotográficos que ocupavam o térreo e o subsolo do número 50.[3] Hoje, não há nenhuma placa, indicação ou marco que revele ao transeunte ocasional que ali, em outubro de 1929, Eva Braun viu-se diante de Adolf Hitler pela primeira vez.

Heinrich Hoffmann, dono da loja, percebera rápido o potencial de Hitler como líder político e figura icônica e astutamente assegurou para si o trabalho de fotógrafo oficial já em 1922, quando o demagogo orador do NSDAP (National Sozialistische Deutsche Arbeiterpartei, ou Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, logo abreviado para Partido Nazista) mal parecia digno de registro. Nas duas décadas seguintes Hoffmann tiraria 2,5 milhões de fotografias do *Führer*, fornecendo uma história abrangente do homem e do Reich.[4] Ele também recebia uma comissão por cada foto tirada, tornando-se milionário nessa mesma década e multimilionário dez anos depois. O hospedeiro e o parasita serviam bem aos propósitos recíprocos. Um era inestimável para o outro e Hoffmann sabia disso, protegendo avidamente sua posição privilegiada.

Eva se afeiçoara à fotografia desde que ganhara sua primeira câmera, com cerca de treze anos. Quatro anos mais tarde, progredira dos retratos desfocados de sorridentes colegas de escola para os mais ambiciosos instantâneos familiares com iluminação por trás e pose no balcão. Tirava fotos de si mesma (sempre seu tema favorito) diante do

espelho usando fantasias ou o mais recente vestido de baile. Seu pai tinha esperança de encorajar o talento incipiente e Eva tinha certeza de que o aprendizado da fotografia lhe proporcionaria uma vida mais empolgante do que a de secretária em algum escritório melancólico. A Photo Hoffmann tinha uma localização ideal, no centro da vida estudantil e artística, a poucos pontos de bonde ou, se acordasse a tempo, a uma rápida caminhada de vinte minutos do apartamento da família. Tudo isso a atraía, embora estivesse aquém de suas ambições secretas.

Quando a jovem Eva Braun foi procurar emprego na loja de Hoffmann, ele simpatizou com seu rosto e sua vivacidade. Em bases muito modestas, foi contratada. Começou no início de outubro de 1929,[5] como assistente júnior e aprendiz no estúdio e na câmara escura. Seus deveres incluíam atender no balcão, datilografar notas fiscais, arquivar, aprender a revelar filmes e imprimir fotografias no estúdio, realizar pequenos serviços externos e ocasionalmente posar de modelo para o patrão — sempre, é claro, inteiramente vestida.

Numa inesquecível tarde de outubro de 1929, Eva trabalhava na loja havia apenas duas ou três semanas quando Hitler apareceu vindo da Braunes Haus — sede do Partido Nazista, mais adiante na Schellingstrasse — a fim de selecionar fotos de uma assembleia recente. Ele foi o primeiro político a perceber a importância de projetar uma imagem correta e examinava com cuidado cada retrato. Consciente de seu nariz batatudo e das narinas extraordinariamente largas (o bigode era destinado a disfarçá-los), detinha o controle absoluto da própria imagem, decidindo como seria apresentado ao povo alemão e censurando qualquer foto que o mostrasse sob uma luz pouco lisonjeira. As melhores eram publicadas como retratos oficiais.

Hitler chegou ao estabelecimento de Hoffmann discretamente, na hora de fechar. Quando entrou na loja, Eva não ficou nem um pouco intimidada com o estranho, a quem seu empregador tratava de modo singularmente cordial e obsequioso. Era uma garota de boa criação, que aprendera boas maneiras em casa e no colégio de freiras, de modo que se mostrou educada com Hitler, ainda que não fizesse a menor ideia de quem fosse. Nessa noite, ao que parece, contou à irmã Ilse o que acontecera em seguida:

Eu havia subido numa escada para alcançar os arquivos que ficavam guardados nas prateleiras mais altas do armário. Nessa hora, o chefe entrou, acompanhado de um homem de certa idade e com um bigode gozado, um sobretudo claro em estilo inglês[6] e um grande chapéu de feltro na mão. Os dois se sentaram no lado oposto da sala. Tentei olhar de soslaio em sua direção e senti que o sujeito fitava minhas pernas. Bem nesse dia eu havia encurtado a saia e fiquei com um pouco de vergonha, pois não tinha certeza de ter feito a bainha direito.[7] Ela desceu da escada e Hoffmann apresentou-a, pegajoso, como “nossa pequena e boa *Fräulein* Eva...”, antes de apresentar o visitante como “*Herr Wolf*” — Hitler preferia os pseudônimos, parte do sinistro imaginário romântico que gostava de criar em torno de si.

Parte do trabalho de Eva na Photo Hoffmann era revelar e imprimir, ampliar e fazer cópias de, entre outras, fotos promocionais de Hitler. Passava horas sob a luz rubi da câmara escura do estúdio, debruçando-se sobre a bandeja de revelação em meio ao forte odor dos produtos químicos, mergulhando e observando as folhas brancas do papel fotográfico escurecerem e se amalgamarem no rosto radiante de Adolf Hitler. O olhar sério e duro e a mensagem subliminar que transmitia estavam destinados a ficar gravados na mente de cada alemão. A tarefa de Eva, inclinada sobre a emulsão, contando os segundos até que a imagem fosse inteiramente revelada, e depois reproduzida ao infinito, iria com o tempo imprimir as feições dele em sua consciência como uma marca-d'água.

Heinrich Hoffman mais tarde descreveria a aparência de Eva, na época:

A despeito de seus dezenove anos de idade,^[8] tinha um ar de certo modo ingênuo e infantil. De altura mediana, preocupava-se enormemente com seu talhe magro e elegante. O rosto redondo e os olhos azuis, emoldurados por um cabelo loiro escuro, compunham um conjunto que só poderia ser descrito como bonito — bonito de um jeito impessoal, como uma caixa de chocolates.

[...] Ainda não era dada a batom e unhas pintadas.

A prima mais jovem, Gertraud Weisker, fonte de inúmeras intuições sobre a personalidade de Eva, disse:

Ela sonhava com uma carreira artística, fosse como fotógrafa, fosse no cinema. Tinha doze anos a mais que eu e, por ser criança, eu a venerava como minha heroína. Não era uma pessoa vazia, mas consciente do efeito que sua “beleza sonhadora” provocava nos outros. Mesmo naqueles dias era jovial e feminina; já se dedicava a sua aparência. Interessava-se por roupas e moda, era louca por esportes e gostava de tirar fotos. Esse era seu mundo. [...] Quando conheceu Hitler, era uma garota jovem e muito saudável, cheia de vida e curiosidade. Era atlética — ia de bicicleta até os lagos próximos e, como eu e meus pais, escalava montanhas, dormia em cabanas... Simplesmente, uma garotinha encantadora.^[9]

Seu patrão recente necessita ser apresentado um pouco mais a fundo. Fora a única outra pessoa presente no encontro original de Adolf e Eva — que ele teria encorajado — e permaneceu como figura de importância duradoura para ambos pelo resto de suas vidas.

Um dos primeiros a se filiar ao recém-fundado NSDAP, o Partido Nazista, em 1920, Heinrich Hoffmann era quatro anos mais velho do que Hitler.

Seu pai fora fotógrafo na corte do príncipe regente Luitpold e do rei Ludwig III e o jovem Heinrich trabalhara na loja da família quando menino. Em 1908, abriu seu próprio estabelecimento no número 33 da Schellingstrasse, mais tarde expandindo-o para uma loja maior no número 50. Durante a Primeira Guerra Mundial, servira como

oficial- *cameraman* no exército bávaro. Conheceu Adolf Hitler em 1919, quando este estava com trinta anos, e os dois se deram bem logo de cara. Seria o início de uma amizade para a vida inteira.

Heinrich Hoffmann, embora generoso e sociável, era arrivista, articulador e manipulador, sempre o primeiro a explorar uma pessoa ou situação em proveito próprio. Quando a amizade dos dois teve início, era já alguém bem estabelecido e próspero, ao contrário de Hitler, que não conhecera conforto doméstico por anos a fio. A partir de 1920, um Adolf ainda rude e pouco conhecido tornou-se visita constante da casa de Hoffmann, usufruindo da pródiga hospitalidade de sua linda primeira esposa, Lilly, e brincando com seus dois filhos pequenos, Henriette, ou “Henny”, e Heinrich, ou “Heini”. O lar da família no vistoso subúrbio de Munique, Bogenhausen, constituiu-se num refúgio, um lugar para relaxar, apreciar bolos caseiros e conversar sobre arte e música — assuntos em que ambos se julgavam especialistas. Em pouco tempo Hitler passava tantas horas na elegante casa de Hoffmann que esta se tornou quase que um segundo lar.

Já nessa época, Hoffmann não poderia ser descrito exatamente como abastêmio, mas, após a morte de Lilly, em 1928, seu comportamento degenerou do mero prazer de ficar um pouco alegre para o de um beerrão estúpido. Contudo, continuou sendo um dos colegas mais próximos e confiáveis de Hitler; a hesitação em usar a palavra “amigo” deve-se ao fato apenas de que é de se duvidar se Hitler era capaz de ter um amigo de verdade. As fotos que tirou do *Führer* foram vendidas às dezenas de milhares e os cartões-postais na ordem dos milhões. Hoffmann usava a competência técnica para aumentar o apelo de seu tema com poses heroicas e uma iluminação engenhosa, transformando o mentor num dos últimos e maiores cavaleiros teutônicos. Através de suas lentes, no estúdio, ele criou o líder mítico havia muito aguardado, destinado a liderar a Alemanha por um glorioso futuro milenar.

Em 1929, quando Adolf Hitler encontrou a jovem e pura Eva Braun pela primeira vez, já era bem conhecido em Munique como o orador e a mola propulsora por trás do NSDAP. Seu rosto devia ser familiar para ela, tanto pelos retratos batidos por Hoffmann como pelos jornais e cartazes, mas Eva não o reconheceu. A despeito de ter crescido na cidade que era berço e epicentro do Partido Nazista, seu conhecimento de política era escasso e seu interesse, nulo. A família de Eva desconfiava e não gostava dos nazistas, que por sua vez desprezavam o cristianismo em razão das raízes judaicas. Se o nome de Hitler fosse mencionado em alguma ocasião dentro da casa, seu pai Fritz Braun sem dúvida o repudiaria no ato. Naquele primeiro contato, teria sido impossível para Eva — e para quem quer que fosse — imaginar os Eventos Negros que seriam precipitados por Hitler, mesmo que houvesse lido *Mein Kampf*[16] coisa que certamente não fizera. Os sermões que ouvira no convento eram evocativos do demônio e sua obra, valendo-se de um imaginário sádico que pressagiava os fornos de gás de Auschwitz, mas, em 1929, ninguém ainda suspeitava o que estava por vir, a não ser o punhado de homens próximos a Hitler, cujos sonhos, como os seus, iam além do

antissemitismo para aspirar à completa aniquilação dos judeus. Hoje, à luz do que sabemos sobre os Eventos Negros,[11] sobre a década que vai de 1935 a 1945, não somos capazes de vê-lo sem o desprezo em retrospecto da história, mas nessa época Hitler transmitia uma impressão muito diferente. Já uma figura pública carismática, podia ser igualmente carismático na vida privada.

Pode soar revoltante para os que o enxergam como a encarnação do mal, mas a verdade é que o *Führer* alemão estava longe de ser abertamente sinistro ou repelente, muito menos o sujeitinho absurdo de cabelo preto ondulado e bigode de escova de dentes, como retratado por Charlie Chaplin em *O grande ditador*. Muito pelo contrário. Hitler era um homem cativante, sobretudo quando conversava com jovens impressionáveis, que gostava de encantar. Todo mundo admitia que seus olhos, azuis como miosótis, eram capazes de hipnotizar.[12] Como qualquer homem extremamente poderoso, sobretudo políticos, Hitler projetava um campo de força contra o qual era impossível resistir. Gitta Sereny, que em seus livros atacou as atrocidades do regime nazista, contou-me: “No que diz respeito a sua aparência, encontrei-o uma vez, em Berlim, em 1940, e na verdade fiquei surpresa em ver como seu aspecto era agradável. Nada repulsivo. Era bem-arrumado, extremamente limpo e sempre cheirava a sabonete fresco, embora de fato tivesse halitose, que combatia com a limpeza constante dos dentes”.[13] Ela enfatizou a incômoda verdade:

O poder atrai muito, sabe. É um apelo sexual imenso. É claro que Hitler tinha considerável charme. Era de longe muito mais inteligente do que a maioria das pessoas quer admitir. Um homem extremamente inteligente que também era um monstro. Gostava de ficar cercado por mulheres e apreciava conversar e beijar mãos, e tudo isso exercia uma atração incrível sobre quem estivesse próximo.

Isso, não o monstro, foi o assim chamado “*Herr Wolf*” que Eva conheceu.

Visto pelos olhos de uma garota crédula recém-saída de um colégio de freiras e que o encontrava pela primeira vez, ele devia irradiar magnetismo.

No entanto, o motivo pelo qual uma garota frívola de dezessete anos sentiu-se tão poderosamente atraída por um homem muito mais velho permanece um mistério completo. Quando uma jovem ignorante encontra um homem que manifesta interesse por ela, a tendência é sentir-se lisonjeada, mas esse caso ia muito além disso. Uma explicação mais dramática é que ele era o destino de Eva, assim como o destino da Alemanha. O relacionamento dos dois é digno de ser investigado porque o modo com tratou a jovem — primeiro seduzindo, depois dominando e finalmente destruindo — reflete, no microcosmo, o modo como enfeitiçou e destruiu o povo alemão.

A confortável casa de Hoffmann na Schnorrstrasse ficava a cinco minutos de caminhada da loja e convenientemente perto da sede do partido. Foi ali que Hitler fez amizade com homens que pensavam como ele, incluindo Ernst Röhm e Bernhardt Stempfle, que

tiveram um papel crucial em moldar sua filosofia política, e que se tornariam entusiastas inflamados de cerveja e charutos (com exceção de Hitler, que execrava fumo e álcool), projetando visões de um futuro de glória para o nazismo no qual ainda somente uns poucos milhares de seguidores punham fé. Hoffmann, o anfitrião desse “salão” nazista, terreno fértil da ideologia racista, exerceu influência determinante.

Em outros tempos, ali fora simplesmente o lugar onde o *Führer*, a bem da verdade um sem-teto desde a metade da adolescência, podia relaxar e se sentir à vontade, num lar de família. “Depois do almoço no restaurante Osteria Bavaria”, lembrava-se Albert Speer, posteriormente,

ele partia para o próximo destino: a casa de seu fotógrafo em Munique-Bogenhausen. Quando o tempo estava bom, o café era servido no pequeno jardim de Hoffmann. Cercado pelos jardins das mansões em torno, o dele dificilmente chegava a mais de seiscentos metros quadrados. Hitler tentava resistir ao bolo, mas, após inúmeros elogios a *Frau Hoffmann*, finalmente consentia que um pedaço fosse servido em seu prato. Se o sol brilhava, o *Führer* e chefe do Reich podia até mesmo tirar o casaco e se esticar na grama em mangas de camisa. No lar dos Hoffmann, ele se sentia em casa.^[14]

Hitler chamava a filha do casal, Henny, exatamente um ano mais nova que Eva, de “*mein Sonnenschein*” (meu raio de sol), e de tal modo afeiçoou-se a ela que, em determinado estágio, seu pai chegou a ter esperança de que pudessem vir a casar; mas a ambição foi longe demais. Hitler não estava atrás de um relacionamento de verdade, quanto mais de casamento, não com a pequena Henny, e muito menos com alguma “fêmea alfa”, tão inteligente quanto bonita. Ele não estava pronto para se casar, nem nessa época nem nunca, por motivos que Hoffmann jamais adivinharia.

Quando entrou em cena, Eva Braun foi desprezada pelos amigos e acólitos de Hitler como uma cabeça de vento sem importância. Eles teriam preferido que o *Führer* desposasse uma mulher mais sofisticada, elegante e refinada; não conseguiam perceber que era precisamente a ausência dessas qualidades que o atraía. Mesmo assim, Hitler talvez jamais houvesse ficado com Eva não fosse a perseguição obstinada que ela empreendeu ao longo dos dois anos seguintes, ajudada pelas maquinções de Hoffmann, que tramava para que ele a notasse sempre que possível. Herbert Döring, que conhecia os dois homens desde os anos 20, recorda-se:

Minha esposa e a irmã de Hitler^[15] sempre disseram depois da guerra que no curso normal das coisas Hitler e Eva Braun jamais teriam ficado juntos. Mas Hoffmann foi muito ardiloso no modo como seguidamente apresentava a garota como que numa bandeja de prata, apresentava-a assim para Hitler. Ele não deixou de oferecê-la até que Hitler mordesse a isca.^[16]

O ímpeto sexual de Hitler ao que parece não era muito forte, a julgar por seus longos períodos celibatários, mas, quando de fato se sentia sexualmente atraído, era invariavelmente por garotas com metade de sua idade — dezesseis não era jovem demais, vinte, quase velha demais. A filha de Heinrich Hoffmann, Henriette, lembra-se de tê-lo encontrado certa vez, vestida de camisola, com apenas doze anos (isso deve ter sido por volta de 1924, quando Hitler era um frequentador assíduo da residência dos Hoffmann), e ele lhe perguntou se poderia beijá-la. “Não!”, ela respondeu, horrorizada, e ele não insistiu. No outono de 1926, quando estava com 37, flertou brevemente com uma menina de dezesseis anos, Maria (“Mimi”) Reiter, que conhecera em Berchtesgaden. Chegaram mesmo a se beijar numa clareira de bosque, mas o encontro foi fugaz e Hitler não insistiu. Para Maria, foi sério o bastante para que o considerasse como um prelúdio do casamento e fizesse uma tentativa malsucedida de suicídio.^[17] Até os quarenta, a única outra namorada de Hitler, segundo Anna Winter, que mais tarde seria sua governanta em Munique, foi uma encantadora adolescente chamada Ada Klein, que, percebendo que Hitler jamais se casaria com ela, sensatamente o largou e se casou com outro.^[18] Como o pai, Adolf preferia as virgens, garotas que fossem maleáveis e não ameaçadoras, mas em seu próprio caso o motivo talvez tivesse muito mais a ver com o fato de que permanecera virgem por tanto tempo. Uma mulher com experiência sexual teria lhe inspirado demasiado temor. Com a possível exceção de Winifred Wagner, a decana da família Wagner, o *Führer* jamais se arriscou a ser desafiado pelo relacionamento com uma mulher da própria idade. Até mesmo Winifred era oito anos mais nova que ele, embora sua figura matronal e o penteadado circunspeto fizessem com que parecesse mais velha.^[19]

Heinrich Hoffmann descreveu — sem dúvida, com a ajuda do tempo — a primeira impressão que Eva Braun exercera sobre Hitler, sem mencionar seu próprio papel como intermediador: “Meiga. Bonita de um jeito meigo. Loira. Na segunda vez que a encontrou, Hitler deu-lhe alguns ingressos de teatro. Finalmente, convidou-a para ir vê-lo [...] em Munique, em seu apartamento. Alguém devia estar presente — uma dama de companhia. Era muito cioso dessas coisas, na época”.^[20] Posteriormente, escreveu em suas memórias:

Hitler conhecia todos os meus empregados e foi entre eles que se aproximou pela primeira vez de Eva Braun, com quem às vezes conversava de um jeito normal, muito despreocupado; ocasionalmente, saía um pouquinho de sua concha e lhe fazia um pequeno elogio, que gostava tanto de fazer às mulheres. Nem eu nem meus empregados notamos que prestasse qualquer atenção particular nela. Mas com Eva foi diferente; contou a todas as suas amigas que Hitler estava loucamente apaixonado e que iria [...] casar-se com ele.^[21]

A despeito das fotografias tiradas em cervejarias ou clubes noturnos mostrando-a abraçada a algum jovem robusto e sorridente, parece que o clichê romântico era

verdadeiro: quando encontrou Adolf Hitler, Eva Braun encontrou seu destino.

A prima Gertraud recorda: “Se você observar um daqueles velhos filmes da Juventude Hitlerista feminina,[22] tranças estavam em alta. Eram tidas como sinal de pureza e naturalidade. Diziam-nos que as mulheres alemãs não fumavam, não bebiam, não usavam maquiagem. Mas Eva nunca se encaixou no estereótipo”.[23] Fritz Braun, assim como a doutrina do Partido Nazista, não aprovava cosméticos, mas isso apenas obrigava Eva a passar batom, ruge e perfume quando chegava a seu programa da noite — cinema, ópera, clube ou festa — para voltar a tirá-los no banheiro feminino antes de ir para casa. Hitler talvez advogasse o *look* ordenhadeira lavada, mas dificilmente se sentia pessoalmente atraído pelo tipo de mulher. Eva conseguia zombar da reprovação paterna. Adorava maquiagem e usou-a a vida toda, independentemente do que ele ou Hitler achassem. A despeito da tentativa conjunta de forçá-la a ser submissa, jamais foram bem-sucedidos.

Minha mãe, Edith Schröder, sempre chamada Ditha, era mais uma garota saudável, jovial e esportiva cuja ideia de diversão consistia em sair para passear num barco alugado no lago Alster, em Hamburgo, com o namorado aos remos, ou empreender vigorosas caminhadas de um dia inteiro pelo campo, nadando, no verão, patinando e gritando nos rinks de gelo, no inverno. Sua atitude em relação à própria aparência diferia inteiramente da de Eva. Maquiagem jamais a interessou, o que era muito bom, já que seu pai nunca teria tolerado. As fotos de infância mostram uma garota tipo Ingrid Bergman, embora seus traços fossem mais grosseiros, mostrasse expressões menos sutis e não possuísse a beleza comovente de Ingrid. A única maquiagem que usou (muito mais tarde em sua vida) foi batom vermelho-escuro, que passava nos lábios com um curioso gesto de pinceladas. Com a fofa almofada do pó de arroz, tingia de rosa o nariz e as maçãs, enchendo os poros com as minúsculas partículas do cosmético.[24]

Gertraud, a prima de Eva, está convencida de que “A única razão para começar um relacionamento com Hitler enquanto ainda era uma adolescente foi que Eva queria fugir do pai e da família”.[25] Garotas que fogem de um pai ameaçador geralmente se sentem atraídas por homens autoritários, apenas para descobrir que fugiram da frigideira para cair num fogo muito mais quente. A rigidez com que seu pai a controlara inconscientemente havia preparado Eva para Hitler. Aos dezessete anos, já vinha reagindo contra a autoridade — religiosa e paternal — por muito tempo. Não poderia ter escolhido um homem mais compulsivamente controlador para amar do que Adolf Hitler.

A FAMÍLIA DE EVA

A NOITE DE 6 DE fevereiro de 1912, noite em que Eva Braun nasceu, em Munique, foi chuvosa; caía uma gelada garoa de inverno. Enquanto a parteira ajudava Fanny (Franziska) no parto longo e doloroso, o marido aguardava com impaciência na sala ao lado. Já com uma filha de três anos, tinha grandes esperanças de ganhar um menino.^[1] Sua cunhada, Josefa Kronburger, que estava com ele, tinha certeza de que o bebê seria homem, embora na verdade as garotas fossem predominantes em seu lado da família; ela própria tivera cinco filhas. Se a criança que lutava para vir ao mundo fosse homem, os pais optariam pelo nome Rudolf, em homenagem ao príncipe herdeiro dos Habsburgo que morrera num pacto de suicídio com a amante, em Mayerling — uma escolha de mau agouro, alguém poderia ter pensado. Por que batizar um bebê com o nome de um príncipe desiludido que se matara? Contudo, a criança que deslizou para as mãos da parteira às 2h22 da manhã era uma robusta menina. Pesava 5,5 quilos e os pais a chamaram de Eva (a primeira da família com esse nome) Anna (em homenagem a uma das tias Kronburger) Paula (outra). Eva Anna Paula Braun: um nome bom, sólido, monótono. A julgar pela primeira fotografia, era um bebê excepcionalmente feio.

Os Braun haviam se casado em julho de 1908, quando Fritz estava com 29 anos e sua noiva era seis anos mais jovem. Ambos eram cidadãos trabalhadores — a palavra para isso em alemão é *fleissig*, que carrega o sentido de industriiosidade, probidade e respeito. A mãe de Eva, Franziska, *née* Kronburger — sempre chamada de Fanny —, era oriunda de uma família católica excepcionalmente devota. (Uma de suas irmãs, Anni, mais tarde se tornou freira em Eichstätt.^[2]) Sua ligação com a Igreja Católica era tão profunda que Fanny não podia sequer pensar em abrir mão de sua fé. Fritz, que crescera sob a Igreja Luterana, também piedosa porém mais tolerante, estava preparado para permitir que as filhas fossem criadas como católicas, mas ele próprio não se converteu. Como qualquer marido alemão da época, não tinha a menor dúvida de que a ele cabia a última palavra em todos os aspectos da casa, mas fazia essa concessão em matéria de religião. O catolicismo de Fanny, reforçado pela mãe e as quatro irmãs dela, mais do que a obstinação luterana de Fritz, iria exercer um efeito duradouro pelo resto da vida das crianças. Eva Anna Paula Braun foi batizada como católica apostólica romana com poucas semanas de idade, tendo a tia Paula como madrinha.

Os pais de Eva cresceram na Alemanha pré-Primeira Guerra Mundial, sob uma rica cultura artesanal e uma rígida estrutura social de classes dominada pela nobreza, os militares e o clero. Essa ainda era, quase, a sociedade em que ela nascia — tão completamente diferente da que tomaria seu lugar dali a vinte anos que é difícil crer que

um tal estilo de vida houvesse existido menos de um século antes. Em 1912, a Alemanha recém-unificada[3] era um império chefiado pelo *Kaiser Wilhelm* (Guilherme) II, cujo governo estava se rearmando rapidamente, fortalecendo a marinha e forçando a rival, a Grã-Bretanha, a fazer o mesmo. Era um estado de coisas rígido, hierarquizado e inquietante. A velha crença em Deus e na aristocracia dominante ficara abalada com os feitos sangrentos dos anarquistas na virada do século e fora ainda mais solapada pelos primeiros ventos da Revolução, na Rússia. A tolerância com as minorias ainda vigorava; os judeus não eram abertamente discriminados por perseguição ou preconceito e a província da Baviera era estável, próspera e culta: um lugar para começar a vida tão bom quanto qualquer outro na Alemanha.

Fritz Braun era oriundo da Suábia,[4] província situada a noroeste da Baviera. O povo local é renomado pela parcimônia e perícia artesanal, qualidades que Fritz tinha de sobra. Quando jovem, era frugal e até abstinente, com um senso de dever cívico e reverência pelo passado, que sempre parece um tempo mais simples, e ele se sentia mais à vontade vivendo numa hierarquia onde cada um sabia seu lugar. Os pais dele eram prósperos fabricantes de mobília de Stuttgart, cuja esperança fora que o filho prosseguisse com o negócio familiar. O irmão gêmeo de Fritz emigrara para a América do Sul na juventude; sua irmã Johanna morava em Stuttgart e não tinha filhos. A personalidade de Fritz era evidentemente diferente, desde jovem, e ele sonhava em ser arquiteto, não um negociante de móveis. Percebendo que a aspiração estava além de sua capacidade (Hitler nutrira a mesma ambição e chegara à mesma conclusão), decidiu tornar-se professor. A decisão deve ter provocado alguma tensão com os pais, pois assim que obteve o diploma saiu de casa e foi dar aulas em Württemberg, antes de se mudar para Munique para lecionar numa *Fachhochschule*, uma escola de ensino técnico superior. Alguns anos depois conheceu, cortejou e se casou com Fanny Kronburger.

As três filhas do casal nasceram em 1909 (Ilse), 1912 (Eva) e 1915 (Gretl). Primeiro como bebês, depois ensaiando os primeiros passos, e então como robustas garotinhas, raramente viam os avós paternos. Stuttgart era uma cidade grande, 220 quilômetros a noroeste de Munique, enquanto os pais de Fanny moravam numa exuberante propriedade cercada de vales e colinas, mais próxima, mais divertida e mais saudável para as crianças do que a cidade. Talvez porque Beilngries, onde moravam os pais de Fanny, fosse mais acessível, ou porque a ligação de uma mulher com sua mãe fique mais forte assim que ela própria se torna mãe, ou simplesmente porque Fritz não se achasse particularmente em bons termos com seus pais, cujo negócio em todo caso os impedia de tirar férias prolongadas no verão — fosse qual fosse o motivo, a família Braun[5] passava todos os verões com os avós Kronburger.

Quando Eva nasceu, sua irmã mais velha, Ilse, tinha quase três anos. Uma terceira filha, Margareth, chamada a vida toda de Gretl, completava a família. Fritz Braun evidentemente já desistira de ganhar um filho homem. As duas mais jovens eram muito chegadas, quase tão unidas quanto gêmeas, e Ilse, apesar de ser mais velha e mais esperta, ressentia-se da exclusão da pequena gangue risonha e privada das duas. Entretanto, numa

época em que crianças ainda deveriam se dirigir aos pais de modo formal: “*Herr Vater*” e “*Frau Mutter*” — como fora com a própria Fanny —, a família Braun era amorosa e exteriorizava suas emoções, e os jovens pais dedicavam um tempo generoso ao convívio com os filhos. A severidade de Fritz era abrandada pela indulgente Fanny, o que funcionava também com Eva, obstinada como uma mula. Uma velha anedota familiar contava que em certa ocasião sua mãe, exasperada com a recusa de Eva em ceder numa discussão trivial, mergulhou a cabeça numa bacia de água gelada. Não fez a menor diferença. Quando a filha teimava com algo, não havia o que pudesse movê-la.

Fanny era a mãe ideal — feliz e divertida, amante dos prazeres, calma, justa. Quando não estava ganhando dinheiro extra com a confecção de roupas, ou, mais tarde, acolhendo inquilinos, dava duro para manter a família limpa, bem alimentada e, na medida do possível, satisfeita. Havia herdado do pai um interesse pelas artes e com ele compartilhava também o gosto pelas boas coisas da vida, características que legava às próprias filhas.^[6] A prima Gertraud lembra que ela e as garotas estavam sempre rindo juntas de alguma coisa. “Era uma mãe alegre e feliz.” Fanny tinha aprendido costura e os álbuns de fotos da família estão cheios de retratos das três garotas exibindo os vestidos que fizera para elas. Fritz pegara para criar um belo gato malhado, batizado pela família de *Schnurrlei der Kater*, o que significa mais ou menos Ronrom, o gato, e várias fotos exibem Eva abraçando-o apertado — até demais.

O avô materno de Eva, Franz-Paul Kronburger, era uma figura proeminente na vida de todos, a despeito da baixa estatura. Nascido em 1858, filho de um açougueiro, era o mais velho de dezenove crianças, onze das quais chegaram à idade adulta. Todos os seus oito irmãos escolheram alguma profissão para seguir. Ele próprio resolveu tornar-se veterinário, recebendo o título de *Herr Doktor Veterinär* Kronburger e sendo distinguido com a honraria adicional de *Kaiser- und Königlicher Veterinär*^[7] (Veterinário Distrital Imperial). Todo ano, em homenagem ao aniversário do *Kaiser*, paramentava-se com o traje com as insígnias de seu título honorífico, um absurdo chapéu cerimonial chamado *Picklhauber* — uma espécie de elmo civil — e um florete. Franz-Paul fez um bom casamento. Sua esposa, Josefa, sete anos mais velha, era oriunda de uma conhecida linhagem de relojoeiros. O irmão, Alois Winbauer,^[8] fora um dos joalheiros do imperador Francisco José, da Áustria, numa época em que ligações com a realza conferiam prestígio de verdade. Josefa Winbauer tinha trinta anos antes de se casar — prestes a tornar-se solteirona, pelos padrões da época — e deve ter ficado grata por Franz-Paul ter feito dela sua esposa. Mas não tinha motivo algum para se sentir de algum modo inferior ao marido.

O próprio *Herr Doktor Veterinär* Kronburger provavelmente teria gostado de fundar uma dinastia, talvez cinco ou seis filhos robustos — um para seguir seus passos como veterinário; os demais, se fossem inteligentes e trabalhassem duro, talvez médico, advogado ou boticário, o que fosse melhor com as mãos do que com a cabeça poderia ser aprendiz de relojoeiro e, quanto ao mais jovem, talvez por deferência à esposa permitisse que ingressasse na Igreja — mas seus planos viram-se frustrados pela chegada

de cinco mulheres, uma atrás da outra, nascidas no espaço de nove anos: Josefa (também apelidada de “Pepi”), Franziska (“Fanny”), Anni, Paula e Bertha. (O sexto e último filho foi o tão esperado menino, Franz, mas morreu subitamente de causa desconhecida com dezoito meses de idade.) Franz-Paul não teve outra alternativa senão chefiar uma família de seis mulheres. Não que oprimisse as garotas, muito menos a esposa. Josefa era uma mulher bem-educada, com um caráter forte, e uma católica devota. Era uma dona de casa formidável e muito organizada que, com apenas duas moças da cidade para ajudá-la, recebia a família inteira em Beilngries pelo menos duas vezes ao ano. Os primos mais novos de Eva, Gertraud e o filho de tia Bertha, Willy, assim como o tio Alois (filho único do irmão de Josefa, nascido em 1896, era dezesseis anos mais velho que Eva)[9] e todos os seus parentes passavam ali cada Páscoa, Natal e férias de verão. O velho casarão dos Kronburger tinha oito ou dez quartos e o consultório veterinário no andar térreo estava sempre cheio de gente e de animais, entrando e saindo em estágios variados de ferimento, doença ou dor, fato que exerceria forte apelo ao amor de Eva pelos animais, bem como a seu lado dramático. Havia uma horta onde as galinhas ciscavam e cacarejavam, coelhos relutantes que podiam ser arrancados de suas gaiolas para serem abatidos e um riacho ali perto, para passear de barco e pescar.

Alois recorda tia Josefa com carinho:

Era talhada de uma madeira mais dócil [...] sendo uma mulher educada, boa e profundamente religiosa, sempre preocupada com as filhas. Seu temperamento contrabalançava e compensava a severidade do marido, mantendo a paz e a harmonia da casa. Ela fazia a mediação entre a natureza autoritária dele e as garotas, todas as quais donas de uma vontade própria recém-formada e distinta. Tinha um coração de ouro, um senso de humor capaz de apaziguar os conflitos e um instinto para as coisas que realmente importam na vida. Graças a tudo isso, criou um reduto familiar amoroso e um lugar onde os convidados se sentiam bem-vindos.[10]

Já bem entrada na casa dos sessenta e até depois dos setenta anos, Oma (vovó) Kronburger continuou a exercer papel preponderante na vida de pelo menos quatro famílias, bem como na das filhas solteiras e — o mais exigente deles — na do marido. Era adorada por todos, graças a sua bondade e hospitalidade. Morreu em 1927, tendo legado a natureza generosa às filhas e o nariz aquilino a duas delas (inclusive Fanny) e uma neta (Ilse).

Franz-Paul desempenhou um papel ativo e vital na criação das filhas, embora sempre mantivesse uma certa distância, fazendo com que as garotas usassem o respeitoso “Sie” com os pais, em lugar do familiar “du”. Ele acreditava apaixonadamente na importância da educação e ensinou a cinco delas latim e grego — matérias que não eram normalmente oferecidas nos colégios femininos,[11] muito menos num lugar como Beilngries, a pequena cidade bávara onde ele e sua esposa moraram e criaram as filhas, na grande casa da Hauptstrasse, número 1. O conhecimento que tinham da cultura clássica era

excepcional para a época. “Meu avô Kronburger era muito avançado em sua visão da educação feminina”, disse Gertraud Weisker, “e insistia que todas as filhas aprendessem alguma coisa que conduzisse a uma profissão, para que pudessem se sustentar sozinhas, em caso de necessidade.”[12]

Franz-Paul era a figura mais poderosa na vida das cinco garotas e muito possivelmente na das netas também, um antiquado autocrata dedicado a servir ao *Kaiser*, bem como aos clientes do campo. Não importava quanto mudassem os ventos políticos ao longo de sua vida — e ele só morreria em 1933, no ano em que Hitler se tornou chanceler —, ele nunca abandonou os preceitos de uma sociedade ordenadamente governada por uma escada ascendente de direitos e deveres, nem jamais duvidou que ocupasse o degrau mais elevado. Fosse ou não o caso, era presença obrigatória em Beilngries, temido por seu temperamento e sua importância junto aos fazendeiros e respeitado pela habilidade no trato com os animais. Não fazia diferença que o *Herr Doktor Veterinär* se tornasse, com o passar dos anos, dominador e altamente excêntrico, desfilando em trajes antiquados coloridos e brilhantes e cultivando uma vasta barba ruiva. Isso não solapou a estima em que era tido.

Nos passeios dominicais com a família, Franz-Paul Kronburger assumia um ar imperial, usando uma majestosa capa *loden* e um chapéu bávaro tradicional. Foi a primeira pessoa num raio de milhas a possuir um carro — um dos primeiros modelos Maybach —, do qual tinha imenso orgulho, embora por prudência mantivesse um landau e uma charrete de reserva.[13] Alois, seu sobrinho pelo casamento, recordou o veículo grande e desajeitado, “uma enorme caixa com dois faróis e uma buzina estentórea”, com tamanho suficiente para carregar a família inteira nas excursões pelo campo e nas visitas profissionais aos vilarejos próximos. Ele deixou um relato delicioso dessas expedições motorizadas com a família:

Os que viajavam em seu carro arriscavam a vida e a integridade física e nenhum passeio familiar se resumia ao puro prazer. Numa viagem colina acima o veículo engasgava, sacolejava e frequentemente se recusava a prosseguir, de modo que em vez de apreciar as belezas do vale do Altmühl, nós passageiros éramos forçados a descer e trazê-lo de volta à vida. [...] Nenhuma jornada começava sem um estouro e poucas terminavam sem algo quebrado. As expedições orgulhosas muitas vezes terminavam numa lamentável volta para casa, o imponente veículo sendo rebocado por uma junta de bois, o orgulho por suas façanhas do proprietário reduzido a uma torrente firme de imprecações dirigidas ao “bostamóvel”. [14]

Franz-Paul podia ser tão bondoso quanto irascível. Levava Alois para pescar (sua segunda paixão, depois do carro). Juntos, os dois homens — Alois com vinte e poucos anos e o tio sexagenário — fisgavam gordas trutas num riacho particular pertencente a Plankstetten, o mosteiro local, um favor que o veterinário retribuía aplicando injeção em seus 120 porcos sem cobrar nada. “Tio Franz ensinou-me a pescar, não com grande

paciência, mas com enorme perfeição, desse modo agraciando-me com uma dádiva que me proporcionou mais prazer do que qualquer outra coisa que eu tenha conhecido na minha vida até hoje, e que talvez venha a conhecer.” Na ausência de um filho próprio, isso deve ter sido um prazer também para o tio. Além de poder pescar suas trutas, ele usufruía de direitos exclusivos sobre um trecho de quatro quilômetros do Altmühl, tido como o melhor rio pesqueiro de toda a Baviera.[15]

A irmã de Fanny, Bertha, sua prima mais velha (por quatro anos), foi o primeiro amor de Alois. “Era o objeto de minha primeira paixão escolar; ela alimentava o sentimento com delicadeza e meu coração começava a bater mais forte no momento em que eu subia a bordo do trem em Geiselhöring para minhas férias de verão.” Muito depois Alois confessou que costumava levar cartas de amor entre Fanny e o boticário local, seu admirador e objeto de afeição, enquanto o pai dela cochilava após o almoço. A recompensa de Alois podia ser um pacote de alcaçuz. O sigilo era necessário porque Franz-Paul teria achado que um romance desses não estava à altura de nenhuma de suas filhas.

Fritz Braun — taciturno e frustrado em seus sonhos e ambições — pode inconscientemente ter moldado a si mesmo com base no sogro. Também ele tentou impor mão-de-ferro sobre as mulheres que acreditava unidas contra si. Seu emprego como professor numa escola de ensino técnico era bastante respeitável, mas, na juventude, ele ambicionava voos muito mais elevados. Agora, via-se obrigado a lecionar para sustentar a família. O relacionamento entre ele e Fanny gradualmente começou a se assemelhar ao dos pais dela, assim como suas atitudes opostas em relação às filhas. Nos fins de semana, ausentando-se da casa, muitas vezes ia pescar, sozinho ou com o sogro. E havia ainda o grupo de voluntários, o *Bergwacht*, que excursionava pelas montanhas em busca de escaladores perdidos ou presos em avalanches. Essas ocupações monopolizavam seu tempo livre, no verão e no inverno, aumentando ainda mais o fosso entre ele e a esposa.

Atualmente, o antigo lar dos Kronburger mal é reconhecível. A casa costumava ficar nos limites da cidade, mas Beilngries cresceu desde essa época, o centro a engoliu e ela hoje abriga a Ströbl, uma sofisticada loja de objetos domésticos — utensílios de cozinha, vasos e recipientes feitos por designers —, o tipo de coisa que as pessoas compram para dar como presente de casamento ou de despedida. Ela está cercada por outros estabelecimentos — entre eles, uma lotérica — e placas de rua, tudo contribuindo para obscurecer suas esplêndidas dimensões, que cobrem quatro quadras.[16] As agulhas gêmeas verdes e douradas da igreja principal, a Stadtpfarrkirche, datada do século XVI, podem ser vistas ao fundo. A região é, sem dúvida, católica: noventa por cento dos moradores de Beilngries seguem a religião, hoje em dia.[17] O papa atual, Benedito XVI, nasceu na vizinha Markt am Inn e exercia seu ministério como arcebispo de Munique em Ruhpolding, outra cidadezinha local. O catolicismo do tipo mais conservador está profundamente enraizado nessa parte da Alemanha. Por essa e muitas outras razões, Eva continuaria a sentir-se em casa, ali. Pouca coisa parece ter mudado nas imediações rurais

— o amplo vale arborizado do Altmühl permanece sendo uma utopia agrícola de campos ondulados (muitos deles para o cultivo de lúpulo, com seus longos caules enroscando-se em altas estruturas triangulares de madeira) e florestas escuras, atravessados hoje em dia de norte a sul pelas *Autobahns*, entre Nurembergue e Munique.

Beilngries não é o tipo de lugar de ostentação pitoresca para onde turistas afluem, ainda que date do século XV e tenha nove antigas torres quadradas, inúmeras construções em estilo *Fachwerk* (enxaimel), bem como belíssimas casas barrocas. Há estátuas da Virgem Maria, placas douradas com os nomes das tavernas e cestos de flores por toda parte. Seria difícil imaginar um refúgio de férias mais salutar, e Eva carregou carinhosamente consigo a lembrança do lugar por toda a vida, quando mais não fosse porque o avô foi um de seus cidadãos mais proeminentes.

Em junho de 1914, quando Eva estava com dois anos e meio de idade, o arquiduque Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, e sua esposa foram assassinados por um nacionalista sérvio. Essa foi a centelha que inflamou os Bálcãs e pouco após o fim do verão a guerra eclodiu. Foi, nas palavras de um historiador, uma “marcha dos tolos” — longa, despropositada e mortal.

A poucas milhas dali, em Munique, Eva e as irmãs mal entravam em contato com a carnificina de seus conterrâneos. Perto do fim da guerra a comida ficou racionada e, num comentário que entrou para a coleção de anedotas familiares, Eva disse que só dava para perceber se o pão tinha manteiga se brilhasse na luz. Mas o sangue jamais chegou a ser derramado em solo alemão, os reides aéreos eram coisa do futuro, a orgulhosa e bela cidade de Munique permanecia intocada e a vida das crianças dos Braun e de sua mãe continuava como sempre, a não ser pelo fato de que o dono da casa não estava com elas.

EVA, GOETHE, SCHUBERT E BAMBI

TODA CRIANÇA ALEMÃ tem a cabeça abarrotada de canções e poemas, lendas, folclores e contos fantásticos, um desfile[1] épico e espalhafatoso de monstros e fadas, lobos e coelhos da Páscoa, criaturas ferozes e meigas. O primeiro contato com esse mundo se dá no quarto infantil, com versos e melodias assustadores cujo tema subjacente é não raro a violência. A floresta envolta em bruma e escuridão, povoada de lobos, gnomos, bruxas e figuras satânicas, todos à caça de crianças pequenas, é uma imagem que fornece um *insight* maravilhoso sobre a alma germânica e justifica que nos detenhamos nela um pouco mais. Inúmeras cantigas e contos datam de muito antes da unificação,[2] quando a Alemanha ainda era composta de dezenas de estados principescos separados. Se alguma coisa os unia e definia o caráter nacional, era a glória da música e da poesia alemãs, bem como o terror sádico das histórias infantis tradicionais, contadas quando a criança ainda não era capaz de ler sozinha.

Rimas infantis — cantigas de ninar, versos, parlendas — são as mais duradouras dentre todas as tradições orais. Repetidas vezes sem conta, numa idade em que tudo que sentimos é ampliado e toda impressão é nova, ficam cravadas para sempre no inconsciente. Uma geração mais tarde elas reaparecem exatamente como foram ouvidas pela primeira vez, antes que a criança aprendesse a falar ou cantar. As lembranças mais remotas de Fanny Braun e suas filhas eram das antigas canções de Goethe, Heine ou Schiller, transformadas em música por Schubert e Brahms. Uma das mais famosas, “Schlafe, mein Prinzchen, schlaf ein” (a “Berceuse”) é em geral atribuída a Mozart, mas provavelmente remonta a bem antes do século XVIII. Sua origem exata é desconhecida — como quase tudo que diz respeito à memória oral —, mas toda mãe alemã já a cantou para o bebê no berço, acalmando seu medo de ficar sozinho: “Dorme, meu princezinho...”,[3] e os olhos do cansado *Prinzchen* começam a se fechar. Sem dúvida Josefa Kronburger cantou-a para suas filhas e estas para as suas, incluindo Eva. Minha mãe, com sua palpitante voz de contralto, cantava para me ninar exatamente como sua mãe cantara para ela. Mesmo agora, com a melodia chegando metalicamente a mim pela Internet, em meu computador, ela evoca aquela sonolência que predispõe a dormir. Outra cantiga igualmente terna, melodicamente musicada por Brahms, é “Guten Abend, gute Nacht”. São apenas dois exemplos dentre centenas, muitas hoje esquecidas.

Conforme a infância passa e a vivacidade aumenta, as canções a acompanham.

*Hup, hup, hup,
Go on horsey, gallop!*

Over sticks and over stones

Mind you don't break all your bones! [4]

Toda criança alemã já ficou a cavalo no joelho ossudo do pai, sendo atirada para cima e para baixo, hipnotizada pela boca aberta e pelos grandes dentes. O ritmo começava com um trote calmo, aumentava num galope sacolejado até que, tomados pelo terror ou empolgação, a menina Eva ou a pequena Gretl começava a rir e gritar. “Fuchs, Du hast die Gans gestohlen” era outra canção da terra:

Dona Raposa, a senhora roubou o ganso

Traga-o de volta aqui!

Ou o fazendeiro vai mandar

Seu leal mosqueiro!

O rústico fazendeiro ganha vida, espingarda de pederneira na mão. Essas canções infantis estavam enraizadas no mundo de onde vieram. A cantiga galopante diz respeito a um tempo em que todo mundo viajava a cavalo, que, em 1912, era o passado muito recente. Como veterinário no campo, o avô de Eva exercia seu mister nas fazendas adjacentes, onde todos, exceto os mais pobres, tinham um cavalo e onde toda dona de casa criava galinhas e gansos. A vida rural ficava quase que a uma geração de distância. Hoje em dia, as canções têm pouca relevância para a realidade, mas quando Fanny as cantava, referia-se a um estilo de vida que conhecera na infância.

O entrelaçamento de palavras e melodias é ainda mais evocativo por ser subliminar. De tempos em tempos, pego-me recordando o poema de Heine, “Lorelei”, uma fábula de marinheiros sobre as traiçoeiras donzelas do Reno, cantando-o na cabeça, em voz baixa ou até — quando muito feliz ou muito chateada — em voz alta. Essas canções trazem uma carga emocional que tem pouco a ver com suas palavras singelas. Quando minha mãe se sentia deprimida, entoava “Meine Ruh ist hin” [5] ou o “Heidenröslein” de Goethe. Assim começa: “*Sah ein Knab' ein Röslein stehn*” — Um garoto admira uma rosa e ameaça arrancá-la. A rosa o adverte, se o fizer, vou espetá-lo, mas o menino quebra a haste, desafiador, e se espeta. A cançoneta simples, em tom menor, é de longe muito mais sinistra do que as palavras e a melodia cor-de-rosa sugerem. Lida com a sensibilidade adulta, é sobre a perda da inocência sexual: literalmente, sobre defloração.

Quando a jovem Ditha Helps (conforme veio a se tornar, em junho de 1926, assim que, com a idade de vinte e quatro anos, casou-se com meu pai, John Helps) sentia Heimweh (saudades) durante os anos solitários da guerra — presa numa Inglaterra hostil e condenada pelo sotaque alemão a ser estigmatizada como o inimigo —, consolava-se cantando “Der Erlkönig”. “O rei elfo” é um poema de Goethe

musicado por Schubert, e fala de um menino enfermo carregado nos braços do pai, que, embora galope como o vento, não pode sobrepujar a Morte. Era uma ligação melancólica mas poderosa com a mãe e as irmãs, presas em Hamburgo; sofrendo com o bombardeio, a artilharia e a escassez de alimentos infligidos pelas mãos do país ao qual agora oficialmente pertencia. Ela vira sua mãe pela última vez em Hamburgo em 1939, mas só pôde permanecer por três dias, com a iminência da guerra. (Será que percebia isso? E meu pai? Como deviam ser tão incrivelmente ingênuos.) Minha mãe estava longe de ser uma pessoa simplória, mas, como Eva, era notavelmente ignorante de política. Quando a guerra irrompeu, minha mãe mal sabia de que lado estava, apenas que não queria ver a morte de nenhum ente querido.

Minha mãe não era nenhuma intelectual, mas por toda a vida bebeu na fonte dos poemas que aprendia na infância. Conhecia-os de cor e era capaz de recitar sonoramente verso após verso do “Der König in Thule” de Goethe ou do “Der Taucher”, de Schiller.

Houvessem as crianças alemãs compreendido inteiramente as palavras, talvez se perguntassem por que as cantigas da hora de dormir eram quase sempre sobre dor, crueldade e o destino inexorável; e por que as donzelas do Reno e as filhas do *erlking* acenavam sedutoramente, chamando os humanos para um mundo gelado sob a água ou para o além. Como no *carnival* — que escondia dor e crueldade sob um exterior extravagante —, as aparências enganam. Sentimentalismo e brutalidade são dois extremos de um único impulso: a necessidade de controlar, o desejo de ter poder sobre alguém, seja obtendo-o por meio de uma enganadora manipulação de doce voz, seja por meio da força sádica e mórbida. Esses poemas inocentes corporificam traços enraizados no caráter alemão, instilando desde tenra idade uma aceitação fatalista do sofrimento e da morte; uma sensação de que também isso é parte da condição humana, junto com os passarinhos e príncipezinhos.

O casal Braun certamente lia *Os contos de Grimm* para as filhas — todos os pais alemães o faziam —, embora as histórias sejam extremamente sombrias,[6] conjurando um mundo de florestas escuras, cavernas úmidas e frios castelos de pedra, onde dor e horror, força e fraqueza, poder e vulnerabilidade se misturam. Para Eva, esse pano de fundo não era nenhuma fantasia gótica. Metade de sua vida seria passada entre florestas e castelos frios, para terminar numa caverna úmida. “Hänsel und Gretel” (Joãozinho e Maria) é sobre duas crianças abandonadas pela madrasta que não tem como alimentá-las: o tema clássico da rejeição, da fome e da pobreza. Contos como esses estavam profundamente enraizados numa cultura europeia muito antiga, bem como na história mais recente da Alemanha, nutrindo-se de um mundo impiedoso onde julgamentos por bruxaria eram comuns, bruxas queimadas na fogueira constituíam um espetáculo público e onde só o mais forte sobrevivia.[7]

A última coletânea de duzentos contos (*Grimm's Märchen*) tornou-se o livro mais influente e conhecido da língua alemã. Deve ter atingido algumas nascentes muito

profundas. Compilado e publicado no início da década de 1800, as histórias refletem a experiência de gerações de camponeses cuja vida era dura, arbitrária e cruel. Se características nacionais podem ser deduzidas da análise de temas e arquétipos do folclore e dos contos de fada,^[8] os Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, propiciavam às crianças alemãs uma dura perspectiva. Matilhas de lobos ainda assolavam as regiões ermas da Europa no início do século XX. A mera palavra “lobo” evoca temores que de modo algum podem ser considerados exagerados ou tolos e o lobo selvagem continua sendo objeto de terror no folclore e em inúmeras florestas europeias. A escolha do pseudônimo “*Herr Wolf*” por parte de Hitler foi absolutamente freudiana. Ao chamar a si mesmo de “Sr. Lobo”, talvez sondasse seu inconsciente em profundidades maiores do que imaginava. Se quisesse fazer o epítome de sua visão da Alemanha, “*Herr Adler*” — “Sr. Águia” — teria sido muito mais apropriado, mas seu plano era dominar os seguidores, não ajudá-los a voar.

Nessas histórias da hora de dormir, garotinhos e garotinhas são despachados em jornadas das quais regressam — quando regressam — para rever pais que parecem quase que desapontados com sua sobrevivência. As provações são descritas com prazer sádico. A pequena Chapeuzinho Vermelho — um sinal luminoso para qualquer predador de passagem — é mandada para a floresta escura por sua mãe, para levar o almoço da avó. Um lobo à espreita entre os pinheiros pensa: “Que juvenzinha tenra! Que petisco roliço e delicioso!”, observação que muito dificilmente induzirá ao sono uma criancinha tenra e roliça. Em “*Hänsel und Gretel*” há uma ogra repulsiva; “*Walpurgisnacht*” celebra a noite em que as bruxas voam através da escuridão montadas em vassouras para escutar o demônio, cena recriada no *Fausto* de Goethe. Esses horrores atávicos repercutiam na mente inconsciente das crianças alemãs e deviam assombrar sua imaginação pelo resto da vida. Talvez as preparassem também para as futuras atrocidades.

O primeiro presente que me lembro de ter ganho de *Opa*, meu avô, foi um exemplar alemão dos *Contos de fada de Andersen*. Está na minha estante até hoje, a capa se desintegrando, as páginas manuseadas e amareladas. Vendo em retrospecto, é interessante — e quase certamente um acaso — o fato de ele ter escolhido me dar as histórias mais benignas do dinamarquês Hans Christian Andersen em vez de seus sombrios equivalentes alemães. As histórias de Andersen não são exatamente felizes ou otimistas — “A pequena sereia” pode ser chamada de sádica —, mas tratam dos assuntos que as crianças mais gostam — buscas românticas e tarefas mágicas, disfarces e revelações, a inocência combatendo o mal^[9] —, ao passo que as dos Grimm abordam horror e crueldade reais contra crianças vulneráveis. Escrito a lápis por meu avô na página de rosto estão as palavras: “Para minha bem-amada netinha, Natal de 1949”, inscrição cuja brevidade e afeição quase me levam às lágrimas. Acho que meus pais jamais me chamaram de “minha bem-amada”. Sei que meu avô gostava muito de mim; descobrimos um no outro uma alma afim no dia em que nos

conhecemos em Hamburgo, em 1947, poucas semanas antes de meu sétimo aniversário. Não havia ninguém como *Opa* na família. Anticonvencional, amante dos livros, dono de um espírito anárquico, era um grande autodidata, alguém que se fizera sozinho, ferozmente independente. Quando crescesse, eu esperava ser como *Opa*, e isso era o que ele esperava, também.

Outros livros que os pais de Eva liam para elas, se é que as garotas já não estavam lendo sozinhas, tinham essa mesma qualidade meio provocadora e apavorante. O bizarro *Struwwelpeter* — cujo subtítulo é “Contos felizes e ilustrações divertidas” — ocupa um lugar só seu.^[10] Trata-se de uma série de versos bem-humorados (para os alemães, pelo menos) escritos pelo dr. Heinrich Hoffmann (nenhuma relação com o fotógrafo de Hitler), que trabalhava em Frankfurt como “médico no asilo de lunáticos” — presumivelmente, um psicoterapeuta primitivo. Ele escreveu *Struwwelpeter* em dezembro de 1844, como um presente de Natal para o filho pequeno, na crença de que “Uma história, inventada no calor do momento [...] e relatada com bom humor, acalmará o pequeno antagonista [ele fala aqui de acalmar uma criança, não um lunático], secará suas lágrimas e permitirá ao médico exercer seu mister. [...] O livro foi encadernado e deixado sob a árvore natalina e teve sobre o menino exatamente o efeito desejado”.^[11]

Struwwelpeter descreve, numa versegadura burlesca, inúmeras punições horripilantes infligidas a crianças malvadas, culpadas de fazer o tipo de coisa que fazem as crianças. Uma garota que brinca com fósforos pega fogo e vira uma pilha de cinzas, uma outra que chupa o dedo tem os polegares cortados por uma tesoura gigante e um menino que não gosta de sopa morre de fome. As semelhanças com o futuro não precisam ser muito enfatizadas. O livro satisfaz o fascínio que qualquer criança tem pelo grotesco, excêntrico, repulsivo ou insano, além de liberar suas próprias fantasias de sadismo e destruição. Seja qual for o motivo, era lido até se desfazer em toda casa alemã. As irmãs Braun, assim como minha mãe e a delas, talvez houvessem deduzido que não estavam crescendo exatamente num mundo misericordioso.

Eva e Hitler adoravam *Max und Moritz* (*Juca e Chico*), o livro ilustrado de rimas sobre dois garotinhos do barulho, feito por Wilhelm Busch, um pintor do sul da Alemanha, cartunista e poeta.^[12] Num primeiro relance, as histórias parecem ser um gancho santimonial para lições moralistas, mas isso não passa de um recurso para torná-las palatáveis para os pais. Na verdade, celebram o poder jubiloso de uma dupla perversa empenhada em disseminar o caos.^[13] Os versos de Wilhelm Busch eram a delícia das crianças dos Braun, assim como seus desenhos de camponesas gordas de avental e tamancos, reagindo numa fúria inútil quando descobriam que suas preciosas galinhas haviam sido depenadas e penduradas pelos bicos no varal; ou velhotes com uma touca de dormir cujos macios travesseiros de penas haviam sido enchidos com besouros. Eva devia achar graça; minha mãe e eu achávamos. O transtorno de gente pomposa e velha é engraçado.

Depois que cresceram um pouco, Eva e suas irmãs leram *Heidi*, de Johanna Spyri,

uma história açucarada sobre uma órfã que vive na montanha com seu avô, num vilarejo suíço muito parecido com os que haviam conhecido nos Alpes bávaros, e *Bambi*, de Felix Salten, um escritor judeu austríaco.^[14] O livro acompanha a vida de um gamo desde o nascimento e o segue conforme aprende como a natureza é cruel e o homem, ameaçador: exatamente o tipo de história sentimental que teria exercido apelo sobre Eva. É um hino à lei da selva, à sobrevivência do mais apto, mas também pode ser visto como uma alegoria política de tratamento dos judeus na Europa. Em todo caso, foi o que os nazistas acharam. Em 1936, o livro foi banido.^[15]

Na adolescência, Eva passou a devorar as aventuras de Velho Oeste escritas por um popular autor alemão chamado Karl May. (Elas estavam entre as favoritas do menino Hitler, também.) De modo um pouco mais surpreendente, era uma grande admiradora de Oscar Wilde e com sua crescente predileção pelo melodrama e o flerte provavelmente imaginava a si mesma como uma Salomé seduzindo o maligno Herodes. O contexto decadente de *Salomé*, o tema subjacente de controle pelo prazer, luxúria e crueldade pressagiavam sua própria experiência futura. Como acontece com toda criança impressionável, as palavras ricas e sugestivas dos versos que ouvira e os livros que lera ficaram profundamente enterrados. Pelo resto da vida, iriam contribuir para uma imaginação fértil e influenciar a forma como interpretava as pessoas e a elas reagia — sobretudo o Sr. Lobo.

LIÇÕES TEDIOSAS E JOGOS REBELDES

QUANDO A GRANDE GUERRA terminou, todos juraram que teria sido a guerra para dar um fim a todas as guerras. Jamais haveria outra. Ela acabou melhor para Franziska e suas filhas do que para muitas famílias alemãs — Fritz regressou, sem ferimentos físicos, mas com profundas cicatrizes na alma que em breve iriam minar a harmonia da família Braun. Fora convocado como oficial da reserva do exército bávaro e voltara como tenente. Para sua esposa e as garotas, os anos da guerra foram passados em segurança e apenas moderada privação; para ele, haviam significado medo, frio e desilusão. Enojado pelo que vira — a carnificina sangrenta e sem sentido —, seu espírito irado era um reflexo da Alemanha, com as ambições militares esmagadas e o império humilhado. Mas Fritz tivera sorte, sobrevivendo ao *front* de Flandres mais ou menos incólume. Em 1919, voltou para casa ansiando pela harmonia doméstica e por uma vida pacífica. Um tipo de paz foi o que encontrou, mas uma paz custosa e malfeita, imposta pelo punitivo Tratado de Versalhes a um povo cabisbaixo e ressentido.

A guerra deixara o saldo de 2,5 milhões de combatentes mortos, 4 milhões de feridos e uma Alemanha despedaçada e desmoralizada. A velha ordem entrara em colapso e, em novembro de 1918, o *Kaiser* Wilhelm II, último remanescente da dinastia Hohenzollern, [1] abdicou. A Alemanha foi proclamada uma república mas o declínio continuou. A guerra engendrou uma geração de solteiras que, sem um papel de viúvas ou mães, se juntaram à força de trabalho. Inúmeros homens desempregados nutriam forte hostilidade contra essas mulheres, julgando que roubavam seu trabalho. O mundo mudara e a nova ordem era um desafio a sua masculinidade. Sob tais pressões, a sociedade, e as famílias, rachavam de lado a lado.

Lutando pelo provimento da família, Fritz Braun tornava-se cada vez mais taciturno e inacessível. Fanny talvez estivesse envolvida demais na criação das garotas para arrancá-lo de sua depressão ou ajudá-lo a encontrar alívio de suas experiências e ele ficava magoado com a omissão da mulher em torná-lo o centro de sua vida ou em reconhecer sua provação na guerra. Seu rosto, como se pode ver claramente nas fotos de família, adquiriu uma nova rigidez, com olhos estreitos e uma boca fina torcida de lado. Quando estava com quarenta anos, em 1919, perdera a maior parte do cabelo e tornara-se uma figura de autoridade calva e severa, que achava que as três filhas haviam sido estragadas pela educação benevolente da mãe. O casamento estável, as crianças acolhedoras e a *Gemütlichkeit* [2] de que tanto sentira falta agora lhe faltavam. [3] A família sem dúvida se saía perfeitamente bem sem sua presença e parecia quase ressentida com sua volta. Ele não conseguia perceber que, como a maioria dos combatentes, havia mudado. Em

novembro de 1918, Ilse estava com nove anos e Gretl mal saíra da fase dos primeiros passos, mas, por menores que fossem, já resistiam a sua autoridade. Das três, Eva fora a que mudara mais. Estava acostumada à reação das pessoas a seu charme e beleza e queria agradar ao pai, mas nada era capaz de afastar sua nuvem negra. Acostumado à disciplina rígida, tentava domar sua luminosa autoconfiança. O apartamento animado e cheio de gente na Isabellastrasse tornava-se mais silencioso e grave quando *Vati* estava por perto.

Nos anos que se seguiram, Fritz voltou a seu antigo emprego na escola técnica. Mais importante, tornou-se um dedicado patriota bávaro, sempre fazendo menção ao passado imperial. Preocupado com o Freikorps Oberland — um exército ilegal formado para solapar o Tratado de Versalhes —, uniu-se à Bayerischer Heimat- und Königsbund,[4] afastou-se da vida familiar e começou a passar as horas de folga cada vez mais fechado no quarto, com seu jornal, seu cachimbo, sua cerveja e seu gato. Lá ficava, silencioso e melancólico, enquanto a esposa e as filhas se moviam alegremente do outro lado da porta trancada.

Em algum momento de 1919, o jovem tio de Eva, Alois Winbauer, começou os estudos na Universidade de Munique.[5] Com bom coração, e sem dinheiro, Fanny Braun sugeriu-lhe que fosse seu inquilino, jantar incluso. Quase sessenta anos mais tarde, ele recorda suas batatas fritas deliciosamente crocantes. Descreve Eva, que tinha cerca de sete anos, como uma criança de beleza incomum, bem-humorada, alegre e afetiva. Ela já mostrava sinais de ser dotada e inteligente, aprendendo rápido tudo que era novo. A escola, achava tio Alois, não representava o menor problema. Vencia todos os desafios e atribulações com facilidade, embora ficasse impaciente caso um exercício não fosse de seu agrado. Embora Ilse fosse mais inteligente e estudiosa, o charme de Eva dava-lhe uma vantagem injusta. Já vivia mais em função das sensações e emoções do que do mundo racional de conhecimento e lógica: “uma combinação”, observa Alois, com sabedoria, muito depois, “que iria determinar a tragédia de sua vida”.

Especialistas em psicologia infantil tendem a classificar o filho do meio como o sortido da família. Os confrontos com os pais sugerem que Eva era mais segura do que a introvertida irmã mais velha, Ilse — intelectual, determinada, distante (a palavra em alemão é *apart*), como o primo mais tarde a descreveria —, ou a apegada pequena Gretl. Eva era exibida, teatral, uma líder e instigadora. Na escola, parecia ter descoberto o segredo da popularidade (ser bonitinha, engraçada e caprichosa) e bancava a mandona com as irmãs dentro de casa. A despeito das algazaras, era obviamente uma criança muito querida. Tanto Alois como Gertraud, membros da família pelo lado Kronburger, sentiam que Eva era a favorita da mãe. Compartilhavam do apreço por roupas e moda e Fanny sonhava em que Eva um dia abrisse o próprio salão de costura em Berlim. Seu pai percebera cedo que Eva era extraordinariamente talentosa em todos os tipos de esporte e muitas vezes a levava consigo quando ia esquiar, deixando as outras duas em casa.

No entanto, Herta Ostermayr, uma colega de escola que viria a ser amiga de Eva pelo resto da vida, acreditava que ela às vezes se sentia muito infeliz em casa. A despeito

da relação contenciosa e competitiva com o pai, sua infância não parecia infeliz. A sensação que se tem é de uma família vigorosa, intensa, onde Fritz mandava e Fanny cuidava da casa e costurava, ao mesmo tempo que agia de diplomata, exemplo e árbitro. As garotas riam, se amuavam, experimentavam humores, opiniões, roupas e, no caso de Eva, acessos de raiva. Ninguém na família Braun era obtuso. Não há evidência de que qualquer uma das três houvesse algum dia sofrido maus tratos ou negligência afetiva, o que não significa dizer que portanto Eva devia ser feliz.

Nem bem a cem milhas dali, em Viena, Freud submetia à psicanálise mulheres infelizes oprimidas pelos homens da família, mas Fritz Braun via em Freud um discípulo do demônio e teria desprezado a ideia de que os modelos de comportamento e controle impostos sobre crianças pequenas seriam determinantes pelo resto de suas vidas. Do ponto de vista psicanalítico, talvez fosse mesmo verdade que o tratamento dado por Fritz Braun à pertinaz filha do meio estabelecesse o padrão de sua fixação em controlar homens por cuja aprovação ansiasse. Uma criança sente amor e ódio pelos pais, nunca inteiramente uma coisa ou outra.

Fritz Braun, o *Vati*, ou, quando estava aborrecido com ela, “pai”, seguia sendo um patriarca do século XIX que insistia na obediência estrita e, ao que parece, como tantos disciplinadores, fervia de fúria interior. A rebelde Eva, deixando de ser tão dócil como exigia, tirava-o do sério. Inconsequente, desafiadora e fisicamente ousada, absorvia a carga das aspirações paternas, bem como sua reprovação. Num círculo familiar consistindo quase que inteiramente de mulheres, Eva, de modo inconsciente, assumiu o papel do tão aguardado filho. Sua mãe costumava dizer: “Fritz queria que o segundo filho fosse homem. Bom, agora tem um!”. [6] Havia um bocado de confrontos, mas nenhum indício de que Fritz Braun batesse nas meninas. Ilse Braun lembraria, posteriormente: “Nós três fomos criadas numa atmosfera muito católica e tínhamos de obedecer sem questionar. Podíamos discutir quanto quiséssemos, mas, no fim, nosso pai sempre dizia: ‘Enquanto estiverem sentadas à minha mesa, farão o que eu mandar. Mais tarde, poderão fazer o que vocês quiserem’”. [7]

O tédio não era um problema para as meninas dos Braun. Nesses dias pré-televisão, as famílias eram mais próximas e seus membros, mais dependentes uns dos outros para se divertir. Nas escuras tardes de inverno sentavam-se em redor da mesa para jogar — não cartas, pelo menos não ainda (mais tarde na vida, Eva viria a se tornar uma exímia jogadora de bridge), mas jogos de tabuleiro como ludo, conhecido na Alemanha pelo delicioso apelido de “*Mensch, Ärgere Dich Nicht!*”, que traduzido em idioma moderno é “Ei, cara, não fique putô!”. É um jogo para quatro pessoas em que você deve lançar os dados e evitar ser mandado de volta para a base, movendo um dos quatro peões coloridos pelo tabuleiro a fim de atingir o ponto de chegada antes dos demais. Como qualquer grande jogo, encoraja os jogadores a sabotar seus oponentes e os ânimos pegam fogo. Minha mãe jogava com suas irmãs quando criança e eu também joguei — todo dia, se possível. As crianças de hoje, concentradas em solitários jogos eletrônicos, não sabem

o que estão perdendo. “*Mensch, Ärgere Dich Nicht!* ” é um jeito maravilhoso de expressar as tensões familiares. Sem dúvida Eva esbravejava, batia o pé, fazia bico e ganhava, se necessário trapaceando, contanto que vencesse.

Quando as garotas brincavam entre si, recortavam figuras femininas desenhadas numa cartolina e recatadamente cobriam os corpinhos assexuados com calças e blusas. Os trajes, que podiam ser uma vestimenta da corte no século XVIII ou uma roupa moderna, eram recortados de livros, fazendo-se pequenas abas em torno para prendê-los na parte de trás das bonecas. Se quisessem, podiam dobrar os pés para a frente, a fim de deixá-las na vertical, mas elas não o faziam, preferindo manter os inexpressivos rostinhos para cima. Garotas adoravam esse tipo de brinquedo, cuja popularidade sobreviveu até pelo menos o fim da década de 1970. Mais simples ainda eram os recortes de papel colorido brilhante chamados *Oblaten*, com o desenho de fadas, anjos, cãezinhos e gatinhos, flores e rosas — tudo que uma criança pudesse colar num álbum ou usar para decorar uma carta. Havia livros para colorir e caixas de lápis de cor, feitas de madeira e com tampa deslizante, fabricadas pela Staedtler ou pela Faber-Castell, que vinham num arranjo de matizes — uma dúzia, duas dúzias ou até 72 diferentes lápis de cor. Eva e as irmãs, Ditha e as dela, sacudiam caleidoscópios e espiavam pelo orifício para ver as formas brilhantes lá dentro que se desarrumavam e reordenavam em padrões sempre novos. Havia quebra-cabeças de cubos de madeira para crianças pequenas com um conto de fadas ilustrado em cada face, que, ao serem montados do jeito certo, podiam mostrar uma cena de, digamos, “Chapeuzinho Vermelho”. Se você os virasse todos como um único bloco sólido, veria Joãozinho e Maria magicamente intactos do outro lado, mas um cubo sempre saía do lugar, e então os demais escapavam de seus dedos.

Além disso, para crianças mais velhas, havia impossíveis quebra-cabeças de madeira com quinhentas peças representando marinhas (tudo eram ondas e céu), instrutivos mapas que ensinavam as crianças sobre as fronteiras dos países, as capitais e os rios da Europa, ou ainda cenas famosas da história. O brinquedo favorito das garotas era uma enorme casa de bonecas que o próprio Fritz Braun construíra, trabalhando em segredo por meses, fazendo os pisos, as paredes e a mobília. Era um homem hábil com as mãos, mas adequar seu talento de marceneiro às proporções das miniaturas deve ter sido uma obra de amor. Fanny completou os minúsculos quartos com tapetes e cortinas, almofadas e roupas de cama, panelinhas, louça e recipientes, tudo feito à mão. Nunca era cedo demais para aprender a ter orgulho num lar feliz.

Quando pequenas, as garotas usavam vestidos e aventais com babados, tiaras para prender o cabelo bem escovado e compridas meias brancas ou meias-calças com lustrosos sapatos de botões. (Tenho uma foto de minha mãe com roupas quase idênticas às que Eva vestia numa foto da família Braun.) As roupas eram decorativas, não práticas, e calças, para garotas, eram inimagináveis. Elas pareciam bonecas tamanho gigante até os quinze anos, sublinhando seu papel de brinquedinhos do papai, ajudantes da *Mutti*. Fanny ensinava com entusiasmo para as filhas a história da moda feminina, fazendo com que se interessassem por roupas. Era importante que uma jovem fosse

bem-apresentada e inteligente e se vestisse bem. Desde a infância, Eva adorava se paramentar com peças exóticas. O álbum de família tem fotos de Eva com a idade de seis anos usando uma folha de repolho na cabeça, no lugar da tiara; Eva com dez anos numa fantasia de fada; Eva com quinze pintada de preto para parecer Al Jonson — sem mencionar Eva com gatinho; Eva com esquilo; Eva sentada numa enorme vaca malhada; Eva com esquis e patins — sempre rindo e se exibindo para a câmera.

Nas primeiras décadas do século XX, o mais perto que a maioria das crianças chegava de filmes numa tela era na forma de slides estereoscópicos. Os slides eram na verdade um par de imagens, quase, mas não inteiramente, idênticas, impressas em celuloide e enquadradas numa moldura de cartolina. Eles eram inseridos num visor, mais desajeitado que os visores de antes e com o dobro da largura. Segurando o aparelho — conhecido como estereoscópio — diante dos olhos e alinhando-o do jeito correto, a cena magicamente ganhava vida em três dimensões. As imagens estereoscópicas talvez tenham sido a origem da eterna paixão de Eva pela fotografia. Esses mesmos visores tridimensionais também eram utilizados para exibir imagens eróticas: arcaicas, derrisórias e, pelos padrões atuais, alegremente inocentes. Não é provável que as meninas dos Braun houvessem visto filmes no cinema (cujos pioneiros foram Edison, em 1891, e os irmãos Lumière, em 1895), exceto talvez nos parques de diversão, onde as pessoas pagavam para assistir a entrecortados melodramas em p&b com legendas brancas escritas à mão. Por mais primitivos que pudessem parecer hoje, esses filmes eram emocionantes: gente de verdade se movendo e gesticulando numa tela plana. O Natal exercia um especial fascínio nas lembranças de todos. Minha mãe não deixou mais que meia dúzia de páginas com suas próprias memórias, mas isso incluía um parágrafo sobre os natais de sua infância. Ei-lo aqui, exatamente como o escreveu, já bem avançada na casa dos cinquenta. Após trinta anos como uma esposa inglesa, ainda não pegara bem o jeito de sua língua de adoção, escrita ou falada, e nunca perdeu a prodigalidade germânica com as vírgulas:

O ponto alto de minha infância eram nossos aniversários, e natais. Minha querida mãe sempre comprava presentes adoráveis e, na manhã de meu aniversário, para o café da manhã, punha flores diferentes e encantadoras onde eu me sentava. Para o Natal, tínhamos um sininho de prata especial, nosso *Weihnachtsglocke*, e na véspera do Natal, *Heiligabend*, sempre ganhávamos os presentes. Enquanto minha mãe arrumava o *Weihnachtszimmer* [quarto do Natal], meu pai e minhas irmãs esperavam, ansiosamente, que o sino tocasse, assim, enquanto esperávamos, cantávamos um monte de adoráveis cânticos de Natal alemães, e, de repente, ouvíamos o delicado tom do sino, e corríamos todos para a sala de estar, onde a *Tannenbaum* [árvore de Natal] nos aguardava, lindamente decorada e com um monte de doces de verdade. A *Weihnachtstisch* [mesa de Natal] ficava carregada de presentes, e todos nós nos enchíamos da alegria e do espírito de Natal.

(A palavra “Natal” aparece oito vezes nesse parágrafo de [no original inglês] 139 palavras. Na cabeça de minha mãe, a mera palavra era suficiente para suscitar sentimentos de amor familiar e cálidas lembranças sentimentais.)

O ponto alto do ano para uma criança era a Feira Natalina, que tinha lugar em toda cidade alemã ao longo das quatro semanas do Advento, que precediam o Natal. No centro da avenida principal ficava um pinheiro com cerca de doze metros de altura, o *Weihnachtsbaum*, decorado com lindas tiras prateadas de *lametta*, que reluziam a cada vez que o vento as soprava. Luzes coloridas, acesas com os sibilantes cilindros de gás, eram penduradas em *loopings* pelas barracas decoradas com pinhas e com ramos de pinheiro, de azevinho, e seus pequenos frutos vermelhos, e de visco. O cheiro adocicado de cebola frita e linguíças chiando, o aroma penetrante dos amanteigados biscoitos de gengibre chamados *Lebkuchen*, das doces maçãs carameladas, do ponche quente, ou *Glühwein*, e do café; as fileiras de biscoitos pendurados, decorados com cristais coloridos e no formato de estrelas e árvores de Natal; o agradável som dos cânticos: com cantores de verdade, não cds tocando em alto-falantes; o pum-pum das reluzentes trombetas da banda de metais; São Nicolau, com seu manto e seu gorro forrado de pele, que trazia presentes apenas para as crianças *boas* (elas sabiam que nem sempre haviam sido boazinhas, mas será que *ele* sabia?) — todos os sentidos eram atiçados e inúmeras crianças gritavam de empolgação, que era mais do que podiam suportar. O que minha mãe mais lembrava eram os *freak shows*, a barraca na Feira Natalina de Hamburgo, que a deixara fascinada quando criança. Isso foi logo após o fim da Primeira Guerra Mundial e parece provável que algumas das aberrações exibidas (“O Homem Sem Pernas” ou até “O Homem Sem Rosto”) fossem feridos de guerra tentando suplementar insuficientes pensões do exército, exibindo suas feições desfiguradas, amputações e deformidades. Eram mais um indício do interesse mórbido dos alemães pelas mutilações, pelo grotesco e o cruel. A ligação com o programa de eutanásia hitlerista, duas décadas mais tarde, é complexa, mas o fascínio e a aversão pela deficiência física talvez ajudem a explicar o consentimento de alemães comuns, “decentes”, com a eutanásia de gente “inapta para viver”; o primeiro passo na direção que acabaria conduzindo aos campos de concentração nazistas.^[8]

A pandemia de gripe que varreu a Europa em 1918-1919 — a espanhola — custou tantas vidas quanto a Peste Negra seiscentos anos antes,^[9] destruindo famílias e aumentando a sensação geral de catástrofe aleatória. E depois houve a inflação. Em 1918, o *Deutschmark* caía a um quarto de seu valor pré-guerra, destruindo as poupanças particulares. Pessoas decentes mergulharam na pobreza e muitos cometeram suicídio. Um florescente mercado negro, onde apenas os malandros e vigaristas se davam bem, solapava antigos padrões de probidade. Gente honesta e industriosa, acostumada à administração eficiente e à incorruptibilidade civil, perdeu a fé no governo. Houve “uma ‘moratória da moralidade’ na conduta privada, tornando-se tão necessário quanto legítimo se dar bem a qualquer custo, não importava quão dissimuladamente”.^[10] Ao

mesmo tempo, a inflação piorava e em 1923 se desenvolveu uma economia de escambo onde os aproveitadores prosperavam. Uma das consequências mais dramáticas desse caos econômico foi o grande crescimento da percepção dos judeus como parasitas financeiramente manipuladores, tornando aqueles que sofriam com a hiperinflação ainda mais abertos ao antisemitismo.

A sobrinha de Fanny, Gertraud, recorda sua surpresa ao visitar o lar dos Braun (isso deve ter sido muitos anos depois, porém) e descobrir que Fritz tinha seu próprio estúdio/quarto e que fazia ali suas refeições, em lugar de na mesa de jantar com todos os demais. Quando estava em casa, escondia-se nesse quarto e ficava brincando com o gato, arrumando um rádio ou planejando as aulas, corrigindo trabalhos escolares e lendo. “Eles [i.e., Fritz e Fanny] não entendiam um ao outro”, presumiu Gertraud, “e até onde me lembro jamais dividiram um quarto de dormir. Não era um casamento próximo. Mas naqueles dias as famílias estavam cercadas por tabus e uma coisa como essa nunca era discutida. Era mantida em segredo.”^[11] A escalada das tensões levou a brigas terríveis que as crianças, apertadas no pequeno endereço da Isabellastrasse, não podiam deixar de ouvir. Como tantas vezes acontece, Fanny escolheu um homem cujo caráter, em inúmeros aspectos, refletia o de seu pai — rígido e autoritário, egoísta e mal-humorado, esperando que a esposa mostrasse deferência em tudo (o mesmo poderia ser dito de muitos maridos alemães da época). No devido tempo, sua filha Eva repetiria exatamente o mesmo padrão.

No dia 2 de fevereiro de 1919 (quatro dias antes do sétimo aniversário de Eva) um evento de proporções sísmicas, quase inimagináveis, sacudiu a família Braun. Fritz e Fanny se separaram formalmente.^[12] Ele, o severo protestante, cabeça da família, e ela, a católica devota, abandonaram seus princípios mais caros para seguir caminhos distintos. Não se sabe o que precipitou a separação, embora os pais obviamente tivessem temperamentos diferentes. O comportamento de Fritz mais tarde na vida (aos setenta anos dizia-se que tinha uma amante em Berlim) sugere que, a despeito dos modos austeros e das fortes expectativas morais que impunha às filhas, nem sempre era o mais fiel dos maridos. Se um *affair*, ou quem sabe uma *mam'selle* francesa deixada para trás, em Flandres, houvesse de fato vindo à tona, Fanny teria achado difícil aceitar. Estava longe de ser uma pessoa puritana — gostava da boa comida, de boas roupas e de boa companhia —, mas era orgulhosa demais para tolerar a infidelidade. Fritz gradualmente fora se afastando do restante da família: mas teria sido por escolha própria ou fora forçado a aceitar a situação? E, mesmo que a opção tivesse sido sua, pergunta-se Gertraud, seria esse um bom motivo para que a esposa o deixasse, levando as três meninas consigo?^[13]

No momento, Fritz ficou no apartamento da família e continuou a dar aulas, enquanto Fanny levou as filhas, agora com dez, sete e quatro anos, para a casa dos pais, em Beilngries, a fim de tentar ajeitar as coisas. Embora a mãe de Fanny, Josefa, uma católica devota, desaprovasse fortemente a separação, ela ouvia as orações das meninas à

noite e tentava aconselhar a filha de dia, talvez com exemplos e histórias de seu próprio casamento.

Enfim, ficou decidido que Eva iria para o externato católico local, sem dúvida o mesmo que sua mãe e as quatro tias haviam frequentado quando pequenas.^[14] Ela foi deixada sozinha com os avós, enquanto Fanny voltava para Munique com as outras duas meninas e se mudava de novo para o apartamento. A nova escola de Eva era uma *Volksschule*, uma escola primária, e segundo Herr Max Künzel — o *Kreisheimatpfleger*, ou arquivista, de Beilngries — Eva ficou ali no máximo por alguns meses. Os registros escolares desse período foram preservados no arquivo da cidade, mas não há nenhuma menção a Eva Braun e, por alguma razão, seu nome não aparece no registro da escola. Contudo, um ex-prefeito de Beilngries, o falecido Max Walthier, bem como Franz Schattenhofer, dono de uma fábrica de cerveja, também já falecido, além de Maria Krauss (que ainda estava viva em 2004, com a idade de 92 anos), todos se lembravam de ter frequentado a escola junto com ela, em 1920-21. Maria Krauss recorda que “Eva era uma colega amistosa, eu e minha irmã gostávamos de brincar com ela. Era uma ‘urbanoide’, com um cabelinho estilo pajem e meias brancas, mas rapidamente fez amizade conosco, ‘as crianças do campo’ ”.^[15] “Essa amizade durou até a morte de *Frau* Hitler”, diz Wolfgang Brand, um médico em Beilngries cuja família manteve relações de amizade com os Braun e os Kronburger por várias décadas.

A julgar pelas fotografias dessa época, a escola parece ter sido filiada a um antiquado orfanato, embora também devesse aceitar crianças de famílias menos carentes. Uma convencional foto de escola, de cerca de 1920, preservada no acervo fotográfico da Staatsbibliothek de Munique, mostra Eva com um grupo de alunas aos cuidados de uma freira. Outra fotografia de um dos álbuns particulares de Eva, com a legenda “*In der Klosterschule an Beilngries*” (no colégio de freiras em Beilngries), mostra as infelizes órfãs perfiladas. Quarenta anos antes, imagens semelhantes registravam as desganhadas e esfaimadas crianças de rua que eram levadas ao orfanato Dr. Barnardo, em Londres, na década de 1880. Essas garotas abatidas e derrotadas transmitem o mesmo ar de indizível miséria. Eva não poderia ter sido feliz ali, tampouco inteiramente feliz morando com os avós. As férias de verão no campo eram uma coisa; ser forçada a deixar os pais, os amigos e a rotina familiar com a idade de sete anos, outra completamente diferente.

“Eram tempos turbulentos em Munique, onde a família Braun morava, pouco antes da Primeira Guerra Mundial”, explicou Max Künzel. “Essa pode ter sido a razão pela qual mandaram Eva ficar com os avós em Beilngries e frequentar a *Volksschule*. ” Seu palpite é compartilhado por Wolfgang Brand, que lembrou que Fanny tivera de sublocar quartos para manter a família fora do vermelho. Não se sabe para onde foi Fritz: dada a falta de dinheiro, talvez simplesmente dormisse numa cama em seu estúdio.

Eva e minha mãe cresceram em famílias respeitáveis semelhantes, *bürgerliche* (classe média), embora em extremos opostos da Alemanha — Eva, bem para o sul, na Baviera, e minha mãe, bem ao norte, em Hamburgo. Por uma curiosa coincidência,

em 1924, quando mamãe era uma garota de doze anos, seus pais também se separaram poucos anos depois dos Braun, com a diferença de que jamais voltaram a viver juntos outra vez. Essa cisão precoce do que, para as filhas delas, antes fora uma unidade familiar indissolúvel, explica em larga medida por que tanto Eva como minha mãe encaravam o casamento como o bem supremo. Isso deixa claro por que Eva desejava mais do que qualquer outra coisa ser uma esposa e sentiu ser um fracasso quando não pôde persuadir Hitler a casar-se com ela. Também explica por que minha mãe permaneceu casada com meu pai, um típico inglês lacônico e retraído que foi mandado, quando tinha oito anos de idade, para uma *minor public school*. Após os primeiros quinze anos juntos, ele satisfazia sua necessidade de segurança, mas jamais poderia suprir a diversão, a aprovação e o drama que ela tanto desejava.

O divórcio era extremamente raro na Alemanha dos anos 20, a despeito de uma mal-afamada cultura minoritária baseada nos clubes noturnos decadentes de Berlim no entreguerras. Tal decadência restringia-se a muito poucos. A perenidade do casamento, profundamente inculcada pela Igreja e o Estado, era um fato tão aceite e seu término prematuro uma desgraça tão grande que o divórcio de seus pais constituiu para minha mãe uma vergonha permanente ao longo da vida. Eu era uma cinquentona e estava por minha vez divorciada havia quase trinta anos antes que ela tocasse no assunto, que significava uma confissão terrível e humilhante. Pela primeira vez, entendi por que fazia uma discriminação tão cruel entre seus pais, venerando sua mãe forte e sentimental e muitas vezes negligenciando o pai. Ela jamais o perdoou por ir embora no período mais impressionável e indefeso de sua vida. Se o paralelo esclarece alguma coisa, Eva tampouco jamais perdoou o próprio pai.

Sobre o efeito dessas reviravoltas na vida das três garotas só podemos tecer hipóteses; mas que isso pudesse de algum modo ocorrer, numa época em que separação e divórcio eram virtualmente desconhecidos na Alemanha, prova que alguma coisa ia muito mal entre marido e esposa. Todo o episódio foi completamente enterrado por mais de oitenta anos até que Gertraud, pesquisando a história familiar, topou com as certidões legais nos arquivos da cidade de Munique — para seu completo assombro. Foi a primeira vez em sua vida que ouviu falar daquilo. A verdade por trás da enigmática sequência de eventos permanece obscura, mas em 1922 o casal Braun retomou a vida a dois no apartamento da Isabellastrasse. Estavam oficialmente juntos outra vez — e é possível até que voltando a se casar, numa cerimônia civil — a 16 de novembro de 1922.^[16] Depois disso, Fritz e Fanny Braun continuaram casados, ao que parece suficientemente a contento, por mais de quarenta anos.^[17]

Em Munique, durante o inverno, quando a temperatura caía abaixo do ponto de congelamento, a família Braun saía para patinar nos riques de gelo municipais, deslizando e girando sob as luzes brilhantes. Eva era uma patinadora exímia — as fotos a mostram equilibrando-se confiante numa perna só, a outra estendida no ar. Fanny Braun fora campeã de patinação na adolescência e a família às vezes saía para esquiar nos Alpes

bávaros. Nos fins de semana, assim que as garotas tiveram idade suficiente, iam todas juntas assistir a operetas e ao cinema, inculindo em Eva uma paixão permanente pelo *kitsch* — música romântica e filmes piegas ou aventurecos. Em casa havia um piano e Eva — que devia gostar, ou jamais teria continuado com elas — tinha aulas de piano. Sua mãe era dona de uma bela voz canora e os dois grupos de irmãs — as Braun e as Schröder, de minha mãe[18] — foram quase que a última geração a se reunir em torno do piano e cantar por prazer. É difícil imaginar, nestes dias de equipamentos de som, com que frequência e sem se dar conta as pessoas costumavam cantar. Caminhando, trabalhando, com os amigos ou os filhos, as mulheres cantavam com a mesma naturalidade com que falavam. O gramofone a manivela adquirira uma influência cultural enorme e graças às vendas impressionantes de gravações em 78 rpm e música impressa todos conheciam as letras das canções populares da época e até árias, sobretudo das óperas mais ligeiras.

Eva e minha mãe Ditha eram ensinadas a rezar suas orações, a respeitar e obedecer aos pais, aos professores e na verdade a qualquer adulto. Nos anos 20, as famílias eram organizadas em função e segundo as regras dos adultos e, a menos que a família pudesse se dar ao luxo de ter empregados, as meninas tinham de ajudar na cozinha e com as tarefas domésticas diárias. Meninos, é claro, não — o tratamento entre os sexos era profundamente diferenciado. Eles eram criados para serem viris, corajosos, lacônicos, estudiosos e galantes com as mulheres. Por “viril”, entenda-se não demonstrar emoções e, embora um ocasional abraço na mãe fosse aceito, jamais abraçavam ou beijavam o pai, apenas apertavam as mãos, ou, se estivessem prestando serviço militar, batiam continência. Das garotas se esperava um comportamento afetivo, tolo e superexcitável, incluindo o medo de ratos, aranhas e insetos. A vaidade era tolerada: a maioria dos pais acreditava que a beleza era mais útil na vida que a inteligência.

O recato entre os sexos era estritamente preservado. A higiene era uma prioridade, mas, ainda que toda a família usasse o mesmo banheiro, as crianças jamais viam os pais sem roupa e meninos e meninas tampouco tomavam banho juntos. O culto da mente sã em corpo são e casto era supremo. Ambos os sexos eram encorajados a se exercitar vigorosamente, em casa e na escola, de preferência ao ar livre, melhor ainda no frio. As pessoas dormiam com as janelas abertas mesmo em noites geladas e todas as manhãs, conforme lembrava minha mãe, ela devia pular da cama, abrir bem os braços e encher os pulmões de ar fresco. “*Tief atmen!*”, instruíu seu pai — respire fundo! “*Tief atmen, zwölf mal... eins, zwei, drei... langsam, Schätzchen... vier, fünf, sechs...*”.[19] Trinta anos depois, ela me obrigava a fazer o mesmo, com tal força fora imbuída do hábito.

Em 1925, quando Eva estava com treze anos e a família unida outra vez, mudaram-se para um apartamento mais espaçoso, a poucas ruas dali, em Schwabing-West, no terceiro andar de um prédio várias quadras ao norte do centro comercial de Munique. Hohenzollernstrasse 93/III era um endereço muito bom nos anos 20, embora o veneno da boemia estivesse presente. Perto da virada do século, em particular durante os anos

do *art déco*, Schwabing fora notória por abrigar uma jovem e impetuosa geração de vanguarda — artistas, poetas e jazzistas, numa desinibida busca de liberdade na arte, na poesia, na dança e no amor. A região antes dominada pelos elaborados prédios *art nouveau* ou *Jugendstil* foi arrasada pelas bombas aliadas e grande parte dela hoje foi reconstruída em estilo moderno e sem graça. Contudo, o apartamento da família Braun sobreviveu e, com o reparo dos danos provocados pelos bombardeios no tempo da guerra, voltou a ser um bloco bem cuidado e cobijado, cujas janelas dão para a Hohenzollernplatz, uma agradável pracinha com árvores e balanços para as crianças. No térreo hoje há uma farmácia, a Spitzweg-Apotheke (na época de Eva, era uma padaria). [20]

Em 1924, tendo completado quatro anos na *Volksschule*, Eva Braun — agora com doze anos — foi mandada para um *Lyzeum* católico de garotas em Munique, a uma fácil caminhada de distância, na Tengstrasse, a poucas ruas de sua casa. [21] Isso não era muito comum na época — apenas uma em cada 25 garotas frequentava a escola secundária voltada ao ensino acadêmico (em vez de uma escola que ensinasse habilidades domésticas) e apenas nove por cento dessas iam para um liceu, que pavimentava o caminho para o ensino superior. [22] A decisão talvez refletisse a criação liberal de sua mãe numa família de garotas que haviam todas recebido treinamento para uma profissão, assim como a inclinação de Fritz, enquanto professor, de valorizar os benefícios de uma boa educação. A nova escola caiu como uma luva para Eva. No liceu — ao contrário do melancólico colégio de freiras em Beilngries — ela foi o centro das atenções. A atmosfera era animada e de mente aberta, os professores eram liberais e tinham-na em alta conta. Alegre, extrovertida, definitivamente uma líder; curiosa e de mente rápida, era uma aluna promissora com boa cabeça.

Mas não conseguia, ou não queria, se concentrar nos estudos. “Todos os disparates na sala de aula começavam por ela”, disse sua professora, *Fräulein* von Heidenaber, lembrando: “Eva era a bagunceira da classe, mas era inteligente e captava rapidamente os aspectos essenciais de um assunto, além de ser capaz de pensar com independência”. [23] Se estivesse preparada para levar as lições mais a sério, Eva Braun poderia ter se saído melhor nos trabalhos e obtido boas avaliações dos professores. Mas não. Até onde lhe dizia respeito, ser popular era muito mais importante.

Logo buscava a aprovação tanto dos meninos como das meninas. Com quinze anos, Eva ainda era rechonchuda e tinha pernas grossas, mas já se dera conta de que a promessa é tudo. Ela flertava ostensivamente, copiando os gestos de suas estrelas de cinema favoritas, as réplicas engraçadinhas, a mistura tantalizante de desafio e timidez. Para os garotos, tudo isso, combinado a sua vivacidade e *Lebenslust* — amor pela vida —, exercia um apelo enorme. Antigos álbuns de fotografia mostram-na em festas arrastando a asa para vários jovens glabros, esbeltos, sorridentes, mas essas exibições de provocação adolescente são curiosamente assexuadas. Estava testando o efeito que exercia nos garotos, mas só isso. Outras fotos mostram-na na motocicleta do irmão mais velho de sua melhor amiga, Herta Ostermayr, junto com outra colega de escola, todas as

três inclinadas para a frente, como competidoras, rindo para a câmera. Num retrato, Eva segura os joelhos com ar façero, rindo convidativa por sobre o ombro desnudo. Era, usando a carinhosa palavra alemã para uma adolescente, a típica *Backfisch*.

Em meados da década de 20, Fritz Braun já começara a se preocupar com as perspectivas de casamento das filhas mais velhas. Sua principal preocupação era resguardar a virgindade delas, sendo essa a primeira obrigação junto aos futuros maridos. É impossível exagerar a importância que os pais alemães da época davam à castidade das filhas. O contexto social e religioso assim o exigia, sobretudo entre os católicos. Uma moça não casada que tivesse perdido a virgindade era um motivo de vergonha para seu pai e uma desgraça para toda a família. Proteger Ilse foi fácil: era uma criança de desenvolvimento tardio, tímida com os meninos, mas Eva constituiu uma exceção e um desafio desde o início. Passou a adolescência confrontando o pai, lutando pelo direito de ser ela mesma. Ele parece jamais ter se dado conta de que ela era mais que uma colegial tola interessada exclusivamente na busca de prazer. Por trás do exterior obcecado consigo mesmo, da garota exibida que corria atrás de atenção e aplauso, havia alguém menos óbvio e mais interessante. Graças à insistência de sua mãe na igreja, na missa e no catecismo, ela passou por uma fase de extremo fervor religioso, segundo o tio Alois: “Seu envolvimento profundo com a religião podia ser causa de grande constrangimento para seu pai. Às vezes, quando estavam caminhando juntos na rua, se encontrasse algum professor de teologia, ela o cumprimentava com as palavras ‘Que o Senhor seja louvado’, ao que Fritz, embora não exatamente chocado, balançaria a cabeça em desaprovação”.[24] Mais tarde, ainda que deixasse de ser uma católica praticante e frequentadora regular da igreja, jamais deixou de ter consciência de que a vida exigia decisões morais e de que isso determinava o caminho da pessoa.

Segundo Henriette Hoffmann, Fritz Braun era ambicioso em relação às filhas e estava determinado a que dessem duro e obtivessem boas notas na escola, antes qualificando-as para um marido educado do que vendo nisso os primeiros passos na direção de uma carreira bem-sucedida. Eva poderia ter estado entre as melhores da classe, como sua conscienciosa irmã Ilse, mas se recusava a mostrar dedicação. Para exasperação do pai, os boletins de Eva no liceu não melhoravam. Continuavam a elogiar sua inteligência, embora deplorando sua preguiça. Geografia e história, gramática e matemática, o futuro da Alemanha, sua política, seus líderes, slogans, inflação — nada disso a interessava. A despeito da recusa em se concentrar nos estudos, deixou a escola portando um diploma com vários créditos, provando que, em compensação, era bastante inteligente. Segundo a prima Gertraud,[25] nenhuma das três meninas dos Braun tirou o *Abitur* (certificado escolar exigido ao final do ensino secundário para o ingresso no terceiro grau) — o que era surpreendente, dada a importância que seus pais atribuíam ao sucesso acadêmico. Isso significou que todas saíram da escola sem a opção de uma universidade e que tiveram de trabalhar imediatamente.

Em 1928, Eva achou que deveria começar a ganhar o próprio sustento, já que estava com dezesseis anos e meio e terminara os estudos secundários. Seus pais, contudo,

decidiram que o comportamento dela tinha de ser domado e seus modos e virtudes sociais melhorados se quisesse almejar um trabalho respeitável, para não falar de um casamento respeitável. Concluíram que lhe faria bem passar um ano ou dois num colégio de freiras ou de boas maneiras, que proporcionariam à mocinha geniosa algumas virtudes sociais, incluindo bons modos à mesa. (Mais tarde na vida, Eva julgaria a *finesse* social de seus convidados pela destreza com que conseguiam cortar uma truta, separando a espinha central dos filés.)^[26] Mais importante, Fanny esperava que isso aprofundasse a religiosidade de Eva e lhe fornecesse um verniz cultural. Eva viu-se forçada a sair de casa, perder os amigos e a vida social, deixar os locais de encontro onde era conhecida e bem-vinda, para ficar encarcerada por dois anos com *freiras*. Esperneou, chorou e fechou a cara em seu quarto, mas seus pais continuaram inflexíveis.

É provável que, por trás do comportamento melodramático, ela se sentisse rejeitada. Durante os anos em que o pai deixou a família, Eva foi a única filha a ser banida de Munique para Beilngries. Tinha apenas sete ou oito anos na época, mas as garotas dessa idade ficam ruminando e chegam às próprias conclusões.

Em 1928, Ilse estava com quase vinte, era a “certinha” que nunca recebia críticas; Gretl, com treze, continuava sendo o bebê da família, adorada por todos, com seu jeitinho doce. O descontentamento de Fritz Braun era diretamente dirigido contra Eva, que suportava a carga das tensões que deviam ferver sob a superfície doméstica aparentemente calma. Será que seu anseio de conquistar a admiração geral foi um reflexo da sensação de não ser querida em casa? Era sempre mais confrontadora em relação ao pai do que as outras duas, mas ele muitas vezes fazia críticas injustas. Era uma boa garota católica; não fumava nem bebia; esforçava-se na escola, se não ao máximo, pelo menos o suficiente; de seu ponto de vista, não fizera nada pior que dar risadinhas e fofocar e flertar com adolescentes desajeitados. Agora, iriam mandá-la para longe outra vez.

O colégio escolhido pelos pais, o Convento das Irmãs Inglesas, ou *Kloster der Englischen Schwestern*, ficava na pequena cidade de Simbach, 120 quilômetros a noroeste de Munique, bem na fronteira com a Áustria. Não está claro onde Fritz Braun achou dinheiro para pagar um internato caro como esse, mas *Herr Doktor Veterinär Kronburger* talvez tenha ajudado. Os álbuns de fotografia de Eva contêm um único retrato datado de seu período ali. Na foto anual da classe, um bando de garotas de aspecto apático e miserável, os cabelos presos atrás em firmes tranças, vestindo uniformes desconfortáveis, fita a câmera sem sorrir, vítimas da determinação das irmãs em suprimir qualquer vestígio de sexualidade e elevação de espírito. A comida no convento era doce e pastosa e Eva ganhou peso — cinco quilos —, o que inchou seu rosto bonito e engrossou seu corpo e suas pernas. Uma das freiras recordou muitos anos depois que Eva não fizera amigas durante o período ali — algo inimaginável, para alguém tão gregária. Sentindo raiva, solidão e tédio, não havia nada com que se distrair, mesmo se ocasionalmente conseguisse escapar.

Simbach é uma pequena cidade provinciana cuja importância deriva de sua posição fronteiriça às margens do rio Inn, oposta à pequena cidade de Braunau am Inn — local

onde Hitler nasceu — , na Áustria. O convento ficava do lado alemão. A ponte sobre o rio ligando os dois países fica a pouco mais de meio quilômetro de onde Eva esteve encarcerada, enquanto do lado austríaco ela conduzia diretamente à rua principal de Braunau. Simbach se orgulha de possuir umas cinco construções do barroco bávaro — grande coisa para Eva, que crescera num ambiente semelhante — e uma elaborada arte católica nas igrejas, mas para as aspirações de diversão de uma adolescente essa devia ser uma perspectiva deprimente.

As duas cidades eram conservadoras e presunçosas, refletindo os valores de Alois Hitler, o corpulento inspetor alfandegário que se servia do prestígio de seu cargo para mandar nos subordinados, na família e, fato crucial, no filho, 25 anos antes.

O convento hoje funciona como casa de caridade, e segue sendo administrado pelas irmãs inglesas, que guiam as almas aflitas dos idosos e enfermos rumo à morte piedosa. O rico interior do prédio datado do início do século XIX foi completamente renovado para atender aos padrões modernos, mas não perdeu a atmosfera deprimente de uma instituição fechada e autoritária. Portas pequenas e estreitas que abrem para ambientes pequenos e estreitos ao longo de corredores pequenos e estreitos. Freiras com suas toucas brancas e vestes negras deslizam pelas salas, entrando e saindo. Ninguém ali se lembra de Eva — as freiras que lecionaram nessa época estariam com bem mais de cem anos, hoje — e os registros do convento, incluindo os boletins escolares, perderam-se ou foram destruídos. A atual madre superiora confirmou que Eva foi uma aluna, ainda que por pouco tempo, e acrescentou, “Um bocado de gente ainda vem aqui fazer perguntas”, mas não forneceu nenhuma informação adicional. *Fräulein* Braun sem dúvida continua a ser motivo de algum embaraço para as irmãs.

A atmosfera que senti quando visitei a instituição em agosto de 2004 não podia ser muito diferente da que Eva conheceu. Odiando o convento e as freiras sorridentes e linha-dura, ela choramingava e bufava sob o regime ditatorial, rugindo ameaças de morte e mutilação caso fosse forçada a permanecer e jurando fugir para Viena. Desafiando os pais, recusou-se terminantemente a passar um segundo ano ali — e impôs sua vontade. Depois de apenas nove meses, Eva foi embora do convento, não em 1930, como seus pais haviam planejado, mas um ano antes, em julho de 1929. Pela segunda vez, deixou de tirar *Abitur*, saindo apenas com um diploma de ensino secundário: não porque fosse estúpida — longe disso — , mas porque, como antes, não levava a escola a sério. O relatório final do convento foi desabonador: “Sua filha é inteligente e ambiciosa [...], porém, não está interessada no currículo e achou que os regulamentos eram indevidamente restritivos”. Nas entrelinhas das palavras de censura bruxuleia o mercurial espectro de uma adolescente encolerizada contra os “regulamentos restritivos” e impaciente para subir a bordo da nau da vida. Mas observemos que no *Lyzeum* fora considerada “capaz de pensamento independente” e “ambiciosa”. A irmã Marie-Magdalena contou a um entrevistador: “Eva era ambiciosa, inteligente e dona de uma ótima voz. Sua performance nas apresentações amadoras de teatro era excelente. Frequentava regularmente as cerimônias religiosas”.^[27] (Que escolha tinha?) Mas alguma

coisa o convento conseguira. Os exames ginecológicos anuais das alunas confirmaram que aos dezessete anos e meio Eva sem dúvida ainda era virgem.

A viagem de volta para Munique, que dura duas horas, tem início na estação de trem de Simbach. É um dos pouquíssimos lugares remanescentes que conservam exatamente a mesma aparência da época em que Eva passou por lá. O tamanho é um choque: para uma cidade tão pequena, a estação é imensa. Num lado dos trilhos, à esquerda, há largos ramais, hoje quase sem uso. Diante deles estende-se uma linha de duzentos metros de depósitos de tijolo vermelho com janelas gradeadas, onde os trens cheios de mercadoria descarregavam seu conteúdo para a inspeção da alfândega e a taxação. À direita, fica o imponente prédio da estação, datado da década de 1870, com portais em arco e uma dúzia de ambientes internos de pé direito elevado, empoeirados e semiabandonados. O tamanho e a antiga elegância do lugar são ampliados pelas portas descascando e pelas janelas enferrujadas, evocativas de uma época em que todo mundo andava de trem. Até mesmo o trilho ainda tem dormentes de madeira. Sobre a plataforma, a pessoa vê exatamente o que Eva viu enquanto esperava o transporte de volta a Munique: os prédios de um único andar à esquerda, as linhas do trem convergindo conforme se perdem na distância. Com a mala a seu lado, a escola, o convento e as freiras para trás, o futuro à frente, Eva Braun estava finalmente livre.

A INFÂNCIA DE HITLER

DEPOIS DE DEIXAR o colégio de freiras, em julho de 1929, Eva se livrou rapidamente de seu antigo eu colegial. Estava com dezessete anos e meio quando voltou para casa; uma adolescente rechonchuda e de rosto redondo, não bonita de tirar o fôlego, mas precocemente consciente da própria aparência e apelo sexual. Sua ideia de diversão era bater papo, ouvir as mais novas canções populares, assistir aos filmes mais recentes e aproveitar toda oportunidade de agito, nos cafés, cervejarias ao ar livre (*Biergarten*) e clubes de Munique. Ela sempre fora uma garota provocadora, flertando sem maiores pudores, e não fazia segredo algum de seu interesse crescente no sexo oposto, embora já estivesse acostumada à companhia de adolescentes. O trabalho de Fritz Braun como professor lhe proporcionara amplas oportunidades de acompanhá-lo quando saía com os alunos para caminhadas ou para esquiar, antes que a juventude hitlerista monopolizasse todas as atividades juvenis ao ar livre. Nas fotografias de grupo que registraram essas ocasiões, Eva posa indolente no centro, rindo, a mão sobre o ombro de um rapaz ou o joelho de outro, deleitando-se com a atenção. Se seu pai suspeitasse de algo impróprio, decerto não teria permitido que se juntasse a essas excursões exclusivamente masculinas, [1] mas, como o colégio de freiras deve tê-lo informado, não havia motivo para preocupações. Sua filha continuava uma *virgo intacta*.

Houvesse ela se dedicado aos estudos com afincio, poderia ter se preparado para uma carreira, mas Eva se esbaldou em seus primeiros meses de adolescente livre. Muito contra a vontade dos pais, dera um basta aos estudos. Espontânea e desinibida, não podia esperar para fugir da desaprovação paterna com quase tudo que fazia. A irmã mais velha, Ilse, agora com vinte anos, continuava a viver sob o mesmo teto, ainda que, trabalhando de recepcionista no consultório de um médico judeu, ganhasse um bom dinheiro e pudesse pagar um aluguel ou dividir um apartamento. Mas Fritz Braun, como a maioria dos pais da época, achava que as filhas tinham de morar com os pais até se casarem. Acreditava ser seu direito cuidar para que as meninas permanecessem “boas garotas”, entendendo por isso obedientes e fiéis aos futuros maridos, caseiras, virtuosas e devotas. A séria e tranquila Ilse talvez acatasse isso, mas a irreprimível Eva fervia de raiva sob esse regime. Queria ser atriz ou estrela de cinema; ou, se fosse impossível, campeã de patinação — qualquer coisa, contanto que fosse objeto de admiração pública. O pai tinha outras ideias. Mandou-a fazer um rápido curso de stenografia e datilografia, depois despachou-a para trabalhar num consultório médico. Eva odiou as duas coisas. Ao ver um anúncio de aprendiz/assistente na loja de fotografia de Hoffmann, ela — ou, mais provavelmente, seu pai — respondeu, explicando que terminara os estudos, fizera

um breve curso comercial, trabalhara por pouco tempo como recepcionista, mas estava mais interessada em fotografia, para a qual mostrava uma incipiente aptidão. Podia perfeitamente candidatar-se à vaga. Foi o que fez, e Hoffman a contratou.

Quando se encontrou pela primeira vez com Hitler, Eva ainda era muito inocente, mas Hitler gostava de mulheres jovens, ingênuas e submissas, encarando a diferença de 23 anos como ideal. Ela se encaixava perfeitamente em sua necessidade de um relacionamento em que pudesse ditar as regras. Ele costumava dizer: “Nada melhor do que criar uma coisa jovem [*sich ein junges Ding zu erziehen*]. Uma garota de dezoito ou vinte anos é tão impressionável quanto um pedaço de cera. Deve ser possível para um homem [...] selar sua marca sobre ela. Isso é tudo que uma mulher mais quer, a propósito”.^[2] Na Alemanha de fins dos anos 20, talvez até estivesse com a razão. Eva — singela, alegre e ansiosa em agradar — era a “cera” ideal para Hitler moldar. Não se sabe o que ela achava sobre a diferença de idade, a não ser que, por ele ser apenas dez anos mais novo que seu pai, devia vê-lo como “um homem mais velho”, embora não necessariamente uma figura paterna. A despeito disso, apaixonou-se à primeira vista. Quinze anos mais tarde, contaria a ele, numa carta: “Desde nossos primeiros encontros, jurei a mim mesma segui-lo aonde quer que fosse — até a morte. Vivo apenas para seu amor”. O fato de se sentir tão poderosamente atraída não tinha nada a ver com a fama política de Hitler: Eva, que conhecia a letra e os passos de qualquer canção popular ou dança e sabia fofocas de todas as estrelas de cinema do momento, era alegremente ignorante quanto à política. Política era assunto masculino.

À parte seu caráter maleável, que Eva compartilhava com a maioria das mulheres de sua idade, o que Hitler viu na moça? Ela era alguém *familiar*. Viera da mesma parte do mundo que ele e seus modos bávaros e sotaque de Munique teriam exercido atração desde o início. Não era apagada mas também não era brilhante; bonitinha, mas não linda; alegre sem ser histérica. Não o ameaçava. Só queria agradar. Ninguém em seu círculo íntimo foi capaz de entender o motivo de seu interesse, embora todos tivessem certeza absoluta de saber o motivo pelo qual ela se interessara por ele, ainda que sua atração por Hitler faça perfeito sentido à luz de seus anos de formação; mais do que tudo, à relação dele com os pais. Ele jamais divulgou os detalhes sórdidos, nem mesmo para os colegas nazistas mais antigos e próximos; na verdade, esforçou-se a todo custo para ocultá-los. *Mein Kampf* pinta um retrato glamorizado e largamente fictício de sua vida doméstica e as histórias que adorava contar para os amigos visavam lançar sobre si uma luz favorável e fazer com que parecesse predestinado à liderança. Tinham pouco a ver com a verdade. Se a infância do jovem Adolf evoca alguma simpatia, é a simpatia pela criança vítima de maus-tratos.

Adolf Hitler nasceu em 1889, antes que o pensamento freudiano, particularmente sua teoria do complexo de Édipo, revolucionasse a atitude para com a criação infantil. As crianças dificilmente eram vistas como seres sencientes, independentes, mas como pequenos selvagens passíveis de domesticação. Meninos eram filhotes indisciplinados

fadados a obedecer à força de surras e bofetadas. A advertência “economize na vara e estrague a criança” fazia todo sentido para a maioria dos pais. Hitler cresceu numa época em que bater nos meninos era normal, quase justificado; um homem era o senhor de seu lar. O microcosmo doméstico, com sua ênfase na superioridade do forte sobre o fraco, era repetido em milhões de famílias entre milhões de pais e filhos. Esse uso hierárquico da força indicava o modo como Hitler mais tarde usaria o poder. Como *Führer*, ele tinha à sua disposição vastas forças destrutivas, na forma de colaboradores servilmente obedientes. A violência e o desprezo muitas vezes brotam da humilhação e houve um bocado disso em sua juventude.[3] A psiquiatra infantil americana Alice Miller nota:

[...] uma conexão entre a crueldade sistemática do aconselhamento pedagógico para os pais na Alemanha um século antes e a crueldade sistemática dos carrascos hitleristas quarenta anos depois. Inúmeros tratados amplamente lidos recomendavam que o recém-nascido fosse forçado desde o primeiro dia a obedecer e a reprimir o choro. Uma das convicções do dr. Daniel Gottlieb Schreber [Schreber foi o Benjamin Spock ou a Penelope Leach de seu tempo] era de que, quando os bebês choravam, deviam ser levados a desistir pelo uso de palmadas. O treinamento rigoroso para obedecer ministrado na infância mais tenra impedia o desenvolvimento de faculdades humanas como compaixão e piedade pelo sofrimento alheio.[4]

Deixando de lado os conselhos sádicos de pediatras, que genes flutuavam no estagnado *pool* genético de onde surgiu o indecente fenômeno chamado Adolf Hitler?

Em junho de 1837, num remoto canto austríaco assolado pela pobreza, entre o Danúbio e a fronteira da Boêmia, para sermos mais precisos, no vilarejo de Strones, uma criada chamada Maria Schicklgruber deu à luz, aos 42 anos, um filho ilegítimo. Era, incrivelmente, seu primeiro filho e foi batizado de Alois. O rejeitado menino, cuja certidão de nascimento o registrou como “filho de homem desconhecido”, viria a ser, 52 anos mais tarde, pai de Adolf Hitler. As fofocas locais afirmavam que era filho de um moleiro itinerante chamado Johann Georg Hiedler. Cinco anos depois, quando estava com 47, Maria casou-se com Hiedler, que não se preocupou em legitimar o filho (presumindo que Alois fosse mesmo seu filho); mais tarde, ela entregou a criança aos cuidados do irmão mais novo de seu marido, um fazendeiro chamado Johann Nepomuk Hiedler (que às vezes escrevia o sobrenome como Hüttler[5]). A verdade acerca da paternidade de Alois permanece incerta, mas crianças ilegítimas eram um fato comum e ele portou o nome Schicklgruber até quase os quarenta anos. Quaisquer rumores de que tivesse sangue judeu podem sem dúvida ser desconsiderados[6] e é mais do que provável que um dos irmãos, Johann Georg ou Johann Nepomuk, fosse o pai de Alois Schicklgruber.

O pai de Hitler viria a se revelar um mulherengo; o tipo de homem que os vizinhos fofoqueiros descrevem como “um bode velho e safado”. Funcionário subalterno, caxias e

respeitador no trabalho, era figura distinta na comunidade, embora em casa fosse um tirano instável, um bebedor cruel e violento que batia na esposa e no filho sem maiores motivos do que a pança cheia de cerveja. A bem da verdade, diga-se que também deve ter sido um homem ambicioso e diligente, uma vez que subiu no departamento de fazenda austríaco o mais alto que suas origens humildes permitiam. Tornou-se inspetor de alfândega, orgulhoso, com justiça, de seu cargo, numa carreira que evidentemente não foi atrapalhada por sua avidez pelas mulheres — quanto mais novas, melhor. A despeito disso, o primeiro casamento de Alois foi com uma mulher catorze anos mais velha chamada Anna Glassl, com quem pode muito bem ter se casado por dinheiro, como homens jovens e duros tão comumente faziam. Ela morreu dez anos depois sem lhe deixar filhos (estava com cinquenta quando se casaram, de modo que desde o início isso era muito improvável). Ele também tinha uma amante jovem, Franziska Matzelsberger — Fanni —, 24 anos mais nova, e teve com ela um filho, a quem deu o próprio nome, Alois. A morte da primeira esposa levou-o a se casar com Franziska em 1883, quando já estava grávida de uma segunda criança, uma menina chamada Angela. Decidiu nessa mesma época legitimar o garoto, Alois. Um dos bastardos da família não iria passar o estigma adiante para o outro.

Por ser figura de importância na comunidade, a cada vez que Alois Hitler se tornava viúvo tinha de transformar em mulher honesta a garota que seduzira nesse meio-tempo. Desde os dezesseis anos Klara Pölzl servira a família como criada, cozinheira e, inevitavelmente, amante. (Ao que parece, foi algo como uma tradição familiar entre os Hitler acolher jovens parentes como criadas e seduzi-las.) Quando Fanni morreu, em 1884, foi rapidamente sucedida em seu papel pela terceira esposa de Alois, Klara, a essa altura com vinte e poucos anos, 23 anos mais nova que Alois. Casaram-se em janeiro de 1885, quando Klara também já estava grávida. Como seu novo marido, vinha do minúsculo vilarejo de Spittal, no Waldviertal, um canto remoto e empobrecido da Áustria dedicado principalmente à agricultura de subsistência. O conhecimento de eugenia na época era insignificante, a despeito da lista bíblica proibindo cruzamento com outros povos. As raízes, ramificações e ramos dessa árvore familiar não são fáceis de rastrear, mas o importante é que o casamento dos pais de Adolf Hitler estava profundamente entremeadado no *pool* genealógico da comunidade de Spittal, de onde ambos eram originários, e cujos descendentes apresentavam inúmeros casos de deficiência física e mental. A mãe de Klara fora Johanna Hiedler antes de se casar, de modo que o pai *dela* deve ter sido um dos dois Johanns que provavelmente gerara Alois. Klara era parente muito próxima de seu marido, sendo sua prima em segundo grau e a filha de sua meia-irmã, o que a tornava sua sobrinha. Inocentemente, dirigia-se ao marido como “Tio Alois”. A perturbada linhagem dos endogâmicos Schicklgruber talvez não trouxesse preocupação alguma ao vilarejo, mas seria fonte de profunda inquietação para seu filho mais famoso e, quarenta anos depois, teria profunda influência no curso do futuro de Eva.

Nos quatro anos seguintes, Klara gerou para o marido dois filhos, Gustav e Otto, e

uma filha, Ida, todos os três mortos na infância. No dia 20 de abril de 1889, no vilarejo de Braunau am Inn, do lado oposto do rio à cidade de Simbach, na Baviera, um terceiro filho nasceu e foi chamado de Adolf. Três anos antes seu pai havia mudado o nome de Schicklgruber para Hitler, o que significou que o sobrenome do novo bebê — felizmente para ele — seria Hitler, e não Schicklgruber.[7] Sua sorte parava por aí. Em todos os demais aspectos, o futuro *Führer* começava a vida em desvantagem, nascendo numa família cuja combinação de cruzamentos consanguíneos e pobreza era piorada pela ignorância, brutalidade e ausência de qualquer um — professor, padre, avós — capaz de notar que Adolf Hitler era uma criança extraordinariamente inteligente e impressionável e, à luz disso, intervir para protegê-lo.

A única exceção era sua mãe. Klara Hitler estava com 29 anos quando o filho Adolf veio ao mundo. Ela já dera para o viril marido de 52 anos três filhos, um depois do outro, além de atuar como madrastra de Alois e Angela, os dois mais velhos, do segundo casamento dele. Era uma esposa trabalhadora e zelosa, fiel e leal ao presunçoso inspetor alfandegário que tinha idade suficiente para ser seu pai, e perfeitamente consciente de que se casara com ela para manter a necessária fachada de respeitabilidade, legitimando a criança por nascer. O casamento com um inspetor alfandegário bem situado teria sido encarado como altamente vantajoso para uma reles criada. Em troca disso, esperava-se que cuidasse do casal órfão de mãe, além de seus dois filhos sobreviventes, Adolf e o irmão mais novo, Edmund. E, é claro, que compartilhasse da cama de Alois. Em 1896, Klara lhe deu o último de seus seis filhos — uma menina, Paula. Paula apresentava leves sinais de deficiência mental[8] e ao longo de toda sua vida adulta o irmão Adolf a manteve cuidadosamente à distância.

Não é fácil, dada a atitude contemporânea para com o amor romântico, acreditar que Klara tenha algum dia amado seu ameaçador marido. O amor, numa comunidade rural empobrecida de 120 anos atrás, tinha conotações muito diferentes e pouco a ver com romance. Significava dever, estoicismo, trabalho duro, comportamento devoto, porém, acima de tudo, conferia à pessoa o status do casamento; em retribuição, a esposa oferecia obediência absoluta a seu mestre e senhor. Essa postura demoraria a mudar. Minha mãe alemã, que se casou exatamente cinquenta anos depois, dirigiu-se a meu pai como “mestre e senhor” pelos doze anos iniciais de seu casamento. Não era de modo algum uma piada — ela dizia aquilo a sério.

A esposa devia obediência não só ao marido, mas também à Igreja. Klara era uma católica devota que frequentava a missa regularmente e encorajava Adolf a servir de coroinha na igreja em Braunau onde fora batizado. Neste trecho sobre sua infância em *Mein Kampf*, ele escreveu: “Em Lambach, tive uma excelente oportunidade de me inebriar com o esplendor solene dos suntuosos festivais da igreja” [9] A doutrinação foi incutida com mais profundidade do que ele quis admitir. Um mês após seu aniversário de quinze anos (surpreendentemente tarde, para um católico), Adolf Hitler foi crismado em Linz. Até o fim da vida, jamais repudiou sua fé, embora isso não o impedisse de perseguir e assassinar milhões de pessoas que compartilhavam dela.

As jovens tinham de se conformar com as regras tácitas porém sacrossantas impostas pelos mais velhos. No fim do século XIX, numa comunidade agrária primitiva, as mulheres eram burros de carga que pariam, dificilmente mais valiosas que uma boa vaca leiteira ou uma porca fértil. O marido, o padre e as carrancudas matriarcas do vilarejo exploravam todo o seu poder, mas, no caso de Klara, o marido Alois era o pior opressor. Ela vivia sob o medo constante de surras, embora, como fosse de esperar, devesse suportá-las sem queixas. O filho pequeno, sensível e observador, testemunhava e escutava os maus-tratos, mas nada podia fazer para impedir. À medida que crescia, Adolf também começava a sofrer nas mãos do pai. Segundo Angela, a meia-irmã do segundo casamento que morava com eles, “recebia sua sonora sova todos os dias”, o que só podia aumentar o medo e o ódio que sentia do pai. Anos mais tarde, ele contaria a uma de suas secretárias: “Depois de ler certo dia em Karl May [autor de seus livros de aventura favoritos] que o homem corajoso não mostra sinal de dor, tomei a decisão de não deixar escapar sem algum quando apanhasse outra vez. E, quando chegou o momento, contei cada golpe. Minha mãe achou que eu perdera o juízo quando lhe disse, orgulhoso, ‘Papai me bateu trinta e duas vezes’ ”.[10] Em compensação, a mãe depositou todo amor e esperança no único dos quatro filhos homens que sobreviveria à infância.

O relacionamento entre mãe e filho era excepcionalmente próximo. Em 1844, quando Adolf estava com cinco anos, Klara já havia perdido dois filhos pequenos e talvez fosse superprotetora com o único que lhe restava. Adolf, que herdou dela os olhos azuis extremamente pálidos e penetrantes, acreditava se assemelhar a ela também em caráter, embora seja difícil conciliar isso com a descrição que faz dela como sendo “submissa, reservada, tranquila [...] entristecida e preocupada”. [11] Esse relacionamento evoluiu para uma ligação intensa, quase uma *folie à deux*, e por toda a vida ela permaneceria como um modelo da mãe e esposa perfeita, com pesadas consequências para toda uma geração de mães e esposas da Alemanha. Convencido de que o único destino da mulher era ter filhos e criá-los e manter a casa limpa e frugal,[12] o jovem Hitler — como a maioria de seus contemporâneos — crescia com uma visão estreita de como homens e mulheres deveriam organizar seus relacionamentos.

Em novembro de 1898, Alois, agora com 61 anos e prestes a se aposentar, mudou-se com a família para Leonding, vilarejo nos arredores de Linz, uma sossegada cidadezinha provinciana com cerca de 60 mil habitantes. O jovem Adolf estava com nove anos, nessa época, mas pelo resto da vida consideraria Linz como sua cidade natal. Nesse mesmo ano de 1898, chegou a hora de deixar o colégio primário administrado pelos monges beneditinos no mosteiro de Lambach, onde não conhecera grandes dificuldades de aprendizado, e seguir adiante para um ensino mais exigente, uma *Realschule* (uma escola secundária que se concentra mais em assuntos contemporâneos do que clássicos), em Linz. Ele não foi feliz ali. Resistia à disciplina, os professores não gostavam dele e seus resultados se deterioraram. Assim como a relação com o pai.

Adolf, às portas da adolescência, sentia repulsa do comportamento rude de Alois e seus excessos com comida e bebida, embora para a maioria dos bávaros isso não

significasse mais que um espírito de sociabilidade festiva e um apetite vigoroso. Seus próprios gostos eram definitivamente ascéticos. Quando garoto e mais tarde, já um homem, a única concessão aos próprios apetites parece ter sido a eterna paixão por bolos muito cremosos. Vegetariano por toda a vida adulta, raramente ingeria álcool e nunca fumava; nunca nadava nem dançava, muito menos se juntava a bandos de machos concupiscentes ruidosamente entregues a tapões na coxa e canecos de cerveja, como o pai. Talvez tenha sido um alívio para a família quando Alois Hitler morreu de repente de ataque cardíaco na taverna local, em 1903, com 65 anos. Na época, Adolf estava com catorze anos e a única irmã que lhe restara, [13] a deficiente Paula, com sete. A meia-irmã do segundo casamento de seu pai, Angela, agora com vinte anos, casara-se com Leo Raubal (mais um inspetor fiscal) em setembro desse ano e saíra de casa. A família remanescente — Klara e seus dois filhos, bem como sua irmã Johanna Pözl, uma concubina de gênio irascível que herdara algum dinheiro — dali por diante viveria uma vida tranquila sustentada pela generosa pensão do governo deixada por Alois.

Em junho de 1905, Klara vendeu a casa da família em Leonding e, ajudada por uma contribuição de Johanna, mudaram-se todos para um pequeno apartamento no centro de Linz. Por um breve período, Adolf continuou os estudos, embora demonstrando tão pouco interesse quanto antes. Era um menino muito inteligente — todos os seus professores concordavam nisso —, mas arrogante e letárgico. Não se dava ao trabalho de fazer as lições ou concentrar-se nos estudos, mas ia bem mesmo assim. Não que fosse atrapalhado pelas perturbações da sexualidade adolescente; um antigo colega de classe insistia: “Isso não se discute. Adolf nunca se interessou por garotas”. [14] Passou um ano numa escola secundária — tendo presumivelmente sido expulso do colégio beneditino — e em setembro de 1905, então com dezesseis anos, finalizou os estudos com uma avaliação claramente insatisfatória e sem diploma. Sem se deixar dissuadir, empenhou-se em gastar toda a herança paterna que era capaz de arrancar da mãe, já que sua parte não lhe seria entregue senão no 24º aniversário, em 1913. [15] Essa prodigalidade talvez fosse um ato furioso de vingança ou quem sabe a primeira de inúmeras tentativas de ocultar sua origem pequeno-burguesa. O jovem magrelo flanava por Linz exibindo um sobretudo forrado de seda e luvas pretas de pelica e portando uma bengala com cabo de marfim, sem emprego e sem ganhar dinheiro, mas ia à ópera todas as noites, vestido como um dândi parisiense, entregue à recente paixão por Wagner. Devia parecer ridículo, mas estava determinado a se reinventar no papel de um artista e esteta sem classe social definida.

Em pouco tempo a atmosfera provinciana de Linz tornou-se confinante demais para ele. Viajou para Viena, conheceu os teatros e galerias de arte, desenhando e lendo compulsivamente. Era um esquisito, um solitário, vivendo num mundo de fantasia. Seu rosto já possuía aquela palidez eterna, tinha o cabelo preto e lustroso, era esquelético, tímido, misógino. Desde garoto, Hitler evitava e desprezava garotas e na juventude mostrava um horror quase fóbico a prostitutas. [16] À medida que crescia, construía barreiras para se furtar a qualquer intimidade física com uma mulher. Isso pode ser

explicado em parte pelo fato de que sofria de testículo não-descido, ou criptorquia,[17] e, embora o problema não necessariamente afetasse sua potência, não era algo que teria gostado de expor sem a certeza de que a mulher o pouparia do ridículo, e talvez nem mesmo assim.[18] O celibato também refletia sua crença de que o sexo era um impulso primitivo, necessário para gerar filhos, porém no mais algo carnal e vergonhoso, a ser suprimido na medida do possível.[19] Eva, uma desinibida filha da natureza, teria um bocado de trabalho.

Em janeiro de 1907, ao saber que sua mãe Klara seria operada de um câncer de mama, Adolf voltou para casa. Demorando a entender que a doença era séria e terminal, foi embora de Linz em setembro e regressou a Viena para prestar o exame de admissão da Academia de Belas-Artes. Ele foi reprovado, pois não sabia desenhar. O diretor delicadamente sugeriu que considerasse a possibilidade de estudar arquitetura, embora não pudesse lhe oferecer uma vaga. Hitler tomou isso como uma insinuação de que poderia ser um grande arquiteto — sonho que acalentou pelo resto da vida. Ficou tão absorvido nisso que não foi senão quando sua mãe já não podia mais levantar da cama que percebeu quanto estava às portas da morte. Correu de volta a Linz e durante as poucas semanas que lhe restavam entregou-se a seus cuidados. No dia 21 de dezembro de 1907, ela morreu com a idade de 47 anos. O dr. Bloch, o médico judeu que acompanhara sua doença, disse que “jamais testemunhara uma ligação tão próxima [...] e [...] nunca tinha visto um rapaz tão completamente desolado”. Adolf estava com dezoito anos e, a partir daí, pelo resto da vida, carregaria a foto da mãe no bolso do colete.

Em 4 de junho de 1908, seis meses após a morte da madrastra, a meia-irmã de Adolf, Angela Raubal, deu à luz o segundo filho, uma menina a quem chamou de Angela Maria. [20] Dois anos mais tarde, em 1910, seu marido Leo morreu, deixando a viúva de 27 anos com três crianças para cuidar, bem como a irmã deficiente de Hitler, Paula. *Frau* Raubal contava apenas com a pensão da viuvez e uma pequena herança vinda do pai para sustentar a família de cinco pessoas, e assim seus três filhos passaram a maior parte da infância na pobreza. Adolf, vivendo ociosamente em Viena, não ofereceu nenhuma ajuda e rejeitou dividir a responsabilidade por Paula.

Em 1908, Hitler, com dezenove anos, era um órfão sem qualificação, sem emprego, sem ligações, um pária no mundo burguês. Furioso e frustrado, tinha as mãos e os bolsos vazios mas a cabeça cheia de ambições elevadas e ideias grandiosas. Estava certo de possuir talento suficiente, talvez até de ser um gênio, para ser pintor ou arquiteto. Muitos anos depois, numa versão altamente colorida desse período vienense, escreveu a seu mentor intelectual, Dietrich Eckart:[21] “Estudei a história da arte, da civilização e da arquitetura na medida em que meus meios o permitiram e também me interessei por problemas políticos. Embora proveniente de uma família francamente cosmopolita, a dura escola da vida transformou-me num antissemita em menos de um ano”. [22] *Família francamente cosmopolita...?! Eckart era raivosamente antissemita e Adolf talvez estivesse tentando cair nas graças de seu importante novo amigo, pois, ao que parece, nos anos*

que passou em Viena, teve muitos conhecidos judeus. Sua extrema intolerância racial se desenvolveu gradualmente, não no espaço de um ano, mas o período passado em Viena lançou seus alicerces em sua forma mais cruel e brutal, incutindo em Hitler a semente de um ódio patológico do povo que secretamente invejava por sua cultura, influência e riqueza — os judeus.

O único amigo íntimo de Hitler nessa época era um rapaz da mesma idade chamado August — “Gustl” — Kubizek, também proveniente de Linz. Kubizek lembrava, anos mais tarde: “Os livros eram todo o seu mundo [...] lia prodigiosamente e, com a ajuda da memória extraordinária, armazenava uma quantidade de conhecimento muito acima do padrão normal para alguém de vinte anos — , mas evitava qualquer discussão factual sobre um assunto”.^[23] Os dois jovens dividiram acomodações por um tempo e Kubizek afirmava que “[...] ao contrário da maioria dos adolescentes [Hitler] não se entregava à masturbação frequente [...] aderindo em todos os aspectos ao código rígido que prescrevia tanto para si como para o futuro Estado”. O senhorio deles em Munique, Joseph Popp, conseguia ficar de olho em seu inquilino, embora *Herr* Adolf tivesse sua própria entrada particular. Segundo ele, Hitler nunca levou uma garota para o quarto ou manteve encontros com o tipo de mulher com quem poderia ter intimidades sexuais. O historiador alemão Werner Maser entrevistou o antigo senhorio em 1966 e registrou: “Nem *Herr* Popp nem sua esposa podem se lembrar de algum dia terem visto Hitler na companhia de uma mulher ou de tê-lo ouvido se referir a alguma garota”.^[24]

Ao longo dos quatro anos seguintes, Adolf foi afundando pelos estratos da sociedade vienense até chegar à camada mais baixa, hospedando-se num decrepito albergue operário, quase sem amigos e em geral sem um tostão, embora ainda permanecesse em contato com Kubizek, que segue sendo a única testemunha confiável do período em Viena. O exército poderia ter sido uma saída: pelo menos haveria refeições regulares e algo com que se ocupar. Pela lei, ele deveria ter se alistado para o serviço militar em 1909, mas três anos se passaram sem que o fizesse. Em maio de 1913, o 24º aniversário trouxe-lhe o direito à tão esperada herança de 820 *kronen* de seu pai. Com as autoridades em seus calcanhares, deixou Viena e foi para Munique, mas a polícia austríaca o deteve em janeiro de 1914. Hitler foi julgado e preso, mas declarado fisicamente inapto para o combate. Contudo, em agosto de 1914, assim que a guerra foi declarada, apresentou-se como voluntário para o exército bávaro e foi aceito no 16º Regimento de Infantaria da Reserva Bávara, como cabo. Nunca subiu de posto, mas serviu com alguma distinção como mensageiro no *front* ocidental e ganhou a Cruz de Ferro de Primeira e Segunda Classes. Seu regimento tomou parte na Batalha de Ypres, na qual apenas seiscentos homens dentre 3 mil saíram com vida. Ele deixou o exército em 1918, endurecido e desumanizado pela guerra e pelo que vira da morte em escala maciça, mais alienado e intolerante do que nunca.

A diferença de idade entre Hitler e Eva é realçada pelo fato de que em 1918 ele era um veterano de guerra e ela uma garota mandona de seis anos que passara pela guerra incólume, brincando com suas bonecas, seu gatinho e sua irmãzinha Gretl. Os Braun

tiveram sorte — ninguém em seu círculo familiar imediato morreu no conflito.

Minha mãe, também com seis anos, guardava lembranças de sua tia (minha tia-avó, a adorada *Tante* Lidy) e dos esforços que empreendeu para encontrar dois de seus irmãos dados como “desaparecidos, presumivelmente mortos” nos cartazes afixados publicamente. A mãe de Lidy a enviava, uma jovem com vinte e poucos anos, à Hauptbahnhof, a estação principal de Hamburgo, toda vez que um trem carregado de tropas voltava trazendo soldados vindos do *front*. Lidy tinha de ficar na barreira segurando uma fotografia dos dois desaparecidos, gritando em vão: “Alguém viu meus irmãos? Por favor, deem uma olhada... Alguém os reconhece? Com licença, *gnädige Frau*, só vai levar um minuto... por favor”. Por todos os lados, soldados fatigados abraçavam as esposas, mães e irmãs, ignorando-a. Lidy sempre voltava dessa provação para contar a sua mãe em lágrimas que ninguém reconhecera os dois jovens. Eles nunca voltaram para casa e seus corpos jamais foram encontrados. Dois outros irmãos — August e Julius — morreram na guerra, mas seus túmulos nunca foram visitados. Vinte anos atrás, nas desoladoras planícies geladas do norte da França, procurei meus tios-avós mortos nos cemitérios de guerra alemães, geralmente do outro lado da estrada onde ficam os ingleses. Cada uma das sepulturas inglesas estava assinalada por uma cruz de pedra, muitas com a inscrição “Soldado conhecido apenas por Deus”. As cruzes dos alemães eram feitas de ferro. Fui de uma em uma procurando o nome *NEUBERT*, mas havia sepulturas demais e nunca as encontrei. Quatro rapazes haviam desaparecido em meio à artilharia, à fumaça e à lama da Grande Guerra sem deixar rastro.

O humilhante desfecho da Primeira Guerra Mundial, em que os vitoriosos impuseram vultosas reparações à Alemanha, assim como a debilitaram, reduzindo suas forças armadas a uma fração do que eram antes do conflito, instilou em Hitler a missão de criar uma nova Alemanha da carnificina e da derrota. Para Fritz Braun, isso intensificou sua determinação de se aferrar aos resquícios de uma Alemanha antiga, digna e disciplinada em que crescera e ardentemente acreditava.

Parte 2

DE ADOLF A FÜHRER
DE COLEGIAL A AMANTE

EVA SE TORNA A FRÄULEIN BRAUN, HITLER SE TORNA O FÜHRER

NÃO MUDOU GRANDE coisa no relacionamento entre os sexos desde o fim do século XIX, a despeito de anarquistas, boêmios e uma guerra em que as mulheres se mostraram capazes de trabalhar em fábricas e escritórios ou de cuidar dos soldados mais horivelmente feridos. Isso serviu, se é que serviu para alguma coisa, antes para endurecer a atitude masculina do que para levá-las a uma posição de maior igualdade. Os homens exerciam sua autoridade sobre as mulheres, dirigindo-as e controlando-as, e a maioria das esposas não questionava esse poder: *Vati* fazia as regras e *Mutti* as apoiava. Quem poderia culpá-los por querer criar juvenzinhos aptos, respeitadores da lei, ciosos do dever cívico, entusiastas da competição dura e do trabalho pesado, imbuídos de elevados princípios e obedientes às regras da ordem e da hierarquia? Uma filha respeitosa fazia o que os pais, sobretudo o pai, mandavam.

Era crucial para a autoestima ferida de toda uma geração de homens mutilados e espiritualmente prostrados pela derrota de seu país na Primeira Guerra Mundial que a esposa se submetesse ao marido. Eles necessitavam de provas de sua autoridade civil na vida privada e, uma vez que o círculo familiar era em geral a única arena em que detinham alguma, muitos se tornaram tirânicos. Essas atitudes controladoras não foram motivadas apenas pela guerra ou, mais tarde, pelo Partido Nazista; refletiam também as de seus pais e avós. Os rigores e a instabilidade da vida no pós-guerra levaram a uma geração de jovens conformistas pronta para a *Diktat* nazista. Um dos resultados foi o surgimento, nos anos 20, de um grupo pequeno e isolado de feministas alemãs, a BDF, ou Bund Deutscher Frauenvereine,^[1] mas o número de afiliadas à liga era minúsculo e restrito principalmente às mulheres que haviam tido a oportunidade de um casamento negada pela guerra, de modo que sua influência foi ínfima. A maioria das feministas se opunha ao Partido Nazista, mas elas subestimaram enormemente sua ameaça, mesmo quando ele retratava o movimento das mulheres como um sinal de decadência. Em pouco tempo ficaram sem força alguma. Em maio de 1933, o BDF se dissolveu e em 1936 os nazistas baniram grupos desse tipo.

Para descrever o papel das mulheres no esquema nazista e o contexto no qual Eva atingiu a maioridade, é necessário dar um salto à frente, adiante da cronologia imediata da vida de Eva. Para ela e minha mãe, Ditha Schröder, o acidente de ter nascido em 1912 significou que, quando adolescentes, escaparam do pior da doutrinação nazista, embora ninguém pudesse evitá-la totalmente. Entre o fim dos anos 20 e o começo dos 30, o poder do partido cresceu rápido, sobretudo entre os jovens e estudantes. Uma de

minhas filhas certa vez perguntou a minha mãe, na lata, se ela já fora membro de algum grupo nazista de jovens, e ela respondeu que meu avô a proibira disso. Na verdade, já ultrapassara a idade máxima permitida para se filiar na época em que a Bund Deutscher Mädel (Liga das Jovens Alemãs), ou BDM, foi fundada, em 1932. Isso teria impedido tanto Eva como Ditha, que, com vinte anos, eram consideradas adultas.

Nos primeiros anos do nazismo, entrar para uma organização patriótica era meramente desejável, mas, em 1933, após sua ascensão ao poder, tornou-se algo compulsório para todos entre dez e vinte anos. Garotas nascidas poucos anos depois de Eva foram moldadas pela BDM a partir da pré-adolescência para se adequar ao conceito nazista da mulher ideal — saudável, trabalhadora, obediente e, acima de tudo, fértil. As jovens *Mädel* costumavam usar o cabelo dividido em duas tranças, às vezes enroladas em torno da orelha em *Schnecken* (caracóis), como fones de ouvido — um estilo nada lisonjeiro para uma colegial cheia de vida. Era uma projeção da inocência em lugar da sexualidade, do vigor em lugar do cérebro, da boa saúde exuberante em lugar da curiosidade intelectual. As atividades da *Bund* eram muito parecidas com as das bandeirantes, visando instilar eficiência, desenvoltura e abnegação, características definidoras da Nova Mulher Alemã. Suas componentes aprendiam que o destino de uma mulher era casar, servir o marido e gerar filhos para a pátria. Só, mais nada.[2] Quando chegavam à idade de dezoito anos, podiam se filiar a uma organização superior cujo nome traduzido é “Crença e Beleza”. A essa altura, já haviam sido doutrinadas a crer, como uma alemã se recordava, sessenta anos mais tarde, que “Éramos o melhor, mais competente e mais bonito povo do mundo — e os judeus, exatamente o oposto”.[3] Outra insistia, “Não sabíamos de nada [...] não mesmo! Achávamos que aquilo em que nos ensinavam a crer era *verdade*”, mas a mulher seguinte replicou, secamente, “A gente sabia”.

À medida que o partido ganhava um poder maior, começava a monopolizar cada momento livre na vida dos jovens, até chegar a desafiar a influência dos pais e assumir cada vez maior responsabilidade pelo treinamento dos adolescentes quanto a seus deveres para com a pátria. Crianças em idade escolar que pertenciam a um grupo de jovens tinham sessões regulares de esporte, ginástica e exercícios sincronizados, além de acampamentos de fim de semana e feriados. Qualquer um que se recusasse a participar era suspeito — um pária, um solitário —, de modo que no fim quase todo mundo tomava parte. Havia uma parcela de verdade na piada corrente dessa época de que, com o pai na SA (*Sturmabteilung*),[4] a mãe como membro da nsf (*National Sozialisten Frauen*, ou Mulheres Nazistas), o filho na hj (*a Hitler Jugend*, Juventude Hitlerista) e a filha na BDM, a família só se cruzava nas Convenções de Nurembergue.[5] Em meados dos anos 30, metade dos jovens da nação estava afiliada a alguma organização dirigida pelo partido, cuja finalidade era consolidar a nova geração de alemães num todo coerente, pronto para concretizar a vontade de Hitler. O efeito da propaganda nazista era ainda mais insidioso e eficaz sobre os jovens[6] e os dois sexos aprendiam a ter “consciência racial”. (É desnecessário dizer que judeus e crianças de outras minorias desprezadas não

podiam pertencer a nenhum grupo de jovens.) Esse foi o pano de fundo contra o qual Eva e Ditha ingressaram na vida adulta. Não é que sirva de desculpa para sua falta de interesse no destino dos judeus, mas explica um bocado.

A Hitler Jugend estava brilhantemente estruturada para transformar garotos em “bons” nazistas e — segundo o plano de longo prazo de Hitler e do líder da organização, Baldur von Schirach — prepará-los, no fim das contas, para serem massacrados pelos exércitos aliados e soviéticos.[7] Em 1938, o ingresso na Juventude Hitlerista tornou-se compulsório para todos os meninos alemães entre catorze e dezoito anos. A organização era a base de recrutamento dos grupos paramilitares do Partido Nazista, sendo a Schutzstaffel (ss) um dos mais vivamente interessados. A finalidade de inúmeras corporações da Juventude Hitlerista também era treinar garotos para tornar-se oficiais da Wehrmacht (o exército regular). Todos os membros da Hitler Jugend usavam um uniforme paramilitar, observavam uma hierarquia rígida, recebiam treinamento físico, aprendiam o manuseio de armas e eram encorajados a ser audaciosamente agressivos. “Vocês estão destinados”, disse-lhes Hitler, “a serem os guerreiros de uma Grande Alemanha.” Poucos se deram conta de que o dizia literalmente. No fim de 1936, os membros da Juventude Hitlerista somavam 5,5 milhões: jovens treinados e disciplinados que lutariam — e matariam — por Hitler até a morte.

Os vários grupos se encontravam em convenções anuais gigantescas em que marchavam aos milhares, gritando *Sieg Heil!* e entoando hinos patrióticos, exibindo uma adoração quase histérica por Hitler e von Schirach. “Ele [Hitler] era nosso ídolo. Um semideus. Eu teria morrido por ele”, disse um homem, recordando esses dias de arrebatamento.[8] Cantavam canções que parecem absurdas hoje em dia, mas que eram extremamente sérias na ocasião:

Somos a feliz Juventude Hitlerista,
Não precisamos das virtudes da igreja
pois é nosso Führer Adolf Hitler
quem fica do nosso lado.[9] “

Essas canções”, confessou o cartunista e escritor Tomi Ungerer, que cresceu durante o nazismo, “[...] essas canções funcionavam como uma droga. [...] Se você fosse criado pelos nazistas, então elas ficavam vinte, trinta anos na sua cabeça.”[10] E acrescentou que, apesar de tudo que aconteceu, sempre que se sente deprimido ele canta essas canções que aprendeu na infância, a despeito das letras banais e ridículas.

Eva e minha mãe Ditha, por outro lado, cantavam as canções populares da época, ou *Schlagers*, como eram chamadas (significa, literalmente, *hits*), com suas letras românticas sobre amor verdadeiro e traição. A favorita de minha mãe era “Schau mich bitte nicht so an” (“Por favor, não me olhe assim”), com a melodia de “La Vie en Rose”. Ambas eram apaixonadas por filmes e estrelas de cinema e muitos dos que Eva admirava eram os

mesmos de que mais tarde ouvi minha mãe falar a respeito — Grock, o famoso “palhaço triste”, cantoras como Zarah Leander (de origem sueca, mas alemã por opção), Sari Barabbas e muitas outras cujos nomes hoje me escapam; Lotte Lenya, com sua voz grave, o veículo perfeito para as canções de Kurt Weill, seu marido; e é claro Marlene Dietrich, cuja versão pungente de “Lili Marleen” tornou-a a canção definitiva da Segunda Guerra Mundial, tanto para alemães como para ingleses — a divina Dietrich que, quando não estava representando mulheres glamourosas, podia ser mais sexy que qualquer homem vestindo smoking e calças elegantes. A ideia de fascínio e glamour de Eva vinha dessas estrelas de cinema; mamãe tinha maior inclinação por beldades mais “naturais”, como Ingrid Bergman ou Magda Schneider. Quando Zarah Leander disse que “Noventa por cento das canções que eu cantava eram sobre o amor. Isso porque noventa por cento das pessoas acham o amor mais importante que a política [...]”,^[11] estava expressando algo em que Eva acreditou a vida toda. Surpreendentemente, Eva também adorava as canções de Kurt Weill, em particular “Cannon Song”^[12] — “*Soldaten Wohnen / auf den Kanonen*”: soldados passam a vida em canhões.

Na maioria dos aspectos, Eva Braun e Ditha Schröder eram como qualquer outra jovem de sua época e idade, cheias de energia e frustração, devotadas, embora com ressentimento, à geração mais velha, que sufocava sua liberdade de escolha; devotadas porque, a despeito de acessos e birras ocasionais, viviam num *gemütlicher Kreis* — um círculo aconchegante — e ainda apreciavam fins de semana esportivos e feriados em família. Muito mais importantes eram os bons momentos passados com os amigos, assistindo a filmes, compartilhando do entusiasmo por astros, estrelas e revistas de cinema e por cantoras.^[13] A fixação por um ator em particular era conhecida como *Schwärmerie* — uma paixão, como quando a garota fica “caída” ou “se derrete” por alguém —, e Eva ficava enlevada com as fotos promocionais e os cartões-postais de John Gilbert, o par de Garbo no cinema mudo, um ídolo remoto cujas feições pálidas pareciam esculpidas no mármore. A vida social das jovens na Alemanha dos anos 30 não era assim tão diferente da vivida pelas jovens exaltadas nas novelas “picantes” da *ché* e na *chick lit* de hoje em dia, exceto pelo fato de que o álcool consumido raramente chegava a mais que um ou dois copos de cerveja, o uso de drogas era desconhecido e poucas dormiam com o homem de quem gostavam. A virgindade era a isca, o casamento, o objetivo, e elas incitavam umas às outras rumo a isso com conselhos entusiasmados.

Não que os Braun impedissem as garotas de se divertir. Munique era uma grande cidade para festejar e nenhuma oportunidade passava em branco. A Oktoberfest junto com o Natal, o Ano Novo e o início da Quaresma eram marcados por exuberantes comemorações públicas. Todos vestiam fantasias ou roupas de noite e os cafés e cervejarias pela cidade inteira fervilhavam com as risadas, brindes, música de acordeão ou jazz e dança. Eva apenas flertava com a ousadia: ela buscava o prazer, não a experiência erótica. O mesmo funcionava para os rapazes — as garotas eram antes alguém com quem se divertir do que uma oportunidade para o sexo. Por mais provocativa que

parecesse, Eva continuava sendo “*ein braves Mädchen*” — uma boa garota — , que adorava exercitar seu *sex appeal*, mas não abriria mão de sua virgindade facilmente.

Quando Adolf Hitler voltou para Munique ao final da guerra, estava com trinta anos, idade em que o homem deveria ter algumas realizações para apresentar após a primeira década como adulto. Ao longo dos vinte anos fora descartado como um caso perdido, destinado a afundar até o nível mais baixo da sociedade. Na melhor das hipóteses, talvez se tornasse um funcionário menor ou um burocrata insignificante como seu pai, casasse, tivesse dois filhos a quem pudesse intimidar e seguisse de tropeço em tropeço rumo à morte anônima. Com exceção dos anos da guerra, mal ganhara um único *pfennig* honesto em toda a vida, subsistindo à custa da caridade, que na prática significava parasitar suas parentes até não restar mais nada para dar, quando então seu interesse por elas desaparecia. Parecia ser um zero à esquerda sem futuro. Seu histórico era deprimente: artista falido, aspirante a arquiteto sem nenhum conhecimento, condecorado com a Cruz de Ferro mas nunca promovido a oficial e agora um soldado desmobilizado. Sem emprego e sem rumo, Hitler necessitava de alguma válvula de escape por onde pudesse expor seu antisemitismo fanático, mais intolerante do que nunca. Ele também buscava ardentemente recapturar a sensação de pertencer a um grupo que compartilhasse ideias semelhantes, como o que experimentara no exército. Em setembro de 1919, começou a frequentar as reuniões de um minúsculo grupo nacionalista, o recém-fundado Partido dos Trabalhadores Alemães, ou DAP. (Posteriormente, NSDAP, ou Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, mais tarde conhecido pelo menos desajeitado título de Partido Nazista.) Pouco depois, inscreveu-se e foi admitido como membro número 555, embora o tamanho do partido fosse ainda menos impressionante do que esse número faz supor, já que, para inchar suas fileiras, a numeração começava no 501. O novo filiado não tinha teto nem amigos, era arrogante, ocioso, autodidata em quase tudo que sabia e mais ignorante do que jamais admitiria — mas, a despeito das deficiências, acalentava grandes ambições. E, contra todas as probabilidades, tinha razão. Embora talvez nem mesmo ele houvesse percebido ainda, aquele João-ninguém era dotado do gênio da oratória.

Seu primeiro discurso político foi feito em julho de 1919 para um público de prisioneiros de guerra que voltava para casa. Depois disso, uma testemunha chamou-o de “um orador nato, que com seu fanatismo e sensibilidade comum sabe como seduzir um público”.^[14] Em 16 de outubro de 1919, ele se dirigiu a 111 colegas na primeira assembleia pública do NSDAP e mais tarde escreveu: “Eu conseguia falar! As pessoas no pequeno auditório ficaram eletrizadas [...]. Encontrei minha vocação”.^[15] Foi como uma revelação cegante o fato de que tinha o poder de levar as pessoas a prestar atenção, enfurecer-se, determinar-se e assumir convicções apaixonadas; e ao levá-las a isso — tirando-as da cadeira, ficando de pé, erguendo as mãos acima da cabeça, aplaudindo loucamente, os rostos reluzindo de lágrimas, suor ou emoção — , elas o seguiriam aonde quer que fosse, e fariam tudo que lhes dissesse. Em meados de novembro, na reunião

seguinte, seu público crescera para mais de setecentas pessoas e um relatório policial registrou seu talento extraordinário de orador. Hitler estava com trinta anos e finalmente se lançava em seu destino político.

Era já um antisemita declarado, convencido de que os judeus, em seu suposto desejo de enfraquecer a Alemanha, se envolviam numa conspiração econômica cujo objetivo era a dominação mundial. Seu credo era apocalíptico e paranoico. Hitler tinha consciência de que isso representava grande parte do apelo que exercia sobre os trabalhadores pobres e desempregados, que eram os mais atingidos pela inflação galopante. Adotou o bordão “Acorda, Alemanha!” como slogan nazista, geralmente seguido de “*Jude Verreckel!*” (literalmente, “Morram, judeus!”).^[16] Sua visão da história era o conflito entre duas forças antagonicas, o judeu e o ariano: este último uma figura heroica, quase divina. Embora ainda não o houvesse explicitado, em sua mente distorcida o confronto (conforme escreveu em setembro de 1919) necessitava da “completa remoção dos judeus”.^[17] Essas ideias se disseminaram rapidamente, não só entre a gente mais ignorante, mas entre as mentes das pessoas que viam a si mesmas como — e talvez o fossem, em muitos aspectos — “alemães comuns e decentes”. Em julho de 1921, com a idade de 32 anos e por sua própria sugestão, tornou-se o líder do renomeado Partido Nazista, agora fortalecido com 3 mil membros. Depois disso, Hitler começou cada vez mais a ser chamado de *der Führer*, uma imitação de sua contrapartida italiana, Benito Mussolini, que assumira o título de *il Duce*.

Ele começou a afiar suas habilidades oratórias em reuniões ainda maiores. “Diante de um público, Hitler se transformava de uma bandeira sem vento num estandarte tremulante conclamando às armas.”^[18] Seu tema favorito era comparar o herói ariano altruísta e idealizado com o judeu egoísta e sinistro. De uma mixórdia que incluía lendas wagnerianas, mitos teutônicos, política pangermânica, idealismo socialista e teorias pseudocientíficas sobre a superioridade genética da linhagem sanguínea nórdica, Hitler evocou uma Era do Gelo, uma Idade do Ferro, elmos, escudos, guerreiros, heróis com suas companheiras loiras de olhos azuis; um povo orgulhoso, implacável, sepultado na memória coletiva, aguardando o regresso do líder. Ele havia captado a importância das palavras e dos nomes evocativos de um passado heroico e adotara o lobo como símbolo — daí o cognome “Sr. Lobo”. (Seu quartel-general para operações de guerra montado no disputado leste polonês, perto da fronteira russa, era chamado de Toca do Lobo e seu refúgio bávaro no alto da montanha era o Ninho da Águia.) A suástica e a águia — dois emblemas muito antigos — representavam o Partido Nazista e o Terceiro Reich; a suástica sendo um símbolo remotíssimo na história indo-europeia; a águia, como o lobo, sugerindo força, poder e liberdade. Desde muito cedo os nazistas estabeleceram uma poderosa iconografia, cravando a suástica negra num círculo branco, no centro de uma bandeira vermelha e utilizando o mesmo padrão de preto, branco e vermelho para seus cartazes.^[19] Hitler sabia instintivamente que se quisesse invocar fortes sentimentos de nacionalismo, teria de evocar o passado germânico e, trabalhando em cima de sua mitologia, prometer um futuro igualmente triunfante.

Seu recém-descoberto domínio da retórica não foi a única razão para a súbita mudança na sorte de Hitler. Conforme ficava mais velho, seus traços melhoravam. O rosto encovado endureceu e amadureceu, sendo substituído por uma testa ampla, um maxilar quadrado e uma expressão resoluto. Ele desenvolveu um aperto de mão firme e viril e explorava o mesmerismo dos olhos azul claros com seu hábito de fitar dentro e *através* dos olhos de qualquer um que conhecesse — o olhar magnético de um manipulador ou mágico experiente —, até que a pessoa se visse forçada a aceitar seu domínio desviando o olhar primeiro.^[20] Era um truque que usava apenas com homens; com as mulheres era sempre de uma cortesia pegajosa.

Em 1923, o *Führer* projetava um rastro brilhante de confiança e idealismo que atraía uma vaga cada vez maior de seguidores, muito além dos quadros iniciais de ex-soldados, agora engrossados pela ralé ordinária das ruas. Em sua época vivendo na sarjeta, ele aprendera que os estereótipos simplistas eram sedutores para um público não muito brilhante de homens rebaixados a assistir com perplexidade furiosa seus salários exíguos ou pensões do exército sendo devorados pela inflação. Prometia um futuro animador para os desiludidos e despossuídos; um futuro que libertaria a Alemanha da vergonhosa derrota na Primeira Guerra Mundial e solucionaria seus desesperados problemas econômicos. Isso era a política sintonizada num nível que seu público podia compreender. O componente da multidão no Partido Nazista estava solidamente unido por trás de seu demagogo acelerador de pulsações. Em cinco formativos anos, de 1919 a 1924, o outrora zero à esquerda transmutou-se numa contagiante força do mal.

Os anos eram de inflação sem precedentes. Perto do fim de 1922, os preços haviam subido dezenas e depois centenas de vezes em relação ao período pré-guerra, mas, como os salários e demais pagamentos cresciam a uma mesma taxa, a coisa não parecia importar muito. No ano seguinte a inflação alcançou patamares insustentáveis. O troco miúdo desapareceu — de que servia, quando um caneco de cerveja custava um milhão de *Reichsmarks*: o equivalente a 25 centavos?^[21] Umas poucas estatísticas revelam com que rapidez a inflação tomou conta. Em agosto de 1922, um filão de pão custava RM 8,20. Em outubro, RM 12,25 e em dezembro desse mesmo ano, RM 150. Em junho de 1923, o preço subira para RM 1.600 e em agosto para RM 35.000 — de RM 8,20 a RM 35.000 em um ano. Outros gêneros alimentícios básicos subiram de modo similar, às vezes mais abruptamente. Um litro de leite foi de RM 14,60 em agosto de 1922 a RM 47.000 um ano mais tarde.^[22] Em Munique, como em qualquer outro lugar, os preços ficaram absurdos. A família Braun sofreu com a falta de alimentos como todo mundo, mas sua dieta era suplementada por ovos e vegetais frescos da horta de Josefa Kronburger. Meu avô, na tentativa de sustentar sua jovem família em Hamburgo, sofreu muito mais. Ele costumava me mostrar notas de um milhão de marcos com um carimbo preto do banco escrito *zehn million*, 10 milhões — continuando a não valer nada. Era preciso um carrinho de mão cheio de notas, ele me contou, para comprar meio quilo de pão preto e no momento em que você deixava a padaria o preço voltara a subir. Em

agosto de 1923, um dólar americano valia um milhão de *Reichsmarks*. Em setembro, um milhão já não valia coisa alguma; a mínima unidade válida era um bilhão.[23] “Ninguém fazia a menor ideia do que estava acontecendo. Esfregando os olhos, acompanhávamos o andamento das coisas como se fosse um espantoso fenômeno natural. [...] De repente, ao olhar em torno, descobrimos que o fenômeno devastara o próprio tecido de nossa vida cotidiana.”[24] Outubro de 1923 foi o clímax: 100 milhões de *Reichsmarks* por um dólar. Loucura! Por que se dar ao trabalho de continuar imprimindo notas? O papel-moeda já não tinha nenhuma credibilidade ou valor e o Reichsbank parou de emitir cédulas. As pessoas regrediram ao escambo, ou passaram fome. Muitos morreram de inanição, perecendo encolhidos e indefesos nos bancos de praças ou nas ruas. Foi essa situação econômica e social que Hitler herdou.

Um ano antes, no fim de 1922, Hitler conhecera a pessoa ideal para introduzi-lo na alta sociedade, por cuja aceitação tanto ansiava e de que o Partido tanto necessitava; um homem bem-nascido, bem relacionado, culto e, acima de tudo, *rico*. Seu nome era Ernst Hanfstängl,[25] mas fora sempre chamado de “Putzi”.[26] O novo benfeitor dificilmente poderia ter sido menos convencional, um protetor mais improvável para Hitler e o incipiente Partido Nazista. Era um gigante de 1,93 metro, com um maxilar em forma de pá e uma massa de cabelo espesso. Negociante de arte, pianista e *connoisseur*, seu pai alemão introduziu o negócio de franquias nos Estados Unidos e ganhara muito dinheiro com isso. Sua mãe era americana, uma Sedgwick de Boston, família das mais distintas, e o filho dela cresceu nessa cidade, estudando em Harvard de 1905 a 1909. Ele viera para a Alemanha em 1921 com vistas a expandir o negócio da família no país.

Putzi ouviu Hitler falar pela primeira vez em novembro de 1922, na cervejaria Kindl Keller, em Munique, quando tinha 35 anos — dois anos mais velho que Hitler —, e ficou completamente estupefato. Suas memórias dedicam cinco páginas inteiras ao impacto que esse até então desconhecido jovem orador exerceu sobre o cosmopolita Hanfstängl. Sua impressão inicial foi de que Hitler parecia o garçom de um vagão-restaurant, mas mudou de ideia assim que o ouviu falar.

Era dotado de um domínio da voz, da frase e do efeito que jamais foi igualado [...] usava as mãos e os braços em gestos, dos quais tinha um repertório expressivo e extenso [...]. Atacou os judeus, comunistas e socialistas [...] esses inimigos do povo, declarava, um dia seriam *beiseitigt* — literalmente, “afastados”,[27] embora na realidade quisesse dizer removidos ou eliminados. O burburinho e as conversas [do público] haviam cessado e sorriam cada palavra. [No fim] responderam com uma explosão frenética de saudações, aplausos e um canhoneio de batidas nas mesas. Foi uma performance magistral. Fiquei impressionado além da conta com Hitler.

Quando o público se dispersou, Hanfstängl subiu ao palanque.

“Herr Hitler [...] só posso dizer que fiquei vivamente impressionado [...] gostaria muito de conversar com o senhor.”

“Ora, sim, claro”, disse Hitler. Ele deixou uma impressão muito agradável, modesta e amigável. Assim, apertamos as mãos outra vez e fui para casa.[28]

O contato foi a porta de entrada de Hitler para os verdadeiros círculos do poder em Munique — a influente classe média alta. Se seu mentor intelectual (assim como do incipiente NSDAP) era Dietrich Eckart, poeta, filósofo e pensador político, seu benfeitor social era aquele novo admirador e amigo, Hanfstaengl. Interrogado por Norman Birkett em 1937,[29] Putzi alegava possuir tal influência sobre o líder do promissor NSDAP que, conforme contou mais tarde a um tribunal de inquérito, “Hitler era como massa de vidraceiro em minhas mãos”.[30] (Hitler nunca foi como massa de vidraceiro nas mãos de ninguém, mas, astutamente, talvez alisasse o ego de Putzi deixando-o pensar que sim.) Putzi não cansava de se impressionar com a capacidade do *Führer* de instigar os ouvintes — assim como ele:

Sua reação a um público era a contrapartida da excitação sexual. Ele ficava irrigado como uma crista de galo ou um monco de peru, e era somente nessa condição que se tornava formidável e irresistível. [...] Os últimos oito ou dez minutos de um discurso pareciam um orgasmo de palavras. Ele encontrava relaxamento apenas na atmosfera correspondente a sua própria psique, nos crescendos eróticos da música de Wagner. [...] Possuía, em grau notável, o dom dos grandes demagogos, o de reduzir questões complicadas a frases inflamadas e envolventes.

A proveniência social e o “sangue azul” importavam muito na Alemanha dos anos 20 e 30. A nobreza era vista como uma classe superior e tratada com deferência servil. A classe média alta estava acima da classe média, que por sua vez era superior à classe média baixa, e todos eram superiores aos trabalhadores, da fábrica ou do campo, que não questionavam essa primazia, a não ser quando se tratava dos judeus, a quem a classe mais baixa, junto com a maior parte da classe alta e *bürgerliche* (cidadãos) alemães, tratava com superioridade.

Hitler, com seu passado rural, dificilmente poderia ser oriundo de uma linhagem mais indesejável. Havia esqueletos demais em seu armário — alcoolismo, endogamia e muito possivelmente incesto. Johanna Pölzl, sua tia pelo lado da mãe, era corcunda e “simples”, possivelmente esquizofrênica. Seu primo em primeiro grau Edward também era corcunda. Um dos irmãos dele era descrito como débil mental, embora, como morreu na infância, não fique claro quem fez o diagnóstico e com base em quê. Muitos de seus parentes haviam falecido e não poderiam revelar seus segredos, exceto a irmã mais nova, Paula — “não muito boa da cabeça”, as pessoas talvez dissessem, girando um dedo significativo perto da têmpora — , mas Paula nunca estava por perto para se submeter ao escrutínio público.[31] Por toda a sua vida adulta, ele a manteve à distância

e fez com que trocasse o sobrenome pelo seu próprio álibi de predileção, “Wolf”, ocultando parcialmente o relacionamento entre os dois.[32] Retratos dela (há poucos) mostram uma mulher baixa e sem graça de rosto quadrado, com um nariz igual ao do irmão; no mais, há poucas semelhanças.[33] Seu cabelo era negro como o dele, mas grosso e ondulado. Ela parece bastante inofensiva, e devia ser, pois contou a um entrevistador, depois da guerra, que toda vez que passava diante de uma igreja, entrava e rezava uma oração pelo irmão. Somente sua meia-irmã Angela Raubal, cuja prole de três parecia perfeitamente saudável, ficaria como evidência de que Hitler tinha parentes. Nenhum risco *nesse* ramo da família, pelo menos.

Os ancestrais de Eva pelo lado Kronburger, por sua vez, provenientes de um vilarejo rural, mas com ligações em Viena e proteção imperial, jamais tiveram qualquer dúvida sobre sua posição social e nenhum motivo de que se envergonhar. Seus avós Braun eram gente de boa posição na comunidade local de Stuttgart. Moravam numa casa sólida com uma bela mobília; seus filhos tinham carreiras profissionais. Nenhuma necessidade de falsa modéstia ali, tampouco.

O novo benfeitor de Hitler, Putzi Hanfstaengl, e sua glamourosa jovem esposa, Helene, apresentaram o elétrico, embora rude e sem modos, protegido à alta sociedade de Munique. Graças a eles, conheceu pessoas cujos apadrinhamento e contribuições granjeariam ao belicoso Partido Nazista apoio, respeitabilidade renovada e injeção de fundos, tão necessários. Mas, primeiro, seus modos e suas roupas tinham de ser mudados, a fim de lhe conferir o tipo certo de verniz social. Essa Eliza Doolittle da vida real precisava ser disfarçada a fim de se misturar plausivelmente com as classes superiores.

Fato crucial para Hitler foi que Putzi abriu-lhe a porta da casa de duas abastadas *socialites* de Munique, Elsa Bruckmann e Helene Bechstein. A deslumbrada *Frau* Bruckmann em pouco tempo assumiu a tarefa de torná-lo *salonfähig* — adequado para a sociedade educada —, ensinando-o como beijar a mão de uma dama; como chegar, cumprimentar e partir com elegância e simplicidade; como cortar uma truta, comer uma alcachofra ou uma lagosta.[34] Modificou seus modos bajuladores e a extrema deferência para com pessoas socialmente superiores. Totalmente embasbacadas com sua última descoberta, as duas madames competiram para trocar seu barato terno azul de sarja por ternos feitos sob medida e trajes a rigor de corte elegante, chapéus e reluzentes sapatos de couro feitos à mão, roupas finas que Hitler não teve o menor escrúpulo em aceitar. Elas foram tão bem-sucedidas em transformar seu patinho feio num cisne, que uma velha senhora recordava: “Ele havia dominado cinco diferentes formas de beijar a mão e sabia exatamente que nível era apropriado!”.[35]

Algumas de suas novas admiradoras tentaram bancar a casamenteira, apresentando o recém-criado partidão a jovens apropriadas. *Frau* Bechstein tentou até fazer com que se casasse com sua filha, Lotte,[36] mas, quando o assunto era relacionamento afetivo, para não mencionar sexual, Hitler mantinha distância.[37] Putzi o diagnosticou como um “herói estéril”, acrescentando: “Desde que o conheci [no fim de 1922], presumi que não

mantivesse relações sexuais ortodoxas com mulher alguma. Provavelmente, era incapaz de reagir normalmente à proximidade física feminina”. A imaginação erótica de Putzi era rica, mas, nesse caso, ele tomou a trilha errada.

O motivo pelo qual Hitler não queria nada com jovens casadoiras era que, como inúmeras pessoas que tentavam a escalada social, ele tinha medo da exposição. Mas havia ainda um outro motivo, mais convincente. Era impossível esquecer que carregava em seus genes um segredo que ia contra a própria base da ideologia racial nazista. Quando criança, ele não atinara com o significado dos irmãos deficientes, mas, assim que percebeu as implicações, aqueles genes imperfeitos e incestuosos tornaram-se o medo mais profundo de Adolf Hitler.^[38] Por toda a vida, ele se recusou a cair nas malhas do matrimônio. O risco de gerar filhos imperfeitos era grande demais.

Hitler podia não estar preparado para se casar com as filhas, mas explorava de bom grado suas benfeitoras. Estas, junto com amigos, engordaram os subsídios ao NSDAP, persuadiram pessoas como elas a se filiar ao partido, criaram um perfil de classe mais amplo para os nazistas e fizeram com que as advertências apocalípticas deles soassem muito mais convincentes. A maioria dos novos membros pertencia a comissões da Igreja, clubes esportivos, gastronômicos, industriais, lastreando o partido rústico e inexperiente em cidadãos sólidos que contribuíam com um ar de respeitabilidade àquele bando de desgarrados sociais. Dentro de dois ou três anos o Partido Nazista acolhia proprietários de terras, professores e profissionais; pessoas firmemente conservadoras que se juntavam para proteger seu ameaçado estilo de vida, seus valores religiosos e familiares tradicionais. Ao mesmo tempo, Hitler era astuto o bastante para não abandonar os antigos discípulos. Continuava a encontrá-los para uma xícara de chá e uma fatia de bolo em seus cafés favoritos — Café Heck e Café Weichand — e a exercer seu domínio intimidador sobre eles nas barulhentas cervejarias de Munique. Hermann Göring desprezava-os, “um punhado de beberões esfarrapados com um horizonte provinciano e limitado”.^[39] e assim era, geralmente, mas eram da mesma procedência que Hitler e ele se sentia mais à vontade em sua companhia do que nas perfumadas salas de visitas das madames Bruckmann e Bechstein.

Outra fonte de respeitabilidade intelectual dos nazistas era Bernhardt Stempfle, um professor da Universidade de Munique que Hitler conheceu por intermédio de Heinrich Hoffmann. Stempfle editava um jornal — pouco mais que um libelo racista — chamado *Miesbacher Anzeiger*, *Miesbach Reporter*, com valioso apoio de seus alunos.^[40] Sua adulação estridente ajudou a inflar a visão que Hitler tinha de si mesmo como uma figura messiânica.

Com as primeiras fantasias enfim se tornando realidade, Hitler empenhou-se em transformar o partido num rolo compressor político. A turba de descontentes estava a seus pés e, embora a burguesia em cima do muro encarasse sua bufonaria rufianesca com desprezo, Hitler sabia que a liderança do partido implicava tolerar — quando não encorajar em segredo — as manifestações de rua, que eram o combustível da ralé. Ela precisava de agitações e explosões violentas de racismo. Estava muito mais propensa a

espancar judeus e oponentes políticos do que a seguir com o trabalho sério de angariar membros e levantar fundos. As organizações jovens nazistas combinavam disciplina com delinquência, mas, embora o partido pudesse fazer vistas grossas, Hitler tinha de proteger sua imagem. Em 1923, as autoridades começaram a se alarmar com a militância nazista e com a velocidade com que o movimento crescia;^[41] e com os métodos rudes reservados a seus oponentes e a intensidade espetacular de suas reuniões públicas.^[42] Isso se tornou a base apodrecida da imagem recém-saneada de Hitler.

No fim de 1923, o *Führer* e seus camaradas haviam se convencido de que a República de Weimar estava prestes a entrar em colapso. Chegara o momento de tirar vantagem da ira do povo: o NSDAP tinha de agir, pública e decisivamente. Mas, em seu entusiasmo exacerbado, fracassaram no planejamento de uma tática detalhada, agiram depressa demais e avaliaram mal o momento. Um *putsch* super ambicioso e prematuro contra o governo bávaro, nos dias 8 e 9 de novembro de 1923, durando várias horas e envolvendo 3 mil homens e muita violência nas ruas, foi frustrado, mas não antes que a SA perseguisse, prendesse, espancasse e por pouco não assassinasse inúmeros judeus. As primeiras vítimas dos Eventos Negros já eram caçadas bem debaixo do nariz dos cidadãos de Munique.

Pela primeira vez, o mundo da política foi impingido a Eva e sua família. O Putsch da Cervejaria (Bierkeller Putsch), também conhecido como Putsch de Munique, ocorreu não muito longe de onde moravam. O pior da violência foi restringido e se concentrou na Residenzstrasse, perto da Odeonsplatz, a poucas ruas do modesto apartamento dos Braun, na Isabellastrasse. A família — como tantos residentes diretos de Munique — acotovelou-se nas janelas no entardecer de 9 de novembro, assistindo às figuras em pânico na rua lá embaixo fugir dos tiros que deram fim ao abortado golpe. Tudo aquilo só fez crescer o desprezo que *Vater* Braun, com seus princípios elevados, nutria pelo Partido Nazista, seu líder e seus toscos seguidores. Sem dúvida o episódio foi motivo de discussão à hora da ceia, em torno da mesa do *Kalte Platte* — preciosas fatias de carne fria, linguiça e queijo enviados de Beilngries, luxos impossíveis de serem obtidos em Munique —, acompanhado de pão preto de centeio. Eva teria apenas onze anos na época, mas certamente ficou furiosa por perder o drama. Armas! Tiros! Igualzinho a um tiroeteo numa história de caubói de Karl May.

O Putsch da Cervejaria, em novembro de 1923, custou quase duas dezenas de vidas: catorze nazistas — mais tarde glorificados como mártires do partido —, quatro policiais e um infeliz garçom que passava. Os agitadores se dispersaram o mais rápido possível. Hitler se feriu, mas dificilmente de modo heroico — ele caiu e deslocou o ombro quando fugia da Odeonsplatz, vórtice da violência. Foi conduzido à segurança pelos colaboradores mais próximos e buscou refúgio com seu novo amigo Putzi e sua esposa, na casa deles em Uffing, Staffelsee, a cerca de sessenta quilômetros de Munique.

A polícia encontrou Hitler escondido no sótão dos Hanfstängl e, em fevereiro de 1924, ele e alguns de seus capangas compareceram ao tribunal sob a acusação de alta traição. Heinrich Hoffmann registrou o julgamento com uma câmera escondida debaixo

do casaco. Hitler foi considerado culpado de conspirar para fomentar a rebelião contra o Estado bávaro e sentenciado a cinco anos na prisão de Landsberg, junto com outros quarenta membros do Partido Nazista. Mais tarde diminuíram a sentença para nove meses. Na prisão, ele recebeu tratamento privilegiado, com visitas extras e comida especial. Aos olhos de seus seguidores cada vez mais fanáticos, o fato de estar na cadeia só aumentava seu carisma.

Sua meia-irmã, a viúva Angela Raubal, a quem não encontrava havia vários anos, foi visitá-lo com os três filhos, fazendo a viagem de Viena até a prisão a 17 de junho de 1924. Foi um gesto delicado e conciliador. Ela deve tê-lo imaginado deprimido, solitário e faminto. Na verdade, o meio-irmão estava alojado com algum conforto num quarto amplo e ensolarado. Evidentemente, Adolf Hitler sentia algum afeto por ela, já que se dera ao trabalho de manter contato ocasional após a morte de seu marido, em 1910, embora, assim que trocou Viena por Munique, raramente se vissem (se é que se viram).

Em 1919, *Frau* Raubal conseguira arranjar trabalho, cozinhando — a única coisa que sabia fazer — num albergue para alunos judeus em Viena, o que significava que tinha de aprender a preparar comida *kosher*. A família Raubal enfim tinha uma fonte de renda regular. O emprego a mantinha longe das três crianças pelo dia todo, mas como o mais velho, Leo, estava agora com doze anos, a filha mais velha, Geli, com onze e a quieta irmã dos dois, Elfriede, com nove, elas eram capazes de cuidar de si mesmas depois da escola. A tia Paula estaria em casa, não que a despreocupada e simples *Tante* Paula fosse de grande ajuda. Os anos de juventude das crianças Raubal durante o período de desintegração nacional de Weimar (1919-1933) foram duros, mas, graças à cozinha do albergue, nunca passaram fome. Leo cresceu forte com as sobras da comida *kosher* e Geli tornou-se uma jovem de formas positivamente generosas.

Os nove meses na prisão possibilitaram a Hitler refletir com mais profundidade. Como acontece com tantos agitadores políticos, a cadeia lhe proporcionou uma nova chance e ele mais tarde descreveu a detenção forçada como “minha universidade às expensas do Estado”. Ali, pela primeira vez, suas ideias borbulharam e fermentaram, resultando na poção amarga do nazismo.^[43] Ele lia extensamente e ditou a primeira parte de *Mein Kampf* ^[44] — uma mistura venenosa de racismo, mito, obsessão e filosofia política — a Rudolf Hess, seu servil seguidor, e Emil Maurice, o chofer, preso junto com ele. Quando saiu da prisão de Landsberg, nove meses depois, em dezembro de 1924, Hoffmann estava lá outra vez para registrar o evento. Uma condição de sua soltura prematura o proibia de falar na maioria dos estados alemães, de modo que, assim que se viu em liberdade, concentrou-se em consolidar o controle sobre o Partido Nazista e seu exército paramilitar. Nenhum rival para sua liderança emergira enquanto estivera preso e o *Führer* sentiu ter adquirido “uma autoconfiança e fé simplesmente inabaláveis”. Como o chefe incontestável de um próspero Partido Nazista com uma ideologia recém-afiada para inflamar seus discursos, era chegada a hora de se reinventar como um nobre patriota de olhar faiscante que indicava para a Alemanha o caminho a seguir e deixar para trás a imagem do homem rústico liderando uma turba de arruaqueiros

fanáticos.

No fim dos anos 20, os simpatizantes contribuintes dos nazistas haviam aumentado de meros 2 mil membros, em 1920, para 180 mil. Esses ardentes seguidores deixavam-se enredar não pela razão, nem pela disciplina, tampouco pela convicção, mas pela sobrenatural capacidade dos oradores do partido de usar o poder subliminar da emoção. A força galvanizante do irracional era sua arma secreta. O NSDAP estava próximo da gente das ruas e era dotado de uma habilidade intuitiva para discernir e personificar seus anseios inconfessos, pessoais ou patrióticos, valendo-se de gigantescas convenções para hipnotizar seu público com a magia negra da oratória hitlerista. Sonhos e emoções primeiro; *depois*, a razão, miolos, estatísticas, fatos, política. Lá estão eles, nos filmes de Leni Riefenstahl, ou nas fotos promocionais, acotovelando-se para ficar mais perto de Hitler, acenando, rindo, chorando, braços para cima, os rostos alemães saudáveis e jubilosos.

Os nove meses de Hitler na prisão não haviam sido tão desconfortáveis assim, mas ele não estava disposto a repetir a experiência. A solução era permanecer na moita quando a destruição perpetrada pelos vândalos nazistas tornava-se maior do que as debilitadas leis alemãs estavam preparadas para tolerar. O que ele precisava era de um buraco para se esconder. Para isso, escolheu a Baviera.

BAVIERA, O IDÍLIO GERMÂNICO

A BAVIERA ERA TERRA NATAL de Eva. A natureza da jovem reagia ao desafio físico assim como à beleza das montanhas e pinheiros, das paisagens de inverno e verão, dos lagos gelados e campos verdejantes sob a luz trêmula, enquanto seu espírito se exaltava com o crucifixo existente em cada trilha, loja ou cozinha. A devoção religiosa nessa área do sul da Alemanha é parte da vida cotidiana das pessoas. Os bávaros cumprimentam e se despedem uns dos outros com as palavras “*Grüss Gott!*” — “Deus o saúda!”. (Deve ter sido necessário um bocado de prática para substituir isso por “*Sieg Heil!*”.) Ela passara dois anos de seu período de formação, dos sete aos nove, quando uma criança é mais impressionável, com os avós em Beilngries, enquanto seus pais faziam as pazes, e ao longo de toda a sua infância a família passou férias ali. Mais tarde, quando jovem, Eva muitas vezes se trajava conforme o costume local: vestido florido de corpete com saia folgada e avental, sobre uma blusa branca franzida e decotada, exatamente o uniforme que um macho sexista sonharia para uma fêmea aquiescente — o avental significando disposição para a cozinha ou os cuidados maternos; o vestido florido, beleza feminina; a blusa branca, higiene e dotes na lavanderia; e o decote, disponibilidade fértil. O conjunto completo transmitia inocência infantil e submissão, exatamente o que Hitler esperava de uma mulher. Alguém pode imaginar que, dada sua preocupação com a moda, Eva só usasse uma combinação dessas sob protesto, mas parece que não era assim. Segundo a prima Gertraud, ela adorava.

Embora tenha crescido em Munique, seus álbuns quase não contêm fotos da família Braun na cidade. O cenário da maior parte delas é a montanha ao fundo e piqueniques de beira de estrada, passeios de esqui, caminhadas até lagos e quedas-d'água, campos floridos; Eva posando reclinada, tomando sol; pescando trutas ou montando numa vaca; a destreza atlética de Eva em esquis, patins ou botas de caminhada. O cantado sotaque da Baviera, ainda mais afetuoso com diminutivos e expressões de carinho, saía naturalmente de seus lábios. Os vilarejos como que de brinquedo, com seus chalés e pilhas de lenha, vacas balançando o sino e cabras pastando, eram familiares e tranquilizadores. Ali era o lar — *Heimat* —, com a profunda ressonância emocional que as palavras carregam para os alemães. Ali, no cenário de suas lembranças de infância, Eva se sentia feliz.

Hitler não era bávaro, tampouco alemão de nascimento. Ele revogara sua cidadania austríaca em agosto de 1925, mas, de modo surpreendente para alguém que aspirava a liderar e dar nova vida à Alemanha, permanecera sem nacionalidade por sete anos. Só adotou a cidadania alemã em fevereiro de 1932, bem a tempo de se candidatar a chanceler. Mas também se sentia à vontade na Baviera e essa ligação comum com o sul

criou um forte laço entre ele e Eva. O fato de que o colégio onde ela estudara ficava a menos de um quilômetro de Braunau, a cidade de seu nascimento e onde seu pai trabalhara como inspetor alfandegário, foi profundamente significativo. A infância de Hitler não fora feliz e suas lembranças eram confusas, mas ele gostava do povo bávaro, de suas vozes, modos e temperamento, e entre eles sentia um conforto que não encontrava com nenhum outro de seus conterrâneos. Inconscientemente, teria reconhecido em Eva algo que exercia sobre ele um apelo instantâneo.

Era natural, portanto, que durante os violentos anos iniciais do Partido Nazista, quando precisou de um refúgio tranquilo, Hitler procurasse a Baviera. Ali ele se instalou num vilarejo montanhês de cinquenta casas chamado Obersalzberg, bem acima da pitoresca cidadezinha de Berchtesgaden, um *resort* para a moda entre cidadãos abastados de Munique. A Baviera convida, quase obriga, as pessoas a comungar com a natureza, percorrendo trilhas nas florestas e respirando o ar puro e vigoroso, como se o exercício físico fosse bom não só para a saúde, mas também para a “germanidade”. Comungar com a natureza e comungar com o passado tornam-se uma mesma coisa. O exercício físico era um imperativo moral; a preguiça, degeneração, desperdício de um corpo saudável. As pessoas empreendiam caminhadas animadas e determinadas, balançando os braços e inalando profundamente. Vagar sem rumo com os ombros caídos e a cabeça baixa era antialeão; demonstrava falta de autoestima.

Nós nos esquecemos de quanto as pessoas costumavam andar — em geral, de um ponto a para um ponto b, da casa para a escola, a igreja, o açougue, a padaria, a estação — antes que os carros se tornassem onipresentes. E também caminhavam por prazer. Hoje em dia, os jovens urbanos tendem muito mais a se exercitar em academias, mas setenta anos atrás esse tipo de coisa era sobretudo para boxeadores e as pessoas preferiam fazer ginástica sincronizada ao ar livre ou andar de bicicleta o dia inteiro, corando os membros com o brilho dos músculos sob o vento e o clima. Mas, na maior parte do tempo, andavam — alegremente, em grupos, cantando conforme o faziam.

Embora gostasse de projetar a imagem de um vigoroso homem da natureza, Hitler não era um grande adepto das caminhadas. Preferia se entregar a ocupações mais amenas, como conversar, ler ou ir à ópera. Uma das poucas pessoas a quem dava ouvidos era Dietrich Eckart, cuja filosofia antisemita tanto admirava. Hitler tornou-se seu devotado seguidor. Visitara Berchtesgaden com o amigo pela primeira vez no inverno de 1922, não vendo nenhum empecilho no fato de que naquele estágio da vida Eckart era alcoólatra. (Vários amigos de Hitler bebiam pesadamente e, algo estranho para um abstêmio, ele parecia não se importar.)

Eckart tornara-se uma figura paterna para ele, ao passo que para o mentor o fanatismo de Hitler o elegia como o homem destinado a pôr em prática seu extremo racismo e ideologia nacionalista.[1] Em Obersalzberg, a dupla, junto com Rudolf Hess, entregava-se a longas discussões noite adentro para formular e refinar o programa subjacente ao pensamento nazista, de modo a torná-lo palatável e atraente para um

público amplo. Mesmo após a morte precoce de Eckart, em dezembro de 1923,^[2] o *Führer* continuou a achar esse retiro nos Alpes tão propício que voltaria diversas vezes para usufruir da beleza das montanhas, aliviar o estresse e desanuviar a mente. E foi ali que alugou um pequeno chalé, onde escreveu a segunda parte de *Mein Kampf*. Na mitologia nazista, o lugar ficou conhecido como *Kampfhäusl* — diminutivo bávaro que poderia ser traduzido como Casinha, ou Chalezinho, da Luta. A paisagem e as tradições do lar adotado na Baviera desempenharam importante papel em moldar a visão de Hitler para o destino da Alemanha, tal como se encontra em *Mein Kampf*. Isso, aliado à proximidade de Braunau e Linz, onde passara parte da juventude, foram os principais motivos para escolher Obersalzberg como a estufa de seu desabrochar político, bem como sua casa quando não estava em atividade. Ali se sentia seguro e protegido, entre gente semelhante.

A Baviera tem muita coisa em comum com a Áustria, a Suíça e as províncias alpinas e dos Alpes Dolomíticos da Itália setentrional. A observância da lei e da ordem, cidadania, higiene, energia, tradição, assiduidade na igreja é valorizada. Os bávaros encarnam a gente *de bem*. Essa província bem organizada no sudoeste da Alemanha prestava-se à natureza gelida e autoritária de Hitler, ao mesmo tempo que satisfazia sua lascívia pelo épico. Hitler era um admirador de tudo que fosse em grande escala — história, arte, ópera, construções, retórica. A Baviera pareceu alimentar e cultivar a ideia que fazia de si mesmo como o *Führer* destinado a comandar tudo aquilo — e futuramente toda a Alemanha —, o líder sobre-humano, o *Übermensch* preconizado por Nietzsche.

Hitler também buscou inspiração na mitologia e na memória popular da Baviera. Os sete picos da cordilheira de Wachensberg, em torno do Königssee, o lago abaixo de Obersalzberg, eram chamados de Rei, Rainha e suas cinco filhas, remontando a antigas lendas de bruxas, demônios e santos em que não só os crédulos camponeses como também o próprio Hitler parcialmente acreditavam. Penhascos, vales e despenhadeiros foram tema recorrente na arte alemã por centenas de anos e aquelas paisagens arquetípicas, primitivas e sublimes, estão cravadas no inconsciente alemão.^[3] Picos e pinheiros compõem o fundo torturado e quase sádico dos retábulos quatrocentistas de Matthias Grünewald e são recorrentes nas pinturas visionárias de Altdorfer (que era bávaro), nas xilogravuras de Albrecht Dürer (de Nurembergue) e nos quadros e retratos de Lucas Cranach, que também pintou na Baviera. Esses artistas, com suas representações microscópicas de dor e piedade, refletem uma sensibilidade bávara. No século XIX, paisagens montanhosas eram feitas ao estilo romântico por Caspar David Friedrich, mas então, em lugar de santos e soldados, suas telas exibem figuras pensativas e solitárias recortadas contra o alvorecer ou dourados céus crepusculares. As mesmas escarpas rochosas aparecem inúmeras vezes como cenário das óperas de Wagner, em que heróis da mitologia nórdica com nomes poderosos como Siegfried, Brünhilde, Wotan e Fricka empenham-se numa batalha do bem contra o mal, da justiça contra as trevas. Na literatura, é a mesma coisa: o *Fausto* de Goethe é povoado por um enxame morceguiforme de bruxas, demônios e criaturas sobrenaturais à disposição de

Mefistófeles, o anjo caído que lamenta seu banimento do céu, a quem o erudito Fausto vende a alma em troca do conhecimento infinito.

As montanhas e vilarejos de brinquedo da Baviera despertavam alguma coisa supersticiosa e infantil em Hitler, um lado de sua natureza que ficara antes paralisado do que amadurecera após a morte de sua mãe. Ele era sentimental com crianças e cachorros, embora também fascinado com a crueldade. Na infância, Adolf devia ter ouvido histórias de caça a bruxas (reais, eventos históricos), remontando, na memória coletiva, ao fim do período medieval, quando essa província do sul da Alemanha perseguiu, julgou, declarou culpadas e enforcou mais bruxas do que qualquer outro estado.[4] A representação de mulheres de idade como velhas horrendas e malévolas, assim como as caricaturas divertidas de judeus ou deficientes com o nariz torto, dissimulados, fazendo careta ou de rosto deformado, encorajavam a crença subliminar de que todo aquele que não se conformasse à norma ariana idealizada merecia o ostracismo dos alemães de sangue puro. Cabelos loiros atraem racistas, particularmente os nazistas, embora nada mais sejam do que um traço genético desenvolvido em climas de pouca exposição ao sol. O escritor judeu vienense e jornalista Joseph Roth, um observador astuto e profético, disse num artigo para um jornal berlinense, em 1924: “A gente as vê nas estações de trem, as garotas em flor com seus cabelos loiros cor de trigo, nascidas para ser mães, mas transformadas em Fúrias políticas”.[5] A loirice definia o significado de ser ariano e talvez haja mesmo qualquer coisa especialmente pura e atraente em mulheres jovens e loiras. A propaganda nazista encorajava toda a nação alemã a pensar assim.

Tais foram os estereótipos e panoramas que inspiraram a visão da Alemanha hitlerista e o permitiram seduzir o *Volk* com seu próprio antisemitismo espumante. Ninguém, naquela altura, poderia ter previsto quão longe iria ele a fim de pôr isso em prática.

No verão de 1948,[6] meus pais, com minha irmã menor e eu, descemos a *Autobahn* em nosso Volkswagen (um antigo modelo do carro do povo, o 1946, com a janela traseira dividida) para passar o feriado em Garmisch-Partenkirchen, vilarejo nas encostas do monte Zugspitze. Era o mais longe possível de Nordenei, a estância de férias no Mar do Norte onde minha mãe passara tantos fins de semana quando era criança, nadando nas águas cortantes do mar gelado, correndo através do capim alto da praia e cantando em torno da fogueira do acampamento à medida que o entardecer de verão mergulhava na noite. Os anos 20 e 30 foram o auge das *Wanderlieder* — canções vigorosas com as quais se marcavam o ritmo de uma marcha —, atividade que minha mãe tentou em vão reviver conosco. Ela falava um bocadinho sobre a *Wandervogel*, uma organização pré-nazista para jovens, baseada em algo tão pouco político quanto o prazer de caminhar e cantar. A pobre Ditha sofria com a saudade desses tempos despreocupados, que para ela não portavam mácula alguma, nenhuma insinuação nazista, mas foram simplesmente os dias mais felizes de sua juventude. Ela tentou resgatar essas *Wanderungen* com sua família ociosa e

relutante, mas meu pai e eu odiávamos caminhadas e minha irmã era pequena demais para acompanhar o ritmo. Em Garmisch-Partenkirchen, fomos todos forçados a empreender longas caminhadas salutares montanha acima e galgar uma encosta mais íngreme que a outra, atravessando bosques de pinheiros cujas sombras irregulares emprestavam frescor a nossa trilha. Eu ficava sem fôlego, minhas pernas doíam com o esforço extenuante da caminhada e minha franja caía o tempo todo na frente dos óculos embaçados, mas, olhando para trás, sinto que foram dias felizes.

A cidadezinha de Obersalzberg dominava o vale do rio Ach e das alturas acima de seu chalé Hitler podia, num dia claro, descortinar toda a paisagem até Salzburgo, trinta quilômetros ao norte. Nurembergue, que em breve se tornaria um vasto auditório para as triunfantes convenções do partido, ficava a poucas horas de carro e Bayreuth, onde as óperas de Wagner eram encenadas segundo a visão do mestre, a meio dia de viagem. A paixão que Hitler nutria por Wagner, despertada havia muito, nos dias de sua juventude, em Linz, e satisfeita sempre que surgira a oportunidade desde então, intensificou-se em setembro de 1923, quando a nora do compositor, Winifred Wagner, convidou-o para ficar. Winifred era uma devotada seguidora do Partido Nazista e proporcionou a Hitler a admiração pela qual tanto ansiava, assim como a ilusão de ser íntimo de uma família distinta — embora seu marido, Siegfried, o achasse “uma fraude e um *parvenu*”.^[7]

Em 1927, Hitler estava sobrecarregado e exausto. As vendas de *Mein Kampf* começavam a chegar à casa dos milhões e ele ficou rico o suficiente para alugar algo mais de acordo com sua posição de líder do Partido Nazista. Encontrou um chalé ideal em Obersalzberg, maior que o *Kampfhäusl*, embora ainda muito modesto. No dia 15 de outubro de 1928, ele assinou um contrato, alugando-o por quatrocentas libras por mês, em moeda atual. Originalmente chamada de Haus Wachenfeld, seria essa o início do poderoso Berghof. Em menos de uma década, iria se tornar o segundo centro de governo da Alemanha, o *playground* do Partido Nazista e seus mandachuvias. O chalé, dotado de um amplo terraço com uma vista estupenda, tinha o tamanho ideal para Hitler e oferecia privacidade e segurança, ar fresco e uma atmosfera aconchegante. Albert Speer, em breve o arquiteto favorito e o colaborador mais estimado de Hitler, visitou o lugar desde o início. Ele se recordava, com um leve torcer dos lábios aristocráticos:

A agradável casinha de madeira de Hitler tinha um amplo telhado de beirais projetados e um interior modesto: sala de jantar, uma pequena sala de estar e três dormitórios. A mobília era uma imitação de estilo rústico alemão antigo e emprestava à casa uma reconfortante aparência pequeno-burguesa. Uma gaiola de canário de latão, um cacto e uma goma-elástica intensificavam essa impressão. Havia suásticas nas bugangas que serviam de enfeite e almofadas bordadas por admiradoras.^[8]

A Haus Wachenfeld foi descrita num artigo da (logo quem!) *Homes and Gardens*, datada

de novembro de 1938 — dois anos depois de Hitler ter ocupado a Renânia, seis meses após a *Anschluss* da Áustria e apenas uma semana antes da *Kristallnacht*, a notória “Noite de Cristal”. O artigo, intitulado “Hitler’s Mountain Home” (“A casa de Hitler na montanha”), é um cansativo *tour* de três páginas sobre o chalé, escrito no pegajoso estilo de uma visita à adorável casinha de uma celebridade menor, como o que se vê hoje em dia em publicações similares. Ignatius Phayre, o pseudônimo do autor (cujo nome verdadeiro era William George Fitzgerald), conta às leitoras:

Faz doze anos que *Herr* Hitler se estabeleceu no local como seu único e verdadeiro lar. O esquema de cores por todo o iluminado e arejado chalé é o verde jade suave. O *Führer* é seu próprio decorador, designer e responsável pela mobília, além de arquiteto [...]. [Hitler] tem paixão por arranjos florais dentro de casa. Ele se deleita na companhia de estrangeiros brilhantes, sobretudo pintores, músicos e cantores. Como anfitrião, é um anedotista hilariante [...].

O artigo era ilustrado com várias fotografias tiradas por Heinrich Hoffmann. *Homes and Gardens* as recebeu da assessoria de imprensa dos nazistas e estavam defasadas em vários anos,^[9] mas onde diabos foram buscar o “anedotista hilariante”?

Tendo encontrado um lugar para morar, o passo seguinte para Hitler era achar alguém que cuidasse dele. Embora distante havia mais de quinze anos, escreveu para sua meia-irmã, a viúva Angela Raubal, sugerindo que trabalhasse como sua cozinheira e governanta, e acrescentando que as crianças também seriam bem-vindas. À primeira vista, era uma solução sensata. Ele podia confiar na discrição da meia-irmã. Talvez até mesmo se sentisse um pouco culpado pelos anos em que negligenciara tanto a ela como seus filhos e estivesse querendo compensar as coisas, embora *Frau* Raubal jamais tivesse procurado a ajuda do meio-irmão perdulário. Empregá-la na Haus Wachenfeld, Hitler deve ter pensado, tornaria a vida dela mais fácil, ao mesmo tempo que lhe garantiria conforto doméstico. Dois coelhos com uma só cajadada. O convite talvez também tivesse algo a ver com o fato de que *Frau* Raubal era especialista nos deliciosos bolos açucarados de que ele se lembrava na infância. Henriette, a filha de seu fotógrafo oficial, Heinrich Hoffmann, escreveu: “Era uma mulher bondosa e compassiva e uma exímia cozinheira de especialidades austríacas. Podia fazer doces de massa folhada leves como uma pluma, tortas de ameixa com canela, um fofo *strudel* com sementes de papoula e cheirosas panquecas de baunilha — todas as coisas irresistíveis que o irmão adorava comer”.^[10]

O convite foi aceito. *Frau* Raubal deixou o emprego em Viena e se mudou para Obersalzberg em março de 1927, levando apenas a filha mais nova, Elfriede. A chegada delas proporcionava a Hitler um gostinho da vida familiar pela primeira vez desde o começo da adolescência, com a meia-irmã cuidando de suas necessidades práticas e Elfriede como uma presença tímida e invisível: ele mal notava sua figura silenciosa buscando e trazendo coisas, arrumando e limpando, abrindo a porta para as visitas. A garota mais velha, sua sobrinha Angela Maria — conhecida desde a infância como Geli,

[11] para distingui-la da mãe — , ainda não se juntara a eles, mas ficara em Viena, planejando partir quando obtivesse o *Abitur* em seus exames finais. Ela já estivera em Munique antes, em 1925, numa excursão com professor e colegas de dezesseis anos. Na ocasião, escrevera para o tio dizendo que gostaria de visitá-lo, mas ele respondeu que não teria tempo. No lugar dele, um de seus ajudantes mostrou-lhe a cidade. Quem sabe fosse o próprio Emil Maurice, o chofer de Hitler, que em breve desempenharia um papel crucial na vida dela.

Geli era uma menina decidida que seguia seu caminho com estilo e entusiasmo, indiferente às opiniões de colegas e professores. Devia ser muito inteligente ou muito esforçada, pois, de um modo ou de outro, tirou o *Abitur*, a primeira pessoa em sua família a conseguir tal coisa. Em julho de 1927, o tio em pessoa foi recebê-la na estação de Berchtesgaden, no desembarque do trem. Se alguma lembrança ela ainda guardava, seria de um rapazola magrelo e desalinhado que só falava em política. Ele provavelmente esperava uma colegial tímida de trancinhas. Deve ter sido um tremendo choque para ambos.

GELI, HITLER, EVA

Durante os dois anos extras que passou estudando para o *Abitur*, Geli se transformara de adolescente numa jovem formosa e autoconfiante. Ela e o tio compartilhavam dois parentescos morbidamente próximos (o esquentado Alois era não só pai de Hitler como também avô de Geli e, obviamente, a mãe de Geli, Angela, era meia-irmã do *Führer*), mas, a julgar pelas fotos, não se parecia nem um pouco com ele. Hitler era pálido, ela tinha a tez morena; os olhos dele eram azul claros, os dela, castanhoescuros; ele tinha o cabelo fino e liso, ela, grosso e ondulado. Suas personalidades tampouco eram semelhantes. Ela era animada, desafiadora e amante de prazeres, e seu interesse pelo sexo oposto já sugeria um impulso sexual saudável. Hitler era austero, inibido e controlador. Contudo, sob a superfície, tanto o tio como a sobrinha eram altamente emotivos, propensos a acessos de mau humor ou depressão, mudanças súbitas de disposição e amuos. Nenhum dos dois sabia disso — tampouco praticamente qualquer outra coisa — sobre o outro. O relacionamento entre eles estava baseado numa infinidade de pressupostos falsos. Ela achava que ele lhe proporcionaria dinheiro e status e deixaria que seguisse com sua vida; ao passo que Hitler, desde o instante em que reviu a sobrinha, em julho de 1927, planejou transformá-la num modelo de feminilidade juvenil, uma Miss Deutschland exemplar.

Com Geli ele podia desempenhar o papel de mentor e protetor, guia e confidente. Hitler decidiu que a sobrinha tinha talento e que deveria estudar mais. As lacunas em sua própria educação — independentemente de terem sido em grande parte culpa sua e de mais ninguém — irritavam-no. Era sua vontade sustentar a continuidade dos estudos dela — algo surpreendente para alguém que acreditava que o papel da mulher se resumia a ser mãe e esposa. Geli pensou em se tornar médica e, em outubro, mudou-se para a Pension Klein, ingressando no curso de medicina da Universidade de Munique. Mas não persistiu nisso por muito tempo. Em seguida, decidiu que deveria ser cantora, e assim o tio pagou por suas aulas de canto. Ele acordava cedo para ir buscá-la e ficava junto à porta, do lado de fora, ouvindo-a pelejar com as árias. Em breve ela abandonou também essa ideia. Após quase duas décadas de pobreza, a árdua criação, a ausência de um pai (ele morrera quando estava com dois anos) ou qualquer outra presença masculina para orientá-la, não estava muito disposta a se submeter a um homem e não tinha o menor desejo de penar anos de trabalho duro a fim de qualificar-se profissionalmente. Queria se divertir. Liberada da restritiva rotina escolar, mal podia esperar para praticar seus dotes com o sexo oposto.

Aos dezenove anos, Geli Raubal esbanjava charme. Embora sua beleza não fosse do

tipo clássico, conta-se que os homens paravam na rua para vê-la passar, magnetizados por sua pura exuberância física. Outros enxergavam uma garota comum e atarracada de pernas grossas. Essa mesma contradição pode ser percebida nas fotos. Nos retratos de estúdio feitos por Hoffmann, suas bochechas gorduchas e o queixo quadrado revelam com muita clareza a apática dona de casa que poderia facilmente ter se tornado.^[1] Em outros, especialmente instantâneos que a capturam num momento descuidado, ela cintila de vitalidade e *sex appeal*. Uma das fotos tiradas na Haus Wachenfeld a mostra usando um boné de estudante inclinado num ângulo provocante com paletó de *tweed* superlargo e calças compridas, antecipando o filme *Annie Hall* em quatro décadas. As mãos enfiadas nos bolsos, o quadril projetado para a frente, um cigarro pendendo dos lábios (Hitler odiava mulheres fumantes), ela sorri perversamente, desafiando qualquer convenção burguesa. Geli não se submeteria facilmente a um homem. Talvez, de forma consciente ou não, estivesse copiando a sexualidade ambígua de Marlene Dietrich, inteiramente feminina, hipnoticamente masculina, flertando com a androginia. Outras fotos mostram Geli erguendo o traje de banho para exibir as coxas desnudas e roliças ou puxando a saia bem acima dos joelhos enquanto finge mostrar o corvo domesticado empoleirado em seu colo; ou refestelando-se languidamente em piqueniques, bancando a palhaça, exibindo os dentes brancos, rindo abertamente para a câmera. Geli zombava do glamour. Original ao ponto da excentricidade, era do tipo Sally Bowles: estranha e magnética. Se conseguisse cantar, ainda que só um pouquinho, poderia ter sido uma grande artista de cabaré.

O efeito que Geli exerceu sobre Hitler foi notável. O interesse avuncular logo enveredou para uma paixão feroz e possessiva, arrastando ambos num relacionamento que os subjugou por sua intensidade emocional. Ecoando de modo perturbador sua mãe Klara, que costumava chamar o marido de “*Onkel Alois*”, tio Alois, Geli o chamava provocativamente de “*Onk Alf*”, tio Adolf. Também ela era parte do disfuncional clã dos Hitler, cujas raízes profundamente entrelaçadas retrocediam à pequena comunidade rural. Mais uma vez, o incesto espreitava a família Hitler.

Onk Alf logo abandonou o papel de tio protetor e sempre presente para assumir o de namorado ciumento e sempre presente. Em pouco tempo ela o seguia em eventos sociais como sua acompanhante, prerrogativa mais do que excepcional, dificilmente concedida a qualquer outra mulher. Baldur von Schirach, membro de seu círculo íntimo, recordou a primeira impressão que teve:

Hitler de repente apareceu no meio de nós e eu raramente o vi com aparência tão feliz. Em seu tom de voz havia um misto de orgulho e ternura quando apresentou “Minha sobrinha, *Fräulein Raubal*”.

A garota ao lado de Hitler era de tamanho mediano, bem desenvolvida, com cabelos escuros, mais para ondulados, e olhos castanhos vivos. Seu rosto redondo corou de vergonha quando entrou no recinto com ele e notou a surpresa que sua presença causava. Eu também fiquei olhando para ela por um longo tempo, não porque fosse bonita de se olhar, mas porque foi simplesmente espantoso ver uma

jovem ao lado de Hitler aparecendo numa grande reunião de pessoas.[2]

O velho amigo de Hitler, Putzi Hanfstaengl, descreveu Geli como “uma putinha cabeça oca sem cérebro nem caráter”, mas Putzi era um malicioso notório e com o tempo iria usar palavras muito parecidas para falar de Eva. Suas descrições não são confiáveis. Comparemos seu desprezo com a admiração pegajosa de Hoffmann: “[...] uma jovem adorável e segura, que com seus modos singelos e des preocupados cativava a todos. Geli Raubal enfeitiçava as pessoas [...]. Conseguia, com sua mera presença, deixar a todos no melhor dos humores; todo mundo, sem exceção, era devotado a ela”. [3]

Havia inúmeros motivos para Hitler se sentir atraído pela sobrinha, a despeito do fato de ela ser exatamente o tipo oposto da jovem com quem em geral flertava. Ela o lembrava sua juventude em Linz e Viena, onde ele almejava ter o mesmo tipo de personalidade magnética e anticonvencional. Sua inquebrantável autoconfiança respondia por grande parte de seu encanto, mas, para o tio, isso também representava uma ameaça. Dentro de poucas semanas já não se satisfazia em tê-la morando em Obersalzberg, o que significava vê-la sobretudo nos fins de semana, mas a queria por perto em Munique o tempo todo. Sua obsessão com a virgindade de Geli tornou-o irracionalmente exigente. Ele justificava seu comportamento possessivo, explicou Hoffmann, alegando que a sobrinha necessitava de orientação:

Sabe, Hoffmann, fico tão preocupado com o futuro de Geli que sinto que preciso zelar por ela. Amo Geli e poderia me casar com ela, mas você sabe minha opinião a respeito. Quero permanecer solteiro. Assim, conservo o direito de exercer influência sobre seu círculo de amizades até o momento em que encontrar o homem certo. O que Geli vê como uma compulsão é simplesmente prudência. Quero impedir que caia nas mãos de alguém inadequado.[4]

Se o relato é preciso, Hitler estava enganando a si mesmo. Putzi Hanfstaengl certa vez o flagrou lançando um olhar aparvalhado para Geli quando achou que não havia ninguém observando. “Nós a encontramos certa ocasião com Hitler no teatro Residenz [...] estavam numa das galerias laterais durante o intervalo e Hitler a fitava tolamente com ar apaixonado, julgando que ninguém o observava, mas, assim que me viu, mudou o rosto para o aspecto napoleônico”. [5]

Mesmo se Adolf Hitler não levasse o casamento com Geli em consideração, os amigos notavam a carga erótica entre os dois. Não havia como saberem que isso era fatalmente vedado pelo que então se chamava de “sangue ruim”, por causa dos cruzamentos consanguíneos em Strones, vilarejo onde nascera seu pai. Hitler, que defendia o uso do assassinato eugênico para criar uma raça de seres humanos perfeitos, cultivou por toda a vida o medo de que seus genes carregassem o estigma da incapacidade física e mental. Nesse caso, era mais do que provável que Geli também os tivesse, duplicando o risco. Casar com ela estava fora de questão; ter filhos era impensável.[6]

Mesmo assim, Hitler se apaixonara pela primeira vez na vida; um amor confuso, inconveniente, passional. Os sentimentos de Geli eram difíceis de interpretar. Ela se gabava do poder que exercia sobre o tio, mas resistia às tentativas dele de cercar sua liberdade. Hitler estava diante de alguém que era incapaz de dominar — fosse distribuindo ordens ou presentes, fosse trancando-a. A despeito de si mesmo, Hitler ficara fascinado com aquela “criança indomável” e se enfurecia com sua resistência. Ela precisava ser livre, se divertir, flertar, dançar, ir ao cinema, fumar e beber, conhecer algum jovem belo e atraente e se casar. Tudo que ele a impedia de fazer. Ele a levava consigo a toda parte: às refeições na Osteria Bavaria, à ópera e a piqueniques no campo. Nos fins de semana, se não estava fora resolvendo assuntos do partido ou fazendo discursos, geralmente iam para Obersalzberg, embora a presença da mãe dela devesse inibir qualquer pensamento, para não falar da consumação, do sexo, uma vez que nessa época a Haus Wachenfeld não passava de um pequeno chalé. Angela Raubal não tinha consciência da paixão que Hitler nutria por sua filha ou será que fazia vista grossa, na esperança de que Geli um dia ficasse a seu lado como a primeira-dama da Alemanha?

No dia 5 de agosto de 1928, um ano após a chegada à Haus Wachenfeld, Geli se mudou para um quarto ao lado da base de Hitler em Munique, na Thierschstrasse, 43, a alguns passos de distância do rio Isar, numa área da cidade chamada de Isartor, bem distante das tentações boêmias de Schwabing, com seus cafés enfumaçados cheios de estudantes faladores e famintos. Isso significava que seu tio podia ficar de olho nela, mas ele nunca esquecia que os outros estavam de olho *nele*. Hitler era o coração pulsante do Partido Nazista, o criador e porta-voz de sua ideologia, reverenciado pelos homens e adorado pelas mulheres. Não ousava se meter num escândalo, muito menos com sua sobrinha. Apesar dos exagerados boatos ao longo dos últimos oito anos que o ligavam a um sem-número de mulheres glamourosas, elegantes ou famosas, ele continuava sendo, quase com toda a certeza, virgem. A popularidade e a proeminência crescentes obrigavam-no a ser discreto em público. Já havia bastante fofoca do jeito que estava e os oponentes políticos procuravam capitalizar em cima da constante presença de Geli. À mesa, ela sempre se sentava a seu lado e era a única pessoa com permissão de interrompê-lo. Cortava seus monólogos com um muxoxo de impaciência, contava uma piada ou uma história engraçada, ao que ele emprestava os ouvidos indulgentes, encantado em vê-la divertir os convivas — mais do que todos, ele próprio. Hitler tinha pouco senso de humor (embora alguns digam que era um bom mímico), mas apreciava muito quem o fizesse rir. As piadas pouco convencionais de Geli o deixavam escandalizado, mas ela tinha permissão de quebrar suas regras: como as de que mulheres não deveriam chamar a atenção para si na companhia masculina e jamais deveriam ser vulgares. Geli, despidoradamente, quebrava as duas.

A despeito da indulgência demonstrada pelo tio em meio a seu círculo íntimo, Geli começava a se agastar com o controle de Hitler. Em 1929, o *Führer* estava cada vez mais preocupado com política. Viajava por toda a Alemanha fazendo discursos inflamados, largando Geli sozinha. Por mais importante e generoso que pudesse ser, não era nada

divertido. Não gostava de jazz, “quente” ou qualquer outro, nem de música sincopada, nem de dançar, na verdade, de nada que fosse moderno, mas não deixava que passasse algum tempo com os amigos dela (que gostavam). Heinrich Hoffmann contou de uma ocasião em que Geli lhe implorou que a deixasse ir a um dos grandes eventos sociais de Munique, o Shrovetide Ball. A princípio, Hitler disse não, afirmando que era seu dever protegê-la. Mas depois enfim cedeu, sob a condição que dois amigos seus a acompanhassem (Hoffmann e Max Amann, ambos com o dobro de sua idade), que trouxesse o vestido para que o examinasse e que viesse embora às onze: hora em que qualquer baile decente mal começava a esquentar. Geli passou a noite entediada e constrangida metida num longo antiquado que escondia completamente seu esplêndido busto. Estava em casa antes da meia-noite, fervendo de raiva. Hoffmann disse mais tarde: “Parecia simplesmente intolerável àquela criança da natureza que ele pudesse querer monitorar cada passo seu e que não lhe fosse permitido conversar com ninguém sem seu conhecimento”.^[7]

Henriette, a filha de Hoffmann, agora com dezessete anos e uma convidada ocasional do círculo em torno da mesa da *osteria*, era uma observadora perspicaz e confiável dos relacionamentos de Hitler. Ela recorda: “Não havia nada que ela [Geli] desejasse menos do que ser vigiada. Estava pronta para novas aventuras, faminta de novas experiências”.^[8] Seu pai chegou à mesma conclusão: “Essa supervisão rígida de cada passo seu, essa proibição de conhecer qualquer homem ou de fazer qualquer contato social normal sem o conhecimento de Hitler era intolerável para uma personalidade que era livre como a própria natureza”.^[9] A pobre Geli, agrilhoada, sonhava em sair sem acompanhantes ou em tomar o trem para Viena e reencontrar antigas colegas de escola (assim como em manter encontros um pouco mais arriscados). Ao mesmo tempo, bastante ciente da adulação que inspirava, Geli relutava em declinar do papel como favorita de Hitler. Gostava do poder que detinha sobre o homem poderoso e o exercia até onde sua ousadia lhe permitia. Ele alternava entre a fúria e a adoração, mas, à medida que o tempo passava, o risco que ela representava a sua imagem pública tornou-se maior do que podia ser tolerado.

Hitler reprimira a pulsão sexual por tanto tempo — até mesmo evitando a masturbação na adolescência, a crer no amigo Kubizek —, que decerto sentia alguma inquietação acerca da sexualidade jamais testada.^[10] Era capaz de manter relações sexuais? Teria sido algum dia? Geli tinha metade de sua idade e era sexualmente inexperiente quando ele a levou para Obersalzberg, mas seus instintos físicos, sem se complicar com escrúpulos, exigiam expressar-se naturalmente. Dois anos era um longo tempo de espera, longo demais, e a demora provocava estragos no relacionamento. Quando foi enfim consumado — se é que o foi, e ninguém pode ter certeza disso, embora pareça mais do que provável —, ela estava com cerca de 21 e ele quarenta, o que a essa altura significaria que havia esperado mais de vinte anos, a totalidade de sua vida adulta, pela experiência de fazer amor com uma mulher. Hitler tinha razão em pensar que, em sua ausência, a sobrinha iria se insinuar para qualquer macho atraente. Incapaz de

continuar protelando suas necessidades, Geli escolheria outros parceiros, e o desejo dele, demasiadamente postergado, coaginou em neurose e ciúme patológico.

Pode parecer impossível que, depois de dois anos vendo um ao outro com frequência quase diária, Hitler e Geli ainda não fossem amantes. Mas para que o relacionamento enveredasse para o plano sexual, necessitavam de privacidade, e talvez tenha sido isso que levou Hitler a procurar uma casa maior e mais segura do que o espremido alojamento em Isartor. Em dezembro de 1929 (poucas semanas após ter conhecido Eva Braun), ele adquiriu um apartamento de nove cômodos na Prinzregentenplatz, 16, uma próspera quadra residencial de classe média no centro de Munique. Custeado e mobiliado pelo partido, o apartamento[11] ocupava todo o segundo andar do prédio e era muito mais moderno e espaçoso do que qualquer outro lugar onde houvesse morado antes. Ele empregou um casal, *Herr e Frau Winter*, para cuidar dos serviços domésticos, enquanto a mãe de Geli, *Frau Raubal*, continuou em Obersalzberg como governanta.

O apartamento não diferia em nada da residência de um burguês sólido e bem situado. Havia a mobília de vime, cortinas com vivos padrões e, no toucador, um espelho de corpo inteiro e luzes na parede. Tapetes macios por toda parte. E também um gabinete de trabalho e biblioteca para Hitler. Duas salas haviam sido abertas para formar uma única espaçosa sala de estar [...]. Hitler gostava de cômodos espaçosos. [12]

Hitler cultivava o mito da própria frugalidade e, embora seja verdade que tivesse gostos moderados, permitia a seu gerente financeiro, Martin Bormann, pleno controle dos negócios. Bormann acabou comprando o quarteirão inteiro da Prinzregentenplatz para Hitler com dinheiro do partido, assim como providenciou para que recebesse direitos cada vez maiores por *Mein Kampf*. Com os cuidados de Bormann, pobre o *Führer* não ficaria. Dois meses depois Geli se mudou, acomodando-se numa suíte no fim do corredor onde ficava o quarto dele. Era um passo temerário que fatalmente viria à tona, mas Hitler deve ter achado que era o único jeito de ficar de olho na sobrinha. Agora podia monitorar aonde ia, com quem se encontrava e quando chegava em casa, sob o olhar vigilante dos guarda-costas, que na prática não passavam de espíões.

Exatamente quando tio e sobrinha dormiram juntos pela primeira vez e precisamente como isso aconteceu permanecem pura conjectura. Os segredos da vida sexual de alguém são o que há de mais recôndito e homens solteiros em posições de poder sempre atraem especulações. Os supostos gostos sexuais bizarros de Hitler foram objeto de teorias exaltadas mas jamais provadas e não existe nenhuma evidência confiável de que os rumores fossem verdadeiros. Putzi Hanfstängl, com onisciência confiante, escreveu em suas memórias:

Observando Hitler e conversando com pessoas próximas a ele fiquei com a firme convicção de que era do tipo impotente, reprimido, masturbador [...].Ele odiara seu pai, um insignificante inspetor alfandegário provinciano, estúpido, subalterno e brutal, e adorara a mãe. Assim que se via sem roupas, tornava-se um perfeito inútil [...] o herói estéril, acho que podemos chamá-lo [nenhuma evidência é apresentada nem confissões são citadas]. Um homem impotente com uma tremenda energia nervosa, Hitler tinha de liberar a tensão de algum modo [...]. Seu erotismo era puramente operístico, nunca operacional. Era, assim, sádico e masoquista [outra vez, nenhuma evidência é oferecida], e na meia-luz sexual de sua vida jamais encontrou alívio físico [...]. Com o tempo, de fato identificou-se com várias mulheres e *o caso de sua sobrinha Geli Raubal, na minha opinião, foi um momento determinante e da mais sinistra natureza* [grifo meu].[13]

Hanfstängl atribui inúmeras práticas perversas a Hitler, afirmando que sua paixão por Geli deveu-se à prontidão dela de cooperar com seus desejos depravados, e acrescentou, eximindo-se: “Apenas soube da história em terceira mão. Não é o tipo de coisa sobre a qual se espera que uma mulher fale a respeito”. O informante em terceira mão não é revelado.[14]

Essa análise da sexualidade de Hitler é tipicamente exagerada.[15] Assim que perdeu suas boas graças, Putzi tornou-se excessivamente desdenhoso dos motivos e do caráter do antigo protegido, mas na década que se seguiu a 1923 de fato passou mais tempo com Hitler do que qualquer outra pessoa, exceto Hoffmann, e sua opinião tem de ser levada em consideração, embora seu desprezo por Geli fique óbvio em cada palavra de suas memórias. A única vez em que ameniza o veneno é num comentário de duplo sentido, quando viu Hitler caminhando ao lado de Geli com um chicote na mão: “E além de tudo, chicotes, pensei, e de fato senti pena da garota”.[16] Na verdade, Hitler muitas vezes segurava um chicote para impressionar as mulheres e controlar seus cães, Wolf, Prinz, Bella e Blondi.

O psiquiatra americano dr. Walter C. Langer, encarregado pelo serviço de inteligência americano em 1943 de elaborar um perfil psicológico de Hitler, concluiu que possivelmente fosse masoquista, embora definitivamente nem impotente nem homossexual, mas Langer trabalhava com informação limitada, parte da qual mais tarde se mostrou errada.

Já houve infinitas especulações sobre os gostos eróticos de Hitler, particularmente em relação a sua sobrinha, com confiantes opiniões disfarçadas de análise de caráter. Todo historiador recria Hitler a sua própria imagem. A “prova”, na maioria dos casos, é tênue e largamente especulativa, dizendo mais sobre o autor do que sobre o tema. Otto Strasser, um subordinado de segundo escalão na ala esquerda do Partido Nazista, insinuou a existência de práticas sexuais indecentes, mas seu testemunho é comprometido por seu desejo de vingança. Em junho de 1934, Hitler ordenaria a execução do irmão mais velho dele, Gregor, na Noite das Facas Longas (um expurgo de

todos os suspeitos de não apoiar o *Führer* completamente) e depois disso Otto sempre dava um jeito de tentar manchar seu nome.^[17] Outros, próximos a Hitler — seu criado particular, a empregada que arrumava os quartos e Albert Speer, íntimo tanto de Hitler quanto de Eva —, descartaram todas essas afirmações sensacionalistas, alegando que a sexualidade de Hitler era perfeitamente normal.

Será que Hitler obrigava Geli a fazer coisas que lhe causavam repulsa? Será que evitava a relação sexual por medo do incesto, satisfazendo-se de outras maneiras? Teria ele, como sugerido postumamente por um psicanalista, fixação anal, encontrando prazer na coprofilia? Ou estariam “*Onk*” Alf e a sobrinha gozando o tipo de vida sexual que é o assunto hoje em dia de colunas para adolescentes em revistas e jornais — sexo oral e talvez anal —, mas que nos anos 30 era visto como depravação, quando não contra a lei? A especulação que faz cêegas na imaginação tem vendido muitos livros, mas a verdade permanece desconhecida e assim será sempre.

De início, nos meses que se seguiram a outubro de 1929, quando Eva Braun conheceu Hitler, não havia rivalidade entre ela e Geli Raubal. Eva o atraiu — sua juventude, seu encanto, sua óbvia *Schwärmerei* (paixão) —, mas ela era um astro minúsculo girando em torno de sua órbita mais remota, junto com dezenas de outras. Hitler gostava de aparecer nos bastidores após uma apresentação de ópera ou balé, para deslumbrar o elenco com seu conhecimento. (Era genuinamente versado nas óperas de Wagner, mas mal-informado e preconceituoso quanto às de qualquer outro compositor.) Naqueles dias antes que Geli o monopolizasse, costumava levar uma ou duas cantoras do coro para jantar, após o que talvez convidasse uma delas para acompanhá-lo até seu apartamento; mas o chofer, pacientemente esperando do lado de fora, sempre levava a garota para casa depois de uma hora, mais ou menos. Os que divulgavam o que acontecia nunca tiveram nada mais saboroso para publicar que algumas carícias delicadas e um bocado de afagos na mão. Mais tarde, depois que ficou obcecado com a sobrinha, sua “Princesa” (como a chamava), esses programas inocentes acabaram. Em 1929, Hitler tinha bons motivos para crer que se encontrava prestes a alcançar o poder. O movimento nazista chegara a um milhão de membros. Ele já dominava o partido; logo, podia ser toda a Alemanha. Não estava disposto a arriscar isso nem pela sobrinha que venerava, muito menos por uma pombinha do coro ou uma balconista adorável. Um escândalo ou uma gravidez, àquela altura, seria catastrófico e Hitler tomava o maior cuidado em evitar os dois.

No entanto, Eva gradualmente começou a se destacar das demais estrelas em sua órbita. O principal atrativo para Hitler estava em sua natureza alegre e no amor indisfarçável que sentia por ele. Possuía o dom de trazer leveza ao ambiente, contagiando os demais com sua faceirice, sendo divertida, inconsequente, ingênua, enquanto Geli, quase quatro anos mais velha e muito mais crítica, tornava-se rabugenta e confrontadora. Ao mesmo tempo, Eva não tinha receio de bancar a atirada, sempre dando um jeito de ficar alguns minutos a sós com Hitler. Em pouco tempo contava às amigas que faria com que se apaixonasse por ela. “Hitler diz que é um solteirão empedernido, mas tem seu

calcanhar de aquiles”, gabava-se, “e vocês vão ver: ele vai se casar comigo!”[18] A prima Gertraud comenta: “Sua vontade já era muito forte e, sob um exterior desajeitado, a determinação dela de se impor pela astúcia na vida de Hitler era *absoluta*. Se a princípio ainda não sabia sobre Geli, Hoffmann logo teria lhe contado”.[19] Eva arriscou-se a persegui-lo abertamente, sem perceber como a devoção evidente fazia com que crescesse ainda mais em sua estima. A franca adoração ao herói era um alívio, depois de todo o melodrama de Geli; as cenas, os acessos de raiva, os gritos, as birras. Podia ser que o partido o idolatrasse, mas ele ansiava pelo amor incondicional de uma mulher e não obtivera isso de Geli, cuja afeição — não que Hitler já soubesse disso — era dirigida a alguma outra parte.

Que Hitler seduzisse Eva enquanto estava envolvido com Geli parece de certo modo improvável, ainda que possível. Ele tinha pouco tempo, ou necessidade, de enredar-se ainda mais nas malhas do sexo; o relacionamento com a sobrinha já apresentava demandas suficientes. Ele via a “pequena *Fräulein Braun*” com regularidade, uma vez que continuava a trabalhar diariamente na Photo Hoffmann, atendendo os enfadonhos clientes, com seus pedidos triviais, ou revelando fotografias na sala escura, no subsolo, antes de voltar para casa a fim de jantar com a família. Eva se consolava no pensamento de que, quando Hitler voltasse à loja, faria questão de conversar com ela; lhe traria pequenos presentes e ocasionalmente a levaria à ópera, quando até mesmo seu cínico chefe teve de admitir que parecia manifestar *algum* interesse na moça. “É assim com todos meus empregados”, Hoffmann alardeava para Eva. Ela sabia que isso não era verdade. Sua prima Gertraud mais tarde tirou as próprias conclusões:

Ele se sentia atraído pela jovem criatura alegre e descomplicada, ainda abaixo da idade do consentimento sexual (legalmente, 21 anos). Era o tipo de homem que teria gostado de pensar em mantê-la em segredo e, sempre que parecia que poderia se tornar inconveniente, simplesmente a evitava. Cercado como estava pelas mulheres mais belas do mundo do cinema e da alta sociedade, Hitler dificilmente se importava com ela.[20]

Gertraud tinha apenas sete ou oito anos na época, de modo que não pode ter visto nada disso em primeira mão, embora muito mais tarde de fato tenha se tornado a confidente da prima. Por ora, os camaradas mais próximos de Hitler não prestavam muita, ou nenhuma, atenção em Eva Braun e, para o público, ela — como Geli — era uma desconhecida.

Em que medida as duas jovens, que haviam dado um jeito, com suas artimanhas, de se impor ao círculo de Hitler e serem toleradas por seus amigos presunçosos e tagarelas, tinham algo de singular? Talvez a maior surpresa fosse que ambas haviam sido criadas como comportadas garotas de classe média, percorrendo trilhas sociais previamente mapeadas rumo ao altar e às fraldas, numa época em que as jovens normalmente vistas na companhia de homens mais velhos eram figuras de má fama do mundo do teatro e

dos clubes noturnos; coristas ou dançarinas tidas como “fáceis”, aquiescentes e — se um escândalo surgisse — manchadas por uma reputação já duvidosa. Munique não era como a Berlim ou Hamburgo documentadas por George Grosz e Christopher Isherwood, cidades cuja vida noturna era decadente, onde até garotas “boazinhas” podiam cair nas drogas e no álcool e andar em carros velozes com jovens perigosos. As colegas com quem Eva crescera, e com quem supostamente deveria passar a maior parte de seu tempo livre, teriam ficado francamente chocadas com seu comportamento nada apropriado de aparecer em público ao lado de homens mais velhos. Se os pais dela soubessem, teriam ficado consternados. No momento, não sabiam de nada e, quando descobrissem, não haveria mais volta.

Quando Eva via Hitler junto com Geli, dificilmente podia deixar de sentir ciúmes — amor e ciúme andam de mãos dadas, sobretudo com garotas de dezessete anos. Sua mãe, Fanny, quando questionada depois da guerra, disse: “Acho que sabia sobre Geli, pois falava nela muitas vezes, mas nunca vi as duas juntas e não sei com que frequência se encontravam”.[21] Geli, nascida em 1908, era quase quatro anos mais velha que Eva, num estágio da vida em que quatro anos fazem muita diferença. Geli parecia adulta e sofisticada, muito acima de sua própria experiência, mas o mais importante era que Hitler a amava: isso ficava óbvio. Contudo, Eva deve ter se sentido encorajada quando começou a ser incluída nas noites de ópera, mesmo isso significando que, como o resto de sua *entourage*, ela fosse forçada a permanecer horas sentada escutando Wagner e a fingir interesse quando o *Führer* punha-se a exaltar as virtudes teutônicas de Siegfried. Em 1930, muitos meses depois de terem se conhecido, ela conquistou um privilégio extra. Hitler convidou-a para se juntar a ele na Osteria Bavaria, que ficava no número 62 da Schellingstrasse, a cinquenta metros do estúdio de Hoffmann.

O *Führer* era um homem de hábitos inalteráveis. Uma vez tendo decidido que gostava de um lugar, ele o frequentaria por décadas. Os cafés Heck, no Hofgarten, e Neumaier eram dois de seus favoritos e o Carlton Teeraum, na Briennerstrasse, outro, mas o preferido era a Osteria Bavaria, por sua comida saborosa e seu ambiente aconchegante. Depois de um dia inteiro elaborando táticas políticas na Braunes Haus, sede do NSDAP na Schellingstrasse, ou revisando o *Völkischer Beobachter*, jornal de propaganda do partido, cuja redação ficava cem metros mais adiante, o lugar era prático e acolhedor. Ele admitia: “Não consigo mais ficar sozinho. Não há nada melhor que sentar à mesa ao lado de uma bela mulher. E em vez de ficar sozinho em casa, saio e vou jantar na Osteria”.[22]

No fim dos anos 20 e ao longo de toda a década de 30, sempre que estava em Munique o *Führer* aparecia diversas vezes nesse restaurante de aspecto comum.[23] De propriedade de um bávaro, Ernst Deutelmöser, a Osteria Bavaria fora fundada em 1890 e caíra desde o início no gosto da comunidade artística de Munique. Um amplo reservado à direita da entrada era protegido por uma cortina que podia ser puxada para proporcionar privacidade, permitindo a Hitler e seu grupo entregar-se à pândega sem ser observados ou interrompidos por algum seguidor mais entusiasmado, embora seus

monólogos exaltados sobre os assuntos usuais — arte, arquitetura e o destino da Alemanha — fossem perfeitamente audíveis para os demais frequentadores. Como era vegetariano e não bebia, apreciava a cozinha do restaurante, em particular a couve-flor gratinada com queijo, embora o lugar fosse especializado em bolos e doces. Eva passaria inúmeras noites ali, tentando não parecer entediada enquanto Hitler falava sem parar com seus parceiros, os suspeitos de sempre: Hoffmann, Himmler, Von Schirach, Bormann e Hess. Pelo menos quando duas ou três jovens os acompanhavam, a conversa não era só sobre política, em consideração a elas. Negócios de Estado jamais eram discutidos na companhia feminina.

Ao final da guerra, a associação muito próxima que o restaurante passou a ter com o nome de Hitler forçou-o a mudar de nome e de perfil. A Osteria Bavaria passou às mãos de um casal do norte da Itália, os Salvatori, e foi rebatizada de Osteria Italiana, embora, à parte o acréscimo de alguns pratos de massa, a cozinha não tenha mudado muito. A *osteria* durou mais de um século, bem mais que o Reich de Mil Anos, e continua a atrair uma variada clientela que inclui grupos de neonazistas e curiosos de todas as nacionalidades.

Almocei ali em agosto de 2003 [24] e a *osteria* parecia ter mudado pouco em setenta anos. O ambiente é escuro, intimista, de pé-direito baixo, com luminárias de papel-pergaminho amarelado presas em aros de ferro que pendem do teto. As paredes forradas com painéis de madeira são decoradas com motivos em estilo bávaro e há um brasão sobre a porta que leva ao antigo santuário de Hitler. Bancos acompanham as paredes onde estão penduradas cenas rústicas de camponeses do século XIX em roupas tradicionais. Escolhi uma mesa de canto perto da entrada, talvez exatamente a mesma em que Unity Mitford se sentara na esperança de ser vista por Hitler. Do lado de fora, a animada população estudantil de Schwabing segue tocando sua vida despreocupadamente, preferindo frequentar um café chamado Schall und Rauch — algo como Barulho e Fumaça, ou, mais exatamente, Bulha e Ar Viciado. Depois do almoço caminhei pela Schellingstrasse e parei diante do número 50, o antigo estúdio de Hoffmann, agora uma loja que vende tecidos asiáticos baratos e mobília do tipo que estudantes gostam e podem comprar. Entalhada em pedra, sobre a porta de entrada de um cirurgião-dentista, está um dos ícones do Terceiro Reich: uma dilapidada águia de asas abertas, indicando que ali foi a sede dos nazistas no começo dos anos 20. A suástica que costumava assinalar a entrada foi apagada. A águia talvez tenha sobrevivido porque, obscurecida pelo tempo, mal se nota. Na medida do possível, Munique removeu todas as ligações com os nazistas de 1920 a 1945, ainda que, a despeito das tentativas de negar esses anos vergonhosos, tênues e insistentes vestígios tenham permanecido. [25]

Hitler passava horas com o grupo de amigos em suas *Lokalen* (bodegas locais) favoritas, onde todo mundo, exceto ele, comia e bebia à farta. O alegre Heinrich Hoffmann já era particularmente chegado a um copo; Göring já era dono de um apetite gargantuesco.

Após a morte da primeira esposa, Lilly, em 1928, Hoffmann tornou-se ainda mais “bebedor e piadista, o bobo da corte no círculo íntimo de Hitler”.^[26] Hitler justificava a bebedeira dele dizendo que a morte de Lilly o atingira duramente. Havia uma aceitação tácita de que essas reuniões informais eram privadas e deveriam permanecer só entre eles. Tanto Hitler como Hoffmann gostavam de imaginar a si mesmos como conhecedores de arte e tagarelavam sem parar acerca dos méritos de seus pintores alemães favoritos, desses que retratavam monges alegres segurando canecos de cerveja ou jovens esposas risonhas e peitudas realizando tarefas prosaicas. As outras pinturas de que Hitler gostava beiravam a pornografia — imagens vigorosas e homoeróticas de rapazes com músculos trincados, posando de nobres trabalhadores da pátria, muitas vezes guardando uma semelhança espantosa com os fazendeiros e operários do realismo soviético, com seu martelo ou foice na mão. O *Führer*, cujas asserções se tornavam mais enfáticas à medida que a refeição progredia, jurava que o “realismo alemão” era superior e um dia seria ainda mais valioso que um Rembrandt. Quando chanceler, ele insistiria em que as galerias municipais da Alemanha exibissem essa nobre arte proletária.

Hoffmann sabia alguma coisa sobre arte e Putzi Hanfstaengl era um grande conhecedor, mas Hitler era ignorante — Putzi certa vez zombou dele pelas costas por ter confundido o *São Mateus* de Caravaggio com um Michelangelo — e, como todo filisteu metido a artístico, dono de um mau gosto inato.^[27] Ele ridicularizava todo trabalho inovador de arte moderna como obra de degenerados e charlatães, banindo tudo, exceto as coisas que aprovava, dotadas mais ou menos do mesmo valor estético que os cartazes de recrutamento da Juventude Hitlerista. De modo similar, desprezava o teatro, o balé e a música contemporâneos, que achava decadentes. Tudo na pretensão de ser um *connoisseur*.

Heinrich Hoffmann subestimou “a pequena *Fräulein Braun*” e durante toda a vida continuou a tratá-la como uma empregada menor. Ele não captou nem de longe o significado de seu ingresso no círculo de amizades de Hitler:

Para ele não passava de uma coisinha atraente, em quem, a despeito da aparência irrelevante e cabeça de vento — ou talvez exatamente por isso —, encontrava o tipo de relaxamento e repouso que buscava. Geralmente, quando pretendia nos visitar, dizia: “Peça a sua pequena Eva Braun para vir junto — ela me diverte”. Em outras ocasiões, dizia: “Acho que vou dar um pulo aí para ver a pequena Eva uma meia horinha; seja camarada: pegue o telefone e pergunte-lhe se tudo bem”; e muitas vezes, consentindo com seu relaxamento favorito, íamos todos juntos fazer um piquenique num dos inúmeros lindos lugares que há em torno de Munique [...]. Ele a presenteava com prodigalidade: mas só flores, chocolates, bijuterias de valor modesto e essas trivialidades comuns de galanteio de que tanto gostava.^[28]

Mas Eva não era tão “irrelevante e cabeça de vento” quanto Hoffman presumia. Ela

perseguiu Hitler com sutileza e persistência, observando o que lhe agradava e moldando-se a si mesma como a mulher ideal para ele. Sabia que levaria tempo, mas estava com dezoito anos — tempo tinha de sobra. Geli deve ter percebido quanto Eva estava determinada a entrar na vida dele e pode ser até que tenha começado a se sentir um pouco insegura. Um de seus guarda-costas, Wilhelm Stocker, afirmou: “Geli se preocupava em que pudesse haver outra mulher na vida de Hitler, pois mencionou para mim diversas vezes que seu tio não parecia tão interessado nela quanto antes”.^[29]

Havia já algum tempo que a própria Geli não vinha sendo fiel. Ela conhecera Emil Maurice, chofer e guarda-costas de Hitler, numa solenidade do partido em Weimar, quando era ainda uma colegial de dezoito anos e ele, aos 29, fazia já parte da equipe do *Führer*. Depois de se mudar para Munique, em 1927, passou a vê-lo quase diariamente, uma vez que ele conduzia Hitler a toda parte e levava tio e sobrinha aos passeios no campo pelas redondezas. Essa proximidade em pouco tempo enveredou para um envolvimento sério e os dois passaram a viver um romance secreto. Quando Hitler descobriu, teve um acesso de fúria tão violento que Maurice ficou com medo de levar um tiro. Hitler persuadiu Geli a testar a força de seus sentimentos esperando dois anos antes de se casar. Geli objetou ferozmente, mas nem mesmo ela podia fazer Hitler mudar de atitude quando tomava uma resolução. Numa carta a Maurice datada de 24 de dezembro de 1928, escreveu:

Tio Adolf está insistindo em que esperemos dois anos. Pense nisso, Emil, dois anos inteiros só podendo nos beijar de vez em quando, sempre com o tio Adolf de olho. Tudo que posso oferecer é meu amor e ser-lhe incondicionalmente fiel. Amo-o demais, infinitamente. Tio Adolf insiste em que devo prosseguir com meus estudos.

Ela sabia que jamais poderia esperar dois anos. A despeito do que prometera, Hitler começou a pressioná-la para que rompesse com Maurice e, ao que parece, Geli acabou cedendo. No Natal de 1929, deu de presente ao namorado um retrato seu de estúdio tirado por Hoffmann; ela saiu particularmente bem na foto, iluminada por trás, com um halo de luz e envolta numa estola de pele branca, sorrindo de modo sedutor.^[30] Em baixo, escreveu: “Meu adorado Emil — Como lembrança — Da sua Geli”. O caso chegara ao fim.

Emil Maurice foi incumbido de ser o chefe da guarda pessoal de Hitler nas reuniões públicas, desse modo assegurando-se que raramente estivesse em Munique, e o trabalho de chofer ficou para Julius Schreck (que morreu em 1936) e depois Erich Kempka. Hitler nunca o dispensou inteiramente do serviço, a despeito do episódio com Geli, e Maurice retribuiu com lealdade inquestionável. Ele foi o responsável pelo assassinato de Bernhardt Stempfle, professor da Universidade de Munique e uma das primeiras influências intelectuais de Hitler, supostamente porque Stempfle falava abertamente demais da relação entre o *Führer* e a sobrinha.

Geli tornou-se ainda mais atirada em sua busca de outros relacionamentos,

oferecendo-se — assim se dizia — para estudantes atraentes que encontrava em cafés. Qualquer um gostaria de saber mais sobre os parceiros de Geli, fossem sérios ou casuais, mas ela sabia que era observada e que, sendo infiel a Hitler, ficava com sua vida — e a deles — nas mãos, motivo suficiente para discrição. Entretanto, seu comportamento levou-a a ser objeto de fofocas. Wilhelm Stocker disse a um entrevistador:

Muitas vezes, quando Hitler ficava longe por vários dias para uma convenção política ou para tratar de assuntos do partido em Berlim ou algum outro lugar, Geli andava com outros homens. Eu gostava da garota, então nunca contei a ninguém o que ela fazia ou aonde ia nessas noites livres. Hitler teria ficado furioso se soubesse que havia saído com outros homens, como um violinista de Augsburg ou um instrutor de esqui de Innsbruck [...]. Era uma garota que precisava de atenção, e precisava muito. E definitivamente queria permanecer como a namorada favorita de Hitler.

Hitler suspeitava do que estava acontecendo e seu ciúme — não paranoia, uma vez que era inteiramente justificado — só serviu como fonte de angústia para ele e de amargo ressentimento para ela.

O chalé de Hitler acima de Berchtesgaden continuou a ser domínio exclusivo de Geli, quando mais não fosse porque sua mãe era a governanta. Eva era impedida de visitá-lo. Como retaliação, escondia bilhetes amorosos nos bolsos de Hitler, embora soubesse que Geli pudesse encontrá-los. E encontrava. A segunda esposa de Erich Kempka^[31] declarou, em 1948: “Geli sabia que havia ‘alguma coisa’ entre Hitler e Eva e isso a deixava desesperada, depois de ter-lhe sido dito que ele devia viver apenas para seu povo”.^[32]

Henriette Hoffmann, que conhecia tanto Eva como Geli, certa vez observou: “Geli era ópera; Eva, opereta”. Não estava se referindo ao gosto musical de ambas, que no caso das três garotas inclinava-se mais para a canção popular ou a ópera leve do que para as apresentações de grandes barítonos. Henny queria dizer que Geli era uma heroína trágica e Eva, apenas uma bonitinha tagarela numa opereta comum do vienense Franz Lehár. Mas será que Geli de fato viveu sua vida numa escala maior e mais profunda do que Eva, com maior capacidade para a alegria e o sofrimento?

Em muitos sentidos, o relacionamento das duas com Hitler era similar. Tivesse sido com qualquer outra pessoa, o fato teria significação pouco maior que uma paixão adolescente por um homem mais velho, um melodramático rito de passagem, banal e logo esquecido. Ambas conheceramno ainda muito jovens, diretamente saídas da escola, com pouca ou nenhuma experiência prévia num relacionamento romântico; ambas só dormiram com ele após uma longa procrastinação, provavelmente de mais de dois anos. Eva, assim como Geli, com toda sua recusa desafiadora ao conformismo, fora levada a

acreditar no amor e no casamento. A história era familiar desde a infância... Cinderela é resgatada do borralho do fogão... vai ao baile no palácio... deixa cair o sapato... o príncipe procura o pezinho delicado em que ele serve; e pimba!, o momento do reconhecimento mútuo. Exceto que Hitler não era nenhum príncipe formoso, mas o Barba Azul.

Ambas as garotas desafiaram suas famílias para ir atrás da relação e foi a maior infelicidade de suas vidas ver-se enredadas nisso quando não tinham inteligência ou maturidade emocional para enxergar que não havia lugar para elas em seu mundo grandioso, tampouco esperança de que um dia viesse a se casar. Adolescentes apaixonadas pela primeira vez, simplesmente se recusavam a crer que a Alemanha sempre seria sua prioridade número um ou que o *Führer* não tinha tempo para uma esposa, muito menos filhos. Elas deveriam ter percebido. Hitler gostava de dizer:

Para mim, o casamento teria sido um desastre. O desentendimento está fadado a surgir entre marido e esposa quando o homem é incapaz de proporcionar à mulher todo o tempo que ela se julga autorizada a exigir. É preciso compreender essas exigências. A mulher que ama o marido vive exclusivamente em função dele [...]. O homem, por outro lado, é escravo de seus pensamentos. A ideia de seus deveres o governa [...]. A esposa não se queixa apenas da ausência do marido; ressentido-se de vê-lo preocupado. O lado ruim do casamento é que cria direitos. *Eis por que é melhor ter uma amante. O fardo se torna mais leve e tudo fica no plano da escolha de dar ou não* [grifo meu].^[33]

Como compensação, era generoso com ambas. Geli podia ser exigente, mas as motivações de Eva não eram materialistas; por anos, não aceitou dinheiro dele, nem mesmo para pagar o táxi de volta para casa, o que o deixava deveras impressionado. Ele muitas vezes mencionava isso como uma prova de que não estava interessada em sua riqueza ou em seu poder de *Führer*.

As duas moças tinham mais inteligência do que se lhes creditava, só que uma preferia ocultá-la, enquanto a outra, ostentá-la. Eva não era uma “pata”, como alguns camaradas de Hitler se referiam a ela, nem “uma vaca estúpida” — “*ein blöde Kuh*” —, enquanto Geli, embora sem inclinação alguma pela vida acadêmica, sem dúvida não era nada boba. Ambas sabiam que Hitler não suportava mulheres inteligentes, sobretudo as que tentavam discutir com ele. Preferia garotas simplórias, que riam facilmente e o poupavam de maiores preocupações. Como dizia: “A inteligência numa mulher não é coisa essencial. Minha mãe, por exemplo, teria feito má figura na sociedade de nossas mulheres cultas. Viveu estritamente para o marido e os filhos. Eram todo seu universo. Mas ela deu um filho para a Alemanha”.^[34]

Cada uma a seu modo, ambas eram do tipo que não vivem sem um homem. Eva, com sua silhueta bem formada e belas pernas, era dona de uma beleza mais convencional, mas Geli sem dúvida era mais sexy. Julius Schaub, que viria a ser o assistente de Hitler por vinte anos, descreveu-a como “Uma morena de olhos castanhos, de 1,67 metro, bem

constituída e com uma aparência exuberante, espírito animal e voz agradável. Uma personalidade aberta, sempre pronta para uma piada [...] extraordinariamente confiante". "Bem constituída"... "exuberante"... "animal"... "aberta"... a implicação é clara: Geli não era mulher de um homem só, como Eva — hoje em dia, estaria marcada como uma mulher mais dada à diversão do que a um compromisso sério. Ao longo do relacionamento com Hitler, ela o desafiou escolhendo os próprios amantes, algo que Eva nunca fez. Eva foi várias vezes desprezada como uma "cabeça oca", mas ninguém jamais questionou sua fidelidade.

Mas talvez no fim a principal diferença entre Eva e Geli fosse a intensidade com que Hitler amasse a sobrinha. Ela nunca teve a menor dúvida sobre a paixão de *Onk* Alf, embora somente muito depois de iniciado o relacionamento Eva se desse conta de quanto ela significava para ele. As duas sofreram intensas crises emocionais por sua causa e tentaram o suicídio mais de uma vez, sendo essa a única forma de obrigá-lo a prestar atenção e mostrar preocupação. Ambas foram completamente excluídas da vida política de Hitler, ainda que, para surpresa de todos, ele se permitisse ser fotografado em público com Geli, privilégio muito raramente concedido a Eva, e ainda sem que ele percebesse. As poucas evidências remanescentes sugerem que as duas jovens ressentiam-se uma da outra, mas, se isso for verdade, só pode ser atribuído à rivalidade; fosse outra a situação, provavelmente teriam se dado muito bem.

Com tanta coisa em comum, por que caracterizar uma como ópera e a outra como opereta? Se o que Henny tinha em mente eram suas personalidades, Geli ao que parece era mais intensa, uma forte amante dos prazeres da vida e dotada de ideias próprias, pouco inclinada a se submeter a quem quer que fosse. Comparada a ela, Eva parece a típica mulherzinha indefesa. No entanto, como veremos, era dotada de profundidades emocionais insuspeitas e, apesar da frivolidade superficial, sofria períodos de grande depressão que escondia de todo mundo, sobretudo de Hitler. Era não só mais inteligente como também mais resistente do que parecia: não era um feito qualquer fazer com que ele a notasse, tornar-se muito importante dentre tantas outras mulheres desesperadas por chamar sua atenção.

O envolvimento de Hitler com Geli era, depois do amor que sentira pela mãe, a relação emocional mais profunda de sua vida e a única que não conseguia controlar. Pode até ser que tivesse se apaixonado por ele e sua posição proeminente desde o início, mas, à medida que o tempo passava, sua companhia já não mais a fazia feliz; pelo contrário, tornou-se um fardo intolerável. Para Geli, a pressão de ser amada era grande, embora não necessariamente maior que a pressão de Eva por *não* ser amada. Amor obsessivo ou não correspondido: qual dos dois é mais difícil de suportar? A tentativa de Geli de afirmar sua independência diante do homem que em breve ameaçaria meia Europa era uma luta que estava destinada a perder. Ela se batia pela causa feminista numa época em que não se ouvia falar de mulheres audaciosas. A dimensão dessa batalha e sua coragem e persistência conforme lutava para vencê-la faziam com que parecesse uma personagem mais grave, mais indicada para a grade ópera, enquanto a provação de Eva a

calejava para tornar-se uma mulher corajosa, forte e generosa. No fim, ser a companheira de Hitler — fosse por quatro anos, fosse por trinta — autorizou ambas a receber o estigma de heroínas trágicas.

Quatro anos após ter chegado a Obersalzberg para se juntar a sua mãe, por sugestão de Hitler, Geli finalmente aceitou o fato de que o tio jamais se casaria com ela, tampouco lhe daria filhos e nunca a tornaria primeira-dama da Alemanha, e percebeu que permanecendo ao seu lado estaria sacrificando a juventude e a expectativa de se apaixonar, de se casar com algum rapaz anônimo e comum e, quem sabe, ser feliz.

No verão de 1931, segundo se dizia, arranhou um novo amante, descrito ora como um violinista judeu em Viena, ora como um artista judeu em Linz, ou algum outro sujeito sem nome por quem se sentiu atraída. Também se dizia que engravidou. Quem seria esse amante e se é que existiu não passam de especulação. Em setembro, Hitler lhe deu permissão de ir a Viena para passar alguns dias enquanto estava fora, em campanha para as eleições municipais de Hamburgo. Horas antes de partir, houve uma briga violenta. A empregada — lavando louça na cozinha, longe do cômodo em que se encontravam — *achou* ter ouvido as palavras “Vou dar um tiro em mim mesma”. Quando Hitler ia saindo, prestes a entrar no carro, ouviram-no gritar para Geli: “Pela última vez, não!”. Uma carta inacabada foi encontrada na escrivaninha de Geli, terminando em meio à frase “Quando eu for para Viena — espero que muito em breve — iremos até Semmering [uma estância próxima à cidade] e...” — interrompida nesse ponto. A leitura dá a entender que fosse destinada a um amante, mas podia igualmente ser dirigida a uma das antigas colegas de escola. Anna Winter, a governanta do apartamento da Prinzregentenplatz, alegou posteriormente que Geli encontrara um bilhete no bolso de Hitler um pouco antes nesse dia e que o rasgara em pedaços. Recuperado do cesto de lixo e montado outra vez, dizia: “Obrigada mais uma vez pelo maravilhoso convite para o teatro. Foi uma noite memorável. Sou-lhe imensamente grata pela gentileza. Estou contando as horas para conhecer a alegria de um novo encontro. Sua, Eva”.[35] São as palavras de uma adolescente enrabichada, mas dificilmente razão suficiente para precipitar uma grande briga entre Geli e Hitler. Contudo, no dia 18 de setembro de 1931, *alguma coisa* a levou ao desespero.[36]

Alguns dizem que foi assassinada por Himmler, porque ameaçava chantagear Hitler, embora pareça absolutamente improvável que ele pudesse ordenar a morte da jovem que venerava. A explicação mais plausível é que tenha se matado com a pistola de Hitler, uma Walther 6.35 que ele guardava sem trancar na gaveta da escrivaninha. O corpo só foi encontrado na manhã seguinte. Sangrara até a morte com um ferimento de bala próximo ao coração. Estava com 23 anos e quatro meses quando morreu.

Henny Hoffmann, talvez a única pessoa a relatar os dois relacionamentos com compaixão e imparcialidade, disse depois sobre Geli: “Ele cerceava sua vida tão duramente, confinava-a a um espaço tão estreito, que ela não via outra saída. Finalmente, passou a odiar o tio, na verdade, queria matá-lo. Mas não podia fazê-lo. Assim, se

matou, ferindo-o fundo o bastante para deixá-lo transtornado. Ela sabia que nada mais poderia magoá-lo tão profundamente”.^[37] Suas últimas palavras sobre o assunto foram: “Depois da morte de Geli, foi como se nunca tivesse existido. Seu quarto foi fechado, as roupas permaneceram no armário”.^[38] Lá ficaram, e o aposento se tornou um santuário intocado pelo resto da vida de Hitler.

Teria sido de fato suicídio? Seu tio a teria matado ou era a vida frustrada de Geli que terminava numa morte autoinfligida e operística? As evidências permanecem contraditórias e inconclusivas, sobretudo depois que o ministro da Justiça da Baviera se recusou a realizar uma autópsia, significando que não poderia haver nenhum exame médico-legal para dirimir os rumores que zumbiam como moscas em torno do cadáver. O corpo de Geli foi levado às pressas a Viena para o enterro:^[39] de fato chegou à cidade “muito em breve”, embora não do jeito que previra. O episódio precipitou um escândalo imenso e a sanha voraz dos jornais,^[40] especialmente o socialista *Münchener Post* e a imprensa marrom^[41] — de tal modo que Hitler foi obrigado a publicar uma declaração negando ter maquinado a morte da sobrinha.^[42] A notícia certamente teria chegado a minha mãe em Hamburgo. Ditha estava com vinte anos nessa época e, dada sua avidez por fofocas e seu interesse nos pecadilhos de homens importantes, deve ter especulado sobre a verdade por trás das negações. Seria possível que o *Führer* houvesse matado a própria sobrinha?

Nos dias e semanas que se seguiram, Hitler pareceu completamente devastado. Heinrich Hoffmann, encontrando-o no dia seguinte, disse: “Parecia um homem destruído”, e até Putzi Hanfstaengl, que desprezara Geli, admitia que Hitler estava “prostrado de dor”. Herbert Döring, mais tarde gerente do Berghof, lembrava-se de Anna Winter ter dito: “Hitler chegou ao seu limite. Queria mesmo se matar, cometer suicídio. Trancou-se na Haus Wachenfeld, no quarto de Geli, não comia, queria se matar: a pistola carregada ficava sobre a mesa”. E Döring continuava: “Minha esposa tentava fazer com que comesse servindo-lhe refeições leves e, depois de oito dias, ela tirou a pistola dali e salvou sua vida”.^[43] O *Führer* mergulhou no luto e na melancolia, dos quais foi obrigado a sair em alguns dias. O rolo compressor da política continuava em movimento, com ele na direção. Contudo, o impacto do relacionamento com Geli e a sensação de desamparo, de ser consumido por uma paixão ardente haviam revelado emoções cujo risco ele não poderia experimentar correr duas vezes. Nesse ano, seus cartões de Natal vinham orlados de preto. Ele contou a Winifred Wagner: “Este tem sido um período muito triste. Preciso dar um jeito nesta imensa solidão”.^[44]

MORRER PARA ESTAR COM HITLER

NA ÉPOCA DA MORTE de Geli, em setembro de 1931, Eva estava com quase vinte anos; era popular, cheia de energia e completamente frustrada. Os pais a tratavam como uma adolescente e isso a melindrava. Ganhava o próprio sustento e chegara a uma idade em que, em vez de ir para casa a fim de jantar com a família todo dia, preferia muito mais passar as noites se divertindo com amigos nos cafés e clubes noturnos ou indo ao cinema, embora, se ficasse até muito tarde, tivesse de passar a noite na casa de Herta Ostermayr (felizmente os pais de Herta eram ricos e a casa era enorme) ou mesmo dormir num banco na loja de Hoffmann. Eva tinha uma vida plena, mas, a despeito da frivolidade superficial, continuava obcecada com Hitler. Sabia muito bem de seu relacionamento com a sobrinha — ela e metade de Munique —, mas continuava a persegui-lo, enfiando bilhetes amorosos no bolso de seu impermeável quando aparecia na loja de Hoffmann, como tantas vezes fazia.

O pesar que Hitler sentia pela morte de Geli era genuíno, mas a fidelidade a sua memória teve vida curta. A persistência e óbvia devoção de Eva eram lisonjeiras. Como resposta, ele a convidou para ir ao Troubadour — um de seus cafés prediletos, mas que frequentava mais raramente que a *osteria* —, e pouco depois à ópera. Em algumas semanas — em dezembro de 1931, como registra a legenda triunfante anotada no álbum de fotografias de Eva —, ele a levou consigo para a Haus Wachenfeld pela primeira vez, privilégio jamais concedido enquanto Geli estava viva. Para o caso de essa vir a ser a única ocasião, Eva aproveitou a oportunidade e tirou várias fotos em segredo, incluindo uma de Hitler parecendo um detetive particular, o chapéu caído sobre o rosto e o colarinho do sobretudo bege erguido. Outra foto mostra uma vista da casa tirada do campo nevado, mais abaixo.

Eva provavelmente perdeu sua virgindade para ele nessa época ou pouco depois,^[1] dois anos após terem se conhecido, em outubro de 1929, embora não haja prova alguma de que foram para a cama, muito menos de quando e onde. Henriette Hoffmann estava convencida de que isso aconteceu dentro de poucas semanas após a morte de Geli, o que dataria a primeira relação sexual entre os dois para o fim de 1931 ou o início de 1932. Eva estava fisicamente madura e embora pudesse se sentir apreensiva, estava longe de relutante. Presumivelmente, os dois acharam um ao outro sexualmente compatíveis, ou o relacionamento teria terminado ali mesmo, mas nem ao menos uma palavra de nenhum dos dois — nem mesmo um bilhete ou carta de amor — sobreviveu como prova para confirmar o fato. No início, pode ser que Hitler tenha se sentido tocado com a predisposição de Eva em lhe entregar sua juventude e virgindade ou quem sabe

estimulado com a novidade de uma parceira diferente. Nesse estágio do relacionamento, estaria no ápice de sua atividade sexual. Carne jovem é algo que arrebatava os sentidos, sobretudo para um homem mais velho. Fosse Eva mais experiente, teria percebido rapidamente que a libido dele era, na melhor das hipóteses, baixa. Se confiasse em alguém, teria sido em sua irmã Gretl, sempre a mais próxima, mas Gretl tinha apenas dezesseis anos, jovem demais para confidências sexuais, ao passo que a amiga Herta Ostermayr ainda não era casada, de modo que seria tão mal informada quanto ela.

Se Hitler se acostumara a fazer sexo regularmente com Geli, é provável que se sentisse grato pelo conforto proporcionado por Eva, sem esquecer de sua absoluta discricção. A equipe de empregados do apartamento na Prinzregentenplatz em Munique também era leal e confiável, embora, segundo Henriette, o *Führer* costumasse presentear Anna Winter com ingressos de teatro, a fim de ter certeza de que estaria fora quando quisesse passar a noite a sós com Eva. Depois disso, Eva voltaria sozinha para casa ou, com o passar do tempo, no inconfundível Mercedes de Hitler, descendo a uma rua de sua porta, para o caso de o pai estar à espera.

Putzi Hanfstaengl escreveu com certa condescendência após conhecê-la:

Há um apontamento em meu livro de hóspedes datado de 1º de janeiro de 1933, assinado em nossa casa da Pienzenauerstrasse por meia dúzia de amigos íntimos de Hitler, bem como o próprio — além de Eva Braun. Todos eles apareceram para um café após uma apresentação do *Meistersinger* no teatro Hof [...]. Era uma loirinha agradável do tipo indefeso, que parece precisar de proteção, bem constituída, com olhos azuis e modos recatados, tímida. Eu a vi trabalhando no balcão da loja de Heinrich Hoffmann alguns meses antes. Achei-a amigável, bem-apegoada e ansiosa por agradar. Não fazíamos a menor ideia naquela noite de que estivesse entre eles por qualquer motivo particular, mas sim como amiga de uma das outras garotas, a fim de engrassar a festa.^[2]

Ninguém no círculo de Hitler adivinhava que Eva fosse algo mais que um capricho passageiro, uma distração da tristeza causada pela morte de Geli. Hermann Göring empenhou-se muito nessa época — o início dos anos 30 — em apresentar Hitler a jovens adequadas. Uma delas, em particular, foi uma loira animada chamada Gretl Slezak, cujo pai, Leo, era um famoso cantor de ópera. “Tinha provavelmente cerca de 27 ou 28 anos na época, mas era uma *ingénue* profissional e fazia as mais deliciosas perguntas asininas.” Hitler pareceu de fato interessado e acompanhou-a até sua casa, mas, quando Putzi perguntou a ela como fora, a moça olhou para o teto e “só deu de ombros”. Talvez fosse asinina *demais*, ou talvez ele estivesse genuinamente interessado em Eva.

O tio de Eva, Alois, descreveu o início desse relacionamento em suas memórias particulares da família Braun. Pode ser que tivesse ouvido falar disso pela prima Fanny, que talvez houvesse pego alguma coisa de Gretl ou de uma das amigas de Eva.

Tudo mudou em setembro de 1931, quando Angela Raubal [Geli] foi encontrada morta no apartamento de nove dormitórios de Hitler. [...] Está claro que Hitler foi profundamente afetado pela morte da sobrinha; as pessoas ficavam atônitas com seus acessos de culpa e por longo tempo ele evitou contato com o público e com os amigos. [...] Em 1932, Hitler visitava a casa dos Hoffmann com cada vez mais frequência e tornou-se óbvio para todos que cortejava Eva. Mas era importante “manter as aparências” e, quando levava Eva em passeios nas cercanias de Munique, sempre se fazia acompanhar por duas secretárias. Ainda assim, todo mundo em seu círculo e na casa de Hoffmann sabia do caso, embora os pais de Eva — Fritz e Fanny — fossem mantidos na ignorância. Ela tomava cuidado para ocultar deles a relação. Seu pai, como todo mundo sabia, estava bem longe de ser nazista, muito pelo contrário: era um patriota bávaro e monarquista.[3]

Uma pista para a intimidade crescente dos dois é uma série de fotografias tiradas entre novembro de 1931 e a primavera de 1932, mostrando-os lado a lado. Hitler chegou até a se deixar fotografar com Eva numa turnê oficial de Herrenchiemsee, uma das poucas vezes em catorze anos que permitiu o registro fotográfico com ela em público sabendo que alguém o fazia. Mesmo quando estava cercado de amigos que conhecia e em quem confiava, Hitler sempre tomava as providências para que ficassem separados por várias outras pessoas, a fim de afastar as suspeitas. Nos milhares de fotos de Hoffmann e nos quilômetros de filmes domésticos de Eva, ela dificilmente chega sequer a tocar nele, a não ser ao se encontrarem. Ele não sorri para ela, mas inclina-se para trás, os braços cruzados, na defensiva, mantendo um bom espaço entre ambos. Döring recordou a situação desconfortável: “Havia todo tipo de outras coisas em sua cabeça, dá para perceber pelas fotografias, se você analisar os rostos. Hitler não demonstra alegria nem a fita de modo amoroso; pelo contrário, desvia o olhar resolutamente, num estado similar a um transe”. [4]

Entre os membros do estreito círculo de Hitler havia especulações sem fim. Cada um tentando passar a impressão de ser o único a privar da real natureza das relações sexuais entre Hitler e Eva. Heinrich Hoffmann, em suas memórias do amigo, escreveu:

Eva se mudou para sua casa, virou companhia constante das horas de lazer e, até onde sei, a coisa parava por aí. Que Eva se tornou sua amante em algum momento antes do fim é certo, mas quando, nem eu nem ninguém pode dizer. Tampouco houve em dado momento qualquer mudança perceptível em sua atitude para com ela que pudesse fazer presumir relações mais íntimas entre os dois.[5]

O bom senso aponta decididamente para a conclusão de que, pelo menos nos primeiros dez anos, seu relacionamento esteve baseado em sexo. Se uma jovem começa a fazer visitas regulares e a ganhar presentes de um homem mais velho, a suposição geral é de que se tornou sua amante. Se ele não tem nenhuma outra “companhia constante” e ela, a

despeito do charme e entusiasmo, nenhum pretendente ou namorado identificáveis, a suposição geral é de que é sua amante. Se, quando a ocasião se apresenta, ela ganha um quarto ao lado do seu, começa a aparecer com vestidos caros e elegantes, é aceita por seus amigos (quer eles a aprovem, quer não) e tratada pela equipe de empregados como a chefe da casa, a suposição geral seria que de fato é sua amante. Teorias podem ser construídas e anedotas ou opiniões citadas para tentar demonstrar que Hitler era impotente, masoquista ou homossexual e que Eva morreu virgem, mas se o contrário parece decididamente mais provável, então o contrário provavelmente é verdade.

Eva começou a perceber que o papel a que aspirava, de companheira de Hitler, não seria nada fácil, dados seu desequilíbrio emocional e a insistência em manter segredo. O novo relacionamento era sabido apenas dos empregados da casa e de uns poucos amigos próximos. Anna Winter lembrou-se de Hitler sendo bastante amável com Eva quando estavam a sós e muito preocupado com sua saúde: “Ele costumava lhe fazer uns sermões quanto ao fumo, falando dos efeitos nocivos da nicotina, ainda que Eva fumasse um cigarro atrás do outro” — nas costas dele, é verdade, mas sempre que podia, assim como sua irmã, Gretl. Contudo, Albert Speer observou: “Ele a escondia de todo mundo, exceto de seu círculo mais íntimo [...] recusava-lhe qualquer posição social e a humilhava constantemente. Era doloroso de se ver”. O casamento, como Hitler sempre dizia a ela e a outros em sua presença, estava fora de questão.^[6] Se ele precisava de amor incondicional, sempre podia contar com os pastores alemães, Blondi e Prinz.

Alois, o tio de Eva, deixou uma penetrante análise do caráter de Hitler, que ajuda a explicar sua relutância em reconhecê-la abertamente:

As exigências da liderança política detinham Hitler em Berlim, enquanto Eva ficava para trás, no estúdio de Hoffmann, em Munique. Fritz e Fanny eram profundamente enraizados numa tradição de vida familiar estrita que deixava muito pouco espaço para o cultivo das alegrias da juventude. Hitler voltava a Munique com notável frequência [...] para encontros clandestinos com Eva, mas, como *Führer*, não podia se arriscar a ir além desses encontros ocasionais: Hitler era, em todos os aspectos, o modelo acabado do burguês convencional e filistino [*Spießbürger*]. [...] Se o *Führer* houvesse decidido dedicar-se abertamente a uma mulher e achado espaço em sua vida para um pouco de felicidade pessoal, a nação sem dúvida não teria objetado. Mas o próprio Hitler via nisso um ato de traição contra si mesmo, algo impensável em vista de sua posição pública e proeminência nacional. Claro que essas considerações não significavam muito para Eva. Tendo finalmente sido despertada, não queria ser amiga e confidente do chanceler Hitler: queria ser amante do homem Hitler. Mas para ele era impossível. Era 33 anos mais velho que Eva e isso constituía uma barreira — não para uma ligação afetiva, mas para uma vida genuinamente compartilhada; e ele acreditava que fora convocado pelo destino — a *providência*, como dizia — para guiar a humanidade como um todo.^[7]

Próximo ao fim de 1932, altura em que o caso já durava um ano, os pais de Eva ainda não sabiam coisa alguma sobre ele. Nos fins de semana, às vezes ela ia com Hitler fazer passeios pelo campo em torno de Munique e ocasionalmente à Haus Wachenfeld. Tudo isso tinha de ser mantido em segredo do pai. Entrementes, continuava a trabalhar na loja de Hoffmann, uma reles aprendiz ganhando uma ninharia, e a passar a maioria das noites em casa com a família.

Mas com o tempo era inevitável que os pais comessem a desconfiar. Sua mãe, Fanny, mais cordata, assim que percebeu que o que parecera uma paixão passageira começava a ficar sério, disse, dando de ombros: “Vai largar dele tão logo encontre um homem mais jovem”.^[8] Tentou mitigar a fúria do marido, mas Fritz tinha desprezo pelos slogans racistas de Hitler e seus seguidores fanáticos e ficou mortificado por sua filha aparentemente ter sido seduzida. Para Fritz Braun, embebido na tradição e ética luteranas, o nazismo representava um ataque a seus valores fundamentais. Não fazia diferença para ele que a filha tivesse sido escolhida por um dos homens mais poderosos da Alemanha. Seu pai fez com que Eva se sentisse miseravelmente culpada ao opor-se ferozmente à ligação entre os dois. Grande parte de sua fúria talvez estivesse baseada no orgulho ferido e na ofensa a suas atribuições paternas. As filhas eram *sua* propriedade até se casarem, quando então passariam a ser propriedade dos maridos, mas, até chegar o momento, era sua obrigação preservar a virtude delas. Agora já não poderia mais entregar uma Eva virgem ao futuro marido. A melhor solução para Hitler — uma vez que a seduzira — era consertar as coisas casando-se; mas Hitler havia deixado claro que ela jamais deveria alimentar a esperança de se tornar sua esposa. Uma secretária deixou por escrito uma observação dita num momento irrefletido: “Perguntei-lhe certa vez por que nunca se casara. Sua resposta me deixou de queixo caído: ‘Eu não daria um bom pai e julgo ser uma irresponsabilidade gerar uma família se não puder dedicar tempo suficiente a minha esposa. Em todo caso, não quero ter filhos. Já observei que descendentes de gênios geralmente sofrem demais’”.^[9] Dificilmente poderia ter contado a Eva o verdadeiro motivo, o segredo inviolável de seus genes imperfeitos. Bem, raciocinou Fritz Braun, se esse era o caso e o casamento era impossível, então ela tinha de deixá-lo.

Gertraud Weisker não teve nada a dizer sobre esse período, já que estava com apenas nove ou dez anos na época, de modo que a melhor evidência sobre como a família encarava a relação — baseada sem dúvida em várias discussões sérias — vem, outra vez, de Alois Winbauer:

Os sonhos de Hitler não estavam centrados na jovem lá em Munique, mas na tarefa que elegera para si mesmo e na própria glória. Certamente, não queria sacrificar o envolvimento com Eva pelo seu sonho, já que precisava dele como prova de sua própria humanidade, mas [...] queria que as duas molas de sua vida — a privada e a política — fossem mantidas firmemente apartadas. Eva não tinha nada a ver com sua vida política; o relacionamento devia permanecer um oásis privado. Uma atitude

como essa só podia levar ao atrito. Não que Eva tivesse alguma ambição política — não se interessava nem um pouco pela política e os momentosos eventos da época para ela não passavam de um tumultuado pano de fundo, afetando-a apenas na medida em que iam de encontro a sua vida emocional. Queria estar com o homem com quem se sentia ligada pelo destino, mesmo que se tratasse do *Führer* e chanceler do Reich. Mas a corte dele ficava em Berlim e ela estava em Munique, deprimida e entediada. Os telefonemas, às vezes quase diários e em outros momentos apenas uma vez por semana, não eram suficientes. Uma crise séria estava prestes a se abater sobre aquela jovem que tecia sonhos tão românticos quando fantasiava sobre seu caso com Hitler. Continuava a ser a secretária do estúdio de Hoffmann e continuava a morar com os pais, precisando esconder a verdade sobre sua ligação e lidar com suas dúvidas e saudades solitárias. Tendo mergulhado no relacionamento com Hitler alimentando tantos ideais românticos, a jovem afundou numa profunda crise.^[10]

Poucos suspeitavam da intensidade dos sofrimentos daquela jovem privilegiada e cheia de energia, beleza e amigos. Se os pais de Eva Braun (preocupados com a perda da virgindade da filha e com sua própria humilhação) estavam cientes disso, só mostravam indiferença. Alois Winbauer recorda-se de ouvi-lo dizer, em 1933, que Eva se tornara “alienada, inacessível e irritável durante o primeiro ano de Hitler como chanceler”. Ela não podia confidenciar os sentimentos à irmã mais jovem, Gretl, agora com dezoito anos, mas ainda uma figura frágil, incapaz de formar uma opinião própria sobre o que quer que fosse. Eva não podia sobrecarregar aquela pequena herã agarrada à família com a admissão de seu desespero. Poderia ter contado para Ilse, uma personalidade mais forte, mas a relação das duas sempre fora um pouco distante, quando não abertamente hostil. Ilse jamais teria proporcionado muito conforto. Com o passar do tempo, as recriminações diárias minaram o amor de Eva pelos pais. Determinada a não abrir mão de seu amor, dividida por dois lados de obrigações e afetos e duas escolhas incompatíveis, passara a ser foco de um cabo de guerra entre os dois homens que dominavam sua vida, ambos, cada um a seu jeito, imensamente poderosos. A tensão tornou-se intolerável. Ficou cada vez mais convencida de que havia uma única saída.

O suicídio, gesto de supremo desespero,^[11] permeou a vida de Hitler, arrastando-o e os que lhe eram próximos na direção da morte autoinfligida. Ele próprio esteve perto do suicídio por diversas ocasiões: na época do Putsch da Cervejaria, em 1923; após a morte de Geli, em 1931; e depois da crise envolvendo Strasser, em 1932. Henriette von Schirach, filha de Hoffmann, era agora casada com o líder da Juventude Hitlerista, Baldur von Schirach, o que significava menos tempo para passar com Eva. Henny disse: “Acredito existirem certas pessoas que atraem a morte e Hitler definitivamente era uma delas”.^[12] Muita gente que se deixou cativar por ele também foi cativada pela ideia de se matar. É notável o grande número de mulheres que lhe foram próximas e tentaram cometer, ou cometeram, o suicídio. Como vimos, Mimi Reiter, de dezesseis anos de idade, foi a primeira, em 1926. Depois Geli, em 1931. No dia 1º de outubro de 1937, a

atriz viciada em morfina Renata Müller, que afirmava ter tido vários encontros amorosos com Hitler, debruçava-se em sua janela quando um carro estacionou e quatro oficiais da SS desceram. Ela entrou em pânico, pulou e morreu. Outra versão da história sugere que *Fräulein* Müller foi jogada pela Gestapo, após ter sido acusada de ter um amante judeu. O suicídio não ficou provado como causa de sua morte, mas parece muito provável que quisesse se matar. Unity Mitford certamente quis morrer a 3 de setembro de 1939, dia em que a Inglaterra declarou guerra à Alemanha, embora a bala que disparou contra a própria tórax tenha levado oito anos para completar o serviço. Inge Ley, a linda loira e infeliz esposa do dr. Robert Ley, líder da Frente de Trabalho Alemã, cometeu suicídio no dia 10 de dezembro de 1942 pulando de uma janela de hotel em Berlim, ao que se diz após escrever uma carta a Hitler que o deixou profundamente perturbado. (Alguns alegam que se matou de desespero porque a guerra estava sendo perdida, mas em 1942 isso era longe de óbvio.) Essa lista de suicídios nem começa a levar em consideração as dezenas ou talvez centenas de milhares de judeus, bolcheviques, homossexuais, católicos, ciganos e outros que preferiram se matar a aguardar o som dos coturnos nas escadas e as batidas dos assassinos em suas portas.

O assassinato, mais do que o suicídio, era uma ameaça constante na vida de Hitler. Os políticos alemães, nas décadas de 20 e 30, ostentavam uma faceta visivelmente violenta, com gangues rivais confrontando-se nas ruas e frequentemente matando seus oponentes. Houve 376 assassinatos políticos apenas entre 1919 e 1922, perpetrados por homens a quem a guerra habituara à violência. Desde os primeiros dias como líder do Partido Nazista, Hitler tinha consciência do perigo e da necessidade de assegurar sua segurança pessoal. Sua paranoia, risco ocupacional dos ditadores, era em geral justificada. Os guarda-costas da SS formavam um escudo virtualmente impenetrável, mas, mesmo assim, houve pelo menos 46 tentativas ou planos significativos contra sua vida, quase dois por ano, entre 1921 e 1945.^[13] Só em 1933 — ano em que ganhou o cargo de chanceler e revelou plenamente sua ambição — ocorreram dez.^[14] Ele mesmo dizia: “Não há ninguém no mundo capaz de lidar com um assassino que, por motivos idealistas, vem se preparando impiedosamente para arriscar a própria vida na execução de seu objetivo. Entendo muito bem por que noventa por cento dos assassinatos históricos foram bem-sucedidos”.^[15]

Talvez levada pelo exemplo de Geli, Eva começou a contemplar o suicídio como o único modo de fazer com que Hitler a levasse a sério. Paradoxalmente, só daria certo se ela sobrevivesse, embora a tentativa devesse ser para valer. Ele não se deixaria comover por um “grito de socorro”. Por todo o mês de outubro de 1932, o *Führer* esteve fortemente ocupado com compromissos de discursos por toda a Alemanha, como preparativo para a eleição geral que se aproximava, no dia 6 de novembro. O resultado não era dos mais promissores para o NSDAP e Hitler ficou esgotado com a campanha para ganhar o apoio popular e aumentar a votação do partido. Por dois meses, mal apareceu em Munique. Durante quatro semanas cruciais, dirigiu-se à multidão em sessenta cidades diferentes, viajando de uma para outra num novíssimo Junkers Ju-52,

disponibilizado para ele pela Lufthansa graças às mexidas de pauzinho de Göring, que havia sido piloto na Primeira Guerra Mundial. Só em 1º de novembro, seus discursos foram ovacionados em quatro lugares diferentes e, no dia seguinte, havia um comício programado para Berlim.

Mas em 31 de outubro de 1932 — noite de Halloween — Eva Braun tentou se matar. O resto da família saíra para comemorar mas ela ficara em casa, provavelmente na esperança de poder atender a um telefonema de Hitler em particular. Só que ele não ligou. Ela esperou até a meia-noite, hora em que o demônio se consorcia com suas bruxas, então pegou a pistola da Primeira Guerra Mundial de seu pai na gaveta do criado-mudo e apontou para sua jugular. Errou a veia e foi encontrada bem a tempo por Ilse, que voltara para casa mais cedo. Um médico em cuja discrição podiam confiar foi chamado e levou-a para o hospital, onde a intervenção urgente impediu a morte por hemorragia. Hitler acreditou que a tentativa malograda de suicídio fora bastante real: é arriscado demais disparar uma arma no pescoço simplesmente por ameaça. Ele interrompeu a campanha e correu para ficar a seu lado, levando um grande buquê de flores. Para seu imenso alívio, Eva sobreviveu. Acontecendo quase dois anos após o suicídio de Geli, sua ação desesperada suscitou um raro sentimento de culpa. Ele de fato a negligenciara, concedendo-lhe umas poucas horas palpitantes seguidas de infundáveis tardes em que sabia que o esperava junto ao telefone ou marcava encontros na casa de Hoffmann aos quais ele não comparecia, sem se dar ao trabalho de avisá-la. Ter percebido isso, e sem dúvida o medo de um escândalo, serviu para persuadi-lo a visitá-la com mais regularidade dali em diante e a ser menos imprevisível e indiferente.

Alois Winbauer acreditava^[16] que, após o quase desastre de sua tentativa de suicídio, Hitler não passou simplesmente a fazer concessões; começou de fato a amá-la. Em suas memórias particulares da família, alega: “[embora] a pouco sofisticada e maleável Eva Braun talvez visse em Adolf Hitler não o ideal da figura romântica, mas o epítome do homem que o destino lhe reservara”.^[17] E prossegue: “O momento decisivo veio no início de 1933: Hitler declarou abertamente seu amor. O novo chanceler alemão e autoproclamado líder da nação confessou no dia 6 de fevereiro — seu aniversário — à filha do professor de uma escola técnica de Munique que ela era a escolhida de seu coração. Eva ficou comovida e emocionada com essa confissão”.^[18] Isso soa um pouco forçado. Dando uma olhada no cronograma febril do *Führer*, é difícil de imaginar quando o recém-indicado chanceler teria achado tempo para viajar de Munique a Berlim e declarar seu amor por Eva, embora para uma entrevista ao *Daily Mail* encontrasse brecha. Mesmo assim, como o tio Alois não diz explicitamente que se encontraram, Hitler pode ter telefonado — afinal, Eva fazia 21 anos. Ele, ou alguém cumprindo suas instruções, providenciou a entrega de um conjunto de turmalinas (pedra semipreciosa verde clara) para ela nesse dia — colar, anel e brincos —, além do usual buquê tamanho gigante. As joias combinavam com as feições claras de Eva e um jogo combinando seria elegante sem parecer extravagante. Seu aniversário em 1932 passara em branco. Em 1933, as coisas foram diferentes.

Mal passado um ano da morte de Geli, o *Führer* parecia ter encontrado sua sucessora. Eva passou a ser aceita como uma visita frequente em Obersalzberg. Sem dúvida por consideração a *Frau* Raubal (que não poderia estar radiante de alegria em ver sua filha substituída com tamanha rapidez), ela não foi instalada num dos quartos perto do de Hitler na casa principal, mas viu-se obrigada a se acomodar junto com as secretárias no Platterhof, nas proximidades do Berghof. O sexo devia ser apressado e furtivo, o que talvez o tornasse ainda mais excitante.

A interpretação que Alois dera às ações de Hitler pode ter ajudado os pais de Eva a aceitar o inevitável. Talvez tenham dito a si mesmos: “Ele de fato ama nossa filha, mas (ainda) não está em posição de se casar. Temos de ser realistas e avançados, já que fazer oposição é inútil”. A afirmação floreada de que Eva foi “a escolhida de seu coração” é sustentada por um comentário no diário dela de três anos depois, em maio de 1935: “*Ele [Hitler] tem me dito inúmeras vezes que está loucamente apaixonado por mim*”. Dizer a uma jovem que está loucamente apaixonado é o notório estratagemas do sedutor, mas devia ser mais que isso; de outro modo, por que escolhera justo ela dentre tantas jovens belidades que clamavam por sua atenção? Hitler gostava de Eva apenas de um modo limitado e ela jamais viria em primeiro lugar em sua vida, mas se ele se sentia física e sexualmente cativado por ela, podia muito bem, em momentos de paixão, traduzir isso em palavras de amor. Homens são assim.

Sejam quais forem as razões *dela* para amá-lo, não tinham nada a ver com ganância. Com o tempo, aprendeu a cobiçar roupas e sapatos bonitos, mas nunca desejou — ou ganhou — joias caras. Nas fotos, está quase sempre usando o mesmo bracelete e o relógio modesto. “Hitler nunca foi generoso nos presentes que dava a Eva. Sempre fora um filisteu medíocre e achava que flores e lembrancinhas baratas eram mimos perfeitamente suficientes para sua amizade. Os colares e tiaras de diamante que aparecem nas histórias de Eva após a guerra eram — como tanta coisa mais — pura invenção do jornalismo vulgar e salaz”,^[19] repudiava Alois. O importante para Eva é que conseguira se destacar em meio às *starlets* que o cercavam para assumir o papel principal de única amante de Hitler. Ao longo dos últimos dois anos, tornara-se indispensável agindo de forma sutil: proporcionando-lhe prazer, fazendo-o rir, levando-lhe as vozes e burburinho dos jovens nas ruas e cafés de Munique. Era a pessoa para quem ele se voltava quando buscava consolo. Tendo se acostumado cada vez mais a sua presença, não tinha tempo nem predisposição para procurar mais ninguém. Segundo um assistente, Fritz Wiedemann, um dos primeiros seguidores do nazismo, o *Führer* certa vez comentara que ser solteiro tinha suas vantagens, acrescentando de modo casual, “e, para o amor, tenho uma garota em Munique”. A perspectiva de Eva era totalmente diferente. Quatro anos haviam se passado desde seu primeiro encontro e sua esperança era de estar prestes a se tornar sua esposa.

Em janeiro de 1933, Hitler ascendera ao poder nacional como chanceler do Reich. Thomas Mann observou em seu diário que testemunhava um tipo de revolução que jamais vira antes: “Sem ideias subjacentes, contra ideias, contra tudo que é nobre,

melhor, decente, contra a liberdade, a verdade e a justiça”. Entretanto, sua indicação foi saudada com êxtase por muita gente, não só nazistas. Manfred von Schröder, banqueiro privado inteligente e sofisticado de Hamburgo, diria — ainda com um vestígio do orgulho e do júbilo que sentira sete décadas antes — “1933 pareceu o início de um período novo e maravilhoso. A sensação era de um recomeço”.^[20]

Agora que o *Führer* estava sediado em Berlim, com suas atribuições oficiais se multiplicando e seus planos para o Partido Nazista amadurecendo rápido, Eva foi forçada a virar a mulher cujo nome jamais era pronunciado e que não existia. Hitler quis fazer com que desaparecesse completamente. No mundo atual em que tudo vem à tona, os assuntos financeiros e sexuais mais íntimos se tornam públicos. Seria impossível um relacionamento como esse permanecer em segredo. Naqueles respeitosos anos 30, as mulheres alemãs não tinham dificuldade em acreditar que seu *Führer* era casto e dedicado à Alemanha. “Sou casado com a Alemanha”, dizia ele. “Ele está à minha espera”, elas pensavam.^[21] Isso lhes permitia satisfazer suas fantasias eróticas (ou, de modo mais comovente, domésticas). Dezenas de milhares escreviam, às vezes com detalhes bastante explícitos. Outras milhares o esperavam do lado de fora de sua casa em Obersalzberg. Multidões de mulheres gritavam “*Mein Führer*, quero ter um filho seu!”, histéricas, espremendo-se para tentar chegar perto o bastante para abraçá-lo e beijá-lo, até que os guarda-costas as arrastassem para trás. Dada essa adulação e sua crença de que, depois de Geli, jamais se deixaria enredar por uma mulher outra vez, a “captura” de Hitler — embora longe de completa — parece uma realização e tanto por parte de Eva, demonstrando seu orgulho, força de vontade e sutileza em lidar com o *Führer*, ele próprio o rei dos manipuladores.

Manfred von Schröder talvez encarasse aquilo como um novo começo, mas a súbita ascensão de Hitler ao poder deixou muitos alemães atônitos. Ela estava baseada principalmente na calamitosa situação econômica, causada pela Grande Depressão que se seguiu à quebra da bolsa americana em outubro de 1929. Perto do fim de 1932, o Partido Nazista contava quase 1,5 milhão de membros, mas a Alemanha tinha 6 milhões de homens sem emprego. Os descontentes resmungavam e causavam tumultos. Era um momento crucial — o país podia pender para a direita ou a esquerda. Os nazistas haviam perdido 34 assentos no Reichstag e 2 milhões de votos nas eleições de novembro de 1932, mas o comunismo era uma força em ascensão: seus eleitores somavam 6 milhões. O Ano Novo assistiu a um alarmante vendaval de comícios que varreram o país na tentativa de resolver a inflamada situação. Ofereceram a Hitler o cargo de vice-chanceler; recusado. Foi-lhe oferecido novamente, junto com um governo de coalizão; recusado outra vez. Cartas iradas foram trocadas; Hitler exigiu a renúncia do governo; recusado. Em 30 de janeiro de 1933, o primeiro-ministro capitulou e Hitler foi nomeado chanceler pelo provento presidente Hindenburg. Ao anúncio seguiu-se uma procissão imensa, extasiada, que atravessou Berlim sob a luz de archotes. Hitler, à janela da Chancelaria do Reich, foi aclamado pela vasta multidão.

A partir do dia em que se tornou chanceler, a infatigável marcha rumo ao terror racial começou. Em fevereiro de 1933, a liberdade de expressão, de se reunir em público, de imprensa e outros direitos básicos foram suspensos. Na eleição geral de março de 1933, os nazistas ficaram com 52 por cento da votação, ganhando 340 dos 547 assentos do Reichstag. Poucos dias depois de subir ao poder, Hitler declarou o boicote de um dia a todas as lojas de judeus — testando a água, por assim dizer, do antissemitismo alemão, esperando para ver se haveria protestos ou o consentimento geral. O boicote ocorreu a 1º de abril de 1933 e foi apoiado — assim escreveu Goebbels em seu diário — “com disciplina exemplar. [...] Uma imensa vitória moral para a Alemanha: mostramos para o mundo que somos capazes de conclamar a nação inteira a agir sem o mínimo excesso”.^[22] Era verdade. Ninguém podia ter deixado de saber do boicote — em toda a Alemanha, ruas inteiras interromperam o comércio —, embora a maioria permanecesse passiva. Hitler agiu rápida e impiedosamente para impor sua vontade sobre o povo alemão e reprimiu até a mera possibilidade de revolta. Não havia oposição oficial, uma vez que o Reichstag raramente se reunia e já não mais debatia. Só *Der Führer* podia ter voz. Em julho de 1933, quando os nazistas se tornaram o único partido legalizado, a oposição foi declarada ilegal. A soberania da lei foi substituída pelo terror policial arbitrário. Compaixão, humildade e amor ao próximo eram desprezados como fraquezas pela elite nazista e o fanatismo racial, liderado e inculcado pela SS, começou a quebrar a porta da frente que sempre mantivera as pessoas protegidas dentro de seus lares. Crianças espionavam os pais, os pais, seus vizinhos, clientes, donos de lojas — ninguém estava seguro em parte alguma. Em março de 1933, sete semanas após Hitler se tornar chanceler, foi aberto o primeiro campo de concentração^[23] em Dachau, não muito longe de Munique.

Em março de 2005, fui a Dachau. Fazia um frio cortante, mas, apesar do tempo, umas duas dezenas de turistas falando inglês haviam se juntado para uma visita monitorada de cinco horas. Assim que descemos do vagão, as conversas cessaram e as pessoas assumiram um ar solene, como se estivessem entrando num santuário religioso. A neve embelezava as construções de um só andar, que já haviam sido arrumadas para os visitantes, transformando o lugar numa suave cidadezinha impressionista. O campo é enorme, organizado em torno de uma área central gramada do tamanho de dois campos de futebol. Ai, ao alvorecer, fosse inverno ou verão, os presos se reuniam perfilados para a chamada, vestindo pijamas leves e chinelos de feltro. Isso durava uma hora e tinham de se manter em posição por todo o tempo — calcanhares unidos, braços ao lado do corpo, olhar fixo à frente, nenhum contato visual. Antes que o dia realmente começasse, já estavam gelados de frio. Nós que havíamos ido até lá para lembrar, para prantejar, para ver por nós mesmos estávamos embrulhados em casacos, cachecóis, chapéus de lã e botas de neve — e ainda com frio.

Como primeiro campo a ser construído, Dachau foi o protótipo de todos os demais campos de concentração subsequentes, com seu projeto e seus impiedosos regulamento e disciplina. Alguns dos primeiros guardas, no começo, talvez tenham achado difícil tratar os prisioneiros como “não-humanos”, mas logo pegaram o jeito. Os moradores locais (o campo fica a poucos quilômetros de Munique e nas imediações da cidade de Dachau, uma antiga colônia de artistas) foram informados de que se tratava de um campo para “dissidentes políticos” — agitadores, oponentes políticos e inimigos do novo Reich. Poucos se deram ao trabalho de levar suas inquietações adiante depois disso. Assim como para Eva, o significado do campo, caso soubesse de sua existência, teria sido incompatível com seu amor por Hitler: a verdade era impensável. O povo de Dachau fechou os olhos e tapou os ouvidos por uma década, mas não puderam continuar a negar sua existência quando o fedor de putrefação vindo de milhares de cadáveres insepultos penetrou em suas narinas; ainda assim, ao que parece, ninguém protestou.

Em abril de 1933, os nazistas organizaram um boicote contra os negócios judeus. Mulheres elegantes se queixaram de que, com o desaparecimento dos estilistas judeus, a moda alemã perdeu a elegância. Ironicamente, as esposas dos principais parceiros de Hitler, Magda Goebbels e Emmy Göring, nem tomaram conhecimento e continuaram a comprar suas roupas de costureiros e vendedores judeus até que os decretos oficiais promovendo a completa arianização, no fim dos anos 30, tornaram isso impossível.

Os judeus foram excluídos de todos os cargos públicos, incluindo o de professores. A lista de indesejáveis raciais aumentou. Em julho de 1933, uma nova lei estabeleceu a esterilização forçada de deficientes, ciganos, negros e mestiços (mulatos, como eram chamados).^[24] Para o caso de alguém se sentir apreensivo com as medidas — e muitos ficavam —, a máquina de propaganda saudava Hitler e o Partido Nacional Socialista por cumprir a promessa de conquistar uma nova esperança, novos empregos e um novo orgulho para a Alemanha. Em setembro de 1933, setecentos desempregados de uma agência trabalhista de Frankfurt receberam a notícia de que iriam se juntar a outros trezentos na construção das novas *Autobahns*. Foram transportados até o local, onde, num gesto simbólico de solidariedade, Hitler cavou os primeiros dois metros cúbicos. O buraco que ele abriu até o suor pingar de sua testa teve de ser cercado para impedir os operários de levar embora punhados de terra como relíquias preciosas.^[25]

No ano seguinte, em julho de 1934, numa jogada audaciosa que contou com a sanção legal da retroativa Lei Concernente a Medidas para a Defesa do Estado, o assim chamado “princípio *Führer*” foi decretado. De acordo com ele, Hitler encarnava sozinho a vontade da nação e seu desejo era supremo. Um mês depois, após a morte de Hindenburg, ele foi proclamado “*Führer* do Reich alemão”, a quem, como chefe de Estado e comandante supremo das forças armadas, todos os oficiais prestavam um juramento de lealdade. Dezoito meses após se tornar chanceler quase que à revelia, o homem que Hindenburg e seus ministros achavam que podiam manter sob controle tornara-se um ditador de partido único. O debate, o consenso e a razão deram lugar à adulação, reforçada nas imensas convenções em que Hitler e seus ministros eram

ovacionados pela massa com aclamações cuidadosamente coreografadas. A SS e a Gestapo eram mais obedientes aos desejos de Hitler que à lei, e seus desejos em breve ficaram claros.

Em março do ano seguinte, o serviço militar obrigatório foi instituído. Em abril, milhares de Testemunhas de Jeová foram presos e, em setembro, mais leis raciais e civis antijudaicas foram promulgadas. Para aqueles capazes de distinguir os sinais agourentos através da camuflada propaganda nazista, os Eventos Negros assomavam, lançando sua sombra sobre a promessa das ensolaradas *Autobahns* e férteis colheitas.

Os anos entre 1932 e 1935, antes que Eva fosse alçada ao status de *maitresse en titre*, continuaram sendo de incerteza, embora, a julgar pelas fotos, ela jamais deixasse transparecer a tensão. Eva recebia, posava com candura na varanda da Haus Wachenfeld, rodopiava e dava piruetas como se não tivesse uma única preocupação no mundo. A fachada era tão convincente que era tida na conta de superficial e frívola, embora as páginas remanescentes de seu diário revelem a dor de seu desespero e infelicidade.^[26] Pouca gente sabia que era sujeita a sombrios estados de ânimo que às vezes enveredavam para uma severa depressão. Uma tendência compartilhada por Hitler. O instável temperamento dos Schicklgruber manifestava-se em explosões de raiva ou num sentimentalismo exacerbado que suas secretárias descreviam como “quase esquizofrênico”,^[27] com o humor oscilando entre a gentileza e consideração extraordinárias demonstradas com elas e os acessos de fúria incontrolável presenciados pelos membros de sua equipe. Mas se Hitler podia se dar ao luxo, Eva não podia deixar que o temperamento afetasse sua aparência alegre — ele não teria tolerado uma Eva de cara amarrada. Sua tarefa, a tarefa de qualquer amante, era levar alguma diversão à vida dele; ajudá-lo a relaxar dos árduos deveres. Estava ali para amá-lo e mimá-lo e devia sempre estar disponível para demonstrar tal coisa.

As obrigações do cargo continuavam a manter Hitler e Eva separados. Enquanto ele se refestelava com a adulação da massa, ela emperrara no papel de balconista anônima, sob a vigilância do pai controlador. Hitler a proibira de falar a seu respeito com quem quer que fosse e isso a forçou a confidenciar em seu diário que sua infelicidade pessoal se tornara insuportável. No dia 28 de maio de 1935, escreveu uma carta para pedir... o quê? Uma visita, alguma demonstração de afeto, um cachorro, pelo menos, que lhe proporcionasse devoção e lealdade? Não ousava escrever o que realmente queria dizer: *Decida-se — me ame ou me deixe em paz!* Mais tarde, ao final de um dia longo e torturante, Eva chegara ao seu limite e seu diário soava mais incoerente do que o normal. “Acabo de lhe mandar uma carta decisiva. Pergunta: dará alguma importância a ela? Vamos ver. Se não responder até a noite, vou tomar 25 pilulas e lentamente dormir para acordar no outro mundo.” Ela esperou pela resposta, o desânimo tomando conta de seu espírito, sem força para exigir uma: “Meu Deus, tenho medo de que não me responda hoje. Se pelo menos alguém me ajudasse — é tudo tão horivelmente deprimente”. A família estava fora, divertindo-se em algum lugar. Sozinha no apartamento (ela deve ter

preparado o terreno para isso, o que mostra como os pais não faziam ideia de seu estado emocional), Eva registrou os últimos pensamentos: “Talvez minha carta tenha chegado a suas mãos num momento inoportuno. Talvez eu não devesse ter escrito. Tomei a decisão de engolir 35 pilulas desta vez e será ‘morte na certa’. Se ao menos acabasse mandando alguém me ligar”. Ainda nada. Era tarde e ela sabia que, quando Hitler estava em Munique, gostava de passar as noites folgando com os amigos. Após esperar o dia todo numa escalada de suspense e infelicidade, Eva ficou cada vez mais desesperada. Finalmente, sem receber notícia alguma, tomou vinte comprimidos de Vanodorm, um sedativo poderoso — o suficiente, achava, para se matar.

Após o episódio, que provavelmente teria sido fatal, não fosse Ilse outra vez encontrá-la, dessa vez em coma, Hitler disse: “No futuro, devo me preocupar mais com ela” — “*Ich muss mich mehr über sie kümmern*”.^[28] A segunda tentativa de suicídio forçou-o a pôr o relacionamento nos eixos, mas para Eva fora uma tática perigosa. Da próxima vez, talvez ele não acreditasse que era para valer, ou talvez ela não sobrevivesse.

Alguns dias depois, Heinrich Hoffmann — cujas memórias sempre desembocam no autoelogio — diz ter arranjado um encontro entre os dois em sua casa. Hitler observou, genuinamente chocado, quando Eva — pálida e fragilizada — desceu vagorosamente as escadas para ir a seu encontro.^[29] A última coisa de que precisava era de outro furor como o que fora provocado pela morte de Geli. Daquela vez, ele conseguira silenciar o caso e manter os detalhes fora das páginas dos jornais — embora não tivesse sido capaz de evitar um bocado de indesejável especulação —, mas isso ocorrera em 1931, dois anos antes de se tornar chanceler. Agora que era o líder da Alemanha, outra tentativa de suicídio de uma jovem suscitaria uma série de perguntas desconfortáveis. No mínimo, sabotaria sua imagem de *Führer* celibatário. Era um momento crítico no relacionamento. Ele perguntou a Anna Winter: “O que eu faço? Não posso passar por outro escândalo”.^[30] Se o propósito da tentativa de suicídio era chamar a atenção de Hitler, funcionara.^[31]

Nessa época, o fim de 1935, Hitler conhecia Eva havia exatos seis anos. Pareciam se entender bem fisicamente e, mais importante, ela era discreta. Ele se acostumara a sua presença e nutria uma afeição genuína, embora escondesse seus sentimentos de todo mundo — incluindo, provavelmente, de si mesmo. Ele gostava da irmã dela, Gretl (que sempre ia ao Berghof junto com Eva), e a família Braun era respeitável — a palavra chave é *anständig* —, decente. O *Führer* gostava de se imaginar como um mulherengo, sedutor, viril, potente, irresistível, mesmo que não aproveitasse as oportunidades que se apresentavam. (Albert Speer observou: “Com mulheres bonitas era, bastante estranhamente, muito físico. Estava sempre trançando seu braço no delas ou segurando-as pelo cotovelo”.^[32]) Não havia nenhuma outra desafiante plausível ao posto de amante, embora as fofocas sempre girassem em torno das candidatas mais óbvias, como Leni Riefenstahl, a fascinante atriz e diretora, e Unity Mitford, a ariana maiúscula que recém-ingressara em seu círculo com juras de amor apaixonado. Só Eva teve a perspicácia de perceber que Hitler não estava atrás de beleza, inteligência ou classe social,

embora gostasse de passar noites com essas companhias. O atributo ao qual dava mais valor era *Gemütlichkeit*: aconchego, a domesticidade familiar e acolhedora que o aguardava no momento em que punha os pés em casa. *Gemütlichkeit* era precisamente o que Eva oferecia. “A mulher deve ser uma coisinha graciosa, carinhosa, ingênua — terna, doce e obtusa.”[33] Eva era tudo isso, embora um tanto menos obtusa do que o fazia crer.

Três meses depois, em agosto de 1935, Eva e sua irmã Gretl — a primeira com 23 anos e a segunda com vinte — saíram de casa e, por sugestão de Hitler (e pago por ele), mudaram-se temporariamente para um apartamento alugado com vista para o rio Isar, no número 42 da Wiedenmayerstrasse, em Munique,[34] perto do Englischer Garten, que Heinrich Hoffmann providenciara instruído por Hitler. Nunca mais voltaram a morar com os pais. O rompimento deve ter sido doloroso para Fanny e humilhante para Fritz, cujas filhas escarneciam de sua autoridade e fugiam-lhe do controle. Não era homem de primar pela sutileza e jamais tratara Eva com sensibilidade e afeto. Em vez de condenar seu amor por Hitler, deveria ter se perguntado por que se apaixonara por um homem que para ele era um anátema. O amor-próprio o impedia de admitir que um outro ainda mais autoritário e dominante que ele se apossara de sua filha favorita, mostrando Fritz Braun como o mais fraco dos dois.

Contudo, sua impotência não era completa. A mudança de disposição de Hitler talvez houvesse sido induzida em parte por uma carta do pai de Eva, embora não se saiba ao certo se a carta chegou às mãos dele. Henriette von Schirach — ainda que tivesse deixado de ser uma amiga íntima de Eva desde o casamento — conta uma história curiosamente convincente sobre a tentativa de Fritz Braun de interceder pela filha junto a Hitler. Isso aconteceu em setembro de 1935, pouco após a segunda tentativa de suicídio. Na versão de Henny:[35]

Herr Braun sabia que na viagem de Munique a Obersalzberg Hitler parava numa determinada taverna [a Lambacher Hof] e planejou abordá-lo ali para dizer que a segurança, o bom nome e o futuro de sua filha estariam ameaçados se continuasse a viver com ele no Berghof. Mas tarde, Hitler descreveu a conversa como “a mais desagradável de sua vida”. Mas o resultado foi favorável. Hitler comprou para Eva uma casinha na Wasserburgerstrasse e proveu-a de uma quantia mensal suficiente para garantir-lhe o sustento. Mas deixou absolutamente claro para *Herr* Braun que casamento era algo fora de questão. E assim, paradoxalmente, Eva se tornou a amante consentida de Hitler. Já não precisava mais acreditar que o mantinha em segredo da família, mas ficou estabelecido que não teria filhos. Hitler não queria cobranças pessoais para cima dele, muito menos de uma esposa.

A veracidade dessa história é tanto reiterada quanto posta em dúvida por uma versão diferente da Musmanno Collection, extraída de uma compilação de entrevistas com membros remanescentes do círculo de Hitler gravadas por Michael Musmanno. Falando

sob juramento, Fritz Braun negou que esse episódio algum dia tenha ocorrido. Ele jamais teria se submetido a uma situação tão grotesca trazendo o assunto à baila e, em todo caso, disse, não era bobo de demonstrar tal audácia com o todo-poderoso Hitler. Fanny também assegurou a Musmanno, em conversa informal, que isso era “ridículo”. No entanto, Fritz Braun de fato escreveu uma carta para Hitler, citada na íntegra por Nerin Gun.^[36] Alois Winbauer também atesta a precisão da informação. O misto de deferência, formalidade e preocupação da carta é tocante e a desconfortável negação de Fritz Braun não necessariamente contradiz sua autenticidade:

Munique

7 de setembro de 1935

Sua Excelência,

Acho-me na posição extremamente desagradável de necessitar importuná-lo com um problema de natureza particular, em outras palavras, de precisar lhe explicar minha aflição enquanto pai de família. O senhor, *Führer* da nação germânica, que se vê diante de outras preocupações decerto muito mais importantes. Porém, uma vez que a família é a menor, mas também a mais vital, das células sociais, uma célula que permite a um Estado honesto e bem organizado se desenvolver, creio ser este passo em alguma medida justificado e portanto venho lhe pedir que me ajude.

Minha família, no momento, vê-se dividida, pois minhas duas filhas, Eva e Gretl, mudaram-se para um apartamento que o senhor lhes deixou à disposição e eu, como chefe de família, fui apresentado à situação como um fato consumado. Naturalmente, sempre censurei Eva com severidade quando chegava em casa muito após o horário normal de fechamento do escritório.

Acredito que uma jovem, após trabalhar intensamente por oito horas diárias, necessite relaxar à noite em meio ao círculo familiar, a fim de manter a boa saúde. Sei que desse modo defendo um ponto de vista que, aí de mim, parece antiquado. Contudo, a supervisão que os pais exercem sobre os filhos e a obrigação dos filhos de viver em casa até chegar a hora do matrimônio é um princípio inviolável. Esse é meu código de honra. Sem dizer que, à parte tudo isso, sinto uma falta terrível de minha filha.

De tal modo que lhe serei extremamente grato, Excelência, se fizer a gentileza de me conceder sua compreensão e auxílio, e concluo esta carta rogando que não encoraje essa sede de liberdade em minha filha Eva, a despeito do fato de ser maior de 21 anos. Por favor, aconselhe-a a regressar ao seio familiar.

Seu, mui respeitosamente,
Fritz Braun

Alois Winbauer comenta: “A carta é deveras reveladora da relação entre Fritz Braun e

sua filha. Nela vemos um patriarca convencional e um homem de princípios, torturado pela angústia com a criança que escapou de seu controle e profundamente ofendido com o modo insensível com que foi atraída para longe da família e suas tradições, deixando-o completamente sem autoridade enquanto pai”.[\[37\]](#)

Ao que parece, *Herr* Braun optou por não confiar a carta ao correio, mas pediu a Hoffmann que a entregasse pessoalmente a Hitler. Hoffmann, sem intenção de matar sua galinha dos ovos de ouro, entregou-a a Eva, que, segundo Norin Gun, “rasgou-a em mil pedacinhos”. Fanny Braun contou a ele que havia escrito uma carta similar, sem jamais obter resposta.

Seja qual for o destino das cartas, Hitler enfim percebeu que aceitar Eva extraoficialmente como sua amante resolveria um bocado de problemas. Ele precisava dos carinhos que um marido recebe da esposa, mas sem os estorvos do casamento. Ao longo de seis anos Eva se mostrara leal, fiel, encantadora de olhar sem ser de uma beleza arrepiante, alegre e animada sem ser brilhante e — isso era essencial — inteiramente desinteressada da política. Ela nunca fazia perguntas incômodas; nunca interferia quando ele se regozijava em suas visões grandiosas para o futuro junto com Albert Speer, seu jovem arquiteto; deixava de bom grado que o pau para toda obra de Hitler, o *Reichsleiter* Martin Bormann, seguisse na administração de Obersalzberg. Se Eva se tornasse extravagante em seu desejo por roupas, sapatos e todos os atavios femininos, Bormann cuidaria do assunto. Ele o instruiu a pagar-lhe uma mesada e a lidar com as contas dela.

Hitler curvou-se ante o inevitável e — insistindo em esconder totalmente seu nome, seu rosto e sua existência — aceitou o fato de que era chegada a hora de empossar *Fräulein* Braun como sua legítima companheira e amante: ou melhor, legítima para os amigos e pessoas que lhe eram próximos. Ele poderia perfeitamente também tê-la atirado aos lobos.

DIÁRIO DE UMA MULHER DESESPERADA

EM MILHARES DE FOTOS e em horas de filmes caseiros, Eva se mostra como queria ser vista: uma garota radiante, rindo e rodopiando com vertigem. Pouquíssimas pessoas conheciam o lado mais sombrio de sua vida e personalidade e ela não poupava esforços para ocultá-lo. A verdade só foi contada em seu diário.[1] Este diferia das fotos e dos filmes por ser inteiramente privado. Sem nunca ter sido concebido para ser mostrado às amigas, muito menos à posteridade, foi escrito por Eva e para Eva. Ali ela podia derrubar a fachada divertida e dizer a verdade.

O diário de Eva Braun difere completamente da imagem desabonadora que a história lhe concedeu. É uma explosão ilegível de pensamentos apaixonados, fantasias e terrores de uma jovem inteiramente diversa da cabeça de vento retratada pelos historiadores homens. Ali se revela uma figura atormentada, emocionalmente faminta de amor pela negligência de seu parceiro e quase levada à loucura com sua ausência. Num momento crucial de sua vida, após ter se entregue de corpo e alma a Hitler, recebeu tão pouco de volta que ficou imaginando se a vida valia a pena. Jamais lhe passou pela cabeça deixá-lo, mas, ao longo dos quatro meses que o diário cobre, gradualmente foi se convencendo de que a única saída era o suicídio. Quando, no fim de maio de 1935, tentou se matar pela segunda vez, Ilse — como vimos — chamou um médico, que levou Eva para o hospital, onde sua vida foi salva. Depois disso, vendo o diário ao lado da cama, sobre o criado-mudo, Ilse o escondeu e pode talvez tê-lo destruído, com exceção das últimas 22 páginas cobrindo o período entre o aniversário solitário de 23 anos de Eva, 6 de fevereiro, e 28 de maio de 1935, dia em que planejou o ato fatal. Por que Ilse guardou essas páginas — se para proteger os pais de saber o verdadeiro motivo, caso Eva morresse; como fonte para uma futura chantagem (improvável) ou uma prova numa investigação — não se sabe; mas, no devido tempo, devolveu-as à irmã.[2]

Por que Eva manteria um diário, em primeiro lugar? A maior parte das pessoas não tem um, mas dentre as que o fazem, muitas são jovens em estado de caos emocional. Gitta Sereny, biógrafa de Albert Speer e autoridade mundial no Terceiro Reich, diz simplesmente: “Ela era bem o tipo de garota que escreve um diário”. [3] Estava naquela idade em que tantas jovens necessitam de uma válvula de escape para os pensamentos íntimos, sobretudo se não têm com quem trocar confidências — e Hitler insistia no total sigilo. Seus pais, que enfim descobriram o relacionamento em 1934, eram inabordáveis. Para eles, o assunto era proibido. Eva tinha amigas, mas é difícil imaginar hoje em dia o grau de discrição das pessoas nos anos 30. Eles não comentavam sua vida sexual nem alardeavam seus problemas emocionais. “Havia mais respeito entre as pessoas, naquela

época”, explicou sua prima Gertraud, “por maior que fosse a intimidade.”^[4] Os segredos da ligação de Eva com o homem mais importante e poderoso da Alemanha eram um fardo pesado. Ela estava coberta de razões para manter um diário.

Suas exíguas 2 mil palavras (que eu havia lido tanto em alemão como numa tradução inglesa) retratavam uma Eva que de outro modo ninguém suspeitaria, mas uma tradução, mesmo que fosse boa (e no caso do diário a maioria é ruim), é tão diferente do original quanto um cartão-postal o é da verdadeira pintura que representa, e até mesmo o melhor fac-símile é incapaz de proporcionar a sensação de contato direto entre autor e leitor. Se eu quisesse compreender a verdadeira Eva, mais do que as múltiplas versões de si mesma que apresentava para a família, os amigos e, acima de todos, Hitler, era necessário estudar o documento com meticulosidade quase criminalística. Isso significava ter acesso ao original. Diferente de fotografias ou filmes, que continuam iguais independente do número de vezes que são duplicados a partir dos negativos originais, um diário é um objeto manuscrito único. Eu estava impaciente para ver essa relíquia numinosa, sentir o cheiro de suas páginas, examinar as nuances de sua caligrafia. Precisava segurar — ainda que usando luvas — o próprio caderno sobre o qual suas mãos haviam pousado setenta anos antes, perscrutando-lhe a escrita em busca de pistas até finalmente me convencer de que o diário era a *real thing*.

Em março de 2005, viajei para Washington pela segunda vez com o propósito expresso de pôr as mãos no diário. Ele é zelosamente guardado pelos funcionários do NARA, National Archives and Records Administration, os arquivos militares e nacionais dos Estados Unidos da América. Sob o edifício conhecido como Archives II, em College Park, Maryland, ficam vastas catacumbas de espaço para armazenamento: cerca de 60 mil metros cúbicos de prateleiras abarrotadas.

Ali, nas entranhas da fortaleza de concreto, o diário repousa em seu invólucro, um surrado envelope pardo, para ser visto apenas pelos pesquisadores mais pertinazes e somente com a permissão expressa dos dois arquivistas seniores. Ele só é disponibilizado àqueles que sabem onde procurar e a quem perguntar. Em 2004, passei uma semana em College Park à caça de material sobre Eva Braun e ninguém se deu ao trabalho de me informar que o NARA mantinha seu diário bem naquele prédio. Pesquisadores persistentes, com uma dose extra de paciência, *podem* acabar ganhando acesso. Mas não foi fácil.

Meu mentor foi John Taylor, um arquivista de 84 anos de idade que está no NARA há sessenta anos e conhece os arquivos como as veias no dorso de sua mão. Sua malha labiríntica não está organizada logicamente, como, digamos, o familiar e estimado sistema Dewey. *Esse* sistema, para um novato, é física aeroespacial. O sr. Taylor, porém, entende como ele funciona — classificações, cabeçalhos e números de caixas que de outro modo têm de ser localizados mediante a rolagem de telas com quilômetros de microfilmes a fim de se identificar o código imprescindível, antes de submeter uma requisição em um formulário rosa com mais de cinco séries diferentes de números de identificação. Tendo chegado até aí, o formulário deve ser levado a outra sala, entregue a

um bando de funcionários (saída/entrada/iniciais/data) e rubricado. Uma vez isso tudo feito, o processo de busca dos documentos desejados é espantosamente rápido e eficiente. *Exceto* no caso do diário de Eva, quando o esperançoso pesquisador é detido em sua busca da Bela Adormecida por um denso emaranhado de burocracia e medidas de segurança.

Cheguei ao NARA às 9h30 numa segunda-feira de neve em março de 2005, mas, embora tivesse comunicado meu intento com bastante antecedência, não foi senão na sexta-feira dessa semana, um dia antes de meu voo impostergável de volta a Londres, que o sr. Taylor me dirigiu um sussurro conspiratório: “*Siga-me!*”. Um crachá de segurança máxima com número e horário em torno do pescoço, devidamente rubricado, datado e com tempo de permanência controlado, eu o segui através de portas que só podiam ser abertas com um cartão eletrônico até dar numa sala vazia onde, na presença de outro arquivista sênior, recebi um envelope pardo comum e um par de luvas brancas de algodão. Sob o olhar atento do arquivista, calcei as luvas e me acomodei para ler o diário de Eva.

Dentro do envelope havia um livro de uns sessenta centímetros quadrados, encadernado num bolorento couro creme que escurecera com o passar dos anos, e um cadeado quebrado. A chave havia muito desaparecera. Vinte e duas páginas de papel creme grosso e sem pauta haviam sido arrancadas e frouxamente colocadas de volta. As demais páginas estavam em branco. Eu o abri no início e me deparei com um último obstáculo. O diário não fora escrito na usual letra cursiva de Eva, mas na espinhosa caligrafia gótica que era usada desde a época medieval; nem de longe parecido com o que ela costumava usar nas legendas dos álbuns de fotografia, e difícil, inicialmente impossível, de decifrar. A escrita era ágil e firme, a letra de uma pessoa instruída e inteligente, mas tão diferente do alemão comum quanto o cirílico.[5]

Felizmente eu aprendera a ler a escrita gótica na infância. No fim da década de 40, quando morávamos na Alemanha, às vezes me hospedava no atulhado apartamento de minhas tias-avós, *Tante* Lidy e *Tante* Anni, em Hamburgo. Elas deixavam que vasculhasse seus papéis, muitos dos quais escritos nessa letra arcaica, e, com a facilidade que têm as crianças para línguas e símbolos, rapidamente peguei o jeito. Os livros eram impressos numa fonte equivalente e se pretendia ler as antigas coleções remanescentes de histórias para crianças de *Tante* Lidy, tinha de dominar também essa escrita. Eu ficava agachada nalgum canto, lendo, feliz, até a hora da ceia. Sentávamos as três em torno da mesa iluminada por uma lâmpada de baixa potência, tornada ainda mais fraca pelo quebra-luz franjado, comendo os pesados mas deliciosos guisados que continham pouca coisa além de farelentos batatas cozidas no molho de carne. Lidy e Anni eram muito pobres, como a maioria dos alemães depois da guerra. Na hora de dormir, *Tante* Lidy me contava histórias com sua voz calma, baixa, aveludada. Seu som ainda ecoa em meus ouvidos; acho que a voz falada mais linda que jamais ouvi em toda minha vida.[6]

O diário foi escrito em 1935 e muito possivelmente continuava mais tarde, mas 1935 é o único ano do qual restaram alguns excertos.[7] Ele não segue uma ordem metódica, dia após dia em sucessão — esse não era o estilo de Eva. Parece ter sido usado como uma válvula de escape quando a frieza e imprevisibilidade de Hitler atingiam limites insuportáveis. Por mais superficial que seja, o diário fornece uma biópsia de seu estado emocional, revelando o efeito que Hitler exercia sobre ela; como gradualmente minou sua autoconfiança exuberante, bem como seu equilíbrio mental. Ela nunca sabia quando o veria de novo e a incerteza a mantinha em eterno suspense.

Uma das primeiras anotações, datada “11.02.35”, tranquilizou-me de uma vez por todas quanto à autenticidade do diário. (Assim como, de modo comumente, me lembrou minha mãe. Ela escrevia os números *exatamente* igual a Eva. Deviam ter aprendido com o mesmo caderno de caligrafia.) Ele é, sem sombra de dúvida, o *único* relato da vida íntima dela escrito de próprio punho.[8] O diário cobre 113 dias e consiste de uma dúzia de anotações irregulares. Está escrito a lápis e a grossura do traço e o tamanho das letras — quanto mais agitada ela fica, maiores elas se tornam — são um sinal de seu estado de espírito. Letra menor e mais fina denota calma. A legibilidade se deteriora conforme o estado emocional. À medida que as espirais saem do controle, a escrita se torna mais frenética e o lápis perde a ponta com sua veemência. Contudo, o estilo fluente demonstra claramente que é mais do que capaz de se expressar. Há poucas rasuras e ela tampouco recorre a palavras sublinhadas ou pontos de exclamação para dar ênfase. Eva sabia o que queria dizer e seus pensamentos transbordam na página.

No início de 1935, Adolf Hitler completava dois anos ocupando a chancelaria. Era forçado a passar grande parte de seu tempo em Berlim, cuidando dos negócios de Estado, encontrando-se com delegados estrangeiros hostis ou amigáveis e pelejando com os ministros parecidos a rottweilers, sempre atrás de favores e promoção. Quando voltava a Munique nos fins de semana, muitas vezes se encontrava com antigos camaradas e esquecia de Eva. As semanas se passavam sem que ela o visse, dificilmente ouvindo uma palavra que fosse. Um encontro breve fazia renascer seu otimismo jovial. Depois, o silêncio.

Eva era a amante do *Führer* havia pelo menos três anos. Ficavam ocasionalmente a sós, presumivelmente no apartamento dele, já que seria arriscado demais visitá-la na casa dos pais: “Ontem ele apareceu totalmente sem avisar e passamos uma noite deliciosa” (18 de fevereiro). Eva descreve o momento como “*entzückend*” — encantador, delicioso —, mas não apaixonado. Talvez fosse isso que ela oferecesse: noites deliciosas de sexo risonho, inocente, brincalhão, bancando a Bridie O’Murphy para seu Luís XV. Nesse caso, devia ser um papel difícil de desempenhar, ainda que ela descreva essas horas como “*wunderbare schöne Stunde*” — momentos maravilhosos (4 de março).

Um série de fotografias datadas por Eva como sendo de 16 de março de 1935 mostram-na em meio a um grupo, incluindo Hitler, no Zugspitze, um recanto montanhês perto de Berchtesgaden. Mas nesse dia, 16, após promulgar uma lei anunciando a volta do alistamento obrigatório, Hitler estava em Berlim passando as tropas em revista. Eva

era notoriamente descuidada com as legendas das fotos e a data deve estar errada — é muito mais provável ter sido em 1934, numa época em que Hitler estava em Munique. Tivesse sido em 1935, sem dúvida ela o teria mencionado em seu diário.

Em outras ocasiões, quando se encontrava com Hitler, ele podia tratá-la com indiferença ou mesmo ignorá-la completamente. No dia 1º de abril de 1935, ela escreveu: “Ontem ele nos convidou [querendo dizer ela e Gretl] para jantar no Vier Jahreszeiten [Hotel Quatro Estações]. Senteime a seu lado por três horas sem poder trocar uma única palavra. A título de despedida, estendeu-me um envelope, como fizera antes, um envelope com dinheiro dentro. Teria sido muito mais agradável se contivesse seus respeitos ou alguma palavra de amor. Eu teria ficado tão contente, se fosse assim”. Albert Speer, também presente, recordou que ela corou intensamente. Eva mais tarde confidenciou que o envelope continha dinheiro e que isso já acontecera antes. (Que Hitler lhe desse alguma coisa é significativo. Prova que sentia ser devedor de alguma ajuda.) Speer ficou furioso com a falta de tato de Hitler: “Eu me senti horrivelmente sem graça por ela”.^[9] Após três anos como amante do *Führer*, a própria existência de Eva era apagada, seu nome, jamais pronunciado, seu rosto, nunca visto, e seu amor anulado pela insensível negligência dele. O relacionamento oferecido por Hitler era o avesso de tudo que ela precisava. “O tempo está tão maravilhoso e eu, a amante [o termo que usa no original é “*die Geliebte*”, significando a pessoa amada, e em geral carrega uma conotação especificamente sexual] do homem mais importante da Alemanha e do mundo, estou sentada aqui, olhando o sol através da janela. Como ele pode ser tão grosseiro em me deixar aqui, balançando a cabeça para estranhos?” (10 de maio). A anotação termina: “Que pena que é primavera”.

Uma mulher capaz de escrever tal coisa não era nenhuma “pata tonta” ou uma “vaca estúpida”, mas uma pessoa articulada, dotada de sentimentos profundos e da capacidade de expressá-los. A voz que surge no diário não é de uma balconista choramingas sem educação nem inteligência, como afirmavam seus detratores. Um dia após seu aniversário, ela comenta, com ironia: “O escritório inteiro parece uma floricultura e cheira como uma capela de cemitério” (6 de fevereiro). Uma mulher menos sensível teria se gabado das flores magníficas que recebera. Eva percebia que, entregues por *Frau Schaub* (esposa do assistente de Hitler e presumivelmente ciente do *affair*), não significavam nada além de uma ordem casual dada a um subalterno. Enxergando através dos arranjos de flores, ela via o vazio do gesto ostensivo.

* * *

O que o diário revela sobre sua personalidade? Primeiro, que era generosa, tanto com a família como com Hitler. Para o próprio aniversário, havia planejado uma excursão com a mãe e as irmãs aos montes Harz, ao norte de Munique. “Era para eu ter passado momentos maravilhosos, pois é sempre mais divertido quando os outros também estão

se divertindo. Mas nada aconteceu” (6 de fevereiro). Talvez ela tivesse cancelado o passeio na esperança de que Hitler lhe fizesse uma surpresa em seu aniversário. Nesse caso, ficou decepcionada. Segundo, o que não é normal para a amante de um homem rico e poderoso, suas expectativas materiais eram modestas. Quando Hitler finalmente apareceu, de mãos abanando, cinco dias mais tarde, ela escreveu: “Ele acaba de vir me ver, mas nem sinal de um cachorro[10] ou de uma cômoda. Nem sequer me perguntou o que eu queria em meu aniversário. Então comprei umas bijuterias para mim mesma. Um colar, brincos e um anel combinando por cinquenta marcos. Tudo muito bonito, e espero que goste”, acrescentando, com um azedume inesperado: “Se não gostar, ele que vá escolher sozinho alguma coisa para mim” (11 de fevereiro). Uma mulher cujas maiores aspirações são um cachorro ou uma cômoda e que encontra consolo num punhado de bijuterias não pode ser chamada de mercenária. E tampouco cobiçava poder ou status. Nunca desejou ser a primeira-dama da Alemanha — ela queria o homem, não o *Führer*. Em terceiro lugar, a despeito de tudo, era otimista. Raramente se entregava à autopiedade, mas sempre tentava ver as coisas por um ângulo mais favorável, esforçando-se por não afundar em seus humores mais sombrios. Era, sem dúvida, fiel: nenhum outro nome masculino é jamais mencionado no diário e não há nenhum indício de algum “candidato” à espera. Nem uma única vez considerou a possibilidade de tentar viver uma vida comum com um homem comum com quem pudesse se casar e ter filhos. Por último, fato essencial, era discreta. Devia manter o diário trancado e escondido, mas mesmo assim nunca usa o nome de Hitler. Invariavelmente se refere a ele como “Er” — “ele” — e apenas uma vez alude a sua importância.

Eva Braun sofria de ciúme, o câncer do amor. Era jovem demais para perceber que o comportamento inconstante dele a deixava num estado constante de insegurança. A verdade banal porém óbvia — de que Hitler era genuinamente preocupado com os negócios de Estado e ocupado demais para despender seu tempo com ela — não lhe passava pela cabeça, embora tentasse temporizar: “Afinal, é óbvio que não está realmente interessado em mim, quando tem tanto a fazer na política” (16 de março) ou “Então tem a cabeça cheia de política o tempo todo, mas decerto precisa relaxar um pouco” (28 de maio). Como toda mulher insegura em relação ao parceiro, preocupava-se de forma incessante com a possibilidade de que sucumbisse a uma das mulheres que enxameavam a seu redor, a maioria das quais teria se regozijado em ser sua amante. O ciúme de algumas anotações beira a insanidade, embora no dia seguinte ela talvez risse de si mesma: (“Isso foi só minha imaginação doida.”) (16 de março). Quando alguém que considerava uma séria competidora aparecia em sua órbita, porém, o ciúme se tornava insuportável. “*Ich zerbreche mit Wahsinn*”, escreveu a 4 de março de 1935: “Estou enlouquecendo”.

Teria sido difícil para ela se houvesse chegado a seus ouvidos o almoço íntimo que Hitler ofereceu seis semanas mais tarde para Sir Oswald Mosley e sua futura cunhada, Unity Mitford, junto com Winifred Wagner, a fanática e leal admiradora de longa data. Hitler ficou muitíssimo impressionado com o fato de que Unity era inglesa e *upper class*,

embora não tão *upper* quanto pensava. Unity Valkyrie Mitford era a *Honorable Miss* Mitford, uma vez que seu pai, *Lord* Redesdale, era apenas barão. A coisa mais “*upper*” nela era sua altura: era excepcionalmente alta, com seu 1,82 metro. A relação dos dois estava baseada numa iludida admiração mútua e nunca fincou pé na realidade, mas Eva não tinha como sabê-lo. O que sabia era que um líder poderoso e carismático como Hitler sempre estaria cercado de predadoras — acaso ela mesma não era uma? Ela não fazia nada para acalmar os próprios temores, enquanto os Hoffmann, que insistiam em continuar a vê-la como *Fräulein* Braun, a jovem assistente da loja, alimentavam suas dúvidas: “Como *Frau* Hoffmann me informou, com tanto tato e afeição, ele agora encontrou uma substituta para mim. Chama-se Valkyrie, e tal é a sua aparência, incluindo as pernas. Ele aprecia medidas desse tipo, mas se ela é realmente assim, logo vai deixá-la esguia de irritação”, escreveu Eva em 10 de maio. Ainda que estivesse escrevendo para si mesma, dava um jeito de fazer o ciúme e o despeito soarem engraçados. “*Incluindo as pernas*” era justificado, vindo de uma jovem que, à força da pura disciplina, moldara as pernas grossas, tornando-as magras e elegantes. Sua principal preocupação era a felicidade de Hitler: “Se a informação de *Frau* Hoffmann estiver correta, acho terrível que ele não tenha dito nada para mim a respeito [subentendendo-se daí que seu relacionamento lhe dava algum direito de cobrar fidelidade, ou ao menos franqueza]. Afinal de contas, deveria me conhecer bem o bastante para perceber que eu jamais poria qualquer obstáculo no caminho se de repente descobrisse que seu coração pertence a outra”. Essa generosidade contrasta de forma gritante com seu medo da indiferença: “O que acontece comigo não é da conta dele”. No dia 10 de maio, ela escreveu: “Talvez seja outra mulher, não a valquíria [...]. Mas há tantas outras”. Cercada por rumores, fofocas e maldade, era difícil para Eva acreditar que era a única mulher com quem ele dormia e a única que chegou perto de amar, ao passo que Hitler pouco fazia para tranquilizá-la. Tendo sido ele próprio vítima de intensos ciúmes quando esteve com Geli, sabia que tormento era isso. Umas poucas palavras teriam levado tranquilidade ao espírito de Eva. Mas ele nunca as disse.

Ela dificilmente o via a sós. Às vezes, iam a passeios pelo campo juntos, mas isso era raro e sempre estavam acompanhados de outras pessoas. Por todo o mês de abril de 1935 foi difícil, por motivos práticos, passar algum tempo juntos. O apartamento de Hitler estava sendo decorado e, enquanto isso, ele se hospedava num hotel, de modo que tinham de se encontrar na casa dos Hoffmann, a poucos minutos de caminhada da Osteria Bavaria — na companhia tanto de Heinrich como de sua nova esposa, Erna. Três meses disso levaram a jovem de 23 anos ao desespero, por mais que Eva tentasse ver tudo pelo ângulo mais favorável. Seus pensamentos oscilavam entre a vida e a morte, mas ela se esforçava por continuar animada: “O importante é não abrir mão da esperança” (6 de fevereiro). E lembrava a si mesma: “No passado, tudo acabou dando certo, e agora será do mesmo jeito” (16 de março). Arrumava justificativas para ele, tranquilizando-se de que, basicamente, corria tudo bem. “Eu já deveria ter aprendido a ser paciente a essa altura.” Nos abismos da infelicidade, tentava ao máximo se agarrar ao

seu senso de humor e ao otimismo inato e essa anotação em particular, tendo começado numa agitação intensa, termina muito calmamente, com o estado de espírito e a letra voltando a ficar sob controle.

Seis semanas mais tarde, estava cada vez mais difícil manter o otimismo. “Estou muito, muito aflita. Fico dizendo a mim mesma, como Coué[11] ‘Estou cada vez melhor’, mas de nada adianta” (29 de abril). Ela devia dinheiro — não disse quanto ou para quem —, mas suas dívidas eram tais que precisou vender um ou dois vestidos e até a preciosa câmera. Não lhe ocorreu pedir a Hitler que a ajudasse. Estava aprisionada no estúdio fotográfico pela necessidade constante de ganhar dinheiro, por mais que o trabalho fosse monótono. Em meados de 1935, completou seis anos a serviço de Hoffmann — tempo demais. E continuava sem sair de casa, às turras com o pai, forçada a escrever o diário em segredo e escondê-lo de todo mundo.

Sua disposição se tornou melancólica: “Vou esperar apenas até 3 de junho, quando se completam três meses desde nosso último encontro” (10 de maio). Uma vez que haviam se visto no dia 31 de março num jantar no Vier Jahreszeiten, Eva talvez usasse a palavra “encontro”, “*rendez-vous*” no original, significando fazer sexo. Várias anotações dão a entender — apenas de modo indireto: ela jamais se arriscava a pôr alguma coisa explícita no papel — que mantinham relações sexuais, mas a euforia subsequente é sempre breve. Com sobriedade, ela reflete: “Ele só precisa de mim para certos propósitos, de outro modo não é possível (i.e., que eu passe algum tempo com ele)” (11 de março). “Certos propósitos” deve significar “relações sexuais”; nenhuma outra interpretação faz sentido. Ocasionalmente, Hitler deve ter dito que a amava: “Sou tão infinitamente feliz que me ame tanto e rezo para que sempre continue assim. Não será minha culpa se algum dia deixar de me amar” (10 de março). E mais realista: “Já me disse tantas vezes que está loucamente apaixonado por mim, mas o que isso significa, quando não tenho notícia dele há três meses?” (28 de maio). Notem-se as palavras “que me ame tanto”... “loucamente apaixonado por mim”. Em particular, provavelmente quando estivesse relaxado e feliz após o sexo, Hitler talvez dissesse a Eva que a amava, mas em público a tratava com indiferença ou, pior, desprezo. De modo realista, ela descreve os sentimentos dele como sendo afetuosos, “*er hat mich gern*”.

No dia 23 de maio, Hitler passou por uma operação para remover um pólipo de suas cordas vocais, um pós-operatório que exigiu uma semana de quase silêncio do paciente, que só devia falar ocasionalmente e num sussurro. Isso pode explicar por que Hitler não telefonou para Eva nessa semana, caso ela soubesse da cirurgia, mas seu diário não faz nenhuma menção ao fato. No fim de maio, ela estava exausta, subjugada por meses de incerteza emocional. Como toda mulher obcecada com um homem, ela quase não existia quando estavam separados. Mal ousando sair, para o caso de ele vir a ligar, aparecendo nos lugares prediletos dele, na esperança de encontrá-lo, passava a maioria das noites em casa, à espera. Nunca podia programar ou antecipar um “*rendez-vous*”. À parte o trabalho monótono, quase não tinha vida própria. “Se ao menos eu não ficasse tão fora de mim por vê-lo tão raramente.” O desespero virou uma espécie de enxaqueca

perniciosa. Se continuasse assim, preferia morrer — não via alternativa. Contemplara a ideia por várias semanas. “Quero apenas uma coisa. Gostaria de ficar muito doente e não ter notícia dele por pelo menos uma semana. Por que não acontece alguma coisa comigo? Por que tenho de passar por tudo isso? Se ao menos eu jamais tivesse posto os olhos nele! Estou completamente infeliz. Acho que vou sair, comprar um pouco mais de pó para dormir e entrar num estado meio de sonho, assim não penso mais sobre isso” (11 de março).

Ela tentava se acalmar, aferrar-se à realidade, mas a convicção de que o suicídio era a única alternativa só aumentava. Deve ter pensado em Geli, que sangrou até a morte após dar um tiro em si mesma, e talvez tenha compreendido pela primeira vez o que levou a rival a adotar medidas tão extremas. Com a segunda tentativa de suicídio Eva esperava, e *queria*, morrer. “Seja como for, a incerteza é muito pior do que acabar com tudo isto de uma vez” (28 de maio). O diário termina abruptamente antes do fim da página. Nada de últimas palavras acusatórias ou de despedidas melodramáticas para o amante ou a família. O restante da página está em branco. Sob a última frase, há uma mancha no papel — provavelmente, suas próprias lágrimas, mas também é possível que de algum leitor descuidado.

As vinte pílulas de Vanodorm que engoliu eram um sedativo mais brando e uma dose menor do que os trinta Veronals que planejava tomar, originalmente. No último minuto, deve ter hesitado. Mesmo assim, não podia ter certeza de que voltaria a acordar. Se sua irmã não a tivesse encontrado inconsciente, é provável que não tivesse sobrevivido. O diário de Eva, um registro de esperança e desespero, prova, além de toda dúvida, que a tentativa de suicídio foi mais que um apelo por ajuda. Desde o início, ela sempre soubera que não podia viver sem ele.

Aos olhos da Igreja Católica, Eva vendera a alma pelo amor de Hitler. Agora ela estava pronta para manter sua parte do trato. A ideia de ser atirada no inferno, para ela, não era nenhuma fantasia, mas uma vívida realidade. Ela escrevera, em 11 de março de 1935: “Por que o Diabo não me leva junto? Seria muito melhor ficar com ele do que aqui”.

OS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS E OS FILMES CASEIROS

POUCAS PESSOAS NO CENTRO de um vórtice da história parecem ter deixado material primário tão escasso quanto a amante de Hitler. Além do diário, tanto mais tantalizante por sua brevidade, dificilmente há quaisquer outras fontes originais da própria Eva capazes de lançar uma luz póstuma sobre sua personalidade ou revelar os sentimentos que reservava sobre os pais, os amigos, o amante e o modo como este a tratava. Ela não era das maiores missivistas e o pouco que escreveu está na maior parte desaparecido ou ocultado em coleções particulares. Poucas de suas cartas a Hitler sobreviveram, menos ainda as dele para ela,^[1] embora, durante as inúmeras vezes em que estavam longe, escrevessem regularmente um ao outro, quase todos os dias. Em abril de 1945, Eva pediu a Gretl que destruísse “um envelope endereçado ao *Führer*, guardado no cofre do *bunker*”, acrescentando, “Por favor, não as leia! Por favor, empacote as cartas do *Führer* e meus rascunhos de resposta [...] num recipiente à prova d’água e, se possível, enterre. Por favor, não as destrua”. (É revelador que Eva mencionasse especificamente os rascunhos de suas cartas a Hitler nessas instruções a Gretl. Poucas mulheres no fim de um relacionamento ainda acham que têm de *rascunhar* uma carta de amor. Mesmo no papel, não podia deixar de “manter a compostura”).

A escassez de fontes primárias ocorre em parte porque Eva não foi tema de uma biografia acadêmica. Um historiador seria forçado a reconstruir sua vida inteiramente a partir dos fatos aparentes e de material secundário — não fosse pelo fato de que, desde o início da adolescência, Eva era uma fotógrafa compulsiva. Sua vida íntima tem de ser reconstruída com os retratos que tirou, não com as palavras que deixou. Felizmente, há milhares de fotos.

Eva Braun sentia particular necessidade de ser admirada, nela inculcada durante a infância com a desaprovação e a rejeição de seu pai. Mais tarde, forçada por Hitler a se tornar invisível, parecia precisar das fotografias para provar que as coisas de fato haviam acontecido; quase que para provar para si mesma que existia. Ela adorava mostrar para os outros os atributos que cultivara a fim de se transformar numa parceira ideal para o *Führer*. Era uma exibicionista nata que sonhava em ser estrela de cinema ou figura pública, aplaudida e amada por milhões. Se isso lhe fosse negado, queria ser a mulher ao lado do homem que o conseguira.

Guardado no prédio do National Archives II, em College Park, Maryland, há 33 álbuns de fotografias de Eva com mais de 2 mil fotos documentando sua vida, desde quando era um bebê até o verão de 1944, um ano antes de morrer. Os retratos brincalhões param abruptamente após o aniversário de 55 anos do *Führer*, em abril de

1944 (com a usual mesa cheia de presentes bajulatórios dos usuais assistentes puxa-sacos).^[2] Quatro desses álbuns, numerados de 18 a 21, pertenciam à velha amiga de Eva, Herta (cujo nome desde o casamento, em novembro de 1936, passara a ser Schneider), e, no fim de 1979, *Frau Schneider* pediu sua devolução. Eles foram fotocopiados e, depois de alguma prevaricação, devolvidos à legítima dona.

Originalmente, os álbuns haviam sido encontrados em maio de 1945, quando os soldados soviéticos invadiram o *bunker* após a captura de Berlim. Ao que parece eles haviam ficado guardados num arquivo no pequeno escritório de Hitler, sob a Chancelaria do Reich. (Os aliados não puderam deixar de rir com o fato de que os russos, ao pilhar os escritórios dos nazistas, esvaziaram os arquivos e os levaram embora, largando os documentos ultrassecretos no chão, que ficaram para os americanos. Quatro meses após a morte de Hitler, sua agenda pessoal foi encontrada incólume sobre a escrivaninha do *bunker*.)

Lady Williams, na época primeiro-tenente Gill Gambier-Parry, assistente pessoal do general-de-brigada da inteligência no quartel-general de Eisenhower, foi um dos primeiros soldados a entrar em Berlim ao final da guerra, em setembro de 1945:

Quando cheguei a Berlim, no outono de 1945, era um mundo tão *extraordinário*. Depois que terminaram de distribuir as acomodações, nada sobrou para mim, então fiquei por algum tempo dormindo num sofá e aí fui enviada para uma mansão de ares italianos no número 6 da rua Grieg, um lugar bem conservado e lindamente mobiliado onde o embaixador grego mantinha suas amantes. Ali havia uma cama de casal imensa sobre um tablado e um esqueleto no porão. Devido à reputação de estupradores dos russos, os alemães escondiam suas filhas sob a mobília, em armários, porões, Deus sabe mais onde. Vi longas filas de mulheres passando destroços de prédios bombardeados de mão em mão. Não me lembro de ter visto muitos homens alemães. Certo domingo, um coronel — chamado Hugh Boggis-Rolph — me disse: “Vamos lá, Gill, vamos dar uma olhada na Chancelaria”.

Encontramos a entrada do *bunker* e o quarto de Eva Braun ficava num corredor à direita. Peguei sua lixa de unha. Levei-a comigo e a usei por algum tempo, mas ela foi roubada num quarto de hotel em Nova York. No armário de remédios de Hitler, havia este frasco de vitaminas.

Ela mostra um pequeno frasco de vidro enegrecido pelo tempo, contendo cerca de duzentos mililitros de um líquido escuro.

Fora isso, não restara quase nada. Em seu escritório encontrei cópias do testamento político de Hitler e de seu testamento particular, assinado por ele, com uma cópia em carbono. Apanhei alguns de seus cartões de anotação timbrados e mais um cartão impresso, “Berlim, Natal de 1942”, assinado por Hitler. Não havia muito mais coisa. Foi uma experiência extraordinária; de certo modo, *crua*. Como estar numa

fortaleza.

Gill Williams também se recorda de comparecer a uma reunião do comitê quadripartite em Berlim, presidido alternadamente pelos quatro países da ocupação.

Em determinada ocasião, quando foi a vez de os russos presidirem a sessão, eles entraram marchando, radiantes como alunos de escola, carregando uma enorme pilha de livros. Eram os álbuns de fotografia de Eva Braun. Ficamos a tarde toda ali a folheá-los, observando as recordações de Eva Braun: *“Esta sou eu com meu vestido de festa, eu na crisma, eu vendo a paisagem de Berchtesgaden, eu no Ninho da Águia”* e coisas assim...[3]

Considerando que não as tinha diante de si havia cinquenta anos, a lembrança que *Lady Williams* guarda dessas fotografias é extremamente vívida e precisa. Perguntei-lhe se ouvira falar de Eva Braun antes de entrar no *bunker* de Hitler. “Ah, claro... sabíamos dela mesmo antes de entrar em Berlim, provavelmente só de fofocas, mas quando as pessoas falavam a seu respeito a gente não ‘guardava’, se é que entende o que quero dizer. Não havia evidências, só boatos. Ninguém teria usado o termo ‘amante’ [*mistress*] naquela época; a gente dizia ‘namorada’ [*girlfriend*].”

Em novembro de 1945, os americanos encontraram os 33 álbuns do NARA na casa de Eva na Wasserburgerstrasse. (Podiam ser reproduções que ela fizera dos de Berlim, já que Eva às vezes presenteava os amigos com cópias dos álbuns.) Foi feito um inventário desses e de outros pertences pessoais que escaparam aos saques. Os álbuns e alguns rolos de filmes domésticos foram levados para os Estados Unidos como espólios de guerra.[4] Tudo isso está disponível — não os originais, mas fac-símiles em tamanho real — a qualquer um com uma autorização de pesquisa do NARA (leva uns dez minutos e não custa nada). Com ela em mãos, recebi ordens de deixar para trás tudo que fosse do mundo exterior — bolsa, caneta (a caneta retrátil de prata herdada de minha mãe que era uma réplica exata da que pertencera a Eva), *notebooks*, jaqueta — antes de mostrar a autorização a um segurança armado. Assim que se deu por satisfeito, certificando-se de que eu entraria de mãos vazias e não saquearia nem explodiria o patrimônio da nação, a catraca girou com um clique e entrei. Após tomar um elevador para a sala de pesquisa no quarto andar, ter a autorização verificada novamente, receber luvas brancas de algodão para manusear o precioso material, pude passar o resto do dia num casulo me concentrando, procurando, folheando, lendo e anotando cada página e cada imagem dos pesados álbuns de fotografia acomodados numa prateleira do canto.

Em março de 2004, passei uma semana inteira examinando atentamente as evidências mais íntimas de Eva, seu círculo e sua vida em Obersalzberg. Com a série de instantâneos, fotografias e filmes[5] pude deduzir não só seu ritmo e atividades diárias como também o que ela tentava fazer de sua vida. Os álbuns e filmes carregam uma massa de informações, tanto mais valiosa por ser passada de forma inconsciente. Graças

a eles, é possível reconstituir a mimada estufa de ar mefítico onde vivia eternamente à espera de Hitler. Sem a presença dele, o terraço e as enormes salas de visitas, com seu eco, perdiam a razão de ser e o vazio da vida de Eva tornava-se patente. Sem sua presença, ela não sentia nada e não era nada. Quando estava lá, tornava-se linda, alegre, cheia de vida. Era o tipo de mulher, em geral ligada a homens mais velhos, cuja única função é agradar; que se vale do charme e de um comportamento exageradamente pueril para buscar a proteção masculina. Nos filmes caseiros de Eva, sua simulação de desamparo risonha e zombeteira transparece claramente e soa mais artificial que nas fotografias. É aí que a vemos como queria ser vista, projetando sua imagem cuidadosamente construída. Tédio e frustração espreitam como uma correnteza subterrânea e ela tem de dar duro para ocultar a verdade de todo mundo, incluindo de si mesma, apregoando em cada foto — vejamos como estamos todos nos divertindo!

O alcance de concentração de Eva era curto demais para que enfrentasse livros sérios (ela nunca leu nada a não ser revistas ou romances de amor baratos) ou mesmo para que se interessasse pela fotografia do modo apropriado, porém, em algum momento entre 1937 e 1941 — talvez durante uma das inúmeras ausências de Hitler, ou num dia de chuva torrencial em que se viram forçadas a permanecer dentro de casa —, Eva e Gretl decidiram mexer na montanha de fotos que haviam acumulado. Elas desencavaram uma pilha de caixas e gordos envelopes cheios de retratos misturados e espalharam tudo na mesa da sala de estar. As fotos que separaram para o álbum foram escolhidas aleatoriamente — nenhuma das duas irmãs era do tipo que, antes de mais nada, faria uma organização metódica — e, longe de estabelecer uma ordem cronológica, muito menos legendas cuidadosas e elucidativas, elas montaram uma barafunda de instantâneos de bebê ou do tempo de escola numa mesma página com retratos de estúdio tirados vinte anos depois. Eva ficou evidentemente feliz com os resultados, pois selecionou as cem melhores, tirou cópias e montou cinco álbuns com capa de couro e as iniciais EB gravadas em relevo, presenteando-os a alguns de seus melhores amigos no Natal de 1941.

Muito se descobre acerca da personalidade de Eva pelo modo como as fotos estão dispostas, sobretudo sua dificuldade de se concentrar ou de fazer as coisas de um jeito ordenado. Haja vista sua óbvia propensão em registrar a própria vida, por que o fez tão descuidadamente? Muitas fotos aparecem duas vezes: uma em um, a outra, uma dúzia de álbuns depois; algumas foram arrancadas (não necessariamente pela própria Eva: os álbuns originais passaram por várias mãos, nem todas escrupulosas); e as fotos estão reunidas de modo precipitado, como se as irmãs não pudessem se dar ao trabalho de separá-las primeiro e arrumá-las em ordem. O resultado é um quebra-cabeça atordoante e inacabado que o pesquisador sofre para completar.

A maioria não tem legenda, tarefa que o NARA também não tentou executar, de modo que a pessoa precisa deduzir quando foram tiradas a partir de detalhes como o estilo do cabelo de Eva, sua cor e seu comprimento. De cada dez, uma tem legenda, mas

as legendas foram datilografadas com duas máquinas diferentes, uma delas com um tipo gigante, dos que eram usados em documentos militares ou oficiais. O resto é manuscrito, com três ou quatro letras diferentes (sua mãe, quem sabe, ou a metódica amiga Herta, talvez insistisse em acrescentar alguma informação), porém a maioria na caligrafia floreada e feminina de Eva. Para tornar as coisas ainda mais difíceis, muitas legendas foram escritas com caneta branca, para dar mais legibilidade contra o fundo de cartão preto em que as fotos estão presas, mas a tinta esmaeceu, deixando uma marca suave e granulada difícil de decifrar. Poucas, escritas com nanquim (Fanny?), são maravilhosamente legíveis. Uma ou duas vezes surge uma pesada mão masculina que alongava vigorosamente as hastes das letras (pode ter sido Fritz? Sem dúvida não se trata da esclerosada caligrafia de Hitler). As mais difíceis de todas são as poucas escritas na obsoleta grafia gótica, que requer muita prática para decifrar. Talvez a própria Eva tenha escrito essas: a letra é a mesma do diário.

Uma palavra nessa escrita arcaica que parecia ser *Bnilugrinb* me deixou desorientada por um bom tempo. Ela só ficou clara alguns meses mais tarde, quando passei alguns dias com a prima de Eva, Gertraud. Ao visitá-la em agosto de 2004, levei várias fotocópias do NARA para lhe mostrar, uma vez que compartilhara de inúmeras pessoas e lugares da infância de Eva. Um retrato do álbum 31 com uma sólida casa de três andares fora legendado com essa caligrafia antiga. *Frau Weisker* a leu com fluência: “*Grossvaters Haus in Beilngries 1925*” — “Casa do vovô em Beilngries”. “Lembro-me desta casa”, ela disse; “a gente se hospedava nela muitas vezes em encontros de família, quando eu era menina.” Na mesma página via-se uma foto encantadora de uma senhora alimentando galinhas, outra vez na difícil escrita angulosa: “1925 — *Grossmutter beim Hühner füttern*”, “Vovô alimentando as galinhas”. Era Josefa Kronburger, mãe de Fanny; o nariz romano é idêntico. *Frau Weisker* nunca tinha visto essa fotografia antes. (Tinha uns dois anos de idade quando ela foi tirada.) “Minha avó!”, exclamou, examinando-a através de três gerações. Então com 81 anos, estava com mais idade do que sua *Oma*, havia tanto tempo falecida. A mulher de 74 anos na foto era o epitome da velhice daqueles tempos — robusta, grisalha, de preto da cabeça aos pés. Gertraud, sua descendente, parecia décadas mais jovem. Atrás de Josefa vê-se uma de suas cinco filhas, mas qual? “*Tante Anni*”, disse Gertraud, sem hesitar. Gradativamente, a escrita ia me ajudando a identificar e a datar as fotos e as fotos às vezes davam uma pista do que estava escrito. O progresso era lento. Não é de admirar que o NARA não tivesse tentado anotar e catalogar os álbuns em detalhe.

O precoce interesse de Eva pela fotografia era motivado pela vaidade. Desde os primeiros passinhos, já adorava a câmera. Nenhuma festa de *Fasching* (Terça-Feira Gorda) ou *Sylvester Abend* (véspera do Ano Novo) estava completa sem Eva Braun posando em mais uma roupinha nova, registrada em filme p&b e preservada para a posteridade. Em outras fotos, sua pequena irmã Gretl aconchega-se junto a ela usando uma versão miniatura das roupas de Eva. Os animais de estimação da família aparecem

nos braços de Eva: gatos, coelhos, passarinhos. Nem uma única fotografia a exhibe fazendo qualquer coisa séria como lição de casa ou lendo — exceto uma, em que ela posa com um livro apoiado nos joelhos, mostrando as pernas. O ectoplasma de sua personalidade corre por essas imagens. Vaidosa, sentimental, egocêntrica e superficial, é a típica pré-adolescente.

Mais tarde, Eva comprou sua própria máquina fotográfica, provavelmente uma simples Agfa caixaão. Agora, já não precisava mais ser sempre o tema das fotos alheias; *ela* podia tirá-las. Aprendeu a posar diante de um espelho, com o disparador regulado no automático. De 1925 a 1931, seus anos de adolescência, registrou a si mesma, a família e as amigas, com seus cutucões e risadinhas. Sempre se certificava de ser a figura central nas fotos de grupo tiradas em fins de semana de caminhada com o pai e seus alunos e nos passeios com a família. Desses primeiros instantâneos, depreende-se fortemente a enorme diferença de personalidade das filhas dos Braun. Ilse dificilmente sorri. Mesmo na infância, tem um ar solene, ansioso, de franca reprovação. Eva flerta com a câmera, e Gretl é sua sombra admiradora. Sejam quais forem as tensões domésticas ocultas, nessas fotos a família parece próxima e carinhosa, o papel de cada um bem definido. O calvo Fritz dá a impressão de um pai severo que teria se dado melhor com um trio de garotos, Fanny é a mãe orgulhosa, sempre apaziguando o marido e as filhas com um sorriso terno e maternal.

A Photo Hoffmann, onde Eva continuava a trabalhar, vendia câmeras e equipamento fotográfico, além de revelar filmes e fazer retratos por encomenda, de modo que ela estava familiarizada com o material disponível e, como empregada, provavelmente tinha um desconto em qualquer coisa que quisesse comprar para si mesma. Rapidamente progrediu das máquinas-caixaão básicas, que produziam minúsculas fotos 4 x 5 cm em filmes 120, às maiores e mais elaboradas, reveladas em 9 cm2, e destas para uma câmera de formato grande, que resultava em imagens retangulares, 14 x 10,5 cm. Mais tarde, quando Hitler, e não Eva, passou a adquiri-las, graças ao aconselhamento de Hoffmann, o equipamento fotográfico que chegava às suas mãos era o que havia de melhor. O filme usado por ela era sempre de qualidade superior, a mais recente inovação da Agfa para uso profissional, e por isso suas fotos não se apagaram ou se deterioraram como teria acontecido com material mais barato. Em meados dos anos 30, Hitler lhe presenteou com uma esplêndida Rolleiflex de lente dupla, câmera que dentro de alguns anos seria uma coqueluche no mundo todo por seu desenho avançado e pelos notáveis resultados. Pesando quase um quilo — mais ainda, com o sólido estojo de couro —, era dotada de um obturador com velocidade de 1/500 de segundo e lentes Zeiss-Tessar com abertura f/3,5. Era fabricada pela Franke & Heidecke de Brunswick e cada filme 120 ou b2 produzia doze pequenas poses quadradas (5½ x 5½ cm) que, quando ampliadas, resultavam em fotos excepcionalmente claras e nítidas. A Rolleiflex, muito mais avançada que qualquer outra câmera já usada por Eva, transformou-a de uma despreocupada amadora numa fotógrafa perita. Os instantâneos desfocados passaram a imagens fortes e originais, com o uso criativo de luz e sombra. O trabalho no estúdio e na sala de

revelação ensinou-lhe um bocado de técnica e em geral ela mesma revelava as próprias fotografias. Quando queria ser “artística”, fotografava as cenas que guardavam mais significado para ela — encostas montanhosas de pinheiros cobertas pela neve, as águas ondulantes do Königssee, reflexos no lago ou cenas de queda-d’água, as garotinhas de Herta correndo alegremente em meio ao campo florido. Se quisesse, poderia ter feito carreira como fotógrafa profissional.

Eva nem sempre estava atrás da câmera. Se queria um retrato de estúdio, tinha os melhores profissionais à disposição — e não apenas Hoffmann. Perto do fim da década de 30, ela se cansara de seus modos toscos e paternais (ele continuava a tratá-la como sua aprendiz júnior)[6] e saía à procura de fotógrafos melhores, capazes de fazer com que saísse melhor nos retratos. O mais bem-sucedido de todos foi Walter Frenz, principal fotógrafo dos filmes de Leni Riefenstahl e, estranhamente, também um retratista. Ele sabia exatamente o que ela queria, produzindo uma série de fotos ternas e radiantes. Gostava muito de Eva, parecendo compreender seu relacionamento difícil com Hitler e os problemas decorrentes disso, de onde o desejo dela de se refugiar no mundo de fantasia do cinema. Ela estudava as revistas de moda e controlava sua imagem com muito cuidado, preparando o cabelo e a maquiagem antes de posar com inúmeros vestidos deslumbrantes. (Um vestido de noite longo, de corte oblíquo, em cetim branco era um de seus prediletos, enfatizando seu corpo esguio e a barriga reta.) O pretexto para essas sessões era muitas vezes que precisava de um presente de aniversário para dar ao *Führer*. Os gostos dele eram austeros e não lhe faltava nada. O que dar para um homem assim? Simbolicamente, vez após outra, Eva o presenteava com sua pessoa, em geral vestida de branco, com as óbvias implicações.

No Berghof, estava sempre atrás de uma boa foto de Hitler, mas ele tomava muito cuidado em não se deixar fotografar informalmente. Preferia a imagem posada e teatral, que pudesse controlar, com uma luz favorável que o fizesse sair bem. Alfons Schulz, telefonista no Berghof a partir de meados dos anos 30, observou que ele raramente exibía um rosto amigável para a câmera de Eva. Traudl Junge, contratada em 1942, aos 22 anos a mais jovem e última secretária de Hitler, recordava em suas memórias:

Ela saía muitas vezes com a câmera ou a filmadora na mão, tentando fazer com que o *Führer* posasse. Era a única pessoa com permissão de fotografá-lo, mas muito dificilmente conseguia algo espontâneo. Ele queria ser fotografado como se estivesse sozinho, sem ter consciência da câmera, mas no momento em que o sol batia em seu rosto, enfiava o chapéu para cobri-lo e ninguém o persuadia a tirar, pois a luz forte o cegava; ou então punha óculos escuros. Mas Eva era tão paciente e hábil em sua paixão pela fotografia que, a despeito de tudo que fazia, muitas vezes obtinha fotos boas [...] melhores do que as de seu antigo chefe e mestre, Heinrich Hoffmann.[7]

Ocasionalmente, em fotos tiradas por outros, Eva pode ser vista rindo, tentando convencê-lo com elogios e às vezes, por pouco tempo, ele acaba cedendo. Mesmo assim,

não mais que um punhado de fotografias apresenta os dois juntos, algo reproduzido vezes sem conta, dando a falsa impressão de que essa proximidade era mostrada em público. Na verdade, a distância que ele mantinha e seu comportamento em relação a ela podiam parecer frios ao ponto do insulto. No terraço do Berghof — que era também domínio *dela* —, Eva, com seu vestidinho típico, de corpete e motivos arbóreos, parecia dominada pelo temor. Ela cruza os braços nas costas como boa garotinha, os tornozelos tortos de nervosismo. Pela postura de ambos, ninguém diria que são amantes. Ao longo dos primeiros seis anos de relacionamento, Hitler a manteve sob controle, uma perpétua e dócil adolescente de dezessete anos. Se, por acidente, um retrato mostrasse os dois juntos, seria carimbado com um proibida a reprodução, coisa que nenhum jornal alemão ousaria desobedecer. Longe de ser uma celebridade, Eva era completamente anônima. Além dos limites imediatos do Berghof, podia se locomover sem ser reconhecida. Quando ia às compras em Berchtesgaden ou Munique, era apenas mais um rostinho bonito, um pouco mais bem-vestida que a maioria. Seu empregador e seu amante cuidavam juntos para que fosse uma não-pessoa, tendo a própria existência negada diante do mundo exterior.

Contudo, depois dos vinte anos, nem uma única semana se passou sem que Eva fosse fotografada. O mais leve inchaço de sua barriga lisa teria aparecido e alimentado as más línguas. Com uma lente de aumento, estudei fotos suas, sobretudo aquelas em que está com traje de banho, do início dos anos 30 até 1942, época em que dormia com Hitler regularmente, e não vi o menor sinal. A ausência de qualquer mudança em sua silhueta não é uma *prova*, mas torna muito mais provável que as histórias sobre uma criança aparecendo anos depois da guerra sejam pura fantasia.

Gradualmente, começamos a reconhecer as *dramatis personae* que emprestavam animação a sua vida enfadonha e repetitiva. Gretl, é claro (que, embora fosse muito parecida com Eva e frequentemente confundida nas legendas das fotos, tinha cabelos pretos — ela nunca os tingiu — e olhos mais redondos); a mãe delas, Fanny (queixo pontudo, cabelo grisalho preso no alto da cabeça, nariz aquilino), e o pai, Fritz: é estranho vê-lo no Berghof quando reprovava com tanta veemência o relacionamento entre Hitler e a filha. O corpulento jovem de rosto redondo e cabelo escuro alisado com Brylcreem é o filho de Heinrich Hoffmann, Heini. Ele aparece num monte de fotos e, num retrato meio desfocado, está escrito “*Gretl, von Dein...* [ilegível] 13.8 *Grüss und Küss, Heini*” — “Gretl, amor e beijos, de seu Heini”. Teria havido alguma coisa entre os dois? Gretl, muito bonita e bem-feita, tinha um quê de simplória, mas era perigosamente chegada a um flerte. Heini não seria seu único admirador. Na primavera de 1942, ela e Martin Bormann pareciam se sentir atraídos um pelo outro, mas se isso redundou ou não num namoro, ninguém sabe. Parece improvável. Eva teria sido mortalmente contra e Bormann ficado muito apreensivo com a reação de Hitler. Contudo, Anna Plaim, empregada de Eva,^[8] lembra-se claramente dos dois dançando numa festa, colados e embevecidos. Vale dizer que Eva não estava presente.^[9]

A figura sólida de Martin Bormann pode muitas vezes ser vista nas fotos, pairando

atentamente em segundo plano sempre que Hitler está presente. Albert Speer, alto e aristocrático, era um visitante raro que quase não aparece no álbum de Eva, embora mais tarde tenha se tornado um dos poucos no Berghof de quem ela gostava e em quem confiava. Ele e sua família tinham uma casa comparativamente modesta nas imediações de Obersalzberg, mas Speer não gostava da multidão de adulares que enxameava em torno de Hitler e mantinha-se fastidiosamente distante de parasitas e puxa-sacos pegajosos. Nas fotos, jamais o vemos sorrindo com afetação, curvando-se de modo servil ou desviando o olhar na presença de Hitler. A linguagem corporal de ambos é de iguais.

Fora do enquadramento, num canto da foto, pode-se ver Josef Goebbels, um homenzinho miúdo de pés tortos e magro como uma lagartixa, ministro da Propaganda de Hitler e devasso incorrigível. Sua esposa Magda raramente aparece, exceto em seu papel de mãe modelo da Alemanha, com a prole loira de filhos pequenos imaculadamente arrumados — as garotas com tranças apertadas, os garotos com os cabelos penteados com esmero —, brincando sob o olhar das amas-secas uniformizadas. Uma em cada seis fotos tiradas por Eva tinha o terraço como cenário e ela começava a fazer fotos coloridas — os forros listrados de azul e branco das cadeiras de reclinador e das almofadas contrastando de forma alegre com as sombrinhas vermelhas que protegiam as visitas no verão. Arrumado sobre a mesa, ao fundo, há um perpétuo suprimento de chá, café e bolos. Ajudantes loiros esbeltos entregam papéis urgentes, despachos e telegramas, ou então chamam ao telefone, entrando e saindo da comédia social cuidadosamente elaborada, um lembrete de que o poder espreita na sala ao lado.

Nos álbuns, as legendas de Eva sempre terminam com um ponto de exclamação e, vez por outra, algum comentário irônico ou nostálgico. Junto a um retrato de perfil que apreciava, escreveu “*So lass mich halt!*” — “Deixe-me ficar desse jeito!”. Ao lado de uma rara foto sua apertando a mão de Hitler, observou, com ironia: “... *die kenn ich nämlich sehr gut!*”, pondo na boca dele as palavras, “Eu a conheço muito bem!”. Há uma sequência reveladora no álbum 6. Várias fotos em grande-angular tiradas da janela do quarto de Eva durante a visita oficial do garboso conde Galeazzo Ciano, [10] jovem ministro do Exterior italiano, em agosto de 1939, mostram um grupo de homens uniformizados. Ao lado, o comentário datilografado: “*Da oben gibt es verboten zu sehen — mich!*” — “É proibido olhar o que está ali — eu!”. Algumas fotos depois, ela acrescentou outra legenda: “*Order: Fenster zu! und wass man drausmachen!*” — Hitler deve ter percebido o que ela fazia e dado a ordem de fechar a janela e parar com as fotos. Desses comentários tão indiretos e precavidos percebe-se a natureza do relacionamento. Ela tinha obrigação de agradar a Hitler (“estava sempre à espera de suas ordens”, recorda-se Gertraud) e ele a mantinha submissa e dependente, alternando entre um comportamento controlador e tolerante. Na hierarquia de ligações que realmente lhe importavam, Eva devia ficar muito abaixo de onde Geli estivera, abaixo de Speer, abaixo até da cadela, Blondi, e ela sabia disso.

À medida que os anos passaram, Eva mudou. A sensação que se tem é de que, em vez de se divertir, tornou-se inquieta, entediada e pouco à vontade entre a turma venenosa do “Berg”, como os que ali viviam o chamavam. O tempo era desperdiçado. A energia despreocupada tornou-se compulsiva. Cantando no poleiro de sua “gaiola dourada”,^[11] ela ficava cada vez mais obcecada com a própria aparência. Era o único modo de tentar se tornar boa o bastante para Hitler. Raramente usava o mesmo vestido duas vezes e mudava constantemente a cor e o corte dos cabelos. Parecia equilibrada e sofisticada, mas nas poucas fotos que a pegaram desprevenida seu rosto geralmente está triste. Fez exercícios até o corpo adquirir uma forma magnífica, tornando-se forte e flexível. Numa era que glorificava gente saudável e atlética, Hitler não se contentaria com menos do que o melhor. Já uma nadadora excelente, mergulhadora graciosa e rápida e confiante sobre esquis, praticava ginástica horas a fio, até chegar quase ao nível de uma competidora. Isso fica mais fácil de perceber nos filmes, com o movimento, do que nas fotos estáticas. Enquanto o *Führer* estava fora, como sempre, em Berlim, Eva usava todo equipamento à mão — parapeitos, galhos de árvore — para aperfeiçoar o corpo e tentar sublimar a libido.

Em junho de 1936, meus pais se casaram. A cerimônia teve lugar na Inglaterra, não na Alemanha, e nenhum membro da família Schröder apareceu para a ocasião — talvez porque só o pai dela soubesse falar inglês ou talvez porque simplesmente não tivessem sido convidados. O segundo motivo é bem possível. O lado inglês da família de meu pai era contra minha mãe desde o início, por ela ser alemã. Deviam ser extremamente intolerantes para relutar em aceitar sua jovem noiva, tão loucamente apaixonada por ele como ele por ela, mas o preconceito não se restringia aos alemães, assim como também não era dirigido apenas aos judeus. Após a eclosão da guerra, o desapego material e a ignorância política de minha mãe — iguais, senão maiores, que os de Eva —, aliados a sua incapacidade de se expressar em bom inglês, levaram-na a sofrer cinco anos infelizes como vítima de preconceito, solidão e separação. Sua maior satisfação foi ter cumprido seu destino enquanto alemã. Estava casada e em pouco tempo seria mãe.

Em 1937, ou possivelmente por ocasião de seu aniversário, em 1938, quando vinha tirando fotos de Hitler e do Berghof por sete anos, Eva adquiriu uma câmera cinematográfica com filme colorido 16 mm. Deve ter sido um presente de Hitler: ninguém mais poderia bancar, nem ousaria lhe comprar, algo tão espetacular. Ela começou a usá-la imediatamente e com grande entusiasmo, logo se tornando proficiente, tanto em filmar quanto em editar, habilidades que não aprendera no estúdio de Hoffmann.^[12] Oito rolos de meia hora cada com seus filmes caseiros estão guardados no vasto arquivo de Moving Images do NARA e há cópias deles também no Bundesarchiv,^[13] na Alemanha. Eles contam as mesmas histórias das fotografias; às vezes, *exatamente* a mesma história, já que Eva costumava tirar uma série de fotos e

depois repetir as cenas em filme. A monotonia fica demonstrada na lista de seqüências do NARA para o rolo 6:[14] *“Eva e outros relaxando no terraço. Hitler sai, dá a mão para as damas, homens cumprimentam. Mulheres sentadas na beirada do terraço. Grupo saindo para caminhada. Cenas campestres. Crianças apanhando flores”*. Tomadas anódinas como essas se repetem vez após outra, para serem exibidas mais tarde no cinema do Berghof: Eva, a estrela de cinema, diante de um público de amigos e inimigos.

Muitos de seus filmes datam do início da década de 40, período em que já dominava a câmara e ambicionava voos maiores. Quando não tentava ser melancólica e artística, ela filmava os amigos fazendo tolices. Em meio a sua gangue, Eva tropeça, se aninha com as pessoas, cingindo-as com os braços, força o grupo todo a rir de modo a sentar em meio a eles e ver-se rodeada pela proximidade física, antes de correr para filmá-los sozinhos, sem sua presença. Exagera os gestos e expressões, fazendo enormes “os” de surpresa com os olhos e a boca, ou então realiza uma paródia de flerte, provocando e depois fazendo beicinhos de amuo, fingindo desapontamento. À medida que o tempo passa, os participantes têm de dar cada vez mais duro para demonstrar que estão se divertindo. Eva, secando-se após um mergulho, é acoçada por um jovem, que dá o bote para tentar arrancar sua toalha. Ela solta gritinhos e se debate, embora os empurrões, espirros e brincadeira bruta sejam estranhamente assexuados. Brincam como crianças, como Chaplin, desajeitados e frenéticos. Nas festas, bebem muito champanhe e enfiam chapéus ridículos na cabeça; os homens fazem truques de prestidigitação banais e as mulheres cobrem a boca, fingindo espanto. Esses filmes mostram pessoas representando a vida, não vivendo, como que saídas das páginas de uma revista de celebridades.

Há qualquer coisa incômoda nessa compulsão por registrar cada momento trivial, mas, se Eva fora proibida de ter um rosto público, estava determinada a compensar isso na vida privada. Tolhida de tudo que antes a mantinha enraizada, lutava para encontrar fundações sólidas. Um infeliz objeto de ciúme, de ostracismo social e da recusa de Hitler em reconhecê-la publicamente, tentava buscar compensação transformando sua vida numa fantasia pictórica. O abismo entre a aparência e a realidade ficava maior.

Parte 3

AMANTE DE PRONTIDÃO

EVA SAI DE CASA

QUANDO, APÓS A SEGUNDA tentativa de suicídio, em maio de 1935, Hitler aceitara Eva como sua amante oficial, ele decidiu que deveria ser instalada do modo apropriado e bem tratada. Muitos homens mais velhos arrumavam amantes jovens, em geral com o conhecimento dos amigos, embora não das esposas, e eram julgados menos em bases morais do que segundo o grau de generosidade com que cuidavam delas. “Hitler dava enorme importância a manter as aparências na respeitável Munique”, comenta tio Alois, secamente.[1] Sete meses mais tarde, usando Hoffmann mais uma vez como intermediário, Hitler comprou um modesto sobradinho na Wasserburgerstrasse[2] para as duas *Fräulein* Braun, Eva e Gretl, no elegante subúrbio de Bogenhausen, e, a 30 de março de 1936, a escritura foi passada para o nome de Eva.[3] Muito tempo depois, a prima Gertraud ponderava:

Hitler se deu conta do apelo por socorro de Eva, fosse porque tinha a consciência pesada, fosse porque de fato se afeiçoava cada vez mais. Ele rapidamente providenciou-lhe um lugar só seu, longe dos pais e dos laços que a prendiam a eles. Isso significava que poderia controlá-la melhor, ainda que se ausentasse na maior parte do tempo, e, como companhia e consolo, deixou que a irmã menor dividisse com ela a nova casa.[4]

A casa era a típica residência suburbana, uma caixa de estuque sem imaginação, como todas as outras em Bogenhausen, mas ficava perto do apartamento de Hitler e era discreta e anônima. Uma empregada foi junto — ele podia se dar ao luxo de mimar a nova amante. A área térrea da casinha tinha apenas oitenta metros quadrados, mas ela era agradavelmente mobiliada e decorada com quadros mais do que decentes tirados de museus; havia um serviço de jantar de porcelana para oito decorado com flores azuis e uma cozinha bem equipada, tudo suprido a expensas de Hitler. Do *hall* de entrada uma porta dava para a sala de visitas, e daí uma outra conduzia ao jardim, outra à cozinha minúscula e depois ao dormitório da empregada, ainda mais minúsculo. À direita da porta da frente havia uma sala de estar com várias fotos de Hitler afetuosamente dedicadas a Eva e Gretl e uma sala de jantar. No andar de cima, cada garota tinha o próprio quarto e dividiam um banheiro comum. O dormitório de Eva era pintado em tons de azul e a roupa da cama de casal consistia de cetim listrado de azul claro e um caro jogo de linho com as iniciais EB. Na parede, ao lado da cama, havia um telefone com linhas marcadas Berlim e Wachenfeld (como vimos, o nome original do chalé de Hitler

em Obersalzberg, o futuro Berghof).

Eva contava, é claro, com muito espaço no guarda-roupa e macias caixas acolchoadas de seda para guardar suas meias-calças e sua *lingerie*. Uma grande penteadeira ficava coberta com seus cosméticos Elizabeth Arden favoritos e frascos de cristal com caro perfume francês. (Hitler podia desaproveitar a vaidade feminina da alemã média, mas era indulgente com o apreço da amante por cosméticos de luxo.) Detalhe significativo era a bolsinha de higiene guardada na última prateleira do guarda-roupa, sugerindo que se valia de um método contraceptivo simples, ainda que não inteiramente confiável: lavar-se após o sexo com água quente e vinagre. O banheiro tinha um baú abarrotado com todo tipo de remédio comum para resfriados e dor de garganta, bem como um suprimento de pilulas para dormir e vários tratamentos para “problemas de mulher” — a menstruação de Eva era forte e dolorosa e ela vivia tentando encontrar um paliativo eficaz. O porão, antes de ser transformado num abrigo antiaéreo por insistência de Hitler, abrigava caixas de vinhos realmente excelentes.[5]

Os cômodos eram pequenos, mas Eva adorava a casa, chamando-a de “minha pequena Braunhaus querida”.[6] A principal vantagem, e maior preocupação de Hitler, era o muro alto que cercava inteiramente os oitocentos metros quadrados do jardim, garantindo a Eva (e se necessário a ele) privacidade completa. Ele lhe presenteou um cão de guarda — um *bull terrier* chamado Blasko —, mas Blasko era rabugento e imprevisível, ninguém gostava muito dele e assim sua carreira foi curta. A ele se seguiram dois *Highland terriers*. Negus foi o primeiro. Um cãozinho preto, dado a Eva por Hitler, provavelmente no fim de 1935. Ela mais tarde arranhou uma companhia para ele, uma cadela chamada Stasi. Os dois se tornaram sua sombra devotada e inseparável. Eva os adorava tanto quanto Hitler amava Blondi, a pastora alemã. Ela os escovava e acariciava, levava-os para passear e sentia-se reconfortada com a fiel presença dos dois a seus pés. Chamava-os de “sujeitinhos” e eles lhe proviam sua tão necessária válvula de escape emocional, mas seria uma super-simplificação pensar nos animais como um substitutivo para filhos. Mais tarde, também iriam desempenhar seu papel nos jogos elaborados e reveladores que ela e Hitler jogavam. Como presente de boas-vindas, Hitler lhe deu também um estiloso Mercedes preto, placa IIA-525000, com chofer, *Herr Jung*, para dirigir-lo. Melhor de tudo, Eva podia escapar do tédio diário do trabalho na Photo Hoffmann, onde seguia trabalhando desde outubro de 1929. Hoffmann explicou: “Por motivos práticos, ela nunca saiu do emprego, mas quando Hitler estava em Obersalzberg, ganhava licença pelo tempo que fosse para estar presente no Berghof. Quando entrou em vigor o trabalho compulsório para mulheres, estava empregada a meu serviço, na loja”.[7] Eva continuou a fazer aparições ocasionais até o ano de 1945. [8] Bormann cuidava de supri-la com dinheiro miúdo equivalente ao salário que ela estaria ganhando: 450 *Reichsmarks* por mês.[9]

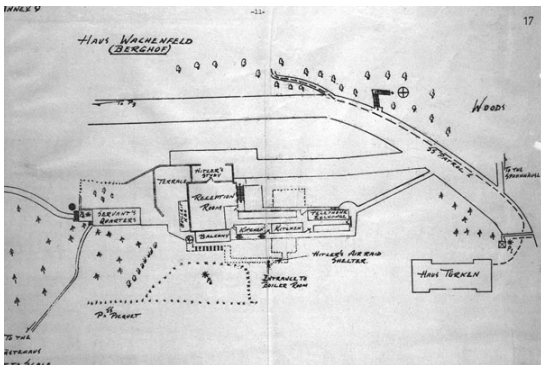
Os vizinhos no bairro fino logo perceberam quem aquelas duas deviam ser, embora Eva não fizesse qualquer tentativa de conhecê-los, enquanto Hitler, paranoico com a possibilidade de “ser descoberto”, visitava o sobrado somente após os mais exaustivos

preparativos de segurança. Quando estava em Munique e queria vê-la, ele chegava — em geral sem se fazer avisar — , pulava do carro e caminhava através da entrada até a porta da frente, deixando um destacamento de guardas armados na esquina. Nessas ocasiões, Gretl dava uma escapulida, de modo que pudessem ficar a sós. Eva lhe oferecia chá, depois do que, presumivelmente, faziam amor. Ele nunca passava a noite.

A despeito da generosidade em arranjar-lhe um lugar próprio para viver, Hitler era atarefado e preocupado demais para visitar Eva mais que umas duas vezes por mês e os fins de semana no Berghof eram mais trabalho que prazer. Esses foram os anos cruciais em que conduziu — sempre indiretamente — o avanço sutil e gradual da agenda obscura do partido.^[10] A Convenção de Nurembergue, marcada para setembro, iria revelar as Leis de Nurembergue — o movimento nazista pela “pureza racial” destinado a “limpar” a Alemanha de suas “nódoas” genéticas e raciais. Pela primeira vez desde o feudalismo, duas categorias de humanidade seriam admitidas.^[11] Uma ancestralidade de sangue puro ariano era de suma importância. (Hitler mandara examinar o passado familiar de Eva à procura de possíveis antepassados judeus.)

Quando Hitler queria um descanso de suas obrigações no governo, retirava-se para as montanhas de Obersalzberg, onde buscara a inspiração para sua visão da “germanidade” do povo alemão. Em 1932, decidira que, em vez de continuar a alugar a Haus Wachenfeld, como fizera ao longo dos últimos quatro anos, iria comprá-la em definitivo.^[12] Martin Bormann e Rudolf Hess, que administravam juntos seus negócios privados, obrigaram a relutante proprietária, Margarethe Winter, assim como a família Schuster, dona do Gasthof zum Türken, hotel logo acima da Haus Wachenfeld, a vender seus imóveis. Após um nada sutil processo de persuasão, os negócios foram fechados entre setembro de 1932 e novembro de 1933.^[13] *Frau* Schuster, mais de sessenta anos depois, recordava com lágrimas nos olhos como sua mãe chorava ao deixar o lugar. Hitler pagara modestos 48.000 *Goldmarks* (na moeda de Weimar) pelo chalé — não do próprio bolso, embora os direitos de *Mein Kampf* o tivessem tornado um homem rico. Como sempre, mandou Bormann cuidar de tudo.

Bormann, como Heinrich Hoffmann, desempenhou um papel preponderante na vida de Eva, sobretudo depois que ela foi morar no Berghof. Como a maioria das pessoas do círculo de Hitler, ela o detestava por causa de sua astúcia manipuladora, sua determinação de monopolizar o *Führer* e seu controle férreo sobre todo o complexo de Obersalzberg, que ele administrava com eficiência robótica. Uma rivalidade secreta surgiu entre os dois — secreta, em todo caso, para Hitler — , mas Eva sempre soube que, em último caso, ele ficaria do lado do “companheiro mais leal do partido”, em quem confiava absolutamente. Jamais se arriscou a um confronto aberto.



Mapa do Berghof e cercanias elaborado com base em informações secretas fornecidas pela Operação Foxley, no verão de 1944.

Bormann era um homem complicado vindo de um passado simples. Seu pai, um antigo subtenente regimental do exército prussiano (de onde, talvez, a obsessão do filho por ordem e disciplina), mais tarde virou um funcionário de correio; o jovem Bormann deixou a escola para se tornar trabalhador agrícola. Assim como foi com muitos parceiros de Hitler, a Primeira Guerra Mundial — quando serviu como soldado de artilharia do exército — proporcionou-lhe a oportunidade de ir além das origens provincianas. Em 1925, juntou-se ao NSDAP e, em 1928, passou à gerência do partido, controlando e distribuindo grande parte dos fundos. Foi nesse ano que conheceu Hitler pessoalmente, de modo que não era um dos “velhos e fiéis” camaradas com quem estivera no partido desde o início. Tornou-se deputado nazista no Reichstag e, em julho de 1933, chefe de gabinete do vice-*Führer*, Rudolf Hess (outro dos primeiros companheiros nazistas de Hitler). As habilidades superlativas de Bormann como organizador e burocrata persuadiram o *Führer* a designar-lhe imensa responsabilidade sobre as finanças do partido, bem como sobre sua própria riqueza pessoal, e a responsabilizá-lo pela compra e administração do Berghof. Putzi Hanfstaengl, numa frase de cruel felicidade, descreveu-o como alguém que “lambia os desejos dos lábios de seu mestre e os latia adiante na forma de ordens”.

Bormann também administrava a mesada de Eva e, embora por ordem de Hitler a quantia que recebesse fosse generosa, sempre soube que provinha não diretamente do

amante, mas por intermédio do odiado rival. Bormann dava o melhor de si para intimidá-la, fazendo com que se sentisse dependente, uma vez que todas as contas eram pagas por ele. A humilhação de ter de pedir a *Bormann* toda vez que precisava de dinheiro para mandar fazer os vestidos ou para ir à manicure devia ser enorme.

A ascensão de Bormann dentro do círculo íntimo de Hitler até chegar a um ponto em que controlava as finanças dos principais líderes do partido passou em grande medida despercebida. Era um sujeito de aparência pouco notável, atarracado, gordo e feio. Em razão de seus modos rudes e falta de cultura, era subestimado por pessoas como Göring, que se imaginava um homem de hábitos refinados e levava uma vida principesca. Discreto e obsequioso na presença do chefe, arrogante e despótico às suas costas, Bormann conquistou as graças de Hitler até se tornar o principal mandachuva entre as demais figuras de proa do partido. Comportava-se amigavelmente com eles em público — dando a impressão de que tudo era paz e harmonia —, enquanto tramava às escondidas por trás para derrubá-los. Quando enfim perceberam todo o alcance de seu poder, era tarde demais para tirá-lo de lá. Tornara-se o braço direito do *Führer*, controlando o acesso a ele, com poder para engrandecer ou manchar a reputação de um recém-chegado. Um oponente formidável, desprezava o papel de Eva no Berghof e fazia o que podia para levar a melhor sobre ela. Não é de admirar que se odiassem mutuamente — mas em segredo. Hitler jamais teria tolerado a inimizade aberta.

Após comprar a Haus Wachenfeld, Hitler decidiu que fosse aumentada e decorada num estilo mais apropriado a convidados importantes e chefes de Estado em visita, transformando a casa em muito mais que um retiro de fim de semana: um centro de governo e de operações militares. Essa decisão pôs em movimento uma avalanche de compras compulsórias por parte de seus companheiros, que rivalizavam entre si para ver quem tinha a maior casa e os objetos mais elegantes. A competição foi vencida com folga por Göring, que arrebanhou uma vasta fortuna pilhando arte e propriedades. As posses do próprio Hitler eram muito mais modestas, fato de que estava bastante ciente e a respeito do qual até fazia piadas. Quando um visitante elogiava o Berghof, dizia: “Meu Berghof sem dúvida não pode ser comparado com Carinhall [a principal residência de Göring, no Schorfheide, ao norte de Berlim. Na verdade, o Berghof mal podia ser comparado com sua casa imensa e abarrotada em Obersalzberg.] Talvez pudesse servir de casa para seu jardineiro”. Como Stalin, os gostos de Hitler no que respeitava às próprias instalações pendiam por acomodações simples, até ascéticas. Ele permitia que os companheiros desfrutassem da opulência, mas não tinha o menor desejo disso para si próprio.

Bormann era a força propulsora por trás da transformação de Obersalzberg, agarrando a oportunidade de ampliar a própria esfera de influência e agradar ao *Führer*. Entre 1935 e 1940, com 52 diferentes transações, requisitou chalés, fazendas, terras e florestas, desalojando proprietários impiedosamente e comprando seiscentos acres de bosques e duzentos acres de terras cultivadas. Entre 1935 e 1940, mais de quatrocentas pessoas, a maioria pequenos agricultores que moravam ali por gerações, viram-se

forçados a abandonar seus lares para acomodar a *entourage* nazista. Os que se recusavam a vender eram ameaçados de ser enviados — e às vezes o eram de fato — para as cercanias de Dachau. Sem se deixar perturbar por escrúpulos morais, Bormann tomava o que bem lhe aprovesse, transformando o antigo vilarejo rural numa cidade fortificada. Os terrenos e construções de Obersalzberg foram compulsoriamente adquiridos por pouco mais de 6 milhões de *Reichsmarks*,^[14] pagos pelos cofres nazistas. Árvores foram derrubadas e casas demolidas para assegurar que o *Führer* tivesse a melhor vista possível e, em 1936, Bormann mudou-se com a família para morar num dos melhores chalés, após ter maquinado para que Obersalzberg em breve se tornasse o segundo centro de operações de Hitler, e nesse caso ele queria estar por perto. Dez anos após Hitler ter alugado a Haus Wachenfeld, em 1928, a pequena comunidade agrária fora anexada a sua posse privada. Uma prova da ingenuidade financeira do *Führer* e da absoluta confiança depositada em seu colega mais próximo era que quase certamente nunca percebeu que tudo, exceto o próprio Berghof, fora comprado no nome de Martin Bormann.^[15] de modo que, em 1939, Bormann pessoalmente era dono de toda a cidade.

Protegida por guardas e cercas altas, entre veredas de aromáticos pinheiros, dominando o vilarejo de Berchtesgaden e mais além, a oeste, o gelado Königssee, Obersalzberg transformou-se numa base militar, bem como numa fortaleza nazista. O lugar dispunha de casernas, quartéis para a SS e acomodações para o pessoal de segurança, um ginásio com ringue de boxe, um campo de treinamento e um estande de tiro; um hospital para membros gravemente feridos da Wehrmacht, um posto radiotelegráfico, três centrais telefônicas e um correio, além de uma casa de chá, jardim de infância, escola e teatro; até mesmo uma fazenda-modelo (a antiga Gutshof), que provia os moradores o ano todo com frutas e vegetais de suas estufas.^[16] Tudo estava ali para servir ao *Führer*, a aranha sinistra no centro de uma teia de oficiais de exército, ajudantes-de-ordens, soldados, seguranças, secretárias (o “disfarce” de Eva a obrigava a fingir que era uma), cozinheiros, governantas, faxineiras e hóspedes. Obersalzberg era agora o segundo centro de operações de Hitler depois de Berlim. À parte todas as acomodações costumeiras, o antigo hotel, Gasthof zum Türken, fora convertido em alojamentos para a SS. Pelos oito anos seguintes, o futuro da Alemanha e de seus 45 milhões de habitantes, assim como o destino de toda a Europa, foi planejado nessa monumental Cidade Nova Hitlerista, com a escarpada paisagem alpina ao fundo. Hitler disse a um visitante: “Minhas ideias amadureceram aqui”.

Eva nutria esperanças de compartilhar de um refúgio íntimo para os dois, mas não tinha o menor desejo de viver entre políticos tediosos e inoportunos, muito menos no centro de um quartel-general militar. Teria preferido mil vezes continuar com a velha e aconchegante Haus Wachenfeld, mas, na altura em que Hitler houvesse finalizado, o lugar mais que dobrara seu tamanho original e estava completamente irreconhecível. Ele atuou como seu próprio arquiteto na reforma e quando tudo terminara Speer comentou friamente (longe de seus ouvidos): “Não ficou bom, mas também não ficou ruim”.^[17] O *Führer* talvez tivesse pretendido conservar a confortável atmosfera de classe média do

chalé bávaro original, mas as mudanças tornaram isso sem sentido.[18] Quando as reformas e ampliações terminaram, o custo total do recém-batizado Berghof foi de quase 175.660 Reichsmarks, mais de 700 mil libras em dinheiro atual (ou cerca de 1,3 milhão de dólares).

Além da nova ala e da garagem sob o lado leste da casa, foi criada no prédio principal uma área de recepção colossal conhecida como Grande Salão, parecendo uma sala de nibelungos e decorada como um hotel comercial. Imensos sofás acolchoados e poltronas gigantes cobertas com tapeçarias felpudas de motivos decorativos ocupavam o lugar em imobilidade elefantina. O salão era dominado pela maior janela retrátil jamais construída, de uma única grande vidraça, com vista para o Untersberg, Berchtesgaden, mais abaixo no vale, e, nos dias bons, Salzburgo. Tudo tornado ainda mais pomposo com uma lareira de mármore, tapetes persas e um gobelino. O ambiente resumia o contraste entre as aspirações estéticas de Hitler e seu gosto pessoal. Atrás da tapeçaria enfadonha porém valiosa ocultava-se uma tela que se desenrolava na parede pelo apertar de um botão, proporcionando um cinema particular. Aí Hitler assistia a seus filmes prediletos: *King Kong*, [19] *Branca de Neve e os sete anões* — ele aliás adorava assobiar “Quem tem medo do Lobo Mau?” —, *The lives of a Bengal lancer* e, o mais improvável, *Metropolis*. [20] Era especialmente fã dos filmes de Marlene Dietrich — ao que parece, porque gostava de ver suas pernas. Às vezes, dois filmes eram passados numa noite, segundo Herbert Döring, que mais tarde virou gerente (*Verwalter*) do Berghof.

A mesa da sala de jantar acomodava dezesseis pessoas. A sala de estar já não era mais um aconchegante *Stube*, uma sala de visitas; era “grande, enorme, monumental, como tudo que Hitler construía, mas fria. O lugar era espaçoso demais e as pessoas, pequenas demais para enchê-lo”. [21] Embora alegasse ser um grande conhecedor de música, nunca houve concertos de câmara no Grande Salão. Hitler preferia ouvir uma seleção de suas gravações favoritas: trechos das óperas wagnerianas, um ou dois movimentos da Sétima Sinfonia de Bruckner e pedaços de Mozart de que mais gostava. Quanto à ópera leve, escolhia árias de *Die lustige Witwe* (*A viúva alegre*) e *Die Fledermaus*, e dentre as mais consistentes suas favoritas eram as também animadas *La Bohème* e *Madame Butterfly*, a *Aida*, de Verdi, e *Der Freischütz*, de Weber.

Hitler agora tinha trinta cômodos a sua disposição (dos quais dez eram dormitórios), que abriam para amplos corredores forrados de livros — edições encadernadas em couro dos clássicos, raramente abertas — e um escritório vasto e imponente com acres de escrivaninhas vagas. Os cômodos eram iluminados por lustres hediondos e decorados com pinturas hediondas no estilo que pode ser descrito com mais precisão como escola realista nazista. Diferente de Göring, que “requisitava” — ou seja, roubava — os quadros que queria, [22] Hitler adquiria a maior parte de suas obras de arte de modo relativamente honesto. De 1941 em diante, muitas foram compradas de Maria Almas-Dietrich, uma negociante de arte que — não que ele fizesse ideia — tinha um quarto de sangue judeu.

Em meados de 1936, Eva fora aceita pela equipe de empregados do Berghof, embora

se visse barrada de todas as atividades oficiais ou formais. Hitler a encorajava a convidar os amigos para ficar — concessão que não fazia a ninguém mais em Obersalzberg — , e ela enchia os ambientes gelados e pretensiosos com gente jovem, levando um pouco de leveza e diversão à vida dele. Ela também decidiu que já estava mais do que na hora de ele fazer algum exercício. O *Führer* começava a denotar uma certa estolidez da meia-idade, até mesmo alguma barriga. Isso não ficava nada bem para o redentor da Alemanha, seu todo-poderoso soberano, sobranceiro à testa da nação. Ele tinha de ser persuadido a sair para caminhadas. Hitler jamais escalaria uma montanha que fosse digna do nome, mas adorava contemplar paisagens grandiosas. Embora o regime nazista pusesse muita ênfase na saúde e no exercício vigoroso, o *Führer* era extremamente preguiçoso — exceto nas fotografias de Hoffmann, que o exibem em poses viris diante de uma pilha de achas de madeira, às vezes até mesmo vestindo *Lederhosen* (short de couro com suspensórios) e trajes rurais bávaros, embora jamais tenha sido visto cortando lenha de verdade.

De 1933 em diante, o Partido Nazista, guiado pelo gênio maligno de Josef Goebbels, seguiu firme rumo à consolidação de seu líder e seu credo num culto apocalíptico que exigia dedicação irrestrita de seus sectários, um Estado “contra-eclesiástico” que oferecia explicação total sobre o passado, o presente e o futuro.^[23] Eles criavam pinturas fantasiosas de uma pátria renascida conduzida por heróis e inspirada por mártires (os baderneiros que haviam morrido no Putsch da Cervejaria de 1923 e jovens valentões como Horst Wessel, morto em 1930), proporcionando aos seguidores do partido uma iconografia que moldasse seus sonhos. Qualquer um que desafiasse a unidade era descartado. Em 30 de junho de 1934, os nazistas, liderados por Hitler em pessoa, organizaram a derrubada de Ernst Röhm, num *putsch* preventivo destinado a deter a revolta planejada pelo chefe do estado-maior e seus companheiros radicais.^[24] Diversos líderes da SA foram executados, incluindo o próprio Röhm — um dos mais antigos seguidores do partido e um dos únicos quatro homens que se relacionavam com Hitler tratando-o pelo primeiro nome e usando o *Du* (“tu”, i.e., “você”) informal. Hitler em pessoa foi quem o prendeu e arrancou suas condecorações. Os conspiradores foram fuzilados em 1º de julho de 1934.

Sob o disfarce de doutrinas que glorificavam a “pureza racial”,^[25] os nazistas perverteram a linguagem, usando metáforas brilhantemente escolhidas para justificar o envio de “subumanos” que “conspurcavam” a raça ariana para campos, asilos, hospitais, trabalhos forçados ou pior. Orquestravam rituais de que todos os alemães “puros” podiam participar, com procissões à luz de archotes e a glorificação em massa do *Übermensch*, na pessoa do próprio Hitler. Por trás do espetáculo, ministros nazistas e funcionários públicos diligentes empenhavam-se em cumprir suas promessas. Os Eventos Negros estavam a caminho, ganhando um ímpeto apavorante a cada vez que um novo horror era perpetrado sem que a voz pública se erguesse, como se a mais recente atrocidade fosse um episódio cômico exagerado de um filme de Chaplin ou Buster

Keaton, com personagens judeus magrelos e tímidos trombando uns com os outros para evitar as reluzentes botas negras da SS. Há, há, há — vejam como correm! [26] Essa ideologia depravada foi implementada a partir de Berlim, mas suas origens remontam à Baviera.

No decurso de minha pesquisa para este livro, eu sabia que tinha de visitar os lugares onde os eventos narrados ocorreram, na tentativa de entender o que atraiu Hitler a Berchtesgaden e por que ele aprimorara seus planos de aniquilação logo ali, e não em qualquer outro lugar. [27] Visitei-o duas vezes; primeiro, no fim do verão de 2003. Ambos os dias foram saudados por um nascer do sol suave e delicado. Eu me sentava à mesa diante de meu chalé, sob o frescor do ar matinal, para um desjejum de pão preto de centeio com ovo da região e café (o gosto pelo café muito forte e amargo é um legado de minha mãe), lendo ou tomando notas, antes de descer a acentuada trilha da montanha para Berchtesgaden. O pequeno vilarejo medieval no vale ficava apinhado de turistas e, como eles, eu passeava a esmo, olhando, esticando os ouvidos, comprando cartões-postais e observando vestígios de inscrições e insígnias nazistas, mal distinguíveis sob as inúmeras camadas de caiação.

Não havia qualquer referência em parte alguma a seu morador mais famoso: nenhuma placa para lembrar aos visitantes que a estação fora projetada por Albert Speer ou que a pequena pizzaria às margens do rio Ach fora outrora o primeiro posto de vigia na estrada que levava ao Berghof. Berchtesgaden hoje é um organizado parque temático de tudo que há de melhor no caráter germânico. Todos trabalham duro e com alegria, as crianças obedecem aos pais, esposas obedecem aos maridos e seus maridos obedecem às autoridades. Até os adolescentes são respeitosos e os trens sempre andam no horário. A cidade sofre uma amnésia coletiva desde os tempos de Hitler e seu passado embaraçoso foi quase que apagado.

A única exceção a essa obliteração é o Dokumentation Obersalzberg, um centro histórico recentemente inaugurado localizado quase que bem em cima do *bunker* de Hitler na guerra. Certo dia, tomei o ônibus no sopé da montanha para conhecê-lo. Um longo ambiente dividido em cabines exibia objetos e fotos do Terceiro Reich. Escutei discursos de Hitler em fones de ouvido e fiquei surpresa de descobrir como soava moderado, a voz num tom baixo e vagaroso seguindo num crescendo até atingir a conclusão estridente, orgástica, com orador e público comungados em ódio histérico. Na mesma seção, havia uma exposição de fotos mais recentes, tiradas quando os campos de extermínio foram abertos, em maio de 1945. Mostravam corpos flácidos e esqueléticos, alguns mortos, alguns vivos, quase indistinguíveis uns dos outros: os Eventos Negros em p&b. As pessoas as observavam em silêncio antes de subir ao nível seguinte, para assistir a um vídeo em que ex-moradores idosos da outrora minúscula aldeia de Obersalzberg descreviam o modo como suas casas e fazendas foram tomadas, divididas e reconstruídas como pródigas vilas para o *Führer* e seu séquito. Um velho entrevistado em 1989, reprimindo as lágrimas à

lembrança da expulsão de sua família, disse: “Minha mãe nasceu aqui, eu também, e também todos meus irmãos e irmãs: doze ou treze, não lembro bem”. “Claro que a vida mudou na montanha”, disse Rosa Irlinger, uma criança na época da chegada de Hitler. “Era muito calmo quando éramos pequenos. E então, depois de 1933, o lugar virou um canteiro de obras [...]”.

De repente, multidões de pessoas começaram a subir a montanha para ficar o mais perto que podiam da casa de Hitler, até que ele saísse. E aí gritavam, aplaudiam, soluçavam, riam histericamente, chegavam a se ajoelhar.”

O ônibus seguiu seu caminho, passando em silêncio pelo Berghof coberto de relva. Nada mais resta. Nas elevadas escarpas que dominam a paisagem de montanhas e planícies, oculta entre árvores altas, há uma área invadida pelo mato, com ruínas de tijolos e pedregulhos que revelam as fundações da construção. Uma poucas pessoas vagueiam pelo local, guia turístico e câmera na mão. Não se parecem com admiradores de Hitler; são grupos de famílias, dando explicações às crianças, fugindo de perguntas incômodas com gestos em direção aos densos pinheirais onde antes ficava a casa de chá de Hitler, com sua esplêndida vista hoje encoberta pela altura das árvores. Antes de ir embora, alguns enfiam um pedaço de tijolo avermelhado do tamanho de uma caixa de fósforos na bolsa ou no bolso da calça, para levar de volta para casa um “pedacinho do Berghof de Hitler” e exibi-lo junto com as fotografias das férias. Será que esses fragmentos guardam algum tipo de carga numinosa, como o dedo de São Foy ou uma lasca da cruz, como se retivessem parte da aura de Hitler? Ou as pessoas os carregam no mesmo espírito com que levaram pedaços do Muro de Berlim, para provar que “Eu estive lá”? Foi desse modo que se fundou o Partido Nazista, por pessoas que não eram, via de regra, assassinos racistas. Um tijolo aqui e ali, no começo dos anos 20, e os alicerces estavam lançados.

Finalmente, o ônibus chegou ao topo do Kehlstein, [28] em cujo cimo fica a imitação de construção medieval conhecida como Kehlsteinhaus, mais tarde apelidada pelos americanos de Ninho da Águia. O prédio foi construído por ordem de Bormann como um presente do povo alemão para o *Führer* em seu quinquagésimo aniversário. Os impostos com que a obra de 30 milhões de *Reichsmarks* foi construída também vieram do povo alemão. [29] Mas a vista de fato é gloriosa.

Ao anoitecer, de volta a meu pequeno chalé, abri uma fria garrafa de vinho e fiquei escutando, sob o lento e prolongado crepúsculo, a cantoria dos grilos, os gritinhos das crianças brincando na fazenda adjacente antes que fosse chegada a hora de dormir e os balidos ranzinzas das ovelhas. Contemplei a vista espetacular — a mesmíssima vista que Eva, Hitler e seus hóspedes tinham do terraço do Berghof. Lá dentro, após a ceia (carne e linguiça defumadas, outra vez com pão de centeio), li *The Radetsky March*, de Joseph Roth, e *Berlim*, de Antony Beevor, dois livros que abordam a história do Terceiro Reich.

AMANTE

O RELACIONAMENTO DE HITLER e Eva estava prestes a entrar em casa. Ele também queria sexo, provavelmente; amor, talvez; mas escolheu-a sobretudo porque era a mulher perfeita para ter em casa. É desnecessário dizer que Eva não desempenhava nenhum papel em sua vida política, em Berlim. Tudo que ela sabia é que essa vida o tirava do Berghof por semanas a fio. O *Führer* precisava de uma mulher jovem, apaixonada e pouco exigente para ficar em casa à sua espera, e Eva se encaixava nesse perfil. De modo sutil, discreto, ela passou a ser indispensável e ao que parece Hitler foi cada vez mais sentindo um genuíno apreço por ela. A despeito de viver escondida, negada e desprezada pelas “*hohe Tiere*”, as grandes feras de Obersalzberg, Eva Braun teve a satisfação secreta de provar que estavam errados. Ela jurara “capturar” Hitler, e triunfara. Passaria os nove anos de 1936 em diante como a mulher invisível por trás do *Führer*.

Para compreender o aparente paradoxo desse relacionamento que duraria catorze anos é fundamental perceber — coisa que seus companheiros não conseguiram — que Hitler não estava atrás de uma “fêmea alfa”, mas de alguém capaz de criar a rotina simples de que tanto gostava, de fazê-lo relaxar. Logo todos em Obersalzberg tiveram de admitir, com algum alívio, que Eva de fato deixava Hitler mais à vontade. Sua presença no Berghof criava uma atmosfera mais confortável, pois, uma vez que estivesse relaxado, os outros também podiam relaxar. Ela constituía um refúgio das tensões e pressões de sua vida pública e das maratonas emocionais de seus discursos. A essa altura, o *Führer* era um ditador de partido único com poder de vida e morte sobre milhões, mas outro lado seu ansiava pelo bálsamo da afeição por sua própria pessoa, em lugar do respeito por sua posição. Quando sua governanta de Munique, Anna Winter — que não gostava de Eva e, como tanta gente mais, subestimava sua inteligência —, perguntou como, sendo alguém tão sério, podia suportar a tagarelice dela, Hitler respondeu: “Eva mantém minha cabeça afastada de coisas sobre as quais não quero pensar. Ela me dá um descanso”.[1] E tampouco era tão sério quanto as pessoas acreditavam. Adorava o *kitsch* e gostava de assistir aos mais recentes filmes americanos e alemães segurando sua mão como um adolescente. Eva também adorava essas coisas — filmes e operetas, musicais, estrelas de cinema e suas fofocas. Tinha a fantasia de ir para Hollywood: “Quando o Chefe [Hitler] ganhar a guerra”, dizia às amigas, “prometeu que farei o papel de mim mesma no filme sobre nossa vida”. Hitler era condescendente com esses sonhos inofensivos. A verdadeira recompensa de Eva, disse a prima Gertraud, era se sentir “importante e necessária para ele — ela *significava* algo, não apenas enquanto companheira para a hora

da diversão, mas também enquanto pessoa”.^[2] Ela proporcionava a ele o único elemento na vida de que os homens importantes sentem falta: não poder, não estima, não fama ou riqueza, mas *alegria*.

Mas o que seus amigos mais próximos, os homens que conhecia desde os dias mais remotos do partido e em cujo julgamento confiava, e igualmente, se não ainda mais importante, o que suas esposas venenosas e competitivas pensavam a respeito de Eva Braun? Ela estava com 23 anos, idade em que deveria viver sem preocupações ou responsabilidades, mas tinha boas maneiras, boa aparência, dava o melhor de si para ser amigável e mostrar-se socialmente apta; contudo, ninguém lhe dava crédito pelos seus esforços e era tratada com indelicadeza e esnobismo.

Poucos se davam ao trabalho de disfarçar o fato de que a achavam uma tonta, os homens talvez por terem sido rejeitados, as mulheres porque sentiam ciúme. A maioria das esposas da elite não gostava dela, até mesmo a bondosa e reservada Margret Speer, ainda que no devido tempo Margret mudasse de ideia. Talvez sentisse ciúme por causa da amizade entre Eva — era *impensável* que pudesse haver um caso — e Albert, seu esposo carismático e bem-apeado.

Albert Speer fora designado como o principal arquiteto de Hitler em 1934, com a idade de 29 anos. A arquitetura é um modo poderoso, ainda que subliminar, de expressão ideológica e política de uma nação, coisa que Hitler, arquiteto frustrado, via com mais clareza que a maioria. Ele também percebia que pelos monumentos que um homem deixa para trás seu nome e sua memória podem se perpetuar por séculos, até milênios, e desejava essa imortalidade para si. “Sua versão do mundo que queria criar para celebrar a si mesmo e sua ideologia era plena, opressiva e faraônica.”^[3] Escolheu o jovem e desconhecido Speer para construí-la para ele, com prédios gigantes de concreto coberto de mármore e granito. Hitler passava horas debruçado sobre projetos arquitetônicos e vastas perspectivas com seu novo protegido, em quem pensava como um *alter ego*, o homem que ele próprio teria gostado de ser. Speer concretizou literalmente a visão de Hitler em milhares de metros cúbicos de monolitos insensíveis, “arquitetura do *Führer*”, a arte definitiva do Terceiro Reich, que refletia a natureza obsessiva, inflexível, de seu patrono melhor do que ele próprio jamais imaginara.

Speer era um dos pouquíssimos seres humanos mais ou menos decentes do grupo de Hitler^[4] (embora não tão decente quanto tentou parecer mais tarde). Estava sempre do lado de Eva, descrevendo-a como “muito jovem, muito tímida e muito recatada”. Ele explicava em maiores detalhes:

Era bem o tipo de mulher feita para um homem. Isso se confirma pela reação das secretárias, bem como de minha esposa, que não morria de amores por Eva Braun. Eu e alguns outros homens em torno de Hitler gostávamos dela. É curioso, sabe, porque não era paqueradora, longe disso. Era bastante superficial, mas com sentimentos verdadeiros e uma capacidade verdadeira para a *joie de vivre*. Não era antissemita, não tinha esses sentimentos. Era uma jovem simples e gente simples

pode ser melhor que os outros.[5] [...] Era, é claro, muito feminina, incrivelmente pouco exigente quanto a si mesma, prestativa para muitas pessoas nos bastidores — ninguém jamais soube disso — e infinitamente atenciosa com Hitler. Era o tipo de garota sossegada. E seu amor por Hitler estava fora de questão.[6]

Speer acreditava que “fora extremamente caluniada [...] era uma jovem muito educada”.[7] Sossegada... tímida... recatada... reservada... ansiosa por agradar... pouco exigente... Isso não soa como a sirigaita vulgar e exploradora pronta para oferecer sexo em troca de dinheiro, poder ou status. Gitta Sereny, nenhuma apologista dos aproveitadores que cercavam Hitler, concluiu:

Ela [Eva Braun] era meiga e alegre, no velho sentido da palavra — e mantinha as coisas leves para ele, por isso essa jovem simples era tão importante a seus olhos. Hitler queria alguém em cuja companhia não tivesse de *pensar*. Ela trazia um aspecto da vida para Hitler que existia para ele nos anos 30, mas não depois de 1941, fato que devia lhe parecer de extrema importância.[8]

Rochus Misch, que trabalhou para Hitler como telefonista por vários anos, definiu simplesmente: “Ele gostava da garota; era uma coisinha atraente”.[9]

Eva Braun tinha muitas qualidades valiosas. Era notavelmente leal, não somente a Hitler. Seus amigos de adolescência continuaram com ela por toda a vida. Seguiu mantendo contato com várias amigas de quando tinha apenas sete ou oito anos e adorava visitá-las e conversar sobre os velhos tempos. Jamais tirava vantagem de sua posição para abusar dos empregados, nem gritava com eles, mas se dirigia a todos como iguais. Anna Plaim frisou que Eva “não fazia o tipo distante e nunca a ouvi proferir um insulto ou mesmo uma reprimenda. Era completamente diversa da patroa típica, que faz questão de mostrar aos empregados onde é o lugar deles”,[10] ao passo que Traudl Junge observou, quando a conheceu: “Fiquei impressionada com seus modos naturais e pouco afetados”.

Ela tentou manter alguma independência pelo maior tempo que pôde. Continuou a trabalhar de modo intermitente na loja de Hoffmann quando não estava no Berghof, para poder sentir como era ter dinheiro ganho legitimamente por si mesma. Hitler dizia que era “orgulhosa”, lembrando como havia demorado até aceitar dinheiro seu. Ele adorava divagar sobre o passado na frente de suas secretárias em particular e Traudl Junge lembra-se das primeiras impressões que o chefe teve de sua *Freundin*: [11]

Acima de tudo, é orgulhosa. No início, trabalhava para Heinrich Hoffmann e de fato precisava ter cuidado com dinheiro, contudo, levou anos antes que me deixasse ao menos pagar seu táxi e por muito tempo dormiu num banco no escritório, para estar por perto caso eu ligasse, já que seu telefone em casa não recebia chamadas de longa

distância. Não foi mais que há um ou dois anos que consegui convencê-la a me deixar comprar aquela casinha em Bogenhausen.[12]

Não era apenas sua boa aparência; as boas qualidades de Eva também atraíram Hitler desde o início. Ele sabia que podia confiar nela.

Hans Karl von Hasselbach, um dos médicos-cirurgiões de Hitler entre 1934 e 1944, comentou:

Que Eva Braun o amava com profunda devoção é certo. A despeito do exterior luxuoso, suas esperanças jamais foram plenamente satisfeitas. *Difícilmente dava a impressão de estar feliz.* [grifo meu] Se queria ter filhos, não sei dizer; em todo caso, foram-lhe negados. Mas uma vez que Hitler não tornaria Eva abertamente sua esposa e uma vez que filhos ilegítimos teriam destruído sua grandeza aos olhos do povo alemão, ele foi forçado a renunciar a eles. É absolutamente seguro que Hitler era fiel a Eva Braun e dúvidas sobre a fidelidade dele nunca vieram à tona. Eva provavelmente nunca teve qualquer influência nas questões políticas e sempre evitava essas discussões. Hitler não tinha em grande conta a capacidade política e intelectual feminina e suas decisões jamais poderiam ter sido influenciadas por alguma mulher.

[13]

Durante todo o relacionamento, Eva Braun foi escrupulosa em não explorar sua posição privilegiada tão próxima a Hitler, virtude jamais encontrada na companheira de qualquer tirano. Nunca tentou influenciá-lo ou aceitar favores em troca de vantagens para terceiros.

Hitler só teve a ganhar com sua presença animada, mas para Eva o novo ambiente trouxe problemas. Ela perdera o contato com tudo que a sustentara ao longo de 24 anos de vida. Os lugares e pessoas que sempre representaram suas raízes — a rede de tios e primos, o avô em Beilngries, a fé católica, o apartamento na Hohenzollernstrasse que fora seu lar por mais de dez anos —, nada disso contava no Berghof. Seu passado não existia, ela não era ninguém. É verdade que sua irmã estava com ela no Berghof, mas Gretl era um apoio frágil. Mais fácil Eva ampará-la do que o contrário. Mais tarde, seus pais foram persuadidos a deixar de lado os escrúpulos e visitar as filhas, mas, por ora, seu pai permanecia inflexível. Ao longo desse tempo solitário, Eva fez várias visitas a Beilngries, embora tanto seu avô como sua avó já houvessem falecido. Certa vez, ela foi de carro à cidadezinha junto ao rio Altmühl num Mercedes emprestado por Hitler, acompanhada por dois seguranças da SS. Ela visitava o túmulo dos avós regularmente e quando não podia ir em pessoa mandava flores para enfeitá-lo: os devotos católicos de Beilngries notaram que sempre havia cravos frescos no túmulo da família Kronburger. Talvez por isso tenham decidido não fazer caso do Mercedes.

Fräulein Braun aparentemente conseguiu o que queria, mas talvez não fosse o que esperava, cercada como estava pela turma subserviente e bajuladora da equipe doméstica,

dos bem-apegoados assistentes do *Führer*, dos vaidosos mandachuvas e puxa-sacos e das esposas nazistas de primeiro escalão, que não faziam segredo de seu desprezo. Assim, pelos lados de Hitler, poucos amigos à vista. Os únicos em quem podia confiar eram aqueles que conhecia desde a adolescência em Munique e que convidava para se hospedar ali, caso pudessem abrir mão de suas atarefadas vidas familiares por dias ou até semanas seguidas. Herta Schneider, amiga e confidente de longa data, passava tanto tempo no “Berg” que com o tempo ela e suas duas filhinhas ganharam um pequeno aposento permanente.

Henriette von Schirach observou: “Eva vivia de modo discreto no Berghof, mas não tomava parte em discussão alguma, não fazia qualquer pergunta a não ser sobre que filme deviam assistir à noite. Não pedia nada, de modo que comprar presentes era sempre uma dor de cabeça para Hitler, até que incumbiu Bormann de cuidar de tudo. Bormann escolhia bijuterias semipreciosas não muito caras e quadros ordinários”.^[14] Havia um fluxo constante de visitantes em Obersalzberg, mas, se eram convidados oficiais ou importantes, Eva tinha de passar o dia fechada em seu quarto. “Ele não tolerava que aquela mulher pudesse ser vista.”^[15] Esse ostracismo aborrecia Eva, que se tornou “irritadiça, mal-humorada, ríspida; começou a se queixar. E com razão”.^[16] *Frau Mittlstrasse*, governanta do Berghof em seus anos finais, foi mais ponderada em seu julgamento:

Se você a aceitasse e gostasse dela, então se daria muito bem. Eu me punha à sua disposição de todos os modos possíveis: estava lá quando pedia suas roupas; estava lá quando comprava chapéus. Mas não os sapatos. Esses ela comprava na Itália, no Ferragamo, em Florença.^[17]

Fato um pouco surpreendente, talvez, os calçados de Eva, assim como os de Hitler, eram consertados pelo mestre sapateiro local, *Herr Kosian*, católico, portanto um dos comerciantes locais com quem a população do Berg era proibida por Bormann de negociar. Eva ignorava a ordem.

Em suas memórias, ditadas décadas mais tarde, depois que se juntou à equipe de empregados do Berghof, em 1941, Anna Plaim refletia sobre a vida de Eva ali:

O que se esperava que *fizesse* o dia inteiro? Quando ele estava fora, eu ficava com a impressão de que ela e Hitler conversavam bastante ao telefone. Porém, os amigos e a irmã eram tudo com que contava para tornar a vida moderadamente apreciável, uma vez que na verdade não tinha mais nada com que se ocupar. Não era a esposa de Hitler, então não podia se mostrar abertamente; sobretudo se ele estava no Berghof, quando devia sumir por completo, algo que decerto não era fácil. E mesmo assim acredito que idolatrava tanto Hitler que estava preparada para sacrificar qualquer coisa por ele, acima de tudo o status de ser sua esposa. Mesmo assim, ela era só elogios e aproveitava cada oportunidade para louvar seus belos olhos azuis.

(Eu também ficava fascinada com eles.) Hoje em dia tenho certeza de que jamais duvidou que Hitler acabaria se casando com ela. Era verdade que Eva Braun vivia aprisionada numa gaiola dourada [...] definitivamente. Por um lado, era difícil que pudesse sair do Berghof, mas, por outro, tudo que queria encontrava ali, em abundância. Tudo.[18]

Viver como sua amante não era, em vista disso, uma tarefa árdua. Foi inebriante, por algum tempo. Obersalzberg oferecia lagos, florestas, trilhas montanhosas, um cenário perfeito para as atividades esportivas que adorava e nas quais se saía tão bem. Podia passar horas se bronzeando sob o sol, sair para longas caminhadas com os cães, apanhar flores silvestres; todas formas muito divertidas de passar o tempo, mas nada suficiente para mantê-la cem por cento ocupada. Se estava morrendo de saudades de seu pessoal, podia voltar a Munique para ficar a par das fofocas ou ver vitrines com as amigas. Só ali podia se soltar, dar festas em sua casa, ir ao cinema ou ao teatro, escutar e dançar os últimos sucessos, estudar mapas astrais — o seu, o das amigas e o das celebridades —, experimentar roupas e maquiagem. Eva agora podia comprar o que bem quisesse e à medida que o tempo passou quis um bocadinho de coisas.

Em setembro de 1936, um artigo de indesejável repercussão ameaçou dar um fim à ignorância e credulidade dos alemães quanto à vida privada do *Führer*. Um jornal sensacionalista francês, o *Paris Soir*, publicou a história de Adolf e Eva sob o título “As Mulheres de Hitler”. Depois de mencionar seu relacionamento com Geli, as irmãs Mitford e Leni Riefenstahl, concluía: “Bem agora a favorita é sem dúvida Eva Braun, filha de um professor de Munique. Hitler abriu mão de todas as demais em favor dela”. Seu tio Alois descreve o efeito que o artigo teve sobre ele assim que o leu:

Quase caí da cadeira! Nossa pequena Eva! Impossível! Não podia ser verdade! A linda criança que eu havia ajudado quando não conseguia fazer seu dever de matemática, para quem escrevera inúmeros trabalhos escolares a fim de poupá-la de outro relatório queixando-se de que não fizera o dever de casa; que — profundamente imbuída da devoção materna — rezava suas orações todas as noites? Corri para o telefone e liguei para sua mãe, minha prima Fanny. (Meu pai e a mãe dela, Josefa Kronburger, eram irmãos.) Fanny ficou num estado de grande indignação quando lhe contei que acabara de ver o *Paris Soir* e que estava pasmo e ao mesmo tempo feliz em saber que em breve seria a sogra do *Führer*. “Pare com esta bobagem!”, ela disse; já estava bastante perturbada com a história! Certamente não iria discuti-la ao telefone. Se eu estava assim tão interessado, que fosse até Munique para conversar.[19]

E assim o fez, encontrando Fritz e Fanny no apartamento que conhecera quando era um estudante faminto, ainda o mesmo casal comum de classe média — “absolutamente nada

mudara em sua sólida vida burguesa”. Winbauer[20] prossegue, fornecendo um relato detalhado do romance entre Eva, sua sobrinha-neta, e Adolf Hitler, seu *Führer*, tal como lhe contou a prima Fanny. No início, ela ficara atônita quando Eva confessou o relacionamento, mas, na época, Fanny, sempre a otimista, começava a se acostumar com a ideia. Talvez alimentasse esperanças de que Hitler acabaria se casando com a filha. Não estava tão transtornada; na verdade, achava até um pouco de graça. Fritz, por outro lado, sentia-se insultado, humilhado, exposto como pai incompetente. Ficou furioso. Fosse qual fosse o impacto que o artigo do *Paris Soir* possa ter tido sobre a família Braun, não teve nenhum impacto sobre a opinião pública alemã. Assim que o jornal foi publicado na França, as autoridades recolheram todos os exemplares das bancas e puseram um ponto final no episódio.

O mundo de Fritz já desmoronara em 1934 (a essa altura, Eva e Hitler eram amantes havia dois anos), quando recebeu a notícia — não se sabe por intermédio de quem, mas talvez finalmente houvesse juntado dois e dois — do “sórdido caso” de sua filha. Não fazia diferença que fosse amante do idolatrado chanceler da Alemanha; até onde lhe dizia respeito, falhara com suas obrigações paternas e Eva era uma “mulher perdida”. Alois continuou:

Ele me abriu seu coração, não em casa, mas na Hofbräuhaus (uma cervejaria). Lá, num canto tranquilo do primeiro andar, Fritz confessou que já suspeitava havia muito tempo e que no fim tentara persuadir Eva a pôr um fim àquela amizade “idiota”. Contou-me como ficara furioso com os comentários maliciosos dos amigos e colegas e como aquele “sujeito” descarado estava destruindo a vida de sua família. Também me contou sobre uma carta que escrevera para Hitler em setembro do ano anterior, pedindo-lhe para “manter as mãos longe” de Eva.[21]

O que parecia enfiar-lhe mais do que tudo era que Hitler nem ao menos tivera a fineza de respondê-la. Em vez disso, Fritz foi chamado à prefeitura, em Munique, e aconselhado a se filiar ao partido. Sensatamente, compareceu à Elisabethplatz, sede local do Partido Nazista, mas sua inscrição foi rejeitada com base em falta de confiabilidade política. Não foi senão no ano seguinte que o consideraram apto à filiação. Como recompensa, recebeu um número de inscrição baixo, dando a entender que era membro do partido havia vários anos. Suas opiniões não mudaram, mas agora podia usar um uniforme nazista completo com colarinho alto, águia e folhas de carvalho, algo que, embora sem significado, facilitou sua aceitação no Berghof, bem como na cada vez mais bitolada Alemanha de 1936. *Herr* Braun enfiou os escrúpulos e o patriotismo bávaro no saco e fez o que lhe mandaram.

Instalada bem no centro do enclave nazista, em 1937 Eva estava encarregada da vida privada de Hitler e de seus hóspedes pessoais — uma esquisita mistura heterogênea dos primeiros companheiros políticos *dele* e antigos colegas de escola *dela*, a maior parte dos quais se sentindo completamente intimidados com seu anfitrião.[22] A despeito disso, ela

gradualmente foi levando gente nova de sua própria esfera de amizades, jovens mães e seus encantadores filhos pequenos que ajudavam a emprestar alguma levedura à fecundidade austera das entojadas esposas nazistas e seus maridos arrivistas.[23] Nada disso pode ter sido fácil para uma jovem ainda sem experiência social e com pouco conhecimento de posição e etiqueta. Tinha de bancar a anfitriã para pessoas com o dobro de sua idade, que não gostavam dela nem a respeitavam — ainda que, com sua cordialidade natural e seus esforços para não ter favoritos ou inimigos, Eva conseguisse desanuviar a atmosfera entre os dois grupos no Berghof.

De 1937 a 1940, coube-lhe pilotar esse penoso carrossel social. Até fixar a própria residência, Magda Goebbels — que idolatrava Hitler e em 1931 casou-se com seu promíscuo marido, Josef, parcialmente para ficar perto do *Führer* — executara a função de anfitriã. Continuou a fazê-lo em ocasiões formais ou semi-oficiais, quando Eva era banida a seus próprios aposentos. A leveza não estava entre as principais qualidades de Magda Goebbels. Era uma mulher esperta e atraente e uma nazista dedicada, mas não fazia ideia de como divertir Hitler ou ser uma companhia animada. Só Eva podia repreendê-lo de modo bem-humorado quando desandava a tagarelar, à noite. Quando Hitler estava a ponto de pôr todo mundo para dormir, Eva dizia: “Ah, vamos, Adolf, chega de conversa... vamos assistir a um filme!”, ou “Hora de ir para a cama!”. O casal se retirava discretamente, com Eva seguindo atrás de Hitler na grande escada para seus quartos contíguos. Sobre o que se passaria a seguir, tudo que os hóspedes podiam fazer era especular.

No começo do relacionamento, ele se comportara em relação a ela assim como o fazia com qualquer outra mulher: com polidez impecável. A discrição era rigidamente mantida e jamais agiam ostensivamente em público. Eva era como apenas mais uma secretária. A exata natureza da relação dos dois permanecia um mistério em torno do qual girava um torvelinho de especulações.[24] Na frente dos empregados, Hitler se dirigia a ela como “*Fräulein Braun*”. Quando estavam na companhia dos amigos mais próximos, as únicas pessoas em quem confiava, ocasionalmente a chamava pelo apelido, “*Tschapperl*”, [25] palavra que pode mais ou menos ser traduzida por pequena “matuta” ou “caipira”. Mas talvez não fosse tão insultuosa como parece. Na Áustria — incluindo a cidadezinha de Spittal, onde sua mãe, Klara Pölzl, nasceu —, isso era também uma forma carinhosa, o equivalente talvez a chamar Eva de “pombinha”. Os companheiros de Hitler e suas esposas sabiam muito bem que era proibido mencioná-la em público, pois *não existia*. Entre si, as esposas nazistas olhavam-na de cima para baixo e se referiam a ela como “eb” ou “*die blöde Kuh*”, a vaca estúpida, embora longe dos ouvidos do *Führer*. O acordo tácito do Berg determinava que pela maior parte do tempo todo mundo agisse como se Eva simplesmente não estivesse ali. Seu tratamento alternava entre ser aceita como anfitriã e desprezada como amante.

Se o círculo íntimo achava a posição de Eva ambígua, a equipe doméstica tinha clareza de que *Fräulein Braun* chefiava a casa e distribuía suas ordens diárias. No início de 1936, esse papel estava estabelecido e Hitler os instruíra a chamá-la de “*Chefin*”,

significando Pequena Chefe ou A Dama no Comando; ou de “*gnädiges Fräulein*” (uma forma de tratamento respeitosa e cortês sem equivalente real no inglês moderno). Em particular, aparentemente, entre si, a equipe a chamava de *die* Eva — “A Eva” — ou de “eb”. Tinham ordens de jamais se referir a ela pelo nome com gente de fora ou em cartas para casa; sempre como “*gnädiges Fräulein*”.[26] (Todo mundo se dirigia a Hitler com o formal “*Sie*”, até os nazistas mais graduados, e somente depois de estarem juntos por anos Eva passou a tratá-lo por “*Du*”. Quando alguém se referia a ele, era chamado de “*der Führer*” por todos, de Göring à criada mais humilde, nunca de *Herr* Hitler, muito menos, o céu nos proteja, de Adolf.)

As famílias nazistas que lotavam o Berg eram servidas por um imenso exército composto de empregados domésticos, equipe de lavanderia, cozinheiros e ajudantes de cozinha, garçons, babás, mensageiros, telefonistas, choferes e seguranças, pelo menos tantos quanto numa mansão vitoriana. Em Obersalzberg, a realidade era o sobe-e-desce de escadas. No Berghof e seus chalés adjacentes faltavam as portas de feltro verde com sinetas para cada quarto marcadas num quadro na sala principal de empregados, mas a hierarquia era firmemente estabelecida. Todos os dias, havia uma infinidade de gente para servir alimentos que iam do leite fresco para o bebê mais novo (embora mamar no peito fosse preferível) a luxuosos banquetes acompanhados de vinhos finos para chefes de Estado, convidados da realeza e outras visitas importantes. As cozinhas onde essas refeições eram preparadas tinham design e equipamento ultramodernos, com imensas geladeiras brancas, reluzentes pias de aço inoxidável, fileira após fileira de armários ordenados pintados de branco, assim como as paredes, e higiênicos pisos de ladrilho que eram lavados e esfregados diariamente. Hitler tinha uma cozinha à parte para preparar suas refeições vegetarianas e duas nutricionistas bolando variações para instigar seu apetite. Havia batalhões de babás, com aventais e uniformes, para cuidar das prolíferas famílias nazistas, cuidando para que toda criança fosse quieta, obediente e impecavelmente bem vestida, uma vez que a qualquer momento o *Führer* podia aparecer para afagar uma reluzente cabecinha dourada ou sentar um infante cheiroso em seu colo. A babá dava alguns passos para trás e sumia no cenário e a mãe se postava ao lado de Hitler para a inevitável fotografia, a ser emoldurada e exibida para as gerações vindouras. Essa era a azeitada unidade doméstica que Eva supervisionava: uma posição nada fácil para uma jovem mal entrada na casa dos vinte, a mesma idade da maioria dos ajudantes de cozinha e arrumadeiras, e metade da idade de *Frau* Raubal, a formidável governanta de Hitler.

Ela era o principal obstáculo remanescente. A mãe de Geli, enquanto continuasse ali como governanta, era um lembrete constante da adorada garota que ela, assim como Hitler, havia perdido. Durante um ano após a chegada de Eva ao Berghof, uma batalha secreta pelo poder foi travada entre a meia-irmã de cinquenta anos de Hitler e sua jovem amante. Isso atingiu o ápice em 1936, quando *Frau* Raubal foi mandada embora sem aviso prévio, em parte por expressar com demasiada veemência seu ressentimento pela sucessora de Geli. Herbert Döring, também um membro da equipe doméstica, recordou:

“*Frau* Raubal não gostava nem um pouco de Eva. Eram como cão e gato. Ela ralhou severamente com seu irmão por Eva Braun ter recebido um lugar de honra na conferência do partido [em 1936] e ele ficou tão furioso que mandou a irmã embora de Obersalzberg na mesma hora. No dia seguinte, ela teve de fazer as malas e partir”.^[27] Evidentemente, ele nunca gostara da mãe de Geli, a quem descrevia como uma pessoa “rústica e grosseira”, e não achou ruim quando a viu partir. Fato surpreendente é que pouco depois *Frau* Raubal conheceu e se casou com um professor de ginásio, Hammitsch, e foi viver com ele em Dresden, após o que raramente viu seu meio-irmão.^[28] Talvez Adolf se sentisse culpado por deixar Eva levar a melhor sobre ela após nove anos de trabalho duro no Berghof, mas, seja qual for o motivo, ele não a esqueceu em seu testamento, deixando para ela e a irmã Paula uma renda de mil *Reichsmarks* por mês para cada uma até o fim da vida.

Uma nova governanta, Elsa, foi contratada de Munique, onde trabalhara no Osteria Bavaria. Ela e Eva mantiveram uma boa relação de trabalho, a despeito do fato de Eva ser muito mais jovem. Posteriormente, Elsa também foi embora e Döring, já um membro da equipe do Berghof, foi promovido. Ele, por sua vez, saiu em 1943 e foi substituído por um casal, Wilhelm e Margarete Mittlstrasse, que se tornaram os derradeiros administradores do Berghof. *Frau* Mittlstrasse gostava de Eva e a admirava: “Eu era chamada a seu quarto de manhã, após o café, caneta e papel na mão, para juntas repassarmos a programação do dia, o que ela planejara e qual seria meu papel. Era a típica mulher de Munique, agradável e encantadora, mas mantinha distância. Não ficava em cima de você”.^[29] O tato e a sensibilidade de Eva para com a equipe doméstica eram diplomáticos, tendo em vista sua pouca idade quando sua posição foi formalizada e o fato de que não faziam ideia de quanto tempo permaneceria por ali. O casal Mittlstrasse teve um filho, Klaus, e poucos anos depois uma menina, aumentando ainda mais a população de pequeninos que engatinhava, cambaleava ou tropicava pelo terraço do Berghof, parando para se agarrar de modo encantador na mão de Eva ou no joelho de Hitler. O *Führer* gostava genuinamente de crianças e ficava gratificado de ver a nova geração absorvendo as qualidades alemãs essenciais de obediência, disciplina e ordem, e aprendendo a respeitar os mais velhos e amar a pátria. Eles estariam no comando quando estivesse velho, levando seus ideais adiante, transformando em realidade seus planos de uma Europa mais elevada e pura. As saudáveis miniaturas de Speers, Görings, Goebbels, Mittlstrasses eram a personificação do futuro.

A despeito de todos os seus esforços, Eva continuava sendo o condenável segredo de Hitler. Caso único entre todos os presentes no Berghof, seu nome nunca aparecia na lista de telefones da casa, ao passo que, para preservar seu anonimato, a suíte dela figurava como “quarto de hóspedes grande”.^[30] Recém-chegados que perguntassem por ela recebiam como resposta que “Ela faz parte do *Adjutantur* [funcionários particulares], é uma secretária”.^[31] Isso servia aos propósitos de Hitler e decerto funcionava — Eva permanecia completamente desconhecida do mundo exterior. Devia ser humilhante; um lembrete de que estava lá apenas para fins sexuais e domésticos, no

mais, uma *persona non grata*. Nessa relação desigual, somente uma pessoa contava: Adolf Hitler. Eva era sua propriedade e sua dependente. Assim como fora com Geli, não desfrutava nenhuma liberdade de ação. Ele era generoso e gostava de dar presentes, mas estes nem sempre eram o que ela teria gostado. Em 1936, no Natal, ganhou um livro sobre tumbas egípcias,[32] um reflexo de sua obsessão mórbida e constante pela morte, mas um presente bizarro para uma mulher de 25 anos cheia de vitalidade.

Henny von Schirach, hóspede frequente em Obersalzberg desde a infância, disse:

Eva achava sua vida de amante invisível deprimente. Nos últimos anos,[33] estava sempre irritada e doente, pois Hitler já não lhe dedicava grande atenção. [...] Ela poderia ter se educado sozinha, lá no Berghof; dispunha das oportunidades e recursos, mas simplesmente ficava sentada esperando, enquanto sua vida passava, de modo que não tinha nada para apresentar a Hitler que pudesse interessá-lo — qualquer coisa para romper com seu isolamento. Sua vida corria sem esforço e sem luta; era como um jogo, contudo, não era feliz. Por fora, tudo estava perfeito, trocava de roupas e fazia o cabelo, e ao que parece era isso que Hitler queria.[34]

Eva cometia pequenos atos de desafio, como fumar às suas costas ou usar batom e esmalte de unhas, coisas que Hitler deplorava, mas era tudo simbólico; ela carecia do espírito rebelde de Geli. Aparentemente, tentou a todo custo se moldar como a mulher ideal para ele, reprimindo a própria espontaneidade e exuberância física. Adorava dançar, mas, como recordou Herbert Döring:

Eva tinha de fazer tudo sem Hitler. Dava para perceber quando estava dançando. Isso a tornava uma pessoa completamente diferente — você nem imagina. Era uma grande dançarina. Alguém punha o gramofone para tocar, uma música rápida, maravilhosa, e de repente Eva como que se transformava. Dançava de um jeito muito elegante e vigoroso. Sua dança favorita era o tango. Quanto mais sensual a dança, mais se entregava... Sabe, entrava mesmo de corpo e alma. Hitler simplesmente teria caçoado desse tipo de dança.[35]

Após a partida de *Frau Raubal*, Eva já não precisava mais dormir no Platterhof, mas mudou-se para dentro do próprio santuário do Berghof. Foram-lhe reservados três dormitórios contíguos ao de Hitler, no corredor principal do primeiro andar, e um quarto em frente para sua criada pessoal. Sua posição no Berghof e na vida dele podia finalmente ser reconhecida. Não era algo sobre o que se falava, mas o círculo íntimo de Hitler não mais fazia conjecturas sobre seu papel. Uma porta no armário de malas, sem comunicação com o corredor, ligava seus aposentos ao quarto, bem como ao banheiro, do amante.

A suíte de Eva tinha leveza e feminilidade, um refúgio para ela e as amigas, e às vezes

também para Hitler. Era luxuosamente provido, com sala de estar própria, tocador, dormitório e banheiro, decorado num estilo sofisticado porém feminino, com paredes brancas e mobília branca de marca, fabricada em Londres por Syrie Maugham. Não podia diferir mais do apartamento de seus pais, atulhado de mobília pesada e provinciana e decorado com papel de parede de motivos padronizados. A sala de estar — com vista para o usual cenário de montanhas — tinha duas confortáveis poltronas e um sofá almofadado forrado de chintz com flores azul-escuras. Tudo em escala humana normal, ao contrário dos enormes móveis estofados dos demais quartos. Ao lado do sofá, havia duas mesinhas com luminárias de leitura e o telefone secreto ficava numa prateleira mais atrás. Da parede pendia a pintura de um nu reclinado, para o qual se dizia que a própria Eva servira de modelo. Duas amplas janelas com cortinas de renda eram emolduradas por longas cortinas turquesa, havia revistas de cinema e de moda empilhadas nas mesas e uma porção de animais de pelúcia que ela chamava de “*Meine Menagerie*” (meu zoo) amontoados num canto do sofá. Numa parede, no lugar de honra, ficava seu quadro favorito do amado, um retrato pensativo e idealizado pintado por Theodor Bohnenberger. No canto oposto, havia uma pequena mesa de trabalho, onde passava horas e horas escrevendo cartas ou colando fotografias. Ela mantinha um casal de dom-fafes numa gaiola e às vezes os soltava para que voassem livremente pelo quarto.

Seu quarto de dormir era dominado por uma espaçosa cama de casal coberta por um espesso edredom. Gretel Mittlstrasse, secundada pelo marido Willi, disse que era perfeitamente óbvio que Hitler às vezes a dividia com Eva. Havia uma penteadeira branca de três espelhos (grande, pequeno e de aumento), um conjunto de escovas de prata trabalhada, um estojo de pó de arroz de cristal, quatro frascos de perfume e ainda outra foto emoldurada de Hitler. Um tocador em separado acomodava sua coleção cada vez maior de roupas; chapéus, bolsas e os finos sapatos italianos feitos para ela em Florença, bem como gavetas abarrotadas de *lingerie* de seda bordada, cada peça levando seu monograma pessoal: um e e um b entrelaçados para parecer um trevo de quatro folhas ou talvez, com um pouco de imaginação, uma borboleta.[36] Eva de fato gastava um bocado com roupas, mas a vaidade era quase que seu único consolo e ela precisava disso para ganhar confiança em meio a um grupo desdenhoso que a encarava como inferior no plano social e conjugal. Ela encontrara uma nova costureira em Berlim, *Fraülein Heise*, que lhe desenhava roupas sob medida. Hitler pagava — as contas das costureiras eram o menor de seus problemas.

Ao longo dos anos, ela comprou centenas de vestidos, incluindo uma série de vestidos de noite espetaculares, bem como casacos longos e curtos (às vezes de pele), saias e blusas, tudo do mais chique. As roupas se tornaram seu principal interesse e passava várias horas de seu tempo com elas — escolhendo, arrumando, fazendo ajustes. Como toda mulher que examina detidamente revistas de moda e de estrelas de cinema, mantinha-se a par das últimas tendências e rapidamente as adotava, às vezes comprando direto dos criadores, porém com mais frequência pedindo à costureira de Berlim que modificasse seus desenhos para ela. As roupas podem ser lidas assim como o diário em

busca de uma luz sobre sua personalidade e a nova vida que levava.

Alguns trajes se tornaram seus prediletos, aparecendo repetidamente nas fotografias, e são os mais significativos. Havia um casaco em particular, de estilo militar — com gola dupla e oito botões de metal perfilados na frente —, de que gostava especialmente, talvez porque parecesse um dos casacos de uniforme de Hitler, e ela continuou a usá-lo por muitos anos. (Ele pode ser visto na foto em que ela aparece de braços dados com Albert Speer.) Ao ar livre, no terraço, num dia mais fresco de primavera ou outono, em geral vestia um casquinho justo de *tweed* e saía com um suéter curto por baixo, exatamente o que uma *lady* inglesa do campo poderia ter escolhido, e que atendia à admiração de Hitler (até 1939) por tudo que era inglês. Eva se vestia para si mesma, mas às vezes com ele em mente. Suas roupas eram elegantes mas recatadas, exibindo seus belos braços e pernas, mas jamais deixando entrever o menor decote que fosse. Isso Hitler não teria aprovado. Seus gostos eram extremamente convencionais. Para agradar-lhe, ela muitas vezes usava o tradicional vestidinho bávaro de corpete e saía folgada com uma blusa de babados, sem esquecer das meias brancas com ligas e sapatos de lacinhos para combinar, às vezes acompanhando tudo com um pequeno chapéu de pluma; centímetro por centímetro a recatada dona de casa bávara. Ele também apreciava os tecidos com motivos de ramos, listras e bolinhas e mangas que terminavam em punhos brancos pregueados — quase como se fosse um uniforme — e nada o deixava mais feliz que vê-la usando os vestidos de sua (dele) predileção sucessivamente, queixando-se de que nunca sabia que mulher esperar. Quando uma roupa ficava velha (ou seja, após ser usada duas ou três vezes), ela a passava adiante para a irmã ou as amigas, ou, se elas não quisessem, para a equipe doméstica.

Eva mudava de roupa várias vezes por dia, de modo a ficar elegante para qualquer ocasião, mas também para matar o tempo e dar asas às suas fantasias — e de vez em quando às de Hitler. Qualquer um que examine seu guarda-roupa logo percebe como era *branco* — não apenas as roupas de sair, como bermudas, camisas e trajes de banho, mas também suas blusas e calças engomadas com esmero, os cintilantes vestidos de noite. Conscientemente ou não, vestia-se como uma noiva.

Eva sempre fora vaidosa, mas no passado as extravagâncias ficavam restritas pelo salário modesto. Agora podia fazer suas vontades pela primeira vez (Hitler devia instruir Bormann a lhe dar carta branca)^[37] e gastava somas enormes, comprando só do bom e do melhor. Jamais uma peça vulgar. Para dar um exemplo, Eva tinha um vestido de noite marrom de pesado brocado que descia aos tornozelos, com mangas longas, preso por um único botão de madrepérola na cintura. Inteiramente recatado, era ao mesmo tempo muito *sexy*. Sua finíssima *lingerie* nunca era mínima ou ostensivamente provocante, mas a delicada textura de seda e renda convidavam ao toque.

Finalmente, tinha seu próprio banheiro de estrela de cinema, com paredes brancas de azulejo, a última palavra em porcelanato, torneiras cromadas e um imenso espelho bisotado. Dá para ver claramente num de seus filmes caseiros, em que um pássaro — parece ser um corvo — pousa na torneira para beber a água que cai. Todos os cômodos

eram mantidos impecavelmente limpos pelas criadas, que de dois em dois dias os enchiam com vasos de flores frescas. O lugar carecia do bom gosto e da verve artística de uma Madame de Pompadour, cujo apartamento em Versalhes era um perfeito escrínio de joias, mas Eva não era Pompadour. Para uma jovem que não saíra de casa senão um ano antes, aqueles aposentos arejados e cheios de luz eram um luxo de tirar o fôlego.

Solitário entre os ambientes enormes e pomposos do Berghof, o pequeno quarto de Hitler era desprezioso ao ponto da austeridade.[38] Seus aposentos eram sempre espartanos, de gostos frugais. Um exíguo gabinete levava a seu dormitório com a cama de solteiro, como o catre de um soldado em campanha, e a pequena mesinha de canto. Anna Plaim ficou surpresa de ver uma pilha de livros de Karl May, o autor de faroestes prediletos de Eva. Em 1933, Hitler ficara entusiasmado ao descobrir que Karl Ludecke, um antigo seguidor e financiador do Partido Nazista, compartilhava de seu apreço por essas histórias de “índios e caubóis”. Ele ainda as lia e se emocionava com elas, contou Ludecke.[39] Outra leitura de cabeceira não era nenhum relatório oficial, algum jornal, a biografia de Carlyle, do *Kaiser* Frederico II ou de Napoleão (seus dois modelos favoritos): era *Max und Moritz*, de Wilhelm Busch,[40] exatamente as mesmas tiras de quadrinhos que Eva e suas irmãs adoravam quando crianças. (Não é possível ter sido coincidência que Busch também desenhasse cartuns políticos para um jornal em que ridicularizava judeus, dando-lhes narizes longos e curvos, barbas pretas desgrenhadas e expressões furtivas.) Junto ao quarto, Hitler tinha um gabinete particular igualmente pequeno, com retratos de seus pais — presume-se que pintados postumamente — pendurados acima de uma escrivaninha, sobre a qual ficavam um mata-borrão, pilhas de papéis e uma caixa de chocolates. E nada mais, a não ser uma mesa de centro e uma pequena estante. Hitler não era simplesmente organizado, mas, segundo a criada Anna Plaim, “*escrupulosamente organizado*”, e insistia que seus aposentos permanecessem em ordem imaculada.[41]

Os alojamentos de Eva contíguos ao de Hitler, que eram interditados a qualquer um exceto sua irmã Gretl e algumas amigas mais íntimas, confirmavam que Eva Braun era a patroa oficial de Hitler e do Berghof. Seu status foi reforçado quando passou a ser levada por um chofer em seu próprio Mercedes Roadster preto conversível, placa IIA-1913020E.[42] Esse carro, seu segundo, deve ter sido um presente de Hitler, embora Bormann provavelmente o tenha pedido, e conseguido, de graça para a Mercedes, como uma gentileza para o *Führer*. Foi o presente mais significativo e público que jamais lhe deu. Todos os sinais indicavam que Hitler estava satisfeito com sua jovem amante e a encarava como um relacionamento de longo termo.

Eva estava empolgada, é claro, com suas boas graças e a vida de mimos que a acompanhava, mas tudo que de fato queria era a companhia de Hitler, sua atenção, aprovação e amor. Ele estava acostumado com sua presença, gostava dela, mas será que a amava? Privadamente, dirigiam-se um ao outro pelo informal “Du”, e ela o chamava de Adolf, ocasionalmente de Adi. Ninguém jamais a ouviu usar qualquer outra forma de tratamento mais meiga. Mais tarde, ele começou a chamá-la de *Kindl* (criança) ou,

ocasionalmente, de *Patscherl* ou *Schnacksi*, nomes carinhosos para um filho ou uma criança, mas nenhum chegou perto de “Princesa”, o apelido afetuosos de Geli.

Entretanto, em 1937, Eva triunfara em tornar-se indispensável. “Hitler tinha necessidade dela, sem dúvida alguma”,^[43] disse Albert Speer. Se soubesse disso na época, ou se Hitler tivesse sido capaz de admiti-lo, sua vida teria sido muito mais feliz.

1936 – A ALEMANHA NA VITRINE: AS OLIMPÍADAS

OS ESPORTES DESEMPENHAVAM um papel crucial na vida de Eva. Era algo em que sempre se destacara. Na adolescência, tirara primeiro lugar numa competição de esqui e, se tivesse se concentrado em melhorar seu desempenho nos esportes de inverno ou na ginástica poderia ter alcançado, se não padrão olímpico, ao menos o de uma competidora séria. Contudo, quando Hitler estava no Berghof, a necessidade de ficar a seu dispor roubava-lhe horas de prática e, em todo caso, é duvidoso afirmar se teria tido a disciplina ou perseverança de insistir num treino diário rigoroso. Os ubíquos cartazes da mulher nazista idealizada — forte, flexível, saudável, uma parceira confiável e mãe salutar — influenciavam-na, assim como a milhões de jovens alemãs. A intenção da propaganda política por trás do exercício compulsório era simples: visava minimizar a percepção do eu enquanto indivíduo e substituí-la pela percepção de ser, acima de tudo, *alemão*, digno da raça ariana. Melhor ser muitos que ser um.

As sedutoras imagens de Leni Riefenstahl,[1] de atletas com músculos esculpidos e pele reluzente, encontram paralelo nas fotos de Eva em traje de banho tiradas por sua irmã ou alguma amiga, quando fazia ginástica em sua praia particular junto ao Königssee, acima das pitorescas cataratas do Rödler: um local tão remoto que podia nadar nua nas águas geladas do lago.[2] A letargia física de Hitler, combinada a sua relutância fóbica de expor o corpo, era uma garantia de que jamais se juntasse a Eva nesses passeios, nem participasse de seus piqueniques, como costumava fazer com Geli quando estava viva e ele ainda era um solteirão. Mesmo então ele jamais nadava nem tirava a camisa. No máximo usava uma camisa de mangas curtas com shorts ou *Lederhosen* e braçadeiras decoradas com a *Edelweiss* alpina,[3] símbolo da Baviera. Nos anos que vieram depois disso, tornou-se o chanceler do Reich, com poderes supremos. Já não estava mais no auge da vida, coisa que dava para perceber por sua pele ressecada e pálida, bolsas nos olhos e corpo flácido.

Em 1936, Eva tinha 24 anos e uma forma física esplêndida, sobretudo quando nua ou em traje de banho. Numa sequência, registrada tanto em filme como numa série de fotos, ela realiza feitos de agilidade e flexibilidade notáveis para alguém que já não era mais uma adolescente. Seu corpo tinha tônus, os membros eram fortes e esbeltos. Herbert Döring comentou: “Eva tinha um bom talhe, era elegante, naturalmente magra, [4] não muito alta”,[5] e acrescentava, mal-humorado: “Tinha tempo para cuidar de si, não tinha? Tinha dinheiro, também, e ótimas roupas”. A garota gorducha e atarracada que deixara o convento parecendo ter acabado de engolir um bolo cremoso moldara-se numa companheira em forma para Hitler, mas a sua boa forma e vitalidade era negado o

objetivo natural: a maternidade.

Não há evidência segura de que quisesse ter filhos (embora certamente teria desejado um filho dele) ou de que se sentisse profundamente arrependida por não tê-los tido. Era um sacrifício em que Hitler insistia e que ela aceitava, embora sua ternura por tudo que fosse jovem e desamparado indicasse que uma criança teria sido bem-vinda. Sua grande amiga Herta Schneider — a quem, como mulher casada, Eva confiava seus problemas ginecológicos — contou ao biógrafo Nerin Gun que Eva nunca acreditou estar grávida; sua menstruação nem jamais atrasou. Há tantas fotos dela com as duas filhinhas de Herta, Brigitte (Gitta) e Ursula (Uschi), que muitas vezes se presumiu que Eva fosse a mãe delas, o que deu origem a uma infinidade de rumores falsos. Ela adorava brincar com crianças pequenas, curvando-se amavelmente para mostrar como era boazinha. Em março de 1969, Ilse Braun garantiu a Werner Maser, um dos primeiros historiadores alemães a escrever uma biografia de Hitler: “Minha irmã nunca ficou grávida, com certeza, e, se houvesse ficado, em nenhuma circunstância teria interrompido a gravidez. Seria algo completamente contrário a sua visão de vida”[6] (referindo-se à criação católica da irmã). É possível que usasse supositórios contraceptivos, além da ducha, e embora isso, também, não passe de especulação, leva à mesma conclusão: Eva nunca teve filhos. Hitler, ainda que encorajasse milhões de alemãs à fecundidade, não estava preparado para ser pai e não teria tolerado uma criança. Sua imagem como um solitário inatingível que sacrificava a felicidade pessoal era, ele acreditava, a chave da atração que exercia sobre as mulheres. A despeito da aparência e da idade (estava com 47 anos nas Olimpíadas), tinha o mesmo apelo carismático de um pop star atual e despertava a mesma reação nas fãs.

Em 1931, muito antes de Hitler se tornar chanceler, o Comitê Olímpico Internacional escolhera Berlim como palco dos xi Jogos Olímpicos. Era um gesto voltado a acolher a Alemanha junto à comunidade mundial após a acabrunhante derrota na Primeira Guerra Mundial. Então, o Partido Nazista ascendeu ao poder e o Comitê Internacional não podia ignorar a natureza cada vez mais antissemítica do regime. Alguns países fizeram uma débil tentativa de protestar, mas o Comitê não estava preparado para intervir, muito menos recomendar que seus membros repudiassem os Jogos. Hitler, sob pressão, fez concessões à opinião pública mundial permitindo que uns poucos atletas judeus competissem e os Jogos tiveram prosseguimento, como planejado.

Para o *Führer*, abrigar os Jogos Olímpicos de 1936 era um golpe de sorte cuja oportunidade ele planejava explorar ao máximo; uma chance de promover não só a juventude e o esporte alemães, como também a própria nova Alemanha e o ideal da supremacia ariana. As Olimpíadas estavam destinadas a levar ao mundo uma visão expurgada de ordem e harmonia, varrendo e ocultando deliberadamente a feia realidade do preconceito e da perseguição. Poucos dentre as centenas de milhares de visitantes em Berlim faziam ideia de que durante os Jogos o governo removera placas antijudeus das ruas e banira “ciganos” (povos rom — ou roma — e sinti — ou manuche)[7] para um campo próximo a um tanque de esgoto no subúrbio de Berlim, em Marzahn, onde

muitos adoeeceram. *Der Stürmer*, um jornal raivosamente antisemita, foi por algum tempo removido das bancas, embora continuasse a ser publicado.

Alois Winbauer[8] deixou um relato desse ano triunfante:

Para o Nacional Socialismo, 1936 foi o ano da vitrine. As nações do mundo se reuniam em Berlim para os Jogos Olímpicos e o novo Reich não poupava esforços para se apresentar sob uma luz lisonjeira. O Partido fora instruído a manter as aparências, a Gestapo e a SS foram mantidas na rédea curta e a imprensa ganhou um certo grau de liberdade. No que concerne à questão racial, a frase “eu decido quem é judeu” ganhou por algum tempo um novo viés. Em suma, Hitler e Goebbels ordenaram uma faxina completa. A brutalidade dos policiais da SA era eclipsada pelas glórias da cultura alemã e o mundo seria persuadido de que o Terceiro Reich estava determinado a tornar-se um membro respeitável da comunidade internacional.

Ele falava, é claro, após o evento. *A posteriori*, é sempre fácil discernir o padrão ou dar novas cores ao passado. Alois, o estudante faminto que costumava mendigar comida com sua prima Fanny, era agora um jornalista de quarenta anos de idade, chefe de redação do *Neue Mannheimer Zeitung*, cargo que manteve de 1933 até o fim da guerra.

Pouca gente, menos ainda estrangeiros, podia estar plenamente a par do que acontecia por trás dos panos na Alemanha higienizada que era apresentada aos visitantes, mas é salutar fazer um exame, *a posteriori*, do que hoje se sabe. De 1933 em diante, a pilhagem legalizada de propriedades judaicas — suas casas e lojas — tornou-se cada vez mais desavergonhada. “Reles donas de casa de repente apareciam usando casacos de pele, negociando café e joias, possuindo mobília antiga e fina”, recordou Gertrud Seydelmann, uma bibliotecária de Hamburgo. Foi “uma das maiores mudanças na condição de propriedade da história moderna, um roubo maciço em que cada vez maiores setores da sociedade alemã tomavam parte”. [9] Ataques a judeus nas ruas tornavam-se uma ocorrência regular. Os principais membros responsáveis da SS, ou *Schutzstaffel* (literalmente, Esquadrão de Proteção), na maioria das vezes não passavam de gorilas estúpidos ou gente “insignificante”, homens deslocados e desprezados motivados pelo ódio racial ou pela necessidade de afirmar sua superioridade por meio da violência. O antisemitismo cresceu ao ponto da obsessão, com a antiga mitologia teutônica fundamentando os campos de concentração e sendo usada para justificar o assassinato em massa de judeus e outros grupos não-arianos. Eufemismos como “higienizar”, “purificar” e “limpar” escondiam inúmeros atos individuais de sadismo por trás de uma fachada autoindulgente de necessidade clínica. [10] Assim que inculcou o antisemitismo na maioria dos alemães e, por definição, em todos os nazistas, o partido estava pronto para testar o grau de sucesso de sua doutrinação.

Em 1º de janeiro de 1936, uma lei aparentemente não muito importante foi implementada, proibindo judeus de empregar mulheres com menos de 35 anos. Nessa

altura, o máximo que um “bom” alemão podia inferir era que isso fosse um reflexo do novo foco na maternidade e na família. Outros milhões de pessoas teriam atribuído a medida à notória predileção dos judeus por estuprar jovens loiras — mito difundido também na América do Sul em relação aos negros, durante o período da escravidão, e ainda utilizado nos anos 30 como pretexto para linchamentos e execuções judiciais. Ao mesmo tempo, Hitler exprobrava severamente a Liga das Nações pelas queixas contra o tratamento cada vez mais racista que a Alemanha dispensava aos judeus. Na visão dele e de seus fanáticos seguidores, estavam meramente pondo em prática a amplamente respeitada ciência da “eugenia”.^[11]

Hitler mencionara pela primeira vez suas crenças eugênicas num discurso proferido na Convenção de Nurembergue de 1929: “Como resultado de nosso moderno sentimentalismo humanitário, estamos tentando manter os fracos às custas dos saudáveis”. Seus argumentos tinham poderosos precedentes. A eugenia não se originara na Alemanha, mas entre cientistas pós-darwinistas da Inglaterra. O termo foi cunhado por Francis Galton,^[12] um vitoriano bem-intencionado que acreditava que a aplicação dos princípios da eugenia conduziriam a uma melhoria a longo prazo da raça humana, assim como os criadores de cavalos de corrida tentam aperfeiçoar seus animais. Essas ideias tornaram-se imensamente populares na Europa, mas as teorias de Galton enraizaram-se com mais firmeza em solo americano, uma nação construída sobre fundações multiétnicas, onde pessoas com deficiência mental ou física severa ou simplesmente um comportamento estranho eram encarceradas ou lobotomizadas. Inúmeras negras (em geral, vítimas de estupro) eram esterilizadas, ou de outro modo seus genes, infectados pela “imoralidade” e disseminados pela promiscuidade, poderiam contaminar o sangue saudável da nação. A ideia de “limpeza” ou “higiene” racial (*Rassenhygiene*) era algo respeitável e estabelecido entre médicos e acadêmicos alemães quando Hitler era criança. Na Inglaterra, a ideia não pegou. George Bernard Shaw foi um entusiasta que, com presciência sobrenatural, vaticinou em 1910: “Parte da política de eugenia finalmente nos levaria a um uso extenso das câmaras letais”.^[13]

Na Alemanha, a esterilização forçada foi silenciosamente implementada em janeiro de 1934 e posta em prática sobre alguns poucos párias sociais que sofriam de doenças consideradas hereditárias — “debilidade mental”, enfermidade ou deficiência mental, esquizofrenia, deformidade física, epilepsia, cegueira, surdez e alcoolismo crônico. Poucos perceberam ou ergueram objeções quando o programa de eutanásia foi efetivado, a não ser os devotados pais de crianças deficientes, que protestaram com veemência, mas em vão. Assim que as autoridades se certificaram da aquiescência passiva do público, o programa avançou mais um passo, legalizando o assassinato de deficientes em internações. Mas os visitantes de todas as partes do mundo que se preparavam para chegar à Alemanha para as Olimpíadas não faziam a menor ideia disso.

As Olimpíadas de 1936 são lembradas por todos principalmente em razão das quatro medalhas de ouro obtidas pelo atleta negro norte-americano Jesse Owens,^[14] um jovem

popular e humilde de 23 anos de idade, embora ele não estivesse sozinho — dezoito americanos negros (dezesseis homens e duas mulheres) competiram e ganharam catorze medalhas. Hitler não contava com a possibilidade de que o atleta mais destacado dos Jogos Olímpicos pudesse ser não alguma grande esperança branca da Alemanha, mas um negro. Ele se recusou a dar o protocolar aperto de mão em Owens e foi então obrigado a se abster de fazê-lo com todos os demais, incluindo os atletas alemães. Sem dúvida, felicitou-os depois em particular. Aos olhos deles, os alemães haviam “vencido” as Olimpíadas de Berlim, mas somente se deixassem de contar as medalhas ganhas por “subumanos” — ou seja, americanos negros. Owens encarou as próprias vitórias com modéstia. Como Eulace Peacock e Ralph Metcalfe, achava que as medalhas eram um repúdio às teorias raciais alemãs.

O Jogos foram celebrados com brilhantismo no filme *Olimpia*, de Leni Riefenstahl. Mais de quarenta *cameramen* foram contratados, perfazendo um total de quatrocentos quilômetros de filme e exigindo de Riefenstahl e sua equipe de editores dezoito meses na sala de montagem. Ela foi escolhida como cineasta oficial graças ao *Triunfo da vontade* (*Triumph des Willens*), o documentário de 1934 sobre o Congresso do Partido Nazista em Nurembergue. Riefenstahl alegou que fora abordada pelo Comitê Olímpico Internacional encarregado da organização dos Jogos e convidada a fazer *Olimpia*, embora o regulamento proibisse especificamente o uso de material glorificando uma única raça ou nação. Na verdade, foi Hitler quem sugeriu que filmasse os Jogos e também autorizou a verba para o que na prática representou uma propaganda com quatro horas de duração da raça superior,[15] embora até o fim de sua longa vida Riefenstahl jamais o tenha admitido.[16] *Olimpia*, a pedra fundamental da propaganda do Terceiro Reich, permanece no entanto uma obra de arte perturbadora e extraordinariamente eficaz.

O *Triunfo da vontade* raramente é visto hoje em dia,[17] devido a seu perigoso poder de persuasão, mas há muitos anos foi exibido tarde da noite na Inglaterra, na BBC 2. Deixei no canal porque estava curiosa sobre as influências que haviam marcado a juventude de minha mãe e fiquei chocada com o fascínio arrebatador que exercia. O filme evocou meus impulsos mais fundamentais, apelando para o espiritual (com a chegada semidivina do *Führer* num novíssimo Junkers Ju-52,[18] rompendo através das nuvens em meio aos feixes de luz sobre Nurembergue), o emocional (multidões em êxtase enchendo as ruas para dar as boas-vindas a seu líder), o sensual (trabalhadores braçais bronzeados e musculosos numa sequência que mostrava o *Arbeiterdienst*, com braços segurando ancinhos e pás em vez de rifles) e, literalmente, o histérico (jovens boquiabertas, os corpos ansiosos esticando-se na direção do *Führer*, os olhos brilhantes fixos em seu rosto, saudando o portador da felicidade, do dever e da maternidade). Fiquei assustada ao perceber como aquilo me deixou profundamente agitada. O filme terminou em altas horas e tal foi seu poder que permaneci sentada por algum tempo no escuro pensando, *Meu Deus, talvez ele estivesse certo*. Na manhã seguinte, voltei a mim, mas aquela reviravolta temporária

de tudo em que eu acreditava ajudou-me a compreender minha mãe e suas atitudes por toda a vida em relação à saúde e ao trabalho duro, embora ela negasse algum dia ter assistido ao filme. Talvez não tivesse. Como Eva, preferia coisas mais leves, românticas. Contudo, em 1935, *Ditha Schröder* estava com 23 anos, morando na Alemanha, fazendo e vendo o que seus amigos e contemporâneos faziam e viam. Pode muito bem ter assistido ao *Triunfo da vontade* e sido afetada por ele. Esse enigma não resolvido me incomoda até hoje.

Hitler tinha pouco interesse nos esportes, mas compreendia o apelo que exercia sobre as massas. Nada ataca mais os sentidos que corpos jovens regozijando-se em sua própria bravura. *Olimpia*, como os próprios Jogos, destinava-se a celebrar o triunfo da força, da capacidade e da perfeição física arianas. Sua diretora chamou o filme de “um hino à beleza e ao empenho competitivo”.[19] e assim era, a despeito da propaganda subjacente. Ele se valia das imagens para obter um apelo visceral — como a tocha flamejante passada de atleta para atleta ao longo do caminho, desde o local dos antigos Jogos em Olímpia, na Grécia, até o estádio em Berlim, ritual introduzido pela primeira vez em 1936. Explorava o poder subliminar de bandeiras, faixas, suásticas, tochas, fanfarras e milhares desfilar em paradas ao som arrepiante da música regida por Richard Strauss. Quando um sólido coro de 3 mil pessoas cantava a “Horst Wessel Lied”, nem um único olho alemão ficou seco.

Os XI Jogos Olímpicos foram abertos com os Jogos de Inverno, realizados em Garmisch-Partenkirchen, de 6 a 16 de fevereiro de 1936, e assistidos com particular interesse por Eva. O espetáculo principal teve lugar em Berlim, cinco meses mais tarde, ante uma plateia de autoridades, jornalistas e amantes do esporte do mundo todo. Eva ficava escondida entre a multidão anônima, várias fileiras atrás de Hitler. A cerimônia de abertura, em 1º de agosto, ocorreu numa ampla arena[20] com milhares de atletas alemães movendo-se em sincronia precisa como uma coisa só, formando e desmanchando o símbolo olímpico dos cinco anéis entrelaçados. Num final formidável, raios de luz perfuravam o céu noturno — a “catedral de luz” de Speer — à medida que a chama olímpica se extinguia. Até mesmo o antifascista convicto Robert Byron[21] viu-se compelido a louvar a exibição:

Uma visão maravilhosa — 34 grupos de bandeiras escarlates e, entre eles, 33 holofotes apontados diretamente para o céu, mas parecendo convergir para um ponto e realizar uma dança. Havia 100 mil homens na arena. Então, 25 mil entraram numa grande torrente, com catorze bandeiras pequenas de cada lado, todas tremulando e cintilando em escarlate e dourado. Na grande tribuna viam-se recipientes onde ardiam tochas e todas as bandeiras iluminaram-se entre seus pilares.[22]

Uma exibição impressionante, calculada para fazer vibrar as cordas do patriotismo e do heroísmo. Josef Goebbels, “ministro da Propaganda e Esclarecimento Popular” desde

1933, sabia que uma propaganda bem-sucedida fala mais ao coração que à razão. “O esporte na Alemanha tem uma única tarefa: fortalecer o caráter do povo alemão, imbuindo-o do espírito combativo e da inabalável camaradagem necessários na luta pela existência.”[23] A coreografia pomposa, os recordes batidos e a hospitalidade pródiga transformaram os Jogos num peão à Alemanha que os nazistas queriam promover, encarnado por seus atletas: exemplos vivos de beleza física, disciplina e trabalho em equipe.

Os Jogos duraram dezesseis dias e durante esse tempo os líderes do partido competiram entre si para dar as recepções mais extravagantes a seus convidados vip. “Chips” Channon — não um homem fácil de impressionar com riqueza — escreveu em seu diário, após um dos banquetes de Göring:

“Nunca houve nada como isso desde a época de Luís XIV”, alguém observou. “Desde Nero”, repliquei, mas na verdade estava mais para os festins de Cláudio, só que com a crueldade deixada de fora...[24]

Com a crueldade deixada de fora. Channon, com toda sua cancha social, não passava de um tolo crédulo. A anotação prossegue: “Göring, engrinaldado de sorrisos, comendas, condecorações, recebeu-nos alegre, com a esposa a seu lado [...]. Göring tem algo de um forte elemento pagão, um quê da arena, embora as pessoas digam que pode ser muito duro e impiedoso, como são todos os nazistas quando a ocasião o exige, mas externamente ele parece todo puerilidade, vaidade e gosto pelo exibicionismo”. A despeito do mau presságio, Chips e dúzias de outros convidados ingleses estavam felizes de se empanturrar à mesa de Göring — e de Goebbels e Ribbentrop.

Quando os Jogos terminaram, o jornalista americano William Shirer — um dos poucos a conseguir enxergar o futuro sombrio através da pompa e do cerimonial — escreveu: “Receio que os nazistas tenham sido bem-sucedidos com sua propaganda. Primeiro, realizaram os Jogos numa escala de prodigalidade jamais experimentada antes e isso exerceu seu apelo junto aos atletas. Segundo, apresentaram uma fachada muito boa para os generais visitantes, sobretudo os grandes empresários”.[25] Os espectadores de fora voltaram a seus países com a impressão de uma nação cordial, próspera e pacífica. Os Jogos contribuíram imensamente para diminuir a apreensão que muita gente até então alimentava quanto à Alemanha nazista.

No ano seguinte, Hitler incumbiu Albert Speer de projetar um estádio novo e ainda mais colossal com 400 mil lugares em Nurembergue, confiante de que a Alemanha abrigaria as Olimpíadas para todo o sempre. Os imensos espaços da arquitetura de Speer, culminando numa ampla escadaria e no pódio pavimentado de suásticas em vermelho, preto e branco, alçaram o *Führer* a um pedestal de infalibilidade. Uma figura inalcançável, inspirada, ele havia dito ao povo alemão: “Vocês devem se submeter a essa necessidade imperiosa de obedecer!”. Dizer não à vontade de Hitler seria o mesmo que negar a Alemanha, negar a própria identidade como membro orgulhoso da nação alemã,

da raça ariana. Pouquíssimos tinham a independência ou a coragem moral de ir contra isso, de ignorar a retórica mesmerizante e dar ouvidos à voz interior da consciência e da sanidade.

Quando os Jogos chegaram ao fim, em 16 de agosto, Eva não teve chance de compartilhar de seu entusiasmo junto com o amante ou de congratulá-lo pelo fato de que a Alemanha obtivera mais medalhas do que qualquer outro país (ignorando-se os vitoriosos atletas negros americanos). Hitler dava os últimos retoques a um plano quadrienal para remodelar a economia alemã. A pequena *Fräulein* Braun, anônima como sempre, enfiou-se num dos carros oficiais de regresso a Munique ou ao Berghof e foi levada embora junto com outros membros de seu séquito. Caso alguém tivesse se dado ao trabalho de perguntar “Quem é aquela moça bonita?”, teria sido informado de que era uma secretária.

Parte 4

OS MELHORES ANOS: À TOA NO BERGHOF

AS MULHERES NO BERG

A ATMOSFERA NO BERGHOF, à parte sua ordenada superfície, era intensamente erotizada. Dada a abundante oferta de datilógrafas, telefonistas, cozinheiras e criadas solteiras, os impetuosos camaradas de Hitler tinham virtual *droit de seigneur* e faziam pleno uso disso. “O Berghof era um verdadeiro tumulto emocional. Uma infinidade de *love affairs* tinha lugar ali dentro — em todo caso, *affairs*; se de amor, não sei —, mas a concupiscência imperava. Hitler não era uma pessoa dada à sensualidade, embora até onde eu saiba seu relacionamento com Eva fosse perfeitamente normal.”[1] Göring era um devasso que se servia de qualquer mulher que quisesse, e poucas ousavam recusar. Quase todos os homens tinham amantes, alguns com o conhecimento de suas esposas. Gerda Bormann, mãe de dez, tolerava os casos espalhafatosos do marido com suas secretárias e a atriz Magda Behrens. Os Goebbels tinham uma casa relativamente pequena “no Berg” que raramente usavam, preferindo o esplendor de sua propriedade numa península chamada Schwanensee, perto de Wannsee. Um dos motivos talvez fosse que Josef Goebbels quisesse manter sua agitada vida particular bem longe dos olhos reprovadores de Hitler. Valendo-se de sua posição nos filmes de propaganda, com ele era normal o “teste do sofá” — as candidatas a atriz sabiam que para cair em suas graças tinham de passar por sua cama —, e assim ele trocava de amantes frequentemente, num carrossel de adultério. Quando a atriz Lina Baarova se tornou um caso fixo, sua esposa Magda ficou muito enciumada (a despeito do fato de que ela mesma estivesse tendo um caso com Karl Hanke, secretário particular de Goebbels na época). A linda Baarova chegou quase a destruir o casamento de Goebbels, até Hitler mandá-la sumir por 24 horas e ordenar que Josef e Magda voltassem a se entender. Chefes nazistas, sobretudo com muitos filhos, eram proibidos de escarnecer do *ethos* familiar apregoado pelo partido.

Nem todos os homens do Berg aproveitavam-se de sua posição e status para cair na bandalheira. Albert Speer não era um deles; apesar de todo o magnetismo que exercia sobre as mulheres, e do fato de ter conhecido a esposa aos dezesseis anos de idade, permaneceu fiel a Margaret até os últimos dias de sua vida. O dr. Brandt, um dos médicos pessoais de Hitler (apresentado por Eva, que nutria fortes suspeitas do dr. Morell, o charlatão que ganhara sozinho a confiança de Hitler), também não. Nicolaus von Below, assistente favorito do *Führer*, casado com a bela Maria von Below, tampouco. Suas orgulhosas jovens esposas teriam ficado imensamente indignadas se os maridos sássem da linha e todas as evidências, pelo menos nesses três casos, são de que se tratava de casamentos “de verdade” e de casais genuinamente devotados, a despeito da

sufocante atmosfera em que viviam. Maria von Below disse:

Ficávamos, é claro, completamente isolados. Dependíamos inteiramente uns dos outros, social e emocionalmente. [...] Sabe, quando você estava no Berghof, não era como estar num hotel. Era sempre uma comunidade. A cozinheira de Hitler cozinhava para você, as criadas dele cuidavam de suas roupas, de consertos — a gente vivia ali e, como em tantas famílias, nunca se estava de fato sozinho, exceto na cama.

[2]

As esposas da comitiva hitlerista viviam quase tão presas quanto Eva, mas ao menos tinham maridos e filhos para lhes prover um lastro emocional e a sensação, por mais equivocada que fosse, de que, para além da pantomima de Hitler, levavam vidas comuns, seguiam em frente. Apenas umas poucas, como Margret Speer, sentiam-se frustradas com a ausência de liberdade intelectual, para não falar da mínima pitada de cultura em sua insossa dieta conversacional: “Só se fala sobre as pessoas, fofoca, na verdade, e sobre peças, filmes, concertos — e muita conversa sobre artistas. E falam das crianças”.

O novo Berghof fora completado em julho de 1936. Nas fotografias de Hoffmann, era apresentado como a aconchegante casa de campo de Hitler, mas na realidade o lugar se tornara centro de um imenso complexo. O Berghof era o centro nervoso de Obersalzberg, mas no devido tempo os chalés espalhados em torno incluíam várias residências particulares pertencentes a oficiais proeminentes do partido. As antigas casas de quintas tradicionais haviam sido ampliadas e convertidas em luxuosos chalés para eles e suas famílias, ao passo que outras eram demolidas a fim de abrir espaço de acomodação e serviços para as centenas de guardas, burocratas, trabalhadores braçais e empregados a seu dispor. O enorme chalé de Göring era mais luxuoso que o próprio Berghof e atulhado de arte confiscada, assim como Carinhall, cujo nome era uma homenagem a sua primeira esposa, a casa de campo ainda maior nas cercanias de Berlim. Ele morava em Obersalzberg com a segunda esposa Emmy e a filha única, a revoltantemente mimada Edda, para quem os trabalhadores tinham de pendurar maçãs nas árvores em pleno inverno. Apenas Goebbels, que ficara com o antigo chalé de Bechstein, mas dificilmente aparecia por lá, e Speer, cuja casa era no limite do complexo, tinham acomodações relativamente modestas. Todos esses companheiros favorecidos, suas famílias e casas, eram servidos por dúzias de criados que cozinhavam, limpavam, lavavam a roupa e olhavam as crianças, deixando às mulheres tempo de sobra para fofocar e fazer intrigas ao café.

As mulheres se dividiam em três grupos bem distintos. Primeiro, as esposas da elite nazista, que antes, ao casar, haviam sido jovens e bonitas, mas depois engordaram de tanto ingerir boa comida e parir filhos. Estavam entre as pouquíssimas pessoas em Obersalzberg com plena consciência do papel de Eva na vida de Hitler, embora ele a proibisse de visitá-las, ou a elas de convidá-la. As mais importantes eram Magda Goebbels (mãe de sete), a detestável e esnobe Emma Göring e Gerda Bormann (mãe de

dez). Filha de um juiz nazista, Gerda fora uma jovem alta e bonita na juventude, mas depois se viu reduzida praticamente ao status de uma égua parideira. Irritada e extremamente tensa, detestava a vida no Berg, em parte porque Bormann a tratava tão mal. Speer a descreveu como uma “dona de casa recatada e, em certa medida, amedrontada”.^[3] Mesmo assim, era uma nazista tão fanática que escreveu ao marido, com referência a sua amante, Magda Behrens: “Providencie para que num ano ela tenha filho e no ano seguinte eu tenha filho, de modo que você sempre tenha uma esposa aproveitável”. Herbert Döring recordou: “Só estava lá para ter filhos. Não tinha motivo para sorrir. Ele gritava horrivelmente com ela, às vezes, e eu ficava sabendo pela babá, que me contava sobre o temperamento terrível de Bormann”.^[4] Lutar com as inúmeras gestações já era exigência suficiente. A esposa de Heinrich Himmler,^[5] Margaret, era uma criatura patética que sofria de trauma de guerra após sua experiência como enfermeira no *front*, e evitava ao máximo qualquer socialização. A esposa do dr. Morell, Hanni, e a segunda esposa de Heinrich Hoffmann, Erna, também eram proibidas de convidar Eva para visitá-las, assim como a mulher de Rudolf Hess, Ilse, embora em 1936 tenha ficado amiga dela. Ilse evidentemente sentia alguma compaixão pela posição ambígua de Eva, pois, conforme se lembrava: “Depois de 1933, foi sua amante, mas devia ser terrivelmente difícil para ela ser mantida longe das vistas. Eu lhe digo com quem se parecia: Geli. Era o tipo do *Führer*”.^[6] *Frau* Hess caiu em desgraça em maio de 1941, quando seu marido Rudolf partiu numa missão de paz não programada na Escócia, e foi prontamente despejada de seu lar no Berg. As outras cinco — Magda, Gerda, Emmy, Hannie e Erna — olhavam Eva de cima para baixo e viam-na como socialmente inferior. Para elas, não passava de uma fulaninha qualquer de Munique e ressentiam-se de sua posição como amante de Hitler. Magda Goebbels e a esposa de Göring, Emmy, rivalizavam entre si pelo posto de rainha do terreiro e passavam um bocado de tempo vilipendiando-a. Detalhes minúsculos de precedência assumiam um vasto significado, como as cadeiras das duquesas em Versalhes. O jardineiro trazia flores frescas às mulheres do Berg e *Frau* Göring exultava com o fato de que *suas* flores eram entregues diariamente, enquanto as *de Eva* só de dois em dois dias.^[7]

As tensões e rivalidades entre os membros desse grupo odioso podem ser identificadas com um exame atento dos álbuns de fotos de Eva. *Frau* Himmler e *Frau* Göring raramente aparecem. Eva é de dar pena, tentando navegar através desses recifes e marés do poder: quem é importante, quem não é, em quem confiar. Como com qualquer corte que gira em torno de um soberano absoluto, todos dependiam das graças de Hitler e as pessoas não ousavam expressar suas opiniões.

O segundo grupo do Berg era composto da irmã de Eva, Gretl, que dificilmente saía de seu lado, ocupando um papel intermediário entre uma criada pessoal e confidente mais íntima, e os amigos de ambos os sexos vindos de Munique, a quem ela convidava para passar o fim de semana e fazer companhia a ela e entreter Hitler, sobretudo nos primeiros dias, quando precisava do apoio deles para atenuar seu ingresso naquele círculo de inveja e ambição em que se viu. Eva apresentara Herta Ostermayr (como era

seu nome, na época) a Hitler em 1933 e ele gostara dela: era exatamente o tipo de garota respeitável e atraente de Munique que lhe agradava. Depois que Herta se casou com Erwin Schneider, em 1936, passava um bocado de tempo no Berghof com suas crianças, durante os longos períodos em que o marido ficava fora, a serviço do exército. Os Schneider acabariam ganhando suas próprias acomodações numa das casas adjacentes normalmente reservadas para visitantes ilustres. Herta foi uma influência determinante para o equilíbrio de Eva; uma mulher calma, sensata, cujas solidariedade e sabedoria muito fizeram por compensar o absurdo da vida no Berghof. Ela não acompanhava a moda, não mudava o corte de cabelo e preferia não usar maquiagem, mas o afeto e apoio que mostrava pela antiga amiga da escola eram constantes.

Outra amiga foi Marion Schönmann, admirada por Hitler por sua inteligência e ligações com a comunidade artística. Vienne de origem, havia trabalhado na ópera da cidade e ao menos uma vez ele se dispôs a ouvir as opiniões de alguém sobre música, em vez de meramente matraquear as suas. Marion casou-se com *Herr* Theissen no dia 7 de agosto de 1937 e Eva achou um enorme prazer organizar seu casamento e uma recepção ostentosa e cheia de luxo no Berghof, com os convidados formalmente trajados para a noite. Eva aparece na primeira fileira numa foto de grupo, não com um ar triste, mas decididamente anelante.

Esse segundo grupo se misturava às poucas esposas do Berghof que gostavam de Eva: Anni Brandt,[8] a jovem e arrebatedora Maria von Below e, mais tarde, Margret Speer. (Eram as melhores do bando todo e o fato de terem sido suas amigas só depõe a favor a Eva.) Mais jovens e bonitas que as esposas de primeiro escalão, tinham a mesma idade de Eva. A última desse grupo era *Fräulein* Silberhorn, a coquete telefonista da Gasthaus com quem Eva muitas vezes saía para um passeio pelo Berghof e que mais tarde se tornaria uma das muitas amantes de Bormann.[9] Era essencial para as mulheres encontrar aliados na venenosa corte de Hitler e essas quatro, além de Gretl, eram as defensoras e o apoio de Eva. Sem elas, a maldade e o ostracismo imposto pelas demais teriam sido insuportáveis. Os dois grupos — esposas nazistas e amigas de Eva — coexistiam em mútua rivalidade e desaprovação e pouquíssimas eram bem-vindas tanto em um como em outro; talvez só Anni Brandt e Maria von Below, cujo charme e animação eram irresistíveis.

Entre ambos, ocupando um neutro Estado-tampão, havia um terceiro grupo que consistia das quatro secretárias particulares de Hitler e sua cozinheira especial, Constanze Manzly. As secretárias, longe de serem todas jovens e bonitas, eram escolhidas não só pela suprema eficiência, mas também porque o *Führer* apreciava sua companhia. Uma em particular — Gerda Christian (*née* Daranowski, de onde seu apelido, Dara) — era um “avião”, *ein tolles Weib*, objeto de desejo de muitos homens. Eva tinha ciúme dela, também. Um ano mais jovem que Eva, entrara para o escritório particular do *Führer* em 1939. *Frau* Kempka, segunda esposa do chofer de Hitler, Erich, não gostava dela nem um pouco. Num interrogatório após a guerra, disse: “Era uma garota quente. Dormia com qualquer um que pagasse o bastante”.[10] Traudl Junge fez uma descrição menos

maldosa: “Tinha uma aparência encantadora, com cabelos castanhos, cheia de um temperamento jovial e da personificação da vida. Seu olhar era irresistível e sua risada vibrava como um sino argentino. À parte o fato de Hitler ter consciência de sua atração sexual, era uma secretária excepcionalmente boa. Poucas vezes vi alguém datilografar mais rápido e sem erros”. Christa Schröder, a secretária sênior a serviço de Hitler desde 1933, não gostava de Eva e dava a entender ao *Führer* que era indigna dele, mas este ignorava suas farpas e indiretas. Numa ocasião, contudo, exaltando os méritos de outra mulher, ela concluiu: “Encare a verdade, *mein Führer*, Eva não é a pessoa certa para o senhor!”, ao que Hitler retorquiu, asperamente: “Ela me serve perfeitamente bem!”.

Fräulein Schröder era dona de muita personalidade e inteligência e não se deixava intimidar pelo chefe. Certa ocasião ousou criticar Hitler quando ele objetou a que jovens soldados fumassem. Por causa desse deslize ele a ignorou por semanas.^[11]

Albert e Margret Speer tentavam não se deixar sugar pelo *entourage* do *Führer*. Eram um casal diferente em muitos aspectos, não sendo o menos importante deles a gentileza demonstrada para com Eva, ao ignorar a determinação de não se socializar com ela. Speer fazia o que bem entendesse e a seu próprio modo, mas Margret era muito tímida e estava mais preocupada em cuidar dos filhos, ao contrário da maioria das esposas no Berg, que entregavam os seus a amas-secas e babás. Não devia ser fácil para a jovem mãe puritana e recatada aceitar a amante de Hitler. Num sentido bastante tradicionalista, Eva não era respeitável. A despeito das reservas, Margret ofereceu sua amizade, embora às vezes achasse que Eva se dava uns ares: “Com nós, mulheres, era bem ciente de sua posição. Nos passeios, bancava a anfitriã. Se Anni Brandt dissesse ‘Vamos ver a vista’, mas Eva Braun quisesse nadar, íamos nadar e ponto final”. Ao que Speer evidentemente replicou: “Bom, mas ela *era* sua anfitriã, não era?”.^[12]

Hitler era muito afeiçoado à esposa do outro, a quem chamava de “minha linda *Frau* Speer”. Quando ouviu dizer que Albert e Margret não tinham filhos, ficou espantado. Speer descreve sua reação:

Ele [Hitler] perguntou: “Há quanto tempo estão casados?”.

Eu disse: “Seis anos, meu *Führer*”.

Então, ele perguntou quantos filhos tínhamos e eu disse, nenhum. (Speer relutava em contar-lhe que Margret estava grávida de cinco meses.)

“Seis anos casados e nenhuma criança?”, ele disse. “Por quê?”

Tudo em que pude pensar foi que gostaria que o chão se abrisse para que eu pudesse desaparecer... Seja como for, depois disso, tivemos cinco filhos em rápida sucessão.

Aquilo soava quase como se tivesse tido os filhos por Hitler, eu disse.^[13] Ele deu de ombros.

“Pode-se dizer que sim. Ah, bem...”^[14]

A primeira criança dos Speer, Hilde, nasceu em julho de 1934; a sexta e última, Ernst,

em setembro de 1943. Hitler sentia-se autorizado a manipular a vida privada das pessoas em torno dele e mais de uma vez empurrou jovens mulheres a fazer casamentos apressados para os quais não estavam prontas, de preferência com algum de seus dedicados assistentes pessoais. Queria que os jovens heróis arianos gerassem filhos antes de serem mortos. Como mostra o episódio com Speer, estava inteiramente preparado para interferir no casamento deles — e até o orgulhoso e independente Speer agiu conforme lhe fora ordenado.

Speer dificilmente podia ser visto no Berghof depois de 1934, quando foi promovido a arquiteto pessoal de Hitler com a idade de 29 anos. A partir daí, passou a maior parte do tempo em Berlim, transformando os grandiloquentes planos de Hitler em projetos arquitetônicos que, uma vez aprovados pelo *Führer* (os dois passavam horas e horas juntos, debruçados sobre as plantas), se tornavam prédios colossais destinados a durar tanto quanto as antigas construções greco-romanas. Uma intensa amizade se desenvolvia entre os dois — cuja diferença de idade era de dezesseis anos —, a tal ponto que quase correspondia a amor, embora sem nenhuma conotação sexual. Speer confidenciou a sua biógrafa que Karl Hettlage, um de seus principais encarregados, que o conhecia bem e um dos arquitetos a trabalhar com ele no projeto de Berlim, disse-lhe, no verão de 1938: “Você é o amor não correspondido de Hitler”. Speer acrescentou: “E sabe como me sentia? Correspondido. Muito feliz”.^[15]

Albert Speer causava uma forte impressão em todos que o conheciam. Parecia muito diferente da maioria dos rottweilers bajuladores e demais puxa-sacos em torno de Hitler. Speer subia em seu conceito aparentemente sem fazer força. Era talvez o único a não exibir um comportamento pegajoso e falso. Karl Hettlage o descreveu: “Lá estava aquele homem muito jovem, extremamente poderoso, e nada em sua pessoa mostrava que tivesse consciência de seu poder. O que se via era alguém excepcionalmente educado, calmo, amigável, bem-humorado e modesto”. Leni Riefenstahl, bastante sensível a homens bonitos, classificou-o: “Diferente. Alguém distinto; tranquilo; dono também de uma certa reserva, não timidez — modéstia. Era puro. Seria inconcebível imaginá-lo fazendo algo ardiloso de algum modo”. Considerou-o “o homem mais importante — e decerto mais interessante — na Alemanha depois de Hitler”. Hugh Trevor-Roper não se deixava impressionar tão facilmente. Ele chegou à conclusão de que precisamente por *parecer* tão direito Speer era um dos homens mais perigosos em torno de Hitler, emprestando uma legitimidade espúria àquele bando maligno.^[16]

Eva gostava instintivamente de Albert Speer, mas, por algum tempo, manteve distância, não só porque presumivelmente não devesse cultivar a amizade de nazistas proeminentes, como o casal Speer, mas também porque talvez achasse de algum modo impróprio a amante de Hitler ser amiga de seu jovem arquiteto, numa época em que os dois eram tão próximos. Na verdade, Hitler parecia não se importar. Talvez por ele mesmo gostar tanto de Speer, achasse a atração fácil de entender, e conhecia o protegido bem o bastante para saber que qualquer impropriedade seria algo fora de cogitação. Posteriormente, ele a encorajou a se juntar aos Speer nos fins de semana de esquí e com

o passar do tempo Albert se tornaria seu mais íntimo — na verdade, o único — confidente homem no Berg. Eva deve ter se valido de seu tato na situação para que a amizade entre as três figuras desse triângulo emocional permanecesse em termos cordiais e platônicos.

Speer era a grande exceção no círculo de Hitler e seria de se esperar que alguém como Eva Braun o entediasse, mas havia nela um elemento não só de leveza, como também de bondade, que o agradava. Eva Braun, por mais estranho que isso pareça, provavelmente era uma pessoa boa. É curioso encontrar alguém tão próximo de Hitler a quem possamos nos referir dessa forma. Extremamente curioso. Mais uma prova da inexistência de preto e branco.^[17]

Além dos amigos antigos e dos novos, Eva lentamente retomava o contato com seus pais. Depois de morar fora de casa por dois anos, a ferida começou a se fechar. Fanny ficara arrasada pela longa separação de suas filhas mais jovens, sobretudo agora que Ilse estava casada e morando em Berlim, e conseguiu enfiar na cabeça de Fritz que, já que não podiam mudar a situação, o melhor era aceitá-la. No feriado do Pentecostes de 1935 (a menos que Eva tenha marcado a data errada, longe de impossível), Fanny visitou a filha desencaminhada em Obersalzberg. Depois disso, nem a falta de status político dos Braun nem a desaprovação quanto ao relacionamento da filha impediram o casal de aceitar convites para se juntar a ela no Berghof, onde Hitler os recebeu quase que efusivamente, tratando-os com evidente respeito, senão com deferência. Ele se solidarizava com a atitude ofendida de Fritz — era o que qualquer bom pai alemão teria sentido — e, embora não estivesse preparado para se casar com sua filha, parecia querer mostrar-lhes que estava em boas mãos: um exemplo irônico de sua moralidade pequeno-burguesa, o oposto completo de sua indescritível ética política. Em breve a família inteira saía para passar férias às custas de Hitler. Ainda era possível para uma família alemã comum, até mesmo os Braun, permanecer fora do Partido Nazista sem medo de castigo. Eva jamais se filiou e tampouco qualquer outra mulher da família. Fanny observou com clarividência para Nerin Gun: “A gente não precisava: éramos uma família”.^[18] Fritz — até então um oponente convicto dos nazistas e sua ideologia — finalmente filiou-se ao partido em maio de 1937, sem dúvida consciente da pressão feita pelos camaradas de Hitler.

Na primavera de 1936, Eva e Gretl, acompanhadas pela mãe, foram à Itália pela primeira de inúmeras vezes, junto com um grupo de jovens amigos, incluindo o filho de Hoffmann, Heini, com quem Gretl mantinha um antigo flerte. Uma série de instantâneos mostra os pontos altos da viagem. Eles tiraram fotos tomando sol junto ao lago Garda, na catedral de Milão, na praia em Viareggio, depois em Florença, Bolonha e Veneza (na Piazza San Marco, com pombos — é impossível fotografá-la sem eles). Provavelmente, não faziam ideia de que a visita contava com a sanção e a supervisão do ministro do Exterior italiano. Não teria feito a menor diferença se soubessem. A família Braun era

composta de turistas infatigáveis. O quarto álbum de Eva contém fotos e mais fotos deles todos juntos em férias na Alemanha, dois anos depois, em 1938. Iam em mais de um carro, Eva no Mercedes preto de Hitler, placa IIA-51596, sentada no banco do passageiro, ao lado do motorista. (Ela aprendera a dirigir, mas Hitler tinha medo de que corresse e sofresse um acidente, de modo que em viagens longas mandava que levasse um chofer.)(19]

No verão de 1938, após lançar a pedra fundamental da nova fábrica da Volkswagen, Hitler providenciou para que Eva recebesse um dos primeiros protótipos do “Carro do Povo”, criado para competir com o Modelo T de Henry Ford como um carro ao alcance de todos, além de permitir aos alemães comuns viajar e utilizar as *Autobahns* que começavam a cruzar todo o interior do país. O carro foi mais um de seus presentes para Eva, embora seja improvável que houvesse pago alguma coisa por ele — como sempre, Bormann quase certamente obteve-o fazendo algum acordo em prol do chefe. O fusca não teria deixado dúvidas entre as esposas do Berghof de que, fosse lá o que *elas* achassem a respeito de Eva, Hitler estava satisfeito e não fazia economia na hora de recompensá-la.

TRÊS, TRÊS, AS RIVAIS...

EVA BRAUN NUNCA FOI primeira-dama do Reich nem nunca quis ser. Ela não dava a mínima para a política e não ligava muito para a posição oficial de Hitler, a não ser pelo fato de que suas obrigações muitas vezes os mantinham separados. Assim, em ocasiões formais ou compromissos de Estado, quando ele precisava de uma mulher a seu lado era Magda Goebbels que se via. Um papel para o qual fora especialmente talhada.

Frau Goebbels era uma *avis rara* entre as esposas nazistas. Culta e sofisticada, bem relacionada, muito inteligente e, apesar disso tudo, uma nazista dedicada e fanaticamente devotada a Hitler. Os contemporâneos teciam loas a sua beleza fria e loura, embora o rosto delineado e o cabelo despojado emprestassem a suas fotos um ar duro e pernóstico. Suas roupas eram caras e elegantes, porém austeras. Parecia mais uma estátua de mármore que uma mulher, muito menos uma que havia parido inúmeros filhos, mas por trás da fachada fria ocultava-se uma natureza dramática e passional. Para contar sua história, e seu potencial de arruinar a vida de Eva, devemos abandonar nosso tema por um momento e retroceder 35 anos antes dessa época.

Essa mulher formidável nasceu com o nome de Maria-Magdalena Ritschel, em 1901, filha de um engenheiro. Seus pais se divorciaram quando estava com quatro anos. Pouco depois, sua mãe casou-se com um rico empresário judeu chamado Max Friedländer, que a levou junto com a filha pequena para Bruxelas, onde o sobrenome da criança foi trocado pelo do novo marido de sua mãe. O lar era mantido segundo as linhas do judaísmo ortodoxo, embora seu padrasto carinhoso e tolerante permitisse a Magda, até então criada como católica, ser educada numa escola dirigida por freiras ursulinas. Em julho de 1914, alarmada com o assassinato em Sarajevo, Magda, agora com treze anos, regressou a Berlim com sua mãe. A beleza da jovem Magda devia ser extraordinária, pois aos vinte anos obteve um magnífico matrimônio com um industrial milionário duas vezes mais velho, Günther Quandt. Os dois haviam se conhecido em 18 de fevereiro de 1920, quando ela voltava para terminar a escola em Goslar, na Baviera.

Quandt a viu no trem e durante a viagem ficou cativado pela garota. Casaram-se em janeiro de 1921, após menos de um ano de corte, e seu único filho, um menino chamado Harald, nasceu dez meses depois. Ao longo dos anos seguintes, a despeito de sua pouca idade, *Frau* Quandt circulou pelas mais elevadas esferas sociais e era objeto de grande admiração em seu moderno apartamento, onde dava festas deslumbrantes. Mas o casamento não ia bem e, em 1929, ela entrou com um pedido de divórcio. Devotado a Magda, apesar das inúmeras infidelidades da esposa, Günther Quandt fez um pródigo acordo que, além da renda generosa, incluía um apartamento na Reichskanzlerplatz, na

região mais elegante de Berlim.

Um ano mais tarde, Magda ouviu Goebbels discursar numa convenção do partido. Putzi Hanfstaengl o descreveu como um “gnomo escarnecedor, invejoso, depravado e satanicamente dotado” e, com precisão infalível, “o peixe piloto do tubarão Hitler”.^[1] A multidão que o escutava logo esquecia sua estatura diminuta e sua cara de rato, pois Josef Goebbels era um orador hipnótico. Ouvir aquele homem falar mudou a vida de Magda. Até então, fora uma boa católica, mas converteu-se na mesma hora ao nazismo e, com fervor quase religioso, permaneceu pelo resto da vida uma adepta ardorosa.

Ignorando os protestos do ex-marido e de inúmeros amigos, conseguiu um emprego na sede do partido, onde foi em pouco tempo transferida para o departamento de Goebbels: ao que se dizia, após terem se cruzado na escada. Um homem libidinoso e extremamente volúvel, ficou louco de paixão e os dois começaram um caso. Magda conhecia sua fama e sabia que não poderia esperar fidelidade, mas também ela conhecera um passado sexual variado — “ela teve um bocado de vivência em sua vida”, anotou Goebbels de forma enigmática em seu diário, em 30 de maio de 1931.^[2] Orgulhoso de sua mais recente conquista, em novembro de 1931 levou-a para apresentá-la ao *Führer* no ambiente prosaico do salão de chá de um hotel, sem saber que o próprio Hitler já encontrara alívio pela morte de Geli Raubal seduzindo Eva Braun, provavelmente nesse mesmo mês. Magda Quandt, aos trinta anos, estava no auge da beleza, antes que suas feições endurecessem e sua autoconfiança ganhasse um viés de cinismo. Com seus modos aristocráticos e ares vividos, era exatamente o tipo de mulher que os companheiros de Hitler queriam a seu lado. Goebbels tivera vários casos; se o *Führer* houvesse desejado Magda para si, ele a teria entregado; e se o futuro líder procurava o casamento ideal, lá estava uma mulher qualificada para ser a primeira-dama do Reich. Ela representava a maior tentação feminina para Hitler desde Geli. O casamento com Magda decerto constituiria um desafio, mas ele estava longe de ter certeza de que um desafio era o que queria e não tinha a menor dúvida de que um casamento, não.

Lá em Munique, trabalhando oito horas diárias no estúdio de Hoffmann e sem ter ideia do encontro, estava a descomplicada Eva, com sua paixão e seu rosto juvenil, anos mais nova que a refinada rival. Devia ser uma pessoa divertida na cama, inocente e disposta, e, fato crucial, alguém improvável de vir a desafiá-lo. *Fräulein* Braun, com dezenove anos de idade em 1931 e docemente maleável, era perfeita para Hitler. Se não estava apaixonado, ao menos se afeiçoara a ela. A tirânica *Frau* Quandt, por outro lado, esperava casamento e status. Não era o tipo de mulher que um homem pudesse tomar como amante para depois descartar, mas sem dúvida seria útil para ele. Logo reconhecendo o potencial de Magda, confidenciou ao amigo Otto Wagener:^[3] “Esta mulher poderia desempenhar um importante papel em minha vida, mesmo eu não sendo casado com ela. Em toda minha obra, poderia representar a contrapartida feminina a meus instintos masculinos”, acrescentando, calculista: “Pena que já não seja casada”.

Num nível superficial, talvez tivesse receio de que Magda enxergasse através de suas ambições e desmascarasse o provinciano rude por trás do arrivista pretensioso. Mas,

como sempre, havia um motivo mais importante e profundo: a mácula do incesto e do retardo mental, o segredo vergonhoso de Hitler. Ele sabia, ainda que fosse o único, dos obstáculos ao casamento.

Podia achar uma pilha de bons motivos para rejeitar o desafio oferecido por uma mulher brilhante e vivida em favor da aquiescente jovem de Munique.

Estaria Magda Quandt alimentando esperanças de que Hitler se sentisse atraído por ela e, nesse caso, será que o trocaria como objeto de devoção pela lasciva víbora Goebbels? Vários companheiros do *Führer* [4] acreditavam que estava apaixonada por ele e só se casara com Goebbels a fim de permanecer próxima a Hitler, mas isso é simplista demais. Embora tanto ela como Josef tivessem segundas intenções — um só tinha a ganhar com o status do outro —, o casamento estava baseado em amor mútuo e magnetismo sexual. O casamento teve lugar no dia 19 de dezembro de 1931, tendo Hitler como testemunha. Dali em diante, ele tomou cuidado para manter Magda a uma distância segura, usufruindo de sua companhia como uma amiga platônica e exímia anfitriã, mas bem consciente de que sua obsessão por ele poderia facilmente enveredar para a histeria (e ele sabia um bocado sobre histeria feminina).

Por meses a fio os Goebbels se comportaram como dois pombinhos apaixonados, para irritação dos amigos. Putzi Hanfstaengl observou, mordaz: “Magda chamava, ‘Meu anjo!’, mas quem despontava ali na esquina senão o negro diabo em pessoa, direto aos pés daquela cabra!”. [5] O esplêndido apartamento na Reichskanzlerplatz, 3, tornou-se o quartel-general social de Hitler e, com o tempo, Magda assumiu o papel de anfitriã oficial, quase sendo aceita também como primeira-dama da Alemanha, embora o título coubesse mais apropriadamente a Emmy Göring, uma vez que seu marido figurava um degrau acima de Josef Goebbels na hierarquia do partido. Emmy, uma elegante ex-atriz, carecia dos dotes sociais de Magda, embora compartilhasse de suas ambições de grandeza, sendo às vezes chamada pelas mulheres do Berg de “rainha-mãe”. A suposta rivalidade entre as duas era fonte de grande interesse e especulação para os fofoqueiros em torno de Hitler, mas nem Emmy nem ninguém ousava desafiar *Frau* Goebbels a sério. Bella Fromm, cronista berlinense de fofocas, escreveu: “Emmy não é nenhuma intrigueira, mas uma mulher maternal e compassiva [...]. Seu adorável cabelo loiro emoldura-lhe a fronte com uma enorme trança; seus grandes olhos azuis são suaves e serenos. Ela adora usar vestidos flutuantes que a fazem parecer ainda mais rechonchuda e roliça [...] o oposto exato da macilenta e amarga Magda Goebbels”. [6] Magda tornou-se um ativo valioso para o *Führer*, talvez a única mulher cuja inteligência e opinião levasse a sério. Com o passar dos anos, sua lealdade e devoção jamais falharam, mas podia ser sarcástica e desdenhosa em relação a seus amigos e, em particular, suas apáticas esposas. Ela também desprezava a amante de Hitler e a esnobava abertamente. Numa ocasião, Putzi Hanfstaengl registrou com júbilo:

Eva apareceu discretamente na Convenção do Partido em Nurembergue, em 1935, vestindo um caro casaco de pele. Magda Goebbels, acreditando que *ela* era a única

mulher em quem Hitler devia prestar atenção, cometeu a besteira de fazer um comentário maldoso, o que deixou Hitler furioso. Magda ficou proibida de entrar na Chancelaria por meses. Hitler recompensava a presença dela [Eva Braun] com sua proteção.[7]

Eva passou grande parte do verão de 1935 no Berghof, plenamente consciente a essa altura da ameaça representada por Magda Goebbels. Também ia com sua família e Herta a Baden Baden e Bad Schachen, onde, entre uma “terapia” e outra, praticava esqui aquático. Se havia esporte disponível, principalmente se fosse novidade para Eva, era com ela mesma.

Quando estava no Berghof, Eva em geral tinha o cuidado de mostrar respeito por Magda Goebbels, sabendo que era uma inimiga poderosa.

Parece significativo, portanto, que em todos os seus álbuns, contendo cerca de 2 mil fotografias, incluindo até fotos de pessoas que odiava — como Bormann —, não haja nenhuma de *Frau* Goebbels. Em determinada ocasião, contudo, num episódio dos mais deliciosos, ela recebeu o troco. Eva e *Frau* Goebbels — em avançada gestação, na época — estavam juntas, a sós, quando de repente Magda disse: “*Fräulein* Eva, importa-se de amarrar meus cadarços? Não consigo me abaixar”. Eva tocou a sineta e, quando a criada apareceu, murmurou: “Poderia fazer a gentileza de amarrar os cadarços da madame?”, antes de sair da sala. É um raro exemplo de rancor por parte de Eva e, sem dúvida, bem merecido.[8] Ela parecia se melindrar com mulheres grávidas. *Frau* Winter recordou, em 1944: “Eva era muito autoritária, particularmente com pessoas que julgava de índole fraca. Certa vez, *Frau* Bormann estava no Berghof, pouco depois de parir. Não se sentia muito bem, mas tinha de esperar para se recolher tanto quanto os demais hóspedes. Eva pediu um café, depois leite. Ela não gostou do leite, então Gerda Bormann teve de ir e trazer-lhe outro copo”.[9] Hitler era mais permissivo com Eva do que com qualquer outra pessoa. Ela tinha permissão de provocá-lo e até de criticá-lo de uma forma que teria feito com que Magda Goebbels ou *Frau* Göring fossem afastadas, quando não completamente banidas, do Berghof, ao menos por algum tempo. Traudl Junge lembra-se de uma ocasião em que Eva Braun lhe mostrava suas fotos mais recentes. Hitler começou a assobiar suavemente:

“Você [ela usou o informal *Du*] está assobiando errado”, disse; “é assim”, e assobiou a melodia correta.

“Não, nada disso, fiz direito da primeira vez”, disse o *Führer*.

“Quer apostar que eu acertei?”, retrucou Eva.

“Sabe que não vou apostar, já que sou eu que tenho de pagar, de um jeito ou de outro”, observou Hitler.

“Tudo bem, vamos pôr o disco para tocar, então você vai ver”, sugeriu Eva. Um empregado pôs o frágil objeto no prato e ficou provado que Eva estava com a razão. Ela ficou triunfante.

“Tudo bem, você estava certa”, replicou Hitler, “...mas o compositor errado. Se fosse alguém musical como eu, teria escrito do meu jeito.”

Todos nós rimos, mas acho que Hitler falava sério.^[10]

O fato de que às vezes o retrucasse é uma prova não só da intimidade entre eles, mas também do secreto embate de poder que subjaz a todo casal de longa data. É um tributo a sua inteligência emocional que conseguisse manter seu interesse e o relacionamento vivo. Em sua proximidade e intimidade, era mais complicado que qualquer um pudesse supor, embora Alois Winbauer chegasse perto quando escreveu, em suas memórias da família Braun: “Havia um bocado de brincadeira no relacionamento de Eva e Hitler — um jogo excitante de provocações do tipo que uma jovem orgulhosa e curiosa poderia fazer com prazer”.^[11] Eva às vezes usava os cães para disfarçar essas brincadeiras, parte da gangorra de poder que acrescenta algum tempero a um relacionamento entre um homem e uma mulher, mesmo quando o homem é Hitler. Os dois alimentavam uma rivalidade não muito séria sobre que animais tinham precedência. Os cães não se davam, rosnando e brigando, de modo que os dois *Highland terriers* de Eva, Stasi e Negus, ou Blondi, podiam permanecer na sala, mas nunca ao mesmo tempo. Os dois mascotes de Eva sentavam-se como figuras heráldicas cada um ao lado de sua poltrona, onde ela ficava com as pernas enfiadas sob o corpo enquanto Hitler falava ou dormia. “O *Führer*, sempre devotado a seu cão, era às vezes forçado a suplicar em prol de sua amada Blondi, pedindo humildemente, ‘Posso deixar que Blondi entre, só por um minuto?’. Eva Braun levava seus cachorros para fora e Blondi era autorizada a entrar.”^[12] Blondi era um animal de estimação superficial que jamais deixava Hitler na mão e, apesar de adorá-lo, ele permitia que os dois cãesinhos pretos e mal-humorados de Eva ficassem do lado de dentro enquanto uma Blondi triste e perplexa era banida para o terraço. Visto sob esse prisma, a enigmática relação do casal ocultava uma grande concessão e é uma evidência a mais do poder subestimado de Eva.

Hitler tinha uma devoção fanática por seus dois pastores alemães.

Blondi, a favorita, era uma linda e inteligente cadela de *pedigree*. As pessoas do Berghof costumavam dizer que gostavam mais dela que de Eva e sem dúvida, em público, ele era mais expansivo com a cadela, afagando-a e beijando-a. Ele lhe ensinara alguns truques e adorava demonstrar suas proezas. Às vezes, o comportamento do animal parecia quase humano. Uma série de fotos mostra Hitler e Blondi espiando por sobre uma balaustrada, numa atitude comicamente idêntica, ela apoiada na viga de madeira com as patas, Hitler curvado para a frente, a seu lado, apreciando a vista. No Natal de 1939, ele ganhou outro pastor, um filhote de nove meses que batizou de “Wolf”, mas, embora tenha se tornado um belo cão negro depois de adulto, jamais suplantou Blondi como seu objeto de estima e raramente aparecia nas fotos.

Hitler insistia na obediência estrita dos cães. Se Blondi hesitasse em obedecer a seu comando, até ela seria punida com uma severa chibatada.

Depois ele a perdoava e adquiria um ar pateta, curvando-se afetuosamente sobre o

animal que abanava a cauda e mostrando o lado terno de sua natureza que o povo alemão adorava ver se manifestar, tanto nele como em qualquer pessoa. O relacionamento com seus cães trai tanto sua crueldade quanto seu sentimentalismo piegas. O sentimentalismo, observa Michael Burleigh, “é a característica mais subestimada e quintessencial da Alemanha nazista”.[13] A palavra alemã para isso — *rührselig* — significa “propenso a mexer com as emoções”. É inteiramente irracional, carente de rigor mental ou moral, bem como de senso de proporção. Uma criança soluçando, um animal abandonado ou maltratado, até uma flor pisoteada mexem mais com a alma sentimental do que o destino de alguém condenado à fome, à tortura e ao estupro. A crueldade é sua irmã siamesa. Os dois extremos coexistiam em Hitler, que obstinadamente evitava olhar para a dor provocada por sua política racista. Ele nem sequer visitava os soldados feridos na guerra que estava prestes a desencadear e a deliberadamente prolongar.

Num relacionamento de longa duração, o equilíbrio entre os dois protagonistas muda e evolui. Enquanto Eva permanecia sempre humilde, havia algumas áreas em que, num reverso da norma, Hitler lhe permitia a ilusão de controle (como no caso dos cães). Era um jogo que só podia ser disputado entre duas pessoas que confiassem uma na outra, cujos sentimentos privados não podiam ser expressados abertamente, mas sublimados com fingimentos. A relação entre os sexos é muitas vezes uma intrincada luta pela dominação, embora no relacionamento de um homem com sua amante o equilíbrio de poder não seja necessariamente o que parece.

Grande parte do *frisson* deriva da ambiguidade do controle, o poder que a beleza e a juventude exercem sobre homens mais velhos e a emoção do sigilo. Sigilo é uma faca de dois gumes. O homem espera obter a aquiescência e a fidelidade da amante pagando suas contas, dando-lhe dinheiro para roupas e comprando-lhe presentes; mas o que ela faz enquanto ele conduz os assuntos públicos de sua vida permanece um doloroso mistério, como Hitler descobriu quando se tornou o protetor de Geli.

A interação psicológica deles era uma troca sutil de controle emocional — não sexual — que teria surpreendido as empedernidas e entoçadas esposas nazistas, fossem elas argutas o suficiente para notar. Hitler era sempre o parceiro dominante e podia ocasionalmente desprezá-la friamente, mas quando se encontravam a sós, Eva obtinha suas concessões. Externamente, parecia o protótipo da submissão e devoção, mas por trás dessa fachada estava aprendendo a usar o controle que tinha sobre ele. Ela também o manipulava: não muito, mas um pouco. Hitler devia tolerar tal coisa, reputando-a como “manha feminina”, ou talvez não se desse conta. Os amigos — que sempre a subestimaram — sem dúvida não percebiam.

Os psiquiatras chamam a isso comportamento “passivo/agressivo”: uma aparente docilidade que esconde a manipulação subversiva. A ligação entre senhor e escravo ou entre um casal dificilmente é um caso de contornos nítidos em que o mais forte oprime o mais fraco. O homem dominante precisa se convencer de que a mulher nutre por ele uma afeição franca e espontânea. Nem mesmo ditadores podem se sentir suficientemente tranquilizados. Ao mesmo tempo, ele insiste em que ela se submeta de corpo e alma.

Esse paradoxo — as necessidades opostas e incompatíveis — põe o jogo de poder em movimento. De modo sutil, sem que se dê conta, o dono e senhor torna-se dependente da adoração dela, até levar a dominação longe demais, quando então a parceira submissa pode começar a se afirmar ou deixar de amá-lo. A fim de manter a submissão, ele terá de se valer da compulsão, por vezes chegando ao ponto da tortura (e nesse caso a amante deixa de amá-lo livremente), ou fazer concessões. Gradualmente, o eixo do poder se desloca, ganhando em igualdade, ainda que pareça imutável para quem está de fora.^[14] Entre os vinte e trinta anos, Eva amadurecera e se tornara uma mulher mais encantadora. Muitos homens a cobiçavam, incluindo o belo e bastante desejável Walter Hewel, oficial de ligação de Ribbentrop com Hitler, deveras popular entre o grupo do Berghof, mas Eva permaneceu fiel. Já houve inúmeras especulações pitorescas sobre a vida sexual de Hitler, ou sua inexistência, mas poucas evidências apresentadas para corroborá-las.

Alguns historiadores alegam que era homossexual, inferindo daí que Eva ficava por perto apenas como disfarce ou cobertura. Por que, nesse caso, ele teria se dado ao trabalho de escondê-la? A teoria do disfarce parece tão improvável quanto a do sadomasoquismo que teria vivido com Geli.

Heinz Linge, leal criado pessoal de Hitler, revelou que

Hitler e Eva ocasionalmente ficavam a sós no gabinete dele conversando um pouco antes de se recolher [...]. Eva Braun, em geral vestindo apenas um penhoar,^[15] tomava um pouco de vinho e Hitler, uma xícara de chá. Certa noite, entrei sem bater e vi Eva e Hitler abraçados com ardor no meio do gabinete. Ficando vermelho, me virei, saí e fechei a porta.^[16]

Pode ser que não os tivesse pego “no flagra”, mas ao que tudo indica era um prelúdio ao amor. Quando perguntaram a *Frau Mittelstrasse*, governanta do *Führer* no Berghof, sobre a relação de Hitler e Eva, ela a descreveu como “a normal entre um homem e uma mulher. Perfeitamente normal. [...] Estou cem por cento segura de que tinham um relacionamento sexual”.^[17] Com igual certeza, Herbert Döring proclamou: “Hitler era incapaz disso. [...] Devia ser em grande parte por isso que Eva Braun estava sempre tão insatisfeita”.^[18] Anna Plaim, contudo, zombou:

Sei que Döring alegava que jamais tiveram uma relação íntima, mas Döring mais tarde descreveu-a como uma gordinha estúpida, ainda que na época a tratasse por “*gnädiges Fräulein*”! [...] Agora, se tinham ou não um relacionamento sexual, tudo que posso dizer é que a evidência de Gretl Mittelstrasse o contradiz — e era *ela* que costumava levar os remédios para Eva a fim de adiar sua menstruação quando Hitler estava no Berghof. A despeito da evidente proximidade dos dois, não consigo me lembrar de uma única ocasião em que os vi de mãos dadas, muito menos se beijando. [...] Tudo que posso dizer é isto: durante o dia, Hitler nunca se retirava para sua própria cama e nessa época a cama de Eva Braun era sacrossanta.^[19]

A despeito da ausência de provas, a criada pessoal de Eva tinha certeza absoluta de que o casal consumava plenamente sua relação. Após a guerra, o dr. Morell, médico particular de Hitler,^[20] assegurou a uma equipe de investigadores da Comissão Americana de Inquérito que “o *Führer* tinha relações sexuais com Eva Braun de tempos em tempos, embora dormissem em camas separadas”.^[21] A evidência conclusiva é fornecida por *Frau Mittlstrasse*, uma testemunha honesta e confiável. Perguntada se Hitler e Eva tinham uma vida sexual completa, ela respondeu: “Cem por cento. Sei disso porque, quando chegava sua menstruação e ele aparecia sem avisar, ela tomava algo receitado pelo dr. Brandt, nosso médico na casa, para suprimir o fluxo. Eu ia buscar no quarto dele. Não sei o que era, se pilulas, líquido ou sei lá o quê, mas tenho certeza absoluta”.^[22] A preocupação de Eva em postergar a menstruação e a insistência de Hitler para que usasse contraceptivos eficazes indica a forte probabilidade de que desfrutassem do sexo do modo mais costumeiro. Uma *prova* é mais do que se pode pedir nesse caso e aqui não é lugar para definir “costumeiro”.

O recato patológico de Hitler e sua recusa em aparecer parcialmente vestido em público deviam-se provavelmente ao fato de que sofria de duas anormalidades genitais: um testículo não descido ou possivelmente ausente e uma condição rara chamada hipospádias penianas,^[23] na qual a uretra se abre na parte de baixo do pênis ou no períneo, criando um orifício que pode levar à incontinência, embora não necessariamente à impotência. Embora se recusasse a deixar que os médicos fizessem um exame físico completo, a condição foi observada e registrada em relatórios mantidos pelo dr. Morell, que havia sido um especialista em doenças venéreas antes de conhecer Hitler e era um grande entendedor de todo tipo de distúrbio masculino. Por outro lado, um médico independente do exército, o dr. Erwin Giesing, que fez um check-up completo em Hitler em junho de 1944, e depois outro em outubro do ano seguinte, testemunhou que sua genitália era normal. Em todo caso, nem testículo único nem hipospádias/hipoplasia impediriam a plena consumação do sexo. Hitler, ao que parece, era *capaz* de fazer amor — a verdadeira pergunta é: com que frequência?

A libido de Hitler era baixa, por motivos que, um moderno psiquiatra teria sugerido, remontavam à sua infância — repugnância pela promiscuidade desabrida do pai; uma proximidade doentia da mãe amorosa e abnegada; culpa provocada pelos ensinamentos rígidos da Igreja sobre sexo e castidade num rapaz que aspirava brevemente a tornar-se padre. Sua comparativa falta de interesse no ato sexual após os anos iniciais com Eva talvez se devesse às pressões sobre ele: homens muito ocupados em geral têm menos sexo porque estão cansados demais.

Ainda assim, parecem ter se ajustado bem um ao outro. Alois, o tio de Eva — que deve ter obtido a informação com Fanny ou Gretl, uma vez que ele mesmo jamais foi hóspede em Obersalzberg —, escreveu:

Seria totalmente errado descrever a vida de Eva no Berghof como sendo um

verdadeiro mar de rosas. Hitler a respeitava e valorizava sua amizade, não só porque precisava de seu apoio em meio ao tumulto, absurdo e irracionalidade de sua vida política, mas porque chegara de fato a amá-la. [...] Por mais surpreendente que pareça, havia um bocado de provocações e gracejos entre os dois [...], mas nunca uma desavença séria.[24]

Retratar Hitler como um homem capaz de brincadeiras, sentimentalismo ou paixão sexual — ou sua ausência — pode revelar seu lado humano, mas não o torna menos monstruoso. Para compreender as origens e a patologia do mal, é muito mais proveitoso descobrir o que as pessoas que o conheceram como ser humano disseram a seu respeito do que retratá-lo como a encarnação do demônio, um Mefistófeles que roubava as almas dos homens e incinerava seus corpos. Maria von Below, por exemplo, esposa de Nicolau, assistente de Hitler, e presente junto ao círculo mais íntimo do Berghof, admitia:

Quando tudo terminou, as pessoas caíram umas sobre as outras para representar a vida no Berghof como uma chateação horrível, e Hitler proferindo nulidades sem fim. Claro que as repetições se tornaram um tédio, mas aqueles anos iniciais, em particular — como a gente se divertia! Não sei por que tanta gente nega a extraordinária centelha que havia nele. [...] Sabe, é fácil escarnecer ou criticar, agora. Mas, por Deus, como o mundo era diferente, na época.[25]

Albert Speer escreveu, em tom de autojustificativa, em 1945: “Uma coisa é certa: todos os que trabalhavam próximos a ele eram dependentes e servis num grau extraordinariamente alto. Por mais poderoso que parecesse cada um em sua própria área, na proximidade dele tornavam-se pequenos e tímidos”.[26] Speer *nunca* foi “pequeno e tímido”.

Várias mulheres o descreveram como dono de uma personalidade dual. Havia o Hitler que jamais testemunhavam, um grialhão espumoso capaz de aterrorizar as pessoas com seus berros e explosões de fúria — mas, por todos os relatos, as mulheres só conheceram o Hitler respeitoso, cortês e atencioso, sempre preocupado com as esposas e secretárias do Berghof e a criadagem feminina, dando-se ao trabalho de lembrar de suas preocupações e perguntando de modo solícito sobre a saúde delas, de seus filhos e parentes mais idosos.

Eva era a *maitresse de la maison* em Obersalzberg, mas isso não a impedia de ser, às vezes, dolorosa e desnecessariamente ciumenta. “Eva Braun tinha um ciúme terrível de Unity Mitford. Tinha ciúme de todo mundo”,[27] disse Kukuli von Arent, que Magda Goebbels introduzira no círculo social de Hitler. Unity[28] fora apresentada à ideologia nazista pelo futuro cunhado, o líder fascista britânico Oswald Mosley, e desde o início demonstrara fixação pelo *Führer*. Ela chegou em Munique em 1934, supostamente para

estudar arte, mas na verdade para ficar perto dele. Haviām se conhecido em 9 de fevereiro de 1935, três dias após o aniversário de 27 anos de Eva, na Osteria Bavaria, onde Unity esperara por dias até conseguir se aproximar.

Unity Mitford, filha de nobres, é invariavelmente descrita como uma loira estonteante de traços nórdicos, embora nas fotografias seus traços pareçam irregulares e pesados, talvez por causa dos bolos açucarados que Hitler gostava de vê-la comer. As irmãs Mitford, Unity e Diana (que se casou com Mosley em outubro de 1936) davam pouca importância a Eva Braun, deixando de perceber em seu esnobismo que era um caso sério e duradouro na vida de seu herói. Diana lembrava mais tarde: “Unity e eu revelamos um filme no estúdio de Hoffmann e notei os sapatos de Eva Braun, lindos sapatos de couro que sem dúvida não podiam ter sido comprados em Munique. Aponte-os para Bobo [Unity]. Era só uma loirinha comum atrás do balcão, sempre lá”.[29] De fato era, mas era muito mais que isso.

Em setembro de 1935, Hitler deixou Eva irritada ao convidar Unity e Diana para o *Parteitag* em Nurembergue e acomodar as três lado a lado em seu camarote particular, um jeito tortuoso e desnecessário de apresentá-las. Talvez achasse que poderiam se tornar amigas, mas, depois dessa única ocasião, nunca mais tiveram contato. Eva não escondia seu desagrado e ciúme de Unity, enquanto a altiva Miss Mitford ignorava Eva ativamente, até então sem ter ideia das honras que lhe haviam sido concedidas.

Diana Mosley via a paixão de sua irmã com olhos frios e depreciativos e tinha a convicção de que Hitler e Unity jamais dormiram juntos. “Ele apreciava sua companhia e mais nada, acho”, disse.[30] Leni Riefenstahl certa vez lhe perguntou sobre Unity, e Hitler deu uma resposta diferente: “ ‘É uma garota muito atraente, mas eu nunca conseguiria ter um relacionamento com uma estrangeira.’ Achei que estivesse brincando, mas ele me assegurou, ‘Meus sentimentos estão tão atrelados a meu patriotismo que sou capaz de gostar apenas de uma jovem alemã’ ”.[31] Se dizia o mesmo para Eva não se sabe, mas se o fez, deve ter lhe poupado um bocado de sofrimento. Ela tomava Unity por uma rival séria, ainda que Hitler, embora lisonjeado com o interesse da valquíria, jamais tivesse contemplado a possibilidade de substituir Eva.

A relação, tal como se dava, entre o *Führer* e sua seguidora era provavelmente oportunista. Hitler interessava-se por Unity por causa de suas ligações, mas nunca teria se arriscado a flertar com ela; a jovem era instável demais. Contudo, não teve escrúpulos em usá-la com fins propagandísticos, na esperança de fazer contato com a direita da influente classe alta inglesa. Os alemães, com sua paixão por títulos, referiam-se a ela como *Lady Unity* ou mesmo *Lady Mitford*, mas, como dissemos antes, era meramente a filha de um barão. “Se fosse uma fulaninha qualquer”, observou o vigário local, anos depois, “Hitler não teria lhe dado atenção.”[32] E se Hitler fosse *Herr Schicklgruber*, ela tampouco teria se importado com ele.

O *Führer* presumia que as Mitford fossem aristocratas inglesas importantes e poderosas e orgulhava-se de sua conversão à causa nazista, conversão que achava muito mais significativa do que na realidade era. Não havia a menor chance de que as duas

jovens desmioladas algum dia influenciassem outras iguais a elas. O fascismo plenamente desenvolvido era raro na Inglaterra, restringindo-se a trabalhadores revoltados e aristocratas independentes e iludidos, como *Lord Londonderry* e seu círculo, além de uns poucos entusiastas agregados ao clã *Mitford*, sendo o mais repugnante deles *Sir Oswald Mosley*.^[33] Unity cometeu o erro de achar que tinha influência política real, quando na verdade era tolerada de lado a lado, em larga medida por questão de delicadeza. Ninguém a levava a sério. Seu biógrafo, *David Pryce-Jones*, expressou-se de modo brilhante: “Ela sempre fora solitária, sem raízes, o vazio interior expandindo-se com nazismo” (grifo meu).^[34] Para usar uma gíria da época, era um pouquinho “pancada”.

A desequilibrada Unity amava o *Führer* — a quem saudou com um entusiástico *Heil Hitler* quando se conheceram — por causa de sua política e seu carisma, e porque parecia levá-la a sério. Hitler gostava dela porque ainda era esnobe o suficiente para se deixar impressionar pelo fato de que fosse de boa família. A princesa *Carmencita Wrede*, amiga de Unity, contou a seu biógrafo:

As diferenças de classe eram fundamentais. Unity e Diana eram finas demais, de fato, aristocráticas demais para ele.^[35] Eva Braun era de seu nível social. Minha irmã e eu conhecemos bem Eva e sua irmã, Gretl. Unity vivia me atormentando, Quem é esta Eva Braun? O que ela tem que eu não tenho? Como ela consegue? Ela me disse: “Ele nunca me leva para *Obersalzberg* porque Eva está sempre lá”. Unity era completamente ciumenta.^[36]

(É verdade que Unity dificilmente era convidada para o *Berghof*, numa admissão tácita de que era o domínio de Eva. Por outro lado, via o *Führer* com mais frequência em *Berlim*.)

Mary St. Clair-Erskine,^[37] amiga de Unity, muitas vezes a acompanhava nas visitas ao apartamento de Hitler, uma vez que ele tomava cuidado para não entrar em situações que pudessem suscitar fofocas. Mary disse: “Era extremamente educado e gentil conosco, um anfitrião agradável. Não acho que por não ficar a sós com Bobo é que não houvesse um relacionamento.[...] Com Bobo, nunca notei o menor sinal de flerte. Para ela, era o ponto alto da semana. Seus olhos brilhavam e cintilavam”.^[38] A princesa *Carmencita Wrede* disse que Unity se queixara: “Nunca fico sozinha com Hitler, ou, quando estou, sento-me a seus pés e então *Bruckner*^[39] se intromete e não sai de perto. Quando ele quer ficar a sós comigo, manda seus assistentes embora, mas sempre voltam”. Os assistentes jamais teriam ousado interromper um *tête-à-tête* a menos que Hitler tivesse dado ordens expressas para isso.

Kukuli von Arent confirmou a natureza platônica da relação: “Unity nunca foi amante de Hitler. Isso é um disparate! Que eu saiba, nunca ficou a sós com Hitler [...] tínhamos de inventar pretextos e chamá-lo ao telefone, alegando assunto familiar ou algo assim, só para que se safasse”.^[40] O motivo mais provável para esse comportamento pouco galante era que pretendia evitar perguntas, cenas ou lágrimas desagradáveis.

Contudo, ainda que a devoção de Unity ao *Führer* não pudesse compensar suas inadequações, ela permaneceu como parte de seu grupo até a declaração da guerra, em 1939. Seus contatos com ela — pessoais e sociais — tinham lugar com mais frequência em Berlim do que Munique, uma vez que podia ser mais útil na cidade que abrigava a comunidade diplomática e a imprensa estrangeira, mas perto do fim ela se tornou um estorvo. Até mesmo para Hitler, seu fanatismo racista era ostensivo e óbvio demais e ela era incapaz de discrição.

O jargão antissemita codificado é usado muitas vezes de forma meio irônica para neutralizar o conteúdo agressivo por trás dessa doutrina e mascarar os preconceitos subjacentes — que na Alemanha nazista eram quase unanimemente em prol da “raça ariana”.^[41] Os americanos categorizam determinado grupo como wasp, um acrônimo que significa White Anglo-Saxon Protestant, ou “protestante, anglo-saxão, branco”, e ninguém parece objetar: é frequente vê-lo figurar na coluna de corações solitários do *The New York Review of Books*, um periódico quinzenal de intelectuais liberais. Desconstruídas, as iniciais significam branco (idealmente, cabelos loiros, olhos azuis e pele clara), de origem europeia (ninguém de pele trigueira ou escura) e adepto, por mais relapso que seja, da fé protestante. Logo, não preto; nem judeu, nem muçulmano — e, por extensão, nem pobre, tampouco. O uso de wasp como substantivo coletivo não é menos racista que classificar as pessoas como arianas, uma vez que significa exatamente a mesma coisa, com implicações codificadas similares.

A crença de que seres humanos podem ser graduados numa escala de “pureza” racial — na prática, de brancura — faz a gente se perguntar se as pessoas *aprendem* a desconfiar e sentir-se superiores aos de outras cores e raças ou se o racismo está universalmente embutido, um pecado original que deve ser escarafunchado de forma consciente, como a inveja, o roubo ou o estupro. É raro ver preconceito contra escandinavos, talvez porque seus olhos, pele e cabelos claros corporifiquem o que as pessoas secretamente encaram como a cor de uma raça superior. Será por isso que os homens preferem as loiras?

A despeito das rivais, em geral mais bem-nascidas, bem-apeçoadas e, no caso de Magda Goebbels, muito mais bem-dotadas intelectualmente, Eva conquistara a posição de amante extra-oficial sete anos depois de conhecer Hitler. Impressionava os antigos amigos céticos de Munique quando a visitavam em Obersalzberg com o luxo de suas acomodações e a familiaridade de que gozava junto aos chefões do partido e suas esposas permanentemente grávidas. A única coisa que não podia admitir para ninguém era que já vislumbrava os primeiros sinais do tédio. “Cuidado com o que deseja, pois você pode consegui-lo”, reza o antigo provérbio. Eva tinha apenas vinte e poucos anos e sua vida arrastava-se para o futuro numa série de dias imutáveis. Vezes sem fim, os mesmos grupos reclinando-se no terraço, admirando vezes sem fim as montanhas que assomavam diante deles numa grandiosidade imutável e vergonhosa. O que podia haver de divertido em ficar olhando para uma cadeia de *montanhas*?

1937-9 – EVA NO BERGHOF: “UMA GAIOLA DOURADA”

O FUTURO DE EVA havia saído dos trilhos quando conheceu Hitler, com a idade de dezessete anos. Antes disso, não tinha a menor dúvida de que sua vida seria igual à da mãe e da avó: conhecer uma série de rapazes, flertar, dançar, se apaixonar e levar pretendentes para casa a fim de conhecer seus pais, antes do convite para ser apresentada formalmente aos dele. Desse processo, um jovem favorito iria surgir, mais amado e desejável que os demais. Haveria o noivado triunfal, o solene casamento católico e, tão provavelmente quanto o nascimento se segue à cama, um bebê... mais bebês... uma família. Era o padrão ordenado pela Igreja, bem como pela Bund Deutscher Mädel: o papel da mulher era casar, parir e sustentar os filhos e venerar seu homem.^[1] Em 1937, Eva tinha 25 anos e era a única de sua turma de amigas sem estar comprometida ou casada, contudo, jamais considerou a possibilidade de se envolver com outro homem. O truncado futuro ainda estava a sua espera, mas, com Hitler opondo-se de forma implacável ao casamento e à paternidade, o curso natural dos eventos foi sufocado. Nada que acontecesse o faria mudar de ideia, nem aliviaria a frustração de Eva, a não ser pelo fato de que agora estava no Berghof, onde as janelas eram maiores e a vista melhor. Montanhas.

Em 1937, completava dois anos como *Chefin*, ganhando confiança e uma postura mais firme. O chofer de Hitler, Erich Kempka, disse que após 1932 nunca houve outra mulher no carro com Hitler, embora continuasse a achar Eva “a mulher mais infeliz da Alemanha”. A prima Gertraud comparou sua vida à de um cachorrinho de estimação “na ponta de uma corda muito, muito longa, girando e girando até chegar ao ponto em que a corda lhe aperta a garganta”.^[2] Eva confessou para o *cameraman* de Leni Riefenstahl, Walter Frentz, durante uma sessão de fotos, que morar no hermeticamente fechado Berghof era viver “numa gaiola dourada” — e não uma gaiola qualquer, mas uma gaiola no alto da montanha. Às vezes, devia se sentir como Rapunzel.

Fosse dez anos mais velha, poderia ter se retirado para seu *boudoir* e mergulhado numa meia-idade de perfumes, ganho de peso e resmungos. Mas ainda era jovem, exuberante, ávida por conhecer gente nova — em particular, os glamorosos convidados de Hitler vindos do mundo do cinema e do teatro. Excluída das recepções que ele dava em Berlim, em que lindas mulheres cintilavam em meio à multidão, segurando suas taças de *Sekt* (champanhe alemã), Eva desejava as fofocas, a alegria, os elogios, o burburinho, os discos mais recentes, filmes, risadas... qualquer coisa para distrair enquanto ele seguia com seu trabalho vago e importante. A despeito de compartilhar de sua cama, o comportamento de Hitler podia às vezes parecer deliberadamente insensível. A amiga de

Unity Mitford, Carmencita Wrede, recordou: “Em 1937, eu estava com Neville Henderson — ‘aquele idiota, Henderson’, como Hitler o chamava — no *Parteitag*. Hitler estava lá, e Eva, sozinha num canto, vestindo um pequeno impermeável. Hitler olhou em torno e seu olhar pousou sobre ela sem mudar de expressão. Nenhuma outra mulher teria tolerado aquilo”.[3]

Sendo-lhe negada uma existência pública, Eva Braun matava o tempo, sempre à espera. Podia acontecer de ser favorecida e mimada, mas sua vida não era invejável. Havia mais coisas nela do que em geral se presumia, mas seus recursos mentais eram poucos. Era antes uma criatura de impulso e sentimento que precisava de atenção e drama do que uma leitora ou pensadora; não conseguia se satisfazer com a própria companhia. Sempre havia Gretl, é claro, com quem experimentava esmalte e batom, trocava vestidos, folheava revistas de cinema e brincava com os cães. Não é de admirar que Eva trocasse de roupa várias vezes ao dia, afinal, que mais tinha para fazer, além de se empetecar e rodopiar diante do espelho, sob os gritinhos admirados da irmã?

Dentre todos os cômodos vastos e pomposos do novo Berghof, apenas a suíte de Eva detinha uma atmosfera relaxante e acolhedora. Ela passava horas em suas acomodações bonitas e femininas, à espera de um telefonema de Hitler ou da chegada de *Herr Zechmeister*, o carteiro, com uma carta na mão. Nos dias de chuva, em que não podia sair, praticava tiro no estande subterrâneo, jogava boliche com os Döring, escovava e afagava os cachorros, colava fotos nos álbuns ou vagava pelas instalações da cozinha, tanto para fofocar quanto para supervisionar. Quando ele estava no Berghof, o perfumado *boudoir* cheio de almofadas, flores e revistas bobas era um refúgio de suave feminilidade após os duros dias cercado de homens gritando, batendo os calcanhares, vociferando, rígidos, ainda que servis, todos *querendo algo*, todos maquinando e manipulando em busca de um lugar. Eva nada queria exceto agradá-lo. Pouco a pouco, ele começou a acreditar nisso e a ter confiança nela.

Eva desejava ardentemente que Hitler passasse mais tempo junto a ela. Ele aparecia no Berghof quase que a cada três ou quatro semanas, sem dúvida atraído por sua presença animada e a necessidade de relaxar das pressões do trabalho em Berlim. Entre uma visita e outra, Eva — ilhada no Berg — sofria de saudade das ruas apinhadas de Munique, onde podia passear e olhar as vitrines; dos cafés com mesas na calçada, de onde vinham o aroma de café fresco e o som de fofoca fresca; dos bares ruidosos e enfumaçados, onde encontrava as amigas para falar sobre qualquer assunto, fora Hitler. Ela tinha permissão de entrar em seu Mercedes com chofer e visitar a casinha na Wasserburgerstrasse, para dar festas e ficar a par dos últimos filmes — e o fazia, de vez em quando —, mas tinha medo de que Hitler aparecesse de repente no Berghof e ficasse furioso de que não estivesse lá para recebê-lo. (Ele relutava sempre em informá-la de seus planos com antecedência e geralmente ia embora sem dizer para onde ou por quanto tempo, como que deliberadamente mantendo-a em suspense.)

Embora tivesse licença para se ausentar do estúdio de Hoffmann, continuava a trabalhar lá ocasionalmente, quando estava em Munique, mesmo durante a guerra.[4]

Difícilmente teria sentido falta dos tediosos dias atrás do balcão ou na sala de revelação do estúdio, mas sentia muita falta da companhia das colegas de trabalho, das histórias de suas vidas cotidianas, namorados, maridos, de sua abençoada existência monótona sem a tensão que conhecia na sua. Em outubro de 1937 e depois outra vez em 1939, altura em que trabalhava de modo apenas intermitente havia quatro anos, continuava a se juntar à “festa da firma” anual, espremendo-se toda animada com mais de quarenta empregados num ônibus decorado com um heinrich hoffmann em grandes letras na lateral.

A presença de Hitler no Berghof era indicada por uma grande suástica tremulando sobre sua residência e o aparecimento dos guarda-costas nas hospedarias locais. No fim dos anos 30, inúmeros hóspedes oficiais eram recebidos ali. Eles chegavam à estação de Berchtesgaden junto ao rio Ach. Desproporcionalmente grande para uma cidade tão minúscula, a estação se parece muito com o que era no fim dos anos 30. Ela ainda tem a plataforma especial para os trens que traziam o *Führer* e seus convidados, de onde os visitantes distintos emergiam através da saída de arco triplo para dar com a vista sensacional da cidadezinha aninhada no fundo do vale, circundada pelas montanhas. A Mercedes blindada de cinco toneladas de Hitler, junto com uma frota de outras, ficava à espera para escoltar o grupo até Obersalzberg, passando pelo primeiro posto de segurança ao lado do borbulhante Ach, onde os guardas executavam afiados um *Hitlergruss*, ou saudação de Hitler, à passagem do comboio.

Eva talvez se sentisse menos entediada caso tivesse alguma participação nessas visitas. Poderia ter ficado ao fundo e observado — não teria pedido mais que isso — e é difícil de entender por que Hitler não a deixava. Jamais teria forçado passagem para aparecer ou avançado o sinal e invadido o território de Magda Goebbels como anfitriã oficial. Talvez Hitler temesse — e talvez com razão — que os rumores do papel de Eva em sua vida chegassem aos ouvidos dos importantes visitantes por intermédio dos embaixadores em Berlim, dos serviços de segurança ou da simples fofoca, e receasse que viesse de algum modo a envergonhá-lo. Em todo caso, “*Eva Braun (secretária)*”, como continuava a figurar nos registros de pessoal de Obersalzberg, estava proibida de comparecer a esses eventos e tinha de ficar fechada em seus aposentos, entediada e ressentida, fumando debruçada na janela, indo e vindo pela entrada de serviço, nos fundos, para que não pudesse ser vista. Herbert Döring recorda-se: “Todos os demais podiam passear livremente, só Eva Braun tinha de permanecer em seu quarto, o que sem dúvida a deixava aborrecida”.^[5] Henriette von Schirach também comentou a respeito do mau humor de Eva, como já vimos, ao dizer que “achava sua vida de amante invisível deprimente” e que vivia “irritada e doente”. E, ainda segundo ela: “Sabia que a adulação da multidão era mais preciosa para ele que as palavras de amor e que o autêntico objeto de sua afeição sempre seria o poder. [...]”.^[6] Nunca era parte da vida pública e política de Hitler e havia ocasiões em que os negócios de Estado se tornavam tão prementes que, como observou Henriette, ela ficava num remotíssimo segundo plano. Mas, para ela, *ele* era sua vida.

Ninguém levou o *Paris Soir* muito a sério em setembro de 1936, quando publicou a

história do relacionamento de Eva com o *Führer*, e os boatos e especulações em breve cessaram. Naqueles dias, considerava-se que a vida particular das pessoas em cargos de autoridade dizia respeito apenas a elas próprias, tanto na Alemanha — graças à mão de ferro com que Goebbels controlava a mídia — como na Inglaterra. O ministro da Propaganda de Hitler se encarregava de que os rumores sobre Eva fossem ridicularizados e suprimidos. O mesmo ocorria no *affair* entre o príncipe de Gales e a duas vezes divorciada Wallis Simpson, um escândalo sobre o qual a imprensa britânica mantinha uma rígida reticência autoimposta. (Os jornais franceses e americanos foram menos discretos, e se esbaldaram com a história.) Quando George v morreu, em 20 de janeiro de 1936, o príncipe subiu ao trono como Edward VIII. Pouco depois que o episódio Hitler/Eva Braun vazou, *Lord Bearverbrook*, proprietário da cadeia *Express Newspapers*, foi chamado ao Palácio de Buckingham. O novo rei pedia — e o pedido real era uma ordem — que tomasse as providências para garantir o silêncio da imprensa britânica sobre seu relacionamento com Wallis Simpson. E assim foi.

De todas as visitas do *Führer*, a duquesa de Windsor era a pessoa que Eva mais queria conhecer. Ela acompanhara o romance com interesse. A imprensa estrangeira publicara histórias e fotos mostrando o príncipe de Gales de férias com a namorada no sul da França, ele com o cenho franzido, ela, elegante como uma gata siamesa. E com um ar de que havia engolido o canário — e tinha mesmo. Onze meses após sua ascensão ao trono, o pequeno rei abdicou e, em junho de 1937, no momento em que o divórcio foi finalizado, o ex-rei, agora duque de Windsor, tornou-se o terceiro marido da srta. Simpson, *née* Bessie Wallis Warfield of Baltimore.

Cinco meses mais tarde, o casal fez uma visita “oficial” à Alemanha, motivada pelas simpatias nazistas de Wallis e o desejo traiçoeiro do duque de retomar o trono — dessa vez, com “o apoio da mulher que amo”. Eva queria muito conhecer a nova duquesa, curiosa de saber que habilidosas manipulações haviam persuadido o rei a subir ao altar, caso pudesse funcionar com Hitler. O motivo do *Führer* para se encontrar com o antigo rei, depois de uma guerra que jamais duvidou seria vencida pela Alemanha, era deixá-lo como um governante títere para controlar o povo britânico conquistado. Isso se encaixava perfeitamente com os planos do duque: sondar o terreno para uma possível volta. Como qualquer homem que um dia conheceu a bajulação e então caiu em desgraça, jamais acreditou que fosse adulado por causa de sua posição, e não por ser um sujeito assim tão admirável.

O clímax da visita de dois dias dos Windsor foi uma tarde em Obersalzberg, em 23 de outubro de 1937. Tomaram chá na companhia de Hitler, com Magda Goebbels atuando de anfitriã. Os alemães fizeram um alarde entusiasmado, a duquesa foi tratada como realza — status ostensivamente negado pelos novos rei e rainha —, mas Eva, talvez a única pessoa que a teria levado a sério, ficou confinada a seus aposentos, mergulhada em amuo. A visita terminou com beijos de mão e muitas inclinações de cabeça antes que fossem escoltados na grande escadaria pelo *Führer*. Eva nem sequer os viu.

Em público, Hitler demonstrava jovialidade e cordialidade com todo visitante estrangeiro — homens de Estado, embaixadores e membros de famílias reais da Europa. De Anthony Eden, secretário do Exterior britânico, a Zakaria Faiz Muhammad Khan, ministro do Exterior afegão, o *Führer* era o imã que os atraía a Berlim ou Berchtesgaden, na esperança de ganhar suas graças e proteger seus países ou tronos. A realidade política por trás da cena era bem diferente.

Eva obteve permissão para ir à Convenção de Nurembergue em setembro de 1937 (anonimamente, nem é preciso dizer) e mais uma vez Unity Mitford estava lá, também. Uma fotografia mostra Unity de cara fechada, com Anni Brandt estrategicamente sentada entre ela e Eva — que sorri — e Erna Hoffmann. Quatro belas mulheres numa fileira, de pé, assim como o restante da multidão, acenando com entusiasmo — nada de especial nisso. Nada as distinguia em meio à emoção orquestrada da massa. Será que Eva *ouvia* os discursos e captava seu significado ou ficava mais incomodada com a presença de Unity do que com os iminentes Eventos Negros que se prenunciavam no discurso do *Führer*? Ou nem uma coisa nem outra: era simplesmente a garota numa partida de futebol, orgulhosamente vendo seu homem marcar pontos?

Duas semanas após a visita dos Windsor, em 5 de novembro de 1937, numa reunião crucial com seu ministro do Exterior, Von Neurath, e o alto comando militar, Hitler delineou o Protocolo Hossbach pela primeira vez: um acordo para travar guerra, se necessário, e colonizar novos territórios a fim de proporcionar espaço para viver — *Lebensraum* — aos alemães. As primeiras vítimas seriam a Áustria e a Tchecoslováquia. Seus planos seguiam em frente de forma inexorável enquanto o resto da Europa continuava nervosamente a lhe conceder o benefício da dúvida. Tinham pouca escolha: Hitler não podia ser detido, controlado ou destruído. Zombava da ideia de negociar qualquer acordo e não se conformaria com menos que a dominação mundial — não que o dissesse em voz alta para os visitantes estrangeiros.

Na primavera e no verão, o embandeirado e amplo terraço do Berghof era o centro de toda atividade. Talvez uma em cada sete dentre os milhares de fotografias de Eva tenha sido tirada ali, mostrando seus amigos descansando em cadeiras de reclinarmofadadas, empoleirando-se na balaustrada, brincando com crianças pequenas ou com os cachorros de Eva. O terraço era sua sala de recepção, a paisagem montanhosa, o papel de parede. A despeito de toda beleza e espaço, continuava entediada e insatisfeita, por dentro. Hitler era indulgente com qualquer capricho seu, contanto que permanecesse anônima. Podia ter o que bem entendesse, na medida em que concordasse em manter a própria existência em segredo e usar um manto de invisibilidade sobre as roupas fabulosas e o corpo perfeito. Era anônima, uma não-pessoa. Eva Braun dera a vida para Hitler e ele a perdera.

Entre 1932 e 1940, sua espontaneidade leve e risonha desapareceu e, embora ainda sorrisse para a câmera, fazia-o de modo artificial. A mudança devia parecer desconcertante para os observadores — conseguira um lugar tão desejado como amante

do *Führer*; que possível razão haveria para se sentir infeliz? O Berghof era um cenário paradisíaco e vivia no luxo, contudo, a antiga alegria desaparecera. Para se distrair, e como ser atraente para Hitler era seu trabalho, empenhou-se em criar uma nova imagem. O *Führer* não gostava de mudanças e teria preferido vê-la metida em seus engomados vestidinhos bávaros e sem nenhuma maquiagem. Eva pensava diferente. Tendo a própria identidade negada, podia ao menos embonecar-se. Em 1935, experimentou encaracolar o cabelo e tingi-lo de loiro, mas não ficou bom. Parecia uma aspirante a atriz barata. Aprendeu a lição e nunca mais tentou nada tão drástico. Continuou a mudar o comprimento e o estilo, voltando afinal ao próprio ondulado natural e cabelos castanhos.

No fim dos anos 20 e até meados dos anos 30, minha mãe cortava o cabelo curto, o visual adotado pelas “melindrosas” inglesas do pós-guerra, embora em 1930 isso já não estivesse mais na moda. O cabelo de Ditha era grosso e recusava-se a assentar como uma touca em sua cabeça, *à la* Louise Brooks (com quem talvez quisesse ficar parecida), mas brotava de seu crânio numa massa exuberante. Mamãe jamais teria tingido o cabelo, em parte porque julgava vulgar, mas sobretudo porque simplesmente não ligava o suficiente para a própria aparência para que se desse ao trabalho. Mais tarde, deixou que ficasse comprido, prendendo-o bem esticado com uma grande tiara de cetim — o mesmo visual adotado brevemente por Eva Braun. O idioma *fashion* da era que aparece com perfeição em Eva aparece como um débil eco nos retratos de minha mãe, também. As duas preferiam saias curtas que mostravam as pernas e vestidos de verão esvoaçantes, convidativos ao flerte, embora em meados dos anos 30 Eva tivesse dúzias deles e minha mãe não mais que dois ou três, que continuaram a aparecer nas fotografias de família ao longo dos anos de guerra.

Em 1938, Eva Braun tornara-se mais esbelta e sofisticada, vestindo-se com elegância e entregando as mãos aos belos cuidados de uma manicure. A jovem Traudl Humps (nome de solteira) visitara o Berghof pela primeira vez em março de 1943, poucos meses após se juntar à equipe de secretárias. O papel de Eva na vida de Hitler constituiu uma absoluta surpresa para ela. “Hans Junge[7] me explicou que ela [i.e., Eva Braun] era a anfitriã/amante do Berghof, tacitamente aceita e reconhecida como tal pelos hóspedes.” Traudl ficou ingenuamente impressionada com a sofisticação de Eva:

Ela se vestia extremamente bem e com muita elegância. Seu cabelo bem arrumado era tingido de loiro e maquiava o rosto atraente um tanto quanto pesadamente, embora tudo com bom gosto. Não era alta, mas dona de um talhe ótimo e em notável boa forma, e sabia se portar. Tinha consciência exata de que roupas lhe caíam bem. Nunca se vestia de forma excessiva, mas sempre com bom gosto, embora as joias que usasse fossem caras.[8]

Eva se preocupava com o ganho de peso e não comia quase nada, até Hitler se queixar de que estava só pele e osso: “Não consigo entender por que se imagina que seja atraente a mulher ser magra como um menino. Gostamos das mulheres precisamente por causa de sua forma diferente. Não deveria ser assim”.^[9] Sua magreza, assim como o cigarro constante, roubava-lhe da pele o salutar rubor adquirido ao ar livre e as curvas suaves. Traudl Junge lembrou de uma vez em que se sentava diante de Hitler: “Ele me observou enquanto eu me servia e disse: ‘Não está comendo nada, minha filha. Já está magra demais do jeito que é!’”. Ela, por sua vez, observava Eva cuidadosamente na refeição:

Nada poderia tê-la persuadido a experimentar a dieta do *Führer*, embora ela mesma alegasse ter um estômago fraco, comesse muito pouco, apenas refeições leves e digestivas, e pouquíssima gordura, e às vezes tomasse remédio para o estômago, após as refeições. À medida que a conheci melhor, contudo, cheguei à conclusão de que essa restrição era mais para manter a silhueta esguia. Ela odiava mulheres gordas e tinha orgulho de ser esbelta e *mignon*. Mesmo assim, o *Führer* costumava provocá-la: “Quando a conheci, era agradavelmente cheinha e agora é quase que um palito. As mulheres vivem dizendo que querem ser atraentes para seu homem e depois fazem tudo que podem para se rebelar contra a preferência deles. Fingem que fariam qualquer sacrifício para agradar-lhes, embora ao mesmo tempo sigam a moda avidamente [...]. As mulheres só querem ser invejadas pelas amigas”.

Eva protestava vigorosamente, enquanto ao mesmo tempo reconhecia que nem por todo o ouro do mundo ficaria mais gorda.^[10]

Na verdade, ambos eram obcecados por alimentos. O *Führer* era um vegetariano metucioso que vivia sobretudo à base de vegetais frescos, purê de batata e massa, encerrando cada refeição com uma fruta cozida e água mineral. Desde a morte de Geli, em 1931, não tocou mais em carne, frango ou peixe; nem mesmo ovos. Dizia ser muito exigente, embora um de seus pratos favoritos fosse purê de batata com óleo de linhaça polvilhado de queijo ralado. Desde a adolescência, não bebia álcool, à parte uma taça muito ocasional de vinho branco doce batizado com água. Ele empregava nutricionistas^[11] que viviam inventando novos pratos, num esforço de instigar seu apetite chato. Sua cozinheira favorita foi a última, Constanze Manziarly, que se juntou ao grupo de empregados de Hitler em 1944, com a idade de 24 anos. Originária de Innsbruck, fora treinada em sua cozinha favorita — vienense/bávara — e se esforçava muito para agradar sua preferência do momento e proporcionar-lhe pratos nutritivos e variados. Passava horas e horas na cozinha bolando sobremesas de dar água na boca com imenso carinho. Hitler gostava muito de *Fräulein* Manziarly e, embora fosse uma mulher simples, humilde e discreta, isso não impediu Eva de fazer um estardalhaço por causa das frequentes ocasiões em que o amante comia a sós com ela. Ele se queixava constantemente de sofrer de um estômago delicado, mas isso não se devia à comida, e

sim aos inúmeros remédios duvidosos que tomava, todos prescritos por seu médico favorito.

O dr. Theodore Morell, médico pessoal do *Führer* a partir de 1936, era em essência um charlatão[12] que ministrava todo tipo de mistura esquisita, incluindo inúmeros frascos diários de vitamina.[13] Morell conquistou sua confiança como paciente desde o início curando-lhe um eczema, embora não seu meteorismo (gases no abdômen, que em geral levam a uma excessiva flatulência), provocado, sem dúvida, por toda aquela verdura que consumia.[14] Ele tratava isso com as pilulas antigases do dr. Koster, que Hitler tomava após cada refeição, por vários anos. O fato de ter de ingerir tanta coisa por tanto tempo deveria ter alertado Hitler para o fato de que não fazia bem algum, mas suas decisões baseavam-se mais no instinto do que no bom senso, e confiava cegamente em seu médico suspeito e incompetente. Foi somente em 1944 que um médico independente, dr. Giesing, especialista em otorrinolaringologia — que fazia experiências consigo mesmo e registrava os resultados —, descobriu que as câimbras excruciantes de Hitler eram antes provocadas que aliviadas por aquelas pilulas, contendo quase que a dosagem máxima de estircinina. O *Führer* sofria de envenenamento por estircinina![15] Quando foi notificado disso, Hitler recusou-se a acreditar, mandou Giesing embora e continuou a depositar toda confiança no perigosamente inepto dr. Morell. Eva Braun o odiava e desconfiava dele, tentando substituí-lo por seu próprio médico, o mais confiável dr. Brandt, mas embora Brandt tenha feito parte da equipe médica de Hitler em Berlim, ele jamais tirou o lugar de Morell. O *Führer* dispunha de médicos e cirurgiões muito mais qualificados, mas Morell — o charlatão gordo e comilão, de cabelos grisalhos duros como palha — permaneceu o fornecedor predileto de Hitler de remédios suspeitos e aconselhamentos dietéticos.

Segundo um depoimento do dr. Morell, Hitler tomava 28 medicamentos diferentes, alguns diariamente, outros apenas quando a necessidade surgia, incluindo enemas de camomila, que, segundo Morell, Hitler ministrava sozinho.[16] (Esse é o único indício a corroborar os rumores de que o líder dos nazistas tinha obsessão anal/sexual e dificilmente é conclusivo. É bem mais provável que preferisse injetar o enema sozinho, em vez de expor seus genitais malformados, até mesmo para o médico pessoal.) Contudo, Morell não estabelecia uma relação entre a “urina marrom” de que Hitler se queixava com o possível diagnóstico de cálculo biliar, que também teria se encaixado em outros sintomas; tampouco identificava o tremor no braço e na perna esquerdos de Hitler como sendo — com toda probabilidade — o início do mal de Parkinson. Seus diagnósticos eram em grande parte conjecturas e a medicação prescrita era bizarra.[17] Mas uma vez que Hitler encasquetava com alguma coisa — uma pessoa, um lugar, uma rotina — não havia o que o demovesse.

Hitler ficou no Berghof por três semanas entre junho e julho e quase por todo o mês de agosto de 1937, o que deixou Eva muito feliz, ainda que passasse grande parte do tempo executando tarefas oficiais, e não com ela. Speer contou a um dos responsáveis por seu interrogatório, em agosto de 1945:

Sempre que [Hitler] tinha de tomar grandes decisões, ia a Obersalzberg. Ali sua vida era completamente privada. *Fräulein Braun*, que mais ou menos nos últimos dois anos nunca apareceu em Berlim, fazia-lhe companhia; e o círculo de amizades também era totalmente apolítico [...]. As caminhadas nas vizinhanças de Obersalzberg incluíam visitas a pequenas tavernas, que lhe proporcionavam, assim dizia, a tranquilidade e segurança interiores de que precisava para suas decisões de destruição do mundo. A ocupação geral tendia mais para coisas artísticas, como arquitetura e filmes diversos. Diante de seu extraordinário ritmo de dois filmes diários, muitos tinham de ser exibidos duas ou três vezes.^[18]

Eva tinha tanta clareza sobre o que ele fazia fechado por horas com os figurões nazistas ou militares quanto uma criança pequena que acena para o pai toda manhã quando este sai para trabalhar.

A rotina diária regular de Hitler no Berghof dificilmente mudava. Para aqueles que eram forçados a segui-la por sua causa devia ser algo insuportável de tão repetitivo e maçante. As manhãs eram inúteis e silenciosas, pois nada podia acontecer enquanto Hitler não acordasse, em geral perto do meio-dia (com exceção de Bormann, que já estaria dando duro em seu escritório desde as sete da manhã, planejando e preparando o cronograma de Hitler, selecionando e censurando seus papéis e decidindo que visitas deveria receber). Após esse horário, quando Hitler estava de pé, o vaivém começava, com gente andando para todos os lados e o telefone tocando sem parar. É espantoso como o *Führer* era capaz de fazer planos colossais que afetavam a vida (e a morte) de milhões de pessoas em poucas horas de trabalho diário, sem a ajuda da moderna parafernália de e-mails, máquinas de fax e grandes equipes de ajudantes (o escritório de Hitler, comparativamente, era dirigido por poucas pessoas), mas o motivo era simples: ele era indolente, e, por ser indolente, deixava que os companheiros tomassem a iniciativa, contanto que confiasse que seguiriam suas diretrizes mais gerais, muitas vezes não enunciadas. Preferia que seus homens lessem sua mente e agissem de acordo com a própria interpretação, após o que figuras ainda menores poriam as ordens em execução. Essa indolência (que combinava estranhamente com sua energia vocal maníaca) era a fonte do poder de Martin Bormann. Ele compreendia que Hitler queria ser incomodado o mínimo possível, e chamava para si a responsabilidade de interpretar e filtrar os desejos de Hitler, bem como suas visitas. Ninguém obtinha acesso sem o consentimento de Bormann e muitos eram despachados, desse modo diminuindo consideravelmente o trabalho diário de Hitler.

O almoço podia ser às duas ou até três horas, e o sinal era a chegada do *Führer* junto com Eva, depois do que os hóspedes eram formalmente chamados:

A refeição é anunciada por Heinz Linge a Eva Braun com as palavras “*Gnädiges Fräulein, o Führer conduzirá todos vocês ao almoço*”. Hitler, que já sabia de antemão quem deveria escotar à mesa, oferecia o braço; Eva Braun tomava o de Bormann —

esse *arranjo* nunca mudava — , seguidos dos demais casais, que caminhavam pelo longo corredor, viravam e entravam na sala de jantar. Hitler assumia seu lugar na ponta da longa mesa, oposto à janela; à sua esquerda sentava-se Eva Braun e depois Bormann. Diante deles acomodava-se o convidado de honra, ou o convidado de status mais elevado e sua esposa. O almoço geralmente durava uma hora, e então o *Führer* saía para sua caminhada da tarde.[19]

A comida, sobretudo quando havia convidados importantes presentes (e nesse caso Eva não teria sido incluída, é claro), preparada com gêneros frescos providos da horta do Berghof ou da fazenda-modelo, era lindamente servida e acompanhada de vinhos alemães finos. A refeição terminava lá pelas três da tarde, às vezes um pouco mais, e depois ele e Eva podiam se retirar discretamente para seus aposentos para “uma soneca da tarde”; ou ele conduzia um grupo de amigos e alguns oficiais, saindo de seu gabinete privado e passeando pelas bem-cuidadas alamedas de cascalho discretamente vigiadas pelos seguranças do Berghof, descendo através do bosque de pinheiros até a Teehaus (casa de chá) para um café ou, após as quatro, o chá da tarde. Hitler chamava essa caminhada de vinte minutos de “exercitar os cachorros” e na maioria dos dias era o único momento em que punha o pé para fora da porta.

A Teehaus fora construída numa elevação chamada Mooslahnerkopf, no alto de um pequeno platô rochoso, um mirante natural. Quando o tempo estava bom, Hitler e Blondi sentavam-se num banco apreciando a paisagem. Quando a companhia era particular, Eva podia sentar perto ou tirar fotografias informais junto com ele. Bem ao longe, lá embaixo, o rio Ach seguia seu curso tortuoso, casas de madeira se esparramavam como caixas de fósforos ao longo das margens e, diante deles, assomavam os penhascos das Wachensberg.

A Teehaus era pavorosa por fora e pretensiosa por dentro. A enorme sala circular tinha paredes de mármore com detalhes de ouro. Janelas imensas ocupavam metade de uma parede. Uma mesa baixa e comprida quase ocupava todo o espaço e, em torno dela, havia uma série de poltronas despropositadamente grandes, ainda maiores e mais fundas para o *Führer*. Ele se sentava com Eva Braun à esquerda e os convidados principais do outro lado, à medida que a Teehaus se enchia do aroma de café fresco. Hitler bebia chá de maçã ou de alcaravia e insistia com os demais que provassem a *Apfeltorte* recém-saída do forno e outros quitutes.[20] Passavam uma hora ou duas bebericando, mordiscando e papeando sobre coisa nenhuma. Hitler aos poucos pegava no sono em sua cadeira e então todo mundo em torno dele tinha de seguir conversando em sussurros. Quando acordava, fingindo (como dorminhocos vespertinos sempre fazem) que não cochilava, mas pensava com os olhos fechados, subia a colina de volta ao Berghof em seu Mercedes blindado ou em seu Volkswagen preto conversível especialmente projetado para ele. Eva preferia ir sozinha junto com os cães, uma vez que, se acompanhasse o grupo pelas trilhas de cascalho, seria relegada a um lugar bem no fundo, como uma secretária menor ou uma telefonista, a despeito do fato de que uma ou duas horas antes talvez estivesse

fazendo amor com Hitler. Causa espanto o fato de que a maioria das pessoas fora de seu círculo imediato continuou a engolir essa farsa e até o final da guerra pouquíssima gente nos escalões mais baixos do partido presentes ao Berghof fizesse alguma ideia de quem realmente era.

O jantar — que podia ser servido à meia-noite ou até mais tarde, dependendo da duração da reunião vespertina de Hitler — era bem parecido com o almoço; geralmente, um prato frio de carne com salada, carne assada com batatas ou ovos, macarrão com molho de tomate e queijo. Influenciado talvez pela dieta Gayelord Hauser,^[21] muito prestigiada nos anos 30, ele apreciava suco de frutas com vegetais recém-collidos de uma das estufas que produziam o ano todo em Obersalzberg. Hitler comia muito, e rápido, e mesmo com sua dieta espartana estava ganhando peso. (Por mais frugais que fossem suas refeições, entre uma e outra continuava a devorar bolos cremosos.) Após o jantar, podia haver uma sessão de cinema, com filmes pré-selecionados por Hitler e Eva a partir de uma lista de novos lançamentos da Alemanha, Estados Unidos e Grã-Bretanha. (A censura de filmes era ignorada.)

O trabalho de Eva era persuadir o *Führer* a tirar uma folga e cuidar para que tivesse momentos de relaxamento e diversão em sua companhia favorita, entre conversas e risadas. Em noites inteiramente informais, quando estava de bom humor, gostava de ter seus bobos da corte em volta, sobretudo Heinrich Hoffmann e Max Amann (que fora sargento de companhia e mais tarde se tornou seu banqueiro pessoal), amigos de longa data, com licença para tudo.

“Gosto muito de Hoffmann”, disse Hitler numa ocasião. “Quando Hoffmann fica longe por alguns dias, sinto sua falta.”

Um dos hóspedes puxa-sacos exclamou: “Oh, *mein Führer*, se o professor Hoffmann soubesse ficaria muito feliz!”, ao que Hitler replicou: “Mas ele sabe disso perfeitamente. É um homem que sempre se diverte às minhas custas. É um humorista ‘de expressão impassível’ e não perde a oportunidade de achar uma vítima. Três pessoas que, quando estão juntas, nunca param de dar risada, são Hoffmann, Amann e Goebbels”.^[22]

É surpreendente encontrar Goebbels incluído entre os humoristas favoritos do *Führer*.

Hitler adorava contar um episódio que se passou com Hoffmann nos anos 20:

Hoffmann tinha comprado um carro novo, um Ford, e insistia comigo que experimentasse o carro junto com ele. Eu disse: “Não, Hoffmann, não vou andar de carro a seu lado”.

Mas ele continuou a me atormentar, então finalmente cedi e lá fomos nós pela Schellingstrasse. Já era quase noite, e também havia chovido, e Hoffmann dobrava as esquinas a toda como um idiota, quase entrou num prédio, ignorava os cruzamentos.

“Hoffmann”, eu disse, “olhe o que está fazendo, você dirige como um louco! É muito perigoso.”

“Não, não, *mein Führer*, parece que é assim porque não tomou nada. Se virar um ou dois copos de vinho para dentro, como eu, não vai nem notar.”

Ao ouvir isso eu desci e nunca mais entrei num carro com ele outra vez.

Hitler não sabia nada das orgias do “professor” Hoffmann em Viena e Munique ou quão revoltante as outras pessoas o achavam. Eva Braun era a única que ousava criticar qualquer amigo seu dos velhos dias. Ela disse:

“O comportamento de Hoffmann é uma vergonha; você deveria fazer alguma coisa a respeito. Ele está sempre bêbado e dá grandes banquetes quando as pessoas não têm o suficiente para comer.”

Hitler defendia o velho amigo, dizendo: “Hoffmann era um sujeito folgazão no passado, quando ainda era magro e flexível e trabalhava incansavelmente com sua velha câmera desajeitada. É um companheiro absolutamente leal”.[\[23\]](#)

Mesmo assim, resolveu chamar a atenção de Hoffmann. Mas a melhora não durou muito e as gargantuescas comilanças, bebedeiras e orgias de Hoffmann logo começaram.

Albert Speer achava o tédio sufocante e a previsibilidade de sua rotina opressivos e, contudo, devido ao carisma de Hitler, inevitáveis:

Ele gostava de ter seus amigos próximos em torno no almoço, nas caminhadas, na hora do chá, nas ceias, tarde da noite, nas sessões de cinema e em longas conversas ao pé do fogo — que seguiam madrugada adentro, até as duas ou mesmo mais tarde. [...] Ainda que esses serões noturnos fossem cansativos e, à medida que o tempo passava, cada vez mais chatos, éramos jovens e vigorosos e tínhamos plena consciência da honra de ser um dos eleitos.[\[24\]](#)

Ninguém tinha permissão de se retirar ou de sair para outro lugar para uma conversa mais informal, jogar baralho ou dançar. Nem mesmo as esposas perpetuamente grávidas podiam ir para a cama antes que ele o fizesse. Hitler imaginava que os membros de seu círculo íntimo eram amigos, mas não havia liberdade para uma discussão ou gracejos. A única forma de argumentação permitida por Hitler era o monólogo... *seu* monólogo. Talvez fosse um grande orador, mas suas ideias eram banais e sua conversa era um porre. Na vida privada, seu carisma o abandonava e, longe de deixar os hóspedes cativados, normalmente levava-os às lágrimas de tanto tédio, sobretudo os *habitués*, que haviam escutado a mesma lengalenga dúzias de vezes antes. A secretária, Christa Schröder, disse:

Eu me pergunto até hoje por que sacrificava desse modo o repouso noturno a fim de expor suas teorias para um público que em grande parte preferia estar na cama. Eva Braun, às vezes presente, não se dava ao trabalho de disfarçar seu tédio. Ocasionalmente lançava um olhar de reprovação para Hitler ou perguntava a hora em voz alta. Então Hitler encerrava o monólogo, pedia licença e o grupo se dissolvia.

No mais, não restava outro remédio senão escutar; bancar o público interessado concedia-lhes o privilégio de ouvir suas perorações sobre arte, religiões mundiais e história clássica. Nesse último assunto, ei-lo aqui, *ipsis litteris*, abrindo a torneirinha sobre a queda do mundo antigo. “A classe dominante”, entoava:

tornara-se rica e urbanizada. A partir disso, buscou inspiração no desejo de assegurar a seus herdeiros uma vida livre de preocupações [...]. O poder de cada família dependia em alguma medida do número de escravos que possuía. Disso adveio o crescimento da plebe, que foi levada a se multiplicar, diante de uma classe aristocrática que encolhia [...]. Os patrícios romanos viram-se submersos na massa resultante. É o declínio na taxa de natalidade que jaz na raiz de tudo.^[25]

— e muito mais nessa linha. Só por curiosidade, mandei essa amostra a um amigo estudioso do período clássico. Sua resposta, sem meias palavras, foi: “A explicação de Hitler é pura abobrinha, mas o tipo de comentário perfeito que uma pessoa como ele provavelmente acreditava ser verdade”.^[26] Hugh Trevor Roper, depois de estudar dois anos os monólogos de Hitler, concluiu:

Grande parte deles reflete o caráter rústico, crédulo, dogmático, histérico e trivial da mente de Hitler [...]. Mas espelha seu gênio horroroso [...]. Hitler nunca refletia sobre Deus, a mente humana e o *summum bonum*. Palavra alguma sua jamais era pronunciada concernente ao espírito humano. Ele não conhecia o significado de humanidade. Desprezava a fraqueza e a compaixão e tinha ódio da força moral.^[27]

No fim, Hitler acabava cansando ou Eva o convencia a subir e, assim que ia embora (outra secretária relatou):

a sala de estar se enchia com o cheiro de tabaco e não havia mais cansaço à vista. A atmosfera era de alegria e bom humor — que Hitler teria apreciado muito, se estivesse presente. O café forte que havíamos bebido a noite toda para conseguir nos manter acordados não deixaria que fôssemos imediatamente para a cama, mas pouco a pouco hóspedes e amigos se retiravam, até que finalmente o Berghof mergulhava num sono profundo.

1938-9 – OS ÚLTIMOS VERÕES DE PAZ

NO DIA 29 DE ABRIL de 1938, um grupo de cerca de oito pessoas, incluindo Gret Braun e a mãe de Eva, Fanny, além das esposas dos dois médicos, Anni Brandt e Hanni Morell, embarcou num dos aviões particulares do *Führer* (ele tinha três) para os lagos do norte da Itália, para mais umas férias de compras, turismo e banhos de sol. Eva propriamente dita partira do Berghof uma semana antes, no dia 3 de maio, viajando no trem especial de Hitler a caminho de uma visita oficial àquele país. Não era uma concessão tão grande quanto parece: com ele, seguia junto uma comitiva de quase quinhentos diplomatas, militares, dirigentes do partido e jornalistas, entre os quais Eva passaria sem ser notada. A chegada a Roma ocorreu no dia 3 de maio, quando o líder alemão, *der Führer*, se encontrou com o líder italiano, *il Duce* — Mussolini — , para coordenar os detalhes de planejamento para uma Europa nazifascista. Muito menos importante, como formalidade iria fazer uma visita de cortesia ao rei italiano, agora só um enfeite.

A visita oficial teve início com um esplêndido banquete no Quirinale, sede da Casa de Savoia. Hitler trocou saudações ocas com o rei Victor Emmanuel III e a família real, que retribuíram friamente. Hitler e seu *entourage* imediato (Eva não) passaram a noite no Quirinale; Eva e seu grupo ficaram hospedados incognitamente no Hotel Continentale. Ela foi recebida em audiência pelo papa e, como boa católica, ficou impressionada e comovida. Quando Mussolini finalmente percebeu de quem se tratava, presenteou-a com uma caríssima bolsa de crocodilo contendo todo tipo de acessórios e artigos femininos italianos, coisa que deve tê-la deixado muito feliz — tanto por si mesma como pelo reconhecimento tácito de seu papel na vida de Hitler.[1] Ela e o *Führer* davam um jeito de se encontrar ocasionalmente, de modo breve e secreto, e seu itinerário revela que visitaram os mesmos lugares — Roma, Florença e Nápoles — ao mesmo tempo. Ao que parece, ninguém adivinhava que fosse algo mais que uma turista anônima filmando as paradas e toda aquela pompa e circunstância. No dia 5 de maio, em Nápoles, ela foi ameaçada por um agressor com uma faca, que provavelmente não fazia ideia alguma de sua identidade.[2] Ela saiu ilesa e foi assistir a um desfile da marinha e a uma pomposa apresentação comemorativa da *Aida*, de Verdi, à noite, embora não no camarote real, com Hitler. Eva foi descrita pelos italianos como “*la bella bionda*” — a bela loira — , o que a deixou muito feliz. O *Führer* e sua turma não permaneceram muito tempo na Itália. Ele foi embora de Roma no dia 9 de maio, cinco dias depois, após firmar um acordo com Mussolini de não intervir em qualquer ação contra a Tchecoslováquia, regressando ao Berghof no dia 10.

Eva e seu grupo continuaram na Itália. Ela deambulou de salto alto pelas antigas praças pavimentadas de pedra, galgou os degraus da Ponte Vecchio em Florença com sua mãe, ambas vestidas no máximo do *Bavarian chic* — paletó cinza de feltro e chapéu tirolês com penacho. Eva, a Imelda Marcos do Terceiro Reich, encomendou ainda mais sapatos sob medida com seu sapateiro favorito, embora já tivesse dúzias, senão quase uma centena, de pares.

Salvatore Ferragamo escreveu em sua autobiografia[3] que “a rainha Soraia, da Pérsia, Mae West, Pavlova e Eva Braun calçam todas tamanho 6b”. (Isso corresponde mais ou menos ao tamanho 36½ ou 37, as medidas do fabricante Ferragamo sendo exclusivas.) E prossegue:

Eva Braun só usava calçados Ferragamo, de todos os tipos e estilos. Tinha pés bons, normais, e qualquer coisa lhe caía bem. A primeira vez que veio ao meu salão foi antes da guerra, acompanhada dos onipresentes guardas nazistas, que andavam pela sala como um bando de gansos fazendo *Heil Hitler!* a cada oportunidade. [Isso talvez tenha sido inventado, dada a insistência de Hitler em seu anonimato.] Eu não sabia nada acerca de sua vida íntima nessa época; para mim, não passava de uma atriz alemã, mais uma cliente. Não foi senão anos mais tarde que compreendi plenamente a verdadeira ligação entre os pedidos vindos do alto comando alemão para fazer seus sapatos e sua presença em meu salão.

As turistas inveteradas seguiram para Pompeia, onde Eva filmou as ruínas, estátuas e afrescos. Escalaram o monte Vesúvio, espiaram a cratera do vulcão e filmaram a si mesmas fazendo isso. Em Capri, hospedaram-se no Hotel Belvedere, em Ravenna filmaram mais coisas, e depois em Veneza: a Ponte dos Suspiros, dessa vez. Eva filmava com voracidade: cafés, xícaras de café, poças, pedras, botes, chapéus de sol, crianças pedintes — tudo. “Agora você vai ver a *verdadeira* Itália!”, dizia Hitler aos hóspedes, sentando-se para assistir aos filmes amadores de Eva no cinema particular de Obersalzberg. Para Eva, aqueles filmes significavam mais do que apenas “Vejam minhas férias”. Eram um símbolo de sua ambição de um dia trabalhar no mundo do cinema... se não como atriz, então talvez como diretora. A esperança, bem como suas ilusões, a sustentava.

Quando Eva e seu grupo regressaram ao Berghof, duas semanas depois, alguém filmou Hitler dando-lhes as boas-vindas. Não podia ser Eva, já que o vemos apertando sua mão, impassível. Ela usa um casaco novo de pele de *mink*, pouco abaixo da linha da cintura, e Gretl, uma opulenta jaqueta de pele. Depois que ele volta para dentro, as mulheres sentam-se na balaustrada para exibir seus novos sapatos italianos feitos à mão, mexendo faceiramente os tornozelos. Aquilo eram objetos de luxo que jamais poderiam ter adquirido por si mesmas. A generosidade de Hitler amaciava a consciência de qualquer um.

Ele foi generoso com todos que o cercavam. Seu testamento, redigido em 2 de maio

de 1938, reconhecia a posição primordial de Eva em sua vida. De modo significativo, ela era a primeira pessoa nomeada na lista de legatários pessoais — “a) para *Fräulein* Eva Braun, de Munique, a quantia de mil marcos por mês, isto é, 12 mil marcos por ano, pelo resto da vida”.^[4] Não é tanto a quantia (que era razoável, embora não tão pródiga assim), mas seu lugar no topo da lista, que conta. Ele deixou a mesma coisa para as irmãs Angela (agora morando em Dresden) e Paula (ainda em Viena), e para o meio-irmão mais velho, Alois Hitler, a gorda soma de 60 mil marcos. O legado pessoal para os empregados é interessante pela escolha das pessoas para quem deixaria dinheiro. Sua governanta em Munique, Anna Winter, foi agraciada com 150 marcos por mês pelo resto da vida. Seu “velho amigo, Julius Schaub” — por muitos anos seu assistente pessoal — ficou com a boa soma de 10 mil marcos, além de mais quinhentos marcos por mês pelo resto da vida. Karl Krause, seu criado na época, recebeu uma pensão mensal vitalícia de cem marcos. Não há menção aos velhos parceiros que viam a si mesmos como amigos especiais — homens como Hoffmann ou Amann —, muito menos manipuladores como Bormann ou Himmler, considerados perfeitamente capazes de cuidar de si mesmos. O mais eloquente de tudo é que como último pedido Hitler deixou “o conteúdo do quarto de meu apartamento em Munique, outrora ocupado por minha sobrinha Geli Raubal, a ser entregue para minha irmã Angela (sua mãe)”. O aposento trazia recordações angustiantes para ele e não ia deixar que seus pertences fossem dispersos ao acaso. É pouco provável que Eva tenha visto o testamento, mas se ela houvesse sobrevivido a ele, a referência a Geli teria doído fundo, como Hitler devia saber. Ela podia ter sido a primeira da lista, mas o pensamento final dele fora reservado para Geli.

Contudo, à medida que o tempo passava, Eva tornava-se cada vez mais necessária para ele. Um indício disso era que se preocupava um bocadinho com ela, resmungando o tempo todo para que dirigisse devagar e esquiase com cuidado, o que ia contra a natureza ousada e a paixão pelo exercício vigoroso da jovem. “Quando ela saía para esquiar e não voltava antes do escurecer, ele ficava muito nervoso”, lembrava Speer em suas memórias. Ao que parece, a despeito de si mesmo, Hitler se tornara profundamente envolvido com a “garota em Munique”, a quem tanto desprezara: envolvido social, sexual e até emocionalmente. Isso talvez fosse uma surpresa para um homem que aspirava a ser uma figura remota, intocável, semidivina, distanciado dos afagos de uma única mulher de modo a receber a adulação de todas.

Três anos após a chegada de Eva ao Berghof, a rotina e os *habitués* do lugar estavam bem estabelecidos. Uma fotografia formal tirada no Ano Novo de 1938-9 mostra uma pose de grupo das pessoas mais próximas a Hitler, aqueles em quem confiava, com quem podia relaxar. Estão todos vestidos com elegância; porém, a despeito dos trajes de noite, ou talvez justamente por isso, sorriem com desconforto, não parecem nem um pouco animados com a ocasião. Hitler, no centro, é o mais carrancudo de todos. Haja vista a preocupação com a hierarquia e a precedência com que — por exemplo — as fotografias escolares são tiradas, é quase certo que a *disposição* nessa foto de Ano Novo

seja significativa. O grupo incluía, na primeira fila: Heinrich Hoffmann, Gretl Braun, dr. Theo Morell, Ilse Braun, Phillip Bouhler,^[5] Gerda Bormann, Hitler; Eva Braun, Martin Bormann, Anni Brandt. Na fileira de trás, Christa Schröder, Gerda Daranowski, Albert e Margret Speer, Hanni Morell e diversos desconhecidos; e na última fileira Max Wünsche, alguém que pode ser Albert Bormann, irmão do mais notório Hermann, Jacob Werlin (diretor-gerente da Daimler-Benz), *Frau Esser* (esposa de Hermann Esser, amigo dos velhos dias em Munique), *Herr Theissen*, general Rudolf Schmundt (ajudante da Wehrmacht de Hitler), Marion Schönmann (amiga de Eva e esposa de Theissen), dr. Karl Brandt e Christian Weber (*Kreisleiter*, ou líder do grupo de Munique).

Várias coisas se podem deduzir desse posicionamento. O fato de o dr. Morell aparecer em primeiro plano e o dr. Brandt bem ao fundo é mais uma evidência de que Hitler preferia seu charlatão a um médico qualificado e totalmente profissional. Mostra que os dois principais nazistas de quem ele se sentia mais próximo eram Bormann e Speer. (Onde estava Göring? Deve ter ficado furioso com sua omissão da festa de Ano Novo do *Führer*.) Prova que as secretárias de fato eram parte da família. Tanto a adorável Gerda Daranowski como Christa Schröder, decana de seu escritório particular, aparecem, embora certamente preferissem ter ficado em casa com suas famílias de verdade. Quatro das mulheres mais próximas de Eva estão presentes, as duas irmãs em posição de destaque, na primeira fileira. (Era algo muito incomum encontrar Ilse no Berghof.) Seus pais não estão na foto, talvez porque tivesse passado o Natal em casa, em Munique, com eles: outro indicativo do afrouxamento das tensões familiares. Marion Schönmann, agora *Frau Theissen*, estava lá, mas não Herta Schneider, talvez porque tivesse um bebê de oito meses em casa. Outra amiga, Sophie — conhecida como “Charly” — Stork, dá um sorriso radiante em meio aos rostos fechados da fileira de trás. À frente de todos, *Eva* tem a precedência, postada firmemente ao lado de Hitler. Dadas as manobras pela posição que havia ali, não era um feito sem importância. Sua ocupação do “Berg”, depois de apenas dois anos, estava concluída.

O ano de 1938 foi quando o firme avanço dos nazistas rumo à dominação da Europa tornou-se uma ameaça indubitável. Os planos de Hitler amadureciam e aos preparativos para a anexação da Áustria seguiu-se, cinco meses depois, a ocupação da Tchecoslováquia. Marchar, marchar. No dia 12 de fevereiro, Schuschnigg, líder austríaco, visitou Hitler em Berchtesgaden e foi forçado a aceitar, entre outras concessões, a nomeação estrangeira de seu governo. Não fazia diferença... em 11 de março, Schuschnigg foi forçado a renunciar, de um jeito ou de outro. Marchar, marchar, marchar. Em 13 de março de 1938, a *Anschluss* (anexação) da Áustria foi anunciada. Hitler desembarcou em Viena no dia 14, e foi saudado com histeria e júbilo pela imensa multidão. Eva estava lá para testemunhar seu triunfo. Passaram a noite juntos no Hotel Imperial (não no mesmo quarto, embora tenha ficado logo em frente, no mesmo corredor), acompanhados pela mãe dela e Herta, e sua presença foi de algum

modo mantida em segredo de todo mundo, incluindo os conselheiros dele. Mesmo assim, o mero fato de que a quisesse ali com ele nesse momento significativo era um reconhecimento eloquente de seu status.

Em meados de setembro desse ano, Neville Chamberlain fez uma tentativa de negociar com o *Führer*. Encontraram-se em Munique e posaram para fotos na sala de visitas do apartamento de Hitler na Prinzregentenplatz, Chamberlain sentado num comprido sofá forrado de veludo vermelho. Quando Eva viu as fotos, comentou maliciosamente com um amigo: “Se ao menos Chamberlain soubesse a história deste sofá...”. Estaria dizendo que perdera a virgindade nele?

Os dois homens de Estado tiveram inúmeras reuniões e o crédulo primeiro-ministro britânico sentiu-se tranquilizado quando Hitler declarou que “o problema tcheco foi a última exigência territorial que tivemos de fazer na Europa”. A despeito da afirmação inequívoca do *Führer* de que nada o deteria enquanto os alemães dos Sudetos não fizessem parte da Alemanha maior, Chamberlain participou de um último encontro em 29 de setembro de 1938 e voltou triunfante, certo de que havia assegurado a paz. Ele citou Shakespeare. “Destas urtigas, o perigo, colhemos esta flor, a segurança.” Hitler havia assinado o famoso pedaço de papel (anotando ao lado, para Ribbentrop, “Ach, não leve isto muito a sério. Este pedaço de papel não tem o menor significado”).[6] O *The Guardian* cobriu a cena na Downing Street no sábado, 1º de outubro de 1938: “Mr. Chamberlain apareceu numa janela do primeiro andar e se debruçou feliz, sorrindo para o povo.

“ ‘Meus bons amigos’, ele disse — levou algum tempo para silenciar o clamor, de modo que pudesse ser ouvido — ‘esta é a segunda vez em nossa história que a Alemanha nos retribui ‘paz com honra’. Acredito que seja paz para nossa época’. Mais ou menos, embora a conferência de Munique provavelmente tenha postergado a guerra em um ano. Mais tempo para se rearmar, treinar, manobrar, tornar os jovens da Hitler Jugend em soldados soberbos. *Links, links, links, links!*

Os planos lançados por Hitler amadureciam um fruto terrível. No inverno de 1938, ele estava em Praga. Uma foto do álbum de Eva, provavelmente tirada por ela e com sua caligrafia, dizendo “*Der Führer in Prag Winter 38*”, mostra-o observando a cidade através de uma janela. A marcha adiante continuava... o Partido Nazista, como uma nuvem de gafanhotos, escurecia a Alemanha. As temíveis atrocidades do Holocausto e dos Eventos Negros estavam prestes a começar para valer.[7]

O Natal de 1938 não foi passado com Hitler no Berghof: ele o comemorou com um bando de seus colegas prediletos, os antigos trabalhadores do partido, na Löwenbräukeller, em Munique. Pela primeira vez, Eva recebia os pais e as irmãs em sua própria casa, o sobradinho na Wasserburgerstrasse. Era uma espécie de vitória. Mas ainda que soubesse que Hitler estava em seu apartamento ali perto, convidá-lo para se unir a eles para seu primeiro Natal em família autêntico desde a infância teria sido um passo ousado demais para Fritz Braun.

No verão de 1939, Eva fugia da crescente tensão internacional e das infindáveis reuniões de Hitler com seus generais da Wehrmacht indo para Portofino, a linda cidadezinha portuária na costa noroeste italiana, perto de Gênova. O mar cintilante e o clima dourado proporcionavam um glorioso contraste com as pressões da vida no Berg e havia inúmeros bons hotéis, restaurantes, cafés e piscinas. As usuais fotos de férias de seus álbuns mostram as usuais imagens — Fanny, Herta e Gretl divertindo-se em botes a remo, pulando de pedras, sendo importunadas por garotos esqueléticos atrás de esmolas. (Parece estranho que Herta estivesse disposta a ficar longe de suas crianças quando sua segunda filha, Brigitte, tinha apenas cinco meses de idade. Um convite de Eva sem dúvida era uma ordem.) Em meados de agosto, tendo aceitado um convite oficial para o Festival de Cinema de 1939, Eva foi para Veneza — apenas para receber ordens expressas de voltar imediatamente. Com quase toda certeza sua compreensão dos eventos era mínima, mas decerto sabia que uma tempestade se aproximava, negra e pesada. E sem dúvida não sonhou quão rapidamente iria desabar sobre sua cabeça, e as de milhões de europeus infelizes e indefesos.

Parte 5

OS ANOS DA GUERRA

1939 – A GUERRA SE APROXIMA

EMBORA NÃO PUDESSE saber disso na época, os melhores e mais felizes anos de Eva com Hitler foram 1938, 1939 e os primeiros meses de 1940. Ele passava a maior parte de seu tempo no Berghof, onde ela era agora plenamente aceita como amante, até mesmo pelos mais críticos companheiros e amigos dele. O ciúme e a insegurança haviam se aplacado e ela não mais se torturava com o medo de que outra mulher pudesse atraí-lo e afastá-lo. Unity Mitford parecia ter sido despachada, embora continuasse a perambular por Berlim com seu ar tonto e apaixonado. O *Führer* apreciava a companhia de belas atrizes e ocasionalmente convidava alguma delas para um chá na Chancelaria do Reich, onde talvez arriscasse um leve afago, mas esses encontros continuavam curtos e platônicos. Eva se resignara ao papel que Magda Goebbels desempenhava na vida dele, admitindo ela mesma que nunca poderia ostentar aquela pose glacial, sofisticação mundana e cultura sólida. Também sabia que, embora o *Führer* pudesse precisar de uma consorte em ocasiões formais, a fim de impressionar os convidados, qualidades intelectuais não eram o que procurava na cama. Quando estavam juntos, era uma jovem alegre, dona de um corpo firme e sensual, que sabia ser seu primeiro dever proporcionar prazer a *ele*. Segundo uma teoria de Alois: “Hitler talvez tratasse Eva como um pequeno presente dado a ele pelo destino, um apêndice particular menor a sua turbulenta vida política”.^[1] Ao longo dos últimos seis anos, aprendera a entrete-lo e a cuidar do parceiro do jeito que lhe agradava — brincando com ele e os cães, importunando-o por sua dieta, encorajando-o a sair para caminhadas, cuidando para que suas amigas de Munique o mantivessem em contato com a cidade agitada que o projetara. Às vezes, ele resmungava que não podia mais se locomover como um cidadão comum: “Se ao menos você soubesse como eu gostaria de poder passear sozinho pelas ruas sem ser reconhecido! Gostaria de poder entrar nas lojas de departamento e comprar eu mesmo meus presentes de Natal, ou sentar num café e observar as pessoas. Mas não posso”.^[2] Eva o consolava, dizendo que isso era devido ao povo alemão, que o amava tanto.

A essa altura, a longa intimidade e a confiança do *Führer* em seu amor e perfeita discrição levaram não à igualdade, isso nunca seria possível, mas a uma profunda harmonia entre eles. Winbauer escreve (outra vez, de ouvir dizer; ele jamais visitou o Berghof, mas esteve sempre próximo de sua prima Fanny):

Hitler a respeitava e valorizava sua amizade, não só porque necessitava de seu apoio em meio ao tumulto e ao crescente absurdo e irracionalidade de sua vida política, mas também porque chegara de fato a amá-la: a garota viçosa e imaculada tornara-se

uma figura gratificante em sua vida deturpada. Por mais surpreendente que pareça, havia um bocado de provocações e gracejos entre os dois quando Hitler ia ao Obersalzberg, mas nunca uma desavença séria.[3]

Eva nunca se queixava com Hitler de se sentir deprimida ou solitária. Apenas se abria com sua mãe, certa vez: “Ele tem preocupações tão importantes; como eu poderia importuná-lo com minhas coisas sem importância?”. Sua atitude era tola e despreocupada porque era o melhor modo de aliviar a pressão sobre ele: provocando-o, deixando que aflorasse o lado sentimental dele, rindo de suas piadas e escutando as velhas histórias — a essa altura, quase pura ficção — de sua infância e juventude: como fora solitário, como fora mal compreendido e, contudo, como era culto e lido na época em que formulava suas brilhantes teorias sobre como o mundo funcionava e sobre as grandes ideias que de fato importavam. O verdadeiro relacionamento dos dois sempre será um mistério, mas, no cerne dele, talvez esteja isto: somente com Eva ele podia descer de seu pedestal e se permitir ser dependente, infantil, ligado. Que importava se o venenoso círculo íntimo se referia a ela como “*die blöde Kuh*”, a vaca estúpida? O *Führer* tinha gente suficiente em volta de si conspirando para remodelar o mundo e seu futuro. Era precisamente a aparente “estupidez” dela que o atraía. Albert Speer entendia que o exigente trabalho de Eva — que enorme exigência, passar despercebida de todo mundo — era facultar o relaxamento de que todo ditador às vezes precisa.[4] “Era mesmo uma garota muito agradável, jovem, tímida e recatada. Gostei dela na mesma hora e depois nos tornamos bons amigos. Ela precisava de um amigo”. [5] Precisava mesmo.

Não é meu propósito suavizar a imagem de Hitler, muito menos encontrar características amáveis ou que levem a redimir sua imagem. Se elas existiram, compunham apenas uma pequena fração do homem — mas essa era a parte que Eva enxergava. Não tenho dúvida de que ele tivesse consciência dos eventos sangrentos que estava prestes a desencadear. Eles residem bem no centro de sua política e se originavam de sua natureza depravada e sua ideologia semi-digerida, semi-científica, semi-mística, inteiramente maligna. Ele deu início a tudo que ocorreu durante os doze anos breves mas insuportavelmente longos de sua liderança, quando conduziu a cegueira do povo alemão ao caos moral. Mas mulheres crédulas conseguem amar assassinos, torturadores, espancadores e estupradores — e *também* fundamentalistas religiosos e políticos corruptos —, e Eva amava Hitler. Em tempos normais, teria sido apenas uma jovem bondosa, generosa, atenciosa e leal. O fato de que compartilhasse da cama de Hitler não implica dizer que estivesse bem informada acerca da realidade infernal perpetrada em nome do *Führer* e do Terceiro Reich. Isso não significa um elogio ou condenação, mas é a constatação de um fato. Os fatos ligados aos Eventos Negros também devem ser constatados, por mais brevemente que o façamos, a fim de contrapor a intolerável escala de sua perversidade e a aconchegante domesticidade do Berghof.

As opiniões antissemitas de Hitler já estavam firmemente arraigadas em 1920 e possivelmente até antes, durante o período em Viena. Sentado à mesa na impassível sala de jantar do Berghof, ele as reiterava para a iluminação de seus Rottweilers. (Nenhuma mulher se achava presente nessas ocasiões, Eva *com certeza* não, ou ele jamais teria sido tão explícito.) “Eu me sinto como um Robert Koch[6] da política. Ele descobriu o bacilo e assim conduziu a ciência médica por novos caminhos. Eu descobri que os judeus são os bacilos e os agentes fermentadores de toda decomposição social.” Josef Goebbels tinha opinião parecida: “O procedimento [para matar judeus em massa] é um tanto bárbaro e não cabe aqui sua descrição mais pormenorizada. *Não sobrará muita coisa dos judeus*. Em suma, pode-se dizer que cerca de sessenta por cento deles terão de ser liquidados, enquanto apenas cerca de quarenta por cento podem ser usados para trabalho forçado”. [7] As comparações com enfermidades e morte, vermes, ratos e vampiros disseminadas pela máquina de propaganda de Goebbels haviam levado a uma ampla percepção dos judeus como as criaturas daninhas e sinistras que conspurcavam a raça germânica. Os primeiros estágios da perseguição aos “racialmente insalubres” ou apenas evidentemente diferentes suscitaram pouco clamor público, embora muitas pessoas fizessem objeções privadas — alguns de modo apaixonado, outros, com razoável desconforto — e muitos sacerdotes católicos e alguns protestantes proferiram sermões recriminando os nazistas.

A *Kristallnacht* não foi o primeiro ato de brutalidade efetivado pelo Estado contra os judeus; na verdade, foi o fim de um período de intensa violência nas ruas, que se seguiria à fria violência burocrática.[8] Uma jovem judia de Berlim registrou em seu diário, no dia 28 de junho de 1938:

Novas cenas de ferocidade e tristeza estão gravadas em minha mente. [...] A renomada e antiga loja de linho de Grunefeld foi o primeiro lugar que vimos cercado por uma turba ululante de homens da SA. Estavam “persuadindo” um senhor distinto que insistia em entrar no prédio. Descobrimos que o mesmo ocorria em todo lugar, variando apenas em termos de violência e ignomínia. O Kurfürstendamm estava coberto de pichações e desenhos. Há um “judeu” escrito em todas as portas, desenhos revoltantes e cruéis de judeus sendo decepados, enforcados, torturados e desmembrados, junto com inscrições obscenas. As vitrines foram quebradas e a pilhagem das miseráveis lojinhas está espalhada sobre a calçada e flutuando na sarjeta. [9]

Essa deflagração não foi organizada; era apenas um dia qualquer de junho em Berlim, com os perseguidores de judeus divertindo-se um pouco. A *Kristallnacht*, contudo, foi a primeira iniciativa em âmbito nacional a ter lugar abertamente, em público, diante dos olhos dos cidadãos alemães. Começou na noite de 9/10 de novembro de 1938 e, embora a palavra *Kristallnacht* seja em geral traduzida como a “Noite de Cristal”, sugerindo vitrines de lojas judaicas destruídas e muitos saques, foi cem vezes pior. Era a belicosa ralé hitlerista à solta nas ruas como matilhas de cães, rosnando e se arrepiando

rouca e ameaçadoramente.

Por dez anos, os broncos e baderneiros do Partido Nazista e da SS haviam sonhado com uma válvula de escape “legítima” para sua brutalidade. Suas ações passadas seriam vistas como infrações amadorísticas na escala do comportamento humano. Eram delinquentes menores, o degrau mais baixo de uma hierarquia diabólica que aspirava a atos malévolos maiúsculos e ainda inimagináveis. A *Kristallnacht* despertou em cada nazista — no grande satanás, nos pequenos demônios e nos sórdidos colaboradores — o que ele tinha de pior. As ordens eram passadas de Hitler ao sabujo tenente Himmler, para serem avidamente obedecidas ao longo de uma cadeia de comando que podia terminar num chefe de polícia local interpretando suas instruções, a partir daí, como bem lhe aprouvesse e vociferando comandos para homens tensos em suas coleiras. Alguns simplesmente recebiam ordens de matar judeus do sexo masculino “com o menor barulho possível”, outros, de destruir as sinagogas locais. Por toda a Alemanha, espalhou-se a destruição. Um relatório posterior de um grupo da SS registrava: “Todas as tropas e líderes extraíram grande satisfação da ação. Ordens como essas deviam ser dadas mais vezes”.^[10] Au, au, au. O *pogrom* — pois é disso que se tratava — durou dois, em alguns casos três, dias e noites. Milhares e milhares de judeus eram caçados, vendo seus lares e estabelecimentos serem destruídos e suas posses saqueadas. Famílias inteiras eram aterrorizadas, espancadas, presas e, em alguns casos, assassinadas. O impacto desses eventos pode ser avaliado pelo fato de que, só em Viena, 680 judeus cometeram suicídio durante a *Kristallnacht*.^[11]

Muita gente na Inglaterra estava horrorizada com o tratamento dado aos judeus. Oliver Lyttelton, mais tarde Lord Chandos, estava por acaso em Frankfurt no dia 9 de novembro de 1938, a primeira noite da *Kristallnacht*, e testemunhou cenas “que jamais serão apagadas de minha memória”. A partir desse momento, passou a sentir um ódio obsessivo do antissemitismo e, estimulado por isso, ajudou três amigos judeus a sair escondidos da Alemanha e chegar a salvo à Inglaterra. Suas convicções recém-descobertas dificilmente eram compartilhadas por seus conterrâneos, como Lyttelton descobriu quando propôs que Isaiah Berlin entrasse para seu clube. Votaram contra Berlin. O visconde Cranborne — “Bobbety” —, mais tarde marquês de Salisbury, combateu as tentativas de Lewis Namier de facilitar a entrada de judeus europeus na Inglaterra. Harold Macmillan troçava sarcasticamente deles. As classes altas supunham que o antissemitismo fosse uma de suas prerrogativas.^[12]

Após a *Kristallnacht*, ninguém na Alemanha, incluindo as mulheres, tinha qualquer desculpa para a ignorância completa. Até então, as pessoas podiam, no máximo, ter interpretado os decretos cada vez mais antissemitas do Reich como uma reação democrática a um preconceito amplamente disseminado. Mas as suásticas pichadas nas lojas e as leis draconianas que controlavam seus movimentos, para não dizer nada da brutalidade dirigida contra eles, eram agora questão de conhecimento público. Eva — ou seus pais — talvez tivesse amigos judeus em fuga do país, com medo do que viria a seguir. Até mesmo ela teria sabido que *alguma coisa* estava acontecendo, embora não

tivesse coragem de perguntar e nem ela nem ninguém nesse estágio teria imaginado até que ponto chegariam aquelas cenas horrendas. Mas a aceitação tácita e, em muitos casos, o envolvimento atuante de inúmeros — embora, é bom que se enfatize, nem todos — alemães “comuns” numa espiral ascendente de preconceito, ostracismo e crueldade datam dessas noites. Esse, embora pouca gente adivinhasse, na época, foi o momento em que a linha de produção metódica para matar judeus alemães, austríacos, poloneses e de outros lugares da Europa se tornou incontrollável.[13]

A extensão do genocídio nazista foi devastadora. No fim, pelo menos um terço dos judeus europeus[14] havia sido assassinado, a mesma porcentagem de gente que morreu vítima da Peste Negra no século XIV. Quando Hitler ascendeu ao poder, em 1933, estima-se que havia 561 mil seguidores do judaísmo na Alemanha, ou 0,76 por cento da população,[15] maciçamente concentrados em duas cidades: Berlim e Frankfurt. Munique, a capital estadual da Baviera, tinha 4 mil cidadãos judeus. Em 1933, 40 mil judeus partiram da Alemanha, no maior êxodo até 1938. Em maio de 1939, a população remanescente de judeus da Alemanha — os que ainda não haviam fugido, sobretudo para a Inglaterra ou os Estados Unidos — somava 330.892,[16] sendo que metade vivia em Berlim ou Viena. Mesmo assim, não foi senão no outono de 1941 que a dimensão da política de matar *todos* os judeus europeus (ou tantos quantos desumanamente possível) ficou clara para os subalternos relevantes.[17] Isso não se originou de nenhuma ordem específica dada por Hitler — em todo caso, nenhuma foi identificada, embora seu desejo de eliminar os judeus fosse óbvio havia muito tempo.[18] Fosse qual fosse a cadeia de comando que levou do racismo fervoroso à morte em larga escala, perto do fim da guerra cerca de 200 mil judeus alemães haviam sido executados com gás nos campos de extermínio.[19] As estatísticas para o conjunto da Europa eram *trinta vezes* maiores. A carnificina, do ponto de vista da hierarquia nazista mais alta, nunca foi sádica. Certamente, sistemática, mas isso é diferente; é eficiência.

No verão de 1939, Hitler propôs a conclusão lógica para o programa de eutanásia, dizendo a Bormann e outros: “[Ele] via como um direito que as vidas sem valor de pacientes com enfermidade mental grave fossem erradicadas. Isso resultaria numa economia em termos de hospitais, médicos e equipes de enfermagem”.[20] *Erradicadas*. Nenhuma ambiguidade nisso. A economia de custos poderia ser canalizada para membros saudáveis e produtivos da sociedade. Era necessário um “refúgio” para purgar o sagrado *Volk* germânico da fraqueza genética debilitadora. Para que a mensagem entrasse na cabeça de seu público, organizavam-se visitas monitoradas a instituições de deficientes físicos e mentais (remontando aos *freak shows* de festividades natalinas da infância de Eva), onde as pessoas eram encorajadas a apontar e rir dos lunáticos. Dezenas de milhares eram levados por alas hospitalares e laboratórios para ouvir palestras pseudocientíficas frisando a inutilidade e incurabilidade dos dementes.[21] Isso devia convencer os indecisos. Viu? Não são humanos, de jeito nenhum. Melhor se livrar deles.

Em outubro desse ano, Hitler deu seu consentimento para a Operação t4, que apesar

do nome inócuo destinava-se a permitir que os médicos “concedessem” uma “morte misericordiosa” — ou melhor, matassem — a pacientes considerados incuráveis. Cerca de 70 mil foram mortos ao longo dos dois anos seguintes, mas o total final era muito maior. Posteriormente, Hitler foi forçado a suspender o t4,^[22] mas os médicos contornavam a nova situação matando efetivamente os pacientes de fome, deixando-os sem atendimento em leitos imundos até que definhassem. Sob o programa de eutanásia, pelo menos 250 mil, possivelmente 300 mil, deficientes físicos e mentais morreram. Tudo isso aconteceu em silêncio, conduzido por médicos de avental branco em hospitais e laboratórios, testando quanta morte a opinião pública iria tolerar — ou se dar ao trabalho de ficar sabendo.

No dia 15 de março de 1939, as tropas de Hitler entraram na Tchecoslováquia. O *Führer* passou o dia viajando em seu trem particular de Berlim a Praga, chegando incógnito e passando a noite em Hradcany, o castelo ancestral dos reis da Boêmia. No dia seguinte, em Praga, fez uma proclamação em que se pode perceber a cadência de sua voz: (“Por mil anos... as províncias da *Boêmia e da Morávia...* pertenceram... ao *Lebensraum...* do povo alemão...”.) Aquela palavra outra vez. *Lebensraum*: espaço para viver, a justificativa para todo movimento agressivo. Depois foi para Brno, a fim de passar as tropas em revista; então Viena e de volta a Berlim, detendo-se para algumas horas de nostalgia em Linz. Finalmente o buldogue bretão começou a rosnar. Chamberlain alertou para o fato de que a Inglaterra não iria tolerar mais agressões territoriais. Hitler não tomou conhecimento. Seus planos para a Polônia já iam bem avançados. O cheiro da guerra entrava por suas narinas, a visão do *Adolf, Kaiser Europas* — Adolf, o Imperador da Europa — ofuscava-lhe os olhos. Eva, impacientemente à espera no Berghof, captava apenas ecos débeis e distantes desses acontecimentos momentosos. Hitler a proibira de ler jornais ou de escutar as notícias no rádio alemão, e ela dispunha de poucas fontes de informação. Sua principal preocupação era se o *Führer* estaria em casa a tempo para a Páscoa. A Sexta-Feira Santa caiu no dia 7 de abril e estavam todos ocupados fazendo decorações para as crianças: *Osterhasen* (coelhos de Páscoa) e galinhas amarelas fofinhas, uma graça, e todos os tradicionais ovos, bolos e chocolates de Páscoa. Ela não queria que ele perdesse a festa.

Hitler dificilmente passava qualquer feriado longe do Berghof — “Não posso me dar ao luxo de viajar e me divertir, então minhas férias são as horas que passo com meus convidados junto ao fogo”^[23] —, embora certa vez tenha feito uma viagem com a família Goebbels para uma estância no Mar do Norte. Uma exceção foi o início de abril de 1939, quando conseguiu tirar uns dias para a viagem inaugural de um navio de cruzeiro KdF novinho em folha.^[24] Esses passeios eram concedidos de graça para trabalhadores alemães e suas famílias, a fim de proporcionar-lhes um salutar descanso de sua faina diária e ligá-los com mais firmeza ao Partido Nazista. Refeições nutritivas eram servidas e eles recebiam boas acomodações. Uma fotografia mostra o *Führer* sentado com ar melancólico próximo à amurada do navio, com uma jovem loira: Inge Ley, esposa de

Robert Ley,[25] e que também emprestava seu nome ao navio. Era atriz e cantora, uma mulher linda e, como Magda Goebbels, ardente seguidora de Hitler, no plano pessoal e político. *Frau Ley* foi sua companheira platônica na viagem. A imagem é uma raridade, uma vez que dificilmente ele se deixava pegar numa foto perto de uma mulher casada. (Hitler reprovava o adultério com veemência, sobretudo porque dividia a família, a unidade básica do poderio nazista.) Fazia frio, a maresia deixava tudo úmido, sua rotina ia por água abaixo. Ele interrompeu o passeio e desembarcou em Hamburgo. Duas semanas mais tarde, voltou a Berlim para seu aniversário de cinquenta anos, no dia 20 de abril, berrando discursos para multidões enlevadas.

Hitler compensava suas ausências permitindo todo tipo de luxo a Eva. Em fevereiro de 1939, ela passou uma semana esquiando em Kitzbühel, com ar experiente e elegante numa jaqueta branca curta de esqui. O *Führer* estava de volta ao Berghof no começo de maio por dez dias, registrado por Eva com ainda mais fotos de grupos desfrutando a hora do chá no terraço, ociosos sob o sol primaveril. Uma delas — provavelmente tirada por Hoffmann — a mostra no traje bávaro que Hitler preferia aos vestidos chiques que às vezes encomendava de Paris. Ele não perguntava nada sobre preço e Bormann não ousaria questionar as contas. Contar com as boas graças de Hitler era o que havia de mais importante na vida dele e, afinal de contas, o *Führer* tinha dinheiro sobrando: *Mein Kampf* continuava a vender centenas de milhares de cópias todo ano e os direitos eram vultosos. Por mais frugal que fosse seu estilo de vida pessoal, Hitler era rico.

Eva começava a se acostumar ao luxo, mas isso agora tinha um efeito sobre sua personalidade, ou pelo menos assim Ilse dizia: “Às vezes, eu não reconhecia mais minha irmã. Eva estava arrogante, tirânica e insensível conosco [a família Braun]. A ligação com homens importantes torna a pessoa egoísta, até cruel”.[26] No passado, Ilse Braun não fora convidada ao Berghof, pois trabalhava de recepcionista para um médico judeu e Hitler a considerava corrompida por essa ligação. Finalmente, em 1936, quando os pacientes de seu patrão minguiaram para um pequeno punhado, ela deixou o emprego. Só então foi aceita no Berghof. Ilse, com quem Eva vivia às turras, alegou após a guerra que sua irmã passara adiante as roupas e os sapatos usados com um ar de benevolência altiva; mas o relacionamento das duas sempre fora conflituoso e a paixão de Eva por roupas devia irritar deveras a fria e judiciosa Ilse, que se imaginava acima dessas trivialidades mundanas. Se Eva era arrogante e prepotente com os pais e a irmã — e Ilse é a única que o afirma —, isso talvez fosse uma retaliação pela frieza e reprovação com que a haviam tratado nos anos iniciais, quando ficara isolada por apaixonar-se por Hitler. Nessa época, quando precisava de compreensão e apoio, não os teve. Agora, distribuindo presentes, podia ser perdoada por fazê-lo de um modo pedante.

As relações entre o Berghof e o casal Braun (ainda vivendo no apartamento da Hohenzollernplatz, onde moravam havia quase vinte anos) estavam melhores. As duas partes comportavam-se com respeito mútuo, visando aos próprios interesses. Hitler dava-lhes presentes ocasionais — um relógio para Fritz, perfume para Fanny —, mas nada espetacular. Quando se hospedavam em Obersalzberg, ele os tratava com polidez

impecável. No verão de 1939, Fritz contou a Alois Winbauer uma história reveladora:

Ele e Fanny haviam sido convidados para um chá e Hitler era quase que patologicamente afável fazendo o papel de anfitrião diligente. Fritz decidiu aproveitar a oportunidade para um pedido em favor do velho presidente da Bavarian Heimat und Königsbund, um general aposentado que fora expulso com a usual brutalidade dos nazistas. Quando Fritz pediu a Hitler que reempossasse o general, sua expressão adquiriu um ar glacial e tudo que disse foi que não era problema dele, mas de seus subalternos. Como exclamou Fritz amargamente depois: “E esse homem é nosso *Führer!*”.

Foi corajoso de sua parte fazer tal apelo, sobretudo agora que se filiara ao Partido Nazista. Apoiar um grupo patriótico não alinhado com o poder era um sinal de dissidência, quando não de traição. Para Fritz, contudo, a prontidão da família em aceitar a hospitalidade do *Führer* significava capitulação, quando não humilhação.

O quinquagésimo aniversário de Fritz Braun ocorreu em 17 de setembro de 1939 e a ocasião foi marcada por uma foto sua usando uniforme nazista, com a bradeira da suástica, ao lado das circunspectas familiares femininas.[27] O retrato tem a legenda “*Vatis 50 Geburtstag*” — “Aniversário de 50 anos de papai”. Apesar da reconciliação com as filhas, Fritz parece taciturno e amargurado. Fanny sorri, como sempre. Seu gosto pelas boas coisas da vida, sua natureza calorosa e amante dos prazeres e, acima de tudo, a profunda afeição que nutria pelas filhas significavam que era genuinamente feliz pelo modo como as coisas haviam transcorrido. A paz fora estabelecida entre pais e filhas, a despeito do fato de que, aos olhos do casal, Eva continuava a “viver em pecado” com Hitler. Com uma forcinha das férias no exterior pagas pelo *Führer* e das visitas ao Berghof, com sua comida e bebida excelentes, os imperativos morais da Igreja Católica acabaram em segundo plano. Fanny, sempre a mais cordata dos dois, era capaz de se encontrar com Eva e Gretl sem atritos e seu marido ocasionalmente sucumbia à tentação de conforto e prazeres muito acima de qualquer coisa que ele, um simples professor de colégio técnico, poderia ter obtido por si só. Eva sabia que isso representava mais uma concessão do que a plena aceitação de seu status, mas sua mãe talvez chegasse até a sentir orgulho do relacionamento da filha. “É uma conquista e tanto, afinal, ser a favorita do *Führer*”, disse Fanny certa vez.[28] Ela se sentia perfeitamente “em casa” no Berg e dúzias de fotos mostram-na esparramada na grama ou rindo no meio dos familiares, feliz de estar com as filhas.

No fim de junho de 1939, Eva levou a mãe e a irmã num cruzeiro KdF pelos fiordes noruegueses, a bordo do ms *Milwaukee*. [29] Eva, Fanny e Gretl misturavam-se anonimamente com outras turistas. A vantagem de ter o reconhecimento público negado por Hitler era que, em público, ninguém a reconhecia.

Bormann, sempre espreitando uma oportunidade de crescer aos olhos do *Führer*, “deu”

a Hitler de presente em seu quinquagésimo aniversário, em nome do Partido Nazista (cujos membros não foram consultados), um estupendo retiro empoleirado a 1.834 metros de altura, no topo do monte Kehlstein, mais tarde apelidado de Ninho da Águia pelos invasores americanos. Construído de imensos blocos de pedra que tiveram de ser arrastados desde o sopé da montanha (oito trabalhadores morreram durante as obras), foi projetado para parecer uma fortaleza medieval, constituindo um centro de conferências em uma paisagem lendária para o líder nazista e seus modernos cavaleiros teutônicos. Num dia claro, vistas sem fim descortinam-se acima do Königssee e através da fronteira austríaca em direção a Salzburgo. Pássaros pretos imensos (parecem corvos) voam em círculos e um zumbido permeia o ar azulado. Caro demais para ser construído, numa época em que cada *Pfennig* estava sendo juntado para a fabricação de armas, aviões e artilharia, o plano de Bormann saiu pela culatra. Hitler tinha medo de altura e odiava ver-se confinado a espaços pequenos. A fortaleza *fake* era acessível apenas por um túnel estreito de 124 metros de extensão, desembocando num elevador com cabos de metal que disparava verticalmente em meio à rocha sólida por outros 124 metros. Hitler achava a experiência tão enervante que não subiu ao cume mais que sete ou oito vezes, sempre para mostrar o lugar para dignitários estrangeiros ou talvez, persuadido por Eva num dia sem nuvens, para variar a rotina, almoçando naquele panorama incrivelmente espetacular. Ela, por outro lado, adorava banhar-se ao sol numa cadeira reclinável, no longo terraço envidraçado do Kehlstein, com sua vista gloriosa de pássaros no nível do olhar e as encostas das montanhas cobertas de florestas mais adiante, e muitas vezes subia lá para fugir da monotonia hermeticamente fechada do Berghof.

Salvatore Paolini, um jovem garçom, era o único membro italiano da equipe de empregados no Ninho da Águia. Ele recorda: “A atmosfera na sala de jantar era festiva. Hitler se sentava no centro da mesa com as costas para a parede, de modo que pudesse observar a vista. Eva Braun também costumava estar à mesa, mas ele nunca deixava que se sentasse a seu lado”. (Talvez ele tenha se equivocado, aqui, já que Eva Braun quase sempre ficava a seu lado em refeições informais.) Ele confirma que Hitler era abstinente e vegetariano. “Aceitava pequenas linguças e presunto, mas no geral nunca comia carne, preferindo batatas e vegetais. Tudo sempre muito condimentado, porque perdera o paladar após sofrer um ataque de gás mostarda na Primeira Guerra Mundial.” Hitler “não era muito dado à bebida”, afirmou o *Signor* Paolini. “O garçom abria as garrafas, sempre de vinho *vintage*, mas ele mal dava um gole. Tínhamos sempre de providenciar muitas jarras d’água à mesa. Ele jamais reclamava da comida. Sempre dizia ‘muito bom’ para nós, quando saía.”[30]

Em abril de 1939, Hitler ofereceu um apartamento confiscado em Berlim para Unity Mitford.[31] A *Kristallnacht* expulsara inúmeros judeus ricos da cidade e os funcionários de seu escritório particular apresentaram a ela uma curta lista de quatro imóveis confortáveis. Um mês depois, ela fez sua escolha: o apartamento 4 da

Agnesstrasse, 26, com sala de visitas, dormitório e um pequeno cômodo extra. Carmencita Wrede o viu pela primeira vez em agosto e se recorda:

Atrás de sua cama havia duas enormes bandeiras com suásticas cujas pontas desciam sobre os travesseiros, dobrando-se como cortinas. Em seu criado-mudo ficava uma foto de Hitler, com lábios e olhos coloridos à mão. Na sala de estar havia uma escrivaninha e, numa das gavetas, um pequeno revólver prateado, e então ela o tirou de lá e o sacudiu no ar, dizendo: “Quando me obrigarem a deixar a Alemanha, vou me matar”.[32]

O apartamento não pode ser considerado uma prova de que Unity mantivesse relações sexuais com Hitler, embora se Eva tivesse sabido a respeito teria chegado a essa conclusão, dadas as circunstâncias da compra de sua própria casa, na Wasserburgerstrasse, três anos antes. Não há absolutamente nenhuma evidência confiável a sugerir a infidelidade do *Führer* em nenhum momento de sua relação — nem mesmo seus companheiros nazistas, tão chegados a espalhar boatos, alegavam isso — e, dentre todas as ansiosas candidatas, a imponente Miss Mitford era a menos plausível, mas Eva não sabia disso.

Unity passou o fim de semana de 6/7 de maio de 1939 no Berghof, confrontando Eva cara a cara. Era a primeira vez que as duas se viam na companhia uma da outra desde a Convenção de Nurembergue de 1936 e Hitler talvez quisesse demonstrar que Eva era a legítima dona do trono. Em todo caso, foi a única visita de Unity, embora continuasse a andar atrás dele em Berlim. Seria surpreendente se o *Führer* tivesse sido capaz de dar alguma atenção a qualquer uma das duas, uma vez que seus planos para a invasão da Polônia estavam bem adiantados e suas ambições mais amplas — mais *Lebensraum* para o sagrado *Volk* germânico — muito bem encaminhadas.

O resto do mundo não podia continuar a negar que ele planejava incorporar ao Terceiro Reich os países vulneráveis a leste da Alemanha. Os cães do inferno se juntavam. Em 23 de julho, Mahatma Gandhi escreveu uma carta pessoal a Hitler, implorando-lhe que não começasse outra guerra na Europa. Tarde demais. O *Führer* estava convencido de que sua missão era uma obrigação sagrada que a história esperava vê-lo consumir.

No dia 7 de agosto, após uma disputa quanto a tarifas alfandegárias polonesas no porto franco de Gdansk, ele declarou que sua paciência se esgotara e chamou Carl Bruckhardt, alto comissário da Liga das Nações em Gdansk, para ir a Berchtesgaden. Removendo todos os empecilhos, Hitler embarcou-o num de seus aviões particulares e levou-o em seu próprio carro até Obersalzberg. Dali, Burckhardt foi levado pela íngreme estrada montanhosa até o Ninho da Águia. Hitler escolhera esse cenário como palco da reunião para lembrar ao outro que ele, o *Führer*, e não a Liga das Nações, era senhor de tudo que a vista alcançava — e de um bom pedaço mais além. Discutiram a questão polonesa, Hitler dando um jeito de culpá-los pela teimosia, intransigência etc. Ora, se o

Ocidente tinha confiança nele, uma solução pacífica poderia decerto ser encontrada? A mensagem foi devidamente retransmitida a Inglaterra e França, que veementemente recomendaram prudência aos pobres poloneses.

O genro de Mussolini, conde Galeazzo Ciano, ministro de Exterior italiano, mantivera diálogos com Hitler e seu ministro de Exterior, Joachim von Ribbentrop (que sucedera a Von Neurath em fevereiro de 1938), no Berghof em 12/13 de agosto de 1939. Ciano fora a Obersalzberg na esperança de convencer Hitler e Ribbentrop de que a Itália não estava pronta para a guerra. Mussolini queria que os países fascistas tentassem firmar um acordo vantajoso com o Ocidente, mas Hitler estava inflexível: a Polônia tinha de ser esmagada sem mais delongas. Se a Inglaterra e a França intervissem, elas seriam derrotadas. Ciano enviou seu relatório: “Não há mais nada a ser feito. Ele decidiu atacar e irá atacar”.[33] Eva não tinha a menor ideia do que acontecia, mas achou o conde Galeazzo Ciano, de apenas 36 anos, extremamente atraente. Pela fresta da cortina de uma janela no andar de cima, ela o fotografou com Hitler, que lhe sorriu de volta, sentado no peitoril da janela da sala de conferências conforme Eva se debruçava para conseguir ver o conde.[34]

A frustração de Eva em ser mantida escondida talvez tenha provocado seu único comentário “feminista” de que se tem notícia. Ao lado da foto de um jovem caminhando à frente de quatro mulheres, ela escreveu: “Mesmo ao sair para uma caminhada, conversar com mulheres é proibido!”.[35] A ignorância resultante dessa atitude protetora em relação às mulheres significou que, por todo o verão de 1939, Eva e suas amigas mal faziam ideia de que a guerra era iminente, embora longe dos ouvidos de suas esposas os maridos não falassem em outra coisa. Nos sufocantes dias de verão de julho e agosto, o calor era opressivo, a atmosfera no Berghof, insuportavelmente tensa, o humor do *Führer*, sombrio e irritável.

Não foi senão nos últimos dias — ou horas, talvez — que Eva percebeu que a guerra estava prestes a eclodir. Tornara-se inevitável desde o dia 19 de agosto de 1939, quando Stalin firmou um pacto de não-agressão com a Alemanha, delineado e assinado pelo ditador russo e Ribbentrop em 23 de agosto. Acreditando que seu arqui-inimigo fora neutralizado, Hitler ficou triunfante. Ignorando o fato de que Inglaterra e França reiteravam sua intenção de defender a Polônia, deu a ordem para a invasão pouco após o meio-dia de 31 de agosto. Na manhã seguinte, tropas alemãs começaram o ataque, sem esperar por uma declaração formal de guerra.

Segundo o biógrafo de Eva, Nerin Gun, que entrevistou Ilse nos anos 50:

Eva Braun e sua irmã estavam presentes na ópera Kroll, quando, na manhã de 1º de setembro, Hitler anunciou ao Reichstag e à nação que havia invadido a Polônia.

“Isso significa guerra, Ilse”, disse Eva, aparentemente, “e ele vai partir... o que será de mim?” Quando Hitler anunciou que usaria seu uniforme verde-acinzentado até a morte, Eva cobriu o rosto com as mãos. Em meio à exaltação de fanatismo que se seguiu, ninguém a não ser sua irmã notou que chorava.

“Se alguma coisa acontecer a ele”, disse finalmente à irmã, “eu também vou morrer.” [...]

Quando saíram, o dr. Brandt disse: “Não se preocupe, *Fräulein* Eva, o *Führer* me contou que a paz voltará dentro de três semanas”.

Eva sorriu, como alguém que acabasse de receber uma dose de aspirina para aliviar a dor.[\[36\]](#)

Dois dias depois, em 3 de setembro de 1939, Inglaterra e França declararam guerra à Alemanha. A Grande Guerra havia terminado vinte anos antes. Agora, uma nova começava. Werner von Fritsch, antigo chefe do exército alemão, observara havia alguns meses: “Este homem — Hitler — é o destino da Alemanha, para o bem ou para o mal. Se esse destino está indo para o abismo, agora, ele vai nos arrastar a todos junto. Não há nada a ser feito”. Fatalista, pessimista e realista, tinha razão. Nada podia ser feito. A disposição de Hitler era messiânica, sua missão, inexorável.

No dia em que a guerra foi declarada, Unity Mitford, um dente sem rumo e sem importância na poderosa engrenagem do conflito europeu, deu um tiro na própria têmpora. Ela sobreviveu por mais nove anos, a cabeça mais confusa que nunca. Perdeu a capacidade de falar e ficou parcialmente paralisada. Quando Hitler soube da notícia, sua maior preocupação, ao que parece, foi com o que aconteceria ao cachorro dela. Visitou-a uma única vez no hospital, instruiu seus funcionários para que fizessem os arranjos necessários para que voltasse em segurança para a Inglaterra e esqueceu o assunto. O gesto havia sido inútil, como todas as suas birras. Ela jamais percebeu como era tão terrivelmente insignificante.

À ESPERA DE QUE HITLER VENÇA A GUERRA

À PARTE O FATO DE SABER que a guerra fora declarada, Eva fazia pouca ideia de seu significado ou de como iria afetá-la; não muito, esperava. A segurança de Hitler era sua única preocupação. Em 23 de novembro de 1939, ele jurou, profeticamente: “Enquanto viver, só pensarei na vitória. [...] *Não sobreviverei à derrota de meu povo*”. Nunca discutia a guerra com Eva; para ela, aquilo se passava longe dali, com pessoas de quem quase nada sabia. “A guerra”, segundo seu tio, “era algo inteiramente distante para ela, que não queria ter nada a ver com aquilo.”^[1] Ela tinha certeza de que, isolada em Obersalzberg com fazendas para prover produtos frescos e comidas e vinhos caros guardados em lugares secretos, a população do Berg dificilmente seria afetada. O que mais a incomodava era o fato de que Hitler ficaria ainda mais longe e isso significava que pouco o veria. Todos os que se aproximavam da órbita de Hitler, amigos, colegas ou visitantes, giravam em torno dele, Eva mais que qualquer um. Quando o eixo de sua vida se ausentava, Eva vacilava, oscilando para a ansiedade, depressão e infelicidade. Rochus Misch foi um dos poucos empregados a notar. “Eva, de um modo que talvez ninguém imaginasse, sofria um bocado por sua ligação com Hitler.”^[2] Ela fez o que sempre fizera — ocultou os temores íntimos e seguiu em frente, como de costume.

Seu primeiro choque não tinha nada a ver com a guerra, que em todo caso encaminhava-se num ritmo lento (mas não para os poloneses, é claro). No dia 8 de novembro de 1939, aniversário do *putsch* de 1923, dia mais sagrado dos nazistas, a vida de Hitler sofreu um atentado na Bürgerbräukeller, em Munique — território original do partido —, onde ele fazia seu discurso anual em memória dos antigos “mártires”. O *Führer* escapou milagrosamente. Ele havia abreviado seu discurso em meia hora para conseguir tomar o trem noturno especial de volta a Berlim. (É difícil imaginar que pudesse partir sem ele.) Às 21h20, uma bomba explodiu bem debaixo do tablado onde estivera, matando sete pessoas e ferindo mais de sessenta — entre elas, o pai de Eva. Quando Hitler ouviu a notícia, exclamou: “Agora sim estou plenamente contente! O fato de que tenha saído da Bürgerbräukeller mais cedo do que o normal prova que vou cumprir meu destino!”. Eva, viajando em outra parte do trem, não ouviu nada a respeito de seu pai senão no dia seguinte, quando sua irmã ligou para passar o nome do hospital para onde fora levado. Na verdade, embora tivesse ficado coberto de sangue e com um aspecto terrível, Fritz Braun não sofreu ferimentos sérios. Isso não ajudou em nada a diminuir a aflição de Eva por causa de seu amado. Vivia perpetuamente apavorada com a possibilidade de Hitler ser assassinado, embora ele lhe dissesse — e acreditasse de verdade — que possuía um dom premonitório especial que o tornava capaz de intuir um

ataque iminente. Isso não era nenhum complexo de super-herói: ele de fato sobreviveu a nada menos que 46 atentados, a crer na versão de um historiador,^[3] embora diversas tentativas tenham chegado perto de ser bem-sucedidas.

Este é um livro sobre Eva, não uma história da Segunda Guerra Mundial ou do Terceiro Reich, e o progresso da guerra é relevante apenas na medida em que seja relevante para ela. Eva não sabia nada sobre campanhas militares, planos, operações com nome-código Amarelo ou Corte de Foie, pois Hitler deliberadamente a resguardava desse tipo de informação. Era sua firme crença que mulheres e política situavam-se em cantos opostos — quanto menos soubessem, melhor — e a ignorância de Eva que tornavam mais fácil para ele manter o bico fechado. É difícil hoje em dia imaginar como alguém podia ficar completamente sem saber o que estava acontecendo. A informação jorra num fluxo contínuo o dia todo, todos os dias, nos jornais, na tevê, no rádio, na Internet — um pano de fundo sempre presente e às vezes até viciante para a vida diária. No entanto, a prima Gertraud confirmou que, às vezes para sua frustração, Eva era mantida no escuro: “Ficava totalmente isolada no Berg, sem um rádio ou qualquer jornal para trazer-lhe as notícias. Isso a deixava muito deprimida, permanecer assim tão distante. Por dentro, sentia um completo vazio. Sentia-se ansiosa em relação ao futuro. Os esportes, a ginástica, os flertes, as trocas de roupa eram um simples substituto para esse vazio”. Alguém — talvez Hoffmann, porém mais provavelmente um fotógrafo de guerra oficial; Hoffmann estava um pouco velho para zonas de guerra — tirou uma série de retratos propagandísticos de Hitler num quartel-general espartano, cercado por oficiais, examinando mapas com uma lente de aumento, e Eva colou essas fotos em seu álbum. Precisava de uma imagem mental de onde ele estava, como era a aparência de sua mesa, quem eram as pessoas a seu lado. Ela estava com medo, sozinha e, acima de tudo, sentia sua falta.

O mais surpreendente era que Hitler sentia falta *dela*. Trocavam cartas quase diariamente (era a única pessoa para quem ele escrevia usando uma caneta, em sua própria caligrafia árdua e sofrida — um reflexo perfeito de seu dono, sempre constipado), mas poucas delas, se é que alguma, estão guardadas nos arquivos públicos.^[4] *Frau Mittlstrasse*, agora governanta no Berghof, recordou:

Havia um cofre no cômodo que ficava entre os dois dormitórios, do qual eu tinha uma chave, e ali estavam todas as cartas trocadas entre os dois. Eram mantidas numa caixa de pergaminho, à qual eu tinha acesso, tinha a chave. Ela [Eva] não era indiscreta, nunca, mas meu marido estava determinado a descobrir como Hitler a chamava — seu apelido para ela —, então um dia puxei uma carta apenas o suficiente para ler a primeira linha, que dizia “*Minha querida Tschapperl*”.

(A história parece improvável em vários aspectos. *Frau Mittlstrasse*, ou alguém dos demais criados pessoais próximos a Hitler e Eva, devia sem dúvida tê-lo ouvido usando esse apelido; e, em todo caso, por que Hitler lhe daria uma chave de seu cofre

particular?) *Frau* Mittlstrasse alegou que “*Tschapperl*” era um jeito carinhoso de dizer “Minha querida”, comumente usado pelos trabalhadores bávaros locais, embora traia uma leve nota de desdém. Talvez sim, talvez não. Em outras ocasiões, ele a chamava de “Effie” ou “Evie” — diminutivos de seu nome.

Paradoxalmente, a guerra aproximou Hitler e Eva ainda mais. Ele em geral estava fora, em Berlim, ou conduzindo a campanha a leste de um dos inúmeros quartéis-generais: normalmente o Wolfsschanze, “Toca do Lobo”, em Raustenberg, no leste da Prússia, ou no Werwolf, “Lobisomem” (Hitler ao menos era coerente em seus simbolismos), perto de Vinnitsa, na Ucrânia, onde podia ficar mais próximo do *front* sul. O ir-e-vir de cartas e telefonemas do Berghof constituía raro momentos de ternura em sua vida. A propensão para a histeria, que gerava surtos megalomaniacos borbulhantes e espumosos como um mar agitado, tinha de ser mantida sob controle durante as reuniões com os oficiais de alta patente e mesmo assim, se alguém o contestasse, ele podia explodir em acessos que deixavam as testemunhas horrorizadas. O outro lado de sua natureza — o lado sentimental, ávido por afeto e reconforto — precisava ser satisfeito tanto quanto. Eva, contando-lhe sobre os pequenos acontecimentos do dia em seu suave sotaque bávaro que ele tanto amava, era a única pessoa capaz de satisfazer essa necessidade, desde a morte de sua mãe. A constância e o amor que lhe oferecia eram genuínos; todos os demais não passavam de bajuladores e puxa-sacos. Somente nos derradeiros anos do relacionamento ele reconheceu e valorizou sua perseverança. Tio Alois escreveu:

Agora que a guerra entrara em suas vidas e tomara conta, eram tempos difíceis para ambos, trazendo a separação; mas, internamente, o conflito também os aproximou. [...] Havia se tornado companheiros num destino comum e percebido que pertenciam um ao outro, para o melhor ou para o pior. O laço íntimo ficou cada vez mais forte e as aparências externas já não importavam muito mais.^[5]

Hitler passou alguns dias perto do Natal de 1939 no Berghof antes de sair para uma turnê de três dias destinada a levantar o moral das tropas. As comemorações natalinas tiveram lugar, de modo que as crianças dos Speer e dos Bormann, vestidas com suas melhores roupas de festa, pudessem fazer uma bela procissão para assistir às velas sendo acesas numa imensa árvore de Natal, e depois ganhar os presentes de Hitler uma por uma, fazendo uma pequena mesura ou saudando com um minúsculo *Heil Hitler!* como retribuição. Depois, o Führer partiu. Como surpresa final, Eva preparara uma pequena árvore de Natal para ser levada em seu trem oficial como uma lembrança dela e um símbolo festivo do Natal *gemütlich* que ele estava perdendo. Segundo se conta, seu criado pessoal, Heinz Linge, ao ser interrogado pelos soviéticos após a guerra, lembrou-se de assistir a “um Martin Bormann completamente bêbado tentando carregar uma pequena árvore de Natal decorada, presente de Eva Braun, para o vagão de Hitler e então deixando-a cair em meio a uma cascata de bolas e estrelas”.^[6]

Ele estava de volta a tempo para o Sylvester — véspera de Ano Novo. A relação formal de convidados para 1939/40 praticamente não diferia da do ano anterior, ou do outro e do outro — as mesmas secretárias, os mesmos médicos, as mesmas duas irmãs Braun — , exceto pelo fato de que um ajudante naval e diversos ajudantes-de-ordens da SS haviam se juntado ao grupo e de que Hitler parecia ainda mais soturno. Ele permaneceu no Berghof por uma semana antes de voltar para se deparar com a oposição unânime de seus generais e seu aliado Mussolini ao ataque que planejava fazer contra os Países Baixos. Embora Hitler defendesse ferozmente que estavam errados, teve de concordar em postergar a decisão para o começo da primavera. A “guerra fajuta”, como era chamada na Inglaterra, ou Sitzkrieg (guerra de esperar sentado), na Alemanha, se arrastava. Tecnicamente, havia uma guerra na Europa, mas estranhamente calma.

Em fevereiro de 1940, Eva esteve brevemente em Berlim, onde ficou alojada num confortável dormitório mobiliado contíguo ao de Hitler, na Chancelaria do Reich, mas, como no Berghof, nunca aparecia em público. Speer lembra que “Aí, ainda mais do que no Obersalzberg, ela levou uma vida completamente isolada, esgueirando-se por uma entrada lateral e subindo uma escada nos fundos, jamais descendo para os cômodos inferiores, mesmo que só houvesse conhecidos no apartamento. Ficava exultante sempre que eu lhe fazia companhia durante as longas horas de espera”.^[7] Hitler, mais preocupado do que nunca, tinha pouco tempo para ela e saber de sua presença ali, na cidade que abrigava o centro do governo e todas as embaixadas estrangeiras, deixava-o desconfortável. Para ele, seu lugar era no Obersalzberg e preferia antes se confortar com o pensamento de que ela era feliz na Utopia que carregava em sua cabeça a ser incomodado por sua presença na capital.

Em abril, ela passou algum tempo em Munique, onde fotografou um alegre grupo familiar diante de sua pequena casa na Wasserburgerstrasse. A guerra ainda não estava em pleno curso, a cidade não sofrera danos e a vida seguia como sempre. Eva convidou a prima de dezessete anos, Gertraud Winckler (depois Weisker), filha única morando com os pais em Jena, para passar um mês com ela e Gretl no feriado da Páscoa de 1940.

A fim de que tivesse uma educação clássica apropriada, o pai de Gertraud providenciara para que frequentasse uma escola de meninos. Ali, esperava-se que se portasse tal e qual um garoto, na medida em que fosse fisicamente possível. Usava um colete apertado, chamado de faixa peitoral — presumivelmente, nas linhas de um corpete — , destinado a achatar os seios. Não é de surpreender que a pobre garota ficasse confusa quanto à própria sexualidade e fosse inteiramente ignorante e inibida em relação ao assunto. Vendo a visita em retrospecto, escreveu:

A vida com Eva e Gretl na casinha da Wasserburgerstrasse, 12, em Bogenhausen era tranquila, pacífica e idílica. Meus colegas de escola eram também jovens demais para se apresentar para a guerra.^[8] Tudo ia bem em meu mundo e pude apreciar plenamente a companhia das primas que tanto admirava. Lá estávamos nós, três jovens que, como garotas do mundo inteiro, se interessavam por filmes, moda,

música e dança; no caso de Eva, sobretudo sapateado, no que era uma especialista. Trocávamos roupas — com isso quero dizer que ganhava as delas, a despeito de meus protestos — e de fato vim a conhecê-las e amá-las, particularmente Eva, que era muito sensível.

Gertraud, obviamente, ficou encantada com as coisas novas e elegantes que elas possuíam e não se sentiu nem um pouco tratada de forma condescendente. Precisava daquele aprendizado sobre as coisas do mundo que as primas lhe proporcionavam.

Quando experimentávamos algumas roupas, Eva sugeriu que experimentasse um determinado vestido, mas eu me recusei terminantemente.

“Não preciso de nada novo”, eu disse. “Não quero experimentá-lo.”

Minha atitude era incompreensível para elas e, no fim, explodi em lágrimas. Nós três nos sentamos sobre a cama e elas me tomaram em seus braços.

Ainda chorando, tirei meu vestido. Eu usava um sutiã que era mais um instrumento de tortura que um artigo para adolescente [*eine Halbwüchsige*], com uma faixa peitoral que deixava meus contornos femininos irreconhecíveis.

Minhas duas primas ficaram horrorizadas. Compreenderam minha vergonha e minhas lágrimas, jogaram meus instrumentos de tortura no lixo e me levaram direto para uma loja austríaca de *lingerie* chamada Palmers, para renovar meu guarda-roupa. Muito delicadamente, tentaram descobrir por que eu ficava tão constrangida numa região em que, como dizia Gretl corretamente, eu ainda nada tinha senão “pequenos botões”. O motivo era que fazia minhas aulas de educação física na escola de meninos e mal podia tomar parte, com peitos que sacudiam [*wogenden Formen*]. Quando minha mãe foi me buscar, quatro semanas mais tarde, Eva falou firme com ela, de modo que ganhei uma série de roupas novas.

Ela me ensinou a aceitar minha feminilidade e a tirar prazer disso, sobretudo em vista de meu pronunciado, e um tanto quanto masculino, interesse pela ciência, que até onde me dizia respeito era um mundo verdadeiramente de homens. Devolhe muito e sou imensamente grata a ela. Esteve presente num ponto importante de minha vida e intuitivamente compreendeu as necessidades de sua pequena prima. Conduziu-me por um mundo inteiramente novo, longe da algazarra dos garotos na escola; um mundo mais terno e bondoso e, em quatro semanas, transformou-me em alguém que já não mais se envergonhava de sua condição de mulher. Não havia o menor sinal daquele criadouro de vícios que meu pai havia imaginado — nem ali em Munique, nem quatro anos mais tarde, no Berghof.

Ela se tornou amante de Hitler para fugir da família. No fim, seus pais foram persuadidos por meio de férias no exterior e de convites ao Berghof a aceitar sua situação. As dificuldades com ele ficavam cada vez maiores, mas Eva de modo geral conseguia ignorar ou superar seus problemas.[9]

A família que Franz-Paul e Josefa Kronburger haviam encontrado estava imbuída de convicções católicas e atitudes burguesas, muitas das quais — por mais bizarro que pareça — Eva levou consigo ao Berghof. Ela e sua mãe continuaram a sonhar que Hitler pudesse um dia se casar com ela e dar-lhe um filho. Quando a guerra terminasse. Era a ilusão mais comum do mundo, algo essencial se as pessoas tinham de passar por meses de ansiedade crescente — tudo vai ficar bem *quando a guerra houver terminado*.

Minha mãe acalentava a mesma frágil convicção. Quando, em 1940-41, a Blitz sobre Londres espalhava a morte e a ruína todas as noites,^[10] meu pai deu um jeito para que fosse evacuada junto com a primeira filha deles, nascida na semana em que a Alemanha invadiu a Dinamarca e a Noruega. Eu tinha cerca de um ano de idade quando fomos mandadas para a casa de uma parente de idade que morava perto de Tadworth, no sul de Londres, um campo verde, arborizado, onde minha mãe deveras alemã era objeto de espanto e preconceito para a tia, a vizinhança pretensiosa de classe média e até a cozinheira. A pobre e jovem Ditha Helps, transportada para um país estrangeiro e deixada à própria sorte sem o apoio do marido ou da família, incapaz de falar um inglês decente, doida de preocupação com a mãe e as irmãs em Hamburgo, deve ter sofrido horivelmente. Tinha permissão de mandar e receber uma carta de 25 palavras por mês, mas nada de fotografias. Isso a forçava a escolher entre escrever para a mãe (espremida num minúsculo apartamento com minha tia Trudl, sua filha mais nova e ainda solteira e suas duas outras irmãs ainda vivas, minhas tias-avós) ou para o pai. Previsivelmente, escolheu a primeira. Ignorante, isolada, discriminada e sozinha, tinha apenas a mim por companhia. Minha mãe chorava um bocado. Assim como Eva. Havia muita gente em torno dela no Berghof, mas estava separada de Hitler. Minha mãe, separada de seu amado marido, ao menos tinha uma criança pequena como consolo.

No dia 10 de maio de 1940, nove meses depois que a guerra fora declarada, a Alemanha desferiu um ataque completo sobre Bélgica e Holanda. A longamente postergada guerra começava para valer. No mesmo dia, Churchill assumiu o cargo de primeiro-ministro britânico. No dia 14 de junho, as tropas alemãs marcharam sobre Paris e na manhã do dia 23 Hitler passeou pela cidade e foi fotografado junto ao Arco do Triunfo, posando diante da Torre Eiffel com Albert Speer (que estava ali a fim de conseguir ideias para a futura grandiosidade do Terceiro Reich) e um grupo reluzente de oficiais alemães; ou com ar grave e imperial em Les Invalides, que abriga o túmulo de Napoleão. Isso era mais para exibição. Correu ansioso para visitar a Ópera de Paris, mas somente sua vida oficial como *Führer* era formalmente documentada, sempre com o potencial para boa publicidade em mente. Ele fez uma breve viagem pela recém-conquistada França, levando consigo seu antigo amigo e ex-sargento Max Amann — o piadista que sempre o fazia rir —, e foi fotografado do lado de fora da casa onde ficara aquartelado quando soldado, em 1916.

Cerca de 6 mil civis, na maioria londrinos, foram mortos pela ação inimiga na guerra, muitos durante a Batalha da Inglaterra, entre 8 de agosto e 31 de outubro de 1940. A batalha começou quando Hitler ordenou que a Luftwaffe destruísse a Royal Air Force e amaciasse a Inglaterra — sobretudo os londrinos —, como uma preliminar para a invasão. O *Reichsmarschall* (marechal-de-campo) Göring, comandante da Luftwaffe, foi incumbido da tarefa. Seus pilotos combateram bem, mas, com os aviões alemães atuando no limite de sua capacidade e sem bombardeiros pesados ou uma inteligência precisa, não conseguiram afirmar a supremacia aérea e a invasão jamais foi tentada. A Luftwaffe perdeu centenas de bombardeiros, junto com as tripulações. Göring sacrificou 697 aeronaves entre 8 e 18 de agosto, 180 delas num único dia, a desastrosa data de 15 de agosto de 1940. “Foi o maior desastre que já presenciei”, escreveu animado um jovem piloto da RAF em seu relatório, após uma batalha, acrescentando: “A frota aérea do inimigo era um bando de aspecto miserável”. O comando aéreo da RAF, liderado por Sir Hugh Dowding, tinha inúmeros pilotos menos treinados, nem de perto tão bem treinados como os da Luftwaffe — alguns, na verdade, nem sequer tinham treinamento —, e eles morreram aos montes. Um ataque da RAF a Berlim, em 25/26 de agosto, provocou reides retaliativos em Londres em setembro, primeiro de dia e depois à noite. A maioria das pessoas emergiu dos destroços abatida porém desafiadora e, após algumas semanas, os intrépidos londrinos já haviam quase se acostumado ao bombardeio e a vida pôde seguir em frente quase normalmente. As defesas da Inglaterra continuavam intactas e ao que parecia invulneráveis, enquanto o moral e a confiança da “invencível” Luftwaffe desabavam. Porém, no cômputo final, houve as docas londrinas, o East End e parte do Palácio de Buckingham, para não mencionar os 23 mil mortos, 32 mil feridos e milhares de casas danificadas ou destruídas durante os 84 dias de ataque quase contínuo, a despeito dos Hurricanes e Spitfires de defesa. No decorrer da Batalha da Inglaterra, a RAF perdeu 1.023 aeronaves de combate e pelo menos 375 pilotos, com 358 mais feridos, às vezes de forma desesperadora, muitas vezes mutilados ou desfigurados para o resto da vida.^[11]

A vingança da RAF estava por vir. Arthur “Bomber” Harris,^[12] arquiteto do terror de bombas britânico, disse: “Semearam vento e agora vão colher tempestade” — mas isso levou tempo. As primeiras investidas inglesas, mal equipadas e imprecisas, mataram mais da metade das tripulações, embora nem bem uma em cada cinco bombas que lançaram a tão alto custo tenha caído em algum lugar sequer próximo dos alvos. O clímax veio com o reide de mil aviões em Colônia, em maio de 1942, que ratificou a convicção de Harris de que a Alemanha seria derrotada com o bombardeio de suas cidades e a destruição do moral civil, tal como a Luftwaffe tentara fazer com os ataques sobre Londres. Nesse ano de 1942, cerca de 44 mil alemães morreram em reides aéreos. Um por um, Göring e Harris devem ter pensado, na sinistra aritmética da época.

Nos primeiros anos da guerra, Eva, sua mãe, irmãs e amigas mais íntimas continuaram a aproveitar as delícias que Hitler lhes proporcionava. No verão de 1941, Eva partiu com

um grupo no avião *Grenzmark*, com piloto particular, para as usuais férias de verão na Riviera italiana, em Portofino, onde se refestelaram sob o calor com um céu azul e um mar translúcido, pinheiros, oliveiras, ciprestes e campos e mais campos de rosas, cravos e jasmims. A busca do prazer ocupava um lugar de destaque em sua vida e era suficientemente ignorante dos acontecimentos para conseguir aproveitar a oportunidade de se divertir. Oportunidade que seria cada vez mais rara — não que tivesse consciência disso, tampouco. Esperava que Hitler vencesse a guerra a qualquer momento, agora.

O *Führer* regressou a Berlim em julho para ser recebido entusiasmamente, antes de seguir para passar um período de quase três semanas no Berghof, interrompido por uma visita a Bayreuth para o festival anual de Wagner, e depois de volta a Eva e ao Obersalzberg ao longo de grande parte do mês de agosto. O verão de 1940 foi talvez a última vez que ela se sentiu inteiramente confiante e otimista. Hitler lhe contou que a guerra ia bem, que seu grande plano corria como previra. Tudo daria certo. Esse ano foi o último em que passou quase tanto tempo no Berghof quanto o fizera antes da guerra, embora dessa vez monopolizado por generais, almirantes e ajudantes-de-ordens, que o pressionavam atrás de decisões, e não pelos intermináveis discursos fastidiosos e exortações de que tanto gostava. Em certa ocasião, Eva invadiu uma reunião, protestando que aquilo fora longe demais e que os convidados estavam esperando para comer. Hitler, furioso, ordenou que saísse da sala. Reinhard Spitzzy, ajudante de Ribbentrop, recordou:

Hitler e Ribbentrop caminhavam para cima e para baixo havia uma, duas, três horas. Então a porta se abriu e um pequeno rosto loiro entrou e disse ao nosso *Führer*: “Oh, Adolf, por favor, está na hora de nosso almoço!”

Fiquei chocado de ver como aquela pessoa sem nenhuma qualidade social tinha permissão para falar com ele daquele jeito. Virei-me para o chefe dos ajudantes-de-ordens e disse: “*Oberführer*, quem é esta?” — não disse senhora — “Quem é esta mulher?”. E ele disse: “Spitzzy, escute [...] você deve esquecer o que viu aqui [...] pois o *Führer* tem direito a uma vida privada e ela é sua amante”.[13]

Mais tarde, Spitzzy raciocinava:

Hitler queria ser absolutamente livre e que ela lhe proporcionasse um pequeno lar burguês, com bolo e chá. Não queria uma pessoa socialmente importante. Poderia ter alguém assim, mas não queria uma mulher para discutir questões políticas com ele ou para tentar influenciá-lo, e isso Eva Braun nunca fazia. Eva Braun jamais interferia na política.[14]

Para Hitler, outubro de 1940 foi um mês de reuniões. Um vaivém constante de notáveis da Europa, de homens de Estado a príncipes menores, visitou o Berghof. Ele passou dez dias no Obersalzberg, mas a maior parte do tempo era tomada em discussões,

conferências, jantares formais dados por Magda Goebbels — que devia ouvir de longe o que era dito na ponta da mesa pelos altos oficiais sentados ao lado de Hitler e assim ficava mais bem informada do que a maioria das mulheres do Berg. Ela guardava suas opiniões para si, contudo. Nessas ocasiões oficiais, Eva, como sempre, permanecia confinada a seus aposentos e tinha de entrar e sair sorrateiramente pelos fundos. Era humilhante e ao mesmo tempo um sofrimento, sabendo que Hitler estava tão perto e ainda assim fora de alcance.

Talvez para compensá-la, quando foi para Florença, no fim de outubro, a fim de se reunir com Mussolini e Ciano no Palazzo Vecchio, levou-a consigo, estritamente incógnita. Após o breve interlúdio, ele regressou a Berlim, e ela, ao Berghof.

Hitler não voltou a Obersalzberg por um mês e quando o fez foi por apenas três dias, para mais reuniões com Ciano e ouvir as súplicas impotentes do rei Bóris III da Bulgária e Leopoldo III da Bélgica. Duas semanas mais tarde, foi a vez da rainha-mãe da Romênia — desgastados membros da realeza que achavam que sua ancestralidade podia interferir com os grandes planos dele. Foram tratados com pompa militar e saudações de espadas, depois mandados de volta sem concessões. A era deles estava encerrada. O grande esquema de Hitler para a arianização de meia Europa sob a águia do Terceiro Reich amadurecia.

Ele submeteria a Inglaterra e a Rússia, se necessário ambas de uma vez, dissessem o que dissessem seus pusilânimes gerais e marechais-doar. O consolo de Eva para um segundo Natal sem seu parceiro foi a chegada do *Führer* ao Berghof a tempo do Ano Novo, para ficar o mês todo. O ano de 1941, ela deve ter pensado, começava bem.

Enquanto isso, a maior invasão por terra da história das guerras modernas, a Operação Barbarossa, estava prestes a começar, visando a nada mais nada menos que a derrota dos poderosos exércitos da União Soviética. Ela teve início às três da manhã do dia 21 de junho de 1941, com uma barragem de artilharia composta de milhares de canhões e ondas sucessivas de bombardeiros de mergulho. No fim da manhã do primeiro dia, a Luftwaffe destruiu 890 aeronaves soviéticas, a maioria antes de alçar voo, e dentro de três semanas outras 6.857 haviam sido postas fora de combate e 550 aviões estavam perdidos. Nos primeiros dias, tomados pela euforia, parecia que a vitória seria fácil. No dia 24 de julho, o centro inteiro de Minsk foi destruído. Uma testemunha escreveu: “E quando saímos [dos porões], o que vimos! Casas em chamas, cinzas, ruínas e cadáveres por todos os lados nas ruas”. O terror e desespero dessa experiência foi comum a milhões de sobreviventes de ataques com bombas por toda a Europa. Tendo infligido o caos e a imolação como as chamas que engoliram o Valhalla no *Götterdämmerung*, o exército alemão, protegido pela Luftwaffe, empreendeu sua marcha triunfante, avançando rapidamente pelo *front* ocidental da União Soviética. “Stalin nunca sofreu um choque tão grande na vida.”^[15] Depois, veio o início do inverno, e a neve. A neve mudaria tudo.

O mês de setembro já presenciava a paralisia da Wehrmacht, augurando terrivelmente o fim. A dura estação gelada russa, conhecida entre os soldados como

“General Inverno”, era um imenso reforço para o Exército Vermelho, bem equipado e acostumado ao frio, e uma desvantagem mortífera para o exército alemão, despreparado com suas botas leves e uniformes insuficientes. Os selvagens cães de guerra eram uns vira-latas assustados, agora, e os sinos dos trenós cantavam alegremente conforme fugiam através da neve tingida de sangue. A batalha na Rússia cobrou um tributo terrível das tropas alemãs e no fim de 1942 estava óbvio que a Operação Barbarossa fracassara. Hitler não era páreo para a liderança militar de Stalin, nem seus exércitos tampouco podiam fazer frente à prontidão das forças soviéticas em atacar e morrer na luta contra o odiado Reich.

Em outubro de 1941, a população de judeus remanescente em Hamburgo — muito esvaziada, vivendo perpetuamente com medo, mas dando um jeito de sobreviver de algum modo — foi avisada de repente que seria “remanejada para o leste”. Apressados, juntaram tudo que podiam carregar e se prepararam para partir. Em alguns dias viram-se amontoados em filas apreensivas e desordenadas nas ruas, com ordens de marchar até a Ostbahnhof de Hamburgo. Seu destino, e a finalidade dele, eram ignorados e ninguém antecipava os horrores — separação, trabalhos forçados, fome e morte — que os aguardavam. Parte do motivo para sua expulsão era que muitas pessoas haviam ficado desabrigadas com os bombardeios e o “remanejamento” era uma solução oportuna e prática à carência cada vez maior de casas. [16] Embora os alemães não fizessem nada para esconder o que estava acontecendo, minha mãe não pôde ser informada sobre isso. Numa carta mensal de 25 letras, não havia espaço para contar o desaparecimento de pessoas que outrora haviam sido seus amigos e vizinhos — e, além do mais, isso só teria deixado Ditha aflita.

Esses eventos bárbaros não diziam respeito a Eva. Se tivesse ouvido alguma coisa a respeito, não teria sido mais que a débil trovoada de uma tempestade distante. No lugar em que estava, o sol continuava a brilhar, embora o Deus Sol estivesse ausente.

EVA, GRETLE E FEGELEIN

EM 1942, A LIBIDO DO *Führer*, que envelhecia a passo acelerado, diminuiria consideravelmente. À medida que o tempo passou, ele e Eva ficaram quase que fadados a fazer menos amor do que ela teria gostado. Ele continuava, aos 54 anos, comparativamente jovem, mas nunca fora um homem muito voluptuoso e a guerra exigia demais de seu tempo, vontade e energia. Em 1943, quando a maré da guerra se voltara contra a Alemanha, já não faziam amor nunca. Isso é comprovado por Speer, cuja amizade íntima com Eva Braun tornara-o seu confidente natural:

Foi para Albert Speer que ela se voltou, às lágrimas, a fim de contar que “o *Führer* acaba de me dizer para encontrar outra pessoa, que não pode mais me satisfazer como homem!”. Não há dois modos de interpretar isso, Speer prosseguiu: “Ela deixou bem claro que Hitler lhe dissera estar ocupado demais, absorvido demais, cansado demais — não podia mais satisfazê-la como homem”.^[1]

As palavras mais importantes no relato são “não podia mais”, deixando perfeitamente claro que no passado Hitler a satisfizera “como homem”. Eva, agora com 31 anos e entrando na plenitude de sua vida sexual, ficou suficientemente aflita com a incapacidade do amante em manter a antiga atividade sexual para buscar aconselhamento junto a seu médico particular, o dr. Morell, de quem nunca gostara e em quem não confiava. Provavelmente, sabia que fora um especialista em doenças venéreas e achava que seria bem-informado em questões de sexualidade masculina — prova de como queria de volta o velho Hitler e sua potência sexual, seja qual for o significado disso. Morell mais tarde confirmou à Comissão Americana de Inquérito^[2] que Eva pedira algo para estimular o desejo cada vez menor de Hitler e que ele prescrevera injeções de um hormônio sexual masculino chamado Testoviron para o *Führer* (algo parecido com a testosterona), que segundo se acreditava restaurava a energia sexual desaparecida, mas o remédio não surtiu nenhum efeito.^[3]

Num gesto de magnanimidade — ou indiferença —, o *Führer* deu a Eva permissão tácita para procurar um homem mais viril que o substituiu. Hitler não era ciumento — muitas vezes no passado tinha dito que se fosse para se apaixonar por um homem jovem e apropriado, não ficaria em seu caminho. Ele queria que se sentisse satisfeita, reconfortada e mais feliz do que poderia torná-la e se a ânsia de um marido e filhos ficasse premente demais, era livre para procurar em outra parte. Vários lambe-botas do Berg alegavam que tinha casos, espalhando boatos torpes, numa tentativa de sujar sua

reputação e tirar sua posição de senhora do Berghof. Não há o menor sinal a evidenciar que isso possa ter ocorrido, e, nesse caso, a vida sexual dessa jovem saudável e ativa se encerrou pouco após os trinta anos. A mera frustração sexual e biológica teria sido um motivo forte o bastante para a infidelidade e vivia cercada de batalhões de homens prontos a lhe dar a oportunidade de uma escapadinha, mas, quando perguntaram a Speer se Eva Braun em algum momento levava as palavras de Hitler em consideração, ele replicou: “Isso estava fora de questão, para ela. Seu amor e sua lealdade eram absolutos — como de fato o provou, inequivocamente, no fim”. Por outro lado, esse mesmo Speer, estranhamente, ao que parece comentou com David Puttnam, em *off* — haviam se conhecido durante a produção de um documentário —, que ela na verdade chegara a ter um romance fugaz, indicando um jovem ajudante que aparece numa das cenas de esportes de inverno, nos filmes caseiros dela, como o homem em questão. Dada a tendência de Speer em dizer às pessoas o que elas queriam escutar, a informação deve ser encarada com um pé atrás, em particular por não ter sido corroborada por mais ninguém.

Se Obersalzberg era claustrofóbica demais para possibilitar uma aventura, sempre havia Munique, onde cultivava um amplo círculo de amizades (embora jovens rapazes estivessem desaparecendo um após o outro). Se aí nada acontecesse, podia muito bem ter sido cativada por algum italiano bonitão durante uma de suas viagens ao exterior. Uma bela jovem em busca de um amante dificilmente precisa ir muito longe para procurar e, em épocas de guerra, é um impulso natural, quase universal, que os soldados queiram propagar sua linhagem e perpetuar seus genes. O problema era que Eva não estava em busca de um amante. Poderia ter “pulado a cerca”, mas não existem evidências de que algum dia tivesse tido um romance ocasional — exceto, é possível, uma vez, no começo do relacionamento com Hitler. Herta Schneider revelou a Nerin Gun, trinta anos após os eventos que descreveu, um encontro em 1935 entre Eva e um estranho que podia ter levado a um *affair* ou mesmo a um compromisso mais sério.^[4] Gun alega ter checado a veracidade disso, embora como, ou com quem, não mencione.^[5] Contudo, de certa forma, as minúcias de tempo e lugar e o fato de que a história provenha de uma fonte confiável e em primeira mão emprestam-lhe um ar de verdade. Ei-la aqui, exatamente como Herta contou:

Apenas uma vez Eva mostrou algum interesse por outro homem. Foi depois de sua segunda tentativa de suicídio [em maio de 1935, aos 23 anos], quando foi com a mãe e a irmã mais nova para Bad Schachen, um encantador castelo e hotel no lago Constança, perto de Lindau. Um certo Peter Schilling, homem de negócios, mais jovem que Hitler, embora com mais de trinta, começou a cortejá-la. Ele ficou mesmo impressionado. Os dois se tornaram imediatamente inseparáveis e faziam um belo casal. Eva confidenciou que gostava muito de Schilling, que o achava perfeito e que, em outras circunstâncias, seria até capaz de tê-lo amado. “Mas já existe um homem em minha vida e nunca haverá outro. É tarde demais.” Assim, recusou-se a voltar a

vê-lo e até a falar com ele ao telefone. Não há como saber se contou o incidente a Hitler.

De fato, não há; tampouco se contou para Herta ou se isso realmente aconteceu, para começo de conversa.[6] É difícil imaginar que Eva, envolvida com um homem de enorme carisma e com poder nacional e internacional, teria se contentado em viver como *Frau Schilling*. Como uma atleta ou usuária de drogas, viciara-se na adrenalina de sua relação turbulenta com o *Führer*. Tivesse ou não consciência disso, a felicidade pura e simples já não era o bastante. Em 1935, ele já exercia seu domínio sobre ela e, em 1942, sua vida estava irremediavelmente enlaçada na dele.

A vida de Hitler era cada vez mais ameaçada por assassinos.[7] Algumas tentativas quase lograram êxito, mas viram-se todas frustradas, fosse por circunstâncias imprevistas, fosse pelo aumento das medidas de segurança tomadas pelo ditador paranoico. No verão de 1942, porém, Claus Schenk Von Stauffenberg, do Círculo Kreisau (sobre o qual muito mais será dito, adiante), começou a defender a morte de Hitler. Von Stauffenberg conheceu Hitler quando o *Führer* passava instruções militares, em junho de 1942, e observou: “Göring parecia usar maquiagem, Speer aparentava ser a única pessoa sã entre psicopatas e Hitler tinha as pálpebras inchadas e as mãos palpitantes. Era difícil até respirar naquela atmosfera viciada e podre”. Eva, naturalmente, não sabia nada a respeito, embora se preocupasse constantemente que algum louco pudesse tentar assassinar seu homem.

A família Braun e amigos continuavam a viajar para o exterior sob a proteção do *Duce* — a Itália era um dos poucos países da Europa onde a presença deles era bem-vinda — todo ano desde a década de 30. Quando a guerra já ia bem avançada, em julho de 1942, Eva tirou umas férias com um grupo de amigas na Riviera italiana. Era sua quinta visita desde 1938, e seria a última. Poucos dias após deixar a Itália, Mussolini foi derrubado. Agora as opções de destino de férias reduziam-se à... Grécia, talvez, ou Noruega? Nenhum dos dois países era inteiramente seguro. Eva e suas amigas tinham pouca escolha senão ficar em casa e ver o pôr-do-sol em Berchtesgaden.[8] Os bons tempos, ela deve ter se lamentado, chegavam ao fim.

Em novembro de 1942, o *Führer* começava a acusar as pressões da guerra — uma guerra que insistia em conduzir quase que a solo. A memória de Hitler começou a falhar (como sua percepção da realidade sempre fizera). Sua megalomania, quando a guerra parecia tomar o rumo de seus sonhos, era incontrolável e só piorava. O conde Ciano, relatando um encontro com Hitler e Mussolini em Salzburgo, em abril de 1942, escreveu: “Hitler fala e fala e fala e fala. No segundo dia, depois do almoço, quando tudo já fora dito, Hitler falou ininterruptamente por uma hora e quarenta minutos”.[9] Quando empreendeu a Operação Barbarossa contra a União Soviética, uma antiga aliada em seu pacto de não-agressão, Hitler acreditava que “Tudo que temos a fazer é dar um pontapé na porta, então toda a estrutura apodrecida irá desabar”. Isso foi uma tremenda prova de seus preconceitos e falta de informação. Barbarossa teve início e mais de 3

milhões de soldados alemães e 3.300 tanques cruzaram a fronteira russa, armamentos e homens que não podiam ter sido dispensados da guerra contra os aliados.[10] Hitler se recusara a dar ouvidos aos conselhos, para não falar dos avisos, e esperava que a vitória viesse em alguns meses. Não podia estar mais errado.

No início de 1943, ele permaneceu constantemente em movimento entre o quartel-general de Berlim e o Wolfsschanze, na fronteira oriental da Prússia, e com menos frequência em sua base sul, Werwolf, perto de Vinnitsa, na Ucrânia, onde passou um mês no fim da primavera. A derrota para os soviéticos cobrara seu tributo. Em março de 1943, Hitler era, segundo um biógrafo,

um homem exausto [...]. Fitava o vazio com os olhos esbugalhados, as maçãs do rosto inchadas, e sua espinha era torta por causa da cifose e de uma leve escoliose. Sofria de espasmos na perna e no braço esquerdos e arrastava os pés. Estava cada vez mais irritável, reagindo violentamente a críticas, e se aferrava com obstinação às próprias opiniões, por mais ridículas que fossem. Falava num tom surdo e monótono, se repetia e ficava voltando ao tema da infância e do começo da carreira.

[11]

O *Führer* recebeu ordens médicas de repousar por três meses. Chegou ao Berghof em 22 de março, mas, depois de aguentar as festividades de Páscoa e aniversário (fez 54 em 20 de abril), partiu novamente em 2 de maio, primeiro para Munique, depois Berlim, então para o Wolfsschanze, onde ficou animadíssimo com o exultante relatório de Albert Speer, agora ministro de Armamentos, sobre a crescente produção de material bélico dos alemães. Em 21 de maio de 1943, estava em casa outra vez para cinco semanas, mas Eva não conseguiu persuadi-lo a passar muito tempo em sua companhia, uma vez que ele estava ocupado com reuniões, visitas oficiais, conferências militares e as vitais, ainda que cada vez mais inúteis, decisões táticas, numa guerra que se voltava contra ele. Mais histérico que nunca, falava, andava em círculos, atravessava a noite com mapas e gerais, devorava pílulas e não conseguia se acalmar. Ela tirou algumas fotos suas no terraço (cada visita podia ser a última), mas em todas seu aspecto é tenso e sombrio. No dia 29 de junho, ele tomou um voo de volta ao Wolfsschanze. Não por muito tempo. Em 18 de julho, estava outra vez em Obersalzberg e Eva passou dois dias com ele, mas até mesmo esse breve intervalo foi interrompido por uma visita de Mussolini, que esperava o apoio do *Führer* na situação italiana, que rapidamente se desintegrava. Uma semana mais tarde, *il Duce* foi derrubado e preso.

As incansáveis idas e vindas continuavam. No dia 20 de julho, o *Führer* regressou ao leste da Prússia por quase quatro meses, durante todo o outono até 8 de novembro, quando tirou uma semana de férias no Berghof. No dia 16, estava de volta ao Wolfsschanze para o Natal de 1943 e o Ano Novo, ocasiões que no passado quase sempre conseguira passar com Eva. Em outras palavras, entre o fim de junho de 1943 e 23 de fevereiro de 1944 — quase oito meses — os dois não se viram por mais que dez

dias. Como observou Gertraud em suas memórias, Eva “sofia com as maquinações e intrigas de Bormann contra ela e tinha de ficar apenas assistindo enquanto Hitler era arruinado pelos médicos com seus tratamentos, incapaz de fazer alguma coisa, pois sua influência era nula, até mesmo sobre ele”.

Dadas essas longas ausências, aliadas ao colapso dramático da saúde de Hitler, teria sido perdoável se o constante afluxo de jovens ajudantes aquartelados no Berghof (que definitivamente eram atraentes: Hitler fazia questão de se cercar de jovens altos, loiros e bonitos) houvesse levado Eva à infidelidade. Perguntado sobre como ela era com outros homens, Herbert Döring disse: “Decerto completamente diferente da forma como era com Hitler. Com ele, portava-se de um jeito fechado e artificial; era travada. Com outros homens ficava instantaneamente mais relaxada, expansiva, normal. Movia-se normalmente, parecia normal, com suas belas expressões e trejeitos”. Tornada uma pessoa vivaz, encantadora e charmosa, Eva Braun era um chamariz óbvio. Embora tivesse de ficar longe das vistas quando delegados estrangeiros apareciam em Obersalzberg, um jovem ajudante-de-ordens observador poderia vê-la voltando de uma caminhada ou tomando banho de sol no terraço, partindo então para algumas perguntas discretas. A pessoa lhe diria que era uma das secretárias. Se fosse um pouco mais longe e mandasse um bilhete marcando um encontro, como Eva teria reagido? A verdade é que não temos como saber. Para a amante do *Führer*, arrumar um outro amante teria sido um passo perigoso, para ele e para ela, e, houvesse isso ocorrido, teria sido necessário o máximo cuidado para manter segredo. Não existem relatos diretos de flertes e aproximações, nenhuma carta amorosa, nenhum regalo de amor, nenhuma foto borrada de um beijo ilícito — *nada* que sustente a afirmação de ter havido admiradores para quem ocasionalmente se entregava. Faltava no Berghof uma fofoqueira de peso ou alguém que mantivesse um diário e fosse capaz de descortinar um mundo oculto de brincadeiras amorosas. Nenhuma Nancy Mitford, James Lees-Milne ou duque de Saint Simon emergiu desse enclave de filisteus. Eva tem de ser presumida inocente. Quase que se pode dizer que é uma pena.

Gretl, por outro lado, podia fazer o que bem entendesse sem que se dissesse uma palavra a respeito de seus pecadilhos no Berg na manhã seguinte. A linda Gretl, com seu sorriso envidiado e olhos de veludo, adorava um flerte e tivera mais de um caso amoroso, até conhecer o charmoso, e amplamente detestado, *Gruppenführer* Hermann Fegelein, general da SS e oficial de ligação entre Himmler e o *Führer*.^[12] O garboso recém-chegado apareceu no Berg em março de 1943 e provocou um forte impacto na vida das irmãs Braun. Em pouco tempo abriu caminho no círculo íntimo. Traudl Junge observou:

No início, só era visto nas cercanias do Berghof, mas ficou amigo de Bormann e logo se tornou uma pessoa influente. Era o clássico tipo do cavaleiro vistoso. Não admira muito que estivesse acostumado ao assédio feminino. [...] Nem bem apareceu já era admitido à mesa do Berghof. Brindava com todas as pessoas influentes,

partilhava de banquetes com Bormann noite após noite e logo tinha todas as damas a seus pés. Fegelein, um bom papo e excelente companhia, atraía a atenção de Eva Braun e sua irmã Gretl. Esta última particularmente tornou-se objeto de exibição do belo Hermann. Como se não fizesse ideia de que era a irmã de Eva Braun, dizia-lhe: “Aquele ali é uma pata tonta!”.^[13]

Estaria disfarçando seus verdadeiros sentimentos? Os fofoqueiros de plantão e os inimigos dela espalharam rapidamente insinuações de que Eva e Fegelein eram amantes. Herbert Döring achava isso bem possível. “Fegelein era um grande admirador de Eva Braun — ah, se era — e teria gostado de possuí-la. Christa Schröder disse que Eva gostava de Fegelein, mas não sei nada sobre isso. Certamente é algo que dá para imaginar.”^[14] Ele deixa de observar que, enquanto o suposto relacionamento tinha lugar, já não fazia parte da criadagem do Berghof, de modo que seus comentários são de ouvir dizer; e ficam ainda mais desacreditados por virem de uma secretária — Christa Schröder — que reconhecidamente não gostava de Eva. Em 1985, mais de quarenta anos depois, Christa alegava em suas memórias que Eva lhe confidenciara que, quando Fegelein surgiu em Obersalzberg, deixou-a vivamente impressionada, acrescentando: “Se eu o tivesse conhecido há alguns anos, teria pedido ao chefe para me liberar”.^[15] Talvez. Mas mais provavelmente não. À parte qualquer outra coisa, por que confiaria ela em *Fräulein* Schröder, que jamais foi sua aliada? Gitta Sereny acredita que essas histórias são absurdas. “Nunca tive nenhuma prova desse ‘*affair*’ com Fegelein e fico inclinada a pensar que não passa de folclore. Eva não era uma garota imoral e isso teria sido algo profundamente imoral. Descarto que tenham dormido juntos. Acho apenas que não tem a ver. Acho que era a namorada de Hitler e só.”^[16]

As histórias maldosas de um suposto caso estão baseadas em conjecturas e suspeitas e não levam em consideração aspectos humanos, como lealdade e afeição familiar. Eva amava Hitler com devoção cega. A infidelidade teria sido uma traição terrível, ainda que ele houvesse dado a entender que não a culparia. Como boa católica, já pecara bastante sem precisar cobiçar o futuro marido da irmã. Talvez o impedimento mais poderoso fosse que isso teria magoado Gretl profundamente. Passara a vida toda à sombra de Eva. Se a irmã mais velha roubasse seu namorado, ou noivo, para não falar de marido, o dano teria sido irreparável. Para desconsiderar coisas como essas, Eva teria de estar loucamente apaixonada por Fegelein, e não estava. Do ponto de vista dele, teria sido um risco absurdo seduzir a amante do *Führer*. O vazamento da história — e naquela estufa que era o Berghof *alguém* teria descoberto — significaria rebaixamento, banimento ou até a morte. Fegelein decerto achava Eva atraente, mas não era bobo de ir além de uma dança em público, entregues a um sedutor abandono.

A leal Gertraud, é claro, continua convencida de que Eva nunca teve um amante:

Ela não estava interessada em flertar com outros homens, estava inteiramente concentrada em Hitler. Dizia-se que tinha um caso com Fegelein, mas para mim

falava a respeito dele com grande desaprovação. Eu sentia pena de Gretl, por ter um marido daqueles: rígido, orgulhoso, arrogante, mas também um galanteador. Queria se casar com Gretl porque isso o faria avançar na hierarquia.[17]

Eva também tinha consciência de que uma das maiores motivações de Fegelein em cortejar Gretl era que o status de virtual cunhado de Hitler lhe valeria um lugar firme no coração do círculo encantado. Ela enxergava no garboso cavaleiro um arrivista desavergonhado, mas, como Gretl era louca por ele, talvez deixasse pra lá. Gertraud observa:

Ela [Eva] fora namorada de Hitler havia quase décadas [*seit fast Jahrzehnten*], mas ele não a desposara; e agora lá estava aquele homem querendo casar-se com sua irmã. Não fica claro se Fegelein realmente queria casar com Gretl ou se o fazia, como se suspeitou, para agradar a Hitler e Bormann. Hitler sem dúvida providenciou apoio financeiro e de outros tipos para o casamento.[18]

Eva deixou de lado seus pressentimentos e apoiou a inadequada escolha da irmã.

A própria Gretl, consciente da idade — tinha agora quase trinta —, e encorajada pela paixão casamenteira de Hitler (“Eva e Gretl sempre foram as marionetes de Hitler”, disse Gertraud), casou-se com Hermann Fegelein em parte para agradar ao *Führer*, em parte para agradar à mãe (louca para ganhar netos), mas, acima de tudo, para agradar a si mesma. Seu marido era um general, bem situado na hierarquia da SS e muito atraente. Diversas mulheres haviam-nos perseguido ardentemente. Gretl devia achar que encontrara um bom partido.

No dia 3 de junho de 1944, Eva fez os arranjos para as luxuosas bodas da irmã — difícil não ver nisso um substituto para seu próprio casamento. Gretl Braun e *Gruppenführer* Hermann Fegelein, SS, uniram-se em matrimônio na prefeitura de Salzburgo; um casamento civil, é desnecessário dizer. Dali, voltaram de carro ao Berghof, onde um esplêndido almoço dado por Hitler fora servido para o casal e seus convidados. Gretl estava deslumbrante num vestido branco de seda, com um profundo decote coberto de renda, cortado na diagonal para enfatizar seu talhe esbelto e ao mesmo tempo mostrar que não estava grávida. Carregava um buquê de flores brancas e sorria de modo arrebatador para o marido puro-sangue, cem por cento ariano garantido. As fotos mostram o casal encenando uma pose de recém-casados apaixonados, a cabeça de Gretl pousada com confiança no ombro de seu homem, Fegelein com ar forte e protetor. Na foto oficial do casamento, Hitler, pelo menos então com traje civil (ele havia jurado usar uniforme, como seus soldados, até o fim da guerra), sorri levemente com os lábios apertados. Eva, de modo muito pouco habitual, escolheu um vestido de cetim um tanto quanto impróprio, firmemente drapeado no busto, com uma cintura apertada e saia bufante, mais para anos 50 que 40 e nem um pouco seu estilo costumeiro. Talvez não fosse deliberado, mas dava a entender que não queria ofuscar a irmã.

Quando a refeição e os discursos terminaram, os presentes (embora não o *Führer*, que tinha coisas mais urgentes para tratar) foram transportados em vários carros através da encosta íngreme até o Ninho da Águia, no pico do Kehlstein. Ali, outra festa teve lugar, com tanto champanhe quanto os convidados fossem capazes de beber (empolgado com a atmosfera romântica e libidínosa da ocasião, Göring bebeu tanto que teve de ser carregado sem sentidos de volta para casa). O casal foi acalentado com uma serenata de acordeão e violino — os músicos não eram, é claro, ciganos; detido nos campos de concentração, o povo rom, a essa altura, fora praticamente aniquilado[19] —, executada por uma desgraciosa dupla tirada da banda da SS. Depois disso, o alegre bando bebeu mais champanhe e todos dançaram até as três da manhã.

Três dias depois, o desembarque aliado na Normandia começou.

Traudl Junge observou:

É surpreendente como ele [Fegelein] conseguiu ficar amigo de Eva — embora talvez não tão espantoso assim, quando se considera como podia ser divertido e encantador. E Eva, jovem e cheia de vida, que fora forçada a ficar quieta em segundo plano, estava feliz de ter um cunhado com quem podia dançar até cansar sem prejuízo moral, censura ou fofoca.[20]

Mas o casamento de Gretl mudou o relacionamento de Eva com sua irmã e também mudou seu próprio status. A prima Gertraud descreveu a alteração da dinâmica entre as duas, até então amigas próximas e confidentes mútuas:

A vida de Eva entrou numa fase difícil no período que se seguiu ao casamento de Gretl com *Herr Fegelein* [...] com o que, do modo que vejo, a pequena puxa-saco de Eva viu-se transformada numa mulher casada. Não faz diferença se Gretl amava ou não o marido: estava casada, agora, ao passo que Eva continuava uma amante. Ou talvez não tanto a amante quanto a mulher que “fica ao lado de seu homem”, por lealdade e um certo senso de responsabilidade. O casamento de sua irmã criou um problema psicológico grande para Eva. O relacionamento entre as duas sempre fora muito intenso e agora ela perdera a irmã, que havia sido sua melhor amiga, por causa do casamento com um homem que não respeitava.[21]

Eva estava mais isolada que nunca. Agora que Gretl se fora — a pessoa que a venerava e ficara a seu lado desde quando eram pequenas e moravam na Isabellastrasse —, Eva não vinha em primeiro lugar para mais ninguém, certamente não para Hitler. A despeito de sua posição estabelecida, sofria com o degradante anonimato que ele continuava a lhe impor. Como Fegelein, ela alimentara esperanças de que seu status subiria por meio de uma ligação familiar legítima com o *Führer*. Era agora oficialmente “*gesellschaftsfähig*”: adequada para uma companhia educada. “Agora que sou cunhada de Fegelein”, disse,

“sou *alguém*, finalmente!” É um pensamento triste que, após ter sido amante de Hitler e morado no Berghof por quase dez anos, Eva tivesse a si mesma em tão baixa conta que sentisse necessidade de reivindicar uma posição legítima em Obersalzberg por intermédio do casamento da irmã mais nova com um alpinista social, que abrisse caminho, à força da lábia, para ingressar no círculo íntimo.

1941-3 – O QUE EVA PODERIA TER SABIDO?

VENDO EM RETROSPECTO, as brincadeiras nas fotos e filmes caseiros de Eva do fim dos anos 30 até já bem avançados os anos de guerra parecem uma coisa macabra, a troça de gente louca ou desconectada da realidade exterior. Ela e seu grupo faziam caminhadas e piqueniques, tomavam banho de sol no ar puro da montanha, colhiam buquês de flores silvestres, nadavam e exibiam acrobacias (bem, pelo menos Eva, sim) às margens do Königssee cor de safira. Milhões de mulheres alemãs que lutavam para conseguir alimento para suas famílias e improvisavam toalhas higiênicas de sacos de aniagem rasgados, usando-os repetidas vezes até que cheirassem mal, teriam ficado indignadas se vissem esses despreocupados passatempos.^[1] Mas a vida cômoda de Eva não tinha relação com o fato de saber a respeito do que era perpetrado no mundo real além dela; se alguma coisa indica, é que não sabia. Quão provável é que soubesse?

O racista e autoritário movimento nazista era especificamente *masculino* e continua assim para os poucos e iludidos neonazis que seguem sua causa até hoje, sonhando com um tempo e lugar imaginários onde seriam pessoas importantes e respeitadas. Nas décadas de 20 e 30, os alemães do sexo masculino eram atraídos por um dogma que situava homens acima de mulheres, valentões acima de pensadores, obediência acima de inteligência, hierarquia acima de mérito. Eram estimulados pelos comícios maciços cujos rituais — uniformes, marchas, canções, bandeiras, tochas, fogos de artifício e um *Führer* — ocupavam o lugar dos rituais religiosos. Reagiam a filmes de propaganda e cartazes mostrando imagens homoeróticas de jovens — operários e soldados — e eram seduzidos pelos slogans simples e veementes e a falsa panóplia de nacionalismo. As mulheres não davam tanta importância ao credo político; para elas, o atrativo era o status que ganhavam como boas esposas e mães, criando suas famílias e apoiando seus maridos. O nazismo as glorificava por desempenhar seu papel — um que, até então, havia sido tido como certo. Acorriam como uma manada a Hitler, uma figura casta e inspiradora por quem nutriam uma mistura de adoração heroica e paixão escolar. A mulher nazista ideal era o contrário de tudo que uma feminista viria a aspirar. Era um bem doméstico e biológico, não um indivíduo com ideias próprias, talentos, necessidades e direitos. Em outras palavras, as mulheres podiam ser nazistas na medida em que não pensassem nem fizessem perguntas. O meio mais fácil de conseguir isso era se os homens jamais conversassem com elas sobre política.^[2] Durante a guerra, as tortuosas pontificações de Hitler à hora da janta foram registradas tintim por tintim. Certa noite, em 1943, ele disse: “Detesto mulheres que se metem a falar de política e se a falação se estende a questões militares a coisa fica completamente insuportável. [...] O cavalheirismo proíbe a

pessoa de dar às mulheres uma oportunidade de se pôr em situações que não sejam adequadas para elas”.[3]

Os diferentes papéis exercidos pelos dois sexos eram básicos para o modo como os arianos se definiam. Homens e mulheres constituíam um par somente numa função crucial — procriação, se necessário, sem a formalidade do casamento. “Melhor uma mãe não casada mas satisfeita do que uma solteirona seca”: isso resumia a opinião de Hitler — não que a estendesse para Eva. Os nazistas acreditavam na antiga distinção teutônica em que homens eram guerreiros e mulheres, fazedoras de família. Homens ocupavam praticamente todos os postos de liderança no Estado nazista, com as mulheres excluídas da vida política.[4]

As mulheres podiam ser excluídas da política, mas isso não as impedia de ver, e de reagir ao que viam; de reagir com sua consciência e de tomar medidas para resistir ao que não aprovavam. A difícil questão e o ponto crucial deste livro é: Eva Braun, assim como minha mãe e suas duas irmãs, a mãe *delas* e minhas queridas e abnegadas tias-avós, bem como milhões de outras sofridas donas de casa alemãs, eram mulheres boas ou más, ainda que fossem más por associação? Foram elas maculadas pela deformação moral que o nazismo infligiu a seus maridos, irmãos e filhos? Devemos considerar Eva, em particular, culpada de cumplicidade por permanecer passiva diante do mal supremo; e culpada *sobretudo* por seu relacionamento com Hitler? O julgamento de Eva Braun exige uma verificação realista do que ela sabia ou, se tivesse feito algum esforço, *teria sabido*. Teria ela se dado conta de que o amante arquitetara um período de doze anos de violência assassina, a começar pelo programa de eutanásia, na década de 30:[5] que queria varrer todos os judeus da face da Europa[6] e acatou de bom grado cada morte e cada baixa numa guerra que tirou a vida de dezenas de milhões? As evidências em primeira mão são frustrantemente poucas e a verdade só pode ser presumida.

O respeitado historiador do Terceiro Reich Richard Evans assinala o perigo de usar a informação *a posteriori* para condenar alguém que não tinha como saber o futuro:

Recontar as experiências de indivíduos deixa muito claro, como nada mais consegue, a pura complexidade das escolhas que tiveram de fazer e a natureza difícil e muitas vezes obscura das situações que tiveram de enfrentar. Seus contemporâneos não poderiam ver as coisas com tanta clareza quanto nós, dotados de uma visão retrospectiva; não poderiam saber em 1930 o que viria em 1933, não poderiam saber em 1933 o que viria em 1939 ou 1942 ou 1945. *Se soubessem, sem dúvida as escolhas que teriam feito seriam diferentes...* [7] (grifo meu)

Em 1939, até os próprios judeus encaravam os rumores sobre campos como exagero e preferiam ficar onde estavam — otimismo fatal, inércia fatal —, em vez de trocar suas casas e seus países por um futuro incerto.

Com todos os seus horrores sem paralelo, os Eventos Negros permanecem um terreno de ambiguidade moral. Uma visão simplista congelou a era nazista num

ciclorama de horror, rotulando Hitler como um monstro destituído de qualquer humanidade e Eva como uma cabeça oca complacente. A verdade tem muitas nuances e afirmações simples de preto no branco nem sempre são inteiramente verdadeiras. Em que medida a responsabilidade pode ser atribuída àqueles que mantinham ligações com os perpetradores — suas esposas, famílias e amantes — não é fácil de determinar. As esposas de outros nazistas de alto escalão não foram punidas. Será que as mulheres do Berg sabiam o que estava acontecendo na época e, nesse caso, quanto sabiam? Será que aprovavam? Ajudavam ativamente? Teriam deixado de fazer alguma coisa que estivesse a seu alcance para socorrer os que eram perseguidos? A maioria dessas perguntas deve ser respondida com um “sim” se as pessoas que não estiveram diretamente implicadas forem consideradas responsáveis ou julgadas culpadas. Mesmo hoje, sessenta anos e duas gerações depois, alguns críticos da Alemanha garantem que *todos* os alemães compartilham de uma culpa ancestral pelos crimes de guerra em seu país, embora os jovens alemães de hoje não tivessem nascido quando Hitler estava no poder, assim como tampouco, na maioria dos casos, seus pais. Contudo, muitos alemães admitem ocultar um sentimento de culpa e quase todos agem na defensiva em relação ao passado. Os Eventos Negros criaram um longo período de trevas, que vem durando mais que a maioria dos períodos pós-guerras, e o estigma permanece até hoje.

A reação mais fácil é dizer que as alemãs eram culpadas de cooperar com o Terceiro Reich e não se manifestar nem se rebelar contra o sistema. Mas há uma diferença entre moralidade e heroísmo. Espera-se que as pessoas sejam moralmente virtuosas, de um modo comum, decente, respeitador da lei, mas não se espera que sejam *heroicas*. (O heroísmo consiste precisamente em ir além do que exige o dever civil e humanitário normal.)^[8] Ninguém culpou as mulheres soviéticas por causa dos crimes e campos do regime igualmente maligno de Stálin. Nas duas sociedades, mulheres perversas eram encorajadas e recompensadas pelo sistema — informantes, plantadoras de boatos e difamadoras cujas denúncias foram responsáveis pela prisão e morte de inúmeros inocentes. Pior de tudo eram as guardas femininas dos campos, bruxas sádicas tão capazes de brutalidades quanto suas contrapartidas masculinas. (Em Ravensbrück, campo de concentração perto de Berlim, eram ex-membros da Bund Deutscher Mädel, treinadas para obedecer cegamente desde a adolescência.) Mas essas eram um caso excepcional; e, como a soldado Lynndie England mostrou recentemente no Iraque, gente como elas continua por aí. A crueldade não é exclusiva de um sexo. Jovens alemãs haviam sido programadas pela BDM. Sua crença na ideologia nazista fora-lhes inculcada numa idade em que não tinham nem a informação nem o discernimento moral para discutir. Elas aprendiam a cumprir os objetivos do partido e, em troca, adquiriam uma autoestima inabalável. A grande maioria das mulheres alemãs sob Hitler *era* decente; a maior parte, em circunstâncias normais, não teria sido cruel, mas pouquíssimas eram heroínas, embora não devamos nos esquecer da enorme resistência e coragem que todas as mães alemãs precisaram ter em tempos terríveis, quando simplesmente impedir que as crianças e os velhos morressem de frio ou de fome exigia heroísmo.

Em 1947, logo após o fim da guerra, Traudl Junge escreveu um relato detalhado da doutrinação a que fora submetida na infância e na juventude, numa tentativa de compreender sua própria complacência com o regime; complacência que, como tantas outras pessoas em torno de Hitler, mais tarde repudiou. Quando o escreveu, Traudl Junge alegou que não tinha a menor intenção de publicar, mas 55 anos depois o manuscrito datilografado veio a público em língua inglesa como *Until the Final Hour: Hitler's Last Secretary*. Em que medida o texto foi expurgado entre 1947 e 2000, ninguém além de *Frau* Junge pode dizer com certeza. O livro foi saudado como último relato genuíno de uma testemunha ocular do círculo de Hitler e nos derradeiros meses antes de sua morte, em 10 de fevereiro de 2002, com a idade de 81 anos, tornou-a mundialmente famosa. O aclamado filme *A queda — Os últimos dias de Hitler (Untergang)*,^[9] retratando as últimas semanas de Hitler no *bunker*, foi parcialmente baseado em suas memórias.

Nascida em Munique em 1920, com quinze anos de idade Traudl entrou para a Bund Deutscher Mädel, junto com outras cinco colegas de classe. Exercitavam e aperfeiçoavam seus *Sieg Heils!* ao mesmo tempo que exercitavam e aperfeiçoavam o corpo. Na escola, suas três colegas judias eram tratadas como iguais tanto pelas alunas como pelos professores, sendo o judaísmo considerado uma raça e uma religião diferentes, mas dificilmente um estigma. Então, depois de 1936, começaram a desaparecer, uma a uma. Ninguém sabia para onde haviam ido e ninguém tentou descobrir. Em 1938, quando Traudl estava com dezoito anos, juntou-se à “Crença e Beleza”, a organização de jovens adultos que foi semente da BDM. O objetivo era engendrar “garotas que acreditassem sem reservas na Alemanha e no *Führer* e que instilassem essa fé no coração de seus filhos”.

Quanto mais apaixonada Traudl ficava pela cultura e estética de sua época, mais repelente diz ter achado os aspectos rudes da política das ruas, que parecia de uma classe inferior, filistina, adequada para as massas, mas não para pessoas de seu nível. Conseguia rir das piadas que circulavam sobre Hitler ou desprezar *Der Stürmer* e suas caricaturas antisemitas, pois aquele não era seu tipo de nazismo; não lhe “*dizia respeito*”. Em todo caso, junto com a maioria de seus contemporâneos, Traudl achava que as políticas dos homens não tinham nada a ver com ela. Como Eva e minha mãe, não fazia ideia da enorme extensão da lavagem cerebral. A perseguição e o desaparecimento de judeus tornaram-se rotineiros, um acontecimento diário, e “*com o tempo deixou até de ficar chocada*”. Como poderia ela, ou qualquer outra mulher no Berg, incluindo Eva, ter ouvido falar dos noventa órfãos judeus com menos de seis anos que foram levados para um bosque perto de Kiev, em agosto de 1941, e executados a bala, um a um;^[10] ou das mães que tentaram proteger seus bebês com o próprio corpo e viram seus bracinhos e pernas serem quebrados enquanto eram separadas à força para serem massacradas? Se *houvessem tido* a informação — o que não aconteceu — e responsabilizado Hitler, *o que teriam feito*? Qualquer protesto veemente teria sido punido com o banimento do Berghof; seguir protestando, com o confinamento em algum campo; protestos públicos

clamorosos teriam significado a morte.

As mulheres não podem ser responsabilizadas por sua ignorância e complacência, que lhes eram impostas. Seu “crime” foi respirar naquele miasma moral, exemplificado mais claramente na condição desesperadora dos judeus, mas também no desaparecimento gradual de deficientes físicos e mentais, dissidentes políticos, homossexuais e assim por diante — todos os quais sem dúvida tinham amigos, colegas e vizinhos. Elas optaram por ignorar os sinais, os rumores e as súbitas ausências, substituindo qualquer tentativa de encarar a realidade por uma lealdade cega a Hitler e seu bando. Por que não havia mais mulheres alemãs interessadas no destino das minorias desprezadas enviadas aos guetos (cuja existência *era* de conhecimento público)?[11] Quanto aos que haviam sido deportados para os brutais campos na Polônia, se as pessoas parassem e se perguntassem para onde haviam ido, a reação mais fácil seria... algum lugar, qualquer lugar, contanto que longe de seus olhos. Vizinhos e colegas de escola judeus tornaram-se um borrão escuro na memória. As donas de casa alemãs sabiam que fumar uma casa infestada podia ser muito satisfatório. Livres de qualquer estorvo físico e social de pulgas, percejejos, baratas ou roedores, o lar e a família sentiam-se melhor, *mais limpos*. As fervorosas higienizadoras *Hausfrauen* haviam sido levadas, passo a passo, de modo quase imperceptível, a encarar os judeus e outras minorias como uma infestação similar, cujo desaparecimento limpava o terreno para uma raça mais pura e forte de arianos. Elas não eram sedentas de sangue, mas *mostravam* uma profunda indiferença a seu destino. Era *possível* saber muita coisa sobre o que estava acontecendo, embora a existência dos campos de extermínio viesse se constituir numa assustadora revelação para quase todo mundo, ao final da guerra.

A apatia não era universal. Milhares de alemãs assumiram imensos riscos ao esconder judeus debaixo de seus soalhos, em sótãos ou em porões (os esconderijos eram conhecidos como “*U-boote*”, submarinos), às vezes até em armários, que eram protegidos — ou, em outros casos, entregues — por seus amigos e vizinhos goéis. Eram as mulheres que compravam coisas e cozinhavam para esses fugitivos, compartilhando com eles os preciosos cupons da família em tempos de racionamento; as mulheres lavavam e consertavam suas roupas, mesmo que isso significasse viver sob a ameaça diária da denúncia. Se um esconderijo era descoberto, toda a família era mandada para um campo de concentração. Em 1943, cerca de 27 mil judeus continuaram em Berlim. Ninguém sabe ao certo quantos foram protegidos por essas mulheres, mas cada uma delas é uma heroína.

Pode parecer, vendo hoje, que o *Führer* havia seduzido toda a nação, ainda que nem todo alemão tivesse sido corrompido pelos nazistas. Oitenta milhões de pessoas falam com diferentes vozes. A ideia de que todo mundo sob o Terceiro Reich pertencia ao Partido Nazista e aceitava, quando não apoiava, suas políticas racistas e os métodos usados para implementá-las é uma super-simplificação. Uma nação inteira não pode ser lançada na vala comum junto com os nazistas, fanáticos e psicopatas. A perseguição de judeus e outras minorias levou alguns segmentos da sociedade a fazer oposição,

sobretudo pessoas oriundas de antigas famílias, com longa tradição de liderança moral e intelectual, pessoas criativas e profissionais, alguns sacerdotes (principalmente católicos) e inúmeros estudantes universitários — além do cidadão anônimo de qualquer classe social, uma vez que a retidão moral não se restringe aos mais proeminentes. Muitas pessoas de coragem extraordinária faziam o que podiam para se opor ao sedutor credo do chefe nazista — *Volk und Vaterland*. Contudo, como observa Burleigh, “A única fonte de decência era a consciência humana [...] e os parâmetros morais da guerra foram determinados por Hitler. O *Führer* decretara: ‘Esta é uma guerra de extermínio. Os líderes devem fazer o sacrifício de passar por cima de seus escrúpulos’ ”.[12] A moralidade se tornara sinônimo de obediência ao grandioso projeto de Hitler e a independência de pensamento encolhera, após uma década de sadismo racial que filtrara até a unidade familiar e sua ética pessoal. Contudo, mesmo entre a soldadesca comum, a consciência se via às vezes aviltada além do suportável. Na Operação Barbarossa, formaram-se quatro *Einsatzgruppen* a, b, c e d, cuja função primordial era matar ou incitar os outros a matar. As ordens superiores de perpetrar uma carnificina perturbaram até mesmo sua sensibilidade: prova disso foram os pedidos de licença por doença, transferência para o quartel-general ou outras atividades. Outros choravam, bebiam em excesso ou sofriam de colapso nervoso ou impotência. Um sujeito teve um acesso de fúria e atirou em diversos colegas. A maioria tinha de ser convencida da necessidade do que era feito. Mas os soldados endurecidos tornavam-se insensíveis diante da matança e esses casos eram exceção.[13]

Sob o Terceiro Reich, a maior parte dos alemães apoiava Hitler ativamente ou, temendo por suas vidas e famílias, nada fez para se opor aos Eventos Negros. Não era fácil para o cidadão comum se manifestar e, ao fazê-lo, arriscar-se às terríveis punições, mas era possível. Alexander Hohenstein, por exemplo, um funcionário menor — prefeito distrital no Warthegau —, manteve um diário em 1941-2 que revela o nacionalista germânico lutando para levar uma vida normal. Ele não admitia que poloneses ou judeus dessem um passo para o lado ou saíssem da frente ao passar na calçada: “Não esperem de mim que viole tão brutalmente meu conceito de dignidade humana. Se alguém mostra respeito por minha pessoa, então merece meu respeito também. Está evidente para mim que aprecio quando me cumprimentam. Nenhuma autoridade pode me proibir de observar os modos mais elementares”. Hohenstein foi além de sua alçada para aliviar a situação de ostracismo dos judeus no gueto local, levando-lhes batatas para aliviar a fome e lenha para aquecer suas acomodações dolorosamente geladas. Continuou a discutir literatura e a trocar presentes com a esposa do dentista: “Sim, é verdade que não passa de uma judia. Mas tem um coração de ouro. Que importam as diferenças de sangue, raça e cor da pele em relação à alma!”.[14] Essa tensão entre o racismo irrefletido e a decência humana instintiva afligia a mente de muitos alemães.

Um oponente franco e ousado do regime nazista era o conde Helmuth Von Moltke. [15] No dia 10 de setembro de 1940, ele escreveu para a esposa, Freya, mãe de seus três

filhos pequenos: “Não canso de me surpreender como essa gente perdeu seu rumo. É como uma brincadeira de cabra-cega: foram girados várias vezes com uma venda nos olhos e agora já não sabem mais onde fica a direita ou a esquerda, a frente ou atrás”.^[16] Von Moltke foi um dos membros fundadores do secreto Círculo Kreisau — elemento fundamental de resistência ao nazismo —, que se reunia de tempos em tempos no estado de Kreisau, na Silésia, para fazer oposição tanto ética quanto patriótica a Hitler e planejar como se livrar dele. Em 21 de outubro de 1941, depois de ouvir falar das retaliações na Sérvia e na Grécia (onde, num único vilarejo, quase 2 mil pessoas foram fuziladas por atacar três soldados alemães), perguntou a Freya:

Como posso saber disso e ainda sentar à mesa de meu apartamento aquecido para tomar um chá? Acaso não sou também culpado? O que vou dizer quando alguém perguntar: “E o que fez durante esse tempo?”. Desde sábado, os judeus berlineses vêm sendo açoitados. Ouvem-se vezes sem conta relatos de que, ao serem transportados prisioneiros ou judeus, apenas vinte por cento chegam, que morrem de fome nos campos de concentração, que são assolados pela febre tifóide e outras doenças epidêmicas e que nossa própria gente anda desabando de cansaço [...]. Como alguém pode saber dessas coisas e continuar a andar por aí livremente?

O dilema moral do conde Von Moltke era: “Já que sei disso, também eu não sou culpado por aparentemente fechar os olhos, por saber e contudo nada fazer para impedir?”. Pessoas como ele, embora constituindo grande exceção, concluíram, após um duro autoexame, que eram, se não culpadas, pelo menos *cúmplices*; e, por serem cúmplices, era seu dever moral resistir, mesmo que morressem por isso — como aconteceria com o conde Von Moltke, com Von Stauffenberg e mais duzentos outros cujos nomes tinham ligação com o deles.^[17]

Em fevereiro de 1942, Goebbels registrou a inequívoca afirmação de Hitler quanto a seus planos para a raça judaica. Ele escreveu em seu diário, no dia 14: “O *Führer* mais uma vez expressou sua determinação de limpar a Europa dos judeus, sem piedade. Nada de sentimentalismo escrupuloso quanto a isso. Os judeus mereceram a catástrofe que se abateu sobre eles. Sua destruição caminhará de mãos dadas com a destruição de nossos inimigos. Devemos acelerar o processo com frieza implacável”.^[18] A lógica da morte começava a ganhar *momentum*. “Sem piedade”, “frieza implacável” — encarceramentos, trabalho forçado, doença e morte lenta pela fome já não eram mais suficientes. As novas medidas propostas permaneciam um segredo guardado a sete chaves e os que as executavam eram fanáticos, não meros homens obedecendo a ordens. Muitos estavam profundamente comprometidos com sua missão. Um ex-funcionário de Auschwitz admitiu, quarenta anos mais tarde, que ainda tinha sentimentos “bem ambíguos” quanto à morte de judeus:

Sempre paira no ar o fato de que os judeus são inimigos que foram parar no coração

da Alemanha. A propaganda, para nós, tinha como efeito fazer presumir que exterminá-los era basicamente algo que acontecia na guerra. Um sentimento de simpatia ou empatia não vem ao caso. As crianças não eram o inimigo; o inimigo era o sangue dentro delas. O inimigo era crescerem para se tornar judeus, que podiam ser perigosos, e por causa disso também as crianças eram afetadas.^[19]

A maioria dos alemães sabia acerca dos campos de concentração pouco mais do que a propaganda nazista lhes contava: que eram lugares onde judeus e outros não-arianos^[20] ficavam concentrados para fins de trabalho — trabalho *forçado*, mas, até aí, todo mundo era obrigado a dar duro para o esforço de guerra. Nada sabiam da “Aktion 14f13”, autorizando a eutanásia de presos que não conseguiam mais trabalhar nos campos de concentração de Alemanha e Áustria, embora os sermões do bispo católico Galen, invectivando contra a eutanásia e as execuções de internos em campos de concentração, fossem ouvidos por inúmeros católicos e amplamente discutidos pelos que se atreviam a fazê-lo. Em dezembro de 1941, o centro de extermínio Chelmo procedeu às primeiras execuções em massa na câmara de gás, seguido na primavera de 1942 por instalações similares de assassinato em escala industrial nos campos de extermínio de Auschwitz, Sobibor, Belzec e Treblinka. Apenas uma fração — provavelmente menos de dez por cento — dos alemães sabia das atrocidades secretas nos transportes e campos de extermínio, situados deliberadamente longe, na Polônia. Essa não é uma estimativa generosa feita por um adepto do nazismo, mas vem do conde Helmuth Von Moltke, que escreveu a um amigo em Estocolmo, em março de 1943: “Pelo menos nove décimos da população não faz ideia que assassinamos centenas de milhares de judeus. As pessoas continuam a acreditar que os judeus foram simplesmente segregados, que estão vivendo no leste, de onde vieram, talvez um pouco mais empobrecidos, mas sem ter de se preocupar com os reides aéreos”.^[21] Os céticos dez por cento teriam suspeitado que isso estava longe da verdade, mas a informação completa restringia-se a um número mínimo de supervisores de campo, funcionários e guardas exigido para levar a efeito a terrível tarefa.^[22]

Outro alemão correto que resistiu à onda crescente de assassinatos em massa, embora isso tenha custado sua vida, foi Ulrich von Hassell, um diplomata conservador da velha-guarda que serviu como embaixador alemão em Roma a partir de novembro de 1932. Alto, educado e poliglota, também foi um dos fundadores do Círculo Kreisau. Ele e seus companheiros de opinião assumiram um enorme risco fazendo oposição a Hitler, embora da primavera de 1942 em diante tivesse plena consciência de que a polícia secreta hitlerista o vigiava e seguia. O diário de Von Hassell é pontilhado de exclamações de aversão e vergonha pelo tratamento dado a judeus e soviéticos, que descreveu como uma “barbaridade diabólica”. “Toda a guerra no leste é terrível; uma volta à selvageria.” Em novembro de 1941, ele escreveu: “Há uma revolta por parte de todas as pessoas decentes contra as vergonhosas medidas tomadas contra os judeus”.^[23]

Wilhelm Furtwängler permanece uma figura controversa. Como diretor da

filarmônica de Berlim e um dos maiores maestros da Alemanha, senão do mundo, foi tratado relativamente bem pelos nazistas. Seus concertos eram muitas vezes transmitidos para as tropas, a fim de elevar o moral, mas ele se viu limitado pelas autoridades quanto à música que tinha permissão de tocar. A atitude de Furtwängler em relação aos judeus era ambivalente. Por um lado, muitas vezes elogiava e apoiava os artistas judeus, embora também apoiasse o boicote de seu comércio e criticasse o que enxergava como dominação dos judeus na imprensa. A evidência para sua condenação foi, entre outras coisas, uma foto em que aparece ao lado de um sorridente Hitler. Ele nunca foi membro do Partido Nazista[24] e em duas ocasiões tentou persuadir Hitler a não banir músicos judeus. O *Führer* não acatou seu pedido e a carreira de Furtwängler sofreu como resultado desses apelos.[25] No fim, ele aceitaria um acordo com os nazistas que beneficiou a ambos, mesmo que em detrimento de sua consciência. Deve ter havido muitos outros como ele, que, embora capazes de viver e trabalhar sob o nazismo, mantinham-se secretamente reservados e tentavam minimamente resistir.

Os que protestavam invariavelmente não eram os homens. Numa famosa manifestação, na Rosenstrasse, em Berlim, a 27 de fevereiro de 1943, centenas de esposas alemãs de “sangue puro” cujos maridos judeus aguardavam a remoção e execução nos campos encheram a rua diante do edifício onde os prisioneiros eram mantidos. Permaneceram ali noite e dia, as mãos dadas, cantando canções e entoando “Libertem nossos maridos!”. As autoridades não tinham como retaliar, uma vez que tornar as esposas em mártires arruinaria a imagem cuidadosamente construída dos nazistas como protetores da maternidade. Até então, o regime vinha sendo imensamente bem-sucedido em manter o genocídio contra os judeus e outros em segredo, mas quando isso afetou um grupo de mulheres que não tinha medo de protestar contra a política racista que ameaçava matar seus maridos, o sigilo foi posto em risco. Sem armas, sem organização prévia e sem ligação com qualquer grupo de resistência, elas não arredaram pé por uma semana, exigindo a volta dos esposos de modo tão persistente e furioso que, no fim, Goebbels viu-se forçado a ceder. Em 6 de março de 1943, quase 2 mil homens foram libertados, até mesmo os 25 que já haviam sido levados para Auschwitz,[26] e quase todos sobreviveram à guerra. Esse foi o *único* protesto público de massa contra o regime nazista em todos os doze anos do Terceiro Reich.

Gitta Sereny, uma áspere crítica da inércia alemã diante do mal, perguntou a Margret Speer,[27] muito depois da guerra, se o *Führer* alguma vez discutira com as mulheres de seu círculo algum assunto sério, para não mencionar os campos de concentração. Sua resposta foi: “A gente vivia mesmo de fora [i.e., dos eventos mundiais]. Claro que sabíamos que *alguma coisa* estava acontecendo, mas se alguém pensava neles, se é que pensava, era mais como campos de prisioneiros, para criminosos, quero dizer”.

Margret era uma mulher sincera, que ficou profundamente perturbada tempos depois em virtude de sua própria passividade numa época em que certamente suspeitava que nada ia bem. O significado de sua resposta depende de como a frase “Claro que

sabíamos” é interpretada. Pode significar “a gente sabia, é claro” — isto é, sabíamos de tudo — ou “Claro que sabíamos que *alguma coisa...*”, dando a entender que essa *alguma coisa* era tão sinistra que não se podia mencionar. Sereny tentou esclarecer a resposta de Margaret:

O gênio de Hitler era corromper os outros, mas com uma habilidade extraordinária ele deliberadamente protegia os mais próximos de qualquer conscientização capaz de perturbar a harmonia do relacionamento. O que poderia qualquer um na Alemanha ter sabido, no início da década de 30, sobre o destino final dos judeus? À parte as polêmicas de Hitler e Goebbels, que poucos — incluindo os judeus — levavam realmente a sério, a resposta é: *muito pouco*. O assassinato em massa ainda não era um pensamento, embora a perseguição aos judeus seguisse lenta e firmemente.^[28]

Traudl Junge confirmou: “A palavra ‘judeu’ nunca era usada. Ninguém levantava o assunto”.^[29]

Contudo, até mesmo no Berg, poucas mulheres encontravam coragem para falar. A esposa de Göring — a ex-atriz Emmy Sonnemann, mulher de caráter notavelmente forte — intercedeu junto a Hitler em defesa dos judeus, presume-se que com pouco sucesso. Que tivesse intercedido uma vez que fosse já é algo espantoso. Isso significava desafiar não só Hitler como também o marido, um ato de consciência independente proibido para as esposas alemãs. Mas Emmy era um caso especial e Hitler deve ter fechado os olhos para o fato de que seu marido do primeiro casamento era judeu e que continuava a visitar os filhos que tivera com ele, que vivia a salvo na Suíça, uma vez por ano.

Em 1943, a filha de Heinrich Hoffmann, Henriette — Henny, o pequeno raio de sol (“*mein Sonnenschein*”), adorada por Hitler na infância —, estava com trinta anos e casada com Baldur von Schirach, o antigo líder da Juventude Hitlerista que era agora *Gauleiter* de Viena.^[30] Uma hóspede frequente do Berghof por toda a vida, aconteceu de passar um fim de semana ali depois de visitar a Holanda. Ela agiu baseada nas evidências de seus próprios olhos descrentes, narrando para Hitler um incidente na estação central de Amsterdã:

“Respirei fundo e disse: ‘Quero falar ao senhor sobre umas coisas terríveis que vi; não posso acreditar que saiba a respeito delas’”. (Nisso, ecoava o pensamento de milhões de alemães, que, ao observar algum ato público de crueldade, suspiravam e murmuravam: “Se pelo menos *der Führer* soubesse disso com certeza faria alguma coisa para impedir!”) Henriette prosseguiu:

“Mulheres indefesas foram cercadas e reunidas para serem enviadas a um campo de concentração e acho que nunca vão voltar.”

Uma dolorosa imobilidade caiu; a cor fugiu do rosto de Hitler. Parecia uma máscara mortuária, à luz das chamas na lareira. Ele se virou para mim com ar consternado e ao mesmo tempo surpreso, e disse:

“Estamos em guerra”.

Então, pôs-se de pé e gritou: “A senhora é uma sentimental, *Frau von Schirach*! A senhora tem de aprender a odiar!”.[31]

Eva Braun deve ter ouvido essa conversa — em jantares informais como esse, com um grupo confiável de velhos amigos, estava sempre ao lado de Hitler — , mas, como os demais, não abriu a boca. Traudl Junge, em sua versão do episódio, acrescenta: “Um doloroso silêncio caiu. Logo em seguida, Hitler se ergueu, despediu-se de todos e se recolheu. No dia seguinte, *Frau von Schirach* regressou a Viena e nunca mais se falou no incidente. Ela claramente abusara de suas prerrogativas e falhara com o dever de hóspede de ser agradável a Hitler”. [32]

Henriette e o marido às vezes compunham um casal corajoso e sincero. Em outra (ou talvez na mesma) ocasião, a 24 de junho de 1943, segundo o ajudante de Hitler, o comparativamente correto e decente Nicolaus von Below, [33] Baldur von Schirach insistiu em que deveria ser encontrada uma maneira de pôr um fim à guerra rapidamente. “Hitler ficou muito irritado com a conversa de Schirach”, escreveu von Below, “e deixou bem claro que não queria mais nada com ele. E de fato esse foi o último encontro dos dois.” [34]

Speer, que não estava presente, observou que, depois, a atmosfera era muito opressiva. “Todo mundo andava meio de cara fechada, porque a gente se sentia muito protetor em relação a Hitler. No Berg, a regra era não trazer à tona nada desagradável, a fim de proteger seus curtos períodos de descanso.” [35] O incidente é significativo, tanto pelo espanto de Henriette ao ver por si mesma as atribuições por que passavam os judeus como pela suposição de que Hitler nada sabia a respeito. É evidente que após o episódio ele a baniu do Berghof, pois não há nenhuma menção a uma visita posterior. Um hóspede que violasse sua ilusão cuidadosamente preservada de tranquilidade social não era bem-vindo e os que rompiam com as regras tácitas jamais eram convidados outra vez.

Quanto às mulheres do Berg, suas poucas suspeitas silenciosas ganhavam voz nos raros acontecimentos como esses protestos do casal Von Schirach, para logo em seguida voltar a cair no mutismo. Eva, com pouca informação desagradável em que basear seus temores — se é que tinha algum — , não iria repudiar o homem que amara por toda a vida em função dessas preocupações indefiníveis. Ela muitas vezes se queixou: “Tudo é mantido em segredo para mim. Não tenho ideia do que está acontecendo”. [36] Ela fechava os olhos para os fantasmas que a assombravam à noite — pressentimentos sobre a morte de Hitler, não visões de assassinato em massa. Perguntei a sua prima Gertraud Weisker se era verdade que Eva não fazia sequer uma ideia da perseguição aos judeus e ela respondeu: “Bem, não sabíamos nada sobre os campos de concentração. Não. Mas de *alguma coisa* sabíamos, pois tínhamos um monte de amigos judeus fugindo para os Estados Unidos. E *Der Stürmer*, o jornal extremista nazista, podia ser encontrado em cada esquina”. [37] Todo mundo sabia *de alguma coisa*, mas poucos sabiam exatamente o

quê. Isso não significa que Eva soubesse a verdade, muito menos mais sobre a verdade que a maioria das pessoas, mas talvez houvesse *optado* por não saber: algo que seria condenado como pecar por omissão pela Igreja Católica, cuja ética e crenças — mais que as da BDM — haviam-lhe sido inculcadas desde quando era uma criança impressionável.

Gertraud Weisker acha que Eva Braun foi desgraçadamente alvo de calúnias e continua convencida de sua bondade essencial. Falando de Eva tal como era nos últimos meses de sua vida, Gertraud (com parcialidade) achava:

Eva vivia num mundo de sonhos. Quando a realidade não estava boa, ela a empurrava para longe. Politicamente, não tinha consciência de nada. [...] Mas era sincera consigo mesma e seguiu o caminho que escolhera. Foi muito bem-sucedida em superar as pressões que a separavam do mundo exterior e perto do fim da guerra havia encarado a realidade e estava pronta para morrer de maneira digna.^[38]

Mas o que era a realidade? Gertraud continua a insistir que Eva não era antisemita e, como toda a sua família, exceto Fritz, jamais ingressou no Partido Nazista.

Nisso, finalmente descobri, tinha razão. Por mais difícil que seja de aceitar, Eva não era membro — muito menos membro entusiasmado — do partido chefiado por Hitler. Eu já suspeitava disso (simplesmente não se encaixava com sua personalidade ou com seu desejo de se manter à distância da política), mas em fevereiro de 2005, na Hermann-Historica, a respeitada casa de leilões em Munique especializada em *memorabilia* militar, ^[39] consegui uma prova de que não era. Passei a manhã toda na mesa de alguém, cercada de velhas espadas, capacetes pontilhados de ferrugem, baionetas e uniformes, muita coisa do tempo de Weimar, além de uma grande variedade de objetos do Terceiro Reich, tudo à espera de sua vez de ser vendido, enquanto folheava os catálogos da Hermann-Historica, começando em 2004 e retrocedendo até 1980. Depois de muitas horas, e inúmeras xícaras de café forte tirado numa máquina do canto da sala, quando minha concentração começava a me fugir, encontrei o que queria. O lote 4549 de um leilão ocorrido em 10/11 de novembro de 1989 dizia: “*Mit der Verleihung des Parteiabzeichens an Eva Braun, folgte Adolf Hitler seine Gepflogenheit, Persönlichkeiten die seine besondere Werschätzen besaßen, auch dann in dieser Form auszuzeichnen, wenn dies nicht Parteimitglieder waren*”. Traduzido grosseiramente, diz: “Agraciando Eva Braun com essa insígnia do partido, Adolf Hitler seguia seu costume de indicar pessoas que tinham a honra de sua estima pessoal, ainda que não fossem membros do partido, desse modo distinguindo-os”.

O objeto, num primeiro relance, era indigno de nota — um medalhão redondo de ouro 18 quilates com suas iniciais, EB, e a inscrição gravada no verso — por quem, e quando, era impossível dizer. Não tinha data, mas a inscrição claramente significava que o *Führer* aceitava o fato de que sua amante não fosse filiada ao Partido Nazista e dava a entender que não sofria pressão alguma nesse sentido. A despeito de viver bem no âmago do círculo de Hitler, Eva *não* era nazista. O medalhão foi vendido por dm 3.200

— um bocado de dinheiro em 1989 — e desapareceu em alguma coleção particular anônima.

Ninguém pode ser acusado de deixar de agir numa causa que não abraçou ou quanto a fatos que não sabia. Não se pode provar uma negativa e jamais teremos certeza de até que ponto Eva estava bem informada, ou Traudl Junge ou qualquer outra mulher do Berg. Se Eva nada sabia acerca dos Eventos Negros, não se pode considerá-la culpada nem de cumplicidade, embora possamos condená-la por deixar de notar ou agir diante de uma evidência crescente de perseguição. Presumindo-se que na verdade soubesse algo — por menos que fosse, por mais indiretamente que fosse —, o que poderia ter feito para indicar sua desaprovação? A única opção era abandonar Hitler, embora desde 1931 toda a sua vida estivesse centrada nele e fosse impossível partir. É fácil dizer o que *deveria* ter feito, mas, para ela, como no caso (na Inglaterra) de Sonia Sutcliffe, esposa do Yorkshire Ripper, ou de Prudence Shipman, esposa do dr. Harold Shipman, que deliberadamente executou inúmeros pacientes de idade, não havia escolha.

A proximidade de Eva com o *Führer* é quase irrelevante para determinar se sabia ou não da verdade, embora o principal motivo por que tenha sido tão vilipendiada pela posteridade seja o de que poucas pessoas conseguem aceitar o fato. Elas deixaram de entender a dinâmica dos relacionamentos públicos e privados entre homens e mulheres sob o Terceiro Reich. Hitler proibiu estritamente todo mundo de conversar com Eva — ou com qualquer outra mulher do Berg — sobre tortura, fome e genocídio perpetrado contra inúmeros judeus, ciganos, homossexuais, Testemunhas de Jeová, bolcheviques, eslavos e sacerdotes dissidentes, padres católicos e poloneses. Detalhes dos horrores dos campos de trabalho escravo e suas vítimas foram mantidos longe das esposas nazistas. Hitler teria mandado prender ou até executar qualquer um que tentasse contar a Eva a inconfessável verdade. O próprio fato de que fosse sua amante significava que, mais do que ninguém, não podia saber de coisa alguma. Como poderia ser uma companheira amorosa e acrítica para confortá-lo ao chegar em casa se soubesse o que ele havia feito?

...O QUE EVA PODERIA TER FEITO?

MAIS UMA VEZ, É POSSÍVEL que Eva não soubesse de literalmente *nada* sobre os Eventos Negros? Ela sempre visitara Munique com regularidade e continuou a fazê-lo quase que até o fim da guerra. Na década de 30, mal teria conseguido evitar a visão de slogans antijudeus, lojas fechadas com tábuas, malas nas ruas, crianças judias esqueléticas e judeus velhos e distintos sendo humilhados em público pelos SS. Os judeus usavam a estrela-de-davi amarela em seus casacos, recebiam menos rações que os demais alemães, estavam proibidos de andar nos bondes e só tinham permissão de fazer compras em determinados horários. Teatros, cinemas e salas de concerto eram-lhes interditados: uma privação especial. Tudo isso ela podia ter visto com os próprios olhos, se estivesse interessada. Após a *Kristallnacht*, de 1939 em diante, ainda mais evidências aterradoras surgiram, na forma de invasões (“confisco”) rotineiras de apartamentos judeus, de onde 4 mil judeus de Munique — gente culta e generosa, a maioria profissionais ou prósperos comerciantes —, dentre uma população total da cidade de 824 mil pessoas, foram levados à força para áreas restritas chamadas *Judenhäuser*. Disso também deve ter ouvido falar. Outros sinais eram mais obscuros. No início de 1941, os judeus foram mandados para um gueto superlotado em Milbertshofen, a seis quilômetros da cidade. Então começaram as deportações, primeiro para Dachau, nas proximidades, e depois para os campos do leste. Só um cego não teria notado ao menos um desses sinais agourentos, que eram amplamente debatidos e assunto de sermões em inúmeras igrejas.

Os Eventos Negros seguiam sua marcha inexorável. Os coturnos pisoteavam e chutavam, as mãos enluvadas apontavam e faziam mira conforme a ordem era dada: “*Feuer!*”. Nada mais nada menos que o futuro da Europa pelo próximo milênio estava em jogo, assim como a sobrevivência dos judeus. Hermann Göring declarou: “Esta é a grande guerra racial. Vai decidir se o alemão e ariano prevalecerá ou se o judeu dominará o mundo”.^[1] Após visitar o gueto de Lodz, na Polônia, Goebbels escreveu: “É indescritível. Não são mais seres humanos, são animais. De modo que não se trata mais de uma tarefa cirúrgica, mas humanitária”.^[2] No dia 16 de julho de 1941, em Posen, o SS-*Sturmabführer* Höppner escreveu para seu superior, Adolf Eichmann, chefe do Gabinete Judaico da Gestapo — o quartel-general onde foi implementada a Solução Final: “Há o perigo de não conseguirmos alimentar todos os judeus neste inverno. É preciso considerar seriamente a questão de saber se a solução mais humanitária não seria dar um fim aos judeus incapacitados de trabalhar com algum expediente adequado. Isso seria menos desagradável que deixar que morram de fome”. E acrescentou: “Sei que essas

coisas soam um pouco fantásticas, mas na minha opinião é inteiramente exequível”.^[3] “*Algun expediente adecuado*” é uma pequena obra-prima do subterfúgio. Significava um incitamento ao extermínio em massa, mas o alto comando nazista dificilmente encarava os problemas. Em 12 de dezembro de 1941, contudo, Hitler havia declarado, sem os rodeios habituais, que estava na hora de arregaçar as mangas na questão judaica, sem piedade ou sentimentalismo — não que uma conclamação a “arregaçar as mangas” fosse um chamado inequívoco ao extermínio dos judeus europeus —, coisa que teria constituído a decisiva prova do crime, tão procurada em vão pelos historiadores,^[4] mas foi uma declaração inusualmente explícita. Heinrich Himmler, um homem frio como gelo e impermeável ao sofrimento quando se tratava dos interesses da raça germânica, ficou a cargo dos campos de extermínio. “É bastante perturbador ter de matar um grande número de pessoas, contudo, deve ser feito, e o fazemos”, disse, com o ar sofrido de alguém que presta um favor à humanidade. Os judeus eram assassinados por pelotões de fuzilamento e seus corpos arremessados em valas comuns. No Leste Europeu, isso se passou em centenas de lugares.

Os métodos de matar mais eficientes eram cientificamente aperfeiçoados e checados. Em setembro de 1941, os primeiros experimentos com o gás Zyklon b tiveram lugar em Auschwitz. Oitocentos e cinquenta prisioneiros de guerra soviéticos e duzentos poloneses foram exterminados de modo higiênico e satisfatório. Em dezembro de 1941 (as matilhas do inferno uivando e pulando de alegria), o centro de extermínio de Chelmno inaugurou a esteira rolante da destruição. Poucos meses depois, com as primeiras flores da primavera, as câmaras de gás entraram em uso em Sobibor, Belzec e Treblinka. O plano de Himmler vingara. No fim de 1943, 1,5 milhão de judeus haviam sido mortos, embora poucas pessoas, à parte seu vice-chefe Adolf Eichmann, soubessem da real extensão do morticínio. Eichmann (que, como Hitler, passara a juventude em Linz) foi promovido a tenente-coronel da SS em 1941 e encarregado dos campos de extermínio. Um homem sem consciência, mas genial burocrata, mantinha registros exaustivos, observando com tranquilo orgulho conforme os números cresciam. Mais de um milhão de pessoas morreram em Auschwitz, dos quais noventa por cento eram judeus europeus. Em agosto de 1944, Eichmann pôde reportar aos superiores que cerca de 4 milhões de judeus haviam morrido nos campos e mais 2 milhões haviam sido mortos pelas “unidades de extermínio móveis”. Isso valeu um estalo de calcanhares, um viril aperto de mão e um *Heil Hitler!* em uníssono.

Anna Plaim, a fiel criada de Eva, tinha certeza de que sua patroa sabia pouco ou nada sobre o destino dos judeus e insistia que a maioria das mulheres no Berghof tampouco. Em 2002, ela contou a Kurt Kuch, que perguntou sobre a vida no Berghof:

Quanto aos judeus que eram executados com tamanha brutalidade em Dachau, a maioria não sabia coisa alguma a respeito. O extremo molestamento de judeus antes da guerra era obviamente de conhecimento comum; hoje, ninguém pode negar.

Muitos foram arrancados de suas casas e bairros. Mas eu não tinha absolutamente a menor ideia do que faziam com essas pessoas em seu destino final. Acredito que Eva Braun não estava a par disso e do que realmente acontecia nos campos de concentração, embora, como todo mundo, também devia saber que os judeus e oponentes do nazismo recebiam maus-tratos. Mas as fotos de gente sendo transportada como gado a caminho dos campos de extermínio... isso só veio à tona após a guerra.[5]

Tendo em mente a tendência dos que viviam em torno de Hitler de minimizar ou negar suas crenças racistas, isso parece uma estimativa razoável de quão bem-informada Eva estava, mas continua a ser uma conjectura. Gertraud Weisker está convencida de que Eva não sabia coisa alguma dos fatos ligados aos Eventos Negros. Numa defesa apaixonada tanto de si mesmo como da prima, ela disse:

Não sabíamos nada sobre Auschwitz. Na época, a coisa era de fato conduzida tão em segredo que é fácil acreditar que a maioria das pessoas nada sabia sobre o assunto. As pessoas que cercavam Eva sabiam muito mais que nós, mas na época era mantido tão completamente em segredo que as famílias alemãs comuns não sabiam nada desses assuntos. Eu sabia que os judeus iam embora, mas presumia que era para os Estados Unidos ou algum outro lugar; jamais imaginei que estivessem morrendo nas câmaras de gás.[6]

A arregimentação da cultura jovem por Hitler levou a inúmeros movimentos clandestinos de protesto. Seus membros eram na maioria estudantes do sexo masculino, entre dezesseis e 25 anos, ou grupos (*Meuten*) de jovens da classe trabalhadora que haviam adotado os métodos dos dissidentes socialistas e comunistas. Estes últimos tornaram-se alvo dos truculentos nazistas, junto com grupos como o Edelweisspiraten, que atacava as unidades da Juventude Hitlerista que patrulhavam parques e outras áreas públicas. Os confrontos entre as duas organizações às vezes acabavam em troca de tiros (fica a pergunta de onde os dissidentes arranjavam armas). Conforme os Piraten tornavam-se cada vez mais politizados, eram tratados com maior dureza pela SS e alguns até foram executados. Outros, mandados para a prisão ou para os campos de concentração. No dia 25 de outubro de 1944, Heinrich Himmler ordenou uma ação de repressão severa e em novembro desse mesmo ano treze Edelweisspiraten foram enforcados em público em Colônia, incluindo seis rapazes de dezesseis anos.

Nessa época, como hoje, os jovens usavam a música para definir a própria identidade e para onde dirigiam sua lealdade. Um terceiro grupo, consistindo sobretudo de jovens de classe média, costumava cantar em sinal de protesto, rejeitando a alegre música *völkisch* (folclórica) estimulada pelo Partido Nazista em favor do jazz americano, especialmente a variedade conhecida como swing.[7] O ritmo frenético, em que as pessoas podiam dançar mais febrilmente do que nunca, tornou o swing imensamente

popular. Os fãs chamavam a si mesmos de Swing Jugend, “Juventude do Swing”,^[8] referência zombeteira à Hitler Jugend. Essa rapaziada apoiava questões sociais, políticas e econômicas radicais e, rejeitando o racismo, desafiava a ideologia fundamental do Reich. Seu comportamento liberal era o oposto do *ethos* militar que o regime se esforçava por inculcar na juventude alemã. O jazz estava banido desde a época em que Hitler se tornara chanceler, em 1933, tido como “um horrível guinchar de instrumentos, ofensivo para os ouvidos” e que soava particularmente repugnante para a hierarquia nazista por suas ligações com a raça negra africana e “inferior” dos estados sulinos americanos. O jazz era visto como algo aviltante, “música negra”, nada mais que uma cacofonia primitiva. A máquina de propaganda de Goebbels tentou sem sucesso combater o swing com Charlie e sua Orquestra, *big band* que tocava no rádio uma versão aguada da música swing e outras canções, mas sem grande sucesso.

O swing foi tolerado com relutância até fevereiro de 1940, quando um Festival de Swing em Hamburgo atraiu mais de quinhentos jovens — número ínfimo se comparado com as dezenas ou centenas de milhares que compareciam aos comícios do partido, mas o suficiente para deixar a hierarquia nazista alarmada. Um relatório de agentes da Juventude Hitlerista descrevia a dança “imprópria”, acrescentando: “Vários garotos podiam ser vistos dançando juntos, sempre com dois cigarros na boca, um em cada canto”. Que decadência! Nada podia ter sido mais bem calculado para irritar os nazistas.^[9] Reuniões futuras ficaram proibidas, mas desafiadores clubes da Juventude do Swing rapidamente reapareceram. Em 2 de janeiro de 1942, Himmler instruiu Reinhard Heydrich^[10] a usar os líderes do movimento como bodes expiatórios, mandando-os para campos de concentração por dois ou três anos e posteriormente punindo-os com espancamentos e trabalho forçado. Uma onda repressiva se seguiu: os clubes foram atacados e mais líderes levados para os campos de concentração.^[11]

É difícil de crer que Eva, tão acostumada a dançar e ir a clubes, pudesse não saber nada sobre isso, mas ela nunca foi o tipo de garota chegada a uma música mais ruidosa e agitada. Os febris ritmos do jazz estavam longe do balanço mais antiquado de sua preferência, embora continuasse a frequentar clubes noturnos onde o jazz, o swing e seus adeptos podiam perfeitamente ser o assunto da conversa entre uma cerveja e um drinque. Talvez não tivesse ouvido falar da Juventude do Swing, conhecida de uma minoria, e é possível que as amigas preferissem não discutir movimentos antinazistas na sua frente. Mas, se o fizeram, *talvez* ela tomasse conhecimento de que esses grupos protestavam contra o antisemitismo, de onde *talvez* deduzisse que havia alguma coisa séria contra a qual protestar. Três hipóteses não capacitam a pessoa a dizer com certeza que Eva era bem informada sobre os Edelweisspiraten ou a Juventude do Swing e seu comportamento liberal. A política dela, como sempre, era não fazer perguntas desconfortáveis.

Em 1942, um poderoso filme de propaganda política chamado *Eu acuso*, que defendia a eutanásia para deficientes físicos e mentais, além de doentes terminais, foi visto por mais de 15 milhões de alemães, 250 mil só em Munique. Os argumentos

apresentados foram muito debatidos e Eva *talvez* — novamente — tenha ouvido os amigos conversando sobre isso. No mesmo ano, 1942, alguns alunos subversivos de Munique, liderados por Hans Scholl e sua irmã Sophie,^[12] formaram um grupo clandestino chamado “die Weisse Rose”, A Rosa Branca, para divulgar e resistir às atrocidades nazistas. Eles distribuíram 3 mil folhetos revelando que 300 mil judeus já haviam sido mortos na Polônia, o que gerou um bocado de controvérsia. Em 18 de fevereiro de 1943, os irmãos Scholl e seu amigo Christoph Probst foram julgados por distribuir folhetos na universidade, condenando a brutalidade em Stalingrado e a desumanidade do regime nazista. Em 22 de fevereiro, foram condenados por traição e levados à guilhotina.^[13] Isso silenciou os estudantes de Munique e os protestos se tornaram raros.

Os cidadãos de Munique sabiam muito pouco sobre o que ocorria no leste, uma vez que os nazistas se empenhavam muito em manter os Eventos Negros em segredo e uma pessoa podia ser presa simplesmente por passar adiante alguma informação sobre os campos.^[14] Não se infere automaticamente de atos isolados de rebelião juvenil que os grupos insurgentes fossem amplamente discutidos. Eva e suas amigas não eram estudantes nem filósofas e não tinham muito tempo para discussões intelectuais. Ela ia a Munique para fugir da atmosfera opressiva do Berghof e protestar era a última coisa que tinha em mente.

Gente próxima de Eva *sabia*, ou fazia *alguma* ideia, da escalada crescente do terror. Seu pai, que abria mão dos escrúpulos para usufruir da vida protegida do Berghof, *sabia*. Os bem-apegoados ajudantes de Hitler, que muitas vezes aparecem no álbum de fotografias dela reclinando-se na grama em calções de banho, exibindo os torsos moldados para o *Führer* e a pátria-mãe, *sabiam*, sem a menor sombra de dúvida. Será que ela escutava de longe as conversas sussurradas, pegava alguma coisa no ar? Tudo isso é conjectura. A filha de Speer, Hilde, que cresceu na casa da família no Berg, insistiu após a guerra: “Tenho certeza absoluta de que ela [Margret, sua mãe] não fazia a menor ideia dos horrores. Igualmente, contudo, embora nunca fale do assunto, acreditou plenamente no que ficamos sabendo depois, e acho que se sente muito culpada por ter vivido tão perto daquele homem, Hitler, por ter tirado tanto proveito dessa proximidade”.^[15] Annemarie Kempf, que se tornou secretária particular de Albert Speer aos dezoito anos, disse sobre o chefe: “De certo modo, acho que ele acreditava que *o que não sabia não existia*” (grifo meu).^[16]

É difícil acreditar que as mulheres mais próximas a Hitler, mais que ninguém suas secretárias, pudessem ser ingênuas a ponto de não ter consciência do que se passava. Em 11 de julho de 1943, Bormann encaminhou uma circular proibindo qualquer menção ao genocídio, sem falar do número de mortos. A palavra “execução” não devia ser utilizada; os judeus haviam sido “evacuados”. A ignorância não era uma possibilidade, mas uma obrigação.

Traudl Junge, em entrevista concedida pouco antes de sua morte, disse:

Nunca o vimos [i.e., Hitler] como o homem de Estado; não comparecíamos a suas conferências. Só éramos chamadas quando queria ditar algo e nessas ocasiões era tão atencioso quanto em particular. Nosso escritório, tanto na Chancelaria do Reich como nos *bunkers*, ficava tão longe de sua sala de comando que nunca vimos nem escutamos nenhum de seus acessos de fúria sobre os quais ouvíamos falar. Sabíamos de sua agenda, quem iria receber, mas a não ser por uns poucos homens presentes em refeições em que comparecíamos [...] raramente víamos alguém.^[17]

Eva com certeza também não participava de reuniões ministeriais: não era algo de que teria ouvido falar. Esses encontros eram estritamente masculinos. Contudo, ela era o centro da vida privada de Hitler: devia colher fragmentos de informação, se não dele pessoalmente, de conversar na hora do drinque ou do jantar. Hoje, parece inacreditável que as esposas nazistas, casadas com os homens que perpetravam os piores excessos da guerra, pudessem de fato permanecer ignorantes do que acontecia. Contudo, não tinham acesso ao rádio ou a noticiários de uma BBC; nenhuma televisão; jornais estrangeiros eram proibidos e a imprensa alemã era cheia de exageros e mentiras. Todo mundo no Berg sabia que o casal Von Schirach havia sido mandado para longe por questionar a política de Hitler, coisa que, em todo caso, a maioria apoiava entusiasticamente.

Para as mulheres, a informação se restringia ao que viam com os próprios olhos e poucos moradores da protegida Obersalzberg aventuravam-se muito além de seus limites, preferindo se aquecer ao sol em seus terraços durante a “*Kaffeeklatsch*” — a hora de fofocar tomando um café e de arrulhar de satisfação sobre as crianças. Descer a colina até Berchtesgaden era um passeio e tanto, implicando a permissão de pedir emprestado o carro e o chofer do marido, pontualidade no horário e o acompanhamento de seguranças armados. Ali chegando, teriam notado poucas mudanças, a não ser pelo fato de que as lojas, sobretudo lojas de roupas, estavam mais vazias do que o normal e que para a compra de qualquer mantimento era necessário cupons de racionamento. Além do mais, Bormann determinara regras estritas sobre quais estabelecimentos podiam ser frequentados — só aqueles cujos donos eram nazistas leais, não necessariamente os melhores. Na medida em que *Frau* Goebbels e Eva, *Frau* Göring e *Frau* Himmler encomendavam suas roupas de costureiros particulares — a firma de Auracher em Munique era uma das prediletas — e sua dieta era generosamente suplementada pela fazenda-modelo em Obersalzberg, essas privações não as afetavam muito. O Berghof era como uma comunidade fechada. As pessoas deliberadamente se isolavam para não sofrer o dissabor de ficar sabendo sobre outros menos afortunados.^[18] Gitta Sereny recordou:

Uma das coisas que descobri, graças a Speer, foi em que medida Hitler protegia o pequeno círculo de pessoas em meio às quais girava sua vida social. Pessoas como Eva Braun não sabiam nada sobre aquelas coisas. Ele na verdade não se importava em que os generais soubessem — era-lhe algo totalmente indiferente —, o que não queria era que aqueles de quem dependia emocionalmente soubessem sobre eles.^[19]

Traudl Junge, que provavelmente passou mais tempo com Hitler durante os últimos anos do que a própria Eva, descreveu como se sentia isolada do mundo real:

Hitler não queria ver as mulheres de sua casa — as quatro secretárias, ou as jovens esposas dos ajudantes, como Below, ou as de seus companheiros mais próximos, Speer e Brandt — sendo incomodadas com os horrores da guerra.^[20] Nenhum rumor chegava aos nossos ouvidos, nenhum inimigo, nenhum outro ponto de vista, nenhuma oposição. Uma única opinião, única convicção; todo mundo usava as mesmas palavras para expressar a mesma ideia. Tive de permanecer ali dentro até o trágico final e só depois de ter voltado à vida comum compreendi tudo claramente. *Na época, eu sofria um sentimento indefinível de desconforto; uma sensação inexplicável de opressão e ansiedade* [grifo meu] pelo tempo que o encontro diário com Hitler me impediu de formular esses pensamentos com clareza.^[21]

Será que de fato sofreu de “desconforto”? Alegações de consciência pesada feitas por ex-nazistas devem sempre ser recebidas com um pé atrás.

Quarenta anos após o fim da guerra, o dr. Theodor Hupfauer, apaixonado nacional-socialista e braço direito de Speer, disse:

Não quero nem ouvir falar dessas pessoas que agora alegam que não eram nazistas; que na verdade eram contra o regime. Às vezes me pergunto quem na verdade elegeu Hitler e lutou e venceu todas aquelas batalhas por ele. Toda a Alemanha, é o que parece hoje, era composta apenas de antinazistas. [...] Foi um período incrivelmente empolgante. As pessoas de minha idade tinham oportunidades sem precedentes e sentíamos que não havia nada que não pudséssemos conseguir.^[22]

Em *Até o fim*, Traudl descreveu sua primeira viagem no trem particular da Toca do Lobo até Berlim, após se juntar ao gabinete privado de Hitler em março de 1943:

Aquilo me fez pensar em todos os outros trens atravessando a Alemanha ao mesmo tempo, sem iluminação e aquecimento, carregando gente que não tinha o suficiente para comer e nenhum lugar confortável para sentar, e me senti desconfortável. [Ela se refere aos trens de passageiros, não aos que carregavam judeus para os campos de extermínio, dos quais ainda não tinha consciência.] É fácil fazer uma guerra se você não precisa senti-la na pele, pessoalmente. Observei a equipe pessoal de Hitler fumando e bebendo, relaxada e alegre, satisfeita com suas vidas, e esperei que o único propósito de tudo aquilo fosse dar um fim à guerra o mais cedo possível.^[23]

Isso soa bastante autêntico e parece mostrar que até uma jovem sujeita à propaganda nazista intensiva podia ficar perturbada com o contraste entre sua própria vida protegida

e as de milhões de alemães atemorizados. Eva teria sido incapaz de uma reação dessas, porque para ela teria cheirado a traição, mas isso permitiu a Traudl refletir sobre a anomalia de sua condição e o paradoxo da personalidade dual de Hitler:

É difícil recriar ou imaginar o efeito hipnótico que Hitler tinha em todos que conhecia. Até mesmo pessoas agudamente contrárias a ele comentaram o poder que irradiava, como se sentiam irresistivelmente atraídas, ainda que as fizesse se sentir perturbadas e culpadas depois. O fenômeno está presente com frequência em homens extremamente poderosos quando decidem exercer o seu charme — e *charme*, ou, ainda mais perigoso, *carisma*, mais do que a emanção do mal, era a característica mais óbvia de Hitler.^[24] Eu mesma jamais compreendi o efeito que ele exercia sobre todos nós, incluindo os generais. Era mais do que carisma, sabe? Às vezes, quando ia a algum lugar sem nós, no momento em que partia era quase como se o ar em torno houvesse ficado deficiente. Algum elemento essencial ficava faltando: eletricidade, até oxigênio, a consciência de se estar vivo — havia um... vácuo.^[25]

Outro lado de Hitler mostrou-se com mais frequência conforme a situação militar piorava. Guderian, o chefe de estado-maior do exército designado em 20 de julho de 1944, descreveu um dos acessos de fúria do *Führer*:

Punhos erguidos, as maçãs do rosto vermelhas de raiva, seu corpo inteiro tremendo, o homem estava à minha frente, fora de si de tanta fúria, tendo perdido todo o autocontrole. Após cada explosão Hitler ia e vinha pelo tapete, então de repente estacava bem diante de mim e vociferava a acusação seguinte na minha cara. Estava quase gritando, os olhos pareciam que iam saltar da cabeça e as veias inchavam-lhe nas têmporas.

Hitler podia parecer cheio de autocomiseração, irascível, descontrolado, megalomaniaco, até mesmo louco, mas pouquíssimas pessoas em torno dele chegaram a achar que fosse *mau*. Albert Speer disse: “Você simplesmente não pode compreender o que é viver sob uma ditadura; não pode compreender o jogo de perigo, mas, acima de tudo, não pode compreender o medo em que a coisa toda se baseia. Tampouco, imagino, faz alguma ideia do carisma de um homem como Hitler”. Speer, um dos líderes nazistas mais objetivos e distanciados, não conseguia manter distância do campo magnético de Hitler e do sedutor “jogo de perigo” e, embora negando muitas outras coisas, isso ele admitia. Que esperança havia para Eva, cuja vida toda estava baseada em agradecer-lhe? Em seu relato definitivo dos últimos dias de Hitler, Hugh Trevor-Roper chegou a uma conclusão provocante:

“Speer é a verdadeira mente criminoso da Alemanha nazista, pois, mais do que

qualquer outra pessoa, representou a filosofia fatal que devastou a Alemanha e quase pôs o mundo a pique. Por dez anos, ele permaneceu bem no centro do poder político; sua inteligência aguda diagnosticava a natureza e acompanhava as mutações do governo e da política nazistas; ele via e desprezava as personalidades em torno; ouvia suas ordens abusivas e compreendia suas fantásticas ambições; *mas nada fez*" (grifo meu).[\[26\]](#)

A secretária de Speer, Annemarie, foi uma das poucas prontas a admitir quanto a presença do *Führer* mexia com ela:

A primeira vez foi ao final do dia em que Speer terminava a nova Chancelaria. Fiquei muito orgulhosa naquela noite. Imagine só — bem, é quase impossível imaginar — as luzes, as flores por toda parte, a empolgação daquilo. Vendo em retrospecto, gostaria de ser crítica, mas não consigo. [...] Todo dia alguma coisa acontecia para mudar o futuro para nós e sempre acontecia por meio daquele homem. Estou tentando lhe dizer não o que sinto hoje, mas o que sentia *na época*. Não sei dizer se o achava "agradável" ou não; essa expressão não é relevante. Era apenas júbilo; ele pertencia ao júbilo daquilo.[\[27\]](#)

Maria von Below foi outra que nada fez para fingir que sempre soube que tipo de monstro era o *Führer*, embora após a guerra tivesse ficado devastada ao descobrir tudo que fora feito em nome deles todos. Em 1988, quase uma octogenária, ela conversou com Gitta Sereny:

Nunca entendi como diminuir os dons que Hitler tão claramente possuía tornou mais fácil para as pessoas viver com o fato de terem sido enfeitiçadas por ele. Afinal de contas, ele não conquistou a lealdade de homens decentes e inteligentes dizendo-lhes que seu plano era assassinar e permitindo-lhes ver o monstro moral que era. Ele os persuadia porque era fascinante.[\[28\]](#)

Nada é mais evanescente que carisma, e hoje em dia é difícil para qualquer um, exceto neonazistas, acreditar que Hitler usou isso para paralisar as consciências de todos em torno de si. À luz das arrebatadas descrições de seus contemporâneos, não é um problema simples, depois de sete décadas, julgar o comportamento de Eva, sua entrega ao poder mesmerizador do único homem que amou.

Ela era antissemita? O indicativo mais forte de que não era está em seu caráter. Dadas sua natureza aberta e as opiniões tolerantes de seus pais, assim como sua própria rebeldia juvenil contra ideias prontas, seria pouco característico. Contudo, do mesmo modo como seria absurdo esperar que Eva fosse feminista, seria despropositado esperar que *nunca* mostrasse essa atitude. Embora não tivesse idade para ter sido recrutada e

doutrinada pela Bund Deutscher Mädel, ela cresceu nos anos 20 e chegou à maturidade na década seguinte, quando a propaganda era mais sofisticada do que o público a quem se dirigia e o antisemitismo em certo grau era visto com normalidade... e não só na Alemanha. É difícil imaginar a força onipresente do ímpeto ariano instilado pelos nazistas nos corações e mentes das pessoas crédulas, sobretudo hoje em dia, quando somos mais conscientes das artimanhas dos políticos para manipular nosso pensamento — e mais resistentes, também.

A história — por menos que tenha se ocupado de julgá-la — condenou Eva em seu veredicto, que pode ser parcialmente contestado apenas com a intuição e a ponderação da probabilidade. Na falta de provas conclusivas, há vários exemplos de bondade, modéstia, simplicidade e preocupação pelos que lhe são próximos; sua generosidade com os pais, que a haviam ameaçado e rejeitado, sua hospitalidade com as amigas dos breves e felizes anos escolares e da juventude; sua absoluta bravura e completa fidelidade a Hitler. Perto do fim da vida, revelou-se uma pessoa corajosa, resistente e invariavelmente boa. A bondade é tão banal quanto o mal e pode existir nas pessoas mais improváveis: até na amante de Hitler.

Na medida em que se pode tentar buscar a objetividade, após acompanhar os altos e baixos de sua vida, tentando despir suas várias camadas, discernir o que moldava suas opiniões, emoções e fantasias, após viver com Eva Braun por quase três anos, ao longo dos quais se tornou tão real para mim como meus próprios amigos, não posso acreditar que fosse racista ou sádica. Como já foi dito, nenhuma das esposas nazistas do primeiro escalão foi punida após a guerra, embora seja possível que Magda Goebbels, caso houvesse sobrevivido, pudesse ao menos ter enfrentado um duro interrogatório. Se essas mulheres, também do círculo de Hitler, foram consideradas isentas de culpa na época, o mesmo veredicto deveria se estender a Eva.

Minha conclusão, baseada nas circunstâncias e em sua personalidade, é de que não devemos condená-la. Não teve culpa direta nem se envolveu no sofrimento desencadeado por Hitler; mas também não foi inocente. Foi — para usar uma expressão católica — “digna de culpa”. Eva foi muitas vezes chamada de insípida, tola, fútil e consumista, e de vez em quando era tudo isso, mas, deixando de lado a hostilidade irracional dos figurões nazistas, ninguém jamais a acusou de qualquer pecado mais substancial. Não é crime ser uma pessoa superficial e amante de prazeres, tentar levar alegria e prazer a vidas insossas, sem fazer ideia de que estavam dedicados a fins abomináveis. Tudo que se pode concluir com segurança é que Eva não foi a responsável por nenhum ato *registrado* de preconceito contra os judeus ou de violência contra quem quer que fosse. Julgada pelos padrões de seu tempo, incluindo os de minha afável mãe, não era antisemita.

A família de minha mãe — suas irmãs Ilse e Trudl, suas duas tias, Lidy e Anni, e a mãe dela, minha *Oma*, “vovó” — jamais se juntou ao Partido Nazista e certamente nada sabia do destino dos judeus. Tante Ilse, sendo casada com um médico, poderia

ter sabido de alguma coisa, não fosse pelo fato de que a partir de 1942 seu marido esteve ligado ao exército alemão na União Soviética, incapaz de se comunicar e presumivelmente morto. Como quase todas as mulheres da Alemanha, ela mesma não infligiu nenhum sofrimento, mas sofreu muito.

Minha mãe nutriu um preconceito irracional contra judeus por toda a vida, embora destituído de violência ou maldade. Ela e as outras Schröder de Hamburgo foram incapazes de um gesto de bravura, como proteger uma família judaica. Mudança, novidade e desordem sempre as deixavam alarmadas.

No sul de Londres, nos anos 50, quando um negro caribenho recém-imigrado passava por nós, dizia: “Prenda a respiração até que vá embora, querida”. Se eu perguntasse por que, respondia: “São diferentes de nós. Comem comida diferente. Cheiram diferente. E” (baixando a voz) “são um pouco suados”.

Sentia a mesma aversão infundada pelos judeus. Mesmo depois de se casar com meu pai, em junho de 1936, e ir viver com ele na Inglaterra, não teria passado por sua cabeça arrumar lugar para uma garota judia no pequeno apartamento do sul londrino, ainda que todo dia o *The Times* publicasse dezenas de anúncios de pais judeus alemães ou austríacos desesperados em busca de um lar seguro para suas filhas, frisando sua honestidade e inteligência, sua aptidão para bordar, costurar, ensinar um pouco de francês ou cozinhar o básico. Isso jamais teria ocorrido a meu pai, tampouco, sempre tão receoso de se fazer notar. Meus pais teriam alegado pobreza como desculpa e no começo do casamento, quando jovens, a vida para eles de fato foi dura.

Não poderiam ter se dado ao luxo de alimentar uma garota, muito menos de pagá-la. No entanto, outras pessoas puderam... algumas.

Ao longo de toda a vida, mamãe se referiu aos judeus como “Jew-boys” e me advertiu de que eram gananciosos e indignos de confiança, sobretudo em relação a dinheiro. Conhecendo sua natureza generosa, procuro perdoá-la refletindo que isso era uma atitude e um modo de falar comuns numa época em que palavras como “Jew-boy” ou “nigger” eram aceitáveis. O linguajar que hoje parece preconceituoso não era um problema nesse tempo. A jovem Edith Schröder não nutria um sentimento pessoal de vingança contra os judeus e, após a guerra, Ditha Helps — esposa e mãe inglesa — conheceu sentimentos conflitantes quando a verdade sobre os campos de concentração foi revelada.

Como Eva, minha mãe não fazia perguntas, tampouco queria respostas, nem mesmo sobre as colegas com quem crescera. Meu avô, por outro lado, cujo contato com judeus em seu trabalho como joalheiro e comerciante de diamantes era diário, admirava-os e não sentia outra coisa por Hitler senão desprezo. Quando o Führer instou os alemães a doar seu ouro para o esforço de guerra a fim de financiar a fabricação de armas e aviões, milhões o fizeram. Mulheres sacrificaram alianças pela defesa do país. Não meu avô.

Ouro era garantia de vida. Ele enterrou o seu no jardim numa noite escura para

desenterrá-lo intacto quando a guerra chegou ao fim. Adorei essa desobediência flagrante.

O destino dos judeus não era um assunto que minha mãe gostasse de discutir e para mim era quase impossível persuadi-la a falar a respeito. Certa vez, quando já estava bem velha e começando a ficar confusa e esquecida, perguntei: “Mãe, você tinha judeus na família?”.

Expressão de choque, rapidamente dissimulada.

“Como, querida?”

“Você tinha algum parente *judeu* em sua família?”

“N-ão... porque acho que devem ter sido, testados, sabe, para ver se eram... puros. E passaram.” (Então até aí ela sabia.)

Silêncio. Daí: “E na sua família?”.

“Mãe, minha família é a mesma que a sua.”

“Ah, é.” Silêncio. “Eu tive boas amizades com judeus.”

Um boato ainda persiste de que em pelo menos duas ocasiões Eva entrevistou em prol de judeus em Munique, que foram poupados por Hitler. Como sempre frequentara colégios católicos, é improvável que se tratasse de colegas de classe; talvez fossem profissionais conhecidos de seus pais — um médico, quem sabe o dr. Marx, para quem Ilse trabalhara como recepcionista por tantos anos antes de se casar. Não fui capaz de rastrear nenhuma fonte confiável para resgatar essas histórias.^[29] No entanto, Glenn Infield, essa cronista pouquíssimo confiável de Eva e seu círculo, alega que uma antiga vizinha da família Braun — uma judia idosa chamada Pearl Sklar — disse de Eva: “Era uma jovem muito bondosa e passava várias horas me fazendo companhia, pois sabia que eu era sozinha. Isso foi antes de conhecer Hitler”. (E nesse caso Eva ainda seria uma adolescente: uma idade improvável para uma garota sociável e popular passar horas visitando velhas solitárias.) Infield acrescenta: “Ela [Pearl Sklar] está convencida de que sua vida foi salva por Eva, pois a maioria de seus amigos judeus em Munique, nesse período, morreu em campos de concentração”.^[30] As evidências desse relato, infelizmente, não passam de conjecturas.

Gitta Sereny, uma fonte confiável, inclina-se a acreditar que Eva pudesse ocasionalmente ter intercedido. “Lembro-me vagamente”, disse, “de um médico judeu ou algum outro profissional que recebeu proteção. Num caso, Speer me contou, ela deu um jeito de obter cidadania ariana honorária para alguém e é claro que isso era proteção, proteção total”,^[31] acrescentando: “Digo isso quase que a contragosto, mas apenas para que fique registrado, ela também ajudou alguns judeus na Baviera. Estava numa posição em que podia fazê-lo, e o fez. Não fez nada de extraordinário, mas, sabe como é, qualquer ajuda, por menor que fosse, era uma ajuda”.^[32]

Gertraud disse ainda: “Quando se tratava de injustiças sofridas pelos outros ou violações de seus direitos, ela [Eva] era capaz de tomar uma posição firme e insistir em conseguir o que queria”.^[33] Ela também conta um episódio que lança uma luz ruim

sobre Eva, embora mostre que não tinha nenhum desejo de influenciar Hitler: “Tínhamos uma tia, era freira, e, nessa época, os mosteiros estavam ocupados, e minha tia perguntou a Eva: ‘Será que pode nos ajudar a permanecer no mosteiro?’”. Sabe o que Eva lhe disse? ‘Deixe o cabelo crescer.’ Ou seja, se tiver de deixar o mosteiro, ninguém irá perceber que você é freira. Ela não exercia nenhuma influência e não queria tentar ter influência”.[34] Por outro lado, quando Fanny Braun foi interrogada após a guerra, não mencionou a história, embora houvesse afetado sua própria irmã, Anni, mas criticou sua filha por não ter feito mais coisas pelos judeus que sofriam. “Afinal, toda mulher exerce alguma influência se é próxima de um homem como Eva era de Hitler e ela deveria tê-lo influenciado em relação às coisas que sabia que estavam erradas” (grifo meu).

As pessoas devem ser julgadas à luz de sua própria época e atitudes. Quer dizer, como observou Richard Evans, é muito fácil ser sábio após o ocorrido. Nossas consciências conseguem tolerar e ignorar o sofrimento mais excruciante, contanto que não esteja ocorrendo na nossa frente. O racismo de modo algum desapareceu e o desejo de vingança permanece forte. O comportamento e as atitudes morais mudaram menos do que gostaríamos de crer. Muitas pessoas neste mundo atual de homens-bomba acreditam ser justificável que muçulmanos ingleses e americanos — cuja única culpa, na maior parte das vezes, é ter crenças impopulares — sejam objeto de vigilância secreta e quase que aleatoriamente confinados em campos, até que a “guerra contra o terrorismo” seja vencida. Muitas pessoas acreditam ser aceitável impingir-lhes trabalhos forçados, provavelmente com rações limitadas de alimento e em acomodações nada confortáveis. Muitos iriam além, fazendo vista grossa às punições físicas e mentais para os que resistem ou tentam escapar. Qual será a proporção de políticos extremistas ou de religiosos intolerantes asseverando que, se esse tratamento não ensinar uma lição a esses “fanáticos”, eles devem ser submetidos a fome, tortura e humilhação, ser fotografados e até executados, caso isso torne a pátria-mãe um lugar mais seguro para os cidadãos cristãos decentes? “Ao considerarmos os indivíduos, devemos fazê-lo dentro do contexto das falhas e fraquezas de suas vidas [...] os seres humanos e suas ações não podem existir ou ser julgados isoladamente do meio onde crescem.”[35]

Qualquer veredicto sobre Eva é, no microcosmo, um veredicto sobre o povo alemão. Deve toda uma nação — e seus descendentes, até a segunda, terceira e quarta gerações — compartilhar de uma culpa comum, tanto os ignorantes como os que tudo sabiam? O mero fato de ser alemão constitui um crime em si? No dia 26 de agosto de 1941, Helmut Von Moltke escreveu com presciência à esposa:

O que acontecerá quando a nação como um todo perceber que esta guerra está perdida, e perdida de modo diferente da última? *Com sangue nas mãos que não poderá ser limpo nesta vida e jamais será esquecido*, com uma economia completamente arruinada? Serão os homens capazes de extrair contrição e penitência dessa punição e, ao fazê-lo, gradualmente extrair nova força para viver? Ou mergulhará tudo no caos?[36]

O país não “mergulhou no caos”, mas por muitos anos o sangue permaneceu nas mãos de seu povo.

Quando a Segunda Guerra Mundial terminou, em 1945, um grande silêncio se abateu sobre a Alemanha.[37] Não houve nenhum tributo indignado aos 600 mil que morreram nos reides aéreos, como na Inglaterra (a nova catedral de Coventry) ou na Espanha (o *Guernica* de Picasso). A agressão da própria Alemanha provocara a aniquilação de suas cidades e os alemães sentiram que a culpa era deles. A verdade sobre os judeus e o Holocausto, assim como o modo como foram mortos, veio à tona quase de uma vez — o primeiro relato de uma testemunha ocular de Dachau e Buchenwald[38] foi publicado em 1943 — embora, é claro, não em alemão. Um tabu silencioso impediu por muito tempo que escritores e romancistas descrevessem os devastadores efeitos da guerra nos alemães comuns. O principal escritor alemão dessa geração, Günter Grass, chamou isso de “complexo de supressão”. Seu romance *Im Krebsgang* (“O passo do caranguejo”), publicado em 2002, suscitou um furor, pois quase sessenta anos depois Grass foi um dos primeiros escritores alemães a rejeitar a ideia de que ele e seus compatriotas sofriam de uma mácula eterna e irremediável: “Minha geração jamais deveria ter mantido silêncio sobre tal miséria, meramente porque por anos a necessidade de admitir a responsabilidade e mostrar remorso tinha a precedência, com o resultado de que deixamos a questão para a direita. Foi uma falha inacreditável”.

Só hoje, sessenta anos depois, os alemães começam a perceber que também foram vítimas. Um piloto da Luftwaffe comentou, após a guerra: “As guerras talvez sejam provocadas por pessoas fracas ou moralmente atrofiadas, mas quem as luta e atura são as pessoas decentes”.[39] As questões que Von Moltke apresentou continuam a ser debatidas por muita gente, de estudantes e filósofos a políticos e defensores do racismo, sobretudo pelos netos e bisnetos[40] de alemães e alemãs que trabalharam nas linhas de produção do assassinato em massa, cujas vidas continuam obscurecidas pelas sombras dos Eventos Negros.

O QUE HITLER FEZ

OBERSALZBERG FOI A ÚNICA UTOPIA que Hitler conseguiu manter intacta; seu ideal, sua inspiração, o reino encantado que imaginou para si e seus amigos — sobretudo para Eva. Ela, por sua vez, conservou o lugar como um santuário para ele, distante das exigências de conduzir uma guerra, embora, à medida que os combates progredissem, ele voltasse para “casa” com cada vez menos frequência. Em 1942, aos trinta anos, era uma mulher jovem e equilibrada, mais sensata e séria do que a estouvada balconista que Hitler conhecera. Era sua companheira havia dez anos e agora que ele entrara na casa dos cinquenta tornava-se, quase que a despeito de si mesmo, cada vez mais dependente de seu amor, embora continuasse incapaz de demonstrar afeto por ela em público: isso significa dizer em meio a seu círculo íntimo, talvez porque ele tivesse consciência da eterna desaprovação do grupo. Seus modos com a amante eram cortes — assim como era com todas as mulheres, incluindo sua cozinheira —, mas sempre circunspectos.

A atitude de Eva em relação à guerra era ingênua ao extremo. Alois Winbauer disse:

Ela encarava as vitórias da Wehrmacht como um triunfo pessoal de Hitler, o que lhe provocava êxtases de alegria; ao passo que qualquer derrota era parte de uma conspiração maligna contra o amor de sua vida. Mas o homem que corraera para vê-la em Obersalzberg mudara. Ela contou a sua prima Gertraud sobre as longas caminhadas solitárias e as conversas vagas sobre o tempo e os cães, e como ele ficava imóvel por vários minutos, fitando distraidamente o infinito; sobre as opressivas sessões de filmes ao final do dia e as torturantes noites insones de ansiedade crescente.[1]

Diz-se que Hitler muitas vezes dava ordens de forma indireta, deixando que os outros as interpretassem, preferindo não saber os detalhes técnicos ou testemunhar as consequências. (Albert Speer discorda, contudo: “Não acho que se envolvesse muito com os aspectos técnicos, mas mesmo as decisões de proceder a um fuzilamento ou à morte nas câmaras de gás teriam sido suas, por uma simples razão, que conheço muito bem: nenhuma decisão importante podia ser tomada sem sua aprovação”.[2]) Christa Schröder, a secretária sênior do *Führer*, afirmou em suas memórias que “Sempre haverá aqueles que acham que esses atos de barbárie tiveram lugar sem o conhecimento de Hitler. Sei por mim mesma que Hitler era mantido bem informado por Himmler sobre o que ocorria nos campos. Ele encarava todas as atrocidades como algo necessário ao regime”.[3] A maioria dos campos de extermínio ficava na Polônia, em parte porque a

maioria dos judeus assassinados — 3,5 milhões — eram poloneses, mas também para poupar a população alemã local de um incômodo desnecessário (ver as filas de gente esquelética chegando, presume-se, bem como sentir o cheiro de carne queimada). Nas raras ocasiões em que o trem oficial de Hitler tinha de cruzar um campo, ele ordenava que fechassem as janelas. Ignorar fatos desagradáveis é um privilégio de ditadores, privilégio que educadamente ele estendia às mulheres em torno.

Alemães comuns também se encolhiam com o que estava acontecendo, conforme os ruidosos tratores de aço abriam caminho para os “campos de trabalho” por toda a Europa. Judeus, bolcheviques, o povo rom,[4] Testemunhas de Jeová, homossexuais — eram todos transportados como gado nos trens, em vagões com ferrolhos e barras (durante a guerra, 2 mil trens de um total de 60 mil que havia na Alemanha receberiam um sinal de identificação para esse tipo de “carga”), a caminho da morte. Inúmeras pessoas tiveram como destino as câmaras de gás, a partir da primavera de 1942, e os campos de concentração ficavam cheios de figuras esqueléticas que literalmente morriam de cansaço. Poucos civis tinham alguma informação e um número ainda menor se dava ao trabalho de investigar aquele algo indefinível que permeava sua consciência com a sugestão de um novo e desagradável... o quê?

Os judeus não eram de jeito nenhum simples vítimas indefesas, arrastando-se rumo a seu destino. Alguns exibiam uma atitude extraordinariamente corajosa e desafiadora. Um rabino que chegou a Sobibor recusou-se a acreditar na conversa apaziguadora com que judeus eram recebidos, na tentativa de impedir a histeria em massa. Juntando um punhado de areia, ele declarou: “Estão vendo como espalho esta areia vagorosamente, grão por grão, e como é levada pela brisa? Isto é o que acontecerá com vocês; todo este seu grande Reich vai desaparecer como pó ao vento e a fumaça efêmera”.[5] Foi fuzilado na hora. Ainda mais tocantes foram as palavras de uma garotinha de cerca de cinco anos quando um funcionário brutal tentou agarrar seu irmãozinho de um ano. “Tire estas suas mãos pingando sangue de meu querido irmão. Eu sou a boa mamãe dele agora e ele vai morrer no meu colo, comigo!”[6]

Na Conferência de Wannsee, em 20 de janeiro de 1942 — que significativamente não ocorreu com a presença do *Führer* —, Reinhard Heydrich, encarregado por Göring de fazer os arranjos necessários para livrar a Europa dos judeus, anunciou que iriam trabalhar até a morte ou morrer de fome no leste e que quaisquer sobreviventes seriam mortos “por meios mais diretos”. O que na Europa ocidental tinha de ser feito furtivamente, à noite, no leste podia ser levado a efeito sem preocupações com suscetibilidades locais.

No verão de 1941, a guerra na União Soviética estava sendo usada como uma desculpa para a limpeza étnica. A mensagem de Hitler era: “Tudo que acontecer está certo. Escrúpulos são um crime contra o povo alemão [...]. Nenhuma participação alemã na ação pode ser considerada responsável por atos de violência, seja do ponto de vista disciplinar ou judicial”. Combatendo um inimigo que era em si mesmo bárbaro, os soldados alemães portaram-se com uma selvageria rotineira. Os civis eram vítimas de

enforcamento, estupro, fuzilamento e tortura nas mãos de soldados geralmente bêbados. Milhares de fotografias registram execuções em massa por enforcamento ou fuzilamento de suspeitos, os corpos jogados como se fossem animais abatidos em fotos de grupos de aristocratas tiradas como lembrança após um bom dia de caçada. Os executores olham insensíveis para a câmera, poucas expressões denunciando repulsa ou choque. Se algo há para notar, é o desejo lúbrico de registrar algo que não constituía uma visão cotidiana, capturando seus momentos de poder absoluto sobre outros seres humanos.[7] Hitler se recusava a admitir a crueldade perpetrada por seus soldados, que ficava pior à medida que avançavam rumo leste.

Em outra frente de batalha, a fome deixava as barrigas vazias. Em setembro de 1941, 3 milhões de pessoas ficaram isoladas em Leningrado,[8] num sítio que durou noventa e dois dias. Bombas e obuses choveram sobre a cidade. Em novembro, 11 mil pessoas morreram; em dezembro, 52 mil; em janeiro de 1942, de 3 a 4 mil por dia, a maioria de fome. Muitos mataram e comeram seus gatos e cães de estimação, usando a pele para fazer luvas, até não restar mais animais para comer, apenas uma minúscula ração diária de “pão” feita principalmente de farinha e serragem. Todos passavam fome e sofriam com o frio. Os corpos, se é que eram enterrados, e não deixados na rua para virar cadáveres duros e gelados, eram jogados em valas comuns. Famílias inteiras, mais de 600 mil pessoas, morreram antes que o cerco chegasse ao fim, em janeiro de 1944. A Europa se reduzia a uma Sodoma e Gomorra. Soldados, marinheiros e aviadores alemães morriam às centenas de milhares, os civis alemães começavam a sofrer com a falta de roupas, comida e necessidades básicas, como eletricidade e água. As coisas estavam prestes a ficar bem piores.

Hitler em seguida voltou sua atenção para Stalingrado.[9] Como fora na Operação Barbarossa, ele subestimou enormemente a obstinada capacidade de resistência da União Soviética, bem como a capacidade de Stálin como comandante militar, de longe muito superior à sua.[10] Em agosto de 1942, Zhukov, o único general invicto da Rússia, foi encarregado da defesa de Stalingrado. Em 14 de outubro de 1942, Hitler ordenou a segunda “ofensiva final”, mas a luta pesada não conseguiu capturar a cidade e no dia 17 de novembro o Exército Vermelho contra-atacou. Um quarto de milhão de soldados alemães ficou aprisionado na cidade, passando fome e frio, perto do fim de novembro, cercado pelas tropas soviéticas. Como sempre, Hitler se recusava a aceitar a derrota. Ordenou que Paulus, comandante do exército alemão, mantivesse sua posição, prometendo reforços. Mas eles nunca vieram. O marechal-de-campo Paulus disse: “Não conseguimos mais retomar uma posição, porque os homens estão desabando de cansaço. Os últimos cavalos foram comidos”. Em menos de uma semana o Sexto Exército alemão foi cercado e, no fim de janeiro de 1943, Paulus — contrariando ordens específicas de Hitler — foi forçado a se render. Trezentos mil soldados alemães haviam morrido. Foi a maior vitória russa na guerra e, com isso, a maré russa, vermelha de sangue, voltou-se contra a Alemanha.[11]

Em 20 de setembro de 1942, Bomber Harris ordenou o primeiro ataque aéreo sério

sobre Munique. Sessenta e oito bombardeiros mataram 140 pessoas e deixaram mais de quatrocentos feridos. Era a primeira experiência de um reide aéreo vivenciada pela cidade e, embora moderado em comparação com os ataques das cidades mais ao norte, foi bastante ruim. Ludwig Rosenberger, morador da cidade, escreveu em seu diário: “A pressão do ar era terrível, nossos ouvidos ficaram meio surdos, os aviões ingleses zumbiam acima de nossos telhados como vespas gigantes. Foi o inferno completo por uma hora inteira”.[12] Na ocasião Hitler estava em seu quartel-general no leste, o Werwolf, e Eva no Berghof, de modo que, embora ela se preocupasse com os conhecidos na cidade, ele não tinha razão alguma para se preocupar com *ela*. Mas na noite de 9/10 de março de 1943, a cidade foi atingida por um enorme reide que matou 205 pessoas, feriu mais que o dobro desse número e deixou quase 9 mil desabrigados e em choque, seus pertences domésticos reduzidos a destroços em meio aos entulhos, sem outra posse além das roupas encardidas e cobertas de pó. Eva encontrava-se outra vez no Berghof, mas, mesmo que estivesse na cidade, teria encontrado proteção num *bunker* particular construído sob sua casa em 1938 — caso houvesse se preparado para entrar ali. Hitler lamentava que não tivesse. Eva sabia que o orgulho dele não lhe permitia revelar sua dependência — ele, o gênio que surgia uma vez a cada mil anos (era sua firme crença), dependendo de uma *mulher*? Contudo, as secretárias notaram como temia pela vida dela durante os reides sobre Munique.

Sempre que Munique era ameaçada por um ataque aéreo, ele ficava inquieto como um leão enjaulado, à espera de poder falar com ela ao telefone. Sua agitação era quase sempre desnecessária, embora certa vez a casa dela houvesse sofrido danos e algumas outras na vizinhança pegaram fogo. O dia inteiro, não parou de falar sobre a coragem de Eva:

“Ela se recusou a entrar no abrigo, ainda que eu tenha implorado várias vezes para fazê-lo. Um dia aquela casinha vai desabar como um castelo de cartas. Também se recusa a ir para meu apartamento, embora fosse ficar totalmente a salvo ali. Finalmente a persuadi a deixar que construíssem um pequeno abrigo dentro da casa, mas tudo que faz é convidar todos os vizinhos, enquanto ela mesma sobe no telhado para ver se caíram algumas bombas incendiárias”.[13]

Em março de 1943, Hitler regressou de seu quartel-general perto de Vinnitsa, na Ucrânia, para o Wolfsschanze. O desastre em Stalingrado e a derrota no Norte da África haviam afetado não só seu moral como também seu equilíbrio físico. Na primavera a saúde dele declinava rapidamente e sentia-se exausto. O estresse de conduzir uma guerra que para todos exceto o *Führer* parecia cada vez mais impossível de ser vencida já não podia ser disfarçado: “Sua memória fugia, seu estado físico e mental deteriorara a um ponto além de todo reconhecimento [...]. Era um velho esgotado, para quem seus médicos prescreviam os estimulantes Intelan e Tonophosphan e o antidepressivo Procrastinum”.[14] Até mesmo pelo telefone Eva conseguia detectar a mudança. Ansiava

em fazê-lo voltar ao Obersalzberg, onde podia refazer sua energia com comida fresca, ar puro e exercício. No Wolfsschanze, não praticava nenhum, lembrou o dr. Morell, muitas vezes sem pôr o pé para fora por dias a fio.

Sua natureza, para se sentir plenamente gratificada, sentia necessidade tanto do épico — fossem os cenários alpinos, fossem as campanhas colossais — quanto do banal. Num extremo, conduzia uma campanha militar, naval e aérea em diversas frentes, destinada a assegurar à Alemanha a dominação da Europa pelos mil anos seguintes; contudo, esse mesmo megalomaniaco sonhava com o conforto doméstico, com uma mulher apaixonada e uma mesa de aniversário coberta de cartões, flores e presentes. A sós com Eva em seus aposentos macios e acolchoados, Hitler se permitia ser carente e sentimental. Após uma ou duas semanas de mimos e afagos começava a relaxar, papeando agradavelmente com as mulheres, caminhando até a Teehaus, ouvindo discos ou contando histórias junto à lareira, de noite. Às vezes, sentava-se com o pensamento absorto em sua cadeira, subitamente muito velho e cansado. Eva Braun parecia triste e preocupada, dando o máximo de si para entreter Hitler e os convidados, tentando alegrá-los e envolvê-los em conversas bem distantes da guerra.

Em abril de 1943, com Hitler um pouco descansado e restaurado, os preparativos para uma importante visita de Estado, cujo convidado de honra era Mussolini, começaram a ter lugar numa casa de campo próxima chamada Schloss Klessheim. (Traudl Junge lembra que, ao chegarem, ela vinha correndo pelo corredor, comendo uma maçã, e trombou com eles. Hitler disse: “Não se preocupe, minha filha: um rei é só um ser humano, também”).^[15] Em maio ele regressou ao Wolfsschanze.

Em 1943, o marechal-do-ar Sir Arthur Bomber Harris atacou a Alemanha com singular obstinação, após sobrepujar qualquer inquietação pública inicial e convencer a si mesmo e o governo que bombardear a população civil e obter sua submissão era uma forma comparativamente humana de vencer a guerra.^[16] No fim de julho de 1943, de 25 de julho a 2 de agosto, por nove dias e noites — a RAF atacando de noite, a força aérea americana de dia —, o antigo porto hanseático^[17] de Hamburgo foi completamente destruído na apropriadamente chamada Operação Gomorra. Só na noite de 28 de julho de 1943, 40 mil pessoas morreram no bombardeio, imoladas num inferno feito pelo homem.^[18] A tempestade de fogo devastou dez quilômetros quadrados do centro da cidade, reduzindo a área e o rio Elba a um lago de fogo que consumia tudo que tocava. Pessoas, edificações, carros, animais, árvores, estátuas, balaustradas, postes de luz, lojas — nada podia sobreviver ao calor ou à espiral de vento que sugava o oxigênio do ar. Os corpos transformavam-se em líquido inflamado ou em cinzas, sem deixar nenhum vestígio humano para ser enterrado. A fumaça e as chamas ascenderam a uma milha no céu. Pelo menos 200 mil pereceram e um milhão de pessoas ficaram desabrigadas.

A devastação foi tão aterradora que até Goebbels ficou indignado com a recusa de Hitler em visitar a cena e encorajar os sobreviventes. Ele escreveu em seu diário, “é muito necessário que o *Führer* faça isso, a despeito dos pesados ônus sobre o setor

militar; não se pode negligenciar as pessoas por muito tempo”. Mas, é claro, não ousou dizer nada na frente de Hitler. Karl Otto Kaufmann, *Gauleiter* de Hamburgo e um dos mais antigos membros do Partido Nazista, também rogou ao *Führer* que fosse, assim como Speer. “A reação de Hitler quando lhe pedi que fosse a Hamburgo foi colérica. Provavelmente, estava irritado porque já fora pressionado antes de outro lado [i.e., Kaufmann]. Essas abordagens não combinavam com a ideia que fazia de sua posição elevada. Não deu motivo para sua recusa.”[19] Eles já deveriam ter sabido que de nada adiantava pedir. A relutância do *Führer* em ver com os próprios olhos o sofrimento que infligia ao povo alemão era bem conhecida.

As tias de minha mãe e pelo menos uma de suas irmãs, junto com sua mãe velhinha e doente, dividiam um apartamento em Altona, uma das áreas mais pesadamente atingidas de Hamburgo, mas nunca as ouvi falando do bombardeio — e garotas de sete anos de idade prestam muita atenção nas histórias de horror dos mais velhos. *Oma*, minha avó materna, vinha sofrendo com o câncer havia algum tempo, mas tinha um medo incontrolável de médicos e hospitais e se recusava a qualquer tratamento para a dor, exceto o doméstico, muito pouco apropriado. Morreu em 25 de maio de 1943, em casa, em Hamburgo, dois meses antes da tempestade de fogo que engoliu sua adorada cidade. Minha mãe não recebeu a notícia de sua morte — que veio na carta mensal de 25 palavras mandada pela Cruz Vermelha — senão em agosto. Pranteou-a amargamente por quarenta anos. Suas últimas parentes mulheres (as irmãs Ilse e Trudl e as tias Lidy e Anni) estavam em casa na noite de 28 de julho de 1943.

Mal posso imaginar o que passaram conforme o povo de Hamburgo era incinerado, calcinado, cozido até virar nada mais que formas negras de cinzas, escaldados, asfixiados, esmagados, sepultados e, no coração da tempestade, reduzidos a uma poça flamejante de óleo, que, como em Hiroshima, não deixou restos humanos para trás, nenhum corpo a ser identificado, pranteado ou enterrado. As mulheres acoradas dentro de seus lares, ou espremidas num abrigo antiaéreo — que podia ser ainda mais perigoso —, sobreviveram a nove noites de bombardeio; seis grandes reides (quatro da RAF e dois de esquadrões americanos) aos quais os cidadãos de Hamburgo se referiram, se é que o fizeram, como *die Katastrophe*.

Deve ter sido precisamente nesse momento que *Opa*, meu avô, para quem a vida normal se tornara uma miragem distante, começou a escrever suas memórias — antes ou depois do bombardeio, não sei, uma vez que o manuscrito original sumiu.[20] Em 1943 ele sabia pouca coisa sobre mim além de meu nome, mas, motivado talvez pela morte de sua esposa, queria deixar atrás de si algum registro de sua vida para aquela garotinha de três anos de idade, sua única neta, achando que jamais sobreviveria o suficiente para conhecê-la. A dedicatória diz: “Para minha adorada netinha, Angela Maria, porque não posso segurá-la em meus braços”. Ele não podia imaginar que viveria mais dezesseis anos, o suficiente para constatar que sua

personalidade e posteridade seriam firmemente gravadas em mim.

Ao longo dos últimos dois anos da guerra, Hamburgo continuou sendo uma área de bombas quase sem nenhuma comida ou — às vezes — água.

Minha tia mais jovem, Trudl, sendo a mais forte, saía à noite e caminhava beirando os trilhos em que os trens de mercadorias chegavam a Hamburgo, na esperança de encontrar batatas ou pedaços de carvão que houvessem caído (ou sido empurrados) dos vagões para o chão. Tudo que encontrava era apressadamente enfiado com ajuda de uma pá dentro de um saco escuro, jogado sobre os ombros e levado de volta para casa, para a mãe, a irmã e as duas tias-avós, Lidy e Anni. Sem essas excursões noturnas teriam morrido de fome ou de frio no pequeno apartamento sem aquecimento.

Só visitei Hamburgo no inverno de 1947, em fevereiro, quando estava com seis anos. Minha mãe não via a família havia pelo menos oito anos. Poucos meses após nossa chegada, a irmã mais velha de minha mãe, Ilse — alta, inteligente e hipersensível, ao contrário da irmã mais velha de Eva, Ilse, também — , que era minha madrinha, matou-se numa overdose. Ela jazia inconsciente, à beira da morte, deitada num sofá, quando minha mãe apareceu em seu apartamento. Ditha chamou um médico imediatamente, mas quando ele chegou, disse: “Paciência; já está no fim, agora”. Houvera tantas e tantas mortes; para que tentar impedir mais uma? Minha mãe e o marido de Ilse — um dos poucos que regressaram sãos e salvos do front russo — , ao que parece, sentaram-se juntos, observando, à espera de que morresse.

Não faço ideia do efeito que exerceu sobre meu avô a morte de sua filha mais velha. Só soube dessa história muito depois; não é o tipo de coisa que se conta a uma criança. Mas era a mais intelectual e sofisticada das garotas Schröder, magra, loira, elegante; certamente a favorita de seu pai. Embora eu só tivesse sete anos quando morreu, fiquei com uma imagem clara de sua pessoa em minha cabeça. Provavelmente, como tantas vezes acontece com as lembranças infantis, é de alguma fotografia, não da vida real, mas também pode ser que não. Tenho certeza de que a reconheceria se a visse em meio à multidão. Há qualquer coisa de distinta e especial nela — a palavra alemã para isso é *apart*: diferente, notável.

Eu era terrivelmente precoce e já via minha família como indivíduos, não como um grupo amoroso e amorfo, e — se me for permitido falar a verdade — achava *Opa* uma companhia melhor que meu pai. Em 1948, minha mãe era sua única parente de sangue com vida, tal fora a devastação do bombardeio de Hamburgo. Ilse se matara; a roliça e alegre Trudl, enfraquecida sem dúvida pela privação dos anos de guerra, sucumbira à doença. Minha mãe tinha pouca coisa em comum com seu pai e ressentia-se amargamente de seu projeto de voltar a se casar: e com uma mulher mais jovem. (Ele nunca o fez.) Sua hostilidade se modificou com o tempo, mas mesmo durante os anos que vivemos na Alemanha, meu avô permaneceu uma visita rara em nossa casa.

Simples dados e estatísticas dificilmente são capazes de transmitir a terrível verdade da monstruosa lista de mortos. *Um* é um número que qualquer pessoa consegue apreender — meio mundo pode conhecer paroxismos de dor pela morte de uma única mulher; dez já beira o limite do número de pessoas que podem ser pessoalmente pranteadas. Talvez os 3 mil mortos das Torres Gêmeas, em setembro de 2001, seja o maior número que a imaginação pode abarcar e — uma vez que eram na maioria americanos — o número necessário para despertar uma reação global. Mas quem pode reconstruir as cenas ou a tristeza provocadas quando 40 mil cidadãos de Hamburgo foram imolados *numa única noite*? O número icônico de 6 milhões de judeus assassinados é algo diante do qual a imaginação se encolhe inteiramente. Algumas pessoas só conseguem lidar com isso negando o fato por completo. Eva, bondosa, ingênua, fantasiosa, não alguém com imaginação moral ativa, foi poupada de precisar lidar com um número maior do que um: seu bom amigo, o ator Heini Handschuhmacher, morreu no reide aéreo de Munique, em abril de 1944, e ela ficou furiosa e inconsolável com sua morte. Mas poloneses, soviéticos, 250 mil ciganos, homossexuais, padres católicos e *6 milhões de judeus*? Impensável.

Parte 6

CLÍMAX

FEVEREIRO DE 1944-JANEIRO DE 1945 – EVA NO BERGHOF COM GERTRAUD

HITLER SE INSTALOU NA Toca do Lobo, no leste da Prússia, por todo o outono e o inverno de 1943, com um único curto intervalo no Berghof em meados de novembro. Não saiu para o Natal... nada de árvore, velas, “*Tannenbaum, o Tannenbaum!*” ou aconchegantes festas para entrega de presentes centradas nele, nada de Eva para acalmá-lo numa encantadora festividade em meados do inverno. Em vez disso, permaneceu na Wolfsschanze e não regressou a Obersalzberg até 23 de fevereiro de 1944, seriamente doente e com os nervos em frangalhos. Na atmosfera confinada e opressiva de seu quartel-general a leste, o trabalho excessivo e constante mais uma vez afetara sua saúde física e mental. Os médicos — sem dúvida apoiados por Eva — insistiam que permanecesse no Berghof por vários meses.

À medida que o inverno se arrastava, a vida no Berghof — assim como no resto da Alemanha — tornava-se cada vez mais imprevisível. A tensão em torno de Hitler era difícil de suportar. Discussões sobre o progresso da guerra seguiam de forma interminável, as refeições ocorriam tarde e duravam até horas pouco ortodoxas. O interminável fluxo de convidados e as cortesias tentativas de Eva de mostrar animação não conseguiam disfarçar o fato de que todos se sentiam extremamente ansiosos. Hitler ficava na cama mais do que o normal e àquela altura estava claro para todos, exceto o *Führer*, que os rumos da guerra iam contra ele; porém, quanto mais suas faculdades declinavam, mais ele insistia na própria infalibilidade. A despeito da crescente evidência de seu comportamento irracional e inadequado para conduzir uma guerra em diversas frentes, Hitler ignorava os conselhos dos generais, convencido de que apenas sob seu comando o Terceiro Reich triunfaria. Um membro do estado-maior mais tarde recordou: “As reuniões podiam durar de duas horas até o infinito, dependendo do humor de Hitler. Ele se achava um grande estrategista e desprezava os oficiais profissionais. Isso tinha um efeito consternador sobre os militares”.^[1] Ele desenvolveu um tremor no braço e na perna esquerdos, “possivelmente de natureza histérica”, disse o dr. Morell, sem dar maior atenção.^[2] Era mais provavelmente um sintoma inicial do mal de Parkinson. Ele continuava a se ver como o último e maior dos cavaleiros teutônicos, liderando seus guerreiros rumo a um futuro de mil anos para a Alemanha. Jamais titubeou nessa crença, sempre cego para a realidade.

A partir de fevereiro de 1944, assim que se viram juntos outra vez, Eva observou como se tornara letárgico, nervoso e irritável. Ela implorou a Traudl Junge que lhe contasse a verdade.

Eva Braun me procurou. “Como está o *Führer*, *Frau* Junge? Não quero perguntar a Morell: eu o odeio e não confio nele. Fiquei chocada quando vi o *Führer*. Envelheceu muito e está tão sério. Sabe com que se preocupa? Ele não fala comigo sobre essas coisas, mas suspeito que a situação não seja boa.”

Por mais próxima que fosse de Hitler, Traudl não tinha como lhe dizer nada: “Conhece o *Führer* melhor do que eu”.

Em abril continuava a nevar. Enfim veio a primavera e, com ela, os aviões inimigos, voando diretamente sobre Berchtesgaden. O imenso abrigo antiaéreo de Hitler, escavado a 65 passos de profundidade na rocha da montanha sob o Berghof, era acessível pela sala de estar principal e continha todo o necessário para ele e seu grupo. Hitler tinha pavor de ser bombardeado e esperava um ataque americano dia após dia. Vivia insistindo com as pessoas, sobretudo Eva, para que entrassem no abrigo de concreto, embora ele próprio relutasse bastante em descer, mas, a despeito de sua insistência, poucos levavam a ideia de um ataque ao Berghof a sério e cada vez menos mostravam-se propensos a ir. Os hóspedes eram acordados quase todas as noites para se reunir nos ambientes úmidos e cavernosos do subterrâneo. Os aviões passavam no alto sem provocar danos, com o objetivo de atacar Viena ou a Hungria. Quando Heini Handschuhmacher morreu em Munique, Eva negligenciou as ordens de Hitler e insistiu em comparecer ao funeral do amigo, com Herta e Gretl. Ao regressar, estava desolada com o que presenciara na cidade. Para ela, assim como para a maioria dos moradores de Munique, era a primeira vez que via morte, destruição e sofrimento em larga escala e Eva ficou aterrorizada. Hitler escutou-a com a expressão sombria e jurou vingança contra os aliados.[3]

Mesmo assim, ainda havia alguns bons momentos no Berghof. Na noite anterior ao aniversário de 55 anos do *Führer*, Traudl Junge recordou:

Sentávamo-nos todos ao redor do fogo, Hitler com sua adorada Blondi. Hitler exibia os truques do animal. Ela fez vários, mas o número principal foi quando Hitler disse: “Blondi, cante!”, e emitiu ele mesmo um longo uivo. Ela o acompanhou com uma nota mais alta e, quanto mais Hitler a elogiava, melhor cantava. Às vezes, se subisse demais o tom, ele dizia: “Mais baixo, Blondi — cante como Zarah Leander!” [a popular cantora conhecida por sua voz grave] e então ela emitiu um longo uivo arrastado, como de um lobo. Quase a noite inteira foi passada falando sobre o cachorro, como se o aniversário fosse *dele*!

“É sem dúvida o cachorro mais inteligente que conheço”, disse Hitler.

Pontualmente, à meia-noite, as portas se abriram e uma procissão de empregados entrou empurrando carrinhos carregados de champanhe e copos. Todos se serviram de um copo de champanhe, exceto Hitler, que bebericou um vinho branco muito suave.[4] Quando soou a última badalada das doze, todo mundo brindou, chocando os copos, e disse: “Felicidades, *Mein Führer*” ou “Feliz aniversário, *Mein Führer*”. Um ou dois fizeram um pequeno discurso, dizendo que

o mais importante era que preservasse a saúde e a força em prol do povo alemão. Mais tarde, gente de todo tipo entrou para cumprimentá-lo, vinda de todas as áreas do Berghof, e o álcool correu solto o dia inteiro.[5]

Seu aniversário foi comemorado no dia seguinte, 20 de abril de 1944, como se nada estivesse acontecendo — nada de fome, campos de concentração, o horror, a guerra. Pela manhã, ele desceu mais cedo do que o normal, sorrindo e balançando a cabeça à visão dos presentes. Tudo obra de Eva. Ela sabia como sentia falta da atenção e dos mimos. As fotos o mostram sorrindo amigavelmente para ela e Gretl, Heinrich Hoffmann, Otto Dietrich e o onipresente Bormann. Uma *Geburtstagstisch* (mesa de aniversário) coberta de flores e presentes fora preparada, como se fosse o garotinho de cinquenta anos antes. Eva usava o vestido preferido de Hitler: azul-marinho, de seda, com lantejoulas. Seu gosto amadurecera e ela agora conseguia usar roupas elegantes em lugar de simplesmente bonitinhas e joviais. Ele apanhou um ou dois presentes, uma adorável estatueta de uma jovem, uma tigela de madeira esculpida por um garoto de catorze anos e alguns desenhos de crianças, para mostrar a Eva. Havia diversos objetos bordados e tricotados a mão, além de bolos caseiros, chocolates e frutas enviados por admiradores, que deviam ter gasto seus preciosos cupons de alimento. A maioria desses presentes simples era mandada para hospitais e abrigos de velhos ou de crianças, tal era sua paranoia. Os alimentos eram destruídos, pois podiam estar envenenados. Hitler já não confiava mais em suas *Hausfrauen* alemãs, cuja adoração por tanto tempo lhe havia sido motivo de alegria.

Hamburgo a essa altura já fora reduzida a pó; Dresden ainda estava por vir; Munique era a próxima. Em 9 e 13 de junho, poucos dias após o casamento de Gretl e Hermann Fegelein, os bombardeiros aliados descarregaram seu ataque mais pesado até então sobre uma cidade já exaurida e desmoralizada, seguido em meados de julho por seis colossais reides consecutivos. Mais de 3 mil pessoas morreram e 200 mil ficaram desabrigadas. A linda cidade barroca era punida deliberadamente e sem misericórdia por ser “o coração do nazismo”. No fim do verão de 1944, quando dúzias de prédios e igrejas haviam desabado ou ficado em ruínas, o historiador de arte Wilhelm Hausenstein escreveu: “A cidade está praticamente destruída. Será que o núcleo arruinado ficará de pé e [...] geração após geração viverá entre as ruínas?”.[6] Era algo impensável que a vida um dia pudesse voltar ao normal. Teatros, cinemas, clubes e salas de concerto foram fechados; o racionamento de comida ficou ainda mais controlado; roupas novas eram algo quase impossível de encontrar. Havia muita gente esquelética e esfarrapada, faminta, cansada e com saúde precária. Apenas o séquito de Hitler, junto com seus generais e marechais-do-ar, ministros e puxa-sacos, além de toda a hierarquia da SS viviam no bem-bom. O arrasado povo alemão, exausto de luto e penúria, começava a perder a paciência. A hora de dar o troco no *Führer* e em seus funcionários se aproximava.

Em 1944, Eva e Hitler haviam amadurecido, assim como o relacionamento dos dois. Ela se tornara uma mulher sensata, às vezes melancólica, sem a exuberância de uma

jovem, porém mais bondosa e atenciosa, com uma preocupação genuína pelos demais.^[7] Na Teehaus ou ao fim do dia, Hitler era cada vez menos sociável e muitas vezes afundava em sua cadeira com a expressão absorta, envelhecido e cansado. A preocupação com a condição do *Führer* cobrou seu tributo: em junho, foi a vez de Eva ser entregue aos cuidados do dr. Morell, que lhe ministrou Strophantin por via intravenosa para tratar uma (aparentemente sistólica) pressão sanguínea de 110. Isso, se rotineiro, teria sido causa de sério alarme, pois indicaria uma baixa pressão sanguínea, embora uma única medição seja incapaz de revelar muita coisa. Uma medição *diastólica* consistente de mais de cem indicaria pressão sanguínea alta e seria motivo de inquietação real. Felizmente, sua forte constituição logo lhe restaurou a saúde. A não ser pelos longos períodos de agonia, Eva dificilmente conheceu um dia de enfermidade em sua vida. Mas, agora, tinha apenas 32 anos.

As inabaláveis crença e devoção de Eva em seu senhor — antes compartilhadas por 50 milhões de alemães — reforçavam a necessidade que Hitler tinha dela. Os mais próximos a eles observavam que, embora continuasse a escondê-la, os sentimentos do *Führer* iam muito além do simples *afeto*. Como qualquer casal, sentiam falta um do outro quando estavam separados e confortavam-se mutuamente ao se verem juntos. Dentro do misterioso círculo de seu relacionamento privado, Eva dependia dele para os consolos e necessidades da vida, mas ele se apoiava igualmente em sua devoção permanente. Ditador, psicopata, assassino em massa... Hitler era tudo isso, mas também queria amor. Algo que só Eva e Blondi podiam lhe dar.

No dia 14 de julho de 1944, Hitler deixou o Berghof pela última vez. Parecia pressentir que jamais voltaria a Obersalzberg. Nesse último dia, vagou lentamente pelos quartos, detendo-se diante das pinturas e pertences favoritos, dispensando com um gesto qualquer um que tentasse se juntar a ele. Despediu-se de Eva — secretamente, os dois talvez temessem que fosse a última vez que veriam um ao outro — e voltou em seu avião particular à Toca do Lobo.

Eva — como sempre, quando Hitler não estava junto — ficou sem propósito, letárgica, abandonada e deprimida. Gretl, que fora sua sombra por tanto tempo, agora era uma mulher casada e deixara o Berghof para ficar com o marido. Em 1938, Ilse se casara com um advogado chamado Hofstätter, que conhecera em Berlim. O casamento não vingou e então se divorciaram, mas Ilse tornou a casar em 1944 e foi viver em Breslau. Eva sofria com a ansiedade e preocupação, sendo brevemente consolada pelos crípticos telefonemas de seu amante. Sobre o que conversavam? Não sobre a guerra, muito menos quando tudo ia tão mal para a Alemanha, e Hitler nunca fora bom em falar de amenidades. Trocavam clichês afetuosos e tranquilizadores, ele checando para ver se ela estava a salvo, ela perguntando sobre sua saúde — noite após noite, a mesma conversa pegajosa. Ela preocupada com ele; ele preocupado com ela, mas para dizer isso não leva muito tempo. Sem dúvida o que ela dizia é que o amava e sentia sua falta.

Eva necessitava muito de sua presença acima de tudo, mas, quando ele estava longe, precisava de uma companhia que lhe desse atenção e a admirasse; que elogiasse suas

roupas e seu cabelo, que a acompanhasse nas longas caminhadas diárias pela gloriosa paisagem de verão do Berghof; uma co-conspiradora contra as venenosas esposas; uma aliada para quem pudesse confiar as maquinacões de Bormann e sua desconfiança de Morell e suas eternas pílulas. Ainda tinha os adoráveis cãezinhos, Stasi e Negus, os *Highland terriers* pretos que por quase dez anos haviam seguido seus passos, acompanhando-a nas longas caminhadas e latindo para a costureira, *Fräulein Heise*, quando esta chegava de Berlim com roupas novas para Eva. Porém, embora a dona pudesse conversar com seus cachorros, e o fizesse com frequência, eles não tinham como responder. Tendo cada momento de sua vida observado, a vida sujeita aos caprichos e desmandos de um homem que negava sua existência para o mundo exterior, ao mesmo tempo que controlava cada movimento seu, Eva tinha consciência de como podia confiar em pouquíssimas pessoas. Herta e suas filhinhas estavam em seu pequeno apartamento nas proximidades, após passar grande parte do verão passeando pelas montanhas, nadando no lago e desfrutando de uma comida melhor que as rações espartanas disponíveis em Munique, mas a qualquer momento o marido de Herta, Erwin, poderia dar baixa e Herta correria para se juntar a ele. E de qualquer forma a maior parte de seu tempo era monopolizado pelas crianças. Assim, mais uma vez Eva via-se relegada a um segundo plano.

Nesse momento, ela lembrou da jovem prima a quem despertara para a própria feminilidade em julho de 1940, quando a menina de dezesseis anos Gertraud Winckler, filha única da irmã de Fanny, Paula, passara parte das férias de verão com ela e Gretl em sua casa da Wasserburgerstrasse. A guerra já se estendera por pouco menos de um ano, então, Munique ainda não sofrera uma chuva de bombas, teatros e cinemas estavam abertos (a menos que acontecesse de você ser judeu) e o estado de espírito geral era animado. Em julho de 1944, as coisas eram bem diferentes, mas com sorte Gertraud teria crescido e se transformado numa jovem alegre e esperta que poderia transmitir para Eva notícias da família e do mundo exterior, ao passo que ela em troca poderia cuidar da prima pouco sofisticada, ensinando-lhe um pouco mais sobre roupas e maquiagem e transformando-a numa jovem elegante. Seria a companhia ideal.

Gertraud Weisker, *née* Winckler, é hoje uma octogenária. (Eva, se houvesse sobrevivido, teria feito 94 anos em 2006.) Nascida em agosto de 1923, foi a única filha de Paula — uma das cinco meninas dos Kronburger — e Andreas Winckler; desse modo, era sobrinha de Fanny e prima de Eva. Josefa foi a avó que ela e Eva tiveram em comum, mas enquanto Eva conheceu e amou a *Oma*, Gertraud, com apenas quatro anos quando Josefa morreu, mal se lembra dela. Gertraud e seus três filhos, e os filhos destes, são os últimos descendentes vivos do clã Kronburger e ela é a testemunha mais bem informada da família muito unida em que ela e Eva cresceram. Contudo, na década de 40, prometera ao então noivo, antes do casamento, numa época em que a ligação com Eva Braun era uma desgraça, algo a ocultar, manter silêncio sobre a relação — e assim o fez, por cinquenta anos. Assim que o marido morreu, e após tantos anos ouvindo Eva ser caluniada e injustiçada, apresentada como uma mulher imoral e de má índole, a prima

ficou determinada a contar a história da família sem distorções.

Num relato[8] desse verão, composto em 1988, Gertraud recorda:

Foi nesse momento que Eva — seguindo uma sugestão de tia Fanny — convidou-me para ir visitá-la. Pouco depois do casamento de Gretl, em junho de 1944, ela me telefonou em casa e convidou-me a passar um tempo com ela — ainda que mal a tivesse encontrado desde pequena. Fazia quatro anos que não nos víamos, mas continuávamos em contato, então por que não? Eva criou coragem e ligou para nós. Queria falar com meu pai sobre duas coisas. Primeiro, ela queria lhe oferecer a casa na Wasserburgerstrasse, 12, por apenas 30 mil *Reichsmarks* — uma ninharia! Meu pai não quis nem conversa: “Eu não vou comprar nenhuma casa de Hitler!”, ele disse.[9]

Eva tentou convencê-lo, dizendo que a casa estava em seu nome, não no de Hitler. Sempre lamentei o fato, mas ele não cedeu. E então, apesar de sua recusa, ela lhe perguntou se eu poderia visitá-la, o que no início provocou uma simples resposta:

“Nem pensar!”.

Isso me custou muitas lágrimas e beicinhos, mas no fim deixaram que eu fosse.

“Só Munique, não para Obersalzberg!”, disse minha mãe.

A família Winckler tinha opiniões fortemente antinazistas e Gertraud fora levada a desenvolver algum interesse na política. Para ela, Hitler era um personagem iludido que seu pai abominava e contra quem resistia, em segredo, embora esse ato de desafio pusesse em risco sua própria vida.[10] Por que deveria ela aceitar a hospitalidade daquele homem, que instigara todo o mal que havia na Alemanha?

Como o restante da família, meu pai encarava o relacionamento de Eva com o ditador uma coisa monstruosa [*ein Unding*]. Hitler era motivo de reprovação por uma questão de princípio, sobretudo quando um membro da família fora catapultado para além de uma posição de rejeição e resistência e embarcara numa relação com ele — aliás, ilegal e irregular. E agora eu iria viver naquele lodaçal moral e político — uma jovem impressionável, aberta a influências de todo tipo![11]

Gertraud alega que, quando foi chegado o momento, não teve outra escolha senão desobedecer à promessa feita à mãe e viajar da estação de Munique até Obersalzberg com uma escolta.

Quando cheguei a Munique, contudo, ficou óbvio que tinha de continuar minha jornada, uma vez que não havia ninguém ali para me receber. Um anúncio no sistema de alto-falantes me informou que eu deveria me apresentar a alguém na saída

da estação, em Holzkirchen. Ali veio ao meu encontro um jovem soldado que me saudou — com uma continência — e me disse que devia me levar a Obersalzberg, onde minha prima me aguardava. O que eu deveria ter feito? Virar as costas, bancar a covarde, perder a oportunidade de ver Eva? Entrei no carro, mas por todo o caminho de Munique a Berchtesgaden fiquei dividida entre lhe pedir que parasse e reprimir meu peso na consciência. A repressão levou a melhor.^[12]

Seis décadas mais tarde, Gertraud confessou: “Ainda me sinto muito culpada por ter abandonado meu pai”.^[13]

A visita ao Berghof começou com o pé esquerdo. Passes semanais eram distribuídos a todo pessoal dentro e em torno de Obersalzberg, assinados por Bormann ou Rattenhuber. Passes especiais eram exigidos para a Führerstrasse — a rua onde ficava o imenso chalé de Hitler — e obtidos no posto de sentinela número 8. Deve ter sido uma chegada apavorante. Gertraud descreve a humilhação de ver sua bagagem inspecionada por “lascivos” membros da SS antes que uma mulher bondosa se encarregasse de conduzi-la escadaria acima até o Berghof. Descobriu-se que Eva saíra para nadar no Königssee. Gertraud aguardou e depois de algum tempo uma Eva bronzeada e sorridente apareceu para cumprimentar a prima e apresentá-la a Herta Schneider e suas duas filhas pequenas. (Então não estava sozinha no Berghof, afinal de contas.)

Gertraud não mudara grande coisa naqueles quatro anos de intervalo desde o último encontro. Com 21 anos, continuava tão ingênua que, apesar de frequentar uma escola para meninos, não tinha ideia dos fatos da vida. “Minha existência era completamente devotada aos estudos — não se passava coisa alguma entre os garotos e eu. Não estava interessada nessas coisas — sério, nem mesmo curiosa — e, mesmo que estivesse, para quem poderia ter perguntado? Eu teria ficado com vergonha.”^[14] Até essa época, às vezes negava que Eva fosse amante de Hitler, insistindo que o arranjo “estava mais para uma relação pai e filha”. Como nesse estágio o sexo desempenhava pouco ou nenhum papel no relacionamento dos dois, ela quase acertou. Ainda assim, as suítes anexas com banheiro ligado devem ter constituído uma evidência inequívoca, até mesmo para a colegial inocente, de que Eva era algo mais que uma companheira platônica. Gertraud e sua prima não discutiam sexo ou a proximidade incômoda da disposição dos dormitórios do casal. Nunca falavam sobre Hitler, disse Gertraud, muito menos sobre os detalhes do relacionamento. “Era uma época completamente diferente de hoje em dia. Havia muitos tabus, mesmo entre parentes próximos. Eu jamais teria perguntado: Você ama Hitler?. O respeito vinha antes até da intimidade. Sabia de seu relacionamento com ele, mas não acreditava que fosse sexual.”^[15] Duas jovens de boa criação não conversavam sobre suas vidas sexuais naquela época e Gertraud, afinal de contas, era muito nova.

Questionada sobre suas impressões ou lembranças de Hitler, não tinha coisa alguma a oferecer. Nunca o viu nem ouviu sua voz ao telefone. Ele em geral ligava entre oito e dez da noite para tranquilizar Eva de que estava a salvo e para ter notícias das pequenas

coisas simples que o faziam rememorar o idílio alpino que criara. Eva vivia em função desses telefonemas. Se ele demorava a ligar, ela mergulhava na ansiedade: “Ele ligava de dois em dois dias e o telefonema era a coisa mais importante em sua vida. Eu sabia que por dentro ela estava completamente vazia. Seu único pensamento era: ‘Quando o telefone vai tocar?’”. Eu podia dizer alguma coisa nesses dias”, acredita Gertraud, “mas sabia que não me escutava. Só ficava lá esperando, ansiosa pelo telefonema, como se fosse a coisa mais importante de sua vida”.^[16] Era como se até mesmo Eva, cujos dias eram previsíveis e dificilmente variavam, não tivesse o que dizer a ele. “Eva às vezes perguntava *a mim* o que deveria dizer para ele.” Mas, prossegue Gertraud: “Nunca escutei essas conversas — isso era um completo tabu. As convenções sociais eram muito diferentes, nessa época. Se alguém recebia um telefonema, você saía da sala e fechava a porta. Não escutava nem de longe”.^[17]

Alfons Schulz, por outro lado, o operador da mesa telefônica nos últimos dias de Hitler, às vezes escutava:

Toda noite, lá pelas dez, tinha de ligar para um número a fim de que pudesse falar com Eva. Era expressamente proibido para qualquer um ouvir essas conversas com o *Führer* e na maioria das vezes elas eram transmitidas com sinal codificado. No telefone, ele [Hitler] nunca dava a impressão de ser o amante, estava mais para um bom amigo, ao passo que da parte dela dava para perceber que lhe retribuía com um amor do fundo do coração. Em geral agradecia a ele por presentes (que, assim suspeito, eram comprados por Bormann) e Hitler dizia: “Tudo bem, então, o principal é que está feliz. Fico feliz que tenha gostado. Assim, continue bem-disposta e calma. Até amanhã, então...”.^[18]

E isso seria o fim do contato naquele dia. Podia ter durado dez minutos.

As duas primas logo iniciaram uma rotina agradável e descompromissada, ajudadas pelo carteiro de Obersalzberg, *Herr Postbote* Zechmeister.

A gente se levantava de manhã depois que o sol saía, lá pelas sete ou oito. Após um desjejum com pãezinhos, geleia e café, aguardávamos o furgão com a correspondência, que aparecia quatro vezes por dia. Íamos nele, para que os homens da SS não nos seguissem. Se não, mesmo que só estivéssemos colhendo morangos sempre havia dois SS atrás de nós. Eu perguntava a Eva: “Estão nos protegendo ou controlando?”, mas ela dizia: “Não se preocupe... apenas faça como eu e não dê importância”.

(Alguém, talvez Paula, mãe de Gertraud, deve ter falado com Alois Winbauer, pois em suas memórias da família ele escreveu: “Quando Hitler estava ausente do Berghof, como acontecia cada vez mais durante a guerra, Bormann e os SS assumiam o controle, e

tinhamos o cuidado de avisar Eva de seu poder”.[\[19\]](#))

Gertraud continua a lembrar sua visita:

A gente esperava com o traje de banho e as comidas nos fundos da casa, onde descarregavam o furgão do correio, então entrava na traseira e se sentava no soalho com os pés esticados e ele nos levava através de Berchtesgaden até o Königssee. Ninguém nunca reconhecia Eva. Desembarcávamos na beira do lago, tomávamos um pequeno bote e remávamos até um lugar lindo e solitário perto duma queda-d'água que descia pela montanha. Da manhã ao fim da tarde ficávamos sozinhas naquele paraíso. Nenhum ser humano por perto; só nós, duas jovens, com nossos livros e nosso piquenique, o sol e a água. A gente subia nadando ou escalando a cachoeira e deixava que a água nos arrastasse para baixo.[\[20\]](#) Se queríamos atravessar o lago a nado, uma de nós acompanhava a outra no bote a remo, para ter certeza de que tinha forças para seguir em frente.[\[21\]](#)

Isso realmente soa como de uma ingenuidade digna de culpa. Por toda a Alemanha as pessoas sofriam e morriam, famintas e desabrigadas, vivendo em cidades arruinadas e obtendo água em bicas nas vias públicas, enquanto Eva e sua prima chapinhavam e riam como se tudo fosse um mar de rosas. Admirando as frias águas azuis do lago, faziam deliciosos piqueniques e conversavam sobre o lar, sobre os pais e as amigas, mas nunca sobre Hitler.[\[22\]](#)

No fim de agosto de 2004, visitei o Königssee[\[23\]](#) (lago do rei), perto de Berchtesgaden, uma extensão de água longa e estreita com duzentos metros de profundidade. Ele fica no fundo de um vale dividido de forma tão abrupta quanto um fiorde entre duas cadeias montanhosas e é o lago mais profundo e puro da Alemanha. A oeste ficam os picos do Watzmann (2.713 metros) e do Kleine Watzmann (2.307 metros), visíveis do Berghof, enquanto a leste se estende outra cadeia desde o Grosses Teufelshorn (Grande Chifre do Diabo) ao Jenner e ao Hoher Göll. Tomei um dos barcos turísticos que atravessam regularmente seus oito quilômetros. Era um dia de sol e nuvens, a luz e a sombra mudando constantemente a cor da água, tornando-a iridescente ou sombria, de repente, e percorrendo as encostas e escarpas verdejantes das montanhas. Era fácil perceber como aquele panorama, com seus cumes enrugados e denteados e o lago gelado inescrutável, havia inspirado mitos e lendas; bruxas, demônios, santos, reis, rainhas e suas cinco filhas povoando numa mistura a crédula mente camponesa. Contudo, ao mesmo tempo, havia inúmeros sinais da fé cristã, da capela do século XII devotada a São Bartolomeu, na margem oeste do lago, aos templos e crucifixos com inscrições devotas e monumentos entalhados em pedra presos às rochas no nível da água, celebrando monges e peregrinos mortos por afogamento nalguma tempestade de um passado remoto. É estranho pensar que esse lugar assombrado e carregado de

superstição possa ter engendrado tanto a ditadura impiedosa de Hitler como a *Gemütlichkeit* doméstica de Eva.

No extremo meridional do Königssee fica o Obersee, um lago menor e o balneário predileto de Eva. Uma caminhada de quinze minutos sobre a fria vegetação rasteira dos seixos permeados de regatos e as raízes de árvores antigas leva até ele e, para os que forem capazes de localizá-la, à periclitante queda-d'água em meio aos declives rochosos, lugar isolado o bastante para que Eva se banhasse nua. Longe dali, sem dúvida, homens da SS mantinham os binóculos focados nela.

Gertraud continuou com seu relato da visita ao Berghof e da rotina que seguiam:

Quando o dia estava ruim, jogávamos baralho, sobretudo um jogo chamado Bimbo, em que as cartas recebem letras e valores (como em palavras cruzadas). Às vezes, jogávamos isso até tarde da noite. Também jogávamos um carteadado bávaro chamado Tarock; Mensch Ärgere Dich Nicht (uma relíquia da infância de Eva); Mühle (trilha ou moinho) e outro jogo de tabuleiro chamado Halma. Assistíamos a filmes todos os dias, tanto filmes alemães contemporâneos como antigos filmes mudos, porque Eva gostava deles. Nunca discutíamos... não, espere, uma vez sim. Eu tinha uns sapatos de salto alto maravilhosos, mas quando os calcei pela primeira vez, Eva disse: “Oh, você está tão *altal*!” [24] Não tem outro?”.

Tudo que eu tinha era um par de sapatos com sola de cortiça, então uma empregada trouxe um cesto de onde Eva puxou uns sapatos brancos quase sem salto.

“Este é o sapato certo para você!”, disse. Ela não gostava de ser mais baixa que eu.

Disputavam jogos, experimentavam as roupas de Eva como garotinhas vestindo trajes de cartolina em bonecas recortadas, punham discos para tocar. Marlene Dietrich, tão admirada por Hitler, agora cantava canções antinazistas para os americanos, escarnecendo o *Führer* e seu séquito dissoluto. [25] Os dias passavam iguais, sempre sob o olhar dos oficiais da SS:

Para mim, aquele mundo era opressivo. E eu me sentia oprimida por meu desafio — arrancá-la daquela letargia. Foi por isso que fiquei. Queria descobrir o que a mantinha ligada àquele homem, queria lhe dar meu apoio. Mas estava muito deprimida e eu não era uma terapeuta — percebi que estava irremediavelmente perdida. Era a mulher mais infeliz que eu jamais conhecera.

Com o encorajamento de Eva, Gertraud continuou a estudar, preparando-se para uma graduação em física na Universidade de Jena. [26]

Eva lia revistas de moda, mas insistia em que eu prestasse meus exames. Acho que certas pessoas nunca amadurecem mentalmente e Eva era uma delas. Meu tio Alois disse: “Eva é uma garota encantadora vivendo num mundo de fantasia”, mas ele nunca a conheceu como adulta; apenas na infância, com sete ou oito anos. Acho que era muito mal compreendida. Claro que morria de tédio — eu também —, e é por isso que trocava de roupa várias vezes ao dia e mudava o corte de cabelo infinitas vezes. Aprendi um bocado sobre moda naquelas tardes. Ocasionalmente, recebíamos a visita dos amigos de Eva, Mandi e Mitzi, ou Georg e sua irmã Kathi. Eles passavam horas jogando. Eva me mostrava as joias que pretendia me dar: significando que já decidira tirar a própria vida se a guerra fosse decididamente perdida. Perto do fim da vida enfim olhou a realidade de frente; estava calma e tenho certeza de que escolheu o modo como sua vida terminaria.^[27]

Certa noite, quando estavam em Munique, a cidade sofreu um prolongado reide aéreo. Elas se refugiaram no abrigo subterrâneo debaixo da casa na Wasserburgerstrasse. Eva abriu um dos dois cofres e mostrou à prima algumas joias que gostaria de lhe deixar — um lindo colar de pérolas e diamante. Disse: “Traudl [o apelido da família para Gertraud], este colar e este bracelete são para você. Não preciso mais deles. Cuide bem, não deixe que os roubem”.

Não se sabe ao certo exatamente quanto tempo Gertraud passou com Eva Braun no Berghof. Segundo seu próprio relato, chegou no fim de julho e foi embora no início de janeiro de 1945. Ela conta sobre o Natal de 1944: “Não consigo lembrar se dei algum presente — não tinha oportunidade de comprar e nunca ia a Berchtesgaden —, então devo ter dado alguma coisa minha”. Porém, Gertraud poderia ter feito compras quando ela e Eva foram a Munique, em 16 de dezembro de 1944. Um relato conflitante indica que Eva passou esse Natal em sua própria casa ou junto com a família, após o que deixou Munique para estar com Hitler em Berlim para o Ano Novo. A versão de Gertraud concluía: “Fiquei [onde: no Berghof? Em Munique?] até mais ou menos o dia 2 ou 3 de janeiro e então recebi um chamado de minha mãe para que voltasse para casa, pois meu pai se encontrava em estado crítico. Escrevi a Eva uma carta de agradecimento, mas não recebi resposta. Nunca mais a vi nem recebi notícias suas outra vez”.^[28]

Gertraud é a *única* testemunha próxima desses seis meses na vida de Eva, entre a malograda Conspiração Stauffenberg e o Ano Novo de 1945, assim como a única parente viva de Eva.^[29] Seria seu depoimento do tempo que passaram juntas no Berghof algo acurado ou não passa de uma mixórdia de fragmentos de uma visita genuína, porém muito mais breve, composta *a posteriori*, com idealizações fantasiosas e relatos de testemunhas oculares como Traudl Junge e Albert Speer? A prima de Eva é uma mulher lúcida, honrada, não do tipo que mente deliberadamente, mas recordações de gente mais velha sobre o próprio passado muitas vezes são embelezadas; tornam-se uma história do que *queriam* que tivesse acontecido em vez do que realmente aconteceu. A romancista alemã Sibylle Knauss, cujo livro *Evas Cousine* é ambientado no Berghof

durante esses últimos meses,[30] conversou bastante com Gertraud e chegou a conhecê-la bem. Ela aceita sua versão dos eventos, com a seguinte ressalva: “Acho que Gertraud Weisker escapou dele [seu passado] falando a respeito. Foi uma espécie de libertação, mas, em minha opinião, ela agora está adorando ser alguém que desperta interesse e tento imaginar o que eu faria se estivesse em sua situação. Eu teria dito, após algumas entrevistas, que agora chega, mas ela parece jamais se cansar”.[31]

A alegação de *Frau Weisker* de ter vivido no Berghof por seis meses é fortemente questionada por Florian Beierl, um historiador amador local dedicado e bem informado que escreveu um detalhado estudo dos anos de Hitler em Obersalzberg. Ele e eu conversamos durante um jantar num dos inúmeros *Bierstuben* de Berchtesgaden, numa agradável noite de agosto, enquanto os turistas passeavam pelo calçamento de pedra na praça lá fora. Ele tinha certeza de que Gertraud exagerara — ou apenas esquecera — os detalhes de sua estada com a prima. *Frau Mittlstrasse* (que assumiu o cargo de governanta do Berghof após a saída de Döring e permaneceu ali até o fim da guerra) assegurou-lhe enfaticamente que não se lembrava em absoluto da visita, acrescentando ser impossível que Gertraud houvesse se hospedado lá por um período tão longo como seis meses e ela viesse a se esquecer de tal coisa. Na verdade, disse *Frau Mittlstrasse*, definitivamente não conseguia se lembrar da pessoa. Acrescentou que em 1944 todo mundo no Berghof, incluindo Eva, precisava de selos alimentícios e embora o pessoal da cozinha tivesse um acordo com os fazendeiros locais para obter rações suplementares, *Frau Mittlstrasse* alegou que a presença de mais uma boca não poderia ter sido sustentada por tanto tempo. Ainda assim todo mundo no Berghof comia bem — decerto por comparação com o restante da Alemanha —, tendo a dieta aumentada por frutas e vegetais frescos da horta local, ovos de galinha e leite de vaca provenientes da fazenda-modelo e peixes do lago. E será que Gertraud não poderia ter trazido seus próprios selos alimentícios consigo de Jena? Não poderia ser a memória de *Frau Mittlstrasse* que começava a falhar, após cinquenta anos?

Herr Beierl sugeriu que, embora Gertraud tenha dito que ela e Eva iam lá quase que diariamente, *Frau Weisker* era incapaz de achar o caminho para a Teehaus. (Mesmo que isso fosse verdade, uma certa indecisão teria sido perdoável: a construção foi praticamente arruinada e a colina onde outrora se localizava hoje está coberta de árvores altas, a trilha há muito sumida, de modo que mesmo um antigo frequentador poderia achar difícil encontrá-la.) Por outro lado, Marion Milne, diretora do premiado documentário *Adolf and Eva*, que passou muitas horas com Gertraud, disse:

Certamente, quando a levamos para rever a Casa de Chá, mostrou-se genuinamente comovida de estar ali. É um lugar difícil de achar, como você sabe, e virtualmente em ruínas. Suas reações, uma combinação de clareza quanto ao local onde ficava a Casa de Chá (ela nos conduziu com as câmeras filmando por todo o caminho), uma sensação de repisar um caminho previamente percorrido, mas também uma sensação de ligeira decepção quando lá chegamos, tudo soou bastante verdadeiro para mim.

Ela estava mais comovida com a memória e o significado de suas lembranças do que com a efetiva visão daquela ruína decrepita sob a fria luz do dia e, ao que parece, não estava inventando ou falsificando seus sentimentos e emoções.^[32]

Marion acrescentou: “Sempre me pareceu uma pessoa confiável, ainda que um tanto obscura em suas recordações, um pouco ambígua quanto aos fatos e detalhes; por vezes forçando um pouco a verdade para lançar sobre Eva uma luz mais favorável, talvez”. Ela observa que existem fotos de arquivo^[33] das primas em traje de banho às margens do Königssee, como prova de que definitivamente esteve lá em algum momento naquele verão, embora não necessariamente pelo período de tempo que alega. A legenda de uma foto tirada pelo pai, quando Gertraud estava com 21 anos, sentada num café ao ar livre em Jena, diz “*Gertraud, Sommer 1944*”. Como nenhuma delas era datada com precisão, a dúvida permanece.

Entre 2001 e 2005, sessenta anos após ela ter deixado a companhia de Eva no Berghof, visitei *Frau Weisker* por diversas vezes e interroguei-a em detalhes. Em nosso primeiro encontro, achei sua energia e seu vigor absolutamente notáveis. Com oitenta e poucos anos, era — e é — inteligente e articulada e, quem sabe por ter tido sua história represada por tanto tempo, recordava tudo com riqueza de detalhes. Mas como se dedicou a resgatar a reputação da prima tão difamada, isso talvez a leve às vezes a distorcer a verdade. A aversão que nutre pelo homem que destruiu a vida de Eva — e a de milhões de pessoas — só é comparável à devoção dirigida à prima. Não está exagerando de forma consciente ao alegar ter passado seis meses no Berghof, mas decerto ficou ali em algum momento e, seja qual for a duração de sua estada, foi prolongada o bastante para reter e transmitir uma impressão forte e convincente da existência privilegiada, ainda que triste, de Eva. Suas recordações da prima são vívidas e dolorosas, de uma jovem saudável e vigorosa com trinta e poucos anos, sem marido, filhos, amante, sexo ou um lar de família seu; engaiolada num cenário esplêndido e lançada no ostracismo pelo conciliábulo de Obersalzberg. Gertraud censura essas privações muito mais do que o luxo sem sentido que a cercava.

Para mim, o depoimento de *Frau Weisker* soou amplamente verdadeiro. Talvez tenha dado demasiada ênfase a sua proximidade de Eva — tendo em mente que era doze anos mais nova, uma grande diferença quando uma mulher tem 32 e a outra é uma simplória garota de 21 —, mas, como sua última parente viva, isso é perdoável. Acreditei de modo geral no que me contou e ela tinha inúmeras evidências a respaldá-la. Desenterrou umas bugigangas que Eva lhe presenteara, um vidro barato de um rugeto rosa-alaranjado (Coryse Salomé) que Hitler — ou um de seus subordinados — aparentemente trouxera para ela de Paris (estranho, já que detestava mulheres que se maquiavam), mas a cor era impossível e obviamente nunca o usou, um jogo de penteadeira — não de prata verdadeira, mas folheado, hoje escurecido e gasto em alguns lugares — e seu próprio álbum de fotografias. Numa das fotos tiradas no casamento de Gretl, a mãe de Gertraud, Paula, ficou tão enfurecida ao ver Hitler no meio do grupo

familiar que apanhou uma tesoura e o cortou fora. O recorte denteado em torno de sua figura desaparecida é uma prova de sua fúria. Gertraud acrescenta que costumava ter muito mais fotos de Eva, mas levou-as a leilão em Munique em algum momento da década de 80; não se recorda exatamente onde ou quando. Deí uma procurada nos registros das casas de leilão de Munique, incluindo a mais provável, a Hermann-Historica, mas nem eles nem eu fomos capazes de localizar qualquer sinal dessa venda.

Uma descrição de Eva datando de 1944 não menciona Gertraud. Vem do *Operation Foxley*, [34] um dossiê compilado pela SOE [35] como preparativo para uma tentativa de assassinato contra Hitler, em 1945, provavelmente redigida por um oficial da inteligência, o major H. B. Court, em algum momento entre maio e o início de agosto de 1944. Eis aqui como o *briefing* descreve Eva, baseado em observações passadas à SOE (não se sabe hoje precisamente quando) por um corajoso trabalhador estrangeiro em Obersalzberg:

Eva Braun: cerca de 24 anos de idade, [36] morena, atraente e pouco convencional no trajar, às vezes usando calças curtas de couro bávaras. Passeia com dois cães pretos, em geral na companhia de *Fräulein* Silberhorn, operadora de telefone da Gasthaus, em seus dias de folga. Inúmeros seguranças por perto quando sai. Inaccessível, não usa maquiagem (Hitler, ao que parece, não tolera o uso de cosméticos). Até 1940, se não mais tarde, viveu no Berghof. As relações com Hitler hoje parecem ser de natureza platônica.

A ausência de menção a Gertraud no relatório não pode ser considerada conclusiva, já que a informação talvez tenha sido coligida antes de sua estada, mas se o relatório cobrisse o período em que foi a companhia regular de Eva, sua presença nesses passeios certamente teria sido notada.

Quando nossa conversa se aproximava do final, perguntei a Gertraud o que pensava que Eva queria — celebridade, casamento, filhos, uma vida no cinema...? “*Sie wollte geliebt werden, sonst nichts*”: “Queria ser amada, nada mais”.

A CONSPIRAÇÃO STAUFFENBERG E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O PRINCIPAL TRABALHO DA Special Operations Executive britânica, de onde saiu a descrição de Eva, era encorajar e facilitar os movimentos da Resistência em território inimigo ocupado. Não houvera nenhum plano significativo para matar Hitler antes de meados do verão de 1944. Churchill estava convencido de que o *Führer* e a Alemanha nazista precisavam ser derrotados no campo de batalha, não pela bala de um assassino de tocaia. No dia 21 de junho de 1944, Ismay (chefe do estado-maior de Churchill) escreveu ao primeiro-ministro: “Do ponto de vista estritamente militar, é quase uma vantagem que Hitler permaneça no controle da estratégia da Alemanha, tendo em vista as besteiras que tem feito; mas olhando de um ponto de vista mais amplo, quanto antes sair do caminho, melhor”. Na semana seguinte, em 28 de junho, a alta hierarquia da SOE reuniu-se para discutir o assunto. Ficou acertado que, a despeito da rejeição em instâncias mais elevadas, uma tentativa deveria ser feita. A Operação Foxley começou a ser planejada detalhadamente, baseando-se em que Hitler estaria em Obersalzberg ou em seu trem especial. Na verdade, Hitler deixou o Berghof duas semanas mais tarde, a 14 de julho, para nunca mais voltar. A Foxley nunca teve sua chance. Em todo caso, foi antecipada por outra tentativa de assassinato, uma que chegou mais próxima do êxito que qualquer outra das quarenta ou mais que a precederam.

Nem todo alemão estava indiferente aos crescentes rumores de atrocidades bestiais cometidas no campo de batalha, nos campos e contra os civis. O Círculo Kreisau, cujos membros, em grande parte, eram oriundos da velha nobreza — homens notáveis como Von Moltke, Von Stauffenberg e Adam von Trott —, foi fundado em 1933. Tornou-se um “movimento de resistência coerente, duradouro, amplo e bem organizado”^[1] que incluiu alguns dos nomes mais poderosos e influentes da Alemanha. Seus membros, que iam de aristocratas a economistas de renome, gente do clero, teólogos e militares, reuniam-se regularmente para conspirar contra Hitler, provavelmente arquitetar seu assassinato. Eram forçados a operar sob enorme sigilo e a censurar ou codificar as cartas e telefonemas, tendo sempre em mente que se fossem descobertos a retaliação seria terrível. Muitos do círculo conheciam uns aos outros em sua vida normal, o que tornava mais fácil para eles realizar as reuniões disfarçadas de festas de fim de semana na propriedade de Von Moltke, na Silésia, a fim de discutir e planejar estratégias. Seu objetivo — pôr um fim aos nazistas, aos campos e à guerra — ficou mais nítido no outono de 1941. O círculo passou horas debatendo os aspectos éticos do assassinato de Hitler. “Por que nos opomos ao Terceiro Reich?”, perguntava Von Moltke. “Não é precisamente por ser um sistema sem lei? Não podemos começar a criar algo novo [...]”

cometendo nós mesmo um ato ilegal. E matar é sempre contra a lei.”[2] Isso não passava de sofisma, por mais admirável que fosse. Claus Von Stauffenberg se ferira gravemente ao servir na 6ª Divisão Panzer, durante a Operação Barbarossa, perdendo um olho e a mão direita.[3] Ele ficou perplexo com as barbaridades cometidas pelos SS. “Este homem”, disse, “é o mal encarnado.” Sabendo muito bem que, fosse qual fosse o resultado, uma tentativa de tirar a vida de Hitler constituiria uma missão suicida, insistiu: “Não é mais o *Führer* ou o país, minha esposa e quatro filhos que estão em jogo; é todo o povo alemão”.[4] As reuniões, discussões e planos continuaram.

O Círculo Kreisau finalmente resolveu assassinar o *Führer* no Berghof, a 2 de julho de 1944, mas a operação cuidadosamente planejada foi abortada porque nem Göring nem Himmler, a quem também pretendiam liquidar, estavam lá. A missão foi postergada por três semanas, até o dia em que Hitler e inúmeros oficiais de alta patente estariam reunidos na Wolfsschanze. Sem saber do perigo iminente, Hitler e seu séquito viajaram de volta a Raustenberg.

Hitler passou mais de oitocentos dias na Toca do Lobo durante a guerra. Ele se sentia em segurança em sua fortaleza de concreto na floresta, vigiada por um batalhão da SS. Eva teria se juntado a ele de bom grado, caso o permitisse, mas a Wolfsschanze era uma base puramente militar e Hitler não tinha tempo para descanso, muito menos prazer. O *bunker* tinha salas minúsculas e abafadas, o verão de 1944 foi muito quente e o *Führer* e seu grupo passavam grande parte do tempo fechados no subterrâneo. Suas quatro secretárias trabalhavam a mil por hora. Traudl Junge foi destinada a um cubículo no *bunker* das secretárias: “Recebi um passe e morava a cerca de cem metros do *Führer*. Não fiquei muito feliz com minhas novas acomodações: gosto de luz e ar, não de viver como um rato debaixo da terra, dormindo num quatinho desconfortável e sem janelas”.[5] A atmosfera era viciada e fétida com a respiração de quase cinquenta pessoas comendo uma comida insípida e sem receber suficiente ar fresco. Mesmo na superfície havia pouco ar fresco para respirar — a temperatura estava acima dos trinta graus, com umidade elevada. O *Führer* e seus comandados subiam à superfície para caminhadas ocasionais sob a densa floresta de pinheiros, mas os mosquitos eram um tormento e Hitler tinha de usar uma proteção especial, como um chapéu de apicultor, a fim de mantê-los a distância. “Até hoje consigo sentir a opressão claustrofóbica daqueles dias”, escreveu Traudl Junge, “impedindo-nos de dormir e deixando o ar trêmulo com o calor.” Hitler dificilmente fazia algum exercício, mas se debruçava sobre mapas na enorme mesa de carvalho sólido da sala de reuniões, que era grande o bastante para acolher uma dúzia de homens em torno.

O dia 20 de julho de 1944 foi sufocante, do tipo que leva as pessoas a ficar de mau humor e com dor de cabeça. Pela primeira vez, a intuição de Hitler, que o alertava para algum perigo iminente contra si, não deu o alarme dos acontecimentos que iriam abalar a invulnerabilidade da Toca do Lobo. O coronel Graf Von Stauffenberg conseguira levar uma bomba de duas libras, armada, para dentro da sala onde Hitler e diversos oficiais de alta patente de sua Wehrmacht reuniam-se diariamente. O Círculo Kreisau o escolhera

como o assassino por ser o único dentre seus membros capaz de ganhar acesso a Hitler sem ser questionado, embora seus ferimentos de guerra implicassem que era incapaz de usar uma pistola, daí a necessidade de uma bomba: uma arma mais desajeitada e óbvia. Escondida numa maleta, ele a carregou para a sala de reuniões e a pôs sob a mesa, perto de onde Hitler iria ficar. Depois, Von Stauffenberg, com a desculpa de que tinha de dar um telefonema urgente, deixou a sala. Às 12h42 a bomba explodiu, com resultados devastadores.

Traudl Junge recorda-se:

Frau Christian e eu saímos para um nado refrescante à tarde e quando voltamos comecei a escrever uma carta. De repente, ouviu-se um violento estrépito de tiros — o que não era de todo anormal —, mas então uma voz tomada pelo pânico chamou por um médico. Não foram os tiros que fizeram meu coração parar — estávamos acostumados a tiros sendo disparados; as pessoas viviam testando suas armas e havia os treinamentos da bateria antiaérea, também, coisas que já esperávamos. Mas o que acabara de acontecer me fez mergulhar em preocupação e terror.

A conspiração falhou, mas por pouco. No último minuto, o local fora alterado, de modo que a reunião não estava sendo conduzida no subterrâneo, como se pretendia originalmente (e nesse caso a sala teria contido a explosão, tornando-a ainda mais mortal), mas numa cabana na superfície, com três amplas janelas. O explosivo detonou com sucesso, mas minutos antes um coronel prestativo tirara a pasta de perto do *Führer* e a pusera atrás de um dos pesados suportes da mesa, reduzindo muito o impacto da explosão sobre seu líder. Mesmo assim, quatro pessoas morreram imediatamente e vinte ficaram feridas, mas Hitler sobreviveu. Suas calças ficaram em frangalhos, porém, fora a concussão, algumas queimaduras e mais de cem lascas de carvalho profundamente cravadas em sua perna direita, os ferimentos pareceram, de início, de pequena gravidade. Seu braço direito ficou temporariamente paralisado, teve os tímpanos perfurados e por algum tempo sofreu com a perda da audição. Os efeitos de longo prazo só se tornaram evidentes mais tarde. Pelo resto da vida, ficou com um persistente e visível tremor na mão esquerda. Pode-se notá-lo nas fotografias, em que ele a segura com a mão direita ou a mantém nas costas. Ouviram-no dizer mais tarde, “Sou invulnerável, sou imortal”.^[6] Caso tivesse morrido em 20 de julho de 1944, o total de baixas da Segunda Guerra Mundial teria sido a metade.^[7]

Claus Von Stauffenberg observou a explosão de uma distância segura e ficou convencido de que Hitler devia ter sido morto. Em meia hora tomava o caminho de volta para Berlim, a fim de dar continuidade ao golpe para o estabelecimento de um novo governo — a Operação Valquíria. Ele e três outros conspiradores foram presos nessa mesma noite e fuzilados após a meia-noite, quase exatamente doze horas depois que a bomba fora disparada.^[8] Tiveram sorte. Para eles, a morte foi rápida e indolor. Posteriormente, num julgamento ridículo do “tribunal do povo”, mais duzentas pessoas

foram condenadas à morte como represália pelo malogrado golpe. Levaram-nas à prisão de Plötzensee para ser enforcadas e filmaram sua lenta agonia de morte. Segundo se contava, Hitler gostava de assistir à filmagem na companhia de seus camaradas e em meio às gargalhadas dos oficiais da SS. Albert Speer — que declinou do convite — relatou ter visto fotografias dos homens estrangulados na escrivaninha de Hitler. Se isso for verdade, era algo que se afastava da prática usual: o *Führer* era suscetível e não gostava de ser confrontado com os resultados de suas ordens sanguinárias.

Após julho de 1944, como todo judeu europeu e inúmeros alemães comuns, Eva Braun passou o restante de sua vida esperando e preparando-se para a morte. Ao longo dos nove meses que precederam o fim da guerra, 13.500 civis foram mortos em bombardeios a cada mês, com outras tantas centenas de milhares morrendo de fome, frio e doenças. Nos campos de extermínio da Polônia ocupada — Auschwitz, Treblinka, Belzec, Majdanek, Sobibor e Chelmo —, os Eventos Negros precipitavam-se a grande velocidade à medida que os SS se apressavam para completar sua tarefa diabólica.

No Berghof, a tentativa de assassinato de Von Stauffenberg era assunto em toda roda de conversa. Numa carta a Eva escrita imediatamente após o episódio, Hitler tentou tranquilizá-la:

Minha querida *Tschapperl*,

Não se preocupe, estou bem, só um pouquinho cansado, talvez. Espero estar em casa em breve e então ser capaz de relaxar em seus braços. Tenho grande necessidade de descanso, mas meu dever para com o povo alemão deve vir em primeiro lugar [...]. Envio-lhe o uniforme que usava nesse dia fatídico. É uma prova de que a providência me protegeu e nada temos a temer de nossos inimigos. Minha mão continua a tremer da tentativa contra minha vida [concluindo], estou cheio de esperança em nossa vitória iminente.^[9]

A calça, feita em farrapos e coberta de sangue, era uma prova contundente de quão perto chegara da morte. Isso a perturbou terrivelmente e ela respondeu com uma carta descontrolada:

Meu amor, estou fora de mim. Desesperada, miserável, infeliz. Estou meio morta, agora que sei que está em perigo. Volte tão logo seja possível. Sinto-me um pouco enlouquecida. Aqui o tempo está bom e tudo parece tão calmo que chego a ter vergonha. [...] Sabe, sempre o disse, não continuarei a viver se algo lhe acontecer. Desde nossos primeiros encontros, jurei a mim mesma segui-lo aonde quer que fosse — até a morte. Vivo apenas para seu amor.

Sua Eva

Hitler ficou profundamente tocado com essa evidência de sua devoção.^[10] Respondeu ternamente numa carta que terminava, “*Com todo meu coração, seu ah*”.

Com todo o seu coração.

Dois coisas são particularmente interessantes acerca dessa carta, à parte a evidente angústia que revela. A primeira é que tem exatamente o mesmo tom de seu diário, escrito quase dez anos antes, o que é enfatizado pela similaridade entre a referência ao clima agradável e o comentário desesperado feito em 1935: “O tempo está tão maravilhoso e eu, a amante do homem mais importante da Alemanha e do mundo, estou sentada aqui, olhando o sol através da janela”. Eva jamais confundiu conforto, status ou mesmo a luz do sol com felicidade pessoal. Em segundo lugar, é a recém-descoberta certeza de que Hitler a amava. Sua carta, por mais breve que seja, revela uma profundidade de afeição e necessidade mútua que ele enfim era forçado a admitir.

Um ou dois dias mais tarde — no fim de julho de 1944 —, Eva mandou Gertraud ficar em Schloss Fischhorn, perto de Fuschl, um castelo onde dúzias de homens da SS estavam aquartelados: um refúgio duvidoso para uma garota, é de se pensar. Quando chegou lá, reuniu-se com sua prima Gretl e a tia Fanny. “Fegelein também se achava presente — estava de saída, tendo sido ferido após a tentativa de assassinato. Todo mundo corria apressado, trocando fotos dos conspiradores executados, rindo. Elas eram passadas de mão em mão, mas quando chegaram perto de mim, *Tante* Fanny disse: ‘Isto não é para você!’.”^[11] (As fotos poderiam mesmo ter chegado a um remoto castelo na Baviera poucos dias após a execução dos conspiradores?) Não se sabe ao certo o que aconteceu em seguida com Gertraud. Segundo *ela*, regressou ao Berghof para os próximos cinco meses, contudo, nenhum empregado recorda de sua presença ali e, como já foi dito, *Frau* Mittlstrasse alega que não pode ter ficado por mais do que uma ou duas semanas. Em sua própria versão, ela diz:

Entrementes, eu voltava para ficar com Eva. Ela parecia muito calma; não se fez menção alguma à tentativa de assassinato e lágrimas — como tantas houvera naqueles dias — estavam proibidas. À parte algumas ocasionais saídas em segredo para Munique, seguíamos uma rotina bem parecida todos os dias: ver filmes, beber vinho frisante e comer frutas e biscoitos.^[12]

Esse relato da suposta serenidade de Eva após 20 de julho contradiz inteiramente o depoimento de outras pessoas sobre sua reação ao atentado. Como sua carta angustiada revela, estava mais preocupada com Hitler do que nunca.

No início de setembro, com os russos rapidamente se aproximando do quartel-general em Raustenberg, Hitler partiu com seu grupo para o Werwolf, perto de Vinnitsa, e em novembro regressou a Berlim.

A essa altura, Eva Braun percebia que sua morte era não só inevitável como também iminente. Ela começou os preparativos. Esboçou um testamento em 26 de outubro de 1944, embora suas posses fossem longe de pródigas. Um inventário do conteúdo de sua

casa na Wasserburgerstrasse feito pelos americanos que a invadiram em novembro de 1945 relaciona dez libras esterlinas, mil dólares e mais 100 mil *Reichsmarks*. O paletó rasgado e as calças ensanguentadas de Hitler pendiam em seu guarda-roupa. Além disso, havia umas poucas peças de bijuteria, modestas demais para listar, um relógio de ouro incrustado de diamantes e um broche de diamante — nada sequer perto do que a maioria das amantes acumula. Tudo, incluindo vários álbuns de fotos, foi apropriado como “espólio de guerra”.

Em novembro, uma operação marcada para remover um pólipó das cordas vocais de Hitler e um abscesso em seu maxilar superior significava que não poderiam nem conversar ao telefone. Alarmada com a perspectiva da cirurgia e a consequente interrupção de suas conversas diárias, Eva viajou para Berlim em 20 de novembro e almoçaram juntos antes da operação, no dia seguinte. Ela continuou na cidade por mais alguns dias, depois disso. (A viagem lança ainda mais dúvidas sobre a alegação de Gertraud. Eva jamais teria deixado a prima sozinha no Berghof. Talvez Herta estivesse lá, ou Gretl — que, aos cinco meses de gestação, necessitaria de comida fresca e nutritiva para si e o bebê.) Hitler passou pela intervenção cirúrgica sem problemas, mas, por vários dias após a remoção do pólipó inofensivo, ficou proibido de falar e só conseguia sussurrar. Logo todo mundo na Reichskanzlei (Chancelaria do Reich) também sussurrava.

Assim que a crise passou, Eva encontrou tempo para encomendar um novo vestido de Natal junto a sua costureira, antes de regressar a Obersalzberg. (Eva sempre se sentia culpada em relação às contas de *Frau* Heise, temendo que, se o povo alemão ficasse sabendo, iria se sentir insultado pela extravagância, embora Magda Goebbels estivesse encomendando sapatos de couro e três chapéus feitos a mão em janeiro de 1945!) Ela implorou ao *Führer* que tirasse alguns dias de descanso e comemorasse junto com eles no Berghof, mas ele disse a Traudl Junge: “Certo, a pessoa deveria passar o Natal com a família. Eva me escreve suplicando que vá ao Berghof este ano. Diz que devo estar terrivelmente necessitado de recuperação após a tentativa de assassinato e minha doença. Mas sei que é principalmente Gretl quem está por trás disso, querendo seu Hermann [Fegelein] junto de si”.^[13] Hitler foi inflexível; por causa da ofensiva de Ardenes, planejava estar em seu quartel-general do *front* ocidental, Adlerhorst, perto de Bad Nauheim, nas verdes colinas do Taunus.

Eva voltou para Munique e em 16 de dezembro parece ter se encontrado com Gertraud na Wasserburgerstrasse. Quando um reide aéreo obrigou-as a se enfiar no abrigo sob a casa, onde havia caixas-fortes, Eva ofereceu à prima um colar e um bracelete. Foi só então, graças ao comentário da prima — “Não preciso mais deles” —, que Gertraud percebeu pela primeira vez que Eva estava determinada a levar adiante seu plano de morrer com Hitler.

Eva passou o Natal em Munique com sua família e Gertraud pode ter se juntado a eles. Foi um ato corajoso, uma vez que todos poderiam ter se retirado para a segurança do Berghof, pois a cidade fora pesadamente bombardeada em 17 de dezembro de 1944 e

estava para ser bombardeada outra vez na noite de 7 para 8 de janeiro de 1945.^[14] Após o segundo reide, Eva — que voltara ao Berghof — implorou a Hitler que a deixasse verificar se sua pequena casa continuava inteira, mas ele temia por sua segurança e ela passou a atormentar todo mundo que conhecia por alguma informação. Depois de dois anos de ataques aéreos, Munique era agora uma das cidades mais devastadas da Alemanha, uma vingança aliada contra o lugar onde o nazismo lançara suas raízes pela primeira vez. A população encolhera para quase a metade em relação ao período pré-guerra e restou menos de meio milhão de pessoas, muitas vivendo nas ruínas bombardeadas de suas antigas casas. Quase noventa por cento do lindo centro histórico fora destruído. Eva agora tomava conhecimento, caso não o tivesse feito antes, da devastação infligida pela guerra de Hitler ao seu país e terra natal.

Gertraud está convencida de que “se eu não a tivesse deixado em janeiro, talvez não houvesse partido para Berlim. É uma coisa que não sai da minha cabeça hoje. Não havia ninguém para cuidar dela no Berghof. Ela não tinha outra escolha senão ir procurá-lo. Não posso afirmar que seja verdade, mas é o que sinto hoje”. Um motivo muito mais provável é que Eva a essa altura aceitara — embora jamais fosse dizê-lo em público — que o fim devia estar próximo. Hitler precisava de Eva, que queria estar com ele. Eva regressou brevemente a Berlim em 19 de janeiro de 1945 e lá, pela última vez, encontrou-se com sua irmã Ilse, agora *Frau Fücke-Michels*. Ela e o marido vinham morando em Breslau, no leste da Alemanha, que acabara de enfrentar e perder uma terrível batalha contra os invasores russos, da qual milhares de refugiados correram em pânico e confusão, com Ilse conseguindo chegar até Eva em Berlim. Nesse estágio da guerra, as tropas alemãs estavam tão desbaratadas que a cidade de Breslau teve de ser defendida por veteranos da Volkssturm (a força da reserva) e por adolescentes, de doze a dezesseis anos de idade, da Hitler Jugend. Quando a guerra terminou, em maio, metade dos jovens recrutas morrera na inútil batalha, os meninos choramingando por suas mães.

Nerin Gun entrevistou Ilse no início da década de 60 para sua biografia de Eva e relata a seguinte conversa entre as duas irmãs. Com perdão da licença poética, soa mais ou menos verdadeiro:

Ilse, num estado de certa agitação, disse: “Não me restou roupa alguma para usar... e minha linda mobília... e meus livros...”.

Eva a confortou: “Não se preocupe, em duas semanas você vai estar de volta a Breslau, ouvi de fontes confiáveis. Trancou bem sua casa? Então não tem com que se preocupar”.

Ilse, furiosa com a cegueira obstinada da irmã, explodiu: “Sua criatura miserável, acorde, abra os olhos para a realidade. Breslau está perdida, a Silésia está perdida, a Alemanha está perdida. Não percebe que centenas de milhares de pessoas entopem as estradas cheias de neve, fugindo do inimigo, que está devastando e pilhando tudo? Seu *Führer* é um demônio; está levando você para o abismo e todos nós iremos

junto”.

Eva se enfureceu também: “Você está louca, está maluca! Como pode dizer essas coisas sobre o *Führer*, que é tão generoso e me disse para convidá-la para a casa dele em Obersalzberg, até regressar a Breslau. Você merece ser colocada contra a parede e fuzilada!”.[15]

Se Ilse e Gun lembraram corretamente suas palavras, sem espírito vingativo ou melodrama, o último comentário de Eva é a coisa mais agressiva que disse a ter sido registrada, ecoando os discursos irados de Hitler contra antigos seguidores que haviam perdido a fé. Ilse lhe dissera a verdade, mas será que Eva sabia que era a verdade ou será que ainda acreditava que o que *ela* dissera era a verdade, haja vista que acabara de ver as cidades e ruas de Munique e Berlim? Ou seria sua réplica furiosa o clímax de anos de frieza entre as duas? Depois dessa conversa, em todo caso, ela pareceu aceitar o fato de que o inimigo se aproximava rapidamente.

No inverno de 1945, os alemães sofriam com o frio, a fome e a desilusão, suas cidades destruídas e suas forças armadas drasticamente exauridas. Só os campos de extermínio funcionavam com eficiência cada vez maior. Os judeus continuavam a chegar por trem de toda a Europa, em longa agonia, vítimas das ordens de Himmler à SS: para as câmaras de gás, imediatamente, matem todos, não importa como, matem até não restar mais um único judeu.

Em 13 de fevereiro de 1945, Dresden foi bombardeada; a inestimável cidade que se achava protegida por sua riqueza cultural. Embora não completamente arruinada, a cidade sofreu devastação semelhante à de Hamburgo, em julho de 1943. Na noite seguinte, o comando de bombardeios atacou novamente. Pelo menos 35 mil moradores pereceram nos reides, talvez cinco vezes esse número — alguns estimam em 200 mil mortos.[16] Duas noites mais tarde, em 16 de fevereiro de 1945, a pequena cidade de Pforzheim — cujo valor estratégico era zero — foi atacada pelos bombardeiros britânicos, que liquidaram um terço de seus 63 mil habitantes. Eva Braun, se é que recebia as notícias, deve ter achado que a guerra chegava a um terrível clímax.

No início do confronto, Henriette von Schirach perguntara a Eva o que ela faria se perdessem a guerra.

“Nesse caso, morrerei com ele”, disse.

Eu disse que, como ninguém conhecia seu rosto, podia fugir do país.

“Acha que vou deixá-lo morrer sozinho? Ficarei ao seu lado até o último momento; já pensei a respeito e me decidi. Ninguém pode me dissuadir.”[17]

Se Eva queria estar com Hitler para o confronto final, era hora de encerrar seus assuntos em Munique e se juntar a ele o mais rápido possível.

NO BUNKER

AO LONGO DOS QUATRO ANOS e meio de agonia que mal haviam deixado um canto da Europa incólume e devastado quase tudo, Eva fora em grande parte poupada dos horrores da guerra. Jamais conheceu a dor de um ferimento, o frio, a fome, nem praticamente o medo; mas se acostumava cada vez mais a ver as consequências do conflito. As cidades tornaram-se cinzentas, frios amontoados de tijolo e pedra com crateras escancaradas onde antes houvera casas; as ruas, quando não transformadas em fendas profundas, estavam cobertas de buracos. A maioria dos carros fora destruída e era quase impossível obter gasolina. Os alemães que vagavam por essas cidades eram na maioria espectros em farrapos, puxando crianças enfraquecidas e pálidas na busca por água de bicas e comida. A comida se tornou a preocupação primordial de todos; em seguida, um teto para se abrigar; e, o mais raro de tudo, calor. Poucos desfrutavam dessas três coisas e a culpa pela calamidade recaía cada vez mais sobre Hitler, não sobre a RAF. A essa altura, as mulheres estavam profundamente desapontadas não só com seu *Führer*, mas também com seus próprios homens. “Nesses dias, observo como mudam meus sentimentos”, escreveu uma jornalista berlinense anônima quando o regime hitlerista entrou em colapso. “Sentimos pena deles; parecem tão infelizes e indefesos. [...] O mundo nazista — dirigido por homens, glorificando o homem forte — começa a desmoronar e com ele o mito do ‘Homem’. [...] Entre as inúmeras derrotas ao final desta guerra está a derrota do sexo masculino.” Era um lamento distante dos dias de glória da BDM.^[1]

Dos amigos mais chegados de Eva, apenas um morrerá. Sua família estava viva, a salvo e razoavelmente bem nutrida. Gretl em breve daria à luz a primeira criança da geração seguinte. Mas Eva sofria, assim como todo o povo alemão, por ver o país prostrado.

Martin Bormann acompanhou-a do Berghof até Berlim em 19 de janeiro de 1945. Deve ter sido uma viagem complicada, já que, embora mantendo uma fachada civilizada diante de Hitler, detestavam intensamente um ao outro. Eva hospedou-se por três semanas nas acomodações que usara ocasionalmente na Chancelaria, até o aniversário de 33 anos em 6 de fevereiro. Hitler lhe deu um bracelete de diamante e um pingente de topázio — tirando o Mercedes, o presente mais generoso que já dera —, que mais tarde legou à irmã. (As joias nunca chegaram até Gretl.) Uma festa foi dada numa das salas de recepção de mármore da Reichskanzlei, após a qual o *Führer* persuadiu Eva a voltar ao Berghof. Ele podia muito bem ter pensado que aquela era sua última celebração, mas Eva sabia que em breve estaria de volta. A perspectiva de viver num mundo sem ele era

insuportável e jamais o teria substituído por outro. Hitler continuava a não compreender inteiramente sua força de caráter ou sua genuína devoção. Confiava nos puxa-sacos incompetentes que o cercavam mas foi apenas no último momento que confiou na inabalável Eva.

Ela concordou em deixar Berlim após seu aniversário, mas só por umas duas semanas. Necessitava fazer as malas de dez anos de sua vida para o que pressentia ser uma última partida. Não queria que alguém encontrasse e lesse as cartas pessoais para Hitler ou o diário que começara a partir de 1935 e mantivera de modo intermitente desde então. Tinha de tomar as providências para que os adorados cãezinhos fossem bem cuidados, despedir-se da família e dos amigos, dar as roupas e dividir as joias. As ferrovias continuavam a operar de modo razoavelmente confiável e no dia 7 ou 8 de fevereiro Eva tomou o trem da meia-noite que saía de Berlim. Aconchegada na cabina escura como um útero, em meio aos lençóis alvos e limpos, atravessou com incongruente conforto as devastadas cidades alemãs e o campo hibernal, acordando numa Munique em ruínas para fazer a baldeação e finalmente descer na estação coberta de neve de Speer, sendo recebida por um Mercedes blindado com motorista da SS.

É impossível determinar exatamente quando regressou a Berlim, mas tudo indica que foi cerca de três semanas mais tarde. Nesse meio-tempo, em 17 de fevereiro, ela e Herta Schneider encontraram-se em Munique — Herta, a leal amiga de infância e juventude cuja pele morena e olhar penetrante jamais mudaram; Herta, que sabia de todos os seus segredos; Herta, que sempre lhe dera conselhos sensatos, que compartilhara o casamento e os filhos com a amiga e que, em vinte anos de amizade sincera, jamais a decepcionara. Não havia como saberem ao certo que essa seria a última vez que veriam uma à outra, embora Herta, sempre mais pés no chão, provavelmente desconfiasse bastante, ao passo que Eva, com sua usual tendência a ver tudo cor-de-rosa, ainda acreditava que fossem se encontrar de novo.

Pela última vez, Eva dormiu em sua própria cama de casal, abriu o guarda-roupa e escolheu algumas roupas para usar no *bunker*, refestelando-se em seu enorme banheiro espelhado e observando através da janela a paisagem que tanto amava. Como, com tudo isso, podia se convencer a ir? Herbert Döring provavelmente tinha razão quando disse:

Bom, para começar, sua vida terminara. Chegara a um beco sem saída, uma vez que a guerra estava perdida. Não havia mais futuro algum para ela naquele lugar. Ela teria sido... quem pode dizer o que teria acontecido com ela? Talvez fosse presa. E isto era tudo em que pensava: a vida acabou, seja aqui no Obersalzberg, seja com ele... afinal, foram tantos anos. E assim terminou seus dias junto dele.[2]

Dando as costas para o Berghof pela última vez para admirar as montanhas cobertas de neve e as florestas de um profundo verde que, ao longo dos últimos dez anos, haviam-na cercado, talvez se lembrasse dos versos de Goethe no poema “Wandrer's Nachtlid”, que toda garota era obrigada a decorar na escola:

Über allen Gipfeln
Ist Ruh,
In allen Wipfeln
Spürest du
Kaum einen Hauch;
Die Vögelein schweigen im Walde.
Warte nur, balde
Ruhest du auch.[3]

Ela entrou no carro que a aguardava e seguiu montanha abaixo para ser levada à estação de Berchtesgaden. Não podia deixar que Hitler comemorasse o aniversário de 56 anos sem sua presença. Após meses passados em úmidas salas de concreto subterrâneas, em meio a uniformes cinza e pretos, botas traçoeiras estalando os calcanhares e insinceros “Sieg Heils”, Eva lhe renovaria o ânimo com seu rosto agradável e roupas novas e coloridas.

Frau Mittlstrasse, que a acompanhou desde Munique, recordou: “Em 7 de março de 1945, ela viajou por vontade própria num trem especial até Berlim, que então estava sob sítio. E lá permaneceu, embora Hitler ficasse apavorado e tentasse mandá-la de volta imediatamente. Mas não houve o que a demovesse”.^[4] Isso condiz com uma anotação no diário de Bormann para a mesma data: “De noite, Eva Braun partiu para Berlim com um trem de entregas, às 20h14”.^[5] Outros relatos, incluindo o de Albert Speer, Henriette von Schirach e Hugh Trevor-Roper, datam seu regresso de pelo menos um mês depois, em 15 de abril, mas com isso provavelmente queriam dizer o dia em que Hitler e ela abandonaram suas arrasadas — e agora perigosas — acomodações na Reichskanzlei para se refugiar sob o solo, no *bunker*. Eva voltava para uma cidade nos estertores da morte, sabendo que em breve morreria ali, preparada, ao menos dessa vez, para desafiar Hitler. Decidira ir para Berlim e era lá que ficaria.

Embora Hitler houvesse proibido seu regresso, quando apareceu na Reichskanzlei, em 7 de março, tendo estado em Munique e Berchtesgaden por um mês, sua primeira reação à chegada inesperada foi de alegria. Contudo, em poucos dias começou a pressioná-la para voltar ao Berghof, prometendo que em breve se juntaria a ela.^[6] Calma e quase despreocupada, ela o ignorou. Se alguma prova de sua devoção ainda era devida, lá estava: fora a Berlim para estar a seu lado *in extremis*, como sempre jurara que faria. Pouco temia a morte. A essa altura, já a contemplara tantas vezes que adquirira familiaridade, era algo quase bem-vindo. O tio Alois conjecturou: “A vida chegara ao fim, até onde lhe dizia respeito, e resignou-se de bom grado a seu destino. De todas as pessoas que se viam aprisionadas nos cubículos do *bunker*, foi talvez a única capaz de aceitar a morte com dignidade, dando adeus à vida tranquilamente”.^[7] Apenas o método e o momento deviam atemorizá-la — a morte seria uma coisa dolorosa ou arrastada; ficaria horrivelmente desfigurada; seu corpo seria espancado por estrangeiros? Esses medos a atormentavam, mas *Fräulein* Braun, que muito tempo antes Henny Hoffmann

comparara a uma pequena *soubrette* de ópera bufa, estava determinada a permanecer até o fim. Eva e Adolf tinham sete semanas de vida.

Até Heinrich Hoffmann, que a denegrira por tanto tempo, foi forçado a admitir que a adolescente que ele desprezara como uma “atendente de loja bonitinha mas ordinária, com toda a frivolidade e vaidade da sua espécie”, amadurecera para se tornar uma mulher bem diferente:

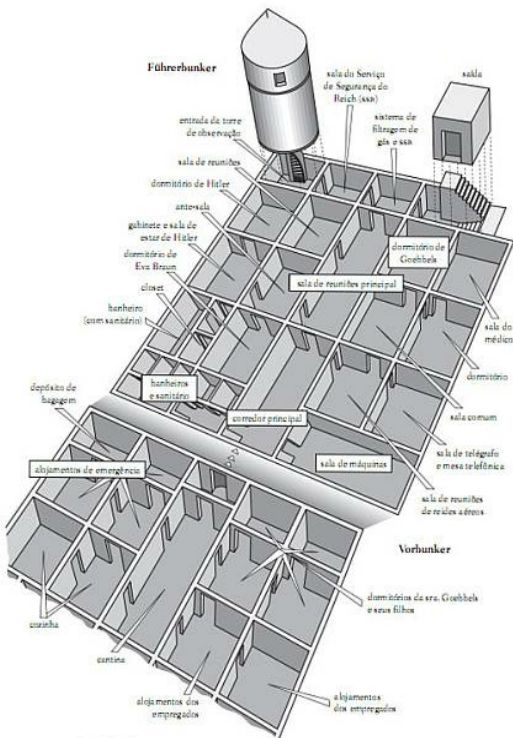
Sob a influência dos tremendos eventos que viveu e à medida que a guerra marchava para sua horrível conclusão, a estatura mental de Eva se elevou e sua personalidade ganhou em amplitude e profundidade; e com seu gesto derradeiro e a decisão de permanecer ao lado de seu protetor até o fim, alçou-se a uma altura que mais do que compensava pela frivolidade e vaidade do passado.^[8]

Eva pode ter sido levada para conhecer o *bunker* em suas visitas anteriores — o abrigo vinha sendo construído desde 1943 e ainda não fora de todo terminado quando a guerra acabou —, mas agora o lugar estava apinhado de militares e equipes médicas, quase todos perfeitos estranhos para ela, além do usual *entourage* de Hitler. O que encontrou quando desceu naquele labirinto cinzento?

A palavra “*bunker*” remete antes a um abrigo antiaéreo escuro e úmido do que a um centro de operações apto, com sua capacidade superlotada, a acomodar quase mil pessoas. Não havia, é claro, nenhuma luz natural; os espaços públicos eram iluminados por frios tubos de néon. Noite e dia pareciam iguais. O complexo subterrâneo consistia não de apenas um, mas de diversos *bunkers* separados ligados por escadas e corredores. O setor mais profundo, seguro e bem provido era o de Hitler, conhecido como *Führerbunker*. Imagine uma caixa de concreto com cerca de vinte metros quadrados dividida no meio por um amplo corredor, com várias células de concreto menores partindo dela de cada lado. Essa área principal tinha cerca de quinze metros de largura e abrigava dezesseis salas, de uns $3 \times 3,5$ metros. Num dos lados do corredor ficavam o dormitório, o gabinete — a única decoração era um retrato de seu herói, Frederico, o Grande — e o banheiro do *Führer*. Contíguas havia uma minúscula sala de mapas e a suite miniatura de Eva, com um “tocado” pouco maior que um guarda-roupa. Até Blondi tinha um armário próprio, onde dava de mamar às crias recém-nascidas. Do outro lado da suíte de Hitler, uma ante-sala conduzia, via um curto lance de escadas, até o jardim.

No lado oposto do corredor principal havia uma sala de estar comum, onde as pessoas podiam relaxar, não fosse o fato de que relaxar de verdade tornara-se coisa do passado, e diversos ambientes utilitários. Na metade do corredor ficava uma divisória separando o lado mais próximo de Hitler, usado para reuniões oficiais, do outro lado, onde reuniões mais informais eram mantidas. Embora privada, na teoria, essa passagem através do *Führerbunker* era povoada noite e dia por visitantes, mensageiros, ajudantes, oficiais, ministros e empregados trazendo despachos, mensagens, telegramas,

memorandos, café e bolos, cartas e ordens para Hitler assinar. Nos momentos mais críticos do bombardeio, as pessoas dormiam, vestiam-se e viviam cada hora do dia ou da noite nessa caverna de concreto. A privacidade era impossível. Eva passou o último mês de sua vida sob o escrutínio constante de dúzias e dúzias de homens uniformizados, a maioria dos quais sem fazer a menor ideia de quem ela era. Apenas Hitler, Eva e militares de alta patente contavam com os cuidados de suas usuais equipes e usufruíam do luxo ocasional de um banheiro apropriado com chuveiro, tendo para isso de subir até a Reichskanzlei. Todo mundo no *bunker* fazia o melhor que podia com as instalações de banho insuficientes e as precárias oportunidades de lavanderia, o que às vezes significava absolutamente nenhuma. A despeito de uma espécie de ar condicionado, todos aqueles corpos masculinos apressados e sem asseio deviam exalar um odor deveras desagradável.



Führerbunker

Poucos metros acima e atrás do *Führerbunker*, conectado por uma escada curva,

ficava outro *bunker*, uma caixa de concreto com mais ou menos a metade do tamanho, contendo cerca de uma dúzia de cubículos: cozinha, alojamentos dos empregados, quatro dormitórios e um setor separado com sala de cirurgia, farmácia e dormitório do dr. Morell. O corredor bem no meio servia de refeitório ou cantina.

Essas duas áreas eram o centro de operações, mas havia muitos outros *bunkers* sob a monumental Chancelaria. Para pessoas acostumadas a espaços grandiosos e vistas panorâmicas do Berghof, ficar confinadas ali debaixo devia ser física e psicologicamente claustrofóbico. O restante do complexo incluía o *bunker* da Chancelaria do Partido — território de Bormann — e o *bunker* de Mohnke, que ele dividia com sua brigada de SS no papel de comandante da Chancelaria e responsável pela defesa da “Cidadela”. Goebbels e sua equipe acomodavam-se nos porões do Ministério da Propaganda. Ali, com variados graus de desconforto, os figurões e seus funcionários corriam para cima e para baixo a fim de servir ao *Führer* nos dias finais de uma guerra havia muito irremediavelmente perdida. Perto do fim de março de 1945, quase todo mundo aceitava o inevitável e deixara as salas vastas e destruídas da Chancelaria do Reich para se abrigar no subterrâneo, arranjando-se o melhor possível.

Além disso tudo, havia um hospital de campanha abarrotado onde as baixas da batalha — às vezes, centenas de uma só vez — podiam passar por uma operação, pela recuperação ou morrer. Seis meses após o fim da guerra, Erna Flegel, enfermeira que auxiliava as operações do hospital, descreveu o cenário a seus inquiridores americanos:

Conforme o cerco em torno de Berlim se estreitava cada vez mais [...], tínhamos de manter os feridos ali [i.e., no *bunker* sob a Reichskanzlei], e o lugar cresceu até se tornar um imenso hospital com mais de quinhentos feridos. Na altura em que partes de Berlim já estavam ocupadas e os russos aproximavam-se do centro da cidade, dava para sentir, quase fisicamente, que o Terceiro Reich chegava ao fim.^[9]

O *bunker* continuou a funcionar de forma mais ou menos perfeita até o último momento. Graças à eficiência com que fora projetado e construído e aos serviços instalados, água quente estava sempre disponível e a eletricidade e o ar condicionado raramente falhavam, até mesmo sob o bombardeio mais pesado. Uma enorme equipe de técnicos ficava por trás para supervisionar o equipamento. Destinado a fornecer calor, luz, comida e água fresca, instalações sanitárias, contato com o mundo exterior e tratamento médico, talvez por meses a fio, assim o fez de modo admirável. E era indestrutível.

Em abril de 1945, a Alemanha se transformara num inferno 24 horas, como nas visões retratadas por Hieronymus Bosch; mas Hitler, escondido no buraco sob o prédio da Chancelaria do Reich, recusava-se a aceitar que a guerra já não podia mais ser vencida, muito menos pela força aérea miraculosa e pelas bombas miraculosas que só ele acreditava estarem prestes a serem liberadas. Hitler jamais visitou um campo de

concentração ou viu alguém sendo torturado, morto ou envenenado por gás e, embora houvesse assistido à morte agonizante dos conspiradores de Kreisau em filme com aparente prazer, era por que tentaram assassiná-lo.

Cada vez mais dissociado do mundo exterior, ele continuava a dar ordens impossíveis para exércitos que não mais existiam e designava, destituía e executava oficiais segundo lhe dava na veneta. Perambulava por aquele seu reino inferior, empanturrando-se de bolo de chocolate. Segundo uma de suas secretárias, “a avidez por bolo tornara-se patológica. Antes, costumava comer três pedaços de bolo no máximo, mas agora mandava encher o prato três vezes”. Ficou cada vez mais apegado a Blondi e seus cinco filhotes, que moravam num dos banheiros do *bunker*.[\[10\]](#)

Sua saúde continuava a deteriorar; caminhava cada vez com maior debilidade, sobretudo do lado esquerdo, muitas vezes tendo de se apoiar nas paredes ou mesas para sustentar o corpo. Seu temperamento era violento e irracional.[\[11\]](#) Morell, ele próprio um viciado em morfina, injetava algum estimulante em Hitler, e seu comportamento, as súbitas alterações de humor, os momentos de intenso dinamismo seguidos de sonolência e inércia, tudo isso era um sinal claro de dependência de morfina. Ninguém sabe ao certo o que Morell ministrava a Hitler e ele não confidenciou os detalhes a outros médicos que atendiam o *Führer*.

Hitler e Eva continuavam a alimentar a fantasia de um futuro juntos. Era seu modo de proteger-se mutuamente, ele fingindo otimismo, ela fingindo alegria. Falavam em se retirar para Linz após a guerra, onde Hitler passara parte da juventude, e viver tranquilamente sob a domesticidade do ambiente bávaro. Eva sonhando em estrelar um filme baseado em sua vida. Hitler sonhando em mostrar a cultura e a civilização alemãs para o mundo. Hermann Giesler, o arquiteto que substituiu Speer quando este último foi designado para o Ministério de Armamentos, em 1942, construiu uma maquete da grande cidade nova planejada para Linz, com uma esplêndida casa de ópera, a maior e melhor da Europa; museus colossais e galerias cheias da arte teutônica idealizada que o *Führer* admirava, bem como alegorias musculosas dos grandes mestres renascentistas, pilhadas de judeus alemães e de coleções por toda a Europa. Aos olhos de hoje, a cidade do futuro de Hitler é a arquitetura do ditador em seu pior momento: vastos prédios de granito com amplas escadarias de mármore, flanqueadas por elevadas colunas de mármore dominadas por angulosas águia de mármore e encimadas por fileiras e mais fileiras de mastros com flâmulas de suásticas; uma visão definitivamente filistina. Hitler adorava. Mandou instalar o modelo numa mesa da Reichskanzlei e estudava-o por horas a fio.

Hitler subia à superfície só ocasionalmente para visitar o gabinete quase vazio na Chancelaria semidestruída. Em 15 de abril, Eva abriu mão de vez de suas acomodações no primeiro andar e mudou-se de mala e cuia para os três cubículos contíguos ao dele, declarando que viera para ficar. Albert Speer, que fez inúmeras visitas ao *bunker*, viu a

admiração e a amizade que sempre sentira por Eva crescer ao ponto de um profundo respeito. “Tentei repetidamente persuadi-la a deixar Berlim. Gostava muito dela; queria que ficasse a salvo.” Em três diferentes ocasiões, ofereceu-lhe um lugar num dos aviões cada vez mais esporádicos partindo da cidade. “Ela persistiu em sua recusa e finalmente me disse, com um grande sorriso, que parasse de importuná-la.”[12]

Pouca gente do círculo íntimo sobreviveu até hoje para descrever aquelas semanas sinistras. A maioria dos que conseguiram fugir elogiou a coragem, o ânimo e a consideração de Eva. Speer disse depois quanto admirava “sua dignidade: quase uma espécie de serenidade alegre” nos últimos dias. Nicolaus von Below, ajudante de Hitler da Luftwaffe e um dos poucos tipos não asquerosos em torno dele, também ficou cativado pelo tranquilo bom humor de Eva. “Ela se adaptou inteiramente à vida no *bunker*. Estava sempre arrumada, muito bem vestida, era invariavelmente cordial e solícita com todo mundo. Jamais hesitou diante do fim e não mostrou nenhuma fraqueza até o último momento.” O que é isso, senão dignidade sob pressão? Hans-Karl von Hasselbach,[13] cirurgião militar no *bunker* durante alguns desses dias finais, fornece uma descrição mais aguda: “Era bem inteligente e rápida nas respostas. Podia ser arrogante, mal-humorada, egoísta e opinativa”. “Rápida nas respostas”, “opinativa” — isso não era de se esperar de uma mulher, muito menos de uma que deveria permanecer invisível —, mas ele a descrevia nos anos anteriores ao *bunker*. Sua provação lhe permitira revelar a força de caráter, perseverança e coragem que sempre tivera, mas sem ousar mostrar antes. Não é de admirar que Bormann e Himmler não dessem bola para a nova Eva. Hasselbach prosseguia: “Hitler a tratava como uma dama o tempo todo e esperava que o restante de seu grupo fizesse o mesmo. Os ‘*Sie*’ e ‘*Mein Führer*’ que usavam no começo foi substituído nos últimos anos por ‘*Du*’”. O dr. Brandt, médico de Hitler baseado em Berlim por mais de uma década, fez um comentário similar: “Sua personalidade estava mais para severa que dócil e feminina. Durante os anos com Hitler, passou de uma garota comum de classe média a uma dama de estilo. Ela tentava tudo a seu alcance para ser para Hitler o que ele necessitava”.[14]

Somente nas últimas semanas de sua vida Eva se valeu de alguma influência junto a Hitler. Gottlob Berger, um general da Waffen-SS, conheceu-a em 22 de abril de 1945, após uma reunião com o *Führer*:

E havia a muito caluniada Eva Braun. Numa coisa tiro o chapéu para aquela mulher. [Ela] sempre permitiu que a gente se aproximasse de Hitler pela porta dos fundos, por assim dizer [...]. Quando eu precisava de ajuda, lhe pedia, e se ficasse convencida de que o motivo era justo, sempre me conseguia um entrevista com Hitler. Nessa época, definitivamente tinha influência sobre ele [mas em tudo mais] era um relacionamento puramente pessoal.

Nesse estágio, tal poder de persuasão, se é que havia, não poderia causar impacto algum no destino dos judeus; tudo que Eva fez foi tornar possível para Berger ter acesso ao

Führer e apresentar-lhe a mais recente iniciativa estratégica fadada ao fracasso.

As derradeiras semanas no *bunker* foram registradas em detalhe por inúmeros historiadores.[15] mas nem um único homem (e eram quase todos homens[16]) que vasculhou cada centímetro e minuto do esconderijo claustrofóbico de Hitler deu grande atenção a Eva Braun. Discordaram sobre a data de sua chegada e como os demais ali instalados a tratavam, reputando seu sacrifício como pouco mais que melodrama.[17] Condenavam-na por ser vã e superficial, e de fato era, às vezes — sempre ficara confinada ao mundo de trivialidades femininas. Em 18 de abril, disparava, numa carta à irmã: “Imagine só: a costureira está pedindo trinta marcos por minha blusa azul! Ela ficou louca; como tem coragem de cobrar trinta marcos por aquela porcaria?”. Agora tentava animar todo mundo trocando de roupa e maquiagem, lixando e retocando as unhas. O que mais poderia ter feito? Não tinha qualquer habilidade prática ou de enfermagem. A finalidade de estar ali embaixo era confortar Hitler o melhor que podia. Nos últimos quinze anos, sua criatividade e seu talento foram sufocados. Vestir roupas era o que sabia fazer melhor e assim, na mais negra das circunstâncias, era isso que fazia. Se fosse cantora, teria cantado; se fosse dançarina, teria dançado. Por mais absurda que pareça a ideia de que trocar de roupa pudesse animar alguém (mas quem sabe — talvez assim fosse), é uma prova de sua natureza otimista e indomável. Foi uma das poucas pessoas ali a preservar a dignidade até o último dia. Alfons Schulz, o operador de telefonia cujo trabalho era manter abertas as linhas para o mundo exterior, disse, ao ser perguntado como se comportava no *bunker*: “Todos concordavam que Eva e Magda Goebbels eram as únicas a conversar com os outros de um jeito tranquilo, amigável e equilibrado. Elas acalmavam as ondas de exaltação ali embaixo. Não pareciam desesperadas — pelo contrário, permaneceram de uma compostura espantosa, até o fim. *Ao contrário dos homens*” (grifo meu).[18]

O que Eva e os demais enclausurados no subterrâneo suportavam era mil vezes melhor do que o destino dos cidadãos comuns de Berlim, que, nesses últimos dias, conheciam um confinamento similar. Em abril havia pouca luz e água, quase nada de aquecimento, escassez de alimentos e condições sanitárias indescritíveis. A berlinense anônima escreveu desolada, em seu diário:

Meu último cartão de racionamento para pão. Nenhum cartão novo em vista. Nem editais nem notícias, tampouco. Nada. De repente, somos indivíduos, não mais membros da nação alemã. Velhos laços foram rompidos; a amizade não se estende a mais de três prédios de distância. Há somente o grupo chamado nós, amontoados na caverna, um clã, igualzinho aos tempos pré-históricos. O horizonte encolheu a trezentos passos de distância.[19]

Pior de tudo, em breve as mulheres enfrentariam o grosso dos soldados russos invasores, por tanto tempo temidos, que se mostrariam tão bestiais quanto previam os rumores.

Os homens no *bunker*, a não ser por uns poucos nos escalões mais elevados do exército, estavam prostrados e assustados na expectativa da morte iminente. A consciência de que não passavam de ratos acuados revelava sua verdadeira natureza. A disciplina fora por água abaixo; a sujeira, a desordem e a sordidez física e moral haviam invadido o ambiente outrora excessivamente asséptico do *Führer*, embora não suas acomodações pessoais. Sem empregados ou esposas para mantê-las impecáveis, as roupas das pessoas ficavam normalmente manchadas de comida, amassadas, recendendo a suor. Nos derradeiros dias, conforme Hitler e seus ajudantes iam de encontro à depressão e ao suicídio, inúmeros subordinados entregavam-se ao desasseio, à bebedeira e à lascívia. Os “*hohe Tiere*”, os envaidecidos e pomposos mandachuvas, os generais e parasitas inchados de arrogância, ébrios de champanhe, a boca cheia de caviar — o decadente e iludido Göring, com suas joias e unhas esmaltadas, que acumulara o equivalente à riqueza de um rei em objetos roubados; o igualmente predatório Goebbels, que por quinze anos desfrutara de seu *droit de seigneur* sobre jovens atemorizadas demais para resistir; Bormann, o puxa-saco de Hitler e guardião do tesouro; Himmler, *der treue Heinrich*,^[20] sedento de poder, supervisionando friamente a morte de milhões e fugindo ele próprio da morte — , todos foram vistos pelo que realmente eram: homens embriagados de poder, em busca do próprio engrandecimento. Os assim chamados últimos e maiores dos cavaleiros teutônicos enfrentaram o sacrifício iminente com pouquíssimo heroísmo.^[21] Erna Flegel comentou: “Nas últimas semanas houve tanta traição, covardia e baixeza revelando-se na *entourage* imediata de Hitler que essa deslealdade afetou Eva Braun profundamente”.^[22] E ainda assim o *Führer* se iludia de que “em meu último momento, meus oficiais irão se reunir em torno de mim com lealdade inabalável, as espadas desembainhadas...”.^[23] À medida que se aproximava a ruína, ouviu-se Eva dizer: “Pobre, pobre Adolf, abandonado por todos, traído por todos. Seria melhor morrerem 10 mil outros do que *ele* ser perdido para a Alemanha”. Não é um comentário feliz. Talvez apenas mães ou companheiras de homens encarando a morte numa guerra que as mulheres não compreendem sejam capazes de dizer coisa semelhante. Porém, a vida toda, Eva pôs Hitler acima de tudo. Ele era, literalmente, seu mundo.

Em meados de abril, os russos atravessaram o Oder, a setenta quilômetros dali, para dar início à última e inapelável investida contra Berlim. Pouco mais que umas sobras exauridas do exército alemão — veteranos da Primeira Guerra Mundial alistados às pressas, civis destreinados em batalhões da Volkssturm e rapazes raquíticos mal ingressados na adolescência (e alguns ainda mais novos, crianças aterrorizadas que levariam um tiro se tentassem escapar) oriundos da Juventude Hitlerista — viram-se forçadas a entrar na batalha. A mulher anônima os descreveu: “Vejam esses meninos muito jovens, os rostos de bebê espiando por sob os capacetes de aço grandes demais; é assustador escutar suas vozes agudas. Têm no máximo quinze anos de idade, parecem tão magros e mirrados parados ali, em suas folgadas túnicas militares”.^[24] Esse

rebotalho de gente era tudo que se interpunha entre as linhas inimigas avançando sobre Berlim e os sobranceiros nazistas, com a cabeça enfiada em seu *bunker*. Em 16 de abril de 1945, a 1ª Frente Bielorrussa, comandada pelo marechal Zhukov, lançou a ofensiva soviética contra Berlim, com 750 mil homens, quase 4 mil tanques e 17 mil canhões e morteiros. O bombardeio e as explosões podiam ser ouvidos a setenta quilômetros de distância. Em 18 de abril, os russos penetraram as defesas alemãs e avançaram trinta quilômetros capital adentro, planejando circundá-la em duas frentes e isolá-la. O fim era questão de dias.

A essa altura Eva podia ouvir a artilharia distante e observar o colapso da ordem no *bunker*. A maioria só pensava em escapar — ou se matar.

Um tom de despedida permeava sua carta a Herta Schneider, datada de 19 de abril de 1945.^[25] Começava pedindo desculpas por não entrar em contato por telefone:

Querida Herta,

Muito obrigada pelas duas adoráveis cartas. Por favor, aceite meus melhores votos de feliz aniversário por escrito. A precariedade do equipamento tornou impossível para mim falar com você pelo telefone. Espero de fato que em breve você tenha a felicidade de se reunir com Erwin [marido de Herta]. Espero que a carta de aniversário dele ainda consiga chegar até você.

Eu não consigo deixar passar!

Em meio a toda a cacofonia e destruição, Eva aferrava-se ao costume que os amigos tinham de comemorar o aniversário uns dos outros.

Os alemães dão grande importância a aniversários. Já bem avançada na casa dos oitenta, minha mãe continuava a ficar tão brincalhona e excitada quanto uma criança com a perspectiva de celebrar mais um ano, embora nunca tenha deixado de mentir sobre sua idade, parando nos 39 por uma década e depois subtraindo um ano ou dois; cinco; dez, crente de que acreditavam. Ela conheceu meu companheiro quando estava com 74 anos e me disse num sussurro conspiratório: “*Não lhe conte minha idade!*”. Porém, Deus tenha piedade da filha que esquecesse seu aniversário e deixasse de mandar um cartão e flores. Ela com certeza nunca esqueceu o nosso. Muitos dias antes, ligava — tanto faz se eu estivesse com 25 ou 55 — e perguntava: “*Não está empolgada, minha querida? Não vou contar seu presente... é segredo!*”. Nem sob tortura teria revelado, ainda que o presente em geral se mostrasse o que eu pedira.

Depois de dar os parabéns à amiga, Eva mostrou preocupação com os entes queridos que continuavam no Berghof, lugar que, embora mais seguro que Munique, não podia ser considerado fora de perigo:

Fico tão feliz que tenha decidido fazer companhia a Gretl no Berghof. Desde que Traunstein foi bombardeada, já não tenho mais tanta certeza de que vai estar segura em Garmisch. Graças a Deus minha mãe se juntará a vocês amanhã. Agora não preciso mais me preocupar [...]. Já dá para ouvir o fogo de artilharia vindo do *front* leste e obviamente sofremos com os reides aéreos todos os dias [...]. Passo todo o tempo no *bunker*, agora, e como pode imaginar tenho dormido pouquíssimo. Mas me sinto tão feliz por estar ao lado dele nessa hora. Nem um só dia se passa sem que me implore que me refugie no Berghof, mas, até agora, levei sempre a melhor. Em todo caso, a partir de hoje não existe a menor possibilidade de conseguir atravessar de carro. Se tudo o mais der errado, tenho certeza de que encontraremos um jeito de voltar a nos ver [...].

As secretárias e eu temos praticado tiro ao alvo com pistolas e estamos tão afiadas que os homens não ousam competir conosco.

Dada sua situação, Eva soa extraordinariamente despreocupada, e não é apenas para tranquilizar Herta. Tudo que importava era estar perto dele. Contudo, devia se sentir preocupada com os relatos da bestialidade soviética com as mulheres. Histórias horripilantes de atrocidades cometidas pelos soldados conquistadores eram abundantes — e acuradas — e muitas mulheres no *bunker* preferiam cometer suicídio a sofrer múltiplos estupros.^[26] Eva, agora uma atiradora perita, sabendo que a amiga ficaria aflita se contasse o verdadeiro motivo para o súbito interesse na prática de tiro ao alvo, fazia piada.

Continuando:

Ontem telefonei para Gretl, provavelmente pela última vez. A partir de hoje, não há mais esperança alguma de conseguir contato telefônico. Mas estou absolutamente convencida de que no fim tudo ficará bem e ele demonstra um otimismo incomum. [Ela estava louca para ter notícias das irmãs e dos velhos amigos e amigas.] Como vão as coisas com Gretl e por onde anda Ilse? Onde está Käth! E Georg e Bepo? Por favor, escreva uma carta longa em breve! Desculpe se a minha não tem o estilo habitual, mas estou numa correria, como sempre. Com os melhores votos^[27] a todos vocês, sempre sua, Eva.^[28]

Onze metros acima de suas cabeças, a terra rugia e as paredes de concreto reforçado do *bunker* tremiam conforme explodiam as bombas soviéticas e os tanques chegavam mais e mais perto, mas o gesto de bravura de Eva em nada perdia o brilho.

Ela encerrou a carta com um PS comovente: “A foto é para Gretl. Uma das salsichinhas [os cinco filhotes de Blondi] vai ser dela. Por favor, diga a *Frau Mittelstrasse* para conceder às empregadas austríacas uma licença de voltar para casa — ordens superiores. Mas apenas por um período curto — catorze dias, mais ou menos, calculo. Por favor, transmita-lhe meus melhores votos, também”. Atenciosa e generosa até o fim,

Eva espera estar de volta ao Berghof em duas semanas e faz planos para as empregadas de acordo com isso. A essa altura, ela e Magda Goebbels deviam estar entre as últimas pessoas no *bunker* a ter alguma fé em Hitler. Quase todos os demais achavam que seu comportamento era louco, irracional, iludido e suicida. Mas, para Eva, tudo estaria bem em breve, ela e seu amado iriam ficar juntos, tudo daria certo. Hitler o dissera.

Sua prima Gertraud — tendo lido o relato de Traudl Junge sobre a vida no *bunker* — comentou comigo:

É muito interessante como nesses últimos dias as pessoas perderam toda inibição, fumando e bebendo na frente de Hitler, como que dizendo: “Que se dane, não faz a menor diferença, agora... Hitler não pode nos impedir”. Eva parecia genuinamente calma e equilibrada. Como disse Traudl Junge: “Seu destino era compreensível, mas ao mesmo tempo profundamente comovente. Há uma expressão alemã, ‘Presos juntos, enforcados juntos’. Assim era para Eva, que, como sempre prometera, permaneceu fiel a sua palavra”.[\[29\]](#)

Em 19 de abril, Eva fez um último passeio pelo Tiergarten, os espaçosos jardins em torno da Reichskanzlei. O tempo estava bom, mas as bombas incendiárias haviam deixado as árvores quase sem folhas. Até a natureza era aniquilada. Traudl Junge foi com ela nesse último passeio:

Eva Braun saiu de seu quarto. Lá fora se acalmara. Não fazíamos a menor ideia de como estava o tempo. Queríamos subir até o parque com os cães, para aproveitar um pouco de ar fresco e da luz do dia. Uma pesada nuvem de pó e fumaça pairava sobre Berlim. O ar estava agradável, com um prenúncio da primavera. Eva Braun, Frau Christian e eu caminhamos em silêncio pelo parque. Havia crateras fundas por toda parte no gramado bem cuidado, mas não conseguíamos acreditar que os tanques carbonizados eram de fato a última defesa alemã. No dia seguinte, sem dúvida, as tropas chegariam e rechaçariam o inimigo. As árvores começavam a florir, a grama crescia e tudo na natureza era renovado. [...] Estávamos quase felizes de seguir em frente, de poder desanuviar a cabeça e respirar livremente. Os cachorros saíram correndo; sentamo-nos numa pedra e fumamos um cigarro. Até Eva Braun acendeu um e quando viu nossa surpresa, disse: “Ah, vamos, deixem-me fumar. Diante de problemas tão excepcionais eu posso fazer algo excepcional”.

Mesmo assim, ela puxou uma latinha de balas de hortelã da bolsa e enfiou uma na boca conforme regressávamos ao ouvir o som da primeira sirene para descer ao *bunker* novamente.[\[30\]](#)

Depois disso, ela ocasionalmente subia até o último degrau da escada para respirar ar fresco — não fresco de verdade, mas espesso de pó e fumaça — por alguns minutos, porém nunca mais pôs os pés no mundo exterior outra vez.

Nessa noite, Traudl Junge recordou:

Hitler nos chamou para sentar a seu lado — tudo ficara estranhamente quieto desde que o círculo íntimo encolhera tanto —, então Eva Braun se acomodou do lado dele e sem olhar duas vezes para os outros começou a falar: “Você sabe a estátua do ministro das Relações Exteriores? É uma escultura maravilhosa! Ficaria perfeita em meu jardim, junto ao vaso. Por favor, compre-a para mim, se tudo der certo e sairmos de Berlim!” — e fitou-o com ar suplicante. Hitler pegou sua mão:

“Mas não tenho ideia de quem é o dono. Talvez pertença à cidade e nesse caso não posso simplesmente ir comprando e instalando num jardim particular”.

“Ah”, ela disse. “Se você conseguir derrotar os russos e libertar Berlim, então pode abrir uma exceção!” Hitler achou graça na lógica feminina.^[31]

O dia seguinte, 20 de abril, era aniversário de Hitler. O grupo em torno dele tinha por costume cumprimentá-lo à meia-noite e dar-lhe os parabéns pela data. Hitler proibira qualquer comemoração num momento inoportuno como aquele, mas Eva não lhe deu ouvidos e — atrás de suas boas graças até o último minuto — todos acabaram se reunindo. Speer recordou: “Todo mundo apareceu a fim de parabenizar Hitler, as mesmas pessoas que vinham todos os anos”. Suas felicitações devem ter soado vazias. Espeleólogos pálidos que haviam passado tempo demais em sua caverna artificial sob a terra devastada, Göring (porcino como sempre, a despeito da penúria da guerra), Speer, Ribbentrop, Bormann e meia dúzia de líderes da Wehrmacht congratularam seu alquebrado *Führer* por ter chegado à idade de 56 anos e lhe desejaram felicidades no futuro, antes de entornar *Sekt* e engolir caviar. É irônico que a essa altura os suprimentos de alimento do *bunker* haviam encolhido a ponto de sobrar quase que apenas artigos de luxo, estocados havia muito tempo e disponíveis em abundância, enquanto gêneros básicos como leite, manteiga, ovos, pão e acima de tudo vegetais frescos mal podiam ser encontrados. Para Hitler, em particular, isso era duro de engolir.

À mesa de aniversário, o clima era melancólico. Os humores estavam sombrios, a animação era falsa, os presentes, minguados e supérfluos. Eva encomendara um retrato seu especial com uma moldura de prata trabalhada. (O que Hitler pode ter feito com todos os retratos que ela lhe presenteava? Não podia deixá-los à mostra sobre a escrivaninha, muito menos pendurá-los na parede, embora a foto de Geli ficasse pendurada em seu dormitório na Reichskanzlei. Ela podia ser mostrada, mas Eva tinha de ser escondida.) A despeito das tentativas de Eva de se mostrar alegre, o ambiente era pesado, o próprio Hitler se sentia abatido e cansado. A tentativa fracassada de assassinato em julho de 1944 enfraquecera permanentemente seus membros, enquanto o excesso de trabalho, o desapontamento, a raiva ante a superioridade das forças aliadas — o que não dava mais para negar, já que se encontravam às portas da cidade — faziam-no parecer ter muito mais do que os 56 que se pretendia comemorar. O restante do grupo logo partiu para a superfície, para as salas mais amplas da nova Reichskanzlei, festejando sob os

uivos e lamúrias incessantes dos alertas de reides aéreos. Eva deixou-os entregues à pândega e regressou ao *bunker*, para beber chá a sós com Hitler em seu pequeno gabinete e recordar aniversários passados, mais felizes.

O *Führer* finalmente se retirou para a cama às cinco da manhã e acordou no dia seguinte mais tarde do que o normal, às duas. Barbeado e vestido com o uniforme habitual, vagarosamente galgou os degraus que levavam ao parque da Reichskanzlei. Foi fotografado pela última vez em sua vida, saudando alguns soldados extenuados pela guerra e vinte recrutas da Juventude Hitlerista perfilados para receber a Cruz de Ferro por bravura excepcional — jovens adolescentes com o rosto lívido de cansaço. Hitler, a mão esquerda tremendo convulsivamente às costas, mas fazendo um esforço para sorrir, é visto beliscando o rosto de um rapazinho loiro que devolve seu olhar com uma expressão enigmática — adoração, terror, acusação?[32] Esses meninos forjados na batalha eram bem diferentes dos cabeças-duras robustos e triunfantes da Juventude Hitlerista que haviam erguido os braços numa maciça saudação de *Heil Hitler!* em Nurembergue sete anos antes. Agora lutavam para defender Berlim contra os tanques russos e no lugar da glória com que haviam sonhado sua recompensa era amarga e em geral fatal. Morreram às dezenas de milhares nas mãos dos soviéticos, antes mesmo de ter uma chance de crescer. Os homens da *Volkssturm* e os meninos da Hitler Jugend que responderam à convocação para defender seu *Führer* nos derradeiros dias acreditaram que o general Wenck estava a caminho para vir em seu socorro. Outra mentira. Os comandantes sabiam a verdade; mas, ainda assim, os meninos exaustos — alguns com doze anos — continuavam a improvisar barricadas. Contudo, lutaram bravamente e sua coragem deve ser reconhecida, embora sua lealdade fosse a uma causa maligna.

Nesse exato momento — o mesmo dia, começo da tarde — um comboio de caminhões vindos de Neuengamme, o campo de concentração nas imediações de Hamburgo, desembarcou uma remessa de judeus em um prédio escolar vazio no norte da cidade — 22 crianças com idade entre quatro e doze anos, duas mulheres e 26 homens. Havia todos sido usados em experimentos médicos e constituíam uma evidência assustadora das atrocidades perpetradas pelo regime naqueles que não eram executados. Por causa disso, não podiam ser mantidos vivos. As cinquenta pessoas foram conduzidas ao ginásio da escola e enforcadas uma a uma; crianças, adultos e os quatro membros da equipe médica que os acompanhavam.[33] A misericórdia e a compaixão haviam morrido bem antes disso.

Hitler e seu reduzido grupo regressaram à Reichskanzlei, onde ele almoçou com as duas secretárias mais velhas, Johanna Wolf e Christa Schröder. Christa era sua secretária havia tanto tempo quanto ele era chanceler — doze anos —, enquanto a fiel e inabalável Johanna trabalhava para ele desde 1929. Ele sabia, e elas deviam saber também, que jamais se sentariam juntos em torno de uma mesa outra vez.

Agora era hora de dar um fim aos fingimentos. O momento decisivo chegara. Todos, incluindo o *Führer*, sabiam que o exército soviético estava prestes a cercar a cidade, deixando apenas duas rotas de fuga que podiam ser fechadas a qualquer instante.

Todo mundo foi chamado para ouvir Hitler e as pessoas se espremeram na assim chamada sala de conferências “maior”, no *Führerbunker*: Göring, Dönitz, Keitel, Ribbentrop, Speer, Jodl, Himmler, Kaltenbrunner e Krebs, a maioria de sua equipe pessoal, cerca de uma centena de outros oficiais e gente instalada no abrigo — e Eva. Hitler fez um discurso que começava por esboçar um plano fútil para defesa da cidade e encerrou-o dando permissão para os que queriam deixar a cidade que o fizessem enquanto ainda era tempo. Esperava que todos voltassem a se reunir em Obersalzberg para seguir conduzindo a guerra de lá. Ele próprio continuava indeciso quanto a partir ou não de Berlim. Speer recordou o momento: “Hitler lhes disse que queria que fossem, e para o oeste. Recomendou a todos que fossem ao sul da Alemanha, onde ficariam a salvo e muitas viagens eram organizadas — voos, viagens de carro. A única coisa não contemplada por Hitler era sua própria partida. E é claro que a maioria queria se salvar e se despediu”.^[34]

Na noite de 20 de abril de 1945, Speer, Himmler, Göring e Ley, junto com dúzias de outros, deixaram o *bunker*.

Agora, era o meio da tarde. Aquela era a liberação que vinham esperando — sobretudo Göring, embora suas posses e sua esposa e filhos tivessem sido escondidos a salvo nas montanhas bávaras pelos dois meses anteriores.

Ele mal conseguia disfarçar a ânsia de partir. Hitler anunciou que iria permanecer em Berlim para dar moral aos soldados e quando toda esperança estivesse perdida cometeria suicídio. Todos instaram-no a ir para a Baviera. Ribbentrop recorreu a Eva, implorando-lhe que convencesse Hitler a abandonar Berlim. É significativo que a julgasse a única pessoa capaz de persuadi-lo. Eva se recusou. Traudl Junge se lembra:

Ele teve uma conversa com Eva Braun que ela me contou mais tarde.

“Diga-lhe que você quer deixar Berlim junto com ele. Desse modo, terá prestado um grande serviço à Alemanha.”

Mas Eva respondeu: “Não vou mencionar sua sugestão ao *Führer*. Ele tem de decidir por si só. Se achar que o correto é permanecer em Berlim, então ficarei a seu lado. Se ele partir, também irei”.^[35]

Só restavam uma ou duas horas para os trogloditas abandonarem o *bunker* antes que a rota para o sul fosse interrompida. Às pressas, oitenta ou mais pessoas fizeram as malas e foram se despedir de Hitler. Ele fitou um por um em silêncio ou murmurou alguma coisa ininteligível. Os antigos seguidores do início dos anos 20, homens com números de filiação ao partido de três dígitos, velhos companheiros de armas em quem confiara e a quem enriquecera desertavam-no. Embora houvesse lhes concedido permissão para ir, secretamente Hitler acreditara que ficariam. O ajudante Julius Schaub foi testemunha: “Hitler sentiu-se profundamente desapontado — na verdade, arrasado — que seu Palatinado quisesse abandoná-lo. Simplesmente balançava a cabeça e saía de perto dos homens que alçara a tal poder sem dizer palavra”.^[36]

Como ratos saindo de um buraco, furtivos mas com pressa febril, com as malas estourando e despedindo-se rapidamente, a guarda pretoriana de Hitler dava no pé para salvar a própria pele. Uma procissão de carros e aviões tomou o rumo sul, muitos homens disfarçados com roupas civis, na esperança de escapar à prisão. Outros arrancaram as insígnias de suas fardas para evitar que os invasores percebessem como eram importantes, *muito* importantes. O falastrão Göring trocou seu uniforme cinza adornado com dragões dourados por algo menos notável, em simples cáqui — “como um general americano”, alguém observou com acidez. No curso dos três dias seguintes, vinte aviões partiram dos dois aeroportos remanescentes de Berlim ainda abertos, após receber a ordem de levar os refugiados para um lugar seguro. Muitos escolheram ir para Berchtesgaden.

Hitler mandou Johanna Wolf e Christa Schröder partir. *Fräulein* Wolf tinha lágrimas nos olhos, sabendo que nunca mais veria o homem que por dezesseis anos fora seu chefe bondoso e atencioso. Albert Speer, antes o protegido adorado, partiu às quatro da manhã seguinte sem se despedir e foi de carro rumo norte para se juntar à família, que fora evacuada para a relativa segurança de Kappeln, perto de Hamburgo, numa península isolada que avançava Báltico adentro. Atravessando uma Berlim mergulhada na neblina e na fumaça, movido por um impulso súbito, ele desceu do carro e escreveu num muro: “Albert Speer, 21 de abril de 1945”.^[37] O desejo de deixar uma marca ou apenas um registro para a história: o egoísmo universal que diz “estive aqui”?

Hitler ficou profundamente desiludido com as mesmas pessoas que, menos de 24 horas antes, haviam pronunciado juras de lealdade, nas quais ele, cegado pela adulação, acreditara. Uns poucos mais íntimos — ajudantes leais, as duas jovens secretárias, a cozinheira *Fräulein* Manziarly — juntaram-se a ele e a Eva para um *schnapps* antes que fizesse a ceia mais cedo, após o que se retirou sozinho para a cama.

O que aconteceu em seguida foi típico do espírito indomável de Eva — ou de sua frivolidade, dependendo de como se queira interpretar. Traudl Junge recorda que, após Hitler se recolher, Eva organizou, pasmem, uma festa de última hora.

Eva Braun queria amortecer o medo que despertara em seu coração. Queria comemorar outra vez, mesmo quando não havia mais nada que comemorar, queria dançar, beber, esquecer [...]. Chamava todo mundo, arrastando consigo qualquer um que encontrasse pelo caminho, convocando-os à antiga sala de estar de Hitler no primeiro andar, que continuava intacta, embora a essa altura a mobília boa houvesse sido levada para o *bunker*. Até Bormann e o gordo dr. Morell foram junto. Alguém apareceu com um velho gramofone achado sabe-se lá onde, com uma única gravação: “Blutrote Rosen erzählen Dir vom Glück”.^[38] Eva Braun queria dançar! De repente, arrastou-nos a todos, não importava quem, junto consigo, para rodopiar vertiginosamente, como alguém que já sentisse o primeiro bafejo gelado da morte. Bebemos champanhe e rimos alto e eu também dei risada, porque achei melhor que chorar. No meio de tudo aquilo, o grupo foi brevemente silenciado por uma

explosão, um telefonema, outra mensagem desesperada, mas ninguém falava de guerra, batalha ou morte. Era uma festa dada por fantasmas. E o tempo todo as rosas ficavam prometendo felicidade.[39]

Traudl achou aquilo horrível e se retirou para a cama, mas os outros dançaram noite adentro, as “Rosas Vermelho-Sangue” repetindo-se no último volume do gramofone sobre a mesa desenhada por Speer, a única peça de mobília decente que restara.

Dentre todas as cenas extraordinárias na vida de Eva Braun, essa foi uma das mais extraordinárias. A poucos quilômetros dali, os russos avançavam, saqueando, estuprando e matando sem escrúpulos. Em 20 de abril, o exército marchava nas imediações da própria Berlim. E no coração da cidade devastada e sitiada as mesmas pessoas cuja ideologia ensinara o Terceiro Reich *festejavam*, bebendo champanhe, gritando, cantando e rindo em histérico abandono. Se alguma vez houve uma *dança macabra*, foi essa. Como em qualquer bacanal, a cantoria e a dança degeneraram em orgia. As mulheres — não, é claro, Eva, que ficou horrorizada com a cena — eram pressionadas contra a parede, as saias erguidas acima das coxas, umas beijando e se esfregando, outras fornicando no chão. A degenerescência moral de velhos sátiros como Morell, Hoffmann e Bormann ficou exposta para que todos vissem. Eva Braun também escapuliu. A festa seguiu selvagem até altas horas, quando os estampidos da artilharia levaram todo mundo a se refugiar no *bunker*.

Às nove e meia da manhã de 21 de abril, um fogo de artilharia ainda mais intenso abateu-se sobre Berlim, apenas poucas horas após o cessar do reide aéreo noturno. Otto Günsche,[40] ajudante da SS de Hitler, relatou que Hitler emergiu furioso de seu dormitório, berrando: “O que está acontecendo? De onde vêm essas explosões?”.

O general Burgdorf teve de lhe explicar que o centro da cidade estava sob fogo inimigo.

“Os russos estão tão perto assim?”,[41] perguntou Hitler, incrédulo.

Na noite de 22 de abril a família Goebbels chegou ao *bunker*. [42]

O dia 22 de abril caiu num domingo. O sol brilhava como nunca, num límpido dia de primavera que é um convite à renovação da vida e ao crescimento, mas poucos berlinenses se aventuravam do lado de fora para passear pela Kurfürstendamm[43] ou para brincar com os filhos onde antes eram seus parques. Essas atividades haviam se tornado inimagináveis. No *bunker*, a noção do tempo, da estação ou do clima era nenhuma. As pessoas esgueiravam-se como que através de túneis de um ambiente claustrofóbico para outro, sabendo que o fim chegaria a qualquer momento, a brutal soldadesca arrebatando tudo ao invadir com armas e gritos para estuprar e matar. O *bunker* ia ficando vazio. A equipe de apoio essencial, incluindo as mulheres mais próximas a Hitler, permanecia, perambulando como sonâmbulos rumo ao fim inevitável. Só uma vez Eva revelou seu verdadeiro estado de espírito. Traudl Junge recorda:

Nossos sentimentos já não eram normais; não pensávamos em outra coisa além da morte. Hitler e Eva, quando morreriam [...] quando e como morreriam. Por fora, Eva Braun mostrava a mesma calma, uma postura quase animada. Mas em certa ocasião veio a mim, segurou minhas mãos e disse com a voz trêmula e rouca:

“Frau Junge, estou morrendo de medo! Se ao menos estivesse tudo terminado!”.

Seus olhos revelavam todo o sofrimento interior que ocultara até então.[44]

Escreveu uma última carta para a adorada amiga Herta, num tom muito diferente daquele de três dias antes:

Querida Hertalein,

Estas são minhas últimas linhas, logo, o último sinal de vida que darei.

Não encontro forças para escrever para Gretl, de modo que você terá de dar a notícia delicadamente. Estou lhe enviando minhas joias e peço que as distribua segundo determinei em meu testamento, que está guardado na Wasserburgerstrasse. Espero que ajudem a mantê-la por algum tempo. Por favor, parta do Berghof, se possível. Se tudo está perto do fim, o lugar será perigoso demais para vocês.

Aqui seguiremos combatendo até o último minuto, mas receio que o fim esteja cada vez mais perto. Sou incapaz de lhe dizer quanto estou sofrendo pelo *Führer*. Por favor, perdoe-me se esta carta é um tanto confusa, mas estou cercada pelas seis crianças dos G.[45] e elas não são nem um pouco quietas.

Que mais posso dizer? Não consigo entender como tudo isso foi acontecer, mas é impossível continuar acreditando em Deus!

O homem está esperando para levar a carta — todo meu amor e melhores votos para você, minha fiel amiga! Transmita minhas saudações a meus pais — , cumprimente todos os meus amigos: morrerei como vivi.

Não é difícil para mim. Como bem sabe.

Com amor e beijos para todos vocês, de sua Eva

Talvez tudo volte a ficar bem outra vez, mas *ele* perdeu a fé e receio que nossas esperanças sejam vãs.[46]

Eva perdera a fé em Deus, e Hitler, na vitória. Mas permaneceu firme: “Morrerei como vivi. Não é difícil para mim. Como bem sabe”. O que mais restava dizer, senão esperanças vãs e clichês amorosos?

Pode-se dizer que minha mãe nem ao menos teve o consolo das cartas. Lembro-me de que me mostrou um dos bilhetes de Tante Lidy, escrito do lado de dentro de um saco de papel alisado. “Gibt’s kein Papier!”, rabiscara minha tia — não há papel.

Mamãe estava com a cabeça em outro lugar, preocupada com a família em Hamburgo, vítimas de uma guerra que jamais compreendera, mas agarrava-se à

familiaridade de suas tarefas diárias — “minha rotina”, como as chamava: cozinhar, servir as refeições, lavar a louça, lustrar a mobília (incluindo um piano Bechstein pequeno: quase a única coisa que trouxera do lar dos Schröder em Hamburgo, como lembrança de sua ambição juvenil de ser cantora), fazer as camas, lavar a roupa na mão, cerzir e remendar as escuras meias de algodão que não faziam jus a suas pernas elegantes, fazer render as refeições preparadas com ovos desidratados, batatas, nabos e “carne” enlatada,^[47] deixando para mim sua ração de leite e manteiga, de modo que eu pudesse crescer uma garota grande e forte (como cresci). Mas essas privações eram café pequeno comparado ao que sua família suportara remexendo o lixo nas ruas devastadas de Hamburgo à procura de comida, lenha e até papel.

Detalhes dos eventos mais amplos na Alemanha, as movimentações das tropas, o avanço do exército russo sobre Berlim eram nebulosos para ela, que mal conseguia interpretar um mapa. Pouco sabia a respeito do que estava acontecendo — dando como certo que as notícias dos jornais e da BBC eram tendenciosas e exageradamente otimistas. Muito mais importante para mim era o fato de que eu faria cinco anos naquela semana. Ganhei um presente de meus pais: uma mesa em miniatura com uns oito centímetros de comprimento, para minha casa de bonecas, com duas cadeiras de madeira acompanhando. Eu não era muito chegada a bonecas, mas consigo ver esses três objetos pequenos tão claramente quanto se estivessem aqui na minha frente, sobre a mesa de trabalho.

Posteriormente naquele domingo, 22 de abril, às três e meia da tarde, Hitler fez uma última reunião de balanço com os chefes das três forças armadas. Ele ficou agitado e depois histérico. Perdendo o controle, praguejou, acusou seus comandantes (Keitel, Jodl, Krebs e Burgdorf) de incompetentes inúteis, covardes e traidores, espumou e gritou até se esfaltar; e enfim admitiu — ao receber a notícia de que os russos já haviam penetrado o perímetro norte da cidade — que de nada adiantava seguir lutando. Tendo terminado o acesso, desabou na cadeira soluçando debilmente e autorizou o êxodo geral antes de se retirar para seus aposentos, deixando todos atônitos e arrasados.

Em seguida, teve lugar o incidente culminante dos anos que Eva passou com Hitler; foi um momento que, após anos de fingimento e dissimulação, provou que a amava e respeitava. Mandou chamar as duas secretárias restantes, Traudl Junge e Gerda Christian, sua cozinheira especial, Constanze Manziarly, e Eva Braun. *Frau* Junge recorda o que aconteceu então:

O rosto de Hitler perdera toda expressão, seu olhar era vazio. Parecia a máscara da morte. Disse: “Vão se preparar agora mesmo. Dentro de uma hora um avião as levará para o sul. Está tudo perdido, inevitavelmente perdido” [*Es ist alles verloren, hoffnungslos verloren.*]

Eva Braun foi a primeira a sacudi-lo de sua paralisia. Aproximou-se de Hitler —

cuja mão ainda segurava a maçaneta da porta — , tomou-o pelas duas mãos e disse com um sorriso tranquilizador, como que falando com uma criança triste: “Vamos, sabe que vou permanecer a seu lado. Não deixarei que me mande embora”.

Então os olhos de Hitler começaram a se iluminar e ele fez algo que ninguém, nem mesmo os amigos e ajudantes mais próximos e confiáveis, jamais haviam visto: beijou Eva Braun na boca.

Beijou Eva Braun na boca. Não o usual beijo formal na mão, os lábios pairando pouco acima da pele; não um perfunctório selinho ou um beijo social, mas um beijo de verdade, na boca. Ele declarava seu amor mostrando às mulheres — diante de quem mantivera as aparências por dez anos — que ela era sua parceira escolhida, sua companheira, sua *Geliebte* (amada). Superou suas inibições mais profundas com um gesto público destituído de ambiguidade que a admitia e honrava. *Aquilo* foi o triunfo da vida dela, o evento que coroou sua existência.

Então Hitler disse: “Mal suporto dizer tal coisa, mas a própria situação o exige: não quero ficar aqui para morrer, mas não tenho escolha”.

Frau Christian e eu dissemos, quase simultaneamente: “Nós também vamos ficar!”.

Hitler nos fitou por um momento: “Rogo-lhes que partam, vão!”, mas balançamos a cabeça. Ele nos estendeu sua mão: “Quem dera meus generais fossem tão corajosos quanto vocês!”.

Nem mesmo *Fräulein* Manziarly, que já não tinha mais trabalho algum a ser feito, queria deixar Berlim.[48]

As quatro saíram da sala para escrever aos amigos e familiares, distribuir seus bens, fazer os testamentos e deixar suas roupas e tudo o mais de que não podiam abrir mão perfeitamente em ordem para aguardar a chegada dos bárbaros. Hitler concedeu à maioria das mulheres restantes do *bunker* permissão para partir e prometeu-lhes transporte para fora de Berlim, oferta que muitas aceitaram. Com mais nada por fazer, voltou sua atenção aos cachorros. Sentou-se no corredor, um dos filhotinhos de Blondi ganindo em seu colo, observando o vaivém de gente. A equipe militar seguia com seus deveres, calma e silenciosamente cumprindo suas instruções. O festim libidinoso terminara.

Nessa noite, as primeiras brigadas dos tanques de elite russos chegaram ao extremo sul da cidade. Agora, o palco da batalha onde vinham lutando por manter rua a rua caíra diante do inimigo, calcinado e arruinado. Prédios reduzidos a escombros, alguns intactos até o primeiro ou segundo andar, os quartos escancarados pendurados acima, ou pilares de tijolos. Carros queimados, como besouros pretos mortos, perfilavam-se nas ruas. Uma nuvem espessa de cinzas e poeira jazia como uma penugem cinzenta sobre tudo. De dia, o som intermitente da artilharia ameaçava os que se aventuravam em busca de comida ou para coletar um pouco d’água nas bicas públicas; à noite, os sinistros zunidos,

estampidos e estouros das bombas chovendo do céu eram uma ameaça para todo mundo.

A artilharia agora estava bem próxima — apenas treze quilômetros dali e se aproximando rápido — e o bombardeio era praticamente contínuo. O *Führerbunker* parecia um local mais seguro que as acomodações da família Goebbels na superfície, na Reichskanzlei. Hitler ordenou que Josef e Magda Goebbels se mudassem imediatamente com suas seis crianças, entre cinco e doze anos. No entardecer de 22 de abril, eles foram alojados nos quatro quartos contíguos antes usados pelo dr. Morell, no *bunker* menor do nível superior. Helga, Hilde, Harald, Holde, Hedda e Heide não tinham ideia do destino que os aguardava e todo mundo fez o melhor que pôde para garantir que continuassem assim, embora Helga, a mais velha, obviamente suspeitasse de algo e se mostrasse agitada e triste. Para os menores, significava que *Mutti* e *Vati*, o querido *Onkel* Adolf e *Tante* Eva estariam sempre por perto para brincar com eles. Também ficaram empolgados com os filhotes — as “salsichas”, como Eva os chamava — de três semanas de idade de Blondi. “As crianças dos Goebbels eram a única luz brilhante na vida sombria do *bunker*. Elas falavam de ‘estar na caverna’ com *Onkel Führer* e todo mundo entrou no jogo de tornar sua permanência a mais agradável possível para elas.”^[49] As seis lindas e educadas crianças caminhavam em ordenada procissão pelos corredores, encantando e compadecendo todos que as viam. Seus pais haviam determinado que não viveriam numa Alemanha derrotada, privadas dos destinos que suas cabecinhas loiras lhes haviam conferido. Magda, ainda uma nazista fanática, declarou: “Prefiro ver meus filhos mortos a viver em desgraça, como motivo de zombaria. Não há lugar para eles na Alemanha que existirá depois da guerra”.

A tarefa mais difícil de Eva, à parte morrer, era escrever uma derradeira carta para a irmã em adiantada gravidez. Ela afirmara a Herta no dia anterior que não era capaz, contudo, sabia que teria de fazê-lo. Expressou-se com cuidado, sem enfatizar a gravidade da situação, mas tentando não alarmar a vulnerável Gretl. (A carta de fato chegou, notavelmente rápido, quatro dias depois, em 27 de abril.)

Berlim 23.IV.45

Minha querida irmãzinha,

Como lamento por você, recebendo de mim uma carta dessas! Mas não há outro jeito. A qualquer dia, agora, a qualquer hora, tudo pode estar acabado, de modo que tenho de aproveitar esta última oportunidade para lhe dizer o que ainda precisa ser feito. Em primeiro lugar: Hermann [Fegelein, marido de Gretl] não está mais aqui! Partiu para Nauen, a fim de organizar seu batalhão ou algo assim. Estou absolutamente convencida de que você o verá novamente: sem dúvida abrirá caminho, talvez conduzindo a resistência na Baviera por mais algum tempo. O próprio *Führer* perdeu toda a fé num desenlace feliz. *Todos aqui, incluindo eu*

mesma, manteremos a esperança enquanto vivermos. Ergam a cabeça e não se desesperem! Ainda há esperança. Mas é desnecessário dizer que não permitiremos que nos capturem com vida.

Minha fiel Liesl [Anneliese, sua criada pessoal] não me deixará. Já sugeri inúmeras vezes. Gostaria muito que ela ficasse com meu relógio de ouro.

Infelizmente, deixei-o para Miezi [uma amiga] em meu testamento. Talvez em vez disso você pudesse dar a Miezi alguma outra peça igualmente valiosa dentre minhas joias. Tenho certeza de que fará a coisa correta. Fora isso, gostaria de continuar usando o bracelete de ouro com a pedra verde até o fim.

Pedirei que seja removido depois e então você deve sempre usá-lo, como sempre fiz. Também ele foi deixado para Miezi no testamento. Assim, por favor, proceda quanto a isso do mesmo modo. Infelizmente, meu relógio de diamante está no conserto — vou lhe dar o endereço no fim desta carta. Com alguma sorte, ainda será capaz de recuperá-lo. É para você: sempre quis um. O bracelete de diamante e o pingente de topázio também são seus — foram presente do *Führer* em meu último aniversário. Espero de fato que esses meus desejos sejam cumpridos.

Além disso, insisto em que faça o seguinte: destrua toda a minha correspondência particular, sobretudo no tocante a transações. Não quero nenhuma conta daquela Heise [a costureira de Eva] sendo encontrada sob qualquer circunstância. Também destrua por favor o envelope endereçado ao *Führer*,^[50] que está a salvo no *bunker*. Por favor, não leia! Quanto às cartas do *Führer* e meus esboços de resposta (num caderninho de couro azul): por favor, embrulhe num pacote à prova d'água e enterre. Não destrua, por favor!^[51] Há algumas contas pendentes da empresa de Heise e é bem possível que ainda algumas notas estejam por chegar, mas isso não ultrapassará RM 1.500. Não tenho ideia do que você deve fazer com os filmes e álbuns de fotografia. Em todo caso, espere por favor até o último momento antes de destruir tudo, a não ser pela correspondência comercial, a particular e o envelope para o *Führer*, que pode queimar imediatamente. Também lhe mando alguma comida e tabaco, junto com esta. Por favor, dê parte do café para Linders e Kathl; por favor também lhes dê um pouco do alimento enlatado que há em meu porão. Os cigarros em Munique pertencem a Mandi, assim como os que estão na mala. O tabaco é para o papai, o chocolate, para a mamãe. Há um pouco mais de chocolate e tabaco no Berghof: sirvam-se de tudo que puderem. Não consigo pensar em mais nada. Começaram a dizer agora há pouco que as coisas estão melhorando. Ontem, o general Burgdorf dava nossas chances como sendo de dez por cento, mas agora ele subiu para cinquenta por cento. *Então! Quem sabe tudo não dará certo no final?*

Arndt chegou com a carta e a mala? [Wilhelm Arndt tomara um avião em 22 de abril, mas a aeronave foi abatida e não houve sobreviventes.] Dizem por aqui que o avião não chegou a tempo. Esperemos que Morell tenha descido em segurança aí com minhas joias. Seria horrível se algo acontecesse. Pretendo escrever para *Mutti*,

Herta e Georg logo pela manhã, se puder.

Mas por hoje chega.

Agora, minha querida irmãzinha, desejo-lhe muita, muita felicidade. E não se esqueça, sem dúvida verá Hermann outra vez!

Com meus melhores e mais queridos votos e um beijo,

Sua irmã,

Eva

PS. Acabo de falar com o *Führer*. Ele parece estar com uma visão mais otimista do futuro do que estava ontem. O endereço do relojoeiro é: SS-Unterscharführer Stegemann, SS Lager Oranienburg, evacuado para Kyritz.[52]

Este foi o último contato registrado de Eva com o mundo exterior. As linhas telefônicas estavam cortadas, as estradas, bloqueadas, e nenhum piloto em sã consciência se arriscaria a voar para fora de Berlim. A carta não contém uma palavra de arrependimento ou de autopiedade. Os pensamentos de Eva eram dirigidos inteiramente à irmã, aos pais, às amigas e à fiel criada.

Em 22 de abril, enquanto os Goebbels se instalavam, o barão Freytag von Loringhoven — ajudante-de-ordens do general Krebs e um dos únicos três sobreviventes dos derradeiros dias no *bunker* ainda com vida na época em que eu escrevia[53] — chegou ao abrigo, com as tropas russas iniciando seu ataque final a Berlim. O *Führer*, sabendo que tudo estava perdido, mas determinado a lutar até o fim, pediu a Krebs que permanecesse em Berlim como principal conselheiro militar. Von Loringhoven admite: “Pensei: ‘eis minha sentença de morte’”. Fizeram-se os preparativos para que as últimas mulheres deixassem o *bunker* e ele recordou: “Jamais esquecerei como Morell suplicou, em 22 e 23 de abril. Ficou sentado ali como um gordo saco de batatas, implorando para tomar o avião. E conseguiu”.[54] Em resposta ao pedido de Morell, Hitler evidentemente foi ríspido: “Tire este uniforme e volte a ser o médico da Kurfürstendamm!”.[55]

Em 23 de abril, o dr. Morell partiu do *bunker*, assim como Julius Schaub, que fora o principal ajudante de Hitler por vinte anos, quase todas as mulheres remanescentes, diversas estenógrafas e muitos outros mais.

Morell, grunhindo de alívio na estrada para o sul, deve ter se cumprimentado por sua fuga. Como todo vigarista, era um sobrevivente nato.[56]

A ÚLTIMA BATALHA DE HITLER

EM 23 DE ABRIL, UM INSOLENTES telegrama foi despachado de Berchtesgaden. Era Göring, agora refugiado a salvo, fora do alcance de Hitler, propondo que, uma vez que o *Führer* estava incapacitado, nas circunstâncias, de conduzir a guerra desde Berlim, ele deveria “assumir a liderança do Reich com todos os poderes imediatamente. [...] Se nenhuma resposta for recebida até as dez da noite, vou pressupor que o senhor perdeu a liberdade de ação e considerar as condições de seu decreto [um acordo de abril de 1941 para entregar o cargo a Göring sob determinadas circunstâncias] como cumpridas”. Quando se soube também que Göring iniciara secretamente aproximações com o inimigo, a ira de Hitler foi terrível. Lançou imprecações contra seu segundo em comando — aquele porco cujo chiqueiro ajudara a cercar de luxo —, destituiu-o de todas as suas condecorações e responsabilidades oficiais e ordenou sua prisão. Anunciou que Göring não era mais o *Oberfeldshaber* encarregado da Luftwaffe e designou o tenentegeneral Ritter von Greim para o posto. Foi uma desilusão amarga descobrir que o principal subordinado não reverenciava seu gênio e liderança, como ele achava, mas meramente cobiçava a pompa do poder e as posses magníficas que o acompanham.

Em 24 de abril, Speer voltou ao *bunker*, indo embora outra vez oito horas depois.

Eva Braun afezrou-se à crença de que Albert Speer, o favorito de Hitler e bom amigo dela, iria juntar-se a eles no *bunker*. “Eu o conheço; sei que irá”, ela tranquilizava Hitler. “É seu amigo, um amigo de verdade; não ficaria longe.”^[1] Em 24 de abril, de fato ele regressou. Speer tomara um voo para Gatow — a única pista de Berlim ainda aberta para o tráfego — e dera um jeito de chegar ao *bunker*, onde foi recebido com espanto e alegria. Mais de quarenta anos depois, ele contou: “Embora houvesse anunciado minha chegada iminente pelo telefone, os ajudantes de Hitler, que encontrei bebendo no andar de cima, em seu apartamento na Chancelaria, pareciam inteiramente perplexos de me ver”. Traudl Junge confirmou:

Ficamos pasmos de ver Speer. Não parecia haver razão alguma para que voltasse, mas achamos que foi maravilhoso de sua parte. E Eva Braun, de quem a essa altura eu me tornara razoavelmente amiga, estava de fato nas nuvens com sua volta, bem como ela previra. Todo mundo sabia quanto o estimava; fora de fato seu único amigo no alto escalão por anos. Mas, mais que isso, ela estava feliz por Hitler.

Nessa noite, Speer e Hitler conversaram por horas e Speer admitiu pela primeira vez que deliberadamente desconsiderara as ordens de Hitler de destruir a Alemanha, sem

deixar nada senão “terra chamuscada” no caso de vitória aliada, mas Hitler evidentemente perdoou seu ato de rebeldia. O antigo protegido mais tarde recordava:

O *Führer* parecia muito velho, muito cansado, mas na verdade muito calmo, resignado, pareceu-me, pronto para o fim. [...] Porque agora tudo que dizia estava impregnado com esse sentimento, seu suicídio planejado, e ele me assegurou que não sentia medo, mas estava feliz por morrer. [...] Discorreu sobre todos os detalhes: que Eva Braun decidira morrer com ele, que daria um tiro na cadela Blondi antes de morrer.

(Na verdade, foi o dr. Stumpfegger quem sacrificou Blondi, por envenenamento. Hitler estava preocupado em que as pílulas de suicídio que Himmler lhe dera pudessem ter perdido a validade e serem ineficazes. Usou Blondi como “probadora” para ter certeza de que funcionariam. O homem que estava preparado para deixar Eva Braun morrer consigo — talvez até mesmo enfiar ele mesmo a pílula de cianureto entre seus lábios — não tinha coragem de matar o próprio cão. “Hitler gostava muito da cadela e sentiu profundamente aquela morte”, observou Erna Flegel. O sentimentalismo, o persistente vício da Alemanha, permitia que isolasse seus sentimentos dos escrúpulos morais.)

Speer permaneceu no *bunker* por oito horas, para uma reunião sobre a situação. Quando terminou, quis dar um último adeus a Magda Goebbels. Sempre admirara sua inteligência e firmeza e esperava persuadi-la a não morrer, sobretudo a não matar as seis crianças em nome de Hitler, mas deixar Berlim enquanto ainda podia. Sua secretária lembrou após a guerra: “Speer chegou a conhecê-la bem; [...] era seu confidente, então, como era e seria até o fim para Eva Braun”.^[2] Ela estava prostrada na cama, com um ataque de angina, pálida, chorando. Speer ficou furioso quando seu marido se intrometeu, impedindo qualquer intimidade nesse encontro final. “Foi ele, aquele monstro”, explodiu, “que, em nome de parecer heroico para a posteridade, forçara aquela decisão horrível [matar as crianças] da parte dela. E então nem mesmo me permitiu alguns momentos a sós com ela. Revoltante.” Nunca houve qualquer coisa minimamente imprópria entre os dois, mas Speer respeitava o intelecto de Magda e sua aparente dignidade diante das infidelidades flagrantes do marido. Era uma das poucas pessoas no Berghof que considerava sua igual.

Mais tarde, por volta da meia-noite, um ordenança apareceu para dizer a Speer que fora convidado a visitar Eva. Por mais de duas horas conversaram e focaram, relembando as férias de esquí, as longas caminhadas pelas montanhas e florestas nas cercanias de Obersalzberg. Conversaram sem recriminações ou sentimentalismo; dois velhos amigos que confiavam um no outro e se admiravam mutuamente, numa última entrevista carinhosa. Que Speer gostasse tanto de Eva depõe um bocado a favor de sua inteligência e integridade. Ele deve ter reconhecido — coisa que bufões libidinosos como Bormann e Göring não fizeram — sua total sinceridade no amor por Hitler. Speer, a seu próprio modo cego de amor pelo *Führer*, quando não inteiramente entregue à afeição

desinteressada, reconhecia e respeitava isso. Em suas memórias, escreveu: “Era a única candidata a morrer no *bunker* que exibia uma compostura superior e admirável”.^[3]

Eva pediu Moët et Chandon e bolo para os dois. (Foi a única pessoa, comentou Speer, a perceber que ele, não tendo comido nada o dia inteiro, devia estar faminto, e essa solicitude era típica dela.) Disse-lhe mais uma vez como estava feliz com sua presença ali: o *Führer* começara a pensar que nem ele estava a seu lado. Evidentemente presumiu que Speer planejava ficar e morrer com Hitler.

Disse-me [relembrou Speer trinta anos depois]: “Você veio. Eu disse a ele que o faria. E isso prova que está do lado dele”. Eu não sabia o que dizer, logo para ela, mas contei que não pretendia ficar, e que partiria um pouco mais tarde, naquela noite. Ela disse, muito calmamente, que é claro que devia.

Aquela jovem, contou a sua biógrafa, foi a única pessoa no *bunker* a mostrar dignidade, o que chamou de “quase um tipo de serenidade alegre. E então ela pousou o braço no meu, apenas por um momento, e disse que se sentia muito feliz por estar onde estava e que não tinha medo. Ah, aquela garota...”

As três da manhã, mais ou menos, um ordenança veio avisar que Hitler havia acordado e os dois se despediram. “Ela me desejou boa sorte e mandou seus cumprimentos a minha esposa. Foi extraordinário. Diante daquilo, uma simples garota de Munique, uma ninguém [...] e, contudo, uma mulher notável. E Hitler soubera disso; não acho que houvesse demonstrado com frequência, mas ele sabia.”

Hitler ofereceu a Speer um adeus mais breve e frio. “Ah, está de partida. Certo. Bom, adeus.” Nada de cumprimentos, agradecimentos, lembranças. Era daquele homem que Speer fora o adorado amigo e confidente pelos últimos onze anos, por quem passaria os próximos vinte na prisão de Spandau, para ser liberado em 1966 com a idade de 61, os melhores anos de sua vida desperdiçados.^[4] Ao ser questionado por que voltara para visitar Hitler pela última vez, Speer disse, no Julgamento de Nurembergue: “Achei que era minha obrigação não fugir simplesmente como um covarde, mas encarar aquilo tudo uma vez mais”.^[5] Para Gitta Sereny, ele contou uma história completamente diferente, explicando que quando os demais deram adeus a Hitler, no dia 21, ele mesmo não se despediu. “Nunca fui capaz de explicar isso a mim mesmo, depois”, disse. “Talvez fosse porque soubesse — embora não conscientemente, decerto — que iria voltar a vê-lo. Mas também é claro que podia ser que eu não suportara me despedir dele... daquela forma” — quer dizer, publicamente. A ligação entre os dois era diferente da que Hitler tivera com qualquer outro companheiro. Era mais forte, intensa e íntima. Mais que um relacionamento entre pai e filho, era quase um caso de amor platônico.

Toda a sua equipe, exceto os considerados indispensáveis, receberam ordens de Hitler de fugir como pudessem. Ele rogou a Magda Goebbels que partisse com seus filhos enquanto ainda era possível, mas ela se recusou. Helga deve ter percebido o que estava acontecendo — as crianças mais novas, felizmente, não — e implorou que a

deixassem ir, dizendo que não queria morrer.

Nos últimos dias, o olho direito de Hitler começou a doer intensamente e Günsche teve de lhe ministrar pastilhas de cocaína para amortecer a dor. Hitler se comparava a Frederico, o Grande, que perdera os dentes devido ao estresse da Guerra dos Sete Anos. Erna Flegel, que listou os sinais de seu declínio físico, acrescentou: “Quando estava no ambiente, o lugar ficava inteiramente preenchido por sua personalidade — tudo o que se via era ele. O mais fascinante naquele homem eram seus olhos: mesmo perto do fim, era impossível desviar o olhar deles”. A despeito da inegável deterioração de Hitler, seu carisma ainda era capaz de atrair. Por mais irracionais e *impossíveis* que fossem suas ordens, os seguidores mais leais continuavam a obedecer.

Em 25 de abril, sem ser notado de imediato, Fegelein abandonou o *bunker*. Em 26 de abril, o tenente-general Ritter von Greim e Hanna Reitsch chegaram, tendo sido chamados por Hitler apesar da quase impossibilidade de voar para Berlim.

Em 24 de abril, ele mandou chamar Ritter von Greim, que estava em Munique, para receber em pessoa a promoção de chefe da Luftwaffe. Os céus da Alemanha zumbiam com as aeronaves inimigas como uma nuvem de vespas. O piloto, um *Feldwebel*, que também levava Speer ao encontro de Hitler, esteve no controle a maior parte do tempo. Era uma tentativa perigosamente suicida e o avião foi atacado pelo fogo cerrado ao aproximar-se de Berlim, incapacitando tanto o piloto quanto Von Greim de conduzir o aparelho. Contudo, na tarde de 26 de abril, Hanna Reitsch, segurando o manche por cima dos ombros de Von Greim e planando na altura das copas das árvores, conseguiu realizar um pouso seguro a poucas centenas de metros da Reichskanzlei. Von Greim disse mais tarde: “Ela foi meu anjo da guarda. Pilotou maravilhosamente”.^[6]

Von Greim, o novo comandante-em-chefe, ficara gravemente ferido no pé com o ataque inimigo. O ferimento infeccionou e ele foi obrigado a esperar três dias entregue aos cuidados de Hanna, ajudada pela enfermeira Erna Flegel, até se ver em condições de um encontro com o *Führer*. O moral de Hitler se elevava enormemente com essa demonstração de lealdade e coragem e quando Von Greim foi enfim levado numa maca a sua presença, o *Führer* manifestou profunda gratidão.

Nesse mesmo dia 26, mais à noite, Hitler convocou Reitsch a seus aposentos. Hanna — o primeiro piloto de testes feminino do mundo^[7] — sempre idolatrara o *Führer*. Agora o observava com um misto de comiseração e desespero.

Foi patético assistir à completa deterioração física e mental de um homem, uma tragicomédia de frustração, futilidade e inutilidade, um homem correndo apressado de uma parede a outra de seu derradeiro refúgio, brandindo papéis que esvoaçavam como folhas em suas mãos trêmulas ou movendo botões sobre a mesa para representar exércitos que não mais existiam, brincando impotente de guerra no tampo da mesa.

Ele nada mais tinha a lhe oferecer senão a morte que ela tantas vezes desafiara em seu nome.

Disse, com voz débil:

“Hanna, você faz parte daqueles que morrerão comigo. Todos têm um frasco de veneno.”

Estendeu-lhe dois; um para ela, outro para von Greim.

“Não quero que nenhum de nós caia nas mãos dos russos com vida, nem quero que encontrem nossos corpos. Eva e eu seremos queimados.”

Hanna afundou em lágrimas na poltrona, percebendo pela primeira vez que a causa nazista estava perdida e que Hitler o sabia.

Após a guerra, Hanna Reitsch foi interrogada pelos americanos. Seu depoimento, guardado nos arquivos do NARA, foi citado por poucos historiadores, a despeito dos detalhes sóbrios e convincentes. Seu relato desses derradeiros dias foi descrito por um interrogador como “provavelmente o mais acurado que se poderá obter. Foi uma das últimas, senão a última, pessoas a sair do *bunker* com vida e suas informações são tão valiosas quanto confiáveis”.^[8] Ao ler seu veredicto de Eva, devemos ter em mente que Hanna, além de ser uma leal nazista, era apaixonada de longa data por Hitler e dificilmente poderia deixar de sentir ciúme de sua — conforme a via — indigna companheira. As duas mulheres não poderiam ser mais diferentes.

Hanna disse a respeito de Eva:

Ela fazia jus a seu papel de “enfeite” no círculo do *Führer*. Na maior parte do tempo, ocupava-se em trocar de roupa, fazer as unhas e coisas assim. Na presença de Hitler era sempre encantadora e só pensava em seu conforto, mas no momento em que se via longe de alcance, desandava a imprecar contra os porcos ingratos que o haviam desertado e aceitava a perspectiva de morrer com o *Führer* com a maior das naturalidades.

Ao mesmo tempo, descreveu Eva como dona de uma mentalidade superficial e julgou que não tinha nenhum controle ou influência sobre Adolf Hitler, reputando como uma fantasia a alegação de que um dia haviam tido filhos. Ela pinta uma imagem risível de Goebbels, iludido com a própria importância até o fim:

Ficou louco de raiva com a traição de Göring e caminhava de um lado para outro de seus aposentos minúsculos mas luxuosos cuspidando acusações contra ele. A arenga furiosa ficava ainda mais grotesca com seu andar estupidamente claudicante. “Estamos ensinando ao mundo como morrem os homens por sua honra. Devemos dar um exemplo eterno para todos os alemães, destinado a fulgurar como algo

sagrado nas páginas da história.”

Hanna, uma jovem cujas coragem e fidelidade não precisavam ser alardeadas, desprezava Josef Goebbels e admirou ainda mais sua esposa: “Era uma mulher valente cujo autocontrole, embora forte na maior parte do tempo, desabava de vez em quando em deploráveis acessos de lágrimas. Sua principal preocupação eram as crianças, em cuja presença estava sempre alegre. Ela representava o epitome da doutrina nazista. Foi em reconhecimento a isso que Hitler lhe presenteou com sua insígnia pessoal de ouro do Partido”. *Frau* Goebbels ficou profundamente comovida com o gesto e usou o broche o tempo todo nos dias que precederam sua morte. No final, ele foi encontrado, ainda preso em seu vestido. No momento, permanecia na cama num estado de prostração nervosa, deixando que as cozinheiras e secretárias tomassem conta das crianças, cuidando para que comessem em horários regulares e repousassem bastante. Quando conseguia sair da cama, explodia em lágrimas assim que as via. Traudl Junge preservou um momento tocante: “À noite, Hanna Reitsch e Eva Braun puseram as crianças dos Goebbels na cama. Hanna entoou um cânone a três vozes com elas, as crianças cobrindo o ouvido [este detalhe é que dá vida à cena] para acompanhar a própria voz. Então todos desejaram boa noite uns aos outros e finalmente pegaram no sono”.^[9]

A morte era agora o assunto de todas as reuniões e conversas, um miasma insalubre permeando o ar circundante. Mais do que nunca, só se falava na morte, pesando-se a melhor (mais rápida, menos dolorosa) forma de cometer suicídio. O passatempo favorito e único tópico de conversa no *bunker* era discutir métodos de suicídio.

As pessoas se juntavam para fumar um cigarro e discutiam se era melhor dar um tiro na boca ou na têmpora. Alguém então sugeria um novo veneno que matava instantaneamente. A Chancelaria do Reich tinha uma das melhores adegas do país em seu porão, destinada às recepções. Todo mundo bebia aqueles vinhos e conhaques finos. Poucos prestavam atenção no *Führer*, que raramente saía de seus aposentos. Ele era cruel e egocêntrico, mas não louco. Via a si mesmo como um herói wagneriano, diretamente saído do *Anel dos nibelungos*.

As chances de escapar ficavam mais exíguas a cada dia. Ninguém dizia “igualzinho aos judeus”. Ninguém lá embaixo teria considerado isso, embora, mesmo nesses estertores, milhares, *dezenas* de milhares de judeus continuassem a ser levados às pressas para os campos de extermínio a fim de serem aniquilados. Dentro de alguns dias, talvez horas, os habitantes do *bunker* também iriam morrer, alguns de modo horrível. Qualquer um cujo instinto de sobrevivência o levasse a fugir para a superfície seria tachado de traidor pelos próprios companheiros e fuzilado. Mas a esperança é o último conforto dos condenados e a maioria — sobretudo os jovens, fortes e capazes — esperava secretamente um dia voltar para casa. Eles descobriram o que é a profunda camaradagem que reféns desenvolvem nessas situações extremas. Segundo Erna Flegel:

No fim, éramos como uma grande família experimentando um destino comum numa atmosfera de autêntico companheirismo. A dinâmica terrível do destino que se abatia sobre nós tomou conta de todos. Éramos a Alemanha; estávamos vivenciando o fim do Terceiro Reich e da guerra, tendo esperado até o fim por um desenlace favorável e tolerável. Todas as coisas triviais e externas haviam desabado.^[10]

*Por que tanta gente estava preparada para morrer por Hitler? Não apenas aqueles que lhe eram próximos — alguns dos quais pareciam, bizarramente, preferir a morte a ferir seus sentimentos, como mostra o número dos que mudaram de ideia assim que o próprio Führer morreu — ,^[11] mas também os 7 milhões de alemães, militares e civis, mortos nos campos de batalha, nos reides aéreos, ou que morreram por causa dos ferimentos, de frio e de fome. Que Hitler — o vienense que não tinha onde cair morto e que tentara fugir do alistamento — viesse a se tornar a força motriz inspiradora dessas e de muitas outras mortes, anestesiando o senso moral dos alemães a tal ponto que ignoraram, compactuaram ou negaram as mortes de 6 milhões de judeus e muitos outros milhões de “indesejáveis raciais”, é um quebra-cabeça que vem deixando os historiadores perplexos há sessenta anos. É verdade que ele assumiu o caos de Weimar e o vergonhoso Tratado de Versalhes e transformou a Alemanha num país governado segundo seus próprios princípios de ordem e eficiência. É verdade que subiu ao poder numa época de desastre econômico que suas políticas ajudaram bastante a aliviar. É verdade que era um orador hipnótico capaz de cativar o público; ele compreendia a loucura das multidões e como orquestrar espetáculos que as conduzissem ao frenesi. Mas, embora se regozijasse com a adulação das massas, era emocionalmente frio e odiava tocar estranhos ou ser tocado por eles. Via o povo alemão como uma massa, não como indivíduos. Péssimo juiz de caracteres, depositava a confiança em charlatães interesseiros como o dr. Morell ou Göring, com suas ridículas teorias raciais e cobiça desavergonhada, além de permitir que o Berghof fosse administrado pelo adulator e maquiavélico Bormann. Reservado com os amigos, só Blondi o predispunha à afeição desinibida e ativa. À parte os famosos olhos azuis, era desgracioso — atarracado e trigueiro, e não alto, loiro e ariano, na aparência. Sua inteligência era a do autodidata, elaboradamente detalhada, mas sem nenhum senso de proporção ou conhecimento de países, culturas ou filosofia, exceto as que interessavam a *ele*. O círculo íntimo o julgava enfadonho, seus monólogos tediosos e repetitivos. A despeito disso tudo, foi adorado por milhões como um profeta inspirado e líder de toda a Alemanha. E Eva o amou desde o dia em que o conheceu.*

Adolf Hitler possuía carisma, que é o charme multiplicado por cem, inconfundível quando você encontra; uma combinação de energia intensa e uma atenção ao que parece aprovadora e sincera focada no orador. Embora a vasta maioria dos alemães jamais o tenha visto em pessoa, ele de algum modo conseguiu encarnar seus sonhos e fantasias. Era capaz de tornar seu credo justificado e palatável com fatos e números aparentemente razoáveis, amparado na brilhante máquina de propaganda de Goebbels. Ele falava às suas

emoções e preconceitos mais profundos e inexprimíveis — e *como* falava! Era seu gênio diabólico.

Nada disso explica por que Eva se apaixonou por ele, muito menos por que morreu por ele, uma vez que não sabia coisa alguma de política, tampouco se interessava pelo assunto. Aos dezessete anos, a idade que tinha ao conhecê-lo, era fútil, crédula e facilmente impressionável. Os galanteios de um homem mais velho, sobretudo para uma garota que parecia jamais agradar ao pai, viraram sua cabeça. Seu charme e cavalheirismo, os pequenos presentes e favores que oferecia, pareciam mostrar, em sua ingenuidade, que estava sinceramente interessado nela. A tática do sedutor de se aproximar e ignorar mantiveram sua fixação nele — sofrimento emocional nunca foi impedimento para uma jovem. Mas por que — presumindo que o relacionamento físico tenha começado em 1932, quando estava com vinte anos — teria permanecido amarrada nele ao longo dos trinta anos seguintes? Talvez como reação à obsessão mórbida que Hitler tinha pela morte. Drácula, o anti-herói romântico ao extremo, sempre teve forte atração erótica por garotas jovens. Fazer lavagem cerebral numa jovem para levá-la a dar um tiro através do pescoço ou a esmagar uma ampola de veneno entre os dentes são os métodos usados pelo vampiro moderno.

Eva era um tanto quanto possuída pela morte.^[12] Suas impressões da primeira infância, absorvidas nos anos cruciais antes do sétimo aniversário, eram canções simples e histórias assustadoras sobre crueldade e morte; velhas horrendas dos contos de fada dos Irmãos Grimm, derivados das bruxas originais de *Walpurgisnacht*, que mancomunavam com lobos (lobos!) para matar garotinhas — como a bruxa de “Joãozinho e Maria”, que é empurrada para um caldeirão fervente. Na infância, viveu à sombra do morticínio maciço da Primeira Guerra Mundial, que expunha homens mutilados e aleijados nas ruas de Munique, exibindo suas deformidades no evento mais importante do ano para as crianças, a Feira Natalina. Eva tinha quinze anos quando morreu sua adorada avó, Josefa Kronburger: a *Oma* que fora o espírito guia dos confusos anos de juventude. O convento encheu sua mente com cenas macabras de punição, morte e fogo infernal. Wagner — quantas vezes Hitler a levava para ver *Götterdämmerung*? — prometia a mesma imolação, a morte como recompensa, dessa vez. Por toda a sua vida, a ameaça da morte foi tão real e onipresente para Eva Braun quanto o abuso sexual ou o sequestro são para a criança de hoje. Era uma perspectiva que vivia e aceitava como seu destino. Hitler era o Mefistófeles que a prometia, tentando-a (como tentara outras jovens) ao suicídio. Isso também era seu gênio diabólico.

Na noite de 26 de abril, um pesado fogo de barragem choveu sobre a Reichskanzlei, enchendo o *bunker* com o estampido dos obuses e o estrondo da alvenaria desabando. Na manhã seguinte, Hanna Reitsch conheceu o grupo de seguidores leais, gente que permanecia para morrer com Hitler,^[13] incluindo, é claro, as duas últimas secretárias, Traudl e Gerda, além de Eva e sua criada Annaliese. Mais de cem pessoas continuavam por ali, dormindo precariamente em camas de campanha, se tivessem sorte — a maioria

tinha de dormir no chão — , alimentando-se parcamente, respirando ar reciclado, escrevendo cartas de despedida, bebendo, fumando e jogando cartas. Os vegetais frescos de Hitler não mais chegavam — eram o único luxo que se permitira ao longo de toda a guerra — , mas suas refeições eram bem preparadas e agradáveis. Mesmo assim, continuava sendo atormentado por dores de estômago excruciantes.

Eva, que não gostava das coisas que Hitler comia e raramente o acompanhava nas refeições, continuava a se portar com graça e consideração com todo mundo — o que devia ficar mais fácil com o uso do banheiro de Hitler e de sua fiel criada, Liesl, para manter as roupas limpas e passadas e poder se trocar várias vezes por dia. Numa situação extraordinária onde cada evento era pior que o anterior, continuava fazendo coisas triviais. Não era heroica, mas era firme. Não se queixava, não chorava, nem fazia cenas, embora decididamente houvesse se tornado mais autoconfiante. Fez o que sempre fazia: servir a Hitler; tentar, naquele cinza submundo de concreto, oferecer leveza feminina e breves momentos de prazer. É impossível exagerar a tensão que suportava, junto com as outras mulheres encarceradas ali embaixo, a maioria com vinte e poucos anos. A devoção ao *Führer* e a crença em suas promessas chegaram a um beco sem saída, um buraco do inferno apinhado de soldados feridos, gemendo, sujos e muitas vezes bêbados, espremidos a palmas de distância dos amigos e da equipe de Hitler, chefes militares e seus ordenanças, privados de quase qualquer intimidade, conforto, higiene, luz solar, ar fresco e exercício. A falta deste último, em particular, devia ser uma tortura para Eva, acostumada a nadar, caminhar e escalar ao ar livre até que seu jovem corpo ficasse exausto.

Na tarde de 27 de abril, o *bunker* mergulhou em consternação. Hitler mandou chamar o *Gruppenführer* Hermann Fegelein, oficial de ligação da Waffen-SS. Fegelein não foi encontrado.^[14] Sua esposa Gretl deveria dar à luz em poucos dias. Teria ele ido a seu encontro em Munique? Um oficial encarregado de procurá-lo descobriu Fegelein com roupas civis no confortável apartamento de Charlottenburg, para onde costumava levar suas namoradas — um casanova tanto agora quanto antes do casamento. Estava calmamente deitado na cama, com ou sem sua amante húngara, que podia ou não ter cabelos ruivos cor de fogo, tudo depende da história em que se vai acreditar. Segundo Traudl Junge, ligou de lá mesmo para Eva, dizendo que todos que permanecessem com Hitler estavam condenados. Não havia necessidade nem tempo de pensar mais; tinha de ir a seu encontro e fugir enquanto ainda podia.

“Eva, deve deixar o *Führer*. Não seja estúpida. É questão de vida ou morte!”

Ela respondeu: “Hermann, onde diabos se meteu? Volte imediatamente; o *Führer* já andou perguntando por você, quer conversar”.

Então a ligação caiu.^[15]

Eva, cuja lealdade a Hitler era ainda maior do que à irmã, recusou-se a ir.

Hanna Reitsch tinha uma versão diferente. Segundo ela, Fegelein, ainda desafiador,

fora capturado nas imediações de Berlim e levado de volta ao *bunker*. Na noite de 28 para 29 de abril, mostraram ao *Führer* uma matéria da Reuters alegando que Himmler e seu assistente, o garboso e confiante Fegelein, estavam envolvidos nas negociações de paz com o conde Folke Bernadotte, o representante sueco da Cruz Vermelha que agia como intermediário para os aliados. (Essas propostas foram recusadas, os aliados insistiam na rendição incondicional.) Hitler, naturalmente, ficou furioso; mas talvez levando em consideração a posição de Fegelein na família Braun, assim como a longa e dedicada folha de serviço de Himmler, aguardou até a confirmação do primeiro relatório.

Em 28 de abril, os veteranos condenados naquele mundo inferior captaram um informe da rádio de Estocolmo confirmando os rumores de que Himmler mantivera conversações com os aliados.^[16] Isso era a suprema traição. Himmler fora um dos primeiros companheiros de Hitler, um veterano do Putsch da Cervejaria, em 1923. Agora ele — *até ele* — ingressara no rol dos traidores. Hitler vociferou como louco, o rosto tão injetado de sangue a ponto de se tornar irreconhecível, fora de si de raiva e, por mais estranho que pareça, mágoa. Quase todos os mandachuvas odiavam Heinrich Himmler, o sádico *Reichsführer* da SS e cruel ministro encarregado dos campos de concentração e extermínio, mas Hitler alimentara teimosamente a crença de que era um homem leal e confiável. Mais uma vez se provou enganado. A corte nazista que prodigalizara com recompensas era uma fraude — um bando vazio, mentiroso e interesseiro. Göring, Fegelein, até Himmler... seu *fidus Achates*,^[17] ou “*treuer Heinrich*”... o fiel Heinrich.

Enfurecido e diante da possibilidade de mais traições, o *Führer* fez a única coisa que podia: ordenou a corte marcial de Fegelein. Nesse ponto, Eva interveio, implorando que poupasse o cunhado em nome de sua irmã e da criança por nascer, que de outro modo viria ao mundo sem um pai. Hitler se recusou e Eva, em lágrimas, respondeu, submissa: “Você é o *Führer*”. Fegelein ficou preso no *bunker* a sete chaves. Às onze da noite de 28 de abril, quando a cumplicidade de Fegelein nas negociações de paz foi confirmada, levaram-no para o jardim da Reichskanzlei e executaram-no.

À meia-noite de 29 de abril, o tenente-general Ritter von Greim e Hanna Reitsch deixaram o *bunker* com ordens de prender Himmler. Chegaram em segurança e Hanna conseguiu entregar a última carta de Magda para o filho de 21 anos, Harald, mantido prisioneiro num campo britânico.^[18]

Em 29 de abril, o major Von Lorignhoven e dois outros oficiais receberam ordens do general Krebs de fugir de Berlim e se juntar às forças de Wenck, ainda tentando em vão libertar a cidade. Eles foram até Hitler para ter suas ordens assinadas e partir. “Hitler estava muito calmo. Por um breve instante, tive a sensação de discernir um sinal de inveja em sua voz. Éramos jovens e saudáveis e tínhamos uma chance de sobreviver. Ele estava condenado.”^[19]

No mesmo dia, chegaram notícias de que os russos iriam esmagar a Reichskanzlei na manhã seguinte e que no momento aproximavam-se da Potsdamer Platz com milhares de homens. O castigo estava a caminho, não em marcha uniforme, mas arremetendo,

bombardeando, esquivando-se, abrigando-se e lutando através das valas esburacadas que outrora haviam sido ruas, rompendo os últimos focos deploráveis de resistência da escangalhada Wehrmacht e crianças e velhos da Volkssturm, que lutavam para defender seu líder e o credo que este lhes inspirara. Hitler fracassara em sua ambição de legar à Europa um regime baseado na superioridade racial; fracassara em esmagar as hordas comunistas do leste; fracassara em varrer os judeus e todos os demais “imperfeitos”, indesejáveis e “inaptos para viver” — católicos, ciganos, homossexuais, deficientes físicos ou, pior ainda, mentais. O Terceiro Reich não iria desperdiçar recursos que seriam mais bem gastos na criação dos bebês arianos ou permitir que seus genes perfeitos fossem contaminados. A loucura do homem se tornara a loucura de uma nação,^[20] quase de todo um continente, mas isso chegava ao fim.

Durante os doze anos do Terceiro Reich, muitos alemães mantiveram um sentimento de honra, ordem e patriotismo subjacente para com o que Von Stauffenberg e seus seguidores chamaram de “a Alemanha Secreta”, e alguns resistiram bravamente aos nazistas — mas não o bastante. Muitos mais haviam sido seduzidos pelo *Führer*. Para eles, o sonho parecia não só possível, como também *justo*. O resultado era a derrota que agora enfrentavam. A guerra levava a vida de 13,6 milhões de soldados russos, 3,25 milhões de tropas alemãs, meio milhão da Inglaterra e da *Commonwealth*, quase 300 mil americanos e 120 mil poloneses, cada um deixando luto e saudade.

A única iniciativa que restava a Hitler era escolher a hora e o modo de sua própria morte e a do seu leal séquito. Isso não poderia ser pior que a vingança infligida pelos russos sobre seu cadáver exposto. Hitler sempre odiara que o vissem sem roupa e ficava aterrorizado com a ideia de que o mundo pudesse escarnecer de seu corpo pálido e flácido. Em 28 de abril, os cadáveres de Mussolini e sua amante Clara Petacci haviam sido pendurados de cabeça para baixo numa estrutura armada na Piazza Loreto, em Milão, alvo da zombaria de uma turbamulta jubilosa.^[21] O envenenamento ou a pistola eram um destino melhor, seguido de uma pira funerária que não deixaria nada para trás exceto uma pilha de cinzas.

Em 29 de abril, à noite [segundo registrou Erna Flegel], foi dada a notícia de que Hitler nos receberia a todos. Eram 10h30 quando chegaram instruções para que ficassemos de prontidão. À meia-noite e meia nos apresentamos. Cerca de 25 a trinta pessoas já se reuniam ali [...] as secretárias, as faxineiras e alguns estranhos, que haviam buscado refúgio no *bunker*. Todos perfilados. Os nomes daqueles que Hitler não conhecia foram soprados em seu ouvido e ele passou apertando a mão de um por um conforme percorria a fila. “Cada um”, disse Hitler, “deve permanecer em seu posto e, se o destino assim o exigir, aí tombar!” Tive a sensação de que no seu entender éramos o tribunal do povo alemão, diante de quem vinha se apresentar, já que não dispunha de um mais abrangente. [...] Todo mundo ficou com a sensação de que aquilo era um adeus e isso nos afetou profundamente, pois é claro que acreditávamos que nenhum de nós sairia daquele inferno com vida.

Hitler decidira que assim que a carnificina dos russos chegasse aos jardins da Reichskanzlei, o suicídio em massa dos remanescentes deveria começar. O momento era agora iminente. Numa farsa ridícula, designou um novo governo, nomeando Goebbels chanceler. Em 28 de abril, reuniu os últimos colegas e disse-lhes que pretendia se matar. Sempre fora obcecado pelo suicídio e agora isso se tornava o teste de lealdade supremo. Quando terminaram de escutar, estendeu-lhes as cápsulas de cianureto de potássio como se fossem docinhos redondos, parecendo morbidamente agradecido de que tantos que haviam compartilhado de sua vida agora fossem compartilhar de sua morte. (A cápsula de Hanna foi mais tarde examinada por seu interrogador. Era um pequeno tubo de latão com uma tampa removível, contendo uma minúscula e frágil ampola de vidro com cerca de meia colher de chá de um líquido marrom-escuro.) O *Führer* deu instruções sobre como usar o veneno — quebrar a ampola entre os dentes e engolir o conteúdo rapidamente. (Mas se os cacos de vidro? A morte será instantânea; você não vai sentir nem um arranhão.) Todos escutaram, hipnotizados. Nas últimas horas do Reich, o domínio de Hitler não diminuía. Todos os presentes resolveram compartilhar de seu destino comendo as maçãs envenenadas que Hitler lhes dava.

Mais tarde, ele contou às secretárias e a Eva que a melhor forma de morrer era dando um tiro na boca. Eva, agindo de modo bem característico, disse que não seria capaz de apontar uma arma para a própria cabeça — queria ser um belo cadáver. Preferia o método do veneno.

“Fico imaginando se dói muito. Tenho tanto medo de sofrer por um tempo prolongado. Estou pronta para morrer de modo heroico, mas pelo menos quero que seja indolor.”

Ao ouvir isso, Traudl e *Frau* Christian pediram uma pílula de cianureto e Hitler deu uma para cada, dizendo sentir muito por não poder lhes oferecer um presente de despedida melhor.

A coragem de Eva não lhe faltou. Hitler finalmente descobria quais dentre seus seguidores eram verdadeiramente leais. Apenas uns poucos valentes, homens como Günsche e Heinz Linge, seus criados pessoais, e as mulheres, acima de todos, Eva. Era hora de conceder a ela o reconhecimento público, juntando o nome dela ao seu no rol da história. Estavam prestes a morrer juntos. Podia muito bem ser como marido e mulher.

Depois, algumas mulheres se recolheram aos aposentos de Eva. Traudl Junge se recorda:

Eva disse a *Frau* Christian e eu: “Aposto que vão estar chorando outra vez hoje à noite”. Olhamos para ela aterrorizadas.

“Tão cedo?”

“Não, não, é outra coisa. Vamos ficar comovidas com o que vai acontecer, mas não posso dizer mais nada, por enquanto.”

Em 30 de abril, vários ajudantes de Hitler, incluindo Nicolaus von Below, partiram do *bunker*.

Ao longo desses dias apocalípticos, a bondade e a consideração de Eva permaneceram inalteráveis, ainda que às vezes se revelassem pouco razoáveis. No dia 30 de abril, ela convidou Traudl Junge ao seu tocador e, abrindo o guarda-roupa, tirou do cabide um magnífico casaco de pele de raposa: um traje de estrela de cinema para acompanhar seus sonhos de estrela de cinema. Estendendo-o para os braços de Traudl, disse: “Fique com isto. Use e aproveite”.

Uma canção popular da época, muito executada nas ondas do rádio para encorajar as tropas e alegrar suas famílias, dizia o seguinte: “*Es geht alles vorüber, es geht alles vorbei,/ Nach jedem Dezember kommt wieder ein Mai*” — “Tudo termina, todo sofrimento se vai,/ Depois de cada dezembro vem outro maio”. Para Eva, não haveria outro maio.

FRAU HITLER POR TRINTA E SEIS HORAS

A SITUAÇÃO DENTRO DO *bunker* era surrealista, um inferno de concreto povoado de mortos-vivos. Na superfície, a própria terra tremia; no subterrâneo, a morte ocupava a mente de todos. A imaginação se encolhia na iminência de um destino que ninguém poderia ter previsto. Contudo, mesmo nas extraordinárias condições do *bunker*, os fatos ordinários da humanidade encontravam seu espaço. Na noite de 27 de abril, um modesto casamento prenunciou outro matrimônio, mais momentoso e breve, que estava por vir. Ele foi celebrado no outrora grande salão da Chancelaria bombardeada, as paredes em ruínas agora deslizando em pilhas de escombros, as janelas escancaradas para a atribulada escuridão lá fora. Traudl Junge descreveu:

Uma das ajudantes de cozinha casou com seu namorado, um chofer da escolta motorizada. O corajoso rapaz conseguiu até mesmo atravessar as ruas destruídas de Berlim para trazer a mãe e a família da noiva, a fim de que pudessem ver a filha se casando. Um juiz de paz da cidade fez o discurso, mas quando o casal deu as mãos, as paredes e janelas chacoalharam tão alto que mal pudemos escutar as palavras solenes. Todo mundo parabenizou os dois jovens e se enfiou de volta no *bunker* da morte.^[1]

Quando as formalidades terminaram, os convidados festejaram, um com uma gaita, outro com um violino, e os noivos dançaram como gente do campo em seu vilarejo natal. Não se sabe se os recém-casados conseguiram escapar de Berlim, viver juntos uma vida normal, ter filhos e desaparecer na abençoada obscuridade.

Eva Braun sabia que não existia essa opção para ela. Forçada ao anonimato pela maior parte da vida, caiu como que por magia no círculo de Hitler bem no fim. Por doze anos, seu nome não fora mencionado; agora, de repente, estava em toda parte. Sabem-se mais coisas sobre seus dois últimos meses de vida do que sobre todos os 33 anos precedentes. Os sobreviventes desses dias finais no *bunker* elogiaram ou denegriaram sua pessoa diante de jornalistas e historiadores e, como resultado, é possível reconstituir seus últimos momentos com precisão de horas.

Por volta da meia-noite de 28 para 29 de abril, Hitler retirou-se com Traudl Junge para ditar seu testamento pessoal e político. Traudl se lembra perfeitamente da ocasião: “Como vai, minha cara?”, ele me perguntou. “Consegui descansar um pouquinho? Quero ditar algo. Acha que pode fazê-lo?”

Ela só percebeu do que se tratava quando enunciou o título, “Meu testamento”.^[2]

Começava tortuosamente com as palavras:

Uma vez que julguei que não deveria assumir a responsabilidade de me comprometer em casamento durante os anos de combate, decidi agora, antes do término desta vida terrena, casar-me com a mulher que, após vários anos de genuína amizade, entrou voluntariamente na cidade já sitiada para compartilhar de meu destino. Ela ingressa na morte comigo na condição de minha esposa, segundo seu desejo.

As palavras soam como que destinadas a absolvê-lo de qualquer desejo ou responsabilidade pelo casamento, mantendo-se de acordo com suas opiniões previamente expressas, e mesmo nesse estágio avançado não conseguia descrever seus anos juntos senão como “amizade”. O testamento terminava: “Eu e minha esposa escolhemos a morte para escapar da desgraça de sermos forçados à renúncia ou à rendição. É nosso desejo ser cremados imediatamente no lugar onde desempenhei a maior parte de minhas funções ao longo dos doze anos de serviço ao meu povo”. Um rabisco ilegível faz as vezes de assinatura.

Em seguida, Hitler ditou o testamento político,^[3] um documento mais longo e mais incoerente, deixando *Fräulein* Junge para que o datilografasse (tarefa que, com as necessárias cópias, ocupou-a até as seis da manhã). “Datilografei o mais rápido que pude”, disse. “Meus dedos moviam-se mecanicamente e fiquei surpresa de mal cometer erros de datilografia.” Muito depois, ela explicou sua reação ao que datilografara:

Pensei, na hora, que seria a primeira pessoa no mundo a saber por que aconteceria tudo aquilo. Ele diria algo que explicaria tudo, que nos ensinaria algo, nos deixaria com alguma coisa. Mas então, conforme ditava, meu Deus, aquela longa relação de ministros que tão grotescamente designava para suceder-lhe no governo [relação que, estranhamente, não incluía Albert Speer], pensei — é verdade, pensei mesmo, na época — em como era tudo tão indigno. Apenas as mesmas frases, no mesmo tom calmo, e então, no fim, as palavras terríveis sobre os judeus. Depois de tanto desespero, tanto sofrimento, nenhuma palavra de tristeza, de compaixão. Lembro-me de pensar, ele não nos deixa com nada. Um nada.^[4]

As últimas palavras de Hitler a sua nação e ao mundo, inchadas de pompa e ilusão, motivadas até o fim pelo fanatismo racial, concluíam: “Acima de qualquer coisa, ordeno ao governo e ao povo que sustentem as leis raciais ao máximo e que resistam sem piedade ao veneno de todas as nações, o judaísmo internacional”. O documento foi assinado e datado: 29 de abril de 1945, quatro da manhã. O mistério permanecia: como ludibriara dezenas de milhões de alemães, levando-os a aquiescer com o assassinato inescrupuloso de milhões de judeus?

Quatro cópias de seu testamento foram confiadas ao major Johannmeier, último ajudante militar de Hitler, e Lorenz, seu chefe de imprensa, que deveriam guardá-las em Munique e mantê-las a salvo para a posteridade. Com isso, seu trabalho estava feito — não completo, mas finalizado. Hitler não podia mais procrastinar. Chegara a hora de se casar.

O casamento de *Fräulein* Braun e Adolf Hitler teve lugar na abarrotada sala de mapas na madrugada de 29 de abril de 1945,^[5] observando as horas noturnas que eles sempre haviam mantido. O problema de encontrar um juiz de paz para conduzir legalmente o matrimônio foi resolvido por Goebbels, *Gauleiter* de Berlim, que sabia de um oficial de cartório combatendo com o desbaratado Volkssturm. Walter Wagner, um dos conselheiros municipais berlinenses, foi chamado às pressas a fim de conduzir a cerimônia civil e, ao chegar, viu-se diante do próprio *Führer*; não o *Führer* que conhecia, o líder que fizera tremer toda a Alemanha e metade da Europa, mas um homem curvado e frágil de mãos trêmulas e cabelos grisalhos. Tudo nele diminuía de proporção; até sua voz parecia ter encolhido. A seu lado, sorrindo de paixão, estava uma linda jovem que Wagner não reconheceu, usando um elegante vestido azul-marinho com lantejoulas e sapatos pretos de camurça de Ferragamo, a mão entrelaçada no braço do *Führer*. Seria aquilo um plano, um truque, o prelúdio de uma fuga? Walter Wagner deve ter se sentido nervoso e completamente desorientado.

O documento da inteligência americana^[6] que registra a precisa formalidade da cerimônia a descreve quase como se os participantes cantassem a três vozes, ou quem sabe lessem uma peça de Samuel Beckett, curtas linhas alternando-se de ambos os lados da página. Assim começa:

Perante Walter Wagner, conselheiro municipal, designado juiz de paz com o propósito de unir no matrimônio

1. Adolf Hitler, n. 20 de abril [de 1889] em Braunau, residente em Berlim, Reichskanzlei [Hitler deixou em branco o espaço para preencher com os nomes de seus pais]
2. *Frl.* Eva Braun, nascida a 6 de fevereiro de 1912 em Munique, atual endereço Wasserburgerstrasse, 8, residente na Wasserburgerstrasse, 12 [alguma confusão não resolvida quanto a números de casa?]

Pai: Friedrich BRAUN

Mãe: Franziska BRAUN *née* [erro de datilografia] DRONBURGER

3. Testemunha: *Reichsminister* GOEBBELS, dr. Joseph [ele soletrou “Josef”] n. 26 de outubro de 1897, Rheydt, residente em Berlim, Hermann Göring str., 20
4. Testemunha: *Reichsleiter* Martin bormann n. 17 de junho de 1900 em

Halberstadt, residente em Obersalzberg

As pessoas sob os itens 1 e 2 declaram ser de pura descendência ariana e não sofrer de doenças incuráveis que as excluam do matrimônio. Considerando a situação de guerra e as circunstâncias especiais, requerem o matrimônio sob as leis especiais de tempo de guerra. Também concordam com as proclamas orais e desconsideram todas as protelações legais. Admitido e acertado.

“Agora”, diz Wagner, a voz trêmula, Vamos à cerimônia do matrimônio.

Na presença das testemunhas mencionadas sob 3 e 4, pergunto-lhes...

Mein Führer, Adolf Hitler,

Aceita tomar *Frl.* Eva Braun como sua esposa?

Se aceita, responda, “Aceito”.

[Há um espaço em branco para a confirmação de Hitler.]

Agora, pergunto,

Frl. Eva Braun,

Aceita tomar nosso *Führer*, Adolf Hitler, como seu esposo?

Se aceita, responda, “Aceito”.

Após os dois recém-casados terem especificado suas intenções, eu declaro este matrimônio legal perante a lei.

Berlim, 29 de abril de 1945

Lido e firmado,

1. Marido

Adolf Hitler

2. Esposa

Eva

[Ela começou a escrever o sobrenome com B, riscou e assinou:]

Eva Hitler, *née* Braun

3. Testemunha 1

Joseph Goebbels

4. Testemunha 2

Martin Bormann

Firmo Waagner [na comoção, o escrivão errou o próprio nome] como juiz de paz

E isso, nada mais, foi a cerimônia de casamento de Eva. Nenhuma família assistindo, nada de pais enfim amolecidos, nenhum amigo, nada de flores, nada de música, e o Wagner errado.

Uns poucos se reuniram para uma breve recepção e, embora fossem três e meia da manhã, mergulharam no poço sem fundo de champanhe mais uma vez. Hitler bebericou uma pequena taça de Tokay.

E só. Difícilmente o casamento romântico com que ela sonhara, ainda que vários detalhes resumissem os últimos quinze anos. A vergonha de Hitler em relação aos pais, que nem sequer foram mencionados; o segredo guardado a vida inteira sobre seus genes defeituosos — ele se declarou apto ao matrimônio (sem “doenças incuráveis”), sabendo perfeitamente que sob as leis de eugenia nazista não era.^[7] A presença de seus dois gênios do mal, Goebbels e Bormann, atuando de testemunhas, embora nenhum deles se importasse com Eva e achasse o “casamento” uma farsa. A observância absurdamente meticulosa das leis que regiam os casamentos civis, que obrigavam o *Führer* a requerer uma licença para *fazer uma declaração verbal do matrimônio pretendido* — em lugar do quê? De afixar as proclamas na prefeitura de Berlim? A tentativa de se apegar ao protocolo e casar-se por intermédio de um funcionário devidamente qualificado era típica da fidelidade escrupulosa dos nazistas às formalidades, independentemente de quão bizarras ou horríveis as circunstâncias. E, finalmente, o tocante ato falho da noiva ao assinar o próprio nome. Na pressa, à força do hábito, por nervosismo ou talvez alegria de ter realizado a ambição alimentada a vida toda, começou a escrever Eva *Braun*; percebeu o erro, riscou o B e pôs no lugar o nome *Hitler*.

Ele reconheceu suas virtudes e sua devoção, enfim. Por 36 horas, ela teve a profunda satisfação de ser tratada por “*Frau Hitler*”. (Exceto pelo marido, que, segundo alguns observadores, continuou a se referir a ela como “*Fräulein Braun*”).

Traudl Junge lembra-se do fim com clareza cristalina. Na noite do casamento, todos foram para a cama muito tarde — Hitler só às cinco da manhã, a própria Traudl pelo menos uma hora depois disso. Acordaram mais tarde do que o normal, a despeito dos

estouros e chiados de monstruosos fogos de artifício na superfície. A manhã foi passada entre tensão e trivialidades. Mais ou menos às três da tarde de 30 de abril, Traudl recordou:

Havíamos almoçado com Hitler. Depois disso, saí para um cigarro quando Linge veio e disse: “O *Führer* gostaria de se despedir”.

Ele emergiu de seu quarto parecendo mais curvado que nunca e estendeu a mão para cada um de nós. Senti o calor dela, mas seu olhar estava vazio. Parecia muito longe. Disse algo que não consegui entender. Aquele era o momento pelo qual todos estávamos esperando e, agora que chegara, eu me sentia amortecida e mal podia observar o que se passava em torno. Somente quando Eva Braun apareceu é que o encanto foi quebrado. Ela sorriu e me abraçou.

“Por favor, prometa que vai tentar fugir; talvez ainda consiga atravessar o cerco. E, se conseguir, diga à Baviera que eu a amo”, disse, sorrindo, mas com a voz embargada.

Estava usando o vestido favorito do *Führer*, preto, com aplicações de rosas, e seu cabelo fora recém-lavado e lindamente penteado.^[8]

Os dois entraram na pequena sala de estar e fecharam a pesada porta. Os mais velhos da velha-guarda — Goebbels, Bormann, Axmann, embaixador Hewel, Otto Günsche, Heinz Linge, o criado de Hitler, e Erich Kempka, seu chofer — agruparam-se do lado de fora, no corredor, e aguardaram. As mulheres mantiveram distância, ficando em seus próprios aposentos. Traudl Junge escapulira para distrair as crianças dos Goebbels, jogando um jogo com elas. Magda, ainda prostrada na cama, não podia fitá-los sem desabar em lágrimas.

Herr e Frau Hitler sentaram-se lado a lado no sofá, em seus lugares prediletos, ela à direita, as pernas dobradas sob o corpo, de modo que pudesse aconchegar-se junto a ele na posição que sempre ficava, à noite no Berghof, enrodilhada numa grande poltrona, os dois cães negros montando guarda a seus pés. Nenhuma das pessoas do outro lado da porta conseguiu escutar o que foi dito naqueles últimos minutos. A porta bloqueou qualquer som. Não ouviram soluços nem lamúrias, súplicas ou orações, nenhum suspiro, nem mesmo o último grito que todos secretamente esperavam. Sua própria respiração pesada enchia os ouvidos de todos, o acre cheiro de suor enchia suas narinas conforme se aglomeravam, esperando. Um longo silêncio, quebrado apenas pelo ruído do ventilador a diesel. Um ou dois olharam disfarçadamente seus relógios. Cinco minutos, seis...

Juntos e a sós, Eva e Adolf teriam conversado, como sempre faziam, sobre banalidades.

De repente, um estrépito de passos se fez ouvir. Todo mundo virou, assustado. Magda Goebbels vinha feito louca pelo corredor, os olhos arregalados e o cabelo desgrenhado, sem sua postura glacial. Ela parou e socou a porta fechada. Otto Günsche,

montando guarda, tentou impedi-la, mas foi empurrado. A porta se abriu e ela cambaleou para dentro, gaguejando incoerentemente... Hitler ergueu-se um pouco do sofá e apontou para a porta.

“Raus!” — Saia!

Frau Goebbels, fora de si, tentou dizer algumas palavras.

“Raus!”, gritou ele.

Magda deu um passo para trás, com ânsias e soluços, acotovelou o semicírculo em torno da porta e cambaleou de volta pelo corredor. No silêncio pesado das respirações, seus passos puderam ser ouvidos por todo o caminho. A mão de alguém empurrou a porta de Hitler.

Lá dentro, o ar carregado de tensão como uma câmara de gás, Eva decerto teria gostado de saber — não só para se tranquilizar, como também a ele — : “Acredita em Deus, Adi? Costumava acreditar”.

E o não mais onipotente Hitler talvez respondesse com amargura: “*Deus* não acredita em mim”.

E então ela diria, pela milionésima vez: “Eu te amo”.

Sua respiração acelera nos minutos finais. Para se acalmar, põe a mão no pescoço e toma o próprio batimento rápido, então estende os dedos para admirar o novo anel de casamento. Não houve tempo para gravar suas iniciais e a data. Ela poderia ter feito isso depois, quando saíssem dali. A não ser é claro pelo fato de que não haveria um depois.

Será que manteve firme a coragem ou perguntou “Vai doer?”. Ele teria feito a bondade de responder “Não”?

Talvez, não querendo que pensasse por um momento que ela não queria morrer, tivesse acrescentado: “Não estou com medo, sério”.

Os ouvidos do outro lado da porta esperavam, quase impacientemente. Fazia dez minutos que estavam lá dentro, agora, mais que isso, e ainda nada. Eram três e meia da tarde.

Eva teria precisado de um último beijo, teria inclinado o rosto confiantemente na direção de seus lábios cinzentos. Estavam secos, foi um contato breve. Finalmente, abriu a outra mão, exibindo o cilindro de latão aninhado em sua palma, e dele retirou a pequena ampola de vidro. O coração martelava, como se de algum modo esse órgão surdo e mudo soubesse do fim iminente e batesse mais forte para evitá-lo. Fosse qual fosse a decisão da mente, o corpo jovem e forte ansiava por viver.

A morte pareceu inteiramente indolor. Levou menos de um minuto. Cerrou os dentes sobre a cápsula de vidro, a respiração acelerada e ruidosa; diminuindo; cessou. A cabeça tombou de lado sobre o ombro. Quando ficou imóvel, Hitler enfiou uma ampola entre seus dentes, apontou a Walther 7.65 mm para a própria boca, mordeu a cápsula e disparou. O tiro ensurdecedor reverberou por todo o *bunker*.

Harald Goebbels, brincando com Traudl e as irmãs a poucos passos dali, ergueu a cabeça e disse, alegremente: “Na mosca!”. [9]

Linge e Bormann aguardaram ainda uns dez minutos antes de abrir a pesada porta. O

cheiro de amêndoas amargas pairava no ar. O corpo de Hitler tombara para um lado do sofá, o sangue espesso pingando de uma cratera em sua têmpora. Havia sangue em sua farda, sangue respingado do disparo na parede atrás dele, sangue escorrendo pelo braço do sofá e uma poça de sangue coagulando no chão. A pistola jazia a seus pés. O rosto de Eva estava calmo, os lábios, azuis. As pernas continuavam enrodilhadas sob o corpo, a cabeça caída sobre o cadáver inerte dele. O pequeno cilindro de metal que continha o veneno rolara de seu colo para o chão. Parecia muito um batom jogado fora.

EPÍLOGO

Imediatamente após o suicídio de Hitler e sua mulher, antes que os corpos esfriassem ou o *rigor mortis* se instalasse, foram erguidos do sofá pelo ajudante de Hitler, Otto Günsch, e pelo criado, Heinz Linge, com o auxílio de Bormann, que carregou o corpo de Eva em seus braços até o começo da escada, a partir de onde Erich Kempka o levou por 25 degraus até o mundo exterior. Depois foi a vez de Günsche carregá-lo até o jardim. O *Führer* fora embrulhado num cobertor para ocultar o horrível estado de sua cabeça. Eva, não, e seu corpo e seu rosto eram claramente reconhecíveis. A vários passos da saída de emergência do *bunker* havia uma cratera rasa, onde foram colocados lado a lado. Otto Günsch encharcou-os com galões de gasolina e atirou fósforos sobre eles, mas as chamas não pegaram. Finalmente, Linge improvisou uma tocha com um pedaço de papel e uma imensa bola de fogo subiu dos corpos, que começaram a queimar convulsivamente. Toda a área se achava sob intenso bombardeio, os obuses soviéticos chovendo no jardim, e a comitiva fúnebre corria verdadeiro perigo. Após esboçar um apressado *Sieg Heil!* e observar por alguns minutos, retiraram-se e entraram no *bunker* outra vez. Só Günsch continuou a voltar durante a meia hora seguinte para alimentar as chamas com gasolina, até que os cadáveres calcinados e enegrecidos estivessem irreconhecíveis, embora não inteiramente consumidos. No fim, foi um *Götterdämmerung* dos mais modestos.

No fim do dia seguinte, 1º de maio, os filhos dos Goebbels foram envenenados com cianureto por sua mãe, [1] após o que Joseph Goebbels atirou na esposa e depois em si mesmo. [2] Todos os oito foram enterrados juntos numa cova aberta às pressas. Blondi, que também ingeriu cianureto, numa cápsula forçada entre suas mandíbulas, foi enterrada ali perto, o corpo quase intacto. Em 5 de maio, os restos queimados de dez cadáveres — Hitler e Eva e a família Goebbels, cujos corpos mal haviam sido incinerados e estavam claramente reconhecíveis — tinham sido encontrados por um soldado do Exército Vermelho. [3] No dia seguinte, antes do nascer do sol, os corpos foram removidos pelos russos, embrulhados em lençóis, acomodados em caixas de madeira e transportados para o quartel-general do serviço de contra-espionagem da 3ª Força de Choque soviética. Dali, foram transferidos para um hospital de campanha, onde uma autópsia foi realizada em Hitler e Eva três dias mais tarde. A identificação se fez com base nos registros dentários, fornecidos pelo assistente de seu dentista, e na ponte de Hitler. A conclusão foi firme e inquestionável: eram sem dúvida os corpos do *Führer* e da mulher conhecida como Eva Braun. Essa conclusão, contudo, continua a ser discutida, sobretudo por neonazistas raivosos. Adolf Hitler, se vivo hoje, estaria com 117 anos; Eva, 94.

Cinquenta anos depois, uma nova testemunha veio à luz. Elena Rzhnevskaya, uma jovem intérprete do grupo de reconhecimento militar russo, alegou que em 8 de maio de 1945, dia em que os alemães enfim se renderam, confiaram-lhe uma caixa forrada de cetim. Dentro, estava o maxilar de Adolf Hitler, arrancado de seu crânio algumas horas

antes por um patologista russo, com fragmentos da carne ainda aderindo a ele. O assistente do antigo dentista do *Führer* confirmou que o maxilar correspondia ao histórico dentário de Hitler. Rzhevskaya portava a caixa por ordem do coronel Vassily Gorbushin, chefe de uma pequena equipe secreta russa encarregada de identificar o cadáver de Hitler, a fim de acabar com os rumores de que ele e Eva, sua esposa, haviam sobrevivido e escapado de Berlim. A caixa acabaria indo parar em Moscou, onde seu conteúdo permanece até hoje. [4] Robert A. Gutierrez — nome significativo nessa saga —, oficial responsável pelo interrogatório do serviço de contra-espionagem americano (us cic), concluiu que as posses pessoais de Eva haviam sido confiadas a dois ex-subordinados de Fegelein. O primeiro era o SS *Oberführer* Wilhelm Spacil, do *Reichsbesicherheitshauptamt*, que providenciou seu transporte de Berlim para a Áustria. Lá, passaram ao SS *Hauptsturmführer* Franz Konrad, que foi capturado e interrogado em Kirchberg, Áustria, em 21 de agosto de 1945 [5] pelos agentes do us cic. [6] O diário de Eva e os álbuns de fotografia — mas nada de cartas — foram encontrados na casa da mãe de Konrad, em Schladming, em 24 de agosto de 1945, e acabaram indo parar no imenso arquivo do NARA, em College Park, Maryland. A história subsequente dos baús contendo o restante de seus papéis particulares é uma confusa cadeia de eventos em torno de nomes de homens hoje mortos há muito tempo.

Seja qual for a verdade, parece razoavelmente seguro concluir que, como ela tão ardentemente desejara, as cartas de amor trocadas entre Eva Braun e Adolf Hitler jamais virão a público.

No dia 5 de maio de 1945, num hospital em Garmisch-Partenkirchen, Gretl Fegelein deu à luz uma menina, Eva, que seria sempre chamada pela família de “pequena Eva”, a única neta de Fritz e Fanny Braun. Gretl mais tarde se casou com um homem de negócios, Kurt Berlinghoff. Em 28 de junho de 1971, a “pequena” Eva, com 27 anos, cometeu suicídio envenenando-se com E605, uma substância tóxica usada em veneno de mato e inseticida, [7] depois que seu namorado, dirigindo o carro novo dela — um Kharmann Ghia —, bateu de frente com um caminhão perto do lago Garda.

Depois da guerra, Gretl Braun perdeu todo contato com a prima Gertraud, o primo Alois (Winbauer) e outro primo, Willy. Na época em que Gertraud a localizou, na década de 70, sofria do mal de Alzheimer, doença que a matou, com a idade de 73, em 1987.

Pouco depois de seu divórcio de Hofstätter, em 1941, Ilse Braun casouse pela segunda vez: outro advogado, o dr. Fücke-Michaels, e mudou-se com ele para Breslau. Depois da guerra, viveram anonimamente em Klingenteichweg, 21, em Heidelberg, mas novamente o casamento fracassou e o casal não teve filhos. Ela o deixou e regressou a Munique para um segundo divórcio, morrendo de câncer na cidade em 1979, com setenta anos. Ilse foi enterrada na Waldfriedhof de Munique, dividindo o túmulo com a irmã Gretl Berlinghoff e a sobrinha Eva Fegelein. O nome Braun não aparece na lápide.

Antes que a guerra terminasse, Franziska e Friedrich (Frite e Fanny) Braun, fugindo do bombardeio de Munique, compraram uma casa no vilarejo de Ruhpolding, no

Chiemgau, na Wiesenstrasse, 13. Em maio de 1945, foram presos para ser interrogados pelos americanos, mas rapidamente soltos quando ficou claro que não tinham nada a revelar sobre Hitler e que nada ganharam associando-se a ele. Continuaram a viver em Ruhpolding pelos vinte e — no caso de Fanny — trinta anos seguintes, entre outras coisas porque a população local não os hostilizou. Fritz Braun iria declarar a todos os inquiridores sua firme convicção de que Eva morrera com Hitler.

Até o fim dos anos 50, “Fritz voltou muitas vezes ao vale do Altmühl para pescar trutas em Beilngries e Biberbach ou caçar borboletas em Kinding”, segundo o médico local, Wolfgang Brand, lembrando os passeios que fizeram juntos quando meninos. Fritz Braun morreu em 1964, com a idade de 85 anos, e Fanny em 1976, com a avançada idade de 91. Estão enterrados lado a lado no cemitério próximo à igreja barroca amarela de São Jorge, acima da pacífica cidadezinha bávara onde passaram os últimos anos.

O pai de Gertraud Weisker, engenheiro na fábrica de lentes Zeiss, em Jena, foi preso pelos russos perto do fim da guerra e levado para a União Soviética. Segundo se informou a sua mãe mais tarde, morrera de inanição em março de 1946. Outra versão diz que foi executado pelos soviéticos por ter colaborado com os americanos. Muito depois da guerra, em resposta às solicitações de sua filha, a Cruz Vermelha certificou que de fato participara da Resistência. *Frau* Weisker e sua filha tiveram a casa desapropriada e Gertraud afirma que por dois anos após o fim da guerra ela perambulou pelo país arrasado com uma trouxa nas costas. Certa vez, quase se casou, mas quando o noivo descobriu quem era, mudou de ideia, pois não queria ser o pai de crianças que teriam, ao menos pelo casamento, parentesco com Adolf Hitler. Quando conheceu o futuro marido, em 1948, ele concordou em se casar apenas se ela guardasse segredo sobre as relações familiares. Gertraud manteve o silêncio por mais de quarenta anos e seus três filhos só ficaram sabendo da ligação após a morte do pai, em 1986. Ela trabalhou vários anos traduzindo patentes para a Zeiss e continua dona de um inglês excelente. O parentesco com Eva Braun só veio a público no fim dos anos 90, quando Gertraud finalmente rompeu o silêncio, após contar primeiro aos filhos, agora adultos. Diz que o fez porque queria restaurar a reputação da prima querida. Desde então, vem tentando fielmente reabilitar Eva, ainda que às vezes dourando um pouco a verdade.

Alois Winbauer, tio de Eva e autor de uma memória da família Braun, tornou-se jornalista bem-sucedido e morreu em 17 de outubro de 1983, com 87 anos.

Traudl Junge foi capturada quando tentava fugir de Berlim — sem o casaco de pele de raposa. “Não tinha utilidade para aquilo. Não precisava de outra coisa além da pistola e do veneno [...]. Estava sem dinheiro, comida, roupas — apenas com muitos cigarros e uma ou duas fotos de que não consegui me separar.” Foi prisioneira por seis meses dos russos. Mais tarde, tornou-se jornalista, primeiro na revista *Quick*, depois *freelancer*.

Em 1947-8, escreveu as memórias daqueles dois anos e meio como secretária de Hitler, baseada em anotações feitas enquanto trabalhava para ele, mas o material só foi publicado na forma de livro em 2002, como *Bis Zur Letzten Stunde* (*Até o fim*). Em

1972, ela concedeu uma longa entrevista a *The World at War*. Seus comentários foram posteriormente condensados em meia hora a fim de aparecer numa série produzida por Jerry Kuehl, intitulada *Hitler's Secretary*. Hans Junge, o ajudante de Hitler com que ela se casara em 1943, morreu durante um reide aéreo na Normandia. Traudl jamais voltou a se casar.

Speer foi encontrado pelos americanos em Glücksburg, castelo do duque de Mecklenburg e Holstein, a poucas milhas de Flensburg, perto da fronteira dinamarquesa, onde o breve governo de Dönitz montara quartel-general. Seu primeiro depoimento foi no início de maio de 1945, poucos dias após a morte de Hitler. No Julgamento de Nurembergue, escapou da pena de morte infligida a tantos de seus camaradas nazistas, mas foi sentenciado a vinte anos na prisão de Spandau, onde matou o tempo praticando jardinagem, escrevendo cartas e fazendo anotações copiosas para suas subseqüentes memórias, *Inside the Third Reich*. Ele foi solto de Spandau à meia-noite de 1º de outubro de 1966, entregue aos cuidados de sua devotada esposa Margret e dos seis filhos — todos adultos, então —, e passou o resto da vida tentando reabilitar sua imagem por meio de livros e entrevistas. Morreu no hotel Waldorf, em Londres, em 1º de setembro de 1981, após um derrame e, segundo se contou, nos braços da jovem amante inglesa. [8] Em 27 de abril, Göring, que fugira de Obersalzberg para Berlim, foi capturado junto com membros de sua equipe e enfim levado para Nurembergue, onde o tribunal de crimes de guerra o sentenciou à morte. Ele evitou a forca engolindo uma cápsula de cianureto escondida, em 15 de outubro de 1945. Himmler, após ser capturado, também engoliu cianureto e morreu em 23 de maio de 1945, antes que pudessem levá-lo a julgamento. Bormann abandonou o *bunker* após o suicídio de Hitler e viajou por um túnel ferroviário subterrâneo até a estação de Friedrichstrasse, onde desapareceu. Provavelmente, foi morto quando procurava escapar, com a bomba que atingiu o tanque em que tentava atravessar as linhas russas.

No Julgamento de Nurembergue, foi sentenciado à morte *in absentia*. Seu crânio foi encontrado por acaso em 1972, pelos trabalhadores que escavavam o local de uma construção, e identificado a partir dos registros dentários, e novamente, muitos anos depois, pelo dna, e as cinzas foram jogadas ao mar. Sua esposa Gerda morreu de câncer em 1945, mas todos os dez filhos do casal sobreviveram à guerra. O filho mais velho, Martin, tornou-se padre. Ele afirmaria, depois: “Não se pode escolher os próprios pais ou se livrar deles. Não há nada que eu possa fazer. Tampouco posso julgá-lo [...]. Isso cabe a Deus”. [9] Otto Günsche, junto com a principal secretária particular de Hitler, Gerda Christian, conseguiu escapar da Chancelaria bombardeada e do fogo dos soldados soviéticos que combatiam em Berlim percorrendo o túnel do metrô até a Friedrichstrasse.

Inúmeras construções em Obersalzberg foram seriamente danificadas e substancialmente destruídas pelos 318 Lancasters da RAF e mais setecentas aeronaves num bombardeio, em 25 de abril de 1945, enquanto os refugiados se abrigavam aterrorizados no complexo de túneis e apertados cubículos de concreto sob o solo. O

Berghof foi finalmente varrido da face da Terra sete anos mais tarde, em 30 de abril de 1952, e hoje não resta virtualmente vestígio algum do lugar. A propriedade particular de Hitler e todos os seus bens, assim como a casa da Wasserburgerstrasse em Munique que presenteou a Eva Braun, foram transferidos ao estado da Baviera pela Comissão de Controle Aliado da Alemanha (CCG), organização para a qual meu pai trabalhou até o fim da década de 40.

AGRADECIMENTOS

Todo tipo de pessoas, amigos e estranhos, historiadores profissionais e, num único caso, um passageiro ocasional, ajudaram-me com este livro. Há gente demais para mencionar cada uma em detalhe — ficar agradecendo infinita e profusamente, contudo, por mais que o autor o faça do fundo do coração, é algo tedioso para o leitor. Mas algumas pessoas merecem mais que apenas seu nome numa lista.

Primeiro e mais importante, meu agente, Caradoc King, o primeiro a vir com a ideia de que eu escrevesse uma biografia de Eva Braun. Agradeço-lhe por isso e por seu firme apoio ao longo de quase três anos de pesquisa e redação difíceis mas fascinantes.

Sou também profundamente grata a *Frau* Gertraud Weisker, prima mais jovem de Eva Braun, que confiou em mim, conversou por horas em diversas ocasiões sobre Eva e os antecedentes familiares comuns a ambas, além de me mostrar um enorme material desconhecido e de valor inestimável, incluindo as até aqui inéditas memórias de seu tio, Alois Winbauer, que forneceu um olhar renovado sobre as vidas e personalidades da família Braun. Eu não poderia ter escrito este livro sem sua cooperação.

Muito obrigada a Peter Palm por sua generosidade em me deixar reproduzir o mapa do *bunker* de Hitler (página 430).

Mais do que ninguém, agradeço a minha amiga Marion Milne, que dirigiu o premiado documentário da 3bmtv *Adolf and Eva* e me ofereceu livre acesso a sua pesquisa, incluindo transcrições de todas as suas entrevistas, além de ler o manuscrito final.

Meus agradecimentos também ao professor David Cannadine e a Linda Colley, por me encorajar desde o início e por fornecer inestimáveis sugestões. Sua generosidade e entusiasmo não conheceram limites.

Jerry Kuehl, historiador especialista no Terceiro Reich, foi uma fonte inesgotável de informações e um verificador de fatos assíduo que me salvou de vários erros. Meus agradecimentos a ele e ao *The Office Cat*.

Fran Yorke, cujo ouvido tem uma sintonia perfeita para a prosa inglesa, leu e comentou o manuscrito e forneceu críticas e encorajamento inestimáveis. Não tenho palavras para agradecer.

Não teria havido livro sem os esforços conjuntos de todos eles e de meus ajudantes profissionais: Christiane Gehron, que traduziu muita coisa, com entusiasmo e fidelidade; Ann Williams, que suplementou minha pesquisa de imagens com algumas fotografias originais que eu jamais teria achado; e Beth Emanuel, que digitou algumas anotações incompreensíveis. Richard Collins foi o editor de texto dos sonhos de todo autor, com sua atenção minuciosa ao detalhe e uma capacidade infalível de detectar repetições. Meus três alfadoutores de computador — Adam, Adis e Adrian — e Chris Jones, em Suffolk, mantiveram-me na ativa nas inúmeras ocasiões em que a máquina tentou travar.

Além deles, por pequenas e grandes ajudas, gostaria de agradecer a:

Florian Beierl; Martha Burke-Nennessy, pelos brilhantes e-mails de apoio; Nancy Durham; Anton Grad, vice-prefeito de Beilgries (sobretudo por me dar o guarda-chuva); *Herr* Grohle e *Herr* Volk, do Instituto de História Contemporânea, em Munique; o sr. Paul Demilio, curador da Musmanno Collection na Biblioteca de Gumberg, Duquesne University, Pittsburgh, pa; Joachim von Halasz; dr. David Irving; George Jonas; dr. Peter Jones; Sadakat Kadri; *Herr* Künzel, arquivista de Beilngries; Judy Lomax; a paciente e eficiente equipe da London Library; professor Neil McIntyre; Christopher Morgan; *Frau* Obermaier, da Bayerische Staatsbibliothek, em Munique, detentora do Arquivo Fotográfico Hoffmann (Bildarchiv Hoffmann); dr. Jonathan Rée; *Herr* Josef Riedl, editor do jornal bávaro *Donaukurier*; Peter Scott; Gitta Sereny; Gerald Seymour; Rupert Graf Strachwitz e Graham C. Greene por me apresentar a ele; Paola Tabellini, curadora do Salvatore Ferragamo Museo, em Florença; John Taylor, do NARA; sra. Monica Unwin; *Lady* Williams, *née* Gill Gambier-Parry; Wolfgang Hermann, Ernst Wagner e *Frau* Barbara Geresbeck, da casa de leilões Hermann-Historica; e Stephen Wright.

Todo biógrafo oferece agradecimentos cheios de culpa para a família negligenciada. Meus três filhos, Carolyn Butler (e seu marido, Malcolm), Jonathan Lambert e Marianne Lambert leram o livro em variados estágios e responderam com comentários duros e úteis. Tiveram de aturar um bocado enquanto permaneci obcecada por Eva e agradeço-lhes de todo coração. Ao nome deles, devo acrescentar o de minha falecida mãe, Ditha Helps, *née* Edith Schroder, que me ensinou sua língua e, lendo, cantando e declamando poesia e recordando em alemão os primeiros 25 anos de sua juventude, proporcionou-me o pano de fundo cultural que deu vida ao tema deste livro.

Finalmente, o maior obrigada de todos a meu amado parceiro, Tony Price, que passeou de carro comigo pela Baviera, tolerou minhas ausências, leu, criticou e melhorou cada página, dificilmente demonstrando qualquer enfado com Eva e Hitler. Sem ele, acima de tudo, este livro simplesmente não teria sido escrito. Querido, acabou, enfim.

Angela Lambert
Londres, Groléjac, Orford
Março de 2003-outubro de 2005

Anexo A

A HISTÓRIA DA FAMÍLIA DE EVA BRAUN*

Dr. Alois Winbauer

1936 foi o ano de representação do nacional-socialismo. Os povos do mundo reuniram-se para os jogos olímpicos em Berlim e o novo Reich empenhou todos os esforços para se mostrar sob seu melhor ângulo. O partido recebeu ordens de se comportar educadamente, a Gestapo e a SS passaram a ser estritamente vigiadas, a imprensa foi menos cerceada e mesmo a questão racial recebeu temporariamente nova orientação com as palavras de Göring: “Sou eu quem decido quem é judeu”. Resumindo: Hitler e Goebbels tinham se decidido por uma grande faxina na casa. Modos cultivados deveriam fazer com que o Estado desdenhoso da SA fosse esquecido e convencer o mundo de que o “Terceiro Reich” queria ser e seria um respeitável membro da comunidade internacional.

Ao menos no início esses esforços pela melhoria e renascimento do prestígio internacional valeram a pena. O escritor americano Tom Wolfe, famoso autor de *Look Homeward, Angel*, muito influente no mundo ocidental, estava profundamente impressionado pela encenação da ordem, da disciplina e da descontração alegre oferecida a ele pela Alemanha; os participantes franceses das Olimpíadas reverenciaram o nacional-socialismo quando, no grande estádio olímpico, desfilaram na frente do Führer com a saudação típica dos braços erguidos, e até dois anos mais tarde, já depois da invasão da Áustria por Hitler, mesmo Winston Churchill ainda estava tão ligado à ilusão criada por Goebbels, o grande mágico, que escreveu no *Times* em 7/11/1938:

“Eu sempre disse que caso a Grã-Bretanha seja vencida numa guerra espero encontrarmos um Hitler que nos leve de volta ao nosso lugar de direito entre as nações”.

O ano das Olimpíadas foi vantajoso ao povo alemão também porque as portas se abriram um tanto para o lado de fora. Quando se convidava os povos do mundo, não era possível restringir sua imprensa. Dessa maneira, as bancas de jornal alemãs ofereciam uma razoável quantidade de periódicos estrangeiros. E muito certamente eram mais alemães do que estrangeiros que os procuravam. Em setembro de 1936 caiu em minhas mãos, na redação do jornal *Neuen Mannheimer Zeitung*, um exemplar do *Paris Soir*.

De apelo explicitamente popular, o *Paris Soir* não tinha peso político considerável, mas, apesar da ausência da profundidade de conteúdo, era produzido com um elé verdadeiramente jornalístico.

A última página estampava a grande manchete:

“As mulheres ao redor de Hitler”!

Lá estavam listadas todas aquelas que alguma vez tinham cruzado o caminho de Hitler, e que ainda cruzavam: da infeliz Geli Raubal, a sobrinha de Hitler, morta em setembro de 1931 sob circunstâncias misteriosas, passando pelas irmãs inglesas Mitford, responsáveis pela propaganda de Hitler na Grã-Bretanha, até Leni Riefenstahl, que rodava em Berlim o muito admirado filme sobre as Olimpíadas. Mas no final estava escrito que “a favorita incontestável agora é Eva Braun, filha de um professor de Munique. Por causa dela, Hitler esqueceu de todas as outras mulheres”.

Isso me fez cair da cadeira! Eval! Não podia ser verdade! A garotinha, à qual eu havia ajudado de maneira certamente insuficiente nas tarefas de matemática, à qual eu tinha ajeitado algumas redações em alemão, e que depois voltavam com a observação severa do professor: “não abordou o tema!”, aquela que rezava obediente sua oração todas as noites, ainda profundamente imbuída da religiosidade da avó.

Corri ao telefone e liguei para sua mãe, minha prima Fanny. Meu pai e a mãe dela, tia Josefa Kronburger, eram irmãos e o relacionamento entre as famílias nunca foi rompido. Minha prima, mulher de um professor de artes e ofícios de Munique, que agora se assinava Fanny Braun, ficou extremamente indignada quando lhe falei ao telefone que tinha acabado de saber por meio do *Paris Soir*, entre espantado e divertido, que provavelmente poderia parabenizá-la em breve como sogra do *Führer*. Era melhor eu parar com a brincadeira, ela disse: essa história já tinha lhe causado aborrecimentos suficientes! Além disso, pelo telefone nunca diria sua opinião. Se eu estivesse interessado na história, que desse uma passada em Munique.

Eu conhecia Fanny desde minha mocidade. Havia uma regra não-escrita, mas seguida estritamente, de que as férias escolares de verão seriam passadas com a tia Kronburger em Beilngries, a idílica cidadezinha na região do Altmühltal. O marido da tia, tio Franz, era veterinário do distrito, e o título posterior e admirado de “membro do conselho veterinário” fazia dele uma pessoa de respeito levada muito a sério na alta sociedade da pequena cidade, e ele tinha consciência de sua própria importância. Ele era excepcionalmente competente na sua profissão, e os camponeses temiam seus modos autoritários do mesmo modo como admiravam sua capacidade e sua disposição ao trabalho. Era de temperamento um tanto colérico e apreciava as boas coisas da vida. Tio Franz tinha dois hobbies: carros e pesca. Ele tinha muito orgulho de ser um dos primeiros na redondeza e também na região a ter um carro — cuidadoso, entretanto, mantinha também uma carroça de quatro lugares de cobertura removível de prontidão e uma quantia em dinheiro em separado.

O carro era algo disforme. De acordo com minhas lembranças, um Maybach de primeira linha. Os faróis ficavam afixados à direita e à esquerda da imponente caixa, muito mais como um enfeite supérfluo, pois compreensivelmente o tio evitava andar à noite com um monstro desses. A buzina — melhor dizendo, a corneta — também tinha seu lugar do lado de fora do carro, assim como o sistema de freio, uma coisa disforme, que exigia alguma força para ser manipulado. O carro era posto em marcha por meio de

uma longa manivela — por falar nisso, um método que se manteve até os anos 1930. Acioná-la era um perigo de vida: se não fosse solta no momento certo, corria-se o risco de esmagar a mão pela alavanca que voltava à posição inicial. Seus fabricantes não haviam economizado no espaço. Em caso de necessidade, cabia a família inteira. Os que viajavam em seu carro arriscavam a vida e a integridade física e nenhum passeio familiar se resumia ao puro prazer. Numa viagem colina acima o veículo engasgava, sacolejava e frequentemente se recusava a prosseguir, de modo que em vez de apreciar as belezas do vale do Altmühl, nós passageiros éramos forçados a descer e trazê-lo de volta à vida.

A viagem de carro pelas cidadelas vizinhas, onde os camponeses esperavam seus porcos serem vacinados contra erisipela, ou uma vaca precisava de ajuda para parir, assemelhava-se sempre a uma expedição. Não havia ruas que merecessem esse nome. Cavalos e bois não tinham noção dos monstros das ruas, o carro, e os camponeses sobre suas carroças discutiam com extrema má vontade seu legítimo direito exclusivo aos caminhos.

Nenhuma jornada começava sem um estouro e poucas terminavam sem algo quebrado. As expedições orgulhosas muitas vezes terminavam numa lamentável volta para casa, o imponente veículo sendo rebocado por uma junta de bois, o orgulho do proprietário por suas façanhas reduzido a uma torrente firme de imprecações dirigidas ao “bostamóvel”.

Uma vez em casa, a fiel Leni, que havia um quarto de século era a faztudo do lar, é que sentia a raiva do patrão, porque não tinha limpado o escapamento ou esquecido de verificar o nível do óleo. Ela deve ter se perguntado durante toda sua vida do que ele estava falando. E isso é compreensível — temos de lembrar que o primeiro carro só foi licenciado em 1898.

A segunda paixão do tio Kronburger era a pesca. O tio Franz tinha arrendado quatro quilômetros na região do Altmühl, entre Beilngries e Dietfurt, e naquela época, na primeira década do século XX, Altmühl era considerado o rio mais piscoso da Baviera: recordo-me que quando os pescadores profissionais de Dietfurt usaram redes nesse trecho nós tiramos em um dia não menos de quatrocentos quilos de peixe, dentre eles dois lúcius de doze quilos. O atual sindicato dos pescadores deve ficar lívido de espanto e inveja por causa dos juros do arrendamento: vinte marcos por ano! Tio Franz contava com outro lugar para pescar além do Altmühl: a cerca de dez quilômetros de distância de Beilngries ficava o convento da Ordem Premonstratense Plankstetten. Meu tio tinha feito um acordo lucrativo com os monges, que praticavam agricultura e pecuária expressivas: ele vacinava seus 120 porcos contra erisipela e, em troca, eles lhe permitiam pescar trutas na região do convento.

Nunca em toda a minha própria vida de pescador conheci águas tão propícias para pescar trutas como esse riacho estreito, que procurava seu caminho a partir das alturas do Jura por entre os campos de solo pobre e prados esgotados.

Sem muita paciência, mas com muita meticulosidade, tio Franz me ensinou a pescar: recebi dele uma das grandes alegrias que essa vida pode oferecer.

A tia Josefa, a irmã do meu pai, era de outra índole, mais branda que a do marido: uma mulher suave, bondosa, profundamente religiosa e ansiosa de um modo maternal e protetor. Seu temperamento equilibrado mantinha a paz e a harmonia no lar. Ela fazia a intermediação tranquilizadora entre o pai consciente de sua autoridade, que exigia que os filhos o tratassem por “senhor”, e a teimosia das filhas que começava a se manifestar claramente, e ela tinha calor humano, humor pacificador, olhar certo para as necessidades em quantidade suficiente para transformar sua casa num lar acolhedor para seus membros bem como para as visitas.

A GALERIA DAS FILHAS

A família não ficou sem a bênção dos filhos — só a dose foi errada. Tio Franz desejava ardentemente um descendente masculino, mas o destino decidia ao contrário com crescente teimosia. Elas chegaram uma depois da outra, as cinco meninas, e o semblante do tio tornava-se cada vez mais fechado a cada acontecimento feliz. No quinto, ele já estava para capitular em amarga resignação. Mas então acabou tentando uma sexta vez. E veja só: surgiu um garotinho no berço e a casa encheu-se de vaidosa alegria.

Mas a felicidade pela criança desejada durou pouco. Depois de um ano e meio o pequeno Franz morreu subitamente em decorrência de uma doença misteriosa, nunca definida exatamente em termos médicos.

As filhas: Pepi, Fanny, Anny, Paula e Berta eram todas bem mais velhas do que eu — com exceção de Berta, com quatro anos de diferença. Ela foi minha primeira paixão ginásial, ardorosa e romântica, que fazia meu coração bater mais rápido já ao subir no trem em Geiselhörung para a viagem anual de férias. Até hoje, transformada em boa amizade, ainda está no meu coração e na minha lembrança.

Tio Franz saindo com o cortejo familiar para o passeio de carro do domingo era uma sensação para toda a cidade. Ele com o chapéu mole de aba larga e pose de imperador ao volante, a tia venerável ao seu lado e nós seis no espaçoso fundo do carro — assim éramos reverenciados pela juventude dourada da cidade, que ficava no meio-fio acenando seus chapéus. Quem estava procurando sua chance esperava por nossa volta: a pessoa muito provavelmente podia ter a honra de trabalhar como ajudante na hora da pane.

Pai Franz era rigoroso na criação e na ordem e vigiava com olhos de lince para que ninguém de fora perturbasse a paz do lar cuidadosamente mantida. Mas ele não estava à altura do requinte das filhas. Fanny, a mais animada e festeira de todas, tinha um namorico com o farmacêutico do lugar; eu precisava então fazer o papel de pombo-correio amoroso. Quando o tio tirava seu cochilo depois do almoço, eu tinha de sair com um bilhete de amor, voltando com um outro; como recompensa pela tarefa de mensageiro, carregava um saco de alcaçuz na mão.

Todas as filhas, bem garantidas com uma boa herança tanto do lado do pai quanto do da mãe, tomaram seu rumo na vida. Pepi, a mais velha, tornou-se professora e

morreu como diretora de escola em Altötting em 9 de junho de 1952. Anny, a segunda mais velha, tornou-se abadessa suplente no convento das beneditinas em Eichstätt e morreu em 30 de outubro de 1964, muito estimada pela comunidade da ordem e pela população.

O destino fez uma brincadeira de mau gosto com a terceira filha, Paula. Ela se casou com um gerente das fábricas de mecânica de precisão e óptica Zeiss, em Jena, levando uma vida despreocupada com a filhinha Gertrud — até a chegada dos russos. No começo, eles se mostraram amáveis, não mexeram com diretores e funcionários e deixaram as famílias em paz. Até que certo dia o marido de Paula, o engenheiro A. Winkler, não apareceu para o almoço e ela foi informada por um assistente do marido que ele, juntamente com outros quatro homens da fábrica, tinham sido presos e estavam de partida para a Rússia. Dez anos mais tarde, ela soube por meio de um outro preso que seu marido tinha morrido de fome em março de 1946.

Paula, expulsa da sua casa em Jena, foi para o oeste. Gertraud casouse mais tarde com um certo dr. Weisker, pesquisador de mercado, e Paula passou os últimos anos de sua vida em paz e conforto na casa deles em Heidelberg. Ela morreu em 5 de maio de 1973.

Berta, minha paixão juvenil, a despeito de meu desgosto, casouse ainda durante a i Guerra Mundial com um procurador bancário em Nurembergue.

A CASA EM HOHENZOLLERNPLATZ

E Fanny, “a sogra do Führer”? O namorico com o farmacêutico não deu em nada. Ela se casou ainda antes da i Guerra Mundial com o professor Fritz Braun, que lecionava na escola técnica de Munique. Fritz era originário de Stuttgart, onde sua família era dona de uma loja de móveis. Ele morava em Munique com a mulher e três filhos — novamente seguindo a tradição dos Kronburger, três meninas — no terceiro andar de um dos modestos prédios de apartamentos, como se costumava falar, em Hohenzollernplatz. Durante a i Guerra, ele serviu como oficial de reserva no exército bávaro. No livro *Hitler, der Begründer Israels* [Hitler, o fundador de Israel], um dos panfletos obscuros apresentados pela nostalgia hitlerista, afirma-se que Fritz Braun era de ascendência judaica e que sua filha Eva era, no mínimo, um quarto judia. Essa afirmação é defendida — escutemos e nos espantemos — pela observação de que “o nome Braun é um típico pseudônimo judeu”; nenhuma prova material é tida como necessária; também não seria possível encontrá-la. Fritz Braun descendia de uma antiga família protestante suábica, da região daquele pietismo suábio que deu à Igreja luterana suábica alguns de seus homens tão corajosos e ao povo alemão alguns poetas e sábios tão notáveis.

A própria religiosidade do pai não era tão intensa, a liberalidade e a tolerância marcavam-na mais do que o rigor religioso ou confessional.

Fanny, sua mulher, ao contrário, vinha de uma tradição familiar católica muito estrita. Apesar de não ser uma crente fervorosa, era natural para ela que, de acordo com

essa tradição, as crianças seriam batizadas e criadas no catolicismo. Fritz não tinha nada contra. E foi assim que, principalmente Eva, que seria em algum momento namorada e mulher do inimigo-mór da igreja e do cristianismo, recebeu uma educação católica muito consistente no Instituto das Ursulinas de Nymphenburg. Ela estava tão envolvida nisso que às vezes deixava Fritz extremamente constrangido.

Durante um passeio com o pai, podia acontecer de Eva encontrar o professor de religião e cumprimentá-lo com “louvado seja Jesus Cristo”, o que não exatamente chocava Fritz, embora ele registrasse o fato balançando a cabeça vigorosamente.

Fritz e Fanny tinham três filhas: Ilse, Eva e Gretl. No primeiro ano do meu tempo de estudante em Munique, Fanny me ofereceu hospedagem; nos anos seguintes eu era uma visita frequente, certo, mas certamente não apenas pelas crocantes batatas coradas, com as quais Fanny alimentava o estudante faminto. Eva, nascida em 6 de fevereiro de 1912, tinha sete anos à época, uma criança excepcionalmente bonita, muito bondosa e alegre, sempre disposta a brincadeiras divertidas. Dotada de uma compreensão ligeira, a escola não lhe trazia dificuldades, mas ela podia ficar brava muito rapidamente se uma tarefa não fosse do seu agrado. Ela era a queridinha da família. Esses cachinhos, com o olhar cândido e o sorriso bem estudado não eram páreo para nenhum ressentimento do rígido papai e nem para nenhum ataque nervoso da mãe, muito exigida pelas responsabilidades da escola e da família.

Ilse, a irmã mais velha, era mais interessada pela escola que Eva, mas Eva equilibrava isso por meio do seu maior charme, conscientemente aplicado, e vivia sua vida no mundo dos sentimentos, fechando-se ao mundo do conhecimento; uma ligação e um afastamento que finalmente também determinaria a tragédia de sua vida.

O PRIMEIRO ENCONTRO

Eva terminou o ensino médio. Na procura por uma atividade, acabou encontrando o fotógrafo Heinrich Hoffmann. Hoffmann era um fotógrafo mediano de assuntos variados do partido nacional-socialista alemão dos trabalhadores. Ele era amigo íntimo de seu líder, Adolf Hitler. Hitler, que procurava nas fotos do seu amigo uma espécie de auto-aprovação, visitava frequentemente o ateliê de Hoffmann. Geralmente, porém, não vinha sozinho, mas acompanhado de sua sobrinha Angela Raubal, com o qual mantinha um relacionamento próximo, e cujo grau de intimidade é até hoje motivo de controvérsias. Em relação às mulheres — Eva Braun e Henriette, a filha de Hoffmann de mais ou menos a mesma idade, e a irmã mais nova de Eva, Gretl, também funcionária do ateliê e as outras duas “assistentes” mais ou menos atraentes —, Hitler era de uma simpatia radiante e de uma verdadeira galanteria austríaca. Ele beijava as mãos delas e não deixava faltar pequenos presentes (especialmente bombons e perfume).

Não se pode falar de um relacionamento de Hitler e Eva até o final dos anos 1920. Sem dúvida que Hitler apreciava a garota jovem e natural, alegre e inocente, assim como apreciava muitas mulheres. Mas ele se sentia ligado a “Geli”. Isso mudou em setembro

de 1931, quando Angela Raubal foi encontrada morta no apartamento de nove cômodos de Hitler. Ela tinha se matado com o revólver de Hitler. Por quê?

Esta pergunta permanece sem resposta até hoje. O fato é que a morte da sobrinha muito abalou Hitler, fazendo com que ele surpreendesse as pessoas ao seu redor com dramáticos momentos de sentimentos de culpa e evitando por longo tempo ser visto em público e a companhia das pessoas de sua confiança.

Durante o ano de 1932 a sombra de Geli desanuviou, Hitler descobriu Eva Braun, certamente não primeiro como seu grande amor, mas como substituta de Geli, e Eva Braun, a moça não-instruída, facilmente influenciável, também não achou em Adolf Hitler o homem ideal do seu coração, mas um prêmio e um desafio do seu destino pessoal. Para tantas mulheres, Hitler era a grande tentação. E quem iria censurar a pequena Eva e não compreendê-la se ela finalmente fosse seduzida pela fascinação desse homem? As mulheres que se apaixonavam em intensidades diferentes por Hitler, como Leni Riefenstahl, Hanna Reitsch, as irmãs inglesas Mitford etc., eram tão diferentes em seus aspectos emocionais e pessoais? Hitler aparecia cada vez mais frequentemente no estabelecimento de Hoffmann e sua corte por Eva não podia passar despercebida, embora ele desse importância a “manter as aparências”: passeios com Eva nas cercanias de Munique eram feitos somente na companhia de suas duas secretárias, mas na loja de Hoffmann e em seu círculo, o fato era sabido. Quem não sabia eram o pai Fritz e a mãe Fanny. Eva manteve seu namoro em sigilo perante eles e ela sabia: o pai Fritz era tudo menos nazista. Ele se sentia um patriota bávaro e monarquista, e assim se declarava abertamente.

Esse namoro em silêncio manteve-se durante todo o ano de 1932. A grande mudança aconteceu no início do ano 1933: Hitler não escondia mais seus sentimentos por Eva. O novo chanceler do Reich alemão e autodenominado líder da nação declarou no aniversário da filha do professor de artes e ofícios de Munique, em 6 de fevereiro, que ela era a escolhida do seu coração, e Eva recebeu a confissão comovida e feliz.

Sem dúvida que era uma amizade ou amor com obstáculos. Hitler mantinha suas atividades políticas em Berlim e Eva ainda estava no ateliê de Hoffmann em Munique. Fritz e Fanny, ambos enraizados em rígida tradição familiar, deixavam pouco espaço para que o “recente amor” fosse cultivado. Embora Hitler viesse estranhamente muitas vezes a Munique com a justificativa que precisava inspecionar a ordem na capital do movimento, na realidade era para se encontrar com Eva em lugares estritamente secretos, mas o *Führer* não ousava mais que esses encontros eventuais.

Hitler, em seu espírito tacanho, que tentava ocultar a sua ticanhez a si mesmo e aos outros impondo-se a obrigações éticas, não ousava levar Eva para Berlim. Não tinha ele afirmado a toda voz que sua vida pertencia única e somente à nação, sem nenhum desejo por felicidade pessoal?

A nação certamente não levaria o seu *Führer* a mal se ele encontrasse um lugar para essa felicidade pessoal em sua vida, ao confessar publicamente seu amor por uma mulher. Mas o próprio Hitler teria considerado isso como uma autodifamação, não

condizente com sua posição e sua reputação para com a nação. Evidente que Eva pouco compreendia esse escrúpulo de seu namorado. Ela tinha acordado. Não queria ser apenas a distante confidente íntima de Hitler, Hitler chanceler do Reich: ela queria ser a mulher do homem Hitler.

Hitler foi o primeiro homem da sua vida e, sem dúvida, ele preencheu totalmente essa vida. Não era interesse, era afeto verdadeiro o que a ligava ao homem na distante chancelaria do Reich. Ela estava orgulhosa de namorar o primeiro homem do Reich, mas queria que ele correspondesse aos sonhos de namorado de uma jovem. Mas Hitler não queria e não podia assumir esse papel, pois era 23 anos mais velho do que Eva. Não para uma real comunhão de sentimentos, mas para uma real vida em comum, essa idade por si só constituía-se — pelo menos naquela época de visões tradicionais, às quais o tacanho Hitler se sentia profundamente pertencente e obrigado — num obstáculo intransponível a seus valores: ele também era chanceler do Reich, líder da nação, e sentia-se chamado pelo destino, pela “visão”, como dizia, para ser o guia de toda a humanidade. Seus sonhos não versavam sobre a juvenzinha de Munique, mas sobre a grandeza das tarefas que tinha se auto-imposto e a própria glória. É certo que ele não queria sacrificar o namoro com Eva Braun pelos sonhos, pois ele precisava desse relacionamento como uma espécie de garantia de sua própria humanidade, mas ele também não queria subordiná-los ao namoro com Eva Braun. Ele queria manter ambos os aspectos de sua vida rigidamente separados: o privado e o político. Eva não deveria participar de sua vida política: o namoro com ela deveria ser apenas um oásis de distração privada. Isso acabaria gerando conflitos. Não que Eva tivesse ambição política. Ela não se interessava por política e o grande acontecimento político da época, a seu ver, era apenas um evento secundário, que ela assimilava apenas por meio de reações emocionais. Mas ela queria estar junto do homem que o destino lhe trouxera, mesmo se esse homem fosse o *Führer* e o chanceler do Reich. E nesse momento ela teve de reconhecer que embora fosse imprescindível para o homem Hitler, o chanceler do Reich Hitler não precisava dela. Ele reinava em Berlim e ela se entristecia e se entediava em Munique. Os telefonemas de Hitler, às vezes quase diários, em outras apenas uma vez por semana, não lhe eram suficientes. A jovem Eva, que tinha criado tantas fantasias românticas a partir do namoro com Hitler, foi acometida por uma séria crise.

Ela ainda era secretária de Hoffmann e continuava morando com os pais, tinha de ocultar seu relacionamento com Hitler e dar conta da saudade e da incerteza sozinha. Fritz e Fanny me contaram como ela ficou perturbada e retraída, como ficou tensa nos primeiros anos do governo de Hitler. Eles, que nesse meio-tempo, já haviam descoberto o segredo da filha, tinham alguma esperança com o desenrolar dos fatos. Principalmente Fritz esperava que isso pudesse ser o começo do fim. Ele reagiu ao namoro de Hitler com Eva com extrema desconfiança, com consternação até. Ele gostaria de ter visto seu fim, antes que esse fim tivesse de se transformar numa tragédia.

Ele esperou em vão. Hitler, esse “César em calças de couro”, como Malaparte o chamava, procurou e encontrou uma saída típica própria, que lhe permitia realizar sua

missão em Berlim e não ter de abrir mão da garota de Munique. No verão de 1935, ele comprou para Eva uma pequena casa em Bogenhausen, na qual ela hospedou — a pedido de Hitler, que valorizava uma aparência simples frente à sociedade de Munique — sua irmã caçula, Gretl. De um lado, Eva tinha saído da influência direta dos pais; de outro lado, por causa de seus medos e necessidades, ela facilmente interpretou a nova situação como um atestado de quanto Hitler estava envolvido no namoro.

No outono de 1936, depois da descoberta da notícia sensacional no *Paris Soir*, visitei Fritz e Fanny em Munique. Eles ainda continuavam morando em Hohenzollernplatz e nada tinha mudado em sua sólida existência baseada no funcionalismo público. Fanny não levava “a história com Eva” muito a sério. Ela, sempre acostumada a enfrentar a vida com constante otimismo, evitava complicar o *affair* com especulações libertinas, divertindo-se a respeito. Ao contrário de Fritz. Ele queria abrir seu coração comigo, mas não em casa. A cervejaria lhe pareceu o lugar ideal. Encontramos uma mesa vazia na “sala reservada”, no primeiro andar. E Fritz começou a falar, disse por quanto tempo ele tinha ficado sem saber de nada, como então tentara dissuadir Eva desse namoro “idiota”, como ele tinha de aguentar, irado, os comentários arrogantes de seus conhecidos e como esse “sujeito” tinha destruído sua vida em família.

Fritz estava ficando cada vez com mais raiva, usava expressões cada vez mais toscas, violentas expressões bávaras, e reagia às minhas tentativas de acalmá-lo ainda mais insolentemente, de modo que eu seriamente passei a temer que um agente à paisana da Gestapo pudesse dar um fim dramático a essa discussão tão emocional. Por sorte havia poucos clientes nessa tarde, e provavelmente eram os poucos que, escondidos atrás de seus canecos de cerveja, estavam totalmente de acordo com o que ouviam da nossa conversa. Nessa oportunidade, Fritz também me falou de uma carta que tinha escrito a Hitler e na qual lhe pedia para tirar as mãos de Eva. O que mais o incomodava é que Hitler nem ao menos lhe respondera. Uma cópia dessa carta apareceu depois da guerra. O americano Nerin Gun lançou em 1967 uma biografia de Eva, *Eva Hitler-Braun* — que, embora se esforçasse em ser autêntica e se apoiasse em muitas provas documentais, também usava material duvidoso —, onde a tal carta aparecia transcrita.

Nessa carta, datada de 7 de setembro de 1935, Fritz Braun dirigia-se ao chanceler do Reich, lamentando-se “ter de incomodá-lo com um assunto particular, qual seja minha preocupação como pai de família. Minha família agora está separada, porque minhas duas filhas Eva e Gretl mudaram-se para uma residência que o senhor lhes ofereceu, e eu, como chefe de família, fui apresentado a um fato consumado. Evidente que repreendi frequentemente Eva quando ela chegava em casa muito depois do final do expediente. Além disso, minha posição talvez seja fora de moda na questão moral: os filhos só são tirados da guarda dos pais no casamento. É assim que penso. Sem falar que sinto falta de minhas filhas!!”.

A carta termina com o “pedido de não apoiar a pressão por liberdade de minha filha Eva, que já é maior de idade, mas fazer com que ela retorne à família. Com meus votos de respeito, Fritz Braun”.

A carta esclarece essencialmente o relacionamento entre pai e filha.

Lá está um pai de família da velha-guarda, oprimido pela preocupação por sua filha, que saiu de sua área de autoridade, e profundamente magoado pela frieza com que ela foi distanciada da família e de suas tradições.

A principal consequência dessa experiência foi a rejeição furiosa que Fritz sentia em relação ao ditador todo-poderoso, uma rejeição reforçada pela impotente impossibilidade de reagir frente ao destino de sua filha.

NO BERGHOF

A princípio, o *Führer* e chanceler do Reich Hitler continuou mantendo Eva à distância: o palácio do Reich mantinha-se fechado para ela. Mas o homem Hitler encontrou uma nova saída. No Obersalzberg, na cidade de Berchtesgaden, havia sido construída uma residência à qual se chamou de Berghof. Embora Hitler nunca tivesse escalado uma montanha que merecesse esse nome, era fascinado pelo cenário. A majestade ameaçadora das rochas imensas refletiam seus próprios sonhos de grandeza e força. Obersalzberg tornou-se seu lugar predileto — a prisão dourada de Eva. Em 1936 Eva mudou-se para Berghof, passando a ser reconhecida e respeitada por todos como dona da casa. Eva também achava, mas certamente sabia diferenciar. No âmbito privado e na cumplicidade familiar da companhia direta e constante de Hitler, ela se sentia realmente dona. Ela sentava-se ao seu lado à mesa, durante as diárias sessões de filmes e nos intermináveis monólogos, que eram chamados eufemisticamente de conversas noturnas.

Ela sinalizava seu final, quando as pessoas ao redor de Hitler não conseguiam mais conter os bocejos. Ela também se dava ao direito de expressar sua opinião para Hitler em assuntos pessoais, criticava seu uniforme e ternos, defendia com uma convicção furiosa seus dois cachorrinhos contra os cães pastores de Hitler, e sua espontaneidade em determinadas observações ferinas sobre as fraquezas e presunções de Hitler amenizam o ambiente entre os mais chegados. Entre eles estava especialmente Martin Bormann, o espírito mau de Hitler e de toda era nacional-socialista, a quem Eva dedicava uma corajosa antipatia. Sim, por quem ela demonstrava sem preocupação um aberto desdém. E tanto mais simpatia acolhedora ela dirigia à mulher de Bormann, que sofria calada e amargamente o desamor do marido e os casos dele com suas secretárias.

O círculo oficial era rigidamente separado do privado. Obersalzberg tornou-se cada vez mais o centro da política do Reich. Aqui eram recepcionados os dirigentes dos países estrangeiros, os diplomatas eram solicitados para relatórios, os generais eram convocados para receber ordens. Nessas ocasiões, tanto seguindo seu próprio instinto quanto por desejo de Hitler, Eva ficava em segundo plano. Para esses convidados, Eva permanecia a garota mais ou menos invisível, honrada e apolítica, que não participava dos negócios sujos da política, mas que era responsável pelas coisas boas da vida como convivência, música, natação, esqui e pelo constante jogo feminino das roupas e flores.

A esfera política também não ficou inteiramente sem sua influência harmonizadora.

André François Poncet, embaixador francês em Berlim, contou-me depois da guerra, em sua residência em Godesberg, que os convidados de Hitler respiravam aliviados quando Eva, no exercício de suas funções como dona de casa, aparecia em momentos sabiamente escolhidos e interrompia o monólogo do Führer e do chanceler do Reich lembrando-o de suas gotinhas e pilulinhas ou com um prato de cerejas pretas.

Seria errado definir a vida de Eva no Berghof como um mar de rosas.

Hitler a respeitava e a sua amizade não somente porque ele precisava dela no frenesi e na cada vez mais absurda irracionalidade de sua vida política, mas porque ele gradualmente aprendeu a amar a garota cheia de frescor, intocada, equilibrada como personagem ideal de sua própria vida despedaçada. Quando Hitler estava em Obersalzberg, acontecia de haver entre os dois alguma provocação, surpreendente num homem como Hitler, mas nenhuma briga séria. E sabiamente não havia ninguém que tentasse perturbar a paz e a compreensão reinantes.

Mas isso era diferente quando Hitler não estava em Berghof, o que se tornou cada vez mais a regra durante os anos de guerra. O comando então era de Martin Bormann e da SS, da qual Eva sempre manteve distância, e eles faziam com que Eva percebesse isso como um risco cuidadosamente controlado. Eva não era trancafiada, isso seus oponentes não podiam fazer.

Mas, sob o argumento de serem responsáveis por sua segurança, sua liberdade de movimentos era cercada o quanto possível. Gertraud Weisker — filha da tia Paula —, prima de Eva alguns anos mais jovem e com a qual ela mantinha um relacionamento próximo, contou-me com palavras comovidas os métodos brutais aos quais foi exposta em sua única visita a Berghof: vexatória revista de bagagens pelos agentes de segurança da SS, constrangedora vigilância nos passeios com Eva, bem arquitetadas dificuldades e proibições das idas até o vale, que só aconteciam no mais absoluto segredo. Eva falou abertamente de seus sentimentos com a prima.

Ela reclamou, sob lágrimas, que Obersalzberg sem Hitler transformava-se numa prisão dourada.

Ela poderia ter mudado as coisas! Mas como é esclarecedora sua resposta à pergunta sobre o motivo de não se dirigir a Hitler: em meio às suas grandes preocupações, como poderia perturbá-lo com as minhas pequenas!

No geral, os relacionamentos de Eva com seus parentes durante seu período como dona de Berghof eram de intensidades distintas. Os pais, Fritz e Fanny, depois do “esclarecimento das coisas”, isto é, depois das tentativas frustradas de trazer Eva de volta à comunidade familiar, tinham se conformado com seu papel sem influência (mas certamente não se mantiveram indiferentes). Eva recebia poucas visitas suas, mesmo quando eventuais convites de Hitler para um chá à tarde no Obersalzberg não podiam ser recusados. É possível — mas duvidoso por causa de seu autoconvencimento — que Hitler tenha imaginado tais convites como gestos de amizade; Fritz, porém, não se deixou seduzir. No verão de 1939, por ocasião de uma segunda visita a Munique, ele me contou um episódio significativo. Fritz e Fanny tinham sido convidados para o chá.

Hitler, com doentia afabilidade, tentava se passar por anfitrião zeloso. Fritz achou que podia aproveitar a ocasião e expressou uma opinião que era cara a ele e a seus amigos políticos da bhkb, a coligação suprapartidária das forças monarquistas bávaras. O presidente da coligação, um antigo general, tinha sido afastado pelos nazistas no decorrer da dissolução e equiparação de todas as organizações políticas e sociais sob as habituais circunstâncias humilhantes, e Fritz pedia agora pela reabilitação do general. As feições de Hitler endureceram, ele se limitou a observar que não podia se ocupar do assunto, isso era coisa de seus auxiliares; “e ele quer ser nosso líder”, Fritz resmungou amargamente.

De resto, as relações entre Hohenzollernplatz e Obersalzberg eram corretas e seguiam com aquele distanciamento respeitoso que ambos os lados consideravam adequado. Fritz e Fanny não entraram no partido, e Hitler não deu importância a isso. E depois do fim da guerra, as autoridades americanas de ocupação tentaram sem sucesso — encorajados por inúmeras denúncias — investigar vantagens pessoais e profissionais que Fritz e Fanny certamente teriam tido por causa do namoro de sua filha com Hitler. Os presentes que Fritz e Fanny puderam mostrar eram muito modestos: Fritz recebeu um relógio de pulso e Fanny um pequeno frasco de perfume. Hitler também era tudo menos generoso em relação a presentes pessoais para Eva. Flores e bijuterias baratas eram suficientes para o homem tacanho demonstrar sua admiração. O colar de diamantes e a tiara de brilhantes que surgiram nas conversas sobre Hitler e Eva logo após a guerra foram, assim como outras tantas afirmações, apenas invenções de uma faminta e fantasiosa boataria.

O FINAL TRÁGICO

Os anos de guerra foram de solidão para Eva. É evidente que Hitler precisava dela mais do que nunca e mais do que nunca Eva se sentia ligada a esse homem. Para ela, o mundo da guerra era um mundo estranho, do qual ela nada entendia e nem queria participar. Ela tentou se acomodar nesse mundo na medida em que tentava se isolar. Não na vivência emocional, mas no conhecimento dos fatos. Ela entendia as vitórias das forças armadas como triunfo pessoal de Hitler e entrava em êxtase, sentindo as derrotas como traição maldosa contra o homem que agora tinha realmente conquistado seu coração. Aquele homem que se apressava a encontrá-la em Obersalzberg tinha se transformado. Ela explicou para a prima Gertrud: passeios de horas, solitários, conversas fúteis sobre o tempo e os cachorros, postura enrijecida do namorado durante minutos com o pensamento distante e o olhar perdido, noites sufocantes na frente da tela e outras passadas em claro cada vez mais cheias de preocupação. Os tempos eram difíceis para os dois, e esses tempos difíceis infiltravam-se entre eles e impediam que sua amizade se transformasse num autêntico relacionamento, mas esses tempos difíceis também os aproximaram interiormente. Para Eva, seu relacionamento com Hitler podia ter sido um tipo de brincadeira até então, sedutor e excitante, apreciado com a curiosidade e o orgulho de uma jovem mulher. E para Hitler talvez Eva fosse um agradável presente pessoal do destino, um pequeno adendo privado em sua borbulhante vida política.

Agora que a guerra tinha irrompido em suas vidas e tinha tomado a dianteira, eles sabiam que estavam juntos na saúde e na doença, como parceiros do mesmo destino. Certa vez, Eva tinha sofrido muito por Hitler não querer tirá-la da escuridão de uma amizade anônima; enraizada em suas tradições familiares burguesas, ela sentia o fato de ter de manter a si mesma e sua amizade ocultas como humilhação, pois acreditava ter um direito legal a ser reconhecida perante a opinião pública, com todas as consequências, como mulher do *Führer*. Agora, nos dias da guerra, não se escuta dela nenhuma palavra nesse sentido. Frente à ligação interior fortalecida, a forma exterior tornou-se insignificante. Os acontecimentos da guerra o empurravam exteriormente cada vez mais longe de Eva, mas eles também o ligavam de modo cada vez mais intenso a ela.

Isso ficou claro quando a guerra tendia ao fim, e também Eva entendeu que esse fim seria terrível. Agora estava evidente que o namoro entre Eva e Hitler era mais do que a amizade descompromissada de uma jovem mulher sedenta pela vida; e agora também estava evidente que, para Hitler, Eva era mais que o brinquedo para as poucas horas de fuga de uma vida de arrogância e falta de limites extremos. Ambos lidavam juntos pela vida e a liberdade do outro. Eva, que tinha passado os domingos em Obersalzberg com Hitler, queria agora também acompanhá-lo nas noites escuras no *bunker* em Berlim. Hitler proibiu-a de ir; em Berlim, a vida dela corria riscos, em Obersalzberg ela estaria em segurança. Eva obedeceu, mas apenas até entender que a morte em Berlim não era apenas uma ameaça, mas também se tornaria realidade.

Fritz e Fanny imploraram para que ela ficasse com eles. Eva recusou.

Ela não obedecia mais aos pais e também não mais a Hitler. A voz do seu coração talvez fosse a que ela menos obedecesse. Ela obedeceu simplesmente à lei da sua vida, à qual ela tinha se subordinado quando — como uma mera secretária do estúdio fotográfico de Hoffmann — assumiu o namoro com o homem que se tornaria sua sina e a de toda a nação.

Sem avisar Hitler com antecedência, Eva foi secretamente para Berlim em 15 de abril de 1945 — apenas poucos dias antes que o cerco dos ocupantes russos se fechasse ao redor da capital do Reich. Hitler fez apenas uma fraca tentativa para tentar persuadi-la a voltar para Munique. No fundo ele estava aliviado em ter ao seu lado pelo menos uma pessoa na qual pudesse confiar.

No *bunker* da chancelaria do Reich, Eva tinha dois quartos para si ao lado dos cômodos privados de Hitler. Com uma serenidade e autoconfiança espantosas por causa do desenrolar dos acontecimentos, Eva tentou montar um lar acolhedor em meio à terrível confusão. Eva ainda viveria duas semanas. Não sabemos muito sobre essas duas semanas.

Apenas que sua vida agora estava totalmente imbricada na de Hitler. Para ele, ela mantinha uma expressão de alegre tranquilidade. Para animá-lo, ela se enfeitava — enquanto o mundo ruía ao seu redor. Segundo Hanna Reitsch, que ficou muitas vezes em sua companhia nesses dias, ela também ficava furiosa como ele: “Os porcos ingratos que deixaram o seu *Führer* e que têm de ser exterminados estão em todo os lugares”.

“Pobre Adolf, todos o abandonaram! Todos o traíram!”, ela reclamava do mundo e do destino.

Um daqueles que abandonaram e traíram Hitler nessas últimas horas era muito próximo de Eva: Hermann Fegelein, general da SS e suplente de Himmler no quartel-general de comando. Ele era casado com Gretl, a irmã de Eva, e tinha deixado a mulher em sua casa em Fuschlsee, perto de Salzburgo, dando as boas-vindas a Eva em 15 de abril no quartel-general de comando. Doze dias mais tarde, em 27 de abril, ele foi morto a tiros por um destacamento da SS. Fegelein tinha dado como perdida a causa de seu *Führer* e tentado deixar, em trajes civis, a armadilha mortal que era a chancelaria do Reich. O fato de que Fegelein era cunhado de Eva não foi um atenuante para Hitler e não sabemos se Eva interferiu a seu favor.

Eva tinha se conformado com sua vida, e estava à mercê do seu destino. Ela foi uma das únicas, talvez a única entre todos os que estavam presos nas celas do *bunker*, que soube carregar esse destino de maneira honrada e despedir-se serenamente da vida. Ninguém confirmou isso mais belamente do que Alfred Speer, que escreveu em suas memórias a visita de despedida a Eva em 28 de abril de 1945:

“Por volta da meia-noite Eva Braun pediu que um agente da SS me chamasse até seu pequeno cômodo no *bunker*, que era ao mesmo tempo quarto de dormir e sala. O cômodo estava simpaticamente decorado; ela tinha trazido os valiosos móveis do andar superior que eu tinha projetado para ela havia anos para seus dois quartos na residência do chanceler.

“Conseguimos conversar com calma, pois Hitler tinha se retirado. Na realidade, ela era a única pessoa marcada para morrer nesse *bunker* que mostrava uma admirável e estudada calma. Enquanto todos os outros estavam heroicamente exaltados, como Goebbels, pensando em salvamento, como Bormann, exauridos como Hitler ou alquebrados como a senhora Goebbels, Eva mostrava uma serenidade quase satisfeita.

“ ‘Que tal uma garrafa de champanhe de despedida? E alguns biscoitos? Certamente faz tempo que o senhor não come?’ Achei tocante o simples fato de ela ser a primeira, depois de muitas horas no *bunker*, a pensar que eu poderia estar com fome. O agente trouxe uma garrafa de Mœt et Chandon, bolo, biscoitos. Ficamos a sós.

“ ‘Sabe, foi bom o senhor ter vindo mais uma vez. O *Führer* achava que o senhor estaria trabalhando contra ele. Mas sua visita provou-lhe o contrário. Não é mesmo?’ Eu fiquei devendo-lhe a resposta. ‘A propósito, ele gostou daquilo que o senhor falou hoje. Ele se decidiu por ficar aqui e eu ficarei com ele. E o resto o senhor já sabe... Ele queria me mandar de volta para Munique. Mas eu recusei, eu vim para terminar aqui.’ ”

Ela foi a única no *bunker* a expressar uma reflexão humana.

“ ‘Por que tantas pessoas tiveram de morrer?’ , ela se perguntou. ‘É tudo em vão... Aliás, o senhor quase não nos encontra aqui. Ontem a situação estava tão desoladora que apostamos numa rápida ocupação de Berlim pelos russos. O *Führer* já queria capitular.

Mas Goebbels o convenceu, e assim estamos ainda por aqui.’ Ela conversava comigo à vontade, entremeando alguns ataques contra o ainda intrigueiro Bormann; mas ela sempre repetia que estava feliz em estar no *bunker*.”

“Feliz em estar no *bunker*!” e disposta a morrer alegre no *bunker*. Nas primeiras horas da manhã de 29 de abril, Hitler ditou seu testamento pessoal:

“Como considereei que não devia aceitar a responsabilidade, durante os anos de conflito, de contrair matrimônio, agora decidi, antes de concluir minha carreira terrena, tomar como esposa a mulher que, depois de anos de fiel amizade, entrou na cidade sitiada por sua própria vontade, com o propósito de compartilhar seu destino com o meu. Por seu próprio desejo, ela encontrará a morte como minha esposa. Isso nos compensará o que ambos perdemos pelo meu trabalho a serviço do povo.”

Hitler já tinha feito seu testamento uma vez. Em 2 de maio de 1938. Nele estava escrito:

“Pagar à senhorita Eva Braun, Munique, durante seu tempo de vida, mensalmente 1 000,00 marcos (mil marcos), ou seja, anualmente 12.000,00 (doze mil marcos).”

Como único legado, porém, restou a morte conjunta. Três horas antes de esse testamento ser ditado, Eva tinha se casado com Hitler, observando macabramente as instruções do registro civil, com o pedido de Hitler: “Considerando a situação de guerra, que as proclamas sejam registradas oralmente”. Ambos os candidatos ao casamento declararam-se de ascendência ariana e livres de quaisquer doenças hereditárias que pudessem comprometer o casamento, e a chamada dos nomes foi feita rapidamente pelo líder regional do partido requisitado às pressas por Goebbels, Walter Wagner. Não faltou nem a recepção do casamento com champanhe. Isso aconteceu em 29 de abril de 1945, entre 1 e 3 horas.

O fim chegou em 30 de abril de 1945 às 15h30. Hitler e Eva tinham se despedido dos poucos que ainda se mantinham fiéis a eles que tinham sido juntados rapidamente pelo empregado de Hitler. Em seguida, a porta se fechou atrás dos dois no quarto de Hitler. Ouviu-se um tiro. Os corpos estavam deitados lado a lado no sofá. O corpo de Hitler banhado de sangue: ele tinha se matado com um tiro na boca, o de Eva sem desfiguração ou deformação: ela tomara veneno. Duas horas mais tarde, as chamas ardiam no pátio da chancelaria do Reich! O motorista de Hitler molhou os dois corpos com 200 litros de gasolina. A fumaça que subia do fogo que consumia os corpos misturava-se com as nuvens que encobriam a Berlim moribunda.

CAPÍTULO FINAL

O capítulo final da história de vida de Eva Braun é rápido de ser contado:

Fritz e Fanny Braun fugiram do terror das bombas que destruiu Munique para Ruhpolding, em Chiemgau. Quando os americanos chegaram, os novos donos da Alemanha pensaram que ambos eram uma presa especial — e quem poderia condená-los por isso? Fritz e Fanny foram presos, mas libertados depois de dez dias. Eles não tinham sido membros do partido, não tinham usufruído quaisquer vantagens do relacionamento da filha com Hitler e não podia se falar de “enriquecimento”. As autoridades da ocupação foram justas o suficiente para reconhecer isso. Mas a situação era diferente com as pessoas do seu próprio país. Poucos dias depois da soltura, Fanny reapresentou-se ao comandante americano local: era preferível ele prendê-la novamente, ali ela se sentia ao menos protegida da hostilidade dos cidadãos alemães. Os americanos prestaram auxílio. Fanny vive hoje, aos noventa anos de idade, num asilo de idosos em Ruhpolding, ainda com vívida memória dos tempos passados e interessada pelo presente. É uma longa curva aquela que se projeta desde o dia em que Eva se despediu da casa em Hohenzollernplatz, a fim de se tornar definitivamente a namorada de Hitler, até um dos primeiros dias do pós-guerra, quando um grupo de jovens dinamarqueses, antigos membros do regimento da SS “Wiking”, postaram-se frente à porta de sua casa em Ruhpolding, trazendo para a muito assustada “sogra do Führer” manteiga e presunto... Gretl, irmã de Eva, viveu durante a guerra em Fuschl, na Áustria. Quando o Exército Vermelho se aproximava, ela estava nos últimos meses de gravidez e fugiu para o oeste. Percorrendo o país de um lado para o outro juntamente com outros fugitivos, ela chegou em Garmisch-Patenkirchen, cidade já ocupada pelos americanos. Quando as contrações começaram, dirigiu-se ao hospital local. Mal tinham perguntando quem ela era, a porta foi batida na sua cara: não havia lugar para alguém como ela. Desesperada e tomada por dores, Gretl ficou no meio-fio. Um americano passou com uma Mercedes apreendida, viu a mulher chorando e perguntou o que tinha acontecido. Gretl disse-lhe seu nome e sua situação e contou pelo que passara. Por sua vez, o oficial americano apresentou-se como o comandante local. Ele colocou Gretl no carro, foi com ela até o hospital e deixou claro à administração do hospital — falando num tom que os ocupantes costumavam usar para tratar com as autoridades alemãs — que aquela mulher estava sob sua proteção pessoal e que os alemães eram responsáveis por cuidar dela e garantir seu bem-estar. Coisas assim também existiam naqueles dias, quando o ódio perpassava todo o país.

E temos de dizer também que Gretl deu à luz em 5 de maio de 1945 a uma menininha. Ela a batizou de Eva, em lembrança à irmã. Gretl casou-se mais tarde com o empresário B. A filha Eva apaixonou-se por um jovem, ao qual tinha emprestado seu carro novo para uma viagem de férias. Ele chocou-se frontalmente com um caminhão em Gardasee e morreu imediatamente.

Eva envenenou-se como a tia, usando o E605. Ilse, a irmã mais velha das três filhas Braun, era a mais esperta delas, dotada de bom senso e inteligência prática. Ela acompanhou a trajetória da irmã com um interesse fraternal, mas com ceticismo e preocupação. A sombra de Eva projetou-se fracamente sobre sua vida. A princípio, com

uma formação escolar primorosa, ela tornou-se assistente de tecnologia médica, em seguida ingressando na redação do caderno cultural de um jornal de Breslau. E depois que Goebbels criou a revista *Das Reich*, passou para a redação central desse periódico, sem se identificar com o espírito e a forma do jornalismo nacional-socialista. Pude reconhecer depois da guerra quanto Ilse se sentia ligada à irmã Eva, quando veio me visitar diversas vezes em Hamburgo e, cheia de indignação engajada, consultou-me como era possível impedir panfletos obscuros — sem noção de realidade nem decência — sobre a vida particular de Eva. Ilse casou-se logo em seguida com o agora falecido advogado M. F. e mora hoje em Munique.

Nenhuma das tias de Eva, irmãs de Fanny, ainda vive.

Depois que Paula morreu, em 1973, em Heidelberg, na casa de sua única filha Gertrud, também Berta, a caçula, morreu em consequência de um acidente de trânsito, quando foi atropelada atravessando a rua na faixa de pedestres.

É assim que o tempo vai amontoando a areia do esquecimento sobre o destino de Eva, que partiu para conhecer a vida séria cheia de bom humor e espantosa curiosidade, e que precisou descobrir como o destino pode ser cruel com aqueles que acreditam que podem viver com seus demônios.

Escrito para Gertrud em 1976.

Anexo B

O DIÁRIO DE EVA BRAUN DE 6 DE FEVEREIRO A 28 DE MAIO DE 1935*

6.2.35

Hoje talvez seja o dia certo para inaugurar essa “obra-prima”.

Fiz 23 anos felizes. Quer dizer, feliz é outra questão. No momento certamente não estou feliz. Talvez eu imagine coisas demais a respeito de um dia tão “importante”. Se ao menos eu tivesse um cachorrinho, não seria tão sozinha. Mas talvez isso seja pedir demais.

A senhora Schaub [1] veio como “enviada” com flores e telegrama. Meu escritório se parece com uma floricultura e cheira como um velório.

Para dizer a verdade, sou ingrata. Mas afinal eu queria tanto um *dachshund* e novamente não deu certo. [2] Talvez então no ano que vem. Ou mais tarde, então vai combinar melhor ainda com a donzela que começa a envelhecer.

Só não perder a esperança. Afinal, devo ter já aprendido a ter paciência.

Comprei 2 rifas hoje porque achava que era hoje ou nunca — um banho de água fria. Eu não vou mesmo ficar rica, não dá para mudar.

Eu iria hoje com Herta, Gretel, Ilse e mamãe até a Zugspitze e teríamos aproveitado o máximo, pois é sempre divertido quando a diversão é conjunta. Mas a viagem “não deu”.

Hoje à noite vou jantar com Herta. [3] O que além disso uma singela garota de 23 anos pode fazer? E assim vou encerrar meu aniversário com comilança. Assim acho também ter agido de acordo com sua opinião.

11.II.35

Ele esteve aqui. Mas nada de cachorrinho, nada de roupas. Ele nem me perguntou se eu quero alguma coisa de aniversário.

Agora eu mesma comprei bijuterias. 1 colar, brincos e o anel do conjunto por 50 M. Tudo muito bonito. Tomara que ele goste. Se não, que escolha algo para mim.

15.II.1935

Parece que Berlim vai se tornar realidade agora. Quer dizer, não acredito até estar na chancelaria do Reich. Tomara que seja um evento feliz.

Pena que em vez de Charly [4] não é Herta que pode vir. Ela seria uma garantia para alguns dias divertidos. Então certamente vai ser uma grande “miséria”, pois eu não acho que o Brückner [5] fará o favor de mostrar o seu lado amável para Charly.

Eu não ousou ficar feliz de verdade, mas pode ser maravilhoso, se tudo der certo. Vamos torcer!

18.II.1935

Ontem ele chegou de repente, e foi uma noite encantadora. Mas o melhor foi que ele está pensando em me tirar do estúdio e... é melhor eu não me alegrar tanto ainda — me dar uma casinha. Eu simplesmente não posso pensar nisso, de tão maravilhoso que seria. Eu não precisaria mais abrir as portas para nossos “honrados clientes” e bancar a balconista. Querido Deus, faça que isso seja verdade e que se torne realidade em pouco tempo. [6] A coitada da Charly está doente e não pode ir a Berlim. Ela realmente é azarada. Mas talvez seja melhor assim. Às vezes Br. [7] é realmente rude e daí ela com certeza ficaria mais infeliz.

Estou tão infinitamente feliz por ele me amar tanto e rezo para ser sempre assim. Nunca quero ser culpada caso ele não gostar mais de mim.

4.3.1935

Estou novamente mortalmente infeliz, pois não posso escrever para ele, então este livro precisa servir para registrar meus lamentos.

Ele veio no sábado. O baile da cidade M. foi na noite de sábado. A senhora Schwarz me deu um convite para o camarote, então eu tinha de ir sem falta, já que tinha aceitado. Assim passei algumas horas maravilhosas com ele até as 12 e depois fui com sua permissão por 2 h ao baile.

No domingo ele me prometeu que eu o veria. Mas, apesar de eu ter ligado para a Osteria [8] e deixado um recado com Werlin [9] que esperava por notícias, ele simplesmente foi para Feldafing e recusou até o convite de Hoffmann para um café e jantar.

É possível enxergar tudo de 2 lados. Talvez ele quisesse estar a sós com o Dr. G., [10] que estava por aqui, mas então ele pode me avisar. Eu estava aflita no estúdio de Hoffmann e ficava pensando que ele poderia chegar a qualquer hora.

Então ainda fomos até o trem, pois ele subitamente se decidiu pela viagem, e chegamos a tempo de ver as luzes traseiras se afastando.

Mais uma vez Hoffmann saiu tarde demais conosco de casa e dessa maneira não consegui nem me despedir.

Talvez eu esteja enxergando tudo preto demais, espero que sim, mas serão 14 dias sem ele e até lá ficarei infeliz e não terei sossego.

Embora eu não saiba por que ele possa estar bravo comigo, talvez por causa do baile, mas ele permitiu.

Eu fico quebrando a cabeça em vão sobre o motivo de ele ter ido embora tão cedo sem se despedir.

Os Hoffmann me deram um ingresso para a noite veneziana de hoje, mas não vou. Estou triste demais.

11.3.1935

Eu só desejo uma coisa, ficar bem doente e não saber mais dele por pelo menos 8 dias. Por que não me acontece nada, por que eu tenho de passar por tudo?

Se eu nunca o tivesse conhecido.

Estou confusa. Vou comprar de novo um remédio para dormir, daí eu ficarei num estado de semitransê e vou parar de ficar pensando tanto. Por que o diabo não me busca? Certamente lá é melhor do que aqui. [11] Esperei por três horas na frente do Carlton e tive de assisti-lo comprando flores para Ondra [12] e convidando-a para jantar. (Imaginação maluca, escrita em 16. 3)

Ele só precisa de mim para determinados fins, não é possível mudar.

(Bobagem). [13] Quando ele diz que gosta de mim, então está se referindo apenas ao momento. Assim como suas promessas, que ele nunca cumpre. [14] Por que ele me tortura assim e não termina logo?

16.3.1935

Ele está novamente em Berlim. [15] Se pelo menos eu não me irritasse tanto quando eu o vejo menos que o habitual. Na verdade, é natural que ele não se interesse tanto por mim com tantos afazeres políticos.

Vou hoje com Gretl para a Zugspitze e acho que daí minha loucura vai melhorar. Tudo sempre acabou bem e dessa vez não será diferente. É preciso apenas conseguir esperar com calma.

1. DE ABRIL DE 1935

Ontem fomos seus convidados num jantar no hotel Vier Jahreszeiten. Eu tive de me sentar por 3 horas ao seu lado e não pude trocar nem uma palavra com ele. Na despedida, como uma outra vez, ele me entregou um envelope com dinheiro. Como seria bom se ele tivesse me escrito uma saudação ou uma palavra amável, eu teria gostado tanto. Mas ele não pensa nessas coisas.

Por que ele não vai jantar na casa de Hoffmann, lá eu o teria por pelo menos alguns minutos para mim? Eu gostaria apenas que ele não viesse antes de sua casa estar pronta.

29 DE ABRIL DE 1935

Estou me sentindo péssima. Muito até. Em todos os sentidos. Fico me dizendo “tudo vai melhorar” o tempo todo, mas ajuda pouco. A casa está pronta, mas eu não posso ir lá.

Parece que o amor está riscado momentaneamente de sua agenda. Agora, depois que ele está novamente em Berlim, estou melhorando um pouco. Mas houve dias na semana passada nos quais eu chorei tudo o que tinha para chorar. Sentimental, fiquei esperando sozinha em casa durante a Páscoa.

Eu economizo, economizo. Já estou irritando todo mundo, porque quero vender tudo. Começando pela roupa, máquina fotográfica até o ingresso do teatro. Bem, já vai melhorar. As dívidas nem são tão altas assim.

10.5.1935

Como a senhora Hoffmann me informou de modo tão amável e sem tato, agora ele tem um substituto para mim. Ela se chama Valquíria [16] e se parece com uma, inclusive as pernas. Mas ele gosta dessa dimensão. Isto é, se isso for verdade, ela logo terá emagrecido de tanto ele irritá-la, caso ela não tenha o talento de engordar por causa de nervoso, como Charly. Para ela, a raiva aumenta o apetite.

Mas se a observação que a senhora H. me transmitiu for verdade, eu acharia o cúmulo ele não me dizer nada a respeito.

Afinal ele poderia me conhecer o suficiente para saber que eu nunca colocaria nenhum obstáculo caso ele descobrisse seu amor por alguma outra. O que vai acontecer comigo pode ser indiferente para ele. Eu agora vou esperar até 3 de junho então passou um trimestre desde nosso último encontro e vou pedir explicações. Que alguém me acuse de não ser abnegada.

O tempo está tão maravilhoso e eu, a amante do maior homem da Alemanha e da Terra, estou trancada e posso ficar olhando o sol pela janela.

Que ele tenha tão pouca consideração e ainda me rebaixe na frente dos amigos. Mas “a vontade do ser humano é soberana” e etc. Ou como se preferir...

Afinal é minha culpa mas coisas assim a gente gosta de jogar para os outros. Esse tempo de jejum também terá algum dia seu final e então o gosto será melhor. Só é pena porque agora é primavera.

28.5.1935

Acabo de enviar-lhe uma carta, decisiva para mim. Será que ele a achará tão importante?

Bem, vamos ver.

Se eu não tiver resposta até hoje à noite, 10 horas, vou simplesmente tomar minhas 25 pílulas e passar para o outro lado suavemente.

É esse seu amor louco que ele tantas vezes me assegurou, quando não me dá notícias por 3 meses?

Certo, ele estava de cabeça cheia nesse tempo com problemas políticos, mas agora não há um relaxamento? E como foi no ano passado?

Ele ficou exausto com Rôhm e com a Itália, mas mesmo assim encontrou tempo para

mim. Embora seja difícil para mim julgar se a situação atual é mais pesada para ele, apesar disso algumas palavras amorosas no escritório de Hoffmann ou sei lá onde não o teriam distraído tanto.

Eu temo ter outras coisas por trás. Não sou culpada. Certamente não.

Talvez uma outra mulher, embora não a garota Valquíria, isso seria um pouco impossível, mas há tantas outras. Quais seriam os outros motivos?

Não encontro nenhum!

Sob a mesma data, 28.5.1935, está o último registro de Eva Braun:

Deus do Céu, eu estou com medo que hoje não haja resposta.

Se ao menos alguém me ajudasse, tudo é tão desolador.

Talvez minha carta o alcançou numa hora imprópria. Talvez eu não devesse ter escrito. Seja como for, a incerteza é mais difícil de suportar do que um fim súbito.

Querido Deus, me ajude para eu conseguir falar com ele ainda hoje, amanhã será tarde demais.

Decidi-me por 35 comprimidos e dessa vez tem de ser um evento “fatal certo”.

Se ele pelo menos deixasse telefonar...

Últimas cartas de Eva para Herta Schneider, o irmão de Herta, Walter Ostermayr, e sua irmã Gretl, nascida Braun, hoje Fegelein. Extraídas da biografia de Eva Braun escrita por Johannes Frank, publicada em 1997 por Nation Europa Verlag, caixa postal 2554, 96450 Coburg — Alemanha

Em 11 de novembro de 1943 Eva escreveu para o irmão da sua amiga Herta, que estava no front: “Querido Walter! Como vai? Faz tanto tempo que não tenho notícias suas, mas temo que a culpa seja minha. Infelizmente não consegui escrever por causa das minhas atividades na família Hoffmann e os estragos dos bombardeios na minha casinha. Em Munique, exceto algumas reclamações, o ânimo subiu consideravelmente desde o discurso do *Führer*. Acho que não preciso perguntar por vocês, aí fora. Vocês estão, graças a Deus, sempre bem e de bom astral. Meus sinceros votos de Natal e lembranças, sua Eva Braun”.

“Querida Hertinha!

Muito obrigada por suas duas amáveis cartinhas e receba ainda meus votos por escrito de feliz aniversário. A ligação telefônica ruim impediu que eu a cumprimentasse. Desejo-lhe um reencontro rápido e em boas condições de saúde com o seu Erwin. Certamente é isso que você espera também. Tomara que a carta de aniversário que ele escreveu ainda chegue. Ela não pode ter se perdido! Estou feliz por você ter se decidido fazer companhia a Gretl no Berghof. Desde o ataque ontem a Traunstein não estou mais tão convencida de que vocês estão seguras em Garmisch. Graças a Deus que mamãe também vai até vocês amanhã. Dessa maneira não preciso me preocupar mais.

Escutamos aqui os tiros da artilharia do front oriental e, naturalmente, todo dia há ataques aéreos. Do leste ou do oeste, à escolha deles. Infelizmente tenho ordens de ficar alerta a cada alarme, por causa de uma eventual inundação, apesar de que minha vida está restrita ao *bunker*. Você pode imaginar que o sono é curto. Mas eu estou muito feliz por estar perto dele exatamente agora. Embora não passe nem um dia sem a exortação de me colocar em segurança em Berghof, mas até agora eu sempre venci. Além disso: a partir de hoje provavelmente não é mais possível pensar em passar de carro. Se tudo der errado, porém, certamente descobriremos um caminho seguro para rever vocês.

Aconteceu uma fantástica porcária com Brandt, ou melhor, foi ele quem a provocou. Não posso falar mais aqui.

As secretárias e eu atiramos todos os dias com as pistolas e já nos aperfeiçoamos tanto que nenhum homem ousa concorrer conosco. Ontem telefonei para Gretl, provavelmente pela última vez. A partir de hoje, não há mais esperança alguma de conseguir contato telefônico. Mas estou absolutamente convencida de que no fim tudo ficará bem e ele demonstra um otimismo incomum.

O que faz Anneliese? Ela certamente não poderia fugir, por causa da fábrica. No nome dele, eu Berghof como asilo a ela e à tia. Se elas acabarem chegando, serão bem-vindas. Onde será que Ilse está agora? Por favor, escreva, se for possível. Pode ser que o transporte possa ser feito com um avião. O capitão Baur está sempre indo para a Baviera. A senhora Bormann também saberá a melhor maneira de vocês conseguirem enviar uma carta.

Onde está Käthel? Georg, Bepo, e como vai Gretl? Por favor, escreva uma carta longa em breve! Desculpe se a minha não tem o estilo habitual, mas estou numa correria, como sempre. Com os melhores votos a todos vocês, sempre sua

Eva

PS. A foto é para Gretl. Um dos salsichinhas será dela. Diga por favor à senhora Mittelstrasser que recebeu ordens expressas para dar férias à garota da Áustria, a fim de viajar para casa. Mas apenas temporariamente. Penso em 14 dias ou algo assim. Meus cordiais cumprimentos a ela também.

BERLIM 23.IV.45

Minha querida irmãzinha,

Como lamento por você, recebendo de mim uma carta dessas! Mas não há outro jeito. A qualquer dia, agora, a qualquer hora, tudo pode estar acabado, de modo que tenho de aproveitar esta última oportunidade para lhe dizer o que ainda precisa ser feito. Em primeiro lugar: Hermann não está mais aqui! Partiu para Nauen, a fim de organizar seu batalhão ou algo assim. Estou absolutamente convencida de que você o verá novamente: sem dúvida abrirá caminho, talvez conduzindo a resistência na Baviera por mais algum tempo. O próprio *Führer* perdeu toda a fé num desenlace feliz. *Todos aqui,*

incluindo eu mesma, manteremos a esperança enquanto vivermos. Ergam a cabeça e não se desesperem! Ainda há esperança. Mas é desnecessário dizer que não permitiremos que nos capturem com vida.

Minha fiel Liesl não me deixará. Já sugeri inúmeras vezes. Gostaria muito que ela ficasse com meu relógio de ouro. Infelizmente, deixei-o para Miezi em meu testamento. Talvez em vez disso você pudesse dar a Miezi alguma outra peça igualmente valiosa dentre minhas joias. Tenho certeza de que fará a coisa correta. Fora isso, gostaria de continuar usando o bracelete de ouro com a pedra verde até o fim. Pedirei que seja removido depois e então você deve sempre usá-lo, como sempre fiz. Também ele foi deixado para Miezi no testamento. Assim, por favor, proceda quanto a isso do mesmo modo. Infelizmente, meu relógio de diamante está no conserto — vou lhe dar o endereço no fim desta carta. Com alguma sorte, ainda será capaz de recuperá-lo. É para você: sempre quis um. O bracelete de diamante e o pingente de topázio também são seus — foram presente do *Führer* em meu último aniversário. Espero de fato que esses meus desejos sejam cumpridos.

Além disso, insisto em que faça o seguinte: destrua toda minha correspondência particular, sobretudo no tocante a transações. Não quero nenhuma conta daquela Heise sendo encontrada sob qualquer circunstância. Também destrua por favor o envelope endereçado ao *Führer*, que está a salvo no *bunker*. Por favor, não leia! Quanto às cartas do *Führer* e meus esboços de resposta (num caderninho de couro azul): por favor, embrulhe num pacote à prova d'água e enterre. Não destrua, por favor! Há algumas contas pendentes da empresa de Heise e é bem possível que ainda algumas notas estejam por chegar, mas isso não ultrapassará RM 1.500. Não tenho ideia do que você deve fazer com os filmes e álbuns de fotografia. Em todo caso, espere por favor até o último momento antes de destruir tudo, a não ser pela correspondência comercial, a particular e o envelope para o *Führer*, que pode queimar imediatamente. Também lhe mando alguma comida e tabaco, junto com esta. Por favor, dê parte do café para Linders e Kathl; por favor, também lhes dê um pouco do alimento enlatado que há em meu porão. Os cigarros em Munique pertencem a Mandi, assim como os que estão na mala. O tabaco é para o papai, o chocolate, para a mamãe. Há um pouco mais de chocolate e tabaco no Berghof: sirvam-se de tudo que puderem. Não consigo pensar em mais nada. Começaram a dizer agora há pouco que as coisas estão melhorando. Ontem, o general Burgdorf dava nossas chances como sendo de dez por cento, mas agora ele subiu para cinquenta por cento. *Então! Quem sabe tudo não dará certo no final?*

Arndt chegou com a carta e a mala? Dizem por aqui que o avião não chegou a tempo. Esperemos que Morell tenha descido em segurança aí com minhas joias. Seria horrível se algo acontecesse. Pretendo escrever para Mutti, Herta e Georg logo pela manhã, se puder.

Mas por hoje chega.

Agora, minha querida irmãzinha, desejo-lhe muita, muita felicidade. E não se esqueça, sem dúvida verá Hermann outra vez!

Com meus melhores e mais queridos votos e um beijo,
Sua irmã, Eva

PS. Acabo de falar com o *Führer*. Ele parece estar com uma visão mais otimista do futuro do que estava ontem. O endereço do relojoeiro é: SS-Unterscharführer Stegemann, SS Lager Oranienburg, evacuado para Kyritz.

Anexo C

JUDEUS MORTOS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (ESTIMATIVAS)

País	População judaica no pré- guerra	Perda mínima
Alemanha	566.000	134.500
Áustria	185.000	50.000
Bélgica	65.700	28.900
Boêmia e Morávia	118.310	78.150
Bulgária	50.000	0
Dinamarca	7.800	60
Eslováquia	88.950	68.000

Estônia	4.500	1.500
Finlândia	2.000	7
França	350.000	77.320
Grécia	77.380	60.000
Holanda	140.000	100.000
Hungria	825.000	550.000
Itália	44.500	7.680
Letônia	91.500	70.000
Lituânia	168.000	140.000
Luxemburgo	3.500	1.950
Noruega	1.700	762
Polônia	3.300.000	2.900.
Romênia	609.000	271.000
União Soviética	3.020.000	1.000.

CADERNO DE FOTOS



Eva Braun um bebê nada bonito nos braços de sua mãe, Franziska (Fanny) Braun, fevereiro de 1912. (NARA)



Eva tem cerca de um ano de idade neste retrato; sua irmã Ilse deve ter quatro. Há uma anotação, com a letra de Eva, “Ich und Ilse” “Ilse e eu”. Ela esqueceu o gato da família, Schnurrer (Ronrom). (NARA)



Eva, com cinco ou seis anos, na praia, usando uma folha de repolho na cabeça. Ela já aprendia a posar para a câmera. (NARA)



Eva (quarta, a partir da direita, na fileira da frente) com um sorriso perverso. Seu rosto é praticamente o único que exhibe algum traço de animação neste grupo de crianças de aparência miserável. Ela escreveu na foto “In der Klosterschule an Beilngries” “No colégio de freiras de Beilngries”, de modo que deve ter sido tirada na época da separação de seus pais, em 1919, quando Eva tinha sete anos. (Com a gentil permissão de Karl Westermeier, Beilngries.)



A maternal avó de Eva, Josefa Kronburger, née Winbauer, dando comida às galinhas na horta dos fundos da casa, em 1925, assistida por sua filha Antonia ("Anni"). (NARA)



Este retrato de Eva com um pastor alemão não está datado, mas ela parece uma pré-adolescente, então a foto deve ter sido tirada em meados dos anos 20, após a reconciliação de seus pais. (NARA)



Uma Eva adolescente senta-se no chão do apartamento da família Braun na Hohenzollernstrasse, 93, mostrando o novo gatinho e as pernas. (NARA)



Eva, uma jovem adolescente, numa pose estudada em sua cama, talvez lendo um livro.

(NARA)



Eva escreveu nesta foto "Im Geschäft 1930" "na loja". Se a data está correta, teria sido tirada pouco depois de ter conhecido Hitler e revela como já podia ser provocante, mesmo aos dezoito anos. (NARA)



Uma foto de uma série batida por Hoffmann mostra Eva no escritório da Amalienstrasse, em Munique. Está sem data e o cabelo não saiu lá essas coisas (é uma tentativa de corte shingled, muito em moda na época). (NARA)



A loja de fotografia de Heinrich Hoffmann, para onde se mudou vindo da Schellingstrasse, pouco depois da contratação de Eva. Incumbido de ser o fotógrafo oficial já em 1922, Hoffmann transformou o rosto anêmico e os traços irregulares de Hitler nos de um líder carismático. A vitrine exibe vários retratos do Führer. Os direitos exclusivos que Hoffmann deteve por fotos como estas renderam-lhe uma fortuna. (NARA)



Estas fotos cruciais do álbum de Eva estão anotadas com sua letra: “Berchtesgaden 1931”. São uma prova de que visitou o refúgio particular de Hitler em Obersalzberg já nesse ano. Sua adorada sobrinha Geli morreu no dia 18 de setembro, então a visita ocorreu alguns meses, senão semanas, após seu suicídio. O clima hibernal sugere que podem ter sido tiradas em novembro ou dezembro. O homem com a cabeça curvada, vestindo um impermeável claro e chapéu de feltro, é provavelmente Hitler em pessoa. O que vemos é o Berghoff ainda chamado de Haus Wachenfeld em 1931 antes do começo das obras de ampliação. (NARA)



Hitler muitas vezes presenteava este seu retrato de fisionomia concentrada aos visitantes, junto com um exemplar autografado de Mein Kampf. A assinatura no canto esquerdo é de Hoffmann. Suvenires como este são ardentemente perseguidos por colecionadores do Terceiro Reich e mudam de mãos à custa de milhares de euros. (Este foi vendido por 12.500 euros em 2004.) (HERMANN HISTORICA)



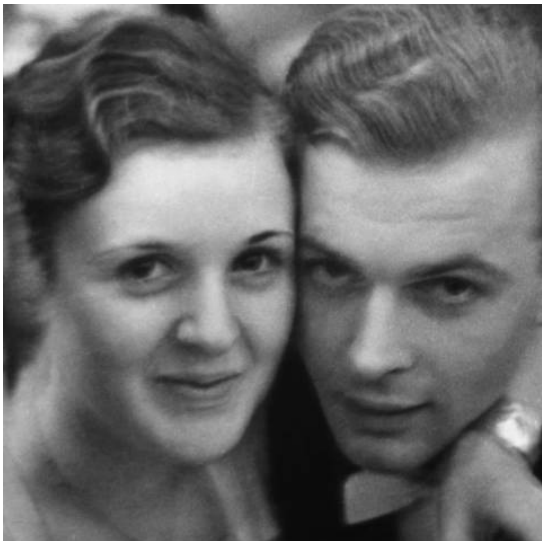
Este nu escultural de Ivo Salinger, datando de 1941, é o protótipo da mulher de formas fartas, mas recatada e do estilo de pintura, tão ao gosto de Hitler. Ele acreditava que o “realismo ariano” iria com o tempo superar em importância e valor os mestres renascentistas. Em 2004, este exemplar foi vendido por 5.000 euros. (HERMANN HISTORICA)



A sobrinha de Hitler, Geli Raubal, fotografada por Hoffmann em setembro de 1929. Ela vivera com o Führer desde 1927, objeto de sua paixão incestuosa, mas este retrato era um presente para seu amante secreto, Emil Maurice, chofer de Hitler. Hitler forçou o casal a se separar por dois anos e a foto tem uma inscrição com a letra de mão dela: “Meinem lieben Emil, zur Erinnerungen, von Deiner Geli” “Meu querido Emil, lembre-se de mim, da sua Geli”. (Vendido por 3.500 euros.) (HERMANN HISTORICA)



Fotos tiradas por Eva, legendadas com “1936 o novo Berghof”. A primeira foto mostra a obra em andamento, aumentando e reconstruindo a “Haus Wachenfeld”, chalé mais modesto que se tornou a casa de veraneio de Hitler e segundo centro de governo. Grande parte de sua vida social, bem como a de seus seguidores e famílias, desenrolava-se neste imenso terraço. (NARA)



Eva e sua paqueradora irmã mais nova, Gretl, eram tão parecidas que nas fotos quase não se pode distingui-las, mas Gretl tinha olhos maiores e mais escuros e um rosto em forma de coração. Esta foto a mostra de rosto colado com um jovem bemapessoado.

(NARA)



No canto oposto do quarto de Eva ficava sua mesa de trabalho; no alto, outro retrato de Hitler. Eva era uma prolífica escritora de cartas, mas, infelizmente, poucas delas sobreviveram. (NARA)



O sofá grande, macio e convidativo onde Eva e Hitler relaxavam. Ao fundo, um telefone (cujo número não figurava na lista) e alguns livros. (NARA)



Eva passa de bicicleta pelo portão de sua casinha num discreto subúrbio de Munique, um refúgio privado bancado por Hitler no fim de 1935 a fim de poder visitá-la em segurança. (BIBLIOTECA PÚBLICA DA BAVIERA, MUNIQUE)



Hitler e sua adorada cadela, Blondi, em poses idênticas, espiando por sobre a balastrada de madeira que cercava a Teehaus e descortinava uma vista maravilhosa. (NARA)



Um ano depois também se providenciou para ela uma suíte colada ao quarto de Hitler, no recém-reformado e rebatizado Berghof. Esse canto de seu dormitório mostra uma penteadeira elegante e moderna com cosméticos, três espelhos diferentes e um retrato de Hitler. (NARA)



Hitler cumprimenta Eva com uma leve curvatura; ela esboça uma mesura. Nos primeiros dez anos juntos, o comportamento deles na frente de outras pessoas continuou impecavelmente formal. (NARA)



A linguagem corporal aqui é expressiva. Nenhum dos dois parece à vontade, muito menos íntimos. Hitler fica de braços cruzados, quase inclinado para trás; a pose dela é respeitosa, as pernas desajeitadamente tortas como as de uma criança, e o espaço entre os dois é desnecessariamente grande. Ela veste o traje bávaro típico: corpete e saia larga, que ele tanto apreciava. (NARA)



Eva e sua mãe Franziska (Fanny). Este retrato deve ser de 1938, quando seus pais haviam sido persuadidos a tolerar o relacionamento de Eva com Hitler; ainda que, como bons católicos, a seus olhos ele permanecesse pecaminoso. (NARA)



Eva e Hitler tomando chá na estância bávara de Garmisch-Partenkirchen, em algum momento da década de 30. O braço intrometendo-se à esquerda revela que havia outras pessoas presentes, o que torna a proximidade do casal e seu ar relaxado algo inusual.

(BIBLIOTECA PÚBLICA DA BAVIERA, MUNIQUE)



Quando Hitler estava longe, a vida de Eva era monótona. Ela vivia à procura de diversão e estímulo e de uma oportunidade para exhibir o corpo. Aqui ela brinca com o traje de banho. (BIBLIOTECA PÚBLICA DA BAVIERA, MUNIQUE)



Mesma coisa, tomando banho de sol com um traje de banho diferente. (BIBLIOTECA PÚBLICA DE MUNIQUE)



E outra vez, agora no terraço do Berghof. Em fotos como esta e há inúmeras delas sua barriga em forma prova que Eva nunca ficou grávida. (NARA)



Para se manter em forma e matar o enorme tempo livre quando Hitler não estava, Eva praticava ginástica no limite da perfeição, buscando agilidade e força. (NARA)



Mais do mesmo... seqüência fotografada e também filmada numa pequena praia particular no Königssee, perto de Berchtesgaden, seu lugar favorito para relaxar. (NARA)



A diversão e as risadas começam a ficar tensas e artificiais; os olhos e a boca abertos exageradamente demais para ser espontâneo. A essa altura o fim dos anos 30, o terraço e as montanhas já eram bem familiares. (BIBLIOTECA PÚBLICA DA BAVIERA, MUNIQUE)



Hitler, com exagerada cortesia, beija a mão de Eva; ela sorri alegremente para ele.
(BIBLIOTECA PÚBLICA DA BAVIERA, MUNIQUE)



Fora do confinamento do Berghof, Eva se divertia sem inibições. Anotada na sua caligrafia, “Auf dem Markusplatz” Na Praça de São Marcos , ela está em Veneza, provavelmente em 1938 ou 1939, usando um elegante conjunto bávaro e cercada pelas infalíveis pombas. (NARA)



Eva, acompanhada por amigas e parentes, visitou a Itália regularmente entre 1938 e 1941. Este instantâneo de férias mostra Fanny Braun, Margret Speer, Anni Brandt, Eva Braun e Marion Schönmann num banco em Roma, vestindo a última palavra em Bavarian chic. A guerra a essa altura estava a pleno vapor, mas o alegre quinteto não dava nenhum sinal de que deixaria isso estragar seu divertimento. (NARA)



Outro ano (1939), outras férias. Eva exibindo seu novo casaco de peles branco com uma das tias, fazendo uma pausa das rampas de esqui. (NARA)



Eva de férias na Itália, outra vez, segurando abertamente um cigarro na mesa do café. Ela só podia fumar escondida no Berghof, já que Hitler desaprovava o hábito. Longe, podia fazer o que quisesse quando ele estava por perto, era obrigada a adequar seu comportamento a suas regras e caprichos. (ULLSTEIN BILD)



Outro tipo de prazer... Eva (à esquerda), sua mãe (centro) e sua irmã Gretl celebrando ruidosamente a Fasching, ou Terça-Feira Gorda, em 1939, numa cervejaria de Munique.
(NARA)



Os bem-apessoados ajudantes de Hitler constituíam companhia para Eva, bem como uma oportunidade para um inofensivo flerte, mas nada além disso. Eles não eram loucos de se arriscar a despertar a ira do Führer e Eva se mantinha devotada e fiel. Nem mesmo o ótimo partido Walter Hewel (segundo do lado esquerdo) podia tentá-la a pular a cerca.

(NARA)



Muito mais tediosos eram os longos monólogos de Hitler, feitos depois do jantar no Grande Salão do Berghof. Nesta foto de 1944, Eva Braun, no canto esquerdo, olha para a câmera; a seu lado, Hitler conversa com uma visita desconhecida. (ULLSTEIN BILD)



Os pais de Eva, Fritz e Fanny, seduzidos pelo luxo que o Berghof oferecia, tornaram-se visita regular, embora nos primeiros dias do relacionamento de sua filha com Hitler tenham objetado tenazmente à ligação dos dois. Os laços entre Eva e sua família permaneceram fortes e carinhosos. (NARA)



Este retrato de estúdio, tirado no aniversário de sessenta anos de Fritz, em 1939, mostra (da esquerda para a direita) Ilse, Fritz, Fanny, Gretl e Eva. As personalidades de cada um se evidenciam em seus rostos: os de Ilse e Fritz, tristes e formais; Fanny, sorridente e orgulhosa, a mão sobre o braço do marido; o de Gretl é ausente. Apenas Eva exibe um ar descontraído e feliz. (NARA)



Uma rara foto mostrando Eva com alguns nazistas proeminentes (da esquerda para a direita): Goebbels os braços cruzados, na defensiva, as pernas bem fechadas, sempre sinistro, a despeito do terno fino e da risada jovial; Eva, Hans Hauptner, arquiteto da Kehlsteinhaus, e Albert Speer: desinteressado demais para sorrir por obrigação para a câmara de Gretl. (NARA)



Hitler esperava de seus camaradas no Berg que chefiassem famílias arianas modelares e gostava de ver suas esposas e filhos brincando alegremente no terraço. Aqui (segundo à esquerda) ele observa um cercado (de coelhos e tartarugas) ou talvez um chiqueirinho, enquanto mais atrás os ajudantes aguardam que lhes dê atenção. Eva (à direita, em primeiro plano) o está filmando. Por perto, como sempre, os dois Scotch terriers pretos, Stasi e Negus. (NARA)



Sob o sol invernal, Eva cochila numa das cadeiras de vime no terraço do Berghof. Nessa época, estava com Hitler havia cerca de dez anos e a tensão começa a transparecer em seu rosto. (NARA)



Hitler dorme após o chá na Teehaus, enquanto Eva o observa com ternura. Somente quando voltava ao Berghof, lá pelas cinco da tarde, o Führer de fato se punha a trabalhar.

(BIBLIOTECA PÚBLICA DA BAVIERA, MUNIQUE)



Hitler, Eva e todo um destacamento de crianças dos Bormann e dos Speer, vestidos com as melhores roupinhas para o “Onk” Hitler. Margret Speer está cortada do quadro (extrema direita). A foto provavelmente foi tirada no Natal de 1939, que comemoraram alguns dias adiantados para que ele pudesse aproveitar a festa antes de partir para uma vistoria das tropas, a fim de elevar o moral. Depois desse ano, Hitler em geral estava preocupado demais com a guerra para ir para casa. (NARA)



O aniversário de Hitler em 1943 ou 44. Por costume, seus amigos reuniam-se à meia-noite para brindar a sua saúde no ano vindouro. Na manhã seguinte, a mesa da festa estaria cheia de flores, presentes pessoais e uma seleção de oferendas feitas pelo povo germânico. Hitler fingia reprovar o exagero, mas Eva (à esquerda, com o vestido favorito dele) sabia que secretamente adorava ser paparicado. (NARA)



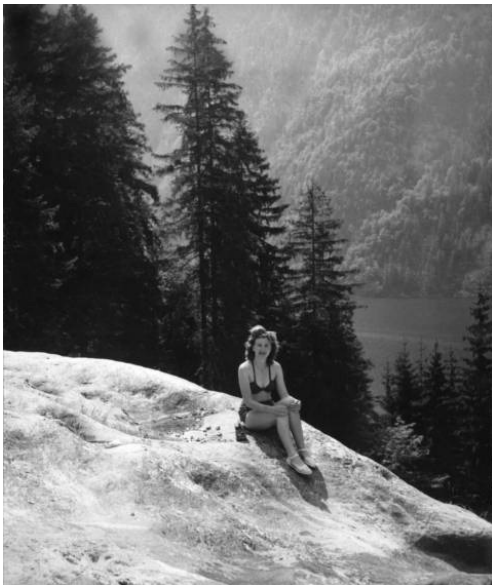
Mesmo depois de 1940, e a despeito do sofrimento que assolava a Europa, Eva continuava a usufruir da idílica paisagem em torno de Obersalzberg. Como a maioria das alemãs, permanecia na ignorância quanto à guerra e suas atrocidades e nada sabia a respeito do destino dos judeus e demais pessoas consideradas “inadequadas para viver” pelos nazistas. (BIBLIOTECA PÚBLICA DA BAVIERA, MUNIQUE)



Trajada dos pés à cabeça em costume bávaro, Eva posa graciosamente no terraço do Berghof, a imagem perfeita da mulher ideal de Hitler: dócil, recatada e ingênua. Só as crianças que tanto anelava estão faltando. Hitler, temeroso de transmitir os próprios genes defeituosos, sempre se recusou a ser pai. (NARA)



Esta foto, tirada em seu avião particular, tornou-se conhecida como a do “Hitler bonito” porque a luz brilhante acima das nuvens o favoreceu, ocultando suas profundas pregas e rugas, o que a torna difícil de datar. Eva escreveu como legenda “Flug München Berlin”:
vôo de Munique a Berlim. (NARA)



Eva como uma filha da natureza. Esta foto deve ter sido tirada em algum momento no início da década de 40, a julgar pelo corte de cabelo, mais longo e natural. Hitler preferia que não usasse maquiagem ou esmalte de unhas, mas, pelo menos aqui, ela não lhe deu ouvidos. (NARA)



Meu avô, Wilhelm Schröder, com cerca de setenta anos, na cidade balneária de Bad Salzuflen. Devia estar visitando meus pais, que moraram lá no fim dos anos 40. Nesta foto, provavelmente tirada por um fotógrafo ambulante, ele posa diante do elegante clube reservado para cidadãos britânicos, usando seu melhor terno e segurando um fino chapéu Homburg numa mão e um copo de limonada na outra. (COLEÇÃO DA AUTORA)



Elizabeth ("Lidy") Neubert, minha adorada tia-avó. Tirei esta foto em 1980, na última visita que lhe fiz, em Hamburgo. Ela morava sozinha num apartamento minúsculo, mas continuava alegre, carinhosa e sem um pingô de autopiedade. Jamais se casou, mas conheceu uma vida dura e suportou inúmeras provações do tempo da guerra, incluindo o bombardeio de Hamburgo, em julho de 1943. A mais nova dentre mais de uma dúzia de irmãos, morreu sozinha em 1981, com a idade de 86 anos. (COLEÇÃO DA AUTORA)



Eva de braços dados com Speer. A amizade entre eles foi estreita, ainda que inteiramente platônica e, depois da irmã Gretl, ele era seu principal confidente e amigo no Berg. Em sua última visita ao bunker, fez o possível para persuadi-la a partir para não morrer com Hitler e ao final da guerra elogiou sua bondade, coragem e lealdade. (NARA)



Speer (em primeiro plano, à direita) foi o acólito favorito de Hitler, graças à aparência elegante e aristocrática, disposição para o trabalho duro e os projetos arquitetônicos concebidos para transformar uma Berlim vitoriosa numa cidade que rivalizasse com a antiga Roma. (NARA)



No escritório de Speer, em Obersalzberg, no fim dos anos 30, Hitler se debruça sobre grandiosos projetos. Speer se tornou seu principal arquiteto em 1934, com a idade de 29, e seus prédios vastos e austeros materializavam a visão do Führer para um Reich de Mil Anos. Os dois eram muito próximos, mas os boatos de um relacionamento homossexual não passam de bobagem. (NARA)



Eva tinha a fantasia de se tornar uma estrela de cinema e adorava ser fotografada em poses glamorosas usando um vestido de noite. Estava sempre disposta a que outros fotógrafos, além de Hoffmann a quem passou a detestar intensamente, tirassem seu retrato. Este aqui, do início da década de 40, é de Anton Sahm, renomado profissional de Munique. Ele a retratou esbelta e clássica num vestido branco cor que ela geralmente escolhia para essas fotos, talvez num desejo inconsciente de se parecer como uma noiva para Hitler. (NARA)



Esta foto feita por Hoffmann mostra uma Eva mais suavizada e romântica, que devia ser da preferência de Hitler. Ele encorajava essa paixão pelo cinema e prometia que ao final da guerra ela poderia estrear um filme sobre sua vida. (BIBLIOTECA PÚBLICA DA

BAVIERA, MUNIQUE)



Eva e Herta Schneider (née Ostermayer) eram amigas desde os doze ou treze anos, quando se conheceram no Lyzeum. A forte afeição entre as duas fica óbvia neste instantâneo tirado num piquenique. O firme apoio emocional de Herta, assim como das demais amigas, foi um grande conforto para Eva. Mesmo após o casamento, Herta e suas filhinhas que se tornaram um substituto de filhos para Eva passavam grande parte do tempo no Berghof, sobretudo quando o marido de Herta estava fora, a serviço do exército. Ela e os dois Scotties foram vitais para Eva, especialmente quando Gretl se casou e deixou-a exposta às línguas maldosas das esposas nazistas. Embora a personalidade de Herta fosse mais séria, permaneceram boas amigas por vinte anos e Hitler sempre a julgou uma boa influência sobre Eva. (NARA)



Esta foto, tirada na suntuosa festa que foi dada após o casamento de Gretl, mostra Eva dançando com seu cunhado, Hermann Fegelein. Ela era uma fabulosa pé-de-valsa, mas nunca na presença de Hitler. A proibição não derivava do ciúme, mas, mais provavelmente, porque ele mesmo não sabia dançar. (BIBLIOTECA PÚBLICA DA BAVIERA, MUNIQUE)



Três músicos de uma banda da SS fazem serenata para Eva no casamento. Sua expressão sugere mais constrangimento que alegria. Fosse outra a época, os músicos teriam sido ciganos, mas em 1944 eles haviam sido mandados para os campos de extermínio, onde 800 mil foram mortos não que Eva pudesse saber disso. (ULSTEIN BILD)



Eva no vestidinho bávaro e Hitler com o quepe do uniforme no Berghof, talvez em sua última visita, em julho de 1944. Ela parece um pouco mais magra na cintura; ele está mais curvado do que de costume, mas o momento é relaxado e íntimo. Não mais amantes, haviam se tornado companheiros. Hitler enfim confiava em seu amor e necessitava do conforto que só ela podia prover. (BIBLIOTECA PÚBLICA DA BAVIERA)



O sofá no bunker de Berlim onde Hitler e Eva cometeram suicídio, em 30 de abril de 1945, ela engolindo cianureto, ele com um tiro na cabeça. Todas as testemunhas do suicídio afirmaram que Eva aceitou de bom grado esse destino, rejeitando as tentativas de fazer com que deixasse a cidade sitiada. Nos derradeiros dias, Hitler disse, amargo: "Só Fräulein Braun e Blondi permaneceram leais a mim". (GETTY IMAGES)

NOTAS

INTRODUÇÃO

1. Decidi usar essa expressão porque engloba *todas* as minorias raciais, étnicas, religiosas e políticas que foram perseguidas, torturadas e assassinadas sob o Terceiro Reich. Fui informada por Stephen Unwin, autor de um estudo de Bertolt Brecht, que o dramaturgo falava em “tempos negros” na Alemanha sob o Terceiro Reich, de modo que conto com um distinto predecessor em minha escolha.

2. Mais uma pequena coincidência veio à luz quando me vi a meio caminho de terminar o livro. Ao navegar por um *site* que vendia objetos pessoais de Eva, vi sua lapiseira de prata em oferta (por 350 dólares). Era idêntica a uma que minha mãe usara por cinquenta anos.

3. Ver *Operation Foxley: The Plan to Kill Hitler*, introdução de Mark Seaman: “Gästehaus Hoher Göll — no bosque atrás do Berghof — acolhe *Fräulein* Eva (Evi) Braun, secretária de Hitler, e o chefe de imprensa dr. Dietrich, bem como ajudantes-de-ordens e convidados menos importantes”.

4. Contatei a editora de Nerin Gun, para o caso de terem alguma informação sobre as anotações das entrevistas, mas fui informada de que “Os velhos arquivos que tínhamos perderam-se na inundação de 1993”.

5. Documentário com uma hora de duração feito pela 3bmtv, produzido e dirigido por Marion Milne, que foi ao ar pela primeira vez na itv, em 29 de abril de 2001, ganhando inúmeros pr mios como melhor programa factual de televisão apresentado nesse ano.

6. Gertraud Weiker   autora, 25 de agosto de 2005: “*Es bedr ck mich doch ein Leben lang, dass meine Lieblingscousine ihr Leben einem Massenm rder geopfert hat*”.

1. O PRIMEIRO ENCONTRO, ESTRANHO E FATAL

1. Ernst “Putzi” Hanfst ngl, de quem muito se ouvir  mais adiante, chamava-a de “o Montparnasse de Munique” (*Unheard Witness*, p. 31).

2. Christiane Gehron observa que Friedrich Schelling foi o *Wunderkind* [garoto prodígio] do idealismo germânico. Nascido a 27 de janeiro de 1775, em Leonberg, perto de Stuttgart, Württemberg; falecido a 20 de agosto de 1854, em Bad Ragaz, Suíça. Filósofo e educador, foi figura de destaque do idealismo germânico no pensamento pós-kantiano da filosofia alemã. Enobrecido com a adição de *von* ao seu nome em 1806. (Fonte: <www.britannica.com/eb/article?tocId=9066105>).

3. Pouco depois que começou a trabalhar ali, a loja mudou para a vizinha Amalienstrasse, mas Eva continuou a frequentar a Schellingstrasse, centro de encontro do partido de Hitler, bem como local onde ele passava as horas ociosas.

4. Grande parte delas hoje se encontra no Arquivo de Imagens Hoffmann (Bildarchiv Hoffmann), na Bayerische Staatsbibliothek, em Munique.

5. O tio de Eva, Alois Winbauer, alega que Gretl também trabalhou para Hoffmann (ver *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 10. Esse relato privado do dr. Alois Winbauer, escrito em 1976 a pedido da sobrinha, Gertraud Wesker, jamais fora publicado antes). Se ele estiver correto, seria impossível que ela tivesse começado na mesma época de Eva, uma vez que estaria com apenas catorze anos. Heinrich Hoffmann, em suas memórias, *Hitler Was My Friend*, diz, na p. 160, "Gretl também foi uma de minhas empregadas", mas não diz quando ou em que função trabalhou para ele. Winbauer escreveu mais de quarenta anos após o evento, de modo que pode ter se equivocado; ninguém mais menciona Gretl como trabalhando na loja.

6. Nesse estágio de sua carreira, Hitler invariavelmente trajava um sobretudo bege Burberry, afivelado na cintura, como um detetive particular num filme dos anos 30.

7. De Nerin E. Gun, *Hitler's Mistress: Eva Braun* (Meredith Press, Nova York, 1968).

Gun foi um antigo jornalista *freelance* e redator que trabalhou em jornais suíços e no serviço de imprensa turco em Berlim. Por suas reportagens mundialmente conhecidas sobre o gueto de Varsóvia e por prever a derrota das forças alemãs na Rússia, foi preso pelos nazistas e mandado para onze prisões e três campos de concentração, acabando em Dachau. Um dentre os dois únicos correspondentes estrangeiros autorizados a trabalhar em Berlim a ir parar num campo de concentração exclusivamente por suas atividades jornalísticas, continuava em Dachau quando, a 29 de abril de 1945, a cidade foi libertada pelas tropas americanas do sétimo exército dos Estados Unidos. A biografia de Gun, publicada em 1968, há muito está fora de catálogo e não fui capaz de localizar os papéis de pesquisa do autor ou as transcrições das entrevistas. Seus editores disseram-me que quaisquer anotações ou originais que pudessem eventualmente ter de sua pesquisa para a biografia de Eva foram destruídos por uma inundação que atingiu as instalações do prédio em 1993. A família de Eva Braun recebeu o livro de Gun com indignação e tristeza, como descreve sua prima Gertrude Weisker, num e-mail a esta autora datado de 19 de fevereiro de 2004: "Quanto a Nerin Gun, quando visitei minha prima Ilse em Munique, em outubro de 1978, ela me contou sobre a entrevista. Ilse ficou muito indignada. Meu tio (Alois Winbauer) havia lhe mandado o livro, que, conforme ele observou, era indigno de confiança e sensacionalista. Meu tio também fora um jornalista e cobrira os julgamentos de Nurembergue". "*Zu Nerin Gun: als ich meine Cousine Ilse im Oktober 78 in München besucht habe, hat sie mir von dem Interview mit Gun erzählt. Sie war höchst indigniert über ihn und schon vorher hat mir mein Onkel das Buch geschickt mit dem Hinweis, dass er unglaublich uns sensationslüstern an das Buch heran gegangen ist. Mein Onkel ist selbst Journalist gewesen, hat auch über die Nürnberger Prozesse berichtet.*" David Irving conheceu Nerin Gun, hoje falecido, e o descreveu como "meu bom amigo". Irving saiu derrotado numa ação por calúnia e difamação por ele impetrada em abril de 2000 contra a historiadora Deborah Lipstadt,

que afirmara que ele (Irving) mentira deliberadamente em seus escritos históricos e acadêmicos. Ao final, o juiz, o Ex.^{mo} dr. Gray, chamou-o de “mentiroso, por distorcer as evidências históricas, um racista antissemita e ‘negador do Holocausto’ ”.

8. Em outubro de 1929 Eva estava na verdade com dezessete e meio.

9. Gertraud Weisker, em conversa com a autora, 2 de abril de 2001, em sua casa em Eppelheim, na Baviera.

10. *Mein Kampf* (Minha luta) foi o livro, escrito na prisão e posteriormente em seu retiro na Baviera, entre 1923 e 1926, que forneceu um quadro (longe de preciso) de sua vida até os trinta anos e expôs suas ambições políticas e ideologia. Para qualquer um capaz de ler as entrelinhas, o antissemitismo era óbvio, embora não tão extremado quanto iria finalmente se tornar.

11. Pretendo usar o termo “Eventos Negros” em lugar do mais usual “Holocausto” — palavra que sofreu com o uso excessivo quase a ponto de se tornar um chavão e que perdeu grande dose de seu impacto original — para abarcar todas as atrocidades cometidas sob o regime hitlerista: os experimentos com eutanásia, ou seja, o desenvolvimento da eutanásia como técnica de controle racial; a tentativa de eliminar o povo rom, ou ciganos, homossexuais, bolcheviques e muitos outros, considerados física ou mentalmente inaptos a viver sob a Utopia Ariana; sobretudo, o assassinato de 6 milhões de judeus, cuja raça e religião Hitler e seus capangas sádicos esperavam erradicar da face da terra. Gitta Sereny observou que: “O extermínio dos judeus é ainda hoje a única coisa de que as pessoas se lembram.

Claro que o genocídio de Hitler, sua fábrica de matar nos campos da Polônia, foi o pior que perpetrou. Mas, como você sabe, ele fez uma porção de outras coisas. Ele assassinou 3 milhões de católicos poloneses. Assassinou milhões de russos, cristãos ou ateus — cristãos, não apenas judeus. Isso ficou esquecido. É como se essas pessoas nunca tivessem existido.

E quanto a seus pais, seus filhos? De algum modo acabamos criando uma imagem da destruição dos judeus como sendo não apenas *um* foco, mas o propósito do nazismo, e isso é verdade apenas em parte”. Sereny fez essa afirmação no documentário televisivo *Adolf and Eva*, 2000; citado — como todas as citações dessas entrevistas — com a permissão da pes-quisadora/produtora Marion Milne.

12. Cf. Herbert Döring, gerente do Berghof: “Só a expressão de seus olhos... ele podia mesmo atravessá-lo com aquele olhar. Deixava qualquer um sem ação”. Entrevista com Marion Milne.

13. Em conversa com a autora, Londres, 5 de agosto de 2003.

14. Speer, *Inside the Third Reich*, p. 81.

15. A esposa de Döring, Anna, foi cozinheira de Hitler e Angela Raubal, meia-irmã de Hitler, sua governanta em Munique — embora Döring pudesse estar se referindo à irmã de fato, Paula.

16. Transcrição não publicada de uma entrevista com Herbert Döring em Munique, gravada no inverno de 2000/2001, para o documentário televisivo *Adolf and Eva*,

17. Kershaw, *Hitler, 1889-1936: Hubris*. Não é fácil para uma jovem sobreviver à proximidade de um ditador, ou mesmo de um gênio. Nadezhda Alliluyeva, a esposa muito mais nova de Stálin, cometeu suicídio em 1932, treze anos após conhecê-lo. A amante de Modigliani, Jeanne Hébuterne, estava grávida de nove meses quando se matou, em janeiro de 1920, dois dias após a morte do pintor por tuberculose. E o mesmo fez a viúva de Picasso, Jacqueline. É difícil viver junto de homens poderosos — ou viver sem eles.

Gertrud Weisker chamou minha atenção para outros paralelos entre Hitler e Stálin.

Em 8 de julho de 2005, ela escreveu: “Ambos amam suas mães e são amados por elas com igual ardor. A mãe de Stálin cozinhou geleia para o filho querido durante toda sua vida. (!)”.

“Es gibt eine Ähnlichkeit zwischen Hitler und Stálin. Beide lieben ihre Mütter und werden von ihnen ebenso heiss geliebt. Stalins Mutter hat zeit ihres Lebens Marmelade für ihren lieben Sohn gekocht”.

18. Musmanno Collection, vol. XII, Gumberg Library, Duquesne University, Pittsburgh, pa. A afirmação é suspeita, uma vez que Ada Klein não é mencionada em nenhuma biografia importante de Hitler ou nas memórias de seus amigos íntimos.

19. Era também cerca de oito centímetros mais alta que Hitler, ao passo que Unity Mitford era ainda mais alta, e o *Führer* não gostava de mulheres mais altas que ele. Eva tinha 1,60 metro de altura, o que era perfeito para seu 1,70 metro.

20. Musmanno Collection, vol. xi, interrogatório de Heinrich Hoffmann, Nurembergue, 19 de julho de 1948 — uma das mais de duzentas entrevistas conduzidas pelo contraalmirante, mais tarde juiz, Michael Angelo Musmanno.

21. Hoffmann, *Hitler Was My Friend*, p. 160. Um dentre uma série de livros escritos por Hoffmann em que se gabava da proximidade com o *Führer* e que servia de veículo para publicar fotografias dele.

22. Bund Deutscher Mädel (bdm), ou Liga das Jovens Alemãs — o equivalente feminino da Juventude Hitlerista.

23. Citado em Knopp, *Hitler's Women*, p. 10.

24. Lembro de um encontro com meu avô — que nasceu em Berlim, em 4 de fevereiro de 1877 — em 1957, quando ele ficou sem me ver por três anos. Eu estava com dezessete e havia acabado de sair da escola. Quando entrei em seu quarto, ele exclamou: “Oh, como ela está linda!” — acrescentando, desapontado: “Ah, não, não está, sie hat sich geschminkt [ela pintou o rosto]”.

25. Gertraud Weisker em conversa com a autora, 2 de abril de 2001.

2. A FAMÍLIA DE EVA

1. Gertraud Weisker em conversa com a autora, 2 de abril de 2001.

2. Embora Gertraud Weisker seja minha principal fonte de informação sobre a

família Braun, muitos detalhes e nomes do período de Eva em Beilngries foram tirados de um artigo de Josef Riedl, editor do *Donaukurier*, 2-3 de outubro de 2004, e gentilmente enviados a mim pelo prefeito da cidade, Herr Anton Grad.

3. O Kaiser Wilhelm foi coroado imperador de toda a Alemanha no Salão dos Espelhos de Versalhes em 1871.

4. Suábia é o antigo nome da terra, do povo e da cultura de uma grande área no sudoeste da Alemanha. A Floresta Negra margeia sua fronteira a leste, os Alpes, ao sul, as Colinas Bávaras ficam a leste e os franco-alemães, ao norte. A região foi governada por uma série de reis medievais, o mais forte emergindo como soberano de Württemberg. Na época da Reforma protestante, na década de 1520, Württemberg tornou-se um reino protestante, durando até 1871, quando foi incorporado ao Reich alemão. A Suábia, ou Württemberg, é uma região montanhosa e coberta de florestas, com vales de vinhedos, pomares e campos de trigo. Suas principais cidades são Stuttgart e Ulm.

5. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 3 (traduzido pela autora). “A ligação familiar advinda das férias escolares de verão passadas em Beilngries, essa cidadezinha idílica no vale do rio Altmühl, embora sem ter sido deixada por escrito, foi forte e duradoura.”

6. *Wer War Eva Braun?*, p. 8. Em 1998, mais ou menos, mais de cinquenta anos após os eventos que narrou, Gertraud Weisker escreveu um relato longo e detalhado de suas lembranças da prima Eva, chamado *Wer War Eva Braun?* (Quem foi Eva Braun?), que permanece inédito.

7. Médico veterinário imperial e real.

8. Pai do “jovem” Alois, cujas memórias familiares, *Eva Brauns's Familiengeschichte*, não publicadas, proporcionaram muito material para este capítulo.

9. Ele nasceu em 1896 e morreu no dia 17 de outubro de 1983 (fonte: sua sobrinha, Gertraud Weisker).

10. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 6 (tradução da autora).

11. Weisker, *Wer War Eva Braun?*, p. 8 (tradução da autora). “A educação pobre que as garotas receberam no colégio era fonte de aflição para ele, que não mediu esforços para compensar suas deficiências, assumindo ele mesmo a função de lhes ensinar latim e grego, com moderado sucesso.”

12. Gertraud Weisker em conversa com a autora, 25 de março de 2004.

13. *Eva Braun's Familiengeschichte*, pp. 3-4 (tradução da autora).

14. *Ibid.*, p. 4.

15. Weisker, *Wer War Eva Braun?*, p. 7. “Em todos os momentos livres, ele [ou seja, Fritz Braun, pai de Eva] ia pescar no rio Altmühl, onde meu avô tinha autorização para isso. Ele também era membro de uma equipe montanhosa de observação, no Wendelstein, e passava horas e horas, verão e inverno, à procura de escaladores feridos na montanha. Ele e meu pai tinham um relacionamento excelente, eram unidos em sua reprovação aos nazistas. Se aquele isolamento era uma escolha dele ou fora forçado por

sua esposa, não sei dizer, nem se algo que porventura houvesse feito justificaria a partida de suas filhas.”

16. O prefeito de Beilngres, Herr Anton Grad, por e-mail à autora, em 27 de outubro de 2004: “A casa que pertenceu aos avós de Eva Braun continua de pé, embora outras casas tenham sido erguidas em torno e hoje ela abrigue um estabelecimento comercial”.

17. Fonte: Anton Grad.

3. EVA, GOETHE, SCHUBERT E BAMBI

1. O seriado televisivo alemão *Heimat*, em 24 partes, uma obra-prima dirigida por Edgar Reitz e exibido pela primeira vez em 1984, culminava numa cena que reunia todos os personagens num enorme festival, saltitando, dependurando-se em carroséis, passeando diante das atrações circenses. O *carnival* [a palavra inglesa *carnival* designa algo entre o parque de diversões, o circo de variedades e a feira medieval] sempre exerceu particular ressonância no inconsciente coletivo alemão.

2. Quando a Confederação da Alemanha do Norte foi formada, em 1867, contava com 29 membros — dois reinos, quatro grandes ducados e sete principados, além de três cidades livres hanseáticas, incluindo Hamburgo, onde minha mãe nasceu. O antigo reino de Hannover, o eleitorado de Hesse, o ducado de Nassau, a cidade livre de Frankfurt e o landgraviato de Hesse-Homburg haviam sido anexados pela Prússia. Quatro outros estados do lado derrotado na Guerra das Sete Semanas [ou Guerra Austro-Prussiana, 1866] não se tornaram membros da Confederação da Alemanha do Norte, mas se uniram ao Império Alemão em 1871 (<<http://home.att.net/~david.danner/militaria/states.htm>>).

3. *Schlafe, mein Prinzchen, schlaf ein/ Es ruh'n Schäfchen und Vögelein/ Garten und Wiesen verstummt/ Auch nicht ein Bienchen mehr summt/ Luna mit silbernem Schein/ Gucket zum Fenster herein/ Schlafe beim silbernem Schein/ Schlafe, mein Prinzchen, schlaf ein/ Schlaf ein, schlaf ein...* (Trad.: J. Johns/Chappell. <<http://www.nanamouskouri.de/schla-fem.htm>>).

4. *Hop! Hop! Hop!/ Pferdchen lauf Galopp!* (Upa, upa, upa,/ Vai no cavalinho, a galo-pe!/ Sobre paus e sobre pedras/ Veja se não vai quebrar todos os ossos!).

5. *Meine Ruh ist hin,/ Mein Herz ist schwer;/ Ich finde sie nimmer/ Und nimmermehr* (Não tenho paz/ Meu coração dói/ Nunca vou encontrá-lo/ Nunca mais).

6. Na opinião da romancista A. S. Byatt, e de inúmeros antropólogos que estudam a literatura, esses contos de fada são a expressão mais pura da psique ou do inconsciente coletivo alemão. Byatt crê que a natureza dos alemães é expressa em seus contos de fada com mais profundidade do que em qualquer outra forma de arte. (Ver também o artigo dela publicado no *The Guardian*, 3 de janeiro de 2004.) “O prefácio dos Grimm para o volume dois da primeira edição das *Kinder- und Hausmärchen* [...] sustenta sua defesa do germa-536 Angela Lambert nismo dos contos. A percepção germânica do folclore

germânico está estreitamente ligada ao conceito germânico do caráter crucial da floresta circundante, a *Wald* [...]. Os Grimm achavam, entre outras coisas, que recuperavam uma mitologia germânica e uma atitude germânica para com a vida. Viam a si mesmos como a afirmação do mundo alemão contra as forças de ocupação francesas do império napoleônico. As forças de ocupação aliadas na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial tentaram banir os Grimm porque achavam que seu *aspecto sanguinolento, desalmado e brutal e sua violência jubilosa ajudaram a conformar a natureza violenta do Terceiro Reich*” (grifo meu).

7. *Witch Craze*, de Lyndal Roper, fala com riqueza de detalhes sobre esses antigos relatos e suas raízes na história ou no mito. Como influência formadora da psique alemã, sua importância não pode ser subestimada.

8. Ver Jack Zipes, *The Trials and Tribulations of Little Red Riding Hood* (Routledge, 1993), e Robert Darnton, *The Great Cat Massacre* (Londres: Allen Lane, 1984; Nova York: Basic Books, 1984).

9. Ver artigo sobre Hans Christian Andersen escrito por Judith Mackrell no *The Guardian*, 1º de novembro de 2004.

10. O equivalente mais próximo em língua inglesa são os — mais suaves e muito mais divertidos — *Cautionary Tales*, de Hilaire Belloc.

11. Fonte: <www.shockheadedpeter.com/struww.html>.

12. A dupla horrivelmente convincente — bárbaros, sujos e cruéis com os animais — surgiu quando a *Fliegende Blätter* (Folhas Caidas), uma popular revista satírica fundada em Munique em 1848, encomendou algumas caricaturas a Busch. Elas foram tão bem aceitas que seu autor começou a acrescentar versos cômicos, acabando por resultar nos livros de *Max und Moritz*.

13. Os dois livros estão disponíveis em inglês ou alemão pela Verlag J. F. Schreiber, Postfach 10 03 25, 73703 Esslingen, Áustria, ou em inglês no <www.reclam.de>.

14. Felix Salten chegara criança à Áustria, em 1870, durante a renascença judaica vienesa e teve de fugir para salvar a vida após a *Anschluss* nazista, em março de 1938. *Bambi*: uma vida na floresta, seu segundo livro, publicado em 1923, conheceu imenso sucesso popular.

15. Walt Disney transformou *Bambi* num desenho animado, que estreou na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1942. Minha mãe me levou para vê-lo quando eu tinha sete ou oito anos de idade e choramos juntas com a morte da mãe de Bambi. O livro original foi eclipsado pela versão para o cinema de Disney, embora esta, a despeito do insinuante sentimentalismo, mantenha o foco de Salten na beleza primitiva da natureza e na crueldade humana, de forma que a U. S. National Rifleman Association, a poderosa NRA, protestou contra o modo como o filme retratava os caçadores como predadores cruéis (<www.elliemik.com/salten.html>).

4. LIÇÕES TEDIOSAS E JOGOS REBELDES

1. Família real da Prússia de 1701 a 1918 e família imperial da Alemanha de 1871 a 1918, os Hohenzollern alegavam descender de um dos generais de Carlos Magno. Wilhelm (Guilherme) II, o último imperador Hohenzollern, reinou de 1888 a 1918. Os Habsburgo foram soberanos na Áustria até 1918, quando o rei-imperador Carlos foi mandado ao exílio. O último rei da Baviera, Ludwig III, governou de 1913 a 1918. A guerra trouxe um fim a todos eles, a suas dinastias, cortes, uniformes, títulos e magnificência vã.

2. Aconchego, conforto doméstico.

3. A maior parte desses detalhes familiares foi tirada de Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*. Sou imensamente grata a *Frau* Weisker por me ter permitido ler e citar essas memórias.

4. Liga Bávara pelo Rei e pela Pátria, um grupo patriótico fundado em 1921.

5. Alois Winbauer, nascido em 1896 e portanto dezesseis anos mais velho que Eva, casou-se cedo e teve dois filhos, mas sua mulher morreu jovem. Ele se tornaria jornalista e chefe de redação do *Neue Mannheimer Zeitung*, de 1933 a 1945. Após a guerra, foi chefe de redação do *Heidelberger Tageblatt*.

6. Jean-Michel Charlier e Jacques de Launay, *Eva Hitler, née Braun* (Paris: Editions de la Table Ronde, 1978), p. 10. Edição alemã: *Eva Hitler, geb. Braun, Die führenden Frauen des Dritten Reiches* (Essen: Magnus Verlag, 1978).

7. Ibid.

8. Burleigh, *The Third Reich: A New History*. Em 1933, os nazistas apresentaram a Lei para Prevenção de Progenie Doente por Hereditariedade, que entrou em vigor a partir de 1º de janeiro de 1934. Ela compreendia oito enfermidades alegadamente hereditárias, incluindo doenças mentais, retardo, deformidades físicas, epilepsia, cegueira, surdez e alcoolismo grave. Também permitia a esterilização de alcoólatras crônicos. A esterilização forçada começou em janeiro de 1934 e nos dez anos seguintes uma população estimada de 300 mil a 400 mil pessoas passou pelo procedimento. Em 1935, a lei foi reforçada para incluir aborto eugênico até o sexto mês. Em agosto de 1939, médicos e enfermeiras receberam a ordem de informar a um comitê do Reich montado para registrar doenças congênitas e hereditárias sérias sobre casos de síndrome de Down, microcefalia e hidrocefalia, ausência de membro ou paralisia espástica. Cerca de 6 mil bebês e crianças até dezesseis anos foram mortos depois disso. Em outubro de 1939, Hitler sancionou um decreto que permitia aos médicos conceder uma “morte piedosa” — na prática, assassinar — a pacientes considerados incuráveis. O *code name* para isso foi Operação T4, ou Aktion T-4. O objetivo alegado era “criar espaço para as baixas de guerra previstas”. A T4 atingiu sua meta de 70 mil vítimas, poupando cerca de 900 mil *Reichsmarks* ao longo de dez anos (a documentação está no Museu do Holocausto, em Washington, D.C.). Começando por Dachau, câmaras de gás disfarçadas como duchas executavam as vítimas, que eram transportadas em carroças para um crematório. Essas foram protótipos experimentais das que seriam construídas nos campos de extermínio da Polônia.

Entre 1941 e 1945, a T4 organizou centros de eutanásia que assassinaram internos de campos de concentração na Alemanha e na Áustria, judeus ou não, incapazes para o trabalho. Durante a guerra, os perpetradores da T4 receberam a ordem de cessar o morticínio em massa de pacientes por enfermidade mental nas câmaras de gás. No futuro, eles conheceriam a morte por inanição ou por medicação letal em inúmeros asilos, coisa mais fácil de ocultar que uma remoção. Unidades da SS na Polônia e na União Soviética simplesmente fuzilavam os deficientes físicos e mentais nos territórios ocupados pelos nazistas. No total, 250 mil deficientes físicos e mentais conheceram a morte nesse suposto programa de “eutanásia”.

9. Incluindo a da irmã mais jovem de minha mãe, Hilde, que morreu durante a epidemia, com três anos e meio de idade.

10. Burleigh, *The Third Reich: A New History*, pp. 29-30.

11. Entrevista com Gertraud Weisker, 24 de março de 2004.

12. Nota da autora: continuo sem me convencer de que isso foi um divórcio, em vez de uma separação temporária, mas legal. Dado o histórico da família, é difícil de acreditar que Fanny teria se divorciado do marido para voltar a casar com ele menos de dois anos mais tarde. Mas Gertraud Weisker escreveu-me, num e-mail datado de 26 de maio de 2004: “É difícil compreender exatamente o documento que vi em Munique, no Amtsgericht [tribunal da comarca], mas tenho certeza absoluta de ter copiado os detalhes do documento original corretamente e também estou correta ao interpretar ‘*Heirat-Scheidung*’ como significando divórcio, não separação, e ‘*Wiederheirat*’ como recasar” [*Ich kann aus dem Dokument des Amtsgerichtes München schwer alles heraus lesen. Bin aber doch sicher, dass ich Dir die richtigen Angaben für Heirat-Scheidung und Wiederheirat gemacht habe*]. Se a interpretação dela está correta, eles se divorciaram em 3 de abril de 1921 em Munique e voltaram a se casar em 16 de novembro de 1922.

13. Tirado de Weisker, *Wer War Eva Braun?* (traduzido pela autora).

14. Um e-mail de Gertraud Weisker à autora, datado de 26 de maio de 2004, procura esclarecer um pouco mais a situação: “Tudo de que me lembro com clareza é de uma foto tirada na época em que Eva ficava com seus avós e frequentava a escola em Beilngries. Ela tem cerca de sete ou oito anos e usa uma fita enorme na cabeça, então isso deve ter sido por volta de 1919 ou 1920. Fanny estava sozinha então e parece muito provável que houvesse mandado Eva para ficar com os avós, já que era a mais jovem em idade escolar. Ilse já passara pelos anos difíceis [*aus dem Größten heraus*] e Gretl, com apenas três ou quatro anos, teria sem dúvida permanecido com a mãe” [*Das kann nur 1919-1920 gewesen sein, sie etwa 7-8 Jahre mit einer riesigen Schleife im Haar. Damals war Fanny allein erziehend und es liegt nahe, dass sie Eva als die kleinste schulpflichtige zu den Großeltern gegeben hat. Ilse war bereits aus dem Größten heraus und Gretl sicher bei der Mutter, denn sie war ja erst 3-4 Jahre alt*]. É possível que Gertraud — que ainda não nascera quando esses eventos tiveram lugar — esteja enganada? É difícil de acreditar que o casal de moral tão férrea tenha tomado a decisão de se divorciar para voltar atrás em menos de dois anos.

15. De Josef Riedl, editor, *Donaukurier*, 2-3 de outubro de 2004.
16. Verificado em documentos legais pesquisados e copiados nos arquivos da cidade de Munique por Gertraud Weisker.
17. Foram enterrados na mesma sepultura no cemitério da igreja de São Jorge, um lugar pacífico em uma colina, nas proximidades de Ruhpolding, o vilarejo onde se refugiaram após a guerra para passar o resto da vida em abençoado anonimato. A lápide de mármore vermelho exibe apenas os nomes e datas, inscritos em dourado: Fritz Braun, Studienrat [professor], 17.9.1879-22.1.1964, e embaixo Franziska Braun 12.12.1885-13.1.1976.
18. Minha mãe descreve em suas breves memórias da infância como “Minha mãe gostava de tocar piano e também cítara e eu muitas vezes cantava enquanto ela tocava”.
19. “Respire fundo, doze vezes... um, dois, três... devagar, meu tesouro... quatro, cinco, seis...”
20. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*. Os atuais proprietários, compreensivelmente, não são muito afeitos a visitas, sobretudo quando aparecem sem avisar.
21. Existe uma certa confusão acerca dos estudos secundários de Eva. Tanto seu tio Alois como sua prima Gertraud recordam que frequentou o Ursuline Institute, em Nymphenburg; embora o álbum de fotografias de Eva com seus retratos da escola esteja claramente legendado “Lyzeum”. Pode ser que tenha estado em ambos.
22. Jill Stephenson, *Women in Nazi Society* (Londres: Croom Helm, 1975), p. 14.
23. Citado em Gun, *Eva Braun: Hitler's Mistress*, p. 21.
24. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 9.
25. Em entrevista à autora, 25 de março de 2004.
26. Gertraud Weisker em conversa com a autora, março de 2004.
27. Gun, *Eva Braun: Hitler's Mistress*, p. 22.

5. A INFÂNCIA DE HITLER

1. Esse entusiasmo pelo exercício físico puxado não se restringia a Fritz, ou à Alemanha. O *best-seller* do fundador do escotismo, Baden-Powell, *Scouting for Boys* — título cujo duplo sentido [“escotismo para garotos” ou “espiondo garotos”] é certamente inconsciente —, reflete a mesma insistência no autocontrole adolescente, embora suas admoestações tenebrosas e suas duchas frias insinuem que o velho soldado sabia que *alguma coisa* se passava entre seus camaradas decentes e saudáveis; algo além até de seu controle. Ele teria ficado horrorizado em descobrir que isso muitas vezes era estimulado pelo velho e sábio lobo Akela [personagem de *The Jungle Book*, “Mogli”, de Kipling], como o líder do pelotão de escoteiros era chamado. (Reza uma história que Baden-Powell e outro soldado, ao fim da Guerra dos Bôeres, discutiam o que fariam quando voltassem à Inglaterra. Baden-Powell descreveu seu plano de juntar grupos de garotos, vesti-los com bermudas e sair para longas caminhadas, mergulhos sem roupa e coisas

assim. “Você pode pegar uns dez anos por isso”, disse o colega.)

2. *Hitler's Table Talk, 1941-1944.*

3. James Gilligan é um psicoterapeuta de ponta que tem estudado alguns dos mais violentos membros da população carcerária dos Estados Unidos. Ele ligou os motivos por trás de seus atos coletivos de atrocidade aos dos nazistas: “Os escritos de Hitler constituem uma longa crônica de queixas sobre a vergonha e a humilhação às quais tanto ele, em sua juventude, como os povos falantes do alemão, após a Primeira Guerra Mundial, foram sujeitados — coisas pelas quais, de um jeito ou de outro, acabou culpando na maior parte os judeus, por quem é difícil dizer o que sentia mais fortemente, se ódio ou inveja. A inveja, como o ciúme, é uma forma de vergonha [...] sentir inveja de alguém é o mesmo que se sentir inferior à pessoa”.

A vergonha é um fator crucial como gatilho da violência. Indivíduos, assim como países, não conseguem suportá-la por muito tempo. Gilligan prossegue: “Na época da depressão, em cujo auge Hitler ascendeu ao poder, em 1933, o grupo que o apoiou mais fortemente nas urnas foi a classe média baixa. Os membros desse grupo sentiam-se ameaçados de perder seu capital e de sofrer uma perda de status social e econômico, uma degradação, tornando-se parte da humilhada, inferior, depauperada classe baixa [...] e estavam sedentos de vingança — de uma forma de restabelecer seu status ou sensação de poder —, coisa que Hitler e seu Partido Nazista prometiam em abundância. *Mobilidade social descendente, desemprego e falta de moradia estão entre os estímulos mais poderosos da vergonha e são a chave da política da violência*” (grifo meu). Gilligan acredita que os judeus foram discriminados porque eram identificados com a riqueza. Grandes famílias, como os Rothschild, pareciam ameaçar o status econômico da classe média baixa, ao passo que outro grupo de judeus, liderados por Marx — os bolcheviques —, ameaçavam-nos ao dar poder e encorajamento ao proletariado. Ames Gilligan, *Violence: Reflections on a National Epidemic* (Nova York: Vintage Books, 1997), p. 67.

4. Alice Miller, *The Childhood Trauma*, de uma palestra dada em Nova York a 22 de outubro de 1998.

5. Ian Kershaw assinala inúmeras variantes: Hiedler, Hietler, Hutler e Hitler — todas baseadas na palavra para “chacareiro”. Kershaw, *Hitler, 1889-1936: Hubris*, p. 7.

6. Biógrafos e plantadores de boato costumam às vezes alegar que o pai de Hitler era filho ilegítimo de Maria com seu patrão judeu, um homem chamado Frankenberger, e que esse episódio, supostamente um estupro, estava na raiz do ódio visceral que Hitler nutria pelos judeus. Uma pesquisa detalhada nos registros municipais feito por Nikolaus Preradovic, historiador da Universidade de Graz, provou que isso era totalmente impossível, uma vez que nem um único judeu vivera na localidade, ou na verdade em toda a província, nessa época (*Der Spiegel*, no 24, 12 de junho de 1957). A pesquisa de Simon Wiesenthal chegou ao mesmo resultado (*Der Spiegel*, carta ao editor, 7 de agosto de 1967). Do início do século XIX até cem anos mais tarde, os judeus da Alemanha se concentravam em massa nas grandes cidades, sobretudo Berlim, Frankfurt e Hamburgo. A probabilidade de uma família judia vivendo num pequeno vilarejo fronteiro como

Graz é remota. “Frankenberger” deve ter sido uma figura mítica. Também permanece inexplicável por que, se é que existiu, teria alegadamente pago Maria pelo sustento do filho até a idade de catorze anos.

7. Heil Schicklgruber?

8. O psiquiatra americano Walter C. Langer, no brutal jargão da década de 40, descreveu-a como uma “retardada em alto grau”. Como ele podia saber?

9. Adolf Hitler, *Mein Kampf*, tradução inglesa de Ralf Manheim (Londres: Hutchinson, 1969), p. 5.

10. Christa Schröder, *Er War Mein Chef* (Munique: Langen Müller, 1985), p. 63. Ele também repetiu essa história das trinta e duas pancadas para sua governanta, Anna Winter; ver Maser, *Hitler*, p. 208.

11. Kershaw, *Hitler, 1889-1936: Hubris*, p. 12.

12. Nisso Hitler contava com o apoio do código civil alemão de 1900, que decretava que o marido tinha o direito por lei de escolher onde morar, os nomes e a religião dos filhos de um casamento e a natureza e extensão de sua educação. A esposa era “designada e obrigada” a conduzir o lar da família, assim como obrigada a trabalhar no negócio do marido, se não fosse impróprio. A Igreja Católica, que determinava que as crianças fossem criadas segundo a fé da mãe, evidentemente tinha permissão para desconsiderar essa lei.

13. O irmão mais novo, Edmund, morreu de sarampo em 1900, com seis anos. Os três outros irmãos — Otto e Ida, bebês na época, e Gustav, com dois anos e meio — morreram no espaço de três semanas no rigoroso inverno de 1887-8, antes que Adolf nascesse.

14. Franz Jetzinger, *Hitler's Youth* (Londres, 1958).

15. Ver Kershaw, *Hitler, 1889-1936: Hubris*, p. 68. Quando Hitler finalmente recebeu sua herança, a quantia totalizava 820 *kronen*, uma soma considerável que ele em pouco tempo dissipou.

16. Só isso já lança dúvidas sobre as alegações de que sofria de sífilis e, quarenta anos depois, a inexistência de doença venérea foi confirmada por seu médico pessoal, o dr. Theodore Morell.

17. Como qualquer soldado de tropa sabia, “Hitler tinha só uma bola [...]”. O fato está medicamente atestado em Lev Bezymenski, *The Death of Adolf Hitler: Unknown Documents from Soviet Archives* (Nova York: Harcourt, Brace, 1968), p. 49. Num relato repulsivo da autópsia feita no cadáver chamuscado de Hitler em Berlim, no dia 8 de maio de 1945, o médico examinador registrou: “O testículo esquerdo não pôde ser encontrado nem no escroto, nem no cordão espermático, dentro do canal inguinal, tampouco na pequena pelve”. Mas como é que os soldados sabiam?

18. Mais detalhes sobre anomalias físicas de Hitler podem ser vistas no capítulo 13.

19. Essa era a opinião de seu único amigo na época, um jovem músico chamado August Kubizek; ver Kershaw, *Hitler, 1889-1936: Hubris*, pp. 45-60.

20. Esse é meu prenome, também.

21. Poeta, dramaturgo e tradutor do *Peer Gynt*, filósofo e jornalista, Dietrich Eckart (1868-1923) era o único intelectual entre os primeiros companheiros de Hitler. Anti-semita ferrenho, foi um dos primeiros membros do Partido Nazista, adepto do ocultismo e reconhecido pelo próprio Hitler um dos criadores do nacional-socialismo.

22. Maser, *Hitler's Letters and Notes*, p. 107.

23. August Kubizek, *Young Hitler: The Story of our Friendship* (Graz, 1953; Madistone Press, 1973), pp. 134-7.

24. Maser, *Hitler*, p. 196 (em depoimento dado por Joseph e Elizabeth Popp em maio de 1966).

6. EVA SE TORNA A FRÄULEIN BRAUN, HITLER SE TORNA O FÜHRER

1. A Bund Deutscher Frauenvereine foi a mais poderosa organização feminista alemã, voltada sobretudo às questões profissionais, vocacionais e de escritório envolvendo trabalhadoras. Formada na maior parte por solteironas, era portanto desconectada da realidade das mães e viúvas da Alemanha. Para mais detalhes, ver discussão em Jill Stephenson, *Women in Nazi Society* (Londres: Croom Helm, 1975).

2. Nisso a Bund Deutscher Mädel assemelhava-se aos aconselhamentos sanitaristas para adolescentes subsidiados pelo governo George W. Bush, um dos quais – incrivelmente batizado de “Why Know?” [“Conhecer/Saber pra Quê?”, um programa que prega a abstinência sexual] – diz: “As mulheres medem a felicidade e avaliam o sucesso pelos relacionamentos. A felicidade e o sucesso dos homens dependem de suas realizações”. Citado num artigo de Gary Younge no *The Guardian*, 3 de dezembro de 2004.

3. Citado no documentário televisivo *Hitler's Children*, apresentado no Channel 4, em 30 de julho de 2005, dirigido e produzido por Daniel Fromm para a ZDF.

4. A Sturmabteilung – SA –, cujos membros eram os *Braunhemd* (Camisas Marrons), foi fundada em 1921 por Ernst Röhm, e originalmente chamada de Schutz und Sport Abteilung.

5. Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 234.

6. Adaptado da introdução de Melissa Müller para Junge, *Until the Final Hour*, pp. 17-20.

7. Em 1933, ano em que Hitler e os nazistas ascenderam ao poder, o número de membros das duas organizações juntas era 3,5 milhões – e crescendo rápido. Em 1938, a Bund Deutscher Mädel sozinha tinha 3,5 milhões de afiliadas.

8. Do documentário *Hitler's Children*, Channel 4, 23 de julho de 2005.

9. Adam Lebor e Roger Boyes, *Seduced by Hitler: The Choice of a Nation and the Ethics of Survival* (Naperville, IL, 2001), p. 120.

10. Ibid., p. 102.

11. Knopp, *Hitler's Women*, p. 206.

12. A “Kanonen Lied”, de *Die Dreigroschenoper* (A ópera dos três vinténs), ato 1,

cena 2, de Kurt Weill e Bertolt Brecht, uma adaptação de *A ópera dos mendigos*, de John Gray. Escrita em 1928 e apresentada pela primeira vez em Berlim, no Theater am Schiffbauerdamm, a 31 de agosto de 1928. Foi um imenso sucesso de público que permanece popular até hoje.

13. A própria Eva, sete décadas mais tarde, tornou-se uma pequena obsessão entre os punks e houve até uma banda com seu nome, sem esquecer “(I Never Loved) Eva Braun”, dos Boomtown Rats – grande canção. (Informação trazida por Sadakat Kadri, com muitos agradecimentos.)

14. E. Deuerlein, “Hitler’s Eintritt in die Politik und die Reichswehr”, *Vierteljahreshefte für Zeitgeschichte*, vol. VII (1959).

15. Adolf Hitler, *Mein Kampf* (Londres: Hutchinson, 1969), pp. 322-3.

16. Kershaw, *Hitler, 1889-1936: Hubris*, pp. 124-5, 146-53.

17. *Ibid.*, p. 124. Kershaw refere-se à carta datilografada original, datada de 16 de setembro de 1919, endereçada ao superior de Hitler, o capitão Mayr.

18. Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 100.

19. *Ibid.*, p. 129. É um fato interessante que o recém-criado Partido Comunista da urss optasse por cores e iconografia muito semelhantes, com a foice e o martelo em lugar da suástica e, ainda mais que o próprio Stálin, o trabalhador empunhando a Bandeira Vermelha como a figura de proa apontada para o futuro.

20. O corajoso e aristocrático advogado Claus Von Stauffenberg foi uma exceção notável. Como sempre fazia quando se deparava com um novo rosto, Hitler empenhou-se em quebrar o espírito de Von Stauffenberg com seu olhar, mas este não se deixou intimidar, sustentando o olhar do *Führer*. Pela primeira vez na experiência dos que se encontravam presentes, Hitler cedeu. Von Stauffenberg comentou depois disso: “O homem é um mági-co. Ele quase me hipnotizou!”.

21. Em dezembro de 1918, RM 8 valiam um dólar; em novembro de 1921, RM 263 = \$1; em julho de 1922, RM 493 = \$1; em outubro de 1922, RM 3.000 = \$1; e entre janeiro e novembro de 1923 a paridade passou de RM 17.100 a RM 353.000, após o que se elevou aos píncaros dos cem milhões [*billion*, no original], depois à estratosférica marca de centenas de milhões [*multi-billion*] de *Reichsmarks*, momento em que o dinheiro perdeu todo o significado.

22. Informação extraída da exposição “Munique Durante o Terceiro Reich”, exibida no Museu Municipal de Munique, em março de 2005. Outros preços de gêneros alimentícios, em *Reichsmarks*:

1½ quilo de	Pão	Batata
Ago. 1922	8,20	5,50
Out. 1922	12,25	5,80
Dez. 1922	150,00	8,50
Fev. 1923	550,00	45,00
Jun. 1923	1.600,00	200,00
Set. 1923	35.000,00	57.000,00

A partir de novembro de 1923 todos os preços tiveram de ser calculados em milhões de *Reichsmarks*. Fonte: *Handbook of Statistics for Munich*, 1928.

23. Nota da autora: *milliard* (bilhão) = mil milhões; *billion* = cem milhões.

24. Sebastian Haffner, *Defying Hitler* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2002), p.

44.

25. Ernst F. Sedgwick Hanfstängl (“Putzi”), 1887-1975, tinha uma jovem esposa, uma loira belíssima, Helene, a quem Hitler idolatrava. Nos primeiros anos de sua carreira, a casa deles e a dos Hoffmann eram os únicos círculos íntimos onde se sentia à vontade. Putzi era um bom pianista e quando tocava isso muitas vezes relaxava Hitler e acalmava seus nervos exaustos. Ver Ernst Hanfstängl, *Hitler: The Missing Years*, introdução de Brian Connell (Nova York: Little, Brown, 1994).

26. “Putzi” é um diminutivo bávaro que significa “rapazinho”, dado a Ernst aos dois anos pela ama-seca camponesa.

27. A tradução literal é “deixados de lado”.

28. Hanfstängl, *Unheard Witness*, pp. 34-8.

29. Putzi faltou com a confiança de Hitler e, em 1935, fugiu da Alemanha para a Inglaterra, onde o detiveram como inimigo estrangeiro. Seu caso foi levado diante de um conselho presidido por Sir Norman (mais tarde Lord) Birkett e ofereceram-lhe sua liberdade em troca da ajuda aos britânicos na propaganda antigermânica, oferta que recusou. Em 1941, foi deportado para o Canadá, onde sua proposta de ajudar os americanos foi aceita, e Putzi ganhou a liberdade para “agir como conselheiro de guerra político e psicológico junto ao presidente Roosevelt”. Isso, em todo caso, é o que relatou em *Unheard Witness*, pp. 308-11.

30. Apêndice das memórias de Hanfstängl, p. 412.

31. Contudo, sua deficiência mental não podia ser assim tão grave, uma vez que chegou a trabalhar como secretária para um grupo de médicos num hospital militar; mas, como sempre, manteve sua identidade em segredo.

32. Ao longo de grande parte do Terceiro Reich ela viveu sob o nome de Paula Wolf, incógnita, como queria o irmão, embora todos os anos Hitler lhe enviasse uma passagem para a Convenção de Nurembergue. Em março de 1941, Hitler hospedava-se no hotel Imperial, em Viena, e foi aí que Paula o encontrou pela última vez. Até as últimas semanas da guerra, Paula Hitler morou em Viena, onde foi entrevistada por funcionários da inteligência americana, em maio de 1945. Relutando em falar, disse, entre lágrimas: “Por favor, lembrem-se, ele era meu irmão”. Depois da guerra, nunca se casou, mas morou perto de Hamburgo (outras fontes dizem Berchtesgaden). Ela faleceu em 1960 e foi enterrada no cemitério de Bergfriedhof.

33. Contudo Paula se parecia muito com sua meia-irmã, *Frau Raubal* (née Hitler), tendo a mesma compleição robusta e tez escura.

34. Large, *Where Ghosts Walked*, pp. 152 et seq.

35. Anekdota contada à autora por Stephen Wright (um amigo pessoal); março de 2003.

36. Large, *Where Ghosts Walked*, p. 151.

37. Putzi Hanfstängl alegou diversas vezes que Hitler era impotente. Ver Ernst Hanfstängl, *Hitler: The Missing Years* (Londres: Eyre and Spottiswood, 1957), pp. 122-4.

38. As suspeitas aumentaram, contudo, quando se tornou o *Führer*. Uma exaustiva pesquisa feita pelo dr. Timothy Ryback e Florian Beierl, do Obersalzberg-Institut e.V., em Berchtesgaden, revelou que, no dia 6 de outubro de 1940, como parte do programa de eutanásia, a prima em segundo grau de Hitler por parte de pai, Aloisia Veit, esquizofrênica que também sofria de depressão e é descrita nos documentos oficiais como uma “personalidade anormal”, foi enviada à câmara de gás no castelo de Hartheim, perto de Linz. Não se sabe se Hitler estava ciente de sua condição ou de sua morte. A ligação entre os dois era tênue, Aloisia – só o nome já é significativo – sendo a bisneta da irmã do avô de Adolf Hitler por parte de pai, desse modo pertencendo ao lado

Schicklgruber da família. Em 1944, um relatório da Gestapo descreveu os Schicklgruber – com quem Hitler era aparentado tanto por parte de pai como de mãe – como uma “progenie de retardados”. Mais tarde, isso se provou verdadeiro e descobriu-se que Aloisia V. era apenas um dentre inúmeros casos de incapacidade física ou mental na família de Hitler, como revelou o instituto Obersalzberg.

[39.](#) Large, *Where Ghosts Walked*, p. 154.

[40.](#) Ibid., p. 105.

[41.](#) Em 1923, o número de afiliados era de 45 mil (fonte: Burleigh, *The Third Reich: A New History*).

[42.](#) Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 93.

[43.](#) “*Mein Kampf* como força histórica [...] não representou grande coisa. O livro não conheceu sucesso comercial por um bom tempo. As pessoas não se tornavam nazistas lendo *Mein Kampf*; elas o compravam – e às vezes liam – porque já eram nazistas. Em 1928, as vendas mal ultrapassaram os 3 mil exemplares. Em 1932, após o extraordinário sucesso nazista nas eleições de 1930, subiram para 90 mil. Em 1940, 6 milhões de exemplares foram vendidos. Nessa época, passou a ser uma prática estabelecida que toda noiva e todo noivo ganhasse uma cópia em seu casamento.” Robert Birley, *Spectator*, 20 de abril de 1985.

[44.](#) Vendido entre o fim dos anos 20 e o começo dos 30 pelo preço absurdamente baixo de RM 2,85 pelos dois volumes, *Mein Kampf* rendeu a Hitler milhões em direitos, formou a base de sua fortuna pessoal e tornou-o o escritor mais rico da Alemanha. Ele disse que, após sua morte, o dinheiro deveria ser usado para embelezar a cidade de Linz, em benefício do povo alemão.

7. BAVIERA, O IDÍLIO GERMÂNICO

[1.](#) Juntos, os dois escreveram um panfleto intitulado *Der Bolshevismus von Moses bis Lenin* (“O bolchevismo de Moisés a Lenin”), expondo sua teoria maluca de que os judeus eram um poder secreto por trás da subversão revolucionária que sempre buscava solapar o instinto natural para o progresso do restante da humanidade. Foi publicado em Munique em 1923.

[2.](#) Ele foi enterrado em Berchtesgaden.

[3.](#) Isaiah Berlin, numa carta a Elizabeth Bowen em 1936, escreveu sobre seu desprezo pelas paisagens sublimes: “Montanhas muito altas, vales muito profundos, torrentes furiosas, picos puros & nevados etc. O sublime na natureza remete diretamente aos heróis nazistas, a T. E. Lawrence [...] garoto valentão etc. & intimidação moral. Isso, por sua vez, leva a reacionarismo romântico, alemães, cavalaria & a beleza do perigo”. Ver p. 191, Henry Hardy (ed.), *Flourishing: Letters from Isaiah Berlin 1928-1946* (Londres: Chatto & Windus, 2004; Pimlico, 2005).

[4.](#) Roper, *Witch Craze*.

[5.](#) A citação é tirada de Joseph Roth, *What I Saw: Reports from Berlin, 1920-1933*,

traduzido do alemão, com introdução de Michael Hofmann (Nova York: Norton, 2003). Joseph Roth, 1894-1939, nascido austro-húngaro, mudou-se para Viena, depois Berlim (1920-1925), e então para Paris, como correspondente do *Frankfurter Zeitung*, no qual assinava uma coluna conhecida na época — e hoje em dia — como *feuilleton*.

6. Moramos na Alemanha de 1946 a 1950. Meu pai trabalhava para a CCG (Allied Control Commission of Germany, ou Comissão de Controle Aliado da Alemanha), encarregada de restaurar a infra-estrutura destruída do país. Minha mãe, minha irmã e eu viajamos por barco e por trem desde Londres para nos juntar a ele em janeiro de 1947, chegando na Hauptbahnhof de Hamburgo em pleno inverno gelado e cortante. As famílias britânicas eram instaladas no “Streits”, um hotel restaurado às pressas. No fim de 1947, nós nos mudamos para uma casa numa vila balneária chamada Bad Salzuflen, projetada para acolher o pessoal da CCG, e lá vivemos três anos numa casinha rústica, *gemütlich*.

7. Kershaw, *Hitler, 1889-1936: Hubris*, p. 189.

8. Speer, *Inside the Third Reich*, pp. 86-7.

9. *The Guardian*, 3 de novembro de 2003, “At Home with the Führer”, por Simon Waldman, Guardian Unlimited © Guardian Newspapers Limited 2003.

10. Henriette von Schirach, *Frauen um Hitler* (Munique: Herbig, 1983), p. 49.

11. Pronuncia-se “Gueli”.

8. GELI, HITLER, EVA

1. Mas, como escreveu a filha dele, Henriette: “O charme de Geli não podia ser fotografado. Não estava presente em nenhuma das fotos que meu pai tirou dela”.

2. Baldur von Schirach, *Ich glaubte an Hitler* (Hamburgo, 1967).

3. Hoffmann, *Hitler Was My Friend*, p. 148.

4. Baldur von Schirach, *Ich glaubte an Hitler* (Hamburgo, 1967).

5. Hanfstängl, *Unheard Witness*, pp. 171-2.

6. Se tivessem gerado um filho, ele teria tido um mesmo avô e bisavô em Alois Schicklgruber-Hitler e possivelmente também o mesmo avô, bisavô e trisavô em Johann Nepomuk Hüttler.

7. Hoffmann, *Hitler Was My Friend*, p. 7.

8. Henriette von Schirach, *Frauen um Hitler* (Munique: Herbig, 1983), p. 49.

9. Hoffmann, *Hitler Was My Friend*, p. 151.

10. “Pode se dizer quase que com absoluta certeza que, na época em que saiu de Viena, com a idade de 24 anos, Hitler não tivera nenhuma experiência sexual.” Kershaw, *Hitler, 1889-1936: Hubris*. “Nenhuma de suas ligações fora mais que superficial. Nenhum sentimento profundo era jamais despertado.” *Ibid.*, p. 352.

11. O prédio ainda existe, mas o apartamento hoje é um distrito policial.

12. Junge, *Until the Final Hour*, p. 112.

13. Hanfstängl, *Unheard Witness*, pp. 129-30.

14. Ibid., pp. 169-70.

15. Ian Kershaw, cuja biografia, *Hitler, 1889-1936: Hubris*, confere-lhe com justiça o título de maior autoridade em Hitler, escreve (p. 352): “Seja qual for o fundamento dos rumores [i.e., sobre a sexualidade de Hitler e suas relações com as mulheres] — muitas vezes maliciosos, exagerados ou inventados —, nenhuma dessas ligações, ao que parece, foi mais do que superficial. Nenhum sentimento profundo foi jamais despertado [...]. Com Geli era diferente. Independentemente da exata natureza da relação — e todos os relatos estão baseados fortemente em conjecturas e boatos [grifo meu] — parece certo que Hitler [...] se tornou emocionalmente dependente de uma mulher. Se seu envolvimento com Geli foi explicitamente sexual, não se pode dizer sem sombra de dúvida [...]. Mas histórias chocantes de alegadas práticas desviantes relatadas por Otto Strasser devem ser encaradas como propaganda anti-hitlerista fantasiosa de um inimigo político manifesto [grifo meu]”.

16. Hanfstängl, *Unheard Witness*, p. 172.

17. Ver Kershaw, *Hitler, 1889-1936: Hubris*, p. 704, nota de rodapé: “Otto Strasser, em *Hitler und Ich*, fez pesadas insinuações de práticas sexuais pervertidas infligidas por Hitler a sua sobrinha. Numa entrevista com a *oss americana*, a 13 de maio de 1943, ele foi explícito, mas seu relato é pouco confiável e especulativo”.

18. Gun, *Hitler's Mistress: Eva Braun*, p. 59.

19. Gertraud Weisker em conversa com a autora, março de 2004.

20. Ibid.

21. Musmanno Collection, vol. IV, entrevista com os pais de Eva em sua casa em Ruhpolding, 4 de setembro de 1945, extraído dos arquivos da Musmanno Collection.

22. *Hitler's Table Talk, 1941-1944*, noite de 10-11 de março de 1942, p. 360.

23. Stefano de Michaelis, *Osteria Italiana* (Munique: Heinrich Hugendubel, 1998), pp. 12-15.

24. O telefone é (089) 272-0717 e a *homepage*: <www.osteria.de>. A reserva é recomendável mas não essencial. Embora o *site* anuncie com orgulho que a história do lugar remonta a 1890, não faz qualquer menção a seu cliente mais famoso — Adolf Hitler.

25. A cidade talvez esteja revendo essa postura de erradicar a própria história. Em 2004, o museu municipal montou uma exposição de documentos e *memorabilia* do Terceiro Reich. No dia em que o visitei, não havia quase ninguém, mas a mostra era detalhada e não tentava de modo algum encobrir a verdade dos fatos ocorridos.

26. A descrição é do filho mais novo de Julius Streicher, Elmar. Streicher foi um dos membros fundadores do Partido Socialista alemão. Fanaticamente antisemita, criou o jornal *Der Stürmer* para divulgar seu obsceno ponto de vista. Embora fosse um rufião e criador de casos, Hitler permaneceu leal a ele, assim como o foi com quase todos antigos seguidores, chegando até a expressar gratidão a Streicher em *Mein Kampf*.

27. Adolf Ziegler, presidente da Câmara do Reich para Artes Visuais, caiu nas graças de Hitler ao pintar o retrato de Geli. Seu gênero favorito eram os nus reclinados de

“verossimilhança surpreendente”, que lhe renderam o título zombeteiro de “pintor de pelos pubianos oficial do Reich” (Large, *Where Ghosts Walked*, p. 264). Ziegler pintou um tríptico de quatro nus intitulado *Quatro elementos*, que ficava pendurado acima da lareira de tijolos em estilo rústico na sala de estar do apartamento de Hitler em Munique, com suas quatro damas nuas e complacentes lançando olhares nebulosos de um sofá afundado em almofadas e mais quatro poltronas. Só falta o unicórnio rampante; no mais, poderiam ser irmãs das jovens nuas de pele clara que adornavam os antigos palácios de Saddam Hussein. (*Quatro elementos* é mostrado no vol. 2, número 10, 1938, p. 295, de *Die Kunst im Dritten Reich, 1937-1945*, a revista de arte oficial do Terceiro Reich, surgida em 1937.)

28. Hoffmann, *Hitler Was My Friend*, p. 161.

29. Isso teria sido ouvido em primeira mão do próprio Wilhelm Stocker, em entrevista a Ronald Hayman, autor de *Hitler and Geli* (Londres: Bloomsbury, 1998).

30. A fotografia é reproduzida no catálogo Hermann-Historica e foi vendida no leilão 47 de 15 de outubro de 2004, lotes 2023-4, por aproximadamente 3.500 euros. O preço, e o interesse competitivo que reflete, é um indicativo da valorização da *memorabilia* nazista.

31. Segundo Herbert Döring (nem sempre uma testemunha confiável), sua primeira esposa foi Gerda Christian, *née* Daranowski, a mais bela das secretárias com longo serviço de Hitler, mas divorciaram-se após vários anos de casados.

32. Musmanno Collection, vol. VII, entrevista com Erich Kempka, Munique, 19 de agosto de 1948.

33. *Hitler's Table Talk, 1941-1944*, pp. 245-6.

34. Ibid., noite de 10-11 de março de 1942, p. 359. (Observe que Hitler descreve sua mãe sem fazer nenhuma referência específica ao passado camponês humilde de onde ela — e ele — vinha.)

35. Citado em Gun, *Eva Braun: Hitler's Mistress*, p. 27. O original — todo rasgado — desapareceu há muito tempo. O autor deve ter baseado seu conteúdo no depoimento de *Frau Winter*.

36. Putzi Hanfstängl alega que, no outono de 1937, ele recebeu a visita em Londres de uma mulher chamada Brigid Hitler, a rancorosa esposa do irmão de Angela Raubal, Alois, que seria o tio de Geli e meio-irmão de Hitler. Essa mulher, Brigid — que certamente existiu, e teve um filho, Patrick Hitler —, ao que parece, contou a Putzi que “a família sabia muito bem que a causa do suicídio de Geli era o fato de estar grávida de um jovem professor de arte judeu de Linz, que conhecera em 1928 e com quem queria se casar”. E prossegue: “Com a morte dela [i.e., Geli], o caminho estava aberto para sua transformação final num demônio, com sua vida sexual voltando a degingolar numa espécie de vaidade narcisista bissexual, Eva Braun sendo pouco mais que um vago apêndice doméstico”. Para alguém que jamais esteve dentro dos aposentos de Hitler, Putzi alega saber um bocado de coisas sobre o que se passava entre suas quatro paredes. Hanfstängl, *Unheard Witness*, p. 176.

37. Henriette von Schirach, *Frauen um Hitler* (Munique: Herbig, 1983), pp. 73-5, 79-80.

38. Ibid., p. 48.

39. Seu túmulo fica em Viena, Zentralfriedhof. Atualmente, não está assinalado, mas segundo a contribuição dada por Geoff Walden na web, é ou era no grupo 23E, fileira 2, jazigo número 73, com data de falecimento de 18.9.31. Seu corpo foi exumado em 1946 e enterrado outra vez. Fonte: <gwalden1864@earthlink.net> ou <www.findagrave.com>.

40. Um jornal de Munique publicou uma série de detalhes sensacionalistas, nenhum deles confirmado pela autópsia: “No sábado, 19 de setembro, noticiou-se que *Fräulein Geli* fora encontrada morta por um tiro no apartamento com a arma de Hitler na mão. O nariz da morta estava quebrado e ela apresentava outros graves ferimentos pelo corpo. De uma carta a uma amiga morando em Viena, fica claro que *Fräulein Geli* estava com a firme intenção de ir para essa cidade. A carta jamais foi enviada. A mãe da jovem, meia-irmã de *Herr Hitler*, vive em Berchtesgaden; ela foi chamada a Munique”.

41. Até mesmo jornais respeitáveis insinuaram motivos obscuros para sua morte. O *Münchener Post* noticiou a morte de Geli (20 de setembro de 1931) numa reportagem que dizia: “Num apartamento da Prinzregentenplatz, uma estudante de música de 23 anos, sobrinha de Hitler, matou-se com um tiro. Por dois anos a jovem vivera num quarto mobiliado em um apartamento no mesmo andar onde o de Hitler ficava situado. Não se sabe o que levou a jovem ao suicídio. Tratava-se de Angela Raubal, filha da meia-irmã de Adolf Hitler. Na sexta-feira, 18 de setembro, houve mais uma briga violenta entre *Herr Hitler* e sua sobrinha. O motivo? A jovial estudante de música de 23 anos, Geli, queria ir para Viena, queria noivar. Hitler opôs-se fortemente a isso. Os dois tiveram divergências recorrentes acerca do assunto. Após uma cena violenta, Hitler deixou o apartamento do segundo andar da Prinzregentenplatz”.

42. “1. Não é verdade que tive ‘divergências recorrentes’ ou uma ‘briga violenta’ com minha sobrinha Angela Raubal na sexta-feira, 18 de setembro, ou mesmo antes disso. 2.

Não é verdade que ‘me opus fortemente’ à viagem de minha sobrinha para Viena. A verdade é que nunca fui contra a viagem que minha sobrinha planejava fazer a Viena. 3. Não é verdade que minha sobrinha pretendia ficar noiva em Viena ou que eu fizesse qualquer objeção ao noivado de minha sobrinha.” (Declaração publicada no *Münchener Post*, 20 de setembro de 1931.)

43. Entrevista com Herbert Döring gravada em 2000/2001 para a 3bmtv. Várias pessoas, incluindo Putzi Hanfstängl e Heinrich Hoffmann, alegavam ter impedido Hitler de se matar após o suicídio de Geli. Mas uma coisa em que todos concordam é que ele se encontrava em estado de extrema consternação.

44. Brigitte Hamann, *Winifred Wagner: A Life at the Heart of Hitler's Bayreuth* (Londres: Granta Books, 2005), p. 165.

1. A governanta em Prinzregentenplatz, Anni Winter, contou a Werner Maser, em 1969, que essa primeira relação de Eva ocorreu no início de 1932.

2. Hanfstängl, *Unheard Witness*, p. 204.

3. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, pp. 8-9 (traduzido por Christiane Gehron).

4. Herbert Döring entrevistado para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 15.08.27.

5. Hoffmann, *Hitler Was My Friend*, pp. 162-3.

6. Ibid., capítulo 4, para seu depoimento completo.

7. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 13 (traduzido por Christiane Gehron).

8. Weisker, *Wer War Eva Braun?*

9. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 92 (traduzido da edição alemã original pela autora).

10. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, pp. 13-4 (traduzido pela autora).

11. Num estudo de *Tristão e Isolda*, Roger Scruton sugere: "Ao aceitar a morte por um ato de sacrifício, nós a transcendemos e nos erguemos acima da condição mortal". Roger Scruton, *Death-Devoted Heart: Sex and the Sacred in Wagner's Tristan and Isolde* (Oxford: Oxford University Press, 2004).

12. Henriette von Schirach, *Frauen um Hitler* (Munique: Herbig, 1983), p. 226. Henny tinha dezenove anos quando se casou com Baldur von Schirach em 1932.

13. P. Hoffmann, *Hitler's Personal Security* (Londres: Macmillan, 1979), pp. 268-9.

14. Ver *Operation Foxley: The Plan to Kill Hitler*, introdução de Mark Seaman.

15. O termo ainda não existia, mas Hitler fornece precisamente a razão pela qual os homens-bomba em geral alcançam seu intento.

16. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*.

17. Ibid., p. 11. A sentença é no mínimo tão obscura quanto aqui, no original alemão: "*Eva Braun, das unverbildete, leicht beeinflussbare Mädchen entdeckte Adolf Hitler auch nicht als den Idealmann ihres Herzens, aber als Auszeichnung und Aufforderung persönlichen Schicksals*".

18. Ibid. No original, Winbauer escreve: "*Die grosse Wende brachte der Beginn des Jahres 1933: Hitler bekamte Eva offen seine Zuneigung. Der neue Kanzler des Deutschen Reiches und selbsternannter Führer der Nation gestand an ihren Geburtstag, am 6 Februar der Tochter des Münchner Gewehrbeschullehrers, dass sie die Erwählte seines Herzens sei und Eva nahm dieses Geständnis gerührt und beglückt auf*".

19. Ibid., p. 20.

20. Citado na p. 20 de *The Anatomy of Fascism*, de Robert O. Paxton, publicado por Alfred A. Knopf, Nova York, 2004. Citado em *Inside the Nazi State*, um documentário para a tevê de Laurence Rees, transmitido pelo uktv History Channel, a 24 de agosto de 2005.

21. Hitler recebia centenas de cartas por semana de mulheres dominadas pela fantasia e adoração, muitas numa linguagem das mais extravagantes: "Querido, posso encontrá-lo

em breve? Duvida de meu amor? Sinto hoje um forte desejo por você”, escreveu Eva K., uma dona de casa alemã, no dia 20 de julho de 1940. Citado em Adam Lebor e Roger Boyes, *Surviving Hitler: Choices, Corruption and Compromise in the Third Reich* (Londres: Simon & Schuster, 2000), p. 75. Outra escreveu, e não foi a única, “Você está à procura de uma mulher e eu preciso de um homem”, *ibid.*, p. 51.

[22.](#) Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 170.

[23.](#) É importante fazer uma distinção entre campos de *concentração* — que foram de início concebidos como campos de trabalho forçado para judeus, bolcheviques, ciganos, homossexuais, deficientes e outros “indesejáveis” raciais, mas que degeneraram em campos de execução, já que tantos prisioneiros morreram de fome — e campos de *extermínio*, que só passaram a existir em 1942/3, especificamente criados para matar em larga escala, em que apenas os judeus mais saudáveis eram preservados para trabalhar até a morte em questão de semanas. Desses, Auschwitz foi responsável pela maior parte das mortes.

[24.](#) A partir de janeiro de 1934 os nazistas implementaram um programa de esterilização compulsória a fim de “melhorar” a linhagem racial alemã. Os considerados racialmente inadequados estavam proibidos de ter filhos. Os médicos (metade dos médicos do Terceiro Reich era de membros do Partido Nazista) decidiram que homens e mulheres seriam esterilizados com base em debilidade mental, comportamento anti-social, embriaguez, promiscuidade e ociosidade. No início da guerra, 320 mil pessoas haviam sido esterilizadas.

Os nazistas planejavam esterilizar algo entre cinco e trinta por cento da população. Fonte: M. Burleigh e W. Wipperman, *The Racial State: Germany 1933-45* (Cambridge: Cambridge University Press, 1993).

[25.](#) Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 240.

[26.](#) Há um texto integral do diário de Eva no capítulo 10, “Diário de uma mulher desesperada”.

[27.](#) Traudl Junge tinha ciência dos notórios acessos de fúria, embora alegasse jamais tê-los presenciado.

[28.](#) Gertraud Weisker em conversa com a autora, 2001.

[29.](#) Citado em Christa Schröder, *Er War Mein Chef* (Munique: Langen Müller, 1985), p. 164.

[30.](#) Musmanno Collection, vol. XII.

[31.](#) David Irving acredita que essa segunda tentativa de suicídio foi uma brincadeira, assim Eva e suas amigas poderiam dar risadas com a reação perturbada de Hitler. Essa interpretação diz mais sobre Irving do que sobre Eva Braun.

[32.](#) Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 110.

[33.](#) “Eine Frau muss ein niedliches, molliges, Tschapperl sein: weich, süß und dumm.” Citado em Maser, *Hitler*, p. 79.

[34.](#) Fonte: atestado de óbito de Eva Braun, datado de 29.IV.45, Berlim, em fac-símile mostrado à autora por Gertraud Weisker, a 25 de março de 2004.

[35.](#) Henriette von Schirach, *Frauen um Hitler* (Munique: Herbig, 1983), p. 28.

[36.](#) Gun, *Eva Braun: Hitler's Mistress*, p. 101.

[37.](#) Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 16.

10. DIÁRIO DE UMA MULHER DESESPERADA

[1.](#) Esse documento antigo, autêntico, cobrindo o período de 6 de fevereiro a 28 de maio de 1935, escrito em caligrafia gótica, pode ser encontrado, junto com uma rudimentar tradução inglesa datilografada, nos National Archives II, College Park, Maryland, próximo a Washington dc, catalogado como Foreign Service Posts of the Department of State (rg 84) [civilian agency records — Department of State and Foreign Affairs Records] NARA 841.4 Public Records: Eva Braun's Diary 350/57/25/06 1946. Uma fotocópia pode ser vista mais facilmente em Box 6 820.02 [photostat]: 350/68/19/07.

David Irving é um especialista em localizar manuscritos pertencentes a Hitler e ao Terceiro Reich, embora o uso que faça deles seja altamente questionável e sua reputação como historiador tenha ficado arruinada quando, em abril de 2000, ele perdeu o processo que moveu por calúnia e difamação contra a historiadora Deborah Lipstadt, após ela tê-lo chamado de “negador do Holocausto” [*Holocaust denier*] em seu livro *Denying the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory* (Nova York: Tree Press, 1993). Irving defende a opinião de que essas poucas páginas do verdadeiro diário de Eva Braun, assim como sua correspondência íntima com Adolf Hitler, foram adquiridas pelo serviço de contra-espionagem (Counter Intelligence Corps — cic) do coronel Robert A. Gutierrez, baseado em Stuttgart-Backnang no verão de 1945. Depois de uma breve análise favorável aos documentos feita por *Frau* Ursula Göhler, eles nunca mais foram vistos. Gutierrez foi o oficial responsável pelo interrogatório que localizou os papéis após repetidas e prolongadas sessões com dois agentes alemães, Konrad e Spacil, subordinados de Fegelein, em cujas mãos haviam caído. Esses dois personagens suspeitos tinham sido incumbidos de recuperar um baú contendo as cartas particulares de Hitler e Eva, um pouco de dinheiro estrangeiro, as joias dela e o diário de Gretl, *née* Braun, esposa de Fegelein. Contudo, o rastro dele se perdeu (será que o venderam?) na viagem do *bunker* para Gretl, em Munique, e de algum modo ele acabou indo parar nas mãos de seu inquiridor, o coronel Gutierrez. Irving afirma: “Visitei Gutierrez duas vezes no Novo México. Posteriormente, ele cedeu o vestido de casamento de Eva Braun e a baixela de prata (que admitia ter retido) a meu colega de pesquisa, Willi Korte, mas não abriu mão de uma polegada sequer dos documentos e diários perdidos”. As cartas foram examinadas brevemente por uma ou duas pessoas antes de desaparecerem, mas ninguém anotou o conteúdo. Gutierrez, última pessoa que sabidamente esteve de sua posse, morreu em 2002 ou 2003 — elusivo até o fim. Antes de morrer, afirmou: “Essas cartas jamais virão a público. Elas mostram Hitler como um ser humano e isso não está certo”. A informação é tirada da introdução à nova edição do livro de David Irving, *Hitler's*

War, 1942-1945 (Londres: MacMillan, 1989). Ela também pode ser encontrada em <www.fpp.co.uk/Hitler/Gutierrez>, parte de um website provido por Irving. Evidências adicionais podem ser encontradas em <<http://www.codoh.com/irving/irvhitmar.html>>. Ambas © Dr David Irving.

2. Uma década mais tarde, antes do fim de sua vida, Eva mandou instruções às duas irmãs, Ilse e Gretl, para destruir o diário. Em vez disso, por algum motivo, segundo Werner Maser (*Hitler's Letters and Notes*), que ouviu isso pessoalmente de Ilse Braun em 1973, entregaram-no (talvez bastante aumentado àquela altura com anotações posteriores) à mãe de um oficial da SS, por questão de segurança. Mais tarde, ele foi encontrado pelos americanos e levado aos Estados Unidos. A versão se sobrepõe, mas não é conflitante, com a investigação de Irving (acima).

3. Gitta Sereny em entrevista à autora, março de 2003.

4. Gertraud Weisker entrevistada pela autora em sua casa, 24 de março de 2004.

5. Um guia útil para esse tipo de escrita pode ser encontrado na Internet, em <www.familysearch.org/Eng/Search/Rg/Guide/Germany17.asp#handwriting>.

6. *Tante* Lidy, a última e a mais nova das tias Neubert de minha mãe — irmãs da mãe *dela* —, faleceu no dia 12 de julho de 1981, em Hamburgo, com a idade de 86 anos e, após uma vida inteira cuidando dos outros, estava sozinha. Entristece-me profundamente pensar que *Tante* Lidy morreu na mais completa solidão. Eu, sua sobrinha-neta, tinha então 41 anos e teria viajado a Hamburgo para ficar a seu lado se soubesse como estava doente. Mas das duas, uma: ou ela não contou a minha mãe, ou minha mãe não me contou. Minha mãe Ditha escreveu umas breves memórias imediatamente após sua morte, onde, pelo menos uma vez, todo floreio de adjetivação é justificado: *Tante* Lidy era prodigiosa; mais repleta de bondade que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido. Eis aqui o que minha mãe disse sobre ela, adornado com o usual confete de vírgulas: “Sinto uma profunda tristeza no coração, pois minha querida Lidy faleceu, parece que minha última ligação com a família se encerrou.

Não faço ideia, de como pôr em palavras, que pessoa maravilhosa, amorosa, doce e bondosa foi Lidy, de fato, para mim ela é única, e honrarei sua memória pelo resto de minha vida, e, já disse isto muitas vezes sobre as pessoas, que faleceram, mas para Lidy é o desejo mais significativo e merecido: que todos os clarins do céu a saúdem, quando lá chegar”. Isso segue assim por vários parágrafos, terminando: “Onde quer que você esteja agora, amada Lidy, que possa se encontrar com todos seus entes queridos, e nunca mais sentir solidão outra vez”.

7. Não se sabe ao certo por que tortuosas vias o diário chegou às labirínticas prateleiras do NARA, mas Gitta Sereny acha possível que Eva tenha continuado a escrever num diário diferente e entregue o primeiro, por medida de segurança, nas mãos de Luis Trenker, um cineasta muito atraente e esquiador magnífico. Mas é apenas plausível que tenha lhe entregue o diário, possivelmente porque estava com medo de que outras pessoas o lessem.

Se Trenker algum dia teve em mãos uma continuação, escrita após maio de 1935 —

algo extremamente duvidoso —, esse diário subsequente se perdeu.

8. Existem outros diários que tentam passar como tendo sido escritos por Eva Braun, mas são *todos* fajutos. Uma falsificação razoavelmente plausível foi publicada após a guerra, mas logo se revelou que havia sido plagiada das memórias escritas décadas antes por uma certa condessa Irma Larisch-Wallersee, com umas poucas inserções necessárias de nomes para se adequar à vida de Eva. Além disso, o texto ganhou umas doses extras de sexo, para ficar mais picante, com diversos episódios moderadamente pornográficos espalhados por suas linhas, por exemplo: “Como ele adora que eu use camurça na roupa de baixo!”. (Pelo contrário, Hitler, o grande animal na cama, teria ficado aterrorizado.) O falso diário continua a ser publicado de tempos em tempos. Cf. a recente edição de Alan Bar-tlett, intitulada *The Diary of Eva Braun*, publicada pela Spectrum International, em 2000, mas só sendo muito crédulo — e lascivo — para tomar a coisa por autêntica. Ele é inexacto em todos os aspectos, sobretudo nas imaginativas recriações da suposta vida sexual dos dois, mais para lúbricas que eróticas, quando não pornográficas.

9. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 192.

10. Hitler se recusava a lhe dar um *dachshund*, porque, segundo Werner Maser (*Hitler's Letters and Notes*, p. 371), achava a raça independente e desobediente — duas qualidades que não tolerava em cães ou seres humanos. Ele odiava o gato dela, Peter, porque fazia o que bem entendia.

11. Emile Coué (1857-1926) foi um antigo psicoterapeuta pioneiro na crença do poder do pensamento positivo. Ele se tornou um guru da auto-sugestão na década de 20, defendendo o aperfeiçoamento da mente pela repetição constante: “*Tout les jours et à tous points de vue, je vais de mieux en mieux*”.

11. OS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS E OS FILMES CASEIROS

1. Segundo Werner Maser (*Hitler's Letters and Notes*, p. 137), Hitler lhe escrevia regularmente, usando uma caneta-tinteiro e sempre de próprio punho — presume-se que por serem as cartas pessoais demais para ditar. Em outubro de 1972, a irmã de Eva, Ilse, contou a Maser que todas as cartas haviam se perdido. Algumas delas ocasionalmente aparecem em vários leilões, *memorabilia* e coleções nazistas, mas a probabilidade é de que se trate de falsificações. O esconderijo original das cartas nunca foi encontrado.

2. Depois disso, a guerra ficou tão feia que Hitler jamais voltou ao Berghof.

3. Entrevista pessoal com *Lady Williams*, née Gill Gambier-Parry, 31 de julho de 2003. Ela é a viúva de Edgar (“Bill”) Williams, oficial de inteligência de Montgomery e ex-decano de Rhodes House, que ficou encarregado de escoltar o general Jodl após ele ter assinado a rendição da Wehrmacht aos aliados em Reims, a 7 de maio de 1945, assinalando formalmente o fim da guerra.

4. Jean-Michel Charlier e Jacques de Launay, *Eva Hitler née Braun* (Paris: Edition de la Table Ronde, 1978), p. 261.

5. Parte do esconderijo encontrado em Schloss Fischhorn, Áustria, pelo agente de contra-espionagem Robert A. Gutierrez.

6. O que, tecnicamente, continuava a ser: ela seguia executando o trabalho diário de sempre, em parte para manter o “disfarce”, em parte porque, mais tarde, as normas do país em guerra exigiam que toda mulher solteira trabalhasse.

7. Junge, *Until the Final Hour*, p. 80.

8. Anna Plaim chegou ao Berghof em 1941, com a idade de vinte anos, para ser a arrumadeira pessoal encarregada dos quartos de Eva e de Hitler. Era prima de Willi Mittlstrasse, gerente da casa e chefe de todos os empregados.

9. Plaim e Kuch, *Bei Hitlers: Zimmermädchen Annas Erinnerungen*, p. 95.

10. Genro de Mussolini, a quem sem dúvida devia o cargo.

11. Eva, embora abrigada no luxo do Berghof, disse a Walter Frentz que “vivía numa gaiola dourada”. Ver Anton Joachimsthaler, *The Last Days of Hitler* (Londres: Arms and Armour Press, 1986), p. 263.

12. Entrevistada para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 24.10, *Frau Mittlstrasse*, na época governanta no Berghof, confirmou: “Ela não só filmava como também editava sozinha”.

13. O arquivo nacional alemão, onde, para pesquisadores falantes de alemão, as listas de seqüências de filmagem são mais detalhadas e precisas, fornecendo, por exemplo, os nomes de todo mundo que aparece. O NARA se limita a resumir os filmes tomada por tomada, em geral especificando o óbvio.

14. Lista de Seqüências para Item do Grupo de Documentos 242: Coleção dos National Archives de Documentos Estrangeiros Apreendidos.

12. EVA SAI DE CASA

1. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 11.

2. Como acima. A rua é hoje chamada de Delpstrasse, talvez numa tentativa de deter os visitantes, embora não bem-sucedida, conforme dizem os proprietários atuais. Compreensivelmente, não estão preparados para abrir sua casa para turistas curiosos.

3. Fonte: atestado de óbito oficial de Eva.

4. Weisker, *Wer Eva Braun?* (traduzido pela autora).

5. Antony Penrose (org.), *Lee Miller's War* (Londres: Thames & Hudson, 2005), pp. 1979. Lee Miller era fotógrafa e uma das primeiras a entrar na casa de Eva depois de a paz ter sido assinada em 8 de maio de 1945. Foi precedida, entretanto, por inúmeros saqueadores que se apossaram das roupas de Eva e de seu estoque de comida: latas de sardinha e de atum.

6. Detalhes de Gun, *Eva Braun: Hitler's Mistress*, p. 119 (que viu o lugar diversas vezes nos anos 60) e das observações da autora.

7. Do interrogatório de Heinrich Hoffmann em Nurembergue, 19 de julho de 1948, no vol. xi da Musmanno Collection.

8. Ver sua carta a Walter Ostermayr, irmão de Herta, née Ostermayr, mas no

presente *Frau Schneider*, datada “München 24 xi 43”: “É que com o trabalho no estúdio de Hoffmann e os danos dos reides aéreos a minha casa, infelizmente não tenho tido tempo de escrever”. Citado em Johannes Frank, *Eva Braun: ein ungewöhnliches Frauenschicksal in geschichtlich bewegter Zeit* (Coburg: Nation Europa Verlag, 1997).

9. Em 1938, uma libra esterlina equivalia a pouco mais de RM 12.

10. Em março de 1933, Dachau, o primeiro campo de prisioneiros, tinha sido aberto nas cercanias de Munique, seguindo-se a ele Sachsenhausen, Buchenwald e Mauthausen, campos feitos sob encomenda para o trabalho forçado e a retenção de multidões, todos lugares de brutalidade legalizada.

11. Gerald Reitlinger, *The Final Solution: The Attempt to Exterminate Jews of Europe, 1939-1945* (Londres: Vallentine, Mitchell, 1968), p. 7.

12. Em 1934, Hitler declarou uma renda de dm 1.232.355, além de seu salário de dm 60.000 por ano (*Der Spiegel*, 6 de abril de 1970, pp. 92 et seqs., citado por Wener Maser).

No dia 15 de março de 1935, desapareceu da relação de contribuintes a seu próprio pedido, provavelmente porque os direitos de *Mein Kampf* estavam lhe rendendo tanto dinheiro que não queria torná-los públicos.

13. Para detalhes de todas as transações de Bormann, ver Helmut Schöner e Rosl Irlinger, *Der Alte Obersalzberg Bis 1937* (Munique: Verlag Berchtesgaden Anzeiger, 1989).

14. Em 1938, podia-se fazer uma refeição decente num restaurante por RM 1,20, um litro de leite custava RM 0,24 e um ovo, RM 0,12.

15. Ver Helmut Schöner e Rosl Irlinger, *Der Alte Obersalzberg Bis 1937* (Munique: Verlag Berchtesgaden Anzeiger, 1989). (Rosl vivera em Obersalzberg na infância.)

16. Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 274.

17. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*.

18. Do website de Walden, <<http://thirdreichruins.com/berghof.htm>>: “Projetos para remodelar a Haus Wachenfeld haviam sido feitos em 1935. A obra, levada a cabo em 1936, na verdade implicou uma total conversão, com enormes acréscimos de alvenaria de uma casa principal e mais uma ala, além de uma garagem ampliada. Mais obras foram feitas em 1938”. Outro site, postado por alguém que nega qualquer ligação com neonazistas, tem várias fotos do Berghof/Haus Wachenfeld.

19. “Uma história terrível, mas deixou Hitler absolutamente fascinado. Ele falou sobre o filme por dias”, zombou Putzi Hanfstaengl. *Hitler: The Missing Years* (Londres: Eyre and Spottiswood, 1957), p. 221.

20. Improvável porque o filme mudo e p&b de 1927 apresentava trabalhadores se insurgindo contra patrões.

21. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*.

22. Esses roubos foram “legalizados” a 31 de maio de 1938 por uma lei estabelecendo que “Produtos de arte ‘degenerada’ sob a conservação de museus [...] podem ser apropriados pelo Reich sem compensação”. Desse modo, importantes obras

de Braque, Chagall, Modigliani, van Gogh, Gauguin e Picasso puderam ser “apropriadas” e, em alguns casos, vendidas a museus de fora da Alemanha por elevados preços. Ver Berthold Hinz, *Art in the Third Reich* (Oxford: Basil Blackwell, 1980), p. 43.

23. Extraído de um relatório para a liderança do proscrito Partido Social Democrata, citado por Burleigh, *The Third Reich: A New History*, pp. 5-8.

24. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 115.

25. Expressão conhecida hoje por um eufemismo tão evasivo quanto: “limpeza étnica”.

26. A propaganda alemã repudiava os judeus como uma praga, um exemplo notório disso sendo o filme *O judeu eterno* (*Der ewige Jude*, dirigido por Fritz Hippler, exibido ao público pela primeira vez em 18 de novembro de 1940), com uma famosa sequência de ratos saindo do esgoto, que corta para judeus saindo de um gueto. O filme não é mais exibido publicamente e eu não assisti, mas o dvd pode ser facilmente encontrado na Internet e há uma cópia disponível para empréstimo no Imperial War Museum londrino. A descrição acima foi baseada no relato de Rainer Rother, do Deutsches Historisches Museum, de Berlim, um especialista em filmes e imagens de arquivo do Terceiro Reich.

27. Há uma boa seleção de fotos, incluindo uma da estação de Berchtesgaden, além de várias outras de Berchtesgaden e do complexo de Obersalzberg nos anos 30, em <www.thirdreichruins.com/bgaden.htm>.

28. Altura de 1.834 metros acima do nível do mar.

29. Em 1938, RM 34 equivaliam mais ou menos a 100 libras ou 170 dólares atuais.

13. AMANTE

1. Entrevista com *Frau Winter*, Munique, 3 de setembro de 1948, da Musmanno Collection.

2. Gertraud Weisker em conversa com a autora, 2001.

3. Robert Hughes, falando numa entrevista há muito desaparecida de 1978 com Speer, citado no *The Guardian*, 1º de fevereiro de 2003.

4. O barão Freytag von Loringhoven era outro; o dr. Brandt talvez mais um.

5. Entrevistado em 2000 para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 6.03.13.

6. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 193.

7. Ibid.

8. Gitta Sereny entrevistada para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 9.18.44.

9. Transcrição de entrevista com Rochus Misch, de *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo

15.34.

10. Plaim e Kuch, *Bei Hitlers: Zimmermädchen Annas Erinnerungen*, p. 70.

11. *Freundin* é uma palavra neutra que significa simplesmente “amiga”, mas muitas vezes carrega também uma conotação sexual.

12. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 121 (traduzido pela autora).

13. Do NARA, hq Military Intelligence Service: oi Special Report, intitulado *Adolf Hitler: A Composite Picture*.

14. Henriette von Schirach, *Frauen um Hitler* (Munique: Herbig, 1983), p. 231.

15. Herbert Döring entrevistado para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 20.26.

16. Ibid., rolo 15.20.26.

17. Frau Mittlstrasse entrevistada para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 6.27.30.

18. Plaim e Kuch, *Bei Hitlers: Zimmermädchen Annas Erinnerungen*, pp. 87-8 (traduzido pela autora).

19. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 3 (traduzido pela autora).

20. Alois a essa altura era um jornalista bem-sucedido: chefe de redação do *Neue Mannheimer Zeitung* de 1933 a 1945 e do *Heidelberger Tageblatt* após a guerra. Ao que parece, não sentia qualquer desconforto em trabalhar para os nazistas, publicando dúzias de artigos de propaganda política sob as instruções de Goebbels, até o fim. Como tantos colegas seus, continuou sua carreira depois da guerra e a transferência de um regime para outro foi bastante suave. Ele é um dos jornalistas mencionados num livro sobre jornalistas nazistas em Mannheim, publicado em 1981, dois anos antes de morrer. (Sou grata a Christiane Gehron pela informação desta nota e por traduzir as memórias quase inteiras de Alois, com exceção de algumas páginas.)

21. Ibid., p. 15. Para mais detalhes dessa carta, ver também o capítulo 9, pp. 159-61.

22. Nos filmes caseiros de Eva, as pessoas que são apresentadas a Hitler pela primeira vez, até mesmo hóspedes frequentes cumprimentando-o ao chegar, dão toda mostra de reverência e nervosismo. Sorriem em demasia, riem muito prontamente com suas piadas e sua postura é humilde e respeitosa. (Seção NARA Moving Picture, rolo 1.242.2.)

23. Frau Bormann tinha dez filhos; Frau Goebbels, sete; Frau Speer, seis.

24. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 115 (traduzido pela autora).

25. Informação particular passada à autora por Gertraud Weisker: "Sei por minha tia Fanny que Hitler apelidou-a de 'Tschapperl', que quer dizer 'pequena idiota', ou, no origi-558 Angela Lambert nal: "Hitler hat ihr allerdings einen 'KOSENAMEN' nämlich 'TSCHAPPERL' gegeben. Das weiss ich von meiner Tante Fanny. Tschapperl bedeutet 'kleines Dummerchen'".

26. Plaim e Kuch, *Bei Hitlers: Zimmermädchen Annas Erinnerungen*, p. 71.

27. Herbert Döring entrevistado para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 16.20.

28. Durante a guerra, segundo alegou Herbert Döring, Hitler ofereceu à meia-irmã e seu marido um porto seguro no Berghof, arrumando para eles acomodações num lindo apartamento do segundo andar, com vista para o Untersberg. Se isso é verdade, foi um ato surpreendente de generosidade que não deve ter agradado muito a Eva.

29. Frau Mittlstrasse entrevistada para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 6.22.31.

30. Atestado por Rochus Misch em entrevista para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo

- [31.](#) Testemunho de Herbert Döring para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 15.17.28.
- [32.](#) Beevor, *Berlin: The Downfall 1945*, p. 358.
- [33.](#) Ela se refere aos anos de guerra, de 1941 ao verão de 1944, após o que Hitler jamais regressou ao Berghof.
- [34.](#) Henriette von Schirach, *Frauen um Hitler* (Munique: Herbig, 1983), p. 255.
- [35.](#) Herbert Döring entrevistado para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 15.05.27.
- [36.](#) Alguns desses itens acabaram parando nas mãos de especialistas que negociam objetos do Terceiro Reich e podem ser encontrados na Internet. Há, por exemplo, uma camisola transparente que teria pertencido a ela, custando 750 dólares (é, na verdade, um casquinho de dormir, mas talvez seja esperar demais de um fornecedor de objetos do Terceiro Reich que saiba a diferença) e um lenço de seda bordado descrito como “lingerie”, custando 600 dólares. (Em julho de 2004, eles podiam ser adquiridos confidencialmente com <Reichrelic@aol.com>.)
- [37.](#) Frau Winter disse: “Embora não visse Hitler com frequência, ele compensava isso estragando-a terrivelmente. Ela podia ter tudo e tirava vantagem disso”. Entrevista para a Musmanno Collection, 3 de setembro de 1948.
- [38.](#) Num estranho paralelo, parece muito uma reconstrução do quarto de Van Gogh no manicômio de St-Rémy, perto de Arles, para onde foi em 1889, no auge da loucura. Ambos têm o mesmo leito estreito de ferro à direita da janela, que dava para uma vista magnífica — montanhas, flores e a horta do convento, respectivamente —, a mesma mesinha de canto e uma cadeira de madeira.
- [39.](#) Kershaw, *Hitler, 1889-1936: Hubris*, p. 387.
- [40.](#) *Bei Hitlers: Zimmermädchen Annas Erinnerungen*, p. 123.
- [41.](#) *Ibid.*, pp. 123-8; detalhes dos aposentos privativos de Eva e Hitler foram tirados desse livro.
- [42.](#) Esse carro foi a leilão num Classic Car Auction em Phoenix, Arizona, em janeiro de 1982, e vendido por aproximadamente 1,2 milhão de dólares.
- [43.](#) Gitta Sereny entrevistada para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 6.09.06.

14. 1936 – A ALEMANHA NA VITRINE: AS OLIMPIÁDAS

- [1.](#) Fotógrafa e cineasta (1902-2003), bailarina, atriz, diretora e produtora, ela fundou sua própria companhia cinematográfica em 1931. A questão se *O triunfo da vontade* e *Olimpia* devem ser classificados como “documentários” ou “propaganda política” tem sido motivo de disputa constante desde sua realização. Leni Riefenstahl sempre negou ter sido membro do Partido Nazista, e embora os registros mostrem que nunca foi filiada e jamais tenha sido levada diante de um tribunal de crimes de guerra, sua cumplicidade com as crenças racistas de Hitler permanece inegável.
- [2.](#) Como recordou Herbert Döring, gerente do Berghof: *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 15.21.30.

3. Denominada pela botânica *Leontopodium alpinum*, a *Edelweiss* é uma pequena flor branca estrelada da família das *Antennaria*, rara por ser encontrada apenas nos cumes das montanhas mais elevadas. Seu nome em alemão combina as palavras “nobre” e “branco” e, desde meados do século XIX, tem sido um símbolo da Baviera, junto com a *Alpenrose* azul genciana e vermelha, usada em inúmeros cartões-postais e suvenires alpinos. Valorizada por suas qualidades medicinais tanto para homens como para animais, acreditava-se que fosse um poderoso talismã capaz de repelir o mal.

Ironicamente, a planta também emprestou seu nome aos “Piratas *Edelweiss*” (*Edelweisspiraten*), membros de uma subcultura jovem de caráter meio vago que surgiu no fim dos anos 30 para fazer oposição à Juventude Hitlerista e repudiar as normas da sociedade nazista. Os membros dessa organização tinham imenso orgulho de combater os seguidores da Juventude Hitlerista. Ver capítulo 23, p. 364-5, para mais detalhes.

4. Naturalmente, de jeito nenhum: poderia facilmente ter se tornado uma pessoa rechonchuda, não fossem as dietas estritas.

5. Tinha 1,60 metro, a mesma altura de Napoleão, como uma vez lembrou a Hitler. A altura dele, segundo o dr. Morell, era de 1,70 metro e, em 1936, estava pesando modestos, se não poucos, 76 quilos.

6. Maser, *Hitler*, p. 204.

7. A Lei de Proteção de Sangue Alemão e Honra Alemã de 1933 aplicava-se a judeus, ciganos e negros — mulatos descendentes de soldados americanos e franceses na ocupação da Renânia (1919-29). Para os racistas, esses povos tinham “sangue estrangeiro”, portanto, eram geneticamente criminosos. As Leis de Nurembergue de 1935, que proibiam o casamento entre arianos e não-arianos, aplicavam-se também aos rom. Como os filhos de judeus, suas crianças eram banidas de escolas e locais públicos. Em 1938, Himmler ordenou a esterilização de crianças rom.

8. Para detalhes da carreira de Alois como jornalista, ver capítulo 4, nota 4.

9. Adam Lebor e Roger Boyer, *Seduced by Hitler: The Choice of a Nation and the Ethics of Survival* (Naperville, Ill.: Sourcebooks, 2001), p. 24.

10. Norman F. Dixon, *On the Psychology of Military Incompetence* (Londres: Futura, 1979), p. 309.

11. Nos Estados Unidos, a nova ciência era generosamente apoiada por importantes fundações beneficentes como a Rockefeller Foundation e o Carnegie Institute, sendo usada para justificar a esterilização de jovens negras que sofriam de deficiência mental, com base no argumento de que “seu bem-estar e o da sociedade serão promovidos com a esterilização [...]. É melhor para o mundo todo se [...] a sociedade puder prevenir os manifestamente incapacitados de dar continuidade a seu gênero”. O alvo na Alemanha incluía não só judeus (embora fossem de longe os mais numerosos) como também ciganos, homossexuais, criminosos e portadores de deficiência física e mental.

12. Francis Galton (1822-1911) foi um especialista na incipiente ciência da hereditariedade, classificando e nomeando tipos.

13. Palestra à London Eugenics Education Society.

14. Jesse Owens (1913-1980) venceu os 100 e os 200 metros e o salto em distância e levou os Estados Unidos à vitória no revezamento 4 × 100.

15. “Poucos dentre seus membros foram observadores ou detalhistas o suficiente para se perguntar por que o carro que levava Hitler do aeroporto ao Bayerische Hof tinha a janela ora levantada, ora abaixada, ora levantada, ora abaixada, e por que o número da placa mudava o tempo todo.” (Sou grata a Jerry Kuehl por esse e muitos outros detalhes.)

16. A alegação de neutralidade ideológica de Leni Riefenstahl parece improvável, dada sua reação extasiada e erotizada à ocasião em que ouviu Hitler falar pela primeira vez, em fevereiro de 1932, quando tinha trinta anos: “[...] após o cessar dos gritos de ‘Heil Hitler!’, escutei sua voz, ‘Meus compatriotas alemães!’”. Nesse mesmo instante, tive uma visão quase apocalíptica que jamais pude esquecer. Era como se a superfície da Terra estivesse se desdobrando à minha frente, como um hemisfério que subitamente se parte no meio, emitindo um enorme jato de água, tão poderoso que tocava o céu e sacudia a terra. Eu me senti completamente paralisada”. Leni Riefenstahl, *The Sieve of Time: Memoirs of Leni Riefenstahl* (Londres: Quartet, 1992), p. 101.

17. Embora possa ser exibido no Reino Unido sem o pagamento de direitos ao espólio de Leni Riefenstahl, o mesmo não é verdade nos Estados Unidos. O filme também pode facilmente ser encontrado em dvd.

18. O equivalente a um moderno Boeing 737.

19. Introdução de Leni Riefenstahl para *Schoenheit Im Olympischen Kampf*, livro comemorativo de *stills* do filme publicado pela Verlag Ullstein, Berlim, agosto de 1937.

20. Projetada por Albert Speer e, por insistência de Hitler, a maior do mundo, suplantando a de Los Angeles, erguida para as Olimpíadas de 1932. Para o *Führer*, tamanho era documento.

21. Jornalista e escritor de viagens inglês (1905-1941).

22. Robert Byron, “Nuremberg: The Final Rally”, *Spectator*, n.d., 1938.

23. Goebbels disse isso em 23 de abril de 1933.

24. Robert Rhodes James (org.), *Chips: The Diaries of Sir Henry Channon* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1967), pp. 110-1.

25. Correspondente estrangeiro William Shirer em seu diário, Berlim, 16 de agosto de 1936.

15. AS MULHERES NO BERG

1. Gitta Sereny entrevistada para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 9.

2. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 436.

3. Speer, *Inside the Third Reich*, p. 215.

4. Entrevista para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 15.25.10.

5. Na época, Himmler era o chefe da Gestapo e *Reichsführer* da SS.

6. Pryce-Jones, *Unity Mitford: A Quest*, p. 138.

7. Plaim e Kuch, *Bei Hitlers: Zimmermädchen Annas Erinnerungen*, p. 69.
8. Brandt só estava no Berghof quando Morell não estava, uma vez que havia uma feroz rivalidade entre os dois médicos.
9. *Fräulein Silberhorn* era uma loira magra e muito atraente que viveu com Bormann durante a guerra em seu *bunker* privado, segundo outra telefonista do Berghof, Alfons Schulz.
10. Interrogatório de *Frau Kempka* na Musmanno Collection, p. 2.
11. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 111.
12. *Ibid.*, p. 193.
13. O “eu” é Gitta Sereny.
14. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 110.
15. *Ibid.*, p. 157.
16. Hugh Trevor-Roper, *The Last Days of Hitler*, p. 215, escreveu: “Por dez anos, ele [Speer] postou-se bem no centro do poder político; sua inteligência aguda diagnosticou a natureza e observou as mudanças do governo e da política nazistas; ele via e desprezava as personalidades a sua volta; ouvia as ordens ultrajantes e compreendia suas fantásticas ambições; mas nada fez”.
17. Gitta Sereny entrevistada para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 9.24.
18. Em entrevista com Nerin Gun, citado em Gun, *Eva Braun: Hitler's Mistress*.
19. Em 1937, o *bmw 327/8*, um conversível esporte, também foi lançado, um projeto radical que Hitler deve ter achado arrojado ou perigoso demais para Eva, já que sua velocidade máxima chegava a 140 km/h.

16. TRÊS, TRÊS, AS RIVAIS...

1. Putzi Hanfstängl, *Hitler: The Missing Years* (Londres: Eyre and Spottiswood, 1957), p. 224.
2. *Die Tagebücher von Josef Goebbels: Sämtliche Fragmente*, traduzido e editado por Fred Taylor, introdução de John Keegan (Londres: Hamish Hamilton, 1982), p. 246.
3. Dr. Otto Wagener, antigo chefe de estado-maior da SA e agora diretor do departamento econômico do Partido Nazista (*Ökonomik Reichskommissar*), antes de ser expulso por Göring.
4. Fui informada por David Irving que a esposa de Otto Meissner, secretário-geral do Reich, contou aos interrogadores americanos após a guerra que Magda Goebbels na verdade tivera um filho de Hitler... possivelmente Hilde, nascida em 13 de abril de 1934 (que por acaso era a filha de quem Goebbels menos gostava, tendo desejado um menino). Ela alegou que isso lhe fora passado pela própria *Frau Goebbels*. Não existe o menor fundamento para tal mito senão a tentativa de agradar e a fantasia de *Frau Meissner*. Até onde se pode afirmar pelas fotografias (a pobre criança tinha apenas onze anos quando foi assassinada pelos pais), Hilde não se parecia nem um pouco com Hitler, mas era muito parecida com as irmãs mais novas, sobretudo Helga. Outro fato curioso é que nenhuma

das garotas entrou para a BDM — a Liga das Jovens Alemãs — , embora a filiação às organizações de jovens nazistas fosse quase obrigatória, na época.

5. Hans-Otto Meissner, *Magda Goebbels: Ein Lebensbild* (Munique: Bertelsmann Verlag, 1978), p. 116.

6. Klabunde, *Magda Goebbels*, p. 219.

7. Ernst Hanfstängl, *Hitler: The Missing Years* (Londres: Eyre and Spottiswood, 1957), p. 273.

8. Gun, *Eva Braun: Hitler's Mistress*, p. 135.

9. Entrevista com Frau Winter, 3 de setembro de 1948, da Musmanno Collection.

Logicamente deve ser dito que parece improvável que, numa casa abarrotada de criados 24 horas, Frau Bormann tivesse de ir ela mesma até a cozinha buscar leite para Eva. Provavelmente, mal sabia onde ficava.

10. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 92 (traduzido pela autora).

11. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 21. Sua especulação parece ser mais que mero exercício de adivinhação: talvez tenha conversado com Fanny, sua prima, ou quem sabe a sobrinha Gretl confidenciou-lhe tal coisa. A descrição das provocações eróticas de Eva parece incrivelmente precisa.

12. Ibid., pp. 87-8.

13. Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 219.

14. Um comportamento “passivo/agressivo” similar surgia às vezes entre os colegas de Hitler, embora sem o elemento lúdico e com consequências mais perigosas. Albert Speer escreveu, muitos anos mais tarde: “Há uma armadilha especial para todo aquele que detém algum poder [...]. Ganhar suas boas graças é algo tão desejável para os subordinados que brigam por isso com todos os meios a seu alcance. A subserviência se torna endêmica; eles competem entre si para mostrar sua devoção. Isso, como tempo, exerce sua influência sobre o governante, que por sua vez se corrompe. Apenas uns poucos indivíduos, como Fritz Todt [o arquiteto que precedeu Speer], opõem-se à tentação do puxa-saquismo”.

15. O penhoar de cetim marrom com brocados referido anteriormente; uma peça de corpo inteiro, forrada de seda preta, presa na cintura por um botão escondido, foi vendida em Munique no leilão da Hermann-Historica, em 1989 (lote 4544, leiloadado em 10-11 de novembro).

16. Heinz Linge, *Bis Zum Untergang, Als Chef des Persönlichen Dienstes bei Hitler* (Munique: Herbig, 1983).

17. Frau Mittelstrasse entrevistada para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 21.12.

18. Herbert Döring entrevistado para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 15.24.

19. Plaim e Kuch, *Bei Hitlers: Zimmermädchen Annas Erinnerungen*, pp. 92-4 (traduzido pela autora).

20. Ele se juntara ao lar de Hitler em 1937, além do dr. Brandt.

21. David Irving (org.), *The Secret Diaries of Hitler's Doctor* (Nova York: Macmillan, 1983).

22. Marion Milne, a diretora/repórter de *Adolf and Eva*, foi a primeira pessoa a extrair essa informação conclusiva de *Frau Mittlstrasse*.

23. Informação dada por David Irving, em conversa, 20 de outubro de 2004. Ele a descobriu em *The Secret Diaries of Hitler's Doctor*, publicado por Sidgwick & Jackson. Não consegui localizar a referência.

24. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 18 (traduzido por Christiane Gehron).

25. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, pp. 113-4.

26. *Ibid.*, p. 287.

27. Pryce-Jones, *Unity Mitford: A Quest*, p. 168.

28. Selina Hastings escreve com profundidade sobre Unity, em sua biografia de Nancy, a mais velha e bem-dotada das seis irmãs: “De muitas maneiras, Unity era uma criança, imatura tanto no plano intelectual quanto no plano emocional. O nazismo exerceu apelo sobre ela num nível muito simples: ela gostava das marchas e das canções e dos homens bonitos de uniforme; gostava dos distintivos, dos panfletos e de poder se vestir com sua camisa preta e luvas. Ficar ao lado de Hitler proporcionou-lhe pela primeira vez na vida um senso de sua própria importância e ela não teve dificuldades para engolir sua propaganda antissemita; propaganda que se predispunha prontamente a regurgitar em todas as ocasiões imagináveis”. Selina Hastings, *Nancy Mitford* (Londres: Hamish Hamilton, 1985), p. 94.

29. Pryce-Jones, *Unity Mitford: A Quest*, p. 105.

30. Mary S. Lovell, *The Mitford Girls* (Londres: Little, Brown, 2001), p. 250.

31. *Ibid.*

32. *Ibid.*

33. No início do verão de 1934, a organização de Mosley, a British Union of Fascists, ou buf, com seus “Black Shirts” (Camisas Negras), conheceu um período de respeitabilidade e chegou a atingir aproximadamente 40 mil membros. (Ver D. S. Lewis, *Illusions of Grandeur: Mosley, Fascism and British Fascism, 1931-81*.) Mas o verdadeiro rosto do fascismo foi revelado no comício monstro de Mosley em Olympia, em junho de 1934. Milhares de pessoas, incluindo inúmeros membros dos escalões mais altos da sociedade britânica, reuniram-se para ouvi-lo. Quando ele começou seu discurso, foi interrompido com perguntas importunas. Mosley parou de falar. Um holofote focalizou o intrometido e Mosley mandou alguns Camisas Negras da organização cuidarem dele. Isso acarretou espancamentos selvagens diante do público. Tais atos de violência e a oposição corajosa a Mosley, tanto dentro como fora do auditório, nessa noite, acabariam pondo em xeque a popularidade do buf, que começou a minguar.

34. Pryce-Jone, *Unity Mitford: A Quest*, p. 221.

35. A família Mitford, embora antiga, pertencia antes à pequena nobreza rural (*gentry*) do que à aristocracia, com propriedades em Northumberland, Oxfordshire e Gloucester-shire. A dignidade de baronete Redesdale extinguiu-se, mas foi recriada em 1902. O pai de Unity era o segundo barão Redesdale.

36. Pryce-Jones, *Unity Mitford: A Quest*, pp. 277-8.
37. Nascida em 1912; em 1933, casou-se com Philip Dunn; mais tarde, *Lady Mary Dunn*, mãe do escritor Nell Dunn e ex-sogra do atual Lord Rothschild.
38. Pryce-Jones, *Unity Mitford: A Quest*, p. 221.
39. O principal assistente pessoal de Hitler.
40. Pryce-Jone, *Unity Mitford: A Quest*, p. 170.
41. Tanto ciganos como judeus foram deportados para guetos em Lodz, Lublin, Bialystok e Varsóvia. Judeus e ciganos foram deportados para Treblinka e Auschwitz em grande número em 1943. Em Auschwitz, uma seção especial de Birkenau (construído principalmente para os judeus) foi destinada ao povo rom (ciganos). O *Zigeunerlager* (campo ciga-no) de 20 mil pessoas durou dezesseis meses; após o que todos os prisioneiros — homens, mulheres e crianças — foram executados com gás. O infame dr. Josef Mengele serviu como oficial médico nesse campo e, assim como fez com gêmeos judeus, realizou horríveis experiências com gêmeos ciganos.

17. 1937-9 – EVA NO BERGHOF: “UMA GAIOLA DOURADA”

1. Por mais absurdo que pareça, é exatamente esse o conselho dado hoje pelas organizações mantidas pelo governo George W. Bush. Um programa de saúde chamado Wait Training (“treinamento de espera”), voltado para jovens adolescentes, diz: “Admirar um homem significa considerá-lo com reverência, deleite e aprovação. Um homem se sente admirado quando seus talentos e características únicos *alegremente a deixam assombrada*” (grifo meu). *The Guardian*, 3 de dezembro de 2004.
2. Entrevistada para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 03.15.16.
3. Pryce-Jones, *Unity Mitford: A Quest*, pp. 227-8.
4. Uma carta que escreveu a Walter Ostermayr, irmão de Herta, em novembro de 1943, diz: “Quanto a meu trabalho no estúdio de Hoffmann e os danos do ataque aéreo em minha casa infelizmente não tive tempo de escrever”. (Original reproduzido em Johannes Frank, *Eva Braun: Ein ungewöhnliches Frauenschicksal in geschichtlich bewegter Zeit*, p. 261.)
5. Herbert Döring entrevistado para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 20.26.
6. Henriette von Schirach, *Frauen um Hitler* (Munique: Herbig, 1983), p. 232.
7. O antigo ordenança de Hitler, que se casou com Traudl um ano depois e morreu em poucas semanas, cedo demais para legar um arianozinho à posteridade.
8. Aqui Traudl foi traída pela memória. Eva jamais teve joias caras.
9. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, pp. 83-4 (traduzido pela autora).
10. Adaptado e condensado de Traudl Junge, *Bis Zur Letzen Stunde* (traduzido pela autora).
11. No Berghof, o professor Zabel e duas assistentes treinadas, *Fräulein Manziarly* e Marlene von Exner, esta última demitida por Hitler com relutância, após se descobrir que tinha sangue judeu.

12. Embora tivesse se formado em medicina na Universidade de Munique em 1912 e detivesse vários cargos médicos ortodoxos, especializando-se em eletroterapia, enfermidades do trato urinário e doenças venéreas.

13. Agradeço a Lady Williams por este detalhe (em conversa de janeiro de 2004).

14. Martin Bormann acreditava que os remédios patenteados que Morell ministrava para os problemas estomacais de Hitler estavam envenenando o *Führer* lentamente. O bom doutor receitava a Hitler suas próprias pílulas “antigas” (para combater a flatulência), às vezes dando-lhe mais de dezesseis pílulas por dia, pílulas que, ainda por cima, continham estricnina, e havia fortes evidências para crer que Hitler de fato sucumbia ao envenenamento gradual por estricnina. (De uma resenha do filme *A queda — Os últimos dias de Hitler*, ou *Untergang*, de William Boyd, no *The Guardian*, 19 de março de 2005.)

15. David Irving (org.), *The Secret Diaries of Hitler's Doctor* (Londres: Sidgwick & Jackson, 1983).

16. Interrogatório do dr. Morell da Musmanno Collection, pp. 12-4.

17. Sou grata a meu antigo hepatologista, o professor Neil McIntyre, por sua interpretação do relatório médico de Morell sobre Hitler feito diante do juiz Michael Musmanno.

18. Relatório da Inteligência no KF/Min/3, número 19, parte III, p. 19, sobre Adolf Hitler, tirado do interrogatório de Albert Speer feito pelo sr. O. Hoeffding. Economic and Financial Branch fiat (eua), 1º de agosto de 1945, da Musmanno Collection, Universidade Duquesne, Pittsburgh, pa.

19. Junge, *Until the Final Hour*, pp. 73-4.

20. Ibid.

21. Gayelord Hauser, *Look Younger, Live Younger* (Londres: Faber & Faber, 1951), tinha um capítulo inteiro intitulado “Beba seus vegetais”.

22. *Hitler's Table Talk*, 1941-1944, 24-25 de fevereiro de 1942, p. 165.

23. Junge, *Until the Final Hour*, pp. 86-98.

24. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 117.

25. *Hitler's Table Talk*, 1941-1944, noite de 28-29 de janeiro de 1942.

26. De um e-mail do dr. Peter Jones, de Newcastle, junho de 2003.

27. Introdução a *Hitler's Table Talk*, 1941-1944, de Hugh Trevor-Roper, p. XV.

18. 1938-9 – OS ÚLTIMOS VERÕES DE PAZ

1. Henriette von Schirach, *Frauen um Hitler* (Munique: Herbig, 1938), p. 230.

2. Outra versão dessa história diz que foi Frau Dressen — proprietária de um hotel em 566 *Angela Lambert* Godesberg, fazendo companhia para Eva na visita — a ser atacada, sofrendo um pequeno ferimento no ombro.

3. Salvatore Ferragamo, *Sapateiro de sonhos*, informação fornecida pelo autor.

4. De seu testamento manuscrito de 1938 reproduzido como fac-símile em Maser,

Hitler's Letters and Notes, pp. 152-3.

5. Chefe da chancelaria para assuntos do partido.

6. David Irving, *The War Path: Hitler's Germany 1933-1939* (Nova York, 1978), p. 151.

7. As primeiras vítimas do programa de extermínio foram os deficientes físicos. No outono de 1941, 90 mil conheceram a morte, e, embora o programa de extermínio houvesse formalmente sido encerrado ali, na realidade ele continuou até o fim da guerra. Os doentes, os velhos e os veteranos traumatizados da Primeira Guerra Mundial foram assassinados, em geral por meio de gás, por pessoas que iriam aperfeiçoar ainda mais suas “habilidades” em Auschwitz e outros campos de extermínio.

19. 1939 – A GUERRA SE APROXIMA

1. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 21 (traduzido por Christiane Gehron).

2. Junge, *Until the Final Hour*.

3. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 18 (traduzido por Christiane Gehron).

4. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 193.

5. Ibid., p. 136.

6. Robert Koch (1843-1910) demonstrou cientificamente que o bacilo antraz era a causa dessa doença e realizou outros importantes trabalhos no estudo de doenças causadas por infecções bacterianas de feridas, publicando seus resultados em 1878. Ele forneceu uma base prática e científica para o controle de tais infecções. Koch descobriu o bacilo da tuberculose e também o vibrião do cólera. Com base em seu conhecimento da biologia e do modo de distribuição dessa bactéria, formulou leis para o controle de epidemias de cólera que vieram a constituir a base dos métodos de controle utilizados até hoje. (Extraído de *Nobel Lectures, Physiology or Medicine 1901-1921*, Amsterdã: Elsevier Publishing Company, 1967.)

7. Em 27 de março de 1942.

8. Burleigh, *The Third Reich: A New History*, pp. 322-8.

9. Bella Fromm, *Blood and Banquets: A Berlin Social Diary* (Londres: Geoffrey Bless, 1944), p. 236.

10. Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 350.

11. Ibid., p. 531.

12. Baseado numa resenha de R. W. Johnson na *The London Review of Books*, 7 de outubro de 2004, sobre Simon Ball, *The Guardsmen: Harold Macmillan, Three Friends and the World They Made* (Londres: Harper Collins, 2004).

13. Stanley Milgram, o acadêmico americano que projetou e supervisionou o famoso experimento com estudantes em New Haven, em 1961, em que recebiam ordens de infligir choques de 450 volts em infelizes voluntários (65 por cento consentiam, sem

saber que os “voluntários” eram na verdade atores, e sua dor não era real, embora parecesse), escreveu: “Os resultados sugerem que não se pode confiar na natureza humana [...] para isolar os cidadãos da brutalidade e do tratamento desumano rumo à autoridade malevolente.

[...] Outrora eu me perguntava se em todos os Estados Unidos um governo malévolo podia encontrar os recursos humanos para montar um sistema nacional de campos de extermínio, do tipo que se manteve na Alemanha. Hoje acho que o contingente completo poderia ser recrutado em New Haven”. Citado por Jenny Diski, resenhando Thomas Blass, *The Man Who Shocked the World: The Life and Legacy of Stanley Milgram* (Londres: Perseus Books, 2004), em *The London Review of Books*, 18 de novembro de 2004.

14. Com uma notável exceção: nenhum judeu búlgaro foi mandado para campos de extermínios pela própria Bulgária e, de 2 mil da Finlândia, apenas sete morreram.

15. Kershaw, *Hitler, 1889-1936: Hubris*, p. 410.

16. O historiador alemão Hans P. Fischer, escrevendo em 1995, estimou o número de judeus restantes na Alemanha em 1939 em 234 mil — mas essa estimativa não pode ser exata. Uma diferença de 100 mil seres humanos, contudo, sugere que muitas dessas estatísticas são pouco mais que conjecturas razoavelmente embasadas.

17. Seis meses antes, o genocídio em massa era algo ainda impensável e a intenção — por mais maluca e pouco prática que pareça — era enfiar todos os judeus em navios para Madagascar.

18. “Hitler certamente legitimara e incitara a busca em curso por uma solução final.

Sua obsessão com a questão judaica garantia que o envolvimento nazista não esmoreceria [...]. Nenhum chefe nazista poderia progredir sem dar mostras de levar a questão judaica tão a sério quanto o próprio Hitler.” E mais tarde: “Os perpetradores perceberam o que se esperava deles [...] o campo de extermínio foi um monumento hediondo às capacidades de resolução de problemas dos perpetradores”. Extraído de Christopher Browning, *The Origins of the Final Solution: The Evolution of Nazi Jewish Policy 1939-42* (Londres: Arrow, 2005).

19. Quase 6 milhões de judeus foram mortos pelos nazistas, cerca da metade de outros modos que não as câmaras de gás dos quatro campos da Aktion Reinhard (que administrava Chelmno, Belzec, Sobibor e Treblinka, e que existia para assassinar judeus europeus com gás), e também em Majdanek e Auschwitz, na Polônia ocupada. Cerca de 200 mil eram judeus alemães. Ver Apêndice A para o número estipulado dos que teriam perecido em outros países europeus a partir de suas populações iniciais de judeus perto do fim da guerra. De modo significativo, Hitler nunca conseguiu pôr as mãos nos judeus da Bulgária, mostrando que de fato era possível a uma nação determinada resistir a suas exigências.

20. Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 390.

21. Michael Burleigh, *Death and Deliverance: Euthanasia in Germany 1900-1945* (Londres: Pan Books, 2002), p. 47.

22. Em agosto de 1941.

23. Junge, *Until the Final Hour*, pp. 90-1.

24. As iniciais referem-se ao slogan *Kraft durch Freude* — “Fortalecimento por meio da alegria”.

25. Robert Ley era um beerrão odioso e irascível encarregado do *Arbeitsfront*, ou Frente de Trabalhadores Alemães. A profunda infelicidade de sua esposa levou-a a nutrir uma admiração apaixonada por Hitler.

26. Heinz Linge cita isso, embora pareça altamente improvável que Ilse pudesse confiar nele. Talvez tivesse ouvido a família conversando entre si.

27. Uma fotografia enviada a mim por *Frau Weisker* mostra as três irmãs Braun usando os mesmos vestidos, como no retrato de aniversário, enquanto ela, a prima Gertraud, aparece no canto superior direito do grupo. Quando estive com as primas em Munique, para a Páscoa de 1940, ela disse que foi a primeira vez que as viu desde a infância. Nesse caso, não parece muito provável que teria sido incluída nessa foto especial de aniversário.

Um exame mais detido deixa claro também que o ângulo da luz em seu rosto é completamente diferente dos demais. Evidentemente, mandou “adulterar” a foto — um bilhete anexado diz “fotomontagem” — , acrescentando a si mesma, como que para demonstrar quão íntima era das primas.

28. Entrevista com Gertraud Weisker, março de 2004.

29. Seu navio gêmeo, o *Wilhelm Gustloff*, serviu de barco-hospital durante a guerra e foi torpedeado na noite de 30 de janeiro de 1945, com a perda de 9.343 vidas, a maior baixa da história da navegação. Os que se afogaram foram principalmente mulheres e crianças sendo transportadas para a segurança da Noruega, sob os auspícios da Cruz Vermelha.

Antony Beevor acrescenta, num apêndice online de *Berlin: The Downfall 1945*: “Naufrágio do *Wilhelm Gustloff* a 30 de janeiro de 1945, pelo submarino soviético S-13, comandado por Aleksandr Marinesko. Um relato recente (*SOS Wilhelm Gustloff—Die grösste Schiffeckatas-trophe der Geschichte*, por Heinz Schön) elevou o total de passageiros a um patamar muito maior do que os números oficiais de 6.050 pessoas a bordo, com o resgate de 1.300. Segundo Schön, um sobrevivente e cronista dedicado do desastre, havia 10.582 pessoas no navio, das quais 8.956 eram refugiados, e o tributo foi de 9.343 vidas. Os números oficiais são claramente baixos demais, mas o cálculo de Schön parece extremamente alto. Günter Grass, em seu romance *Im Krebsgang*, baseado no naufrágio do navio, parece fixar o número real mais próximo de 9 mil passageiros. Em todo caso, os passageiros extras significam que esse foi o maior desastre da história da navegação, maior que o naufrágio do navio-hospital *Goya* na mesma área, em 16 de abril, quando apenas 165 foram salvos de um total de 7 mil refugiados.

Constitui evidência do desprezo votado aos alemães a partir da Segunda Guerra Mundial o fato de que a lembrança dessa catástrofe tenha sido quase que completamente apagada, até que o romance de Grass o trouxesse novamente à tona da consciência

pública.

- 30. *The Times*, 9 de junho de 2003.
- 31. Pryce-Jones, *Unity Mitford: A Quest*, p. 212.
- 32. *Ibid.*, p. 229.
- 33. Kershaw, *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, p. 204.
- 34. Ver capítulo 11, p. 188-9 [checar no PDF].
- 35. A legenda original, num dialeto semibávaro, diz: “*Selbst auf die Spaziergängen sind Besprechungen während die Damen meist hindernd sind!*”.
- 36. Gun, *Eva Braun: Hitler's Mistress*, p. 181.

20. À ESPERA DE QUE HITLER VENÇA A GUERRA

- 1. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 20.
- 2. Transcrito de entrevista com Rochus Misch para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 16.13.
- 3. Peter Hoffmann, *Hitler's Personal Security* (Londres: Macmillan, 1979).
- 4. Johannes Göhler, assistente de Hermann Fegelein, esteve com Hitler até uma semana antes do fim. Ele partiu de Berlim com ordens secretas, dadas pelo *Führer* em pessoa, de destruir todos os papéis de Hitler e Eva Braun, mantidos numa casa em Munique.

Para mais detalhes sobre o que aconteceu com elas depois disso, ver nota 1, capítulo 10, pp.

516-7. Umas poucas talvez tenham sido vendidas para colecionadores particulares — que não optaram por torná-las públicas — , mas a maior parte desapareceu, para profundo pesar dos historiadores.

5. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 16. Embora isso não deva passar de uma conjectura, Alois Winbauer provavelmente tinha razão.

6. De uma resenha feita por Richard Overy de *Das Buch Hitler*, dossiê secreto preparado por Stálin em 1946 pelo mvd (ministro do Interior soviético), editado por Eberle e Uhl, no *Times Literary Supplement*, 14 de outubro de 2005.

7. Speer, *Inside The Third Reich* (Phoenix), p. 193.

8. Perto do fim da guerra, 27 dos garotos que frequentavam a escola com Gertraud estavam mortos.

9. Weisker, *Wer Waar Eva Braun*, pp. 4-6.

10. A *Blitzkrieg* foi iniciada no outono de 1940 e por 57 dias consecutivos Londres sofreu bombardeio dia e noite. A pior noite foi a de 10 de maio de 1941, quando 3 mil londrinos morreram, embora o ataque tenha continuado esporadicamente muito depois disso, até quase o fim da guerra.

11. Estatísticas tiradas de *The Battle of Britain, August-October 1940*, publicado pelo Ministério da Força Aérea por hmso, 1941. Alguns números foram corrigidos ou atualizados desde então; o panfleto, embora tão verdadeiro quanto possível na época dos

fatos, tinha tanto fins propagandísticos quanto informativos. Uma estimativa posterior avaliou essas baixas em 43 mil mortos, sobretudo londrinos, e 86 mil feridos no bombardeio aéreo de 1940.

Cifras mais recentes, segundo a Wikipédia, mostram que 498 pilotos da RAF tombaram mortos durante a batalha, incluindo 139 poloneses, 98 novo-zelandeses, 86 canadenses, 84 tchecos, 29 belgas, 21 australianos, 20 sul-africanos, 13 franceses e 10 irlandeses, entre outros.

12. O marechal-do-ar Sir Arthur “Bomber” Harris (1892-1984), chefe do Comando de Bombardeio, ficou encarregado da maciça campanha aérea aliada contra a Alemanha nazista de 1942 a 1945. Sessenta e uma cidades alemãs, com uma população combinada de 25 milhões de habitantes, foram atacadas entre 1939 e 1945; 3,6 milhões de casas foram destruídas (20 por cento do total); e 7,5 milhões de pessoas ficaram desabrigadas. Acredita-se que 300 mil alemães tenham morrido como resultado dos ataques e 800 mil tenham se ferido.

Harris conduziu o reide aéreo que devastou Hamburgo e foi recompensado (entre outras manifestações de gratidão do país) com uma estátua erigida no Strand, inaugurada em 1992 por sua majestade a rainha-mãe, ela própria merecedora do reconhecimento da nação por sua atuação durante a guerra. De <trueman@wsqfl.org.uk>.

13. Haste, *Nazi Women: Hitler's Seduction of a Nation*, p. 56.

14. Ibid., p. 57.

15. Adaptado de Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 485.

16. Neal Ascherson observou numa resenha ao *The Observer* de 16 de janeiro de 2005 que: “Muitas vezes, essas ações eram improvisadas pelos oficiais locais. Foram tanto os líderes da SS sob pressão quanto Hitler e Himmler que transformaram a deportação em fuzilamento, o fuzilamento em execução pelo gás, a execução pelo gás em um programa de total extermínio. A horrível verdade é que os judeus europeus estavam sendo assassinados não só para resolver problemas de falta de moradia e escassez de alimentos na Polônia ocupada como também para atender à sanha antissemita de Hitler. No fim, a pergunta para os nazistas não era ‘Por que devemos matar todos os judeus?’, mas algo pior — ‘Por que não?’.

A presença deles tornara-se um problema, então dar-lhes um sumiço era a óbvia e radical solução. Afinal de contas, não eram inteiramente humanos”.

21. EVA, GRETL E FEGELEIN

1. Sereny, *The German Trauma*, p. 278. A história é contada em termos quase idênticos em Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 193.

2. Página 2 do interrogatório do dr. Morell na Musmanno Collection, do acervo da Biblioteca Gumberg da Duquesne University, Pittsburgh, pa, ao qual obtive acesso com a inestimável ajuda de seu arquivista, o sr. Paul Demilio.

3. David Irving, *The Secret Diaries of Hitler's Doctor* (Nova York: Macmillan,

1983).

4. Gun, *Eva Braun: Hitler's Mistress*, p. 144.

5. John Taylor, um decano da inteligência no NARA, que conheceu Gun, era mordaz a respeito do biógrafo: “Não era um historiador. Era um jornalista e jornalistas inventam as coisas para preencher as lacunas”. Como ex-jornalista eu mesma, torci o nariz, mas compartilho de seu desprezo por Gun como uma fonte totalmente não confiável.

6. Um fato significativo talvez seja que Herta Schneider não repetiu a história quando conversou com Johannes Frank, biógrafo alemão de Eva Braun, cerca de trinta anos mais tarde. Seria possível que Nerin Gun tivesse inventado todo o episódio, que ela se arrependeu de ter contado ou que Herta simplesmente — àquela altura uma senhora octogenária — houvesse esquecido o acidente aparentemente trivial?

7. Por exemplo, no outono de 1941, sabotadores poloneses tentaram explodir o *Führerzug*. O plano fracassou quando o trem de Hitler — a caminho de Schwarzwasse, vindo de Königsberg — parou inesperadamente numa pequena estação para que outro trem seguisse adiante. A explosão matou 430 alemães, mas o *Führer* saiu ileso.

8. O povo local indicou uma linda casa de madeira construída em meio a um bosque de pinheiros, perto de uma península arenosa, a leste de Gdansk, na direção da fronteira de Kalinin, num ponto chamado Krysница Norska. Aqui, segundo alegam, Eva costumava ficar, descendo à praia para nadar. (Sou grata a Gerald Seymour pela informação.) Parece improvável, contudo. Hitler estava preocupado demais com a guerra no *front* oriental para que tivesse tido tempo de se divertir com Eva, e teria ficado com medo de expor a amante ao perigo dos “bestiais” russos. Gertraud Weisker tem certeza absoluta de que jamais morou ali, tão longe do Berghof e de Munique. Deve ser uma lenda imaginada para benefício do turismo. Mas se de fato viveu ali, teria de ter atravessado os portões de um campo de concentração chamado Statthof, ou, em polonês, Szputowo, cuja proximidade pode explicar por que se diz — é quase uma acusação — que Eva teria ficado ali. A península assistiu à rendição final de Königsberg (Kaliningrado) entre 2 e 10 de abril de 1945, quando milhares de soldados, e civis, combateram até a última bala.

9. Ian Kershaw, *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, Penguin Books, 2001, p. 732.

10. A invasão alemã da União Soviética em 1941 fracassou em razão do tamanho, selvageria, heroísmo e resistência do exército soviético e porque as tropas alemãs não estavam equipadas para lidar com as severas condições do inverno, em que o frio podia descer a cerca de 20°C abaixo de zero. A guerra seguiu por mais quatro anos, resultando em 3,6 milhões de alemães e 12 milhões de soviéticos mortos no campo de batalha e outros 15 a 18 milhões de civis mortos por massacres, doenças e fome.

11. Werner Maser, *Hitler's Letters and Notes*, p. 194.

12. Diz-se que foi o responsável pela morte de 20 mil judeus na Polônia e na União Soviética.

13. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 108 (traduzido pela autora).

- [14.](#) Ibid. Embora Christa Schröder sempre tivesse feito pouco-caso de Eva.
- [15.](#) Citado em Christa Schröder, *Er War Mein Chef* (Munique: Langen Müller, 1985).
- [16.](#) Gitta Sereny entrevistada para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 10.35.
- [17.](#) Gertraud Weisker em conversa com a autora, 24 de março de 2004.
- [18.](#) Sempre disposto a ver seu grupo de amigos bem casado e proliferando, Hitler bancou diversos matrimônios, incluindo o de Herbert Döring (“*ein widerlicher Kerl*” — “um tipo dos mais desprezíveis”, Gertraud o achava) com a esposa Anna.
- [19.](#) Dos oitocentos indivíduos do povo rom (há quem acredite que o nome derive da palavra punjabi “*ramante*”, significando mover ou vagar) enviados para Auschwitz, que foram mantidos em condições ainda piores que os demais internos, setecentos acabaram assassinados.

Entre 80 e 90 por cento dos ciganos morreram nos campos — ao todo, cerca de 800 mil.

[20.](#) Junge, *Bis Zur Letzten Sunde*, p. 169 (traduzido pela autora).

[21.](#) Weisker, *Wer War Eva Braun?*

22. 1941-3 – O QUE EVA PODERIA TER SABIDO?

[1.](#) Contudo, fotos da época — não tiradas por Eva — revelam que muitas famílias davam um jeito de tirar um dia ou dois, quando também podiam sentar-se à beira de um lago ou lagoa e deixar as crianças brincando na água, quase como se não houvesse guerra alguma acontecendo.

[2.](#) Sou grata a Jonathan Rée pela discussão que despertou essas observações.

[3.](#) *Hitler's Table Talk, 1941-1944*, pp. 251-2.

[4.](#) Jill Stephenson, *Women in Nazi Society* (Londres: Croom Helm, 1975), p. 8.

[5.](#) Sob o programa de eutanásia de Hitler, pelo menos 100 mil pessoas e talvez o dobro desse número, muitos deles mental ou fisicamente incapacitados, foram mortos durante o Terceiro Reich. (Fonte: *The Guardian*, 27 de outubro de 2003.)

[6.](#) Segundo Franciszek Piper, num artigo intitulado “Auschwitz: How Many Perished — Jews, Poles, Gypsies” [“Auschwitz: Quantos Pereceram — Judeus, Poloneses, Ciganos”], *Yad Vashem Studies*, 21 (1991), pelo menos 1,3 milhão de pessoas foram levadas a Auschwitz. Isso incluía aproximadamente: 1,1 milhão de judeus, 140 mil a 150 mil poloneses, 23 mil rom (ciganos), 25 mil prisioneiros de guerra soviéticos e 25 mil prisioneiros de guerra de outras nacionalidades. Desses, cerca de 1,1 milhão pereceu. Os números a que Piper chegou são: 960 mil judeus, 70 mil a 75 mil poloneses, 21 mil rom, 15 mil prisioneiros de guerra soviéticos e 10 mil a 15 mil prisioneiros de outras nacionalidades registrados.

Esses números são provavelmente o mais próximo que podemos chegar da verdade. Ver também capítulo 19, p. 532, nota 18.

[7.](#) Evans, *The Coming of Third Reich*, prefácio, p. XIX.

8. Ver capítulo 6, p. 507, nota 3.

9. Lançado em dezembro de 2004 na Alemanha e em janeiro de 2005 no Reino Unido.

10. Burleigh, *The Third Reich. A New History*, p. 619.

11. A crescente sordidez e imundície dos guetos permitiu à propaganda nazista identificar os judeus com uma praga, como no filme *O judeu eterno*. Ver capítulo 12, nota 26.

12. Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 520.

13. Ibid., pp. 603-4.

14. Ibid., pp. 452-3.

15. Conde Helmuth James Graf Von Moltke (1907-1945), descendente de uma das mais distintas famílias de nobres alemães. Formado em direito, tornou-se jurista internacional, qualificando-se no exame da ordem na Inglaterra, e tomou parte no governo do Terceiro Reich, agindo como consultor jurídico para o departamento de contra-inteligência do alto comando alemão, ao mesmo tempo que foi uma das mais importantes figuras de resistência a Hitler. Em 1933, fundou o Círculo Kreisau. Seu principal objetivo era a criação de uma nova moralidade socialista cristã, capaz de restaurar uma Alemanha destruída quando a guerra chegasse ao fim, mas, com a megalomania cada vez maior de Hitler, o círculo aceitou — com alguma relutância por parte do conde Von Moltke, uma vez que ia contra sua crença no mandamento de “Não matarás” — que o meio mais rápido de pôr um fim à sangrenta guerra era assassinar o *Führer*. Esse foi o complô de 1944, mais conhecido como Conspiração Stauffenberg, por ter sido ele o membro destacado para efetuar o assassinato. Após um julgamento risível, o conde Helmuth Von Moltke foi sentenciado a uma morte horrível na prisão de Plötzensee, em Berlim, no dia 23 de janeiro de 1945.

16. Von Moltke, *Letters to Freya, 1939-1945*, p. 113.

17. A história de sua coragem e de suas mortes vergonhosas é relatada no capítulo 26.

18. L. P. Lochner (org.), *The Goebbels Diaries, 1942-43* (Nova York, 1948), p. 86.

19. Oskar Groening, ex-membro da SS, citado no *The Observer*, 9 de janeiro de 2005.

20. Estima-se que a população homossexual masculina da Alemanha nos anos 30 fosse de cerca de 2 milhões. Dessas, pelo menos 50 mil foram mortos entre 1939 e 1945, embora o número real seja provavelmente muito mais elevado.

21. Adam Lebor e Roger Boyes, *Seduced by Hitler: The Choice of a Nation and the Ethics of Survival* (Naperville, Ill.: Sourcebooks, 2001), p. 99.

22. No dia 11 de janeiro de 1940, uma Ordem Geral no 1 foi lançada, ordenando que nenhum membro de governo ou agência militar devia ser informado ou tentar saber mais acerca de assuntos secretos do que seus deveres imediatos o exigiam.

23. Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 694.

24. Uma lista de pessoas que foram de fato nazistas pode ser obtida no Centro de

Documentação de Berlim, na Fickenstein Allee, 63, 12205, Berlim, tel. 01888 770 411.

[25.](#) Paxton, *The Anatomy of Fascism*, p. 139.

[26.](#) Adam Lebor e Roger Boyes, *Seduced by Hitler: The Choice of a Nation and the Ethics of Survival* (Naperville, Ill.: Sourcebooks, 2001), pp. 76-9; ver também Large, *Where Ghosts Walked*, p. 335.

[27.](#) Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, pp. 195-6.

[28.](#) Ibid., introdução, p. 9.

[29.](#) Extraído de uma entrevista com André Heller no documentário de 2002 *Blind Spot*.

[30.](#) Chefe administrativo de uma cidade ou distrito.

[31.](#) De suas memórias autobiográficas, *Der Preis der Herrlichkeit* (Munique: Herbig, 1975).

[32.](#) Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 103.

[33.](#) Nicolaus von Below, *Als Hitler's Adjutant, 1937-1945* (Mainz, 1980), p. 340.

[34.](#) Ibid.

[35.](#) Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 111.

[36.](#) Christa Schröder, *Er War Mein Chef* (Munique: Langen Müller, 1985).

[37.](#) De uma entrevista com Gertraud Weisker para o *The Times*.

[38.](#) Citado de uma entrevista para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 05.17.29.

[39.](#) O website é <www.herman-historica.de>.

23. ...O QUE EVA PODERIA TER FEITO?

[1.](#) Weisker, *Wer War Eva Braun?*

[2.](#) Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 574.

[3.](#) Ibid., p. 608.

[4.](#) “Hitler odiava tomar decisões claras, comprometedoras, sobretudo nos assuntos mais delicados. Preferindo governar pela inspiração, indicava suas preferências para os subordinados na forma de desejos vagamente expressos. Eles então competiam para cair em suas boas graças. Como outros líderes nazistas, empregava a linguagem indireta ou metafórica: para os mais íntimos, ‘tratamento especial’ ou ‘evacuação’ significava ‘matar’. Há escassas evidências indicativas de que Hitler tivesse consciência da matança depois de iniciada.”

De uma resenha escrita por John Connelly, na *The London Review of Books*, 7 de julho de 2005, sobre Christopher Browning, *The Origins of the Final Solution: The Evolution of Nazi Jewish Policy 1939-42* (Londres: Arrow, 2005).

[5.](#) Plaim e Kuch, *Bei Hitlers: Zimmermädchen Annas Erinnerungen*, p. 140.

[6.](#) *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 06.11.38.

[7.](#) O nascimento do swing ocorreu nos Estados Unidos durante o período da Grande Depressão, numa época de baixos salários e alto desemprego. Começando em cerca de 1931, as bandas de negros, lideradas por *bandleaders* como Duke Ellington e

Fletcher Henderson começaram a desenvolver o estilo swing, que estava bem difundido em 1933. Durante os primeiros anos da Depressão, as ondas do ar eram preenchidas pela música sentimental. Agora as pessoas procuravam alguma coisa que elevasse o espírito. A alegria e animação encontraram sua expressão mais espontânea na música e na dança e Benny Goodman, com o swing das *big bands*, abriu o caminho. (Esta e grande parte da informação sobre swing no texto principal é tirada de <www.anyswinggoes.com>.)

8. Para mais detalhes acerca da resistência dos jovens à ascensão nazista ver Detlev J.

K. Peukert, *Inside Nazi Germany: Conformity, Opposition, and Racism in Everyday Life* (Londres: Yale University Press, 1987).

9. Roger Lebor e Adam Boyes, *Seduced by Hitler: The Choice of a Nation and the Ethics of Survival* (Naperville, Ill.: Sourcebooks, 2001), p. 122.

10. Chefe da Polícia de Segurança e do sd (Serviço de Segurança).

11. Informação extraída de <www.wikipedia.org>.

12. Sophie Scholl (1921-43), irmã de um dos cabeças do Rosa Branca, foi tema de aclamadíssimo filme exibido em Munique durante minha última visita, em fevereiro de 2005. As fotos mostram uma garota vibrante e adorável, com um desafiador cabelo curto de menino.

A partir de 1942, ela estudou biologia e filosofia na Universidade de Munique, também frequentada pelo irmão, Hans, que estudava medicina. Um dos modos pelos quais os estudantes de hoje, netos de antigos nazistas, procuram dar sentido ao passado é glorificando aqueles — sobretudo os jovens — que desafiaram de fato Hitler. Sophie Scholl foi uma dessas pessoas e isso lhe custou a vida. (Fonte: <www.jlrweb.com/whiterose/sophie.html>.)

13. Legenda de foto à p. 834 em Kershaw, *Hitler, 1936-1945: Nemesis*.

14. Large, *Where Ghosts Walked*, p. 336.

15. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 132.

16. Ibid., p. 148.

17. Sereny, *The German Trauma*, p. 359.

18. De Martha Burke-Hennessy, por e-mail à autora.

19. Gitta Sereny entrevistada para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 9.10.

20. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 248.

21. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 118 (traduzido pela autora).

22. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 180.

23. Ibid., p. 51.

24. O dr. Morell contou a seus interrogadores antes do Julgamento de Nurembergue:

“A expressão facial de Hitler tinha uma qualidade intensa que subjugava e cativava a maioria dos indivíduos que conhecia o *Führer*”.

[25.](http://www.fpp.co.uk/Hitler/doc/adjutants/SerenyTraudlJunge.html) De <www.fpp.co.uk/Hitler/doc/adjutants/SerenyTraudlJunge.html>.

[26.](#) *Hitler's Table Talk, 1941-1944*, p. 115.

[27.](#) Ibid., p. 151. Minha admiração pela pesquisa exaustiva dessa autora e por sua antena moral perfeitamente sintonizada é enorme, mas, embora possa ter sido uma crítica impiedosa da inércia alemã e da política racista nazista, era sem dúvida fascinada por Albert Speer — assim como muitas mulheres, incluindo eu mesma. É difícil acreditar que sua bela aparência, seus modos corretos e o remorso pós-guerra mascarassem o desejo do homem, ainda que de forma diferente da maioria dos nazistas, de salvar a própria pele em Nurembergue e reabilitar sua reputação. Ele certamente convenceu Gitta Sereny, mas seu testemunho deve ser tratado com cuidado e uma boa dose de ceticismo.

[28.](#) Ibid., pp. 113-4, 359.

[29.](#) Nem mesmo a Wiener Library, principal biblioteca judaica de Londres, ouviu falar disso.

[30.](#) Infield, *Adolf and Eva: Eva Braun e Adolf Hitler*, p. 301. Esse livro extrai muita coisa da biografia de Eva Braun escrita por Nerin Gun e das citações da Musmanno Collection em Pittsburgh.

[31.](#) Como relatado por Gitta Sereny para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 11.06.

[32.](#) Ibid.

[33.](#) Weisker, *Wer War Eva Braun?*, p. 5.

[34.](#) Entrevista feita por Linda Grant, *The Guardian*, 27 de abril de 2002.

[35.](#) Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 168.

[36.](#) Von Moltke, *Letters to Freya, 1939-1945*, pp. 155-6.

[37.](#) Ver o posfácio de Robert Muller para *The World That Summer* (romance ambientado na Hamburgo de 1936).

[38.](#) “Individual and Mass Behaviour in Extreme Situations” [Comportamento individual e coletivo em situações extremas], artigo de Bruno Bettelheim.

[39.](#) Antigo piloto de caça Günter Rall em entrevista a Jonathan Glancey, publicada no *The Guardian*, 20 de dezembro de 2004.

[40.](#) Um dos inúmeros jovens alemães com quem conversei enquanto escrevia este livro (como a maioria, quis permanecer anônimo) disse: “Tenho o mesmo problema com meu pai, que sempre me proibiu de fazer perguntas sobre o pai dele, meu avô. É o maior tabu da família. Pesquisei alguma coisa sobre meu avô, que foi um nazista devoto. O passado de minha família está muito ligado à história militar e sempre achei que devia valer a pena escrever sobre os diferentes tipos de soldados que ela gerou. Muitas vezes, acho que a maioria dos alemães hoje no país ainda se comporta como fanáticos que passaram por uma lavagem cerebral, só que num sentido extremamente oposto, que fizeram uma lavagem para negar. Não é tanto vergonha. É alguma outra coisa”.

1. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 21.
2. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 362.
3. Christa Schröder, *Er War Mein Chef* (Munique: Langen Müller, 1985).
4. Dora Yates, secretária da Gypsy Lore Society, observou: “Os crimes nazistas contra os ciganos, assim como contra os judeus, representam um testemunho da fantástica dinâmica do fanatismo racial no século XX, pois esses dois povos compartilham o horror do martírio nas mãos dos nazistas por nenhuma outra razão além do mero fato de existirem”. Na Europa, as estimativas de mortalidade entre os povos sinti e rom (as maiores tribos ciganas) vão de 220 mil a 500 mil, cerca de um terço da população total. Alguns chegam até a estimar as mortes em 1,5 milhão.

5. Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 642.

6. Isso se passou na área de despir de um campo de concentração da Alemanha e foi transmitido no dia 3 de agosto de 1995 num programa de tevê comemorando o ve Day (dia da vitória aliada na Europa, 8 de maio de 1945). Não me lembro exatamente do nome do documentário nem da fonte da história... um sobrevivente? Um guarda do campo? A proveniência exata não parece importar; na voz da criança podemos escutar o sofrimento de milhões de outros inocentes.

7. Adaptado de Burleigh, *The Third Reich: A New History*, pp. 549-61.

8. Antiga e futura São Petersburgo.

9. Batalha de Stalingrado, 19 de agosto de 1942 a 2 de fevereiro de 1943. Um relato detalhado dessa refrega épica não cabe numa biografia de Eva Braun, mas quem estiver atrás de maiores detalhes encontrará um resumo excelente em <http://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Stalingrad> ou, é claro, no livro de Antony Beevor, *Stalingrad* (Londres: Viking, 1998).

10. Da resenha de Max Hastings no *The Guardian* sobre *The Dictators: Hitler's Germany and Stalin's Russia*, de Richard Overy (Londres: Allen Lane, 2005): “A guerra tornou Stálin realista, enquanto Hitler continuou entregue à fantasia. Hitler era um líder militar desastroso que não aprendia nada. O serviço de inteligência continuava a ser o elo mais fraco da máquina de guerra nazista, sobretudo porque o *Führer* não acreditava no que descobriam, a menos que estivesse de acordo com seus próprios instintos. A cada reviravolta, a performance brilhante do exército alemão era reduzida a zero pelas loucuras de Hitler”.

11. Fonte <www.history.acusd.edu/gen/WW2Timeline/BARBAROS.html>.

12. Large, *Where Ghosts Walked*, p. 325.

13. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 121 (traduzido pela autora).

14. Maser, *Hitler's Letters and Notes*, p. 194.

15. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 104.

16. Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 762.

17. Ver capítulo 3, nota 2, p. 500.

18. “As pessoas pulavam nos canais e cursos d’água e ficavam nadando ou paradas com o pescoço para fora por horas, até o calor arrefecer. Mesmo assim sofriam

queimaduras na cabeça. A tempestade de fogo varria a superfície com sua enxurrada de fagulhas, de tal modo que grossos postes de madeira ardiam até se reduzir ao nível da água. As crianças eram arrancadas das mãos de seus pais com a força do furacão e atiradas rodopiando ao fogo.” (Chefe de polícia de Hamburgo, escrevendo em 1943.)

[19.](#) Middlebrook, *The Battle of Hamburg: The Firestorm Raid* (Londres: Allen Lane, 1980), p. 357.

[20.](#) Mãe, provavelmente em algum ponto na década de 70 ou 80, após sua morte, fez uma tradução pesadamente adulterada, inserindo referências maçantes a sua adorada mãe num estilo que deixa óbvio que foi a autora, antes de jogar o original fora. As memórias talvez sejam ou não datadas desse mês, mas, se o foram, ela omitiu.

25. FEVEREIRO DE 1944-JANEIRO DE 1945 – EVA NO BERGHOF COM GERTRAUD

[1.](#) *Observer*, 27 de março de 2005: entrevista de Alex Duval Smith com o barão Freytag von Loringhoven.

[2.](#) Relato fornecido pelo dr. Morell à comissão pré-julgamento Musmanno, em Nurembergue, *Hitler's State of Health and Medical Characteristics*; ver Musmanno Collection na Gumberg Library, Duquesne University, Pittsburgh, pa.

[3.](#) Grande parte desse parágrafo foi adaptada de Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 137.

[4.](#) Isso, se o relato é preciso, teria constituído uma exceção inusual, e se de fato tomava vinho para comemorar alguma ocasião especial, não passava de um ou dois goles.

[5.](#) Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 104.

[6.](#) Large, *Where Ghosts Walked*, p. 342.

[7.](#) Adaptado de Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 141.

[8.](#) Tirado de Weisker, *Wer War Eva Braun?*

[9.](#) O pai de Gertraud, Andreas Winckler (1888-1946), sempre se opusera aos nazistas, em particular a Hitler, e ficara revoltado com a ideia de que pudesse querer comprar uma casa presenteada por Hitler a sua amante; e mais ainda com a sugestão de que sua filha devesse se hospedar no refúgio secreto do *Führer*.

[10.](#) As investigações de Gertraud nos arquivos da Cruz Vermelha muito após a guerra revelaram que seu pai de fato fora membro do grupo de dissidentes do almirante Canaris.

A oposição de Canaris a algumas políticas de Hitler e suas ligações com outros grupos de resistência aparentemente não interferiram com seus deveres como chefe do *Abwehr*, o serviço de inteligência militar do alto-comando das forças armadas (okw). Canaris foi executado por traição a poucas semanas antes do fim da guerra, em 9 de abril de 1945.

[11.](#) Fonte: Weisker, *Wer War Eva Braun?*

12. Ibid., p. 9.
13. Entrevista com a autora em sua casa, 24 de março de 2004.
14. Ibid., 24 de março de 2004.
15. Gertraud Weisker em conversa com a autora, março de 2001.
16. Uma ou duas frases do relato de Gertraud são tiradas de <www.fpp.co.uk/Hitler/Eva_Braun/cousin.html>.
17. Gertraud Weisker em conversa com a autora, 2 de abril de 2001.
18. Transcrição de entrevista com Alfons Schulz para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolos 22.20.48 e 22.25.36.
19. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 18 (traduzido por Christiane Gehron).
20. O depoimento é confuso. É possível *subir nadando* uma cachoeira ou de fato escorregar sem outra coisa que um fino maiô? A memória de Gertraud Weisker de vez em quando falha ou sua imaginação lhe prega peças, como talvez aqui.
21. Weisker, *Wer War Eva Braun?*, p. 3.
22. Ibid., pp. 11-2.
23. <<http://www.stadtplandienst.de/map.asp?sid=9d758f18ca7771f2f3befb1067e6ff5d&ix=1063&iy=136&grid=dedatlas10>>.
24. Eva dizia a Hitler que sua altura era 1,60 metro. Gertraud mede pelo menos cinco centímetros a mais.
25. A letra de uma delas dizia: “*In the wonderful Fourth Reich there'll be/ No more lying from Goebbels/ No Funk to embezzle, no Hitler to bellow/ No Himmler to murder, no Schirach to order/ No Ribbentrop robbing, no Rosenberg rasping/ And no more Ley getting drunk*” (No maravilhoso Quarto Reich não haverá/ Mais as mentiras de Goebbels/ Nenhum Funk para espoliar, nenhum Hitler para berrar/ Nenhum Himmler para matar, nenhum Schirach para dar ordens/ Nenhum Ribbentrop roubando, nenhum Rosenberg enervando/ E mais nenhum Ley se embebedando).
26. Gertraud conseguiu uma vaga para estudar química e física nessa universidade.
27. Entrevista com a autora, 24 de março de 2004.
28. Ibid.
29. No dia 2 de janeiro de 2004, ela me escreveu num e-mail: “*Nein, ich habe keine Verwandten mehr, weder in München noch sonstwo. Ich bin die letzte überlebende der Familie*” — “Não, não me sobrou parente algum, nem em Munique nem em qualquer outra parte. Sou a última sobrevivente da família”. E prosseguia: “*Das ist für mich auch der Grund, weshalb ich gern mit Dir zusammen arbeite: Falsche Zeugnisse sind deren schon viele gegeben worden*” — “É por isso que me sinto feliz em trabalhar com você: houve tantas histórias falsas [sobre Eva Braun]”.
30. O livro foi publicado em tradução inglesa (*Eva's Cousin*) pela Doubleday em 2002 e pela Black Swan em 2003.
31. Sibylle Knauss, entrevistada por Linda Grant no *The Guardian*, 27 de abril de 2002.

32. Marion Milne, em e-mail à autora, 2 de agosto de 2004.

33. Eu não vi esse filme ou o retrato de Gertraud em Jena, ou na verdade nenhuma fotografia de Eva tirada após abril de 1944.

34. *Operation Foxley: The Plan to Kill Hitler*, introdução de Mark Seaman. O original encontra-se na coleção deles (pro hs 6/624).

35. Special Operations Executive (divisão de operações especiais) — a subversiva agência de guerra e principal rede de espionagem britânica.

36. Isso era um elogio e tanto, uma vez que Eva tinha então 32 anos.

26. A Conspiração Stauffenberg e suas consequências

1. Michael Baigent e Richard Leigh, *Secret Germany: Class Von Stauffenberg and the Mystical Crusade Against Hitler*, p. 16.

2. Von Moltke, *Letters to Freya, 1939-1945*.

3. Ver nota 16, capítulo 20.

4. Peter Hoffmann, *The History of the German Resistance, 1933-45* (Cambridge, MA: 1988), p. 374.

5. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 43 (traduzido pela autora).

6. Peter Hoffmann, *Hitler's Personal Security* (Londres: Macmillan, 1979), p. 252.

7. Michael Baigent e Richard Leigh, *Secret Germany: Claus Von Stauffenberg and the Mystical Crusade Against Hitler*, p. 66.

8. Claus Von Stauffenberg não foi o único a morrer. Quinze dias após a tentativa de assassinato e de golpe, Himmler ressuscitou o costume medieval de *Sippenhaft*, ou “culpa no sangue”, segundo o qual a traição era uma manifestação de sangue enfermo, e assim toda a família devia ser exterminada. No fim, a maioria conseguiu escapar, embora muitas crianças — incluindo os quatro filhos de Claus — tenham sido separados de seus pais e entregues aos cuidados do Estado. Não era apenas a necessidade de reeducação; iriam constituir matéria de procriação futura ideal.

9. Arquivos do NARA, rg 319, caixa 31A.

10. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 151.

11. Weisker, *Wer War Eva Braun?*, p. 13.

12. Ibid.

13. Junge, *Until the Final Hour*, p. 152.

14. No total, 6.632 cidadãos de Munique foram mortos e mais 15 mil ficaram feridos com os bombardeios da Segunda Guerra Mundial. Large, *Where Ghosts Walked*, p. 346.

15. Gun, *Eva Braun: Hitler's Mistress*, p. 238.

16. Cerca de 3.907 bombas foram lançadas. Dos 28.410 prédios do centro de Dresden, 24.866 foram destruídos. Uma área de quinze quilômetros quadrados ficou totalmente arrasada, incluindo 14 mil casas, 72 escolas, 22 hospitais, 19 igrejas, 5 teatros, 50 bancos e empresas de seguro, 31 lojas de departamento, 31 grandes hotéis e 62 prédios administrativos. O número de mortos em fevereiro de 1945 foi estimado em 35 mil a 45 mil pessoas, mas podem ter havido muitos mais.

17. Henriette von Schirach, *Frauen um Hitler* (Munique: Herbig, 1983), pp. 235-6.

27. NO BUNKER

1. Autora anônima, *A Woman in Berlin* (Londres: Virago, 2005), p. 11.
2. Entrevista com Herbert Döring para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 15.29.30.
3. Como com qualquer poema de qualidade, minha tradução para o inglês dá uma ideia apenas pálida e aproximada desse evocativo “Anoitecer para o viajante”: “Desce o silêncio/ Sobre os cumes das montanhas;/ Nenhum sopro de vento sacode/ As altas copas das árvores./ O trinado dos pássaros/ Diminui e cessa./ Espera só; logo essa paz/ Irá descer como uma mortalha/ Para envolver todos nós”.
4. Entrevista com o jornalista e cineasta alemão Guido Knopp, citada em seu livro *Hitler's Women*, p. 46.
5. Citado por Frank, *Eva Braun: Ein ungewöhnliches Frauenschicksal in geschichtlich bewegter Zeit*, p. 279, e por Antony Beevor, *Berlin: The Downfall 1945*.
6. Hitler na verdade planejava ir ao Berghof em 15 de abril e conduzir o resto da guerra de lá, mas o despautério de Göring sobre um bom alinhamento de estrelas para uma súbita vitória contra as linhas inimigas no fim de abril desviou-o desse intento e ele permaneceu em Berlim.
7. Winbauer, *Eva Braun's Familiengeschichte*, p. 23 (traduzido por Christiane Gehron).
8. Hoffmann, *Hitler Was My Friend*, pp. 163-4.
9. Depoimento de Erna Flegel, interrogada em 30 de novembro de 1945 por Frederick Stalder, sob o comando de Richard Helms, capitão-tenente da usnr, apo 742. Uma transcrição detalhada pode ser obtida no NARA, rg 226, caixa 465.
10. Fest, *Inside Hitler's Bunker: The Last Days of the Third Reich*, publicado pela primeira vez na Alemanha, em 2002, como *Der Untergang: Hitler und das Ende des Dritten Reiches*.
11. Informação de uma resenha de *Inside Hitler's Bunker*, de William Boyd, *The Guardian*, 19 de março de 2005.
12. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 505.
13. Do NARA: Relatório Especial da oi na caixa 392, rg 319, caixa 2 de 2, intitulada *Adolf Hitler: A Composite Picture*, datada de 2 de abril de 1947. Hans-Karl von Hasselbach foi cirurgião-chefe no Hospital de Campanha do Exército 2/562 e um dos médicos regulares de Hitler de 1934 a outubro de 1944. Via Eva com frequência e chegou a conhecê-la muito bem.
14. Extraído do mesmo relatório da inteligência, caixa 392, rg 319, caixa 2 de 2.
15. O primeiro e mais brilhante deles sendo Hugh Trevor-Roper, em *The Last Days of Hitler*, publicado em 1947 pela Macmillan Press, e mais recentemente Joachim C. Fest, com seu magistral *Der Untergang*.
16. Gitta Sereny e Traudl Junge constituem notáveis exceções. Ambas escreveram

de modo aprovador sobre ela. As poucas mulheres em torno de Hitler — esposas nazistas ou empregadas domésticas — entrevistadas pelos americanos antes do julgamento de Nurembergue foram na maioria maldosas a seu respeito.

17. Por exemplo, de mais um livro sobre os últimos dias de Hitler no *bunker* escrito por Anton Joachimsthaler, *The Last Days of Hitler* (Londres: Arms and Armour Press, 1996): “Ela [Eva Braun] nunca deu a mínima para Adolf Hitler, seu estado de saúde ou suas preocupações. Chegava até a criticar sua conduta diante das secretárias e preferia dançar enquanto no *bunker*. Eva Braun não tinha a menor intenção de descer com Hitler...” etc. etc. Isso é puro desprezo masculino, sem nenhuma evidência a apoiá-lo.

18. Entrevista com Alfons Schulz para *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 23.29.43.

19. *A Woman in Berlin*, p. 40.

20. “O fiel Heinrich.”

21. Excetuando talvez Bormann, Goebbels e Robert Ley, que ficaram com Hitler até o fim.

22. Ver nota 9, p. 545

23. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 139.

24. *A Woman in Berlin*, p. 40.

25. Essa carta foi mostrada a Johannes Frank por *Frau Schneider* não muito após sua morte e citada na biografia que ele escreveu: *Eva Braun: Ein ungewöhnliches Frauenschicksal in geschichtlich bewegter Zeit*, pp. 281-3 (traduzido por Christiane Gehron).

26. O medo não era exagerado. Eis aqui, para quem tiver estômago de ler, um relato que a berlinense anônima fez do primeiro soldado russo que encontrou: “Quem está me empurrando é um homem mais velho com barba grisalha por fazer, recendendo a álcool e cavalos. Ele fecha a porta com cuidado atrás de si e, não encontrando chave alguma, apoia a poltrona contra ela. Parece nem ao menos enxergar sua presa, de modo que, quando ataca, ela está tão apavorada que ele a derruba sobre o estrado da cama.

Olhos fechados, dentes cerrados. Nenhum som. Apenas um rilhar de dentes involuntário quando minha roupa de baixo é rasgada. A única coisa inteira que me restava.

“De repente, seu dedo está em minha boca, fedendo a cavalo e tabaco. As mãos de um estranho abrindo minha boca com destreza. Olhos nos olhos. Então, num gesto muito calculado, deixa cair uma bola de cuspe em minha boca. [...] Os lábios do estranho estão abertos, dentes amarelos, um da frente meio quebrado. Os cantos da boca se erguem, minúsculas rugas se irradiam dos cantos do olho. O homem sorri” (*A Woman in Berlin*, p. 84).

27. Essa expressão de encerramento epistolar não é tão fria quanto a tradução dá a entender. Em alemão, “*Alle herzlichsten Glückwünsche*” é uma forma afetuosa e até mesmo efusiva de concluir uma carta pessoal.

28. Beevor, *Berlin: The Downfall 1945*, p. 254.

29. E-mail datado de 29 de setembro de 2004 de Gertraud Weisker à autora. No alemão, o original, traduzido pela autora, diz: “*Es ist sehr interessant, dass die Menschen in den letzten Tagen alle ‘Fesseln’ von sich geworfen haben, sie haben in Gegenwart Hitlers geraucht und getrunken, so als wollten sie sagen, es ist jetzt alles egal. Hitler hat uns nichts mehr zu ver-bieten. Eva schien echt ruhig und gelassen zu sein. Das sagt Traudl Junge, die Sekretärin von Hitler. ‘Eva’s Schicksal ist schon sehr unverständlich aber auch tief berührend. Wir haben ein deutsches Sprichwort Mitgefangen — mitgehangen . Das trifft für Eva zu. Sie ist sich, wie ich schon immer sagte, selbst treu geblieben.’ ”*”.

30. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 164 (traduzido pela autora).

31. Ibid., pp. 179-80.

32. A cena foi filmada para que o *Deutsche Wochenschau* — o cinejornal — levasse à maioria dos alemães um último vislumbre de seu *Führer*.

33. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 515. Gitta Sereny soube disso num documentário para a tevê feito em 1988 pela cineasta alemã Lea Rosh.

34. Entrevista com Gitta Sereny, de *Adolf and Eva*, 3bmtv, rolo 11.19.30.

35. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 178.

36. Depoimento de Nurembergue, 27 de outubro de 1947, citado em Anton Joachimstahler, *The Last Days of Hitler* (Londres: Arma and Armour Press, 1996), p. 97.

37. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, p. 514.

38. “Rosas vermelho-sangue falam de felicidade.”

39. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 160.

40. Como ajudante pessoal e capitão da SS, Günsche estava próximo de Hitler na tentativa de assassinato na Wolfsschanze, em 20 de julho de 1944. Depois disso, foi constantemente indicado para o quartel-general do *Führer*.

41. Beevor, *Berlin: The Downfall* 1945, p. 262.

42. Erna Flegel, entrevistada pelo oficial norte-americano Richard Helms, assinala a data como sendo 20 de abril.

43. A principal avenida de Berlim.

44. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 178.

45. i.e., dos Goebbels.

46. Carta previamente não publicada em Frank, *Eva Braun: Ein ungewöhnliches Frauschicksal in geschichtlich bewegter Zeit*, pp. 286-7.

47. A “carne” enlatada (*Spam*) daquela época era uma espécie de apressado comprimido feito de sobras de carne inaproveitáveis para qualquer outra finalidade, e usado em sanduíches e tortas; quase tão pouco palatável quanto o lixo comercial incessante que invade os computadores atuais.

48. Junge, *Until the Final Hour*, p. 163. *Fräulein* Manziarly se matou tomando cianureto em 2 de maio de 1945. Estava com 25 anos.

49. Depoimento de Hanna Reisch (ver acima, nota 8, página 545).

50. Presumivelmente, um bilhete de despedida que escrevera caso alguma coisa acontecesse com ela e morresse antes dele; ou talvez uma declaração de amor; não há como saber, exceto que obviamente era muito particular.

51. Werner Maser, um assíduo colecionador da *memorabilia* escrita de Hitler e os mais próximos a ele, confirma que Ilse Braun lhe contou em 31 de outubro de 1972 que todas as cartas trocadas entre Eva e Hitler haviam se “perdido”. Talvez tenham chegado de algum modo a Gutierrez no Novo México, como alegou David Irving, mas, se isso aconteceu, ele morreu sem revelar seu paradeiro.

52. Traduzido por Christiane Gehron e tirado de Johannes Frank, *Eva Braun: Ein ungewöhnliches Frauenschicksal in geschichtlich bewegter Zeit*, pp. 288-9. No NARA há uma versão ligeiramente diferente, citada pelo Special Investigation Squad cic Detachment 970, descoberta por seus agentes e feita circular pelo segundo-tenente Henry P. Hoffshot Jr., do Army Post Office 757.

53. Maio de 2005. Os outros dois são Rochus Misch, o operador de telefone, e a enfermeira, Erna Flegel.

54. Do *The Observer*, 27 de março de 2005: entrevista feita por Alex Duval com o barão Freytag von Loringhoven sobre seu livro recém-publicado na França, *Dans le Bunker de Hitler*.

55. Segundo David Irving (ver a introdução a *The Secret of Hitler's Doctor*). Hitler se referia à carreira pregressa de Morell como especialista em doenças venéreas, já que a Kurfürstendamm era ponto de prostituição.

56. Não por muito mais tempo. Morell foi interrogado, declarado culpado e enforcado após o Julgamento de Nurembergue, em 1948.

28. A ÚLTIMA BATALHA DE HITLER

1. Essa citação e as cinco seguintes foram tiradas de Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, pp. 523-32.

2. Ibid., p. 508.

3. Speer, *Inside the Third Reich*, p. 646.

4. Note-se que David Irving afirma: “Foi sintomático da veracidade de Speer para com a história que, enquanto permaneceu em Spandau, tenha pago para que todos seus diários do escritório (*Dienststelle*) do tempo da guerra fossem redatilografados, omitindo as passagens mais comprometedoras, e doasse esses documentos fajutos para o Bundesarchiv, em Koblenz. O cotejo que fiz entre o volume de 1943, cujo original encontra-se nos arquivos do governo britânico (British Cabinet Office), e a cópia do Bundesarchiv deixa isso claro, e Matthias Schmidt também revelou a falcატrua”. Speer sobreviveu a todos os companheiros e contou a história do relacionamento entre ele e Hitler com zelo missionário, jamais deixando de expressar remorso e se penitenciar por ter sido tão iludido. Sua sinceridade recentemente foi posta em dúvida. Tão próximo como estava de Hitler, nunca poderia ter deixado de saber exatamente o que estava

acontecendo e, com o empenho de sua conhecida sutileza, ter de algum modo mínimo ajudado a moderar a determinação obsessiva de Hitler em dar cabo dos judeus.

5. Interrogatório de Albert Speer em Nurembergue, 21 de junho de 1946.

6. Depoimento de Erna Flegel, interrogada em 30 de novembro de 1945 por Richard Helms, primeiro-tenente da usnr, apo 742, atualmente no NARA, rg 226, caixa 465.

7. Hanna Reitsch nasceu em Hirschberg, Silésia, em 29 de março de 1912 (sete semanas depois de Eva e três semanas depois de minha mãe) e largou uma carreira na medicina para se tornar piloto de testes. Ela experimentou inúmeros projetos das mais modernas aeronaves alemãs e caiu nas graças de Adolf Hitler como seu piloto favorito. Sofreu inúmeros acidentes e ficou gravemente ferida diversas vezes, mas sobreviveu à guerra. Após o confronto, ficou detida pelos militares americanos por dezoito meses, foi interrogada e depois solta. Ela morreu aos 67 anos, de um ataque cardíaco fulminante. (Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Hanna_Reitsch>).

8. Do interrogatório de Hanna Reitsch em 8 de outubro de 1945 feito no quartel-general da Divisão Aérea das Forças Armadas americanas na Áustria; Air Interrogation Unit (usdic) nos arquivos do NARA, caixa 332.

9. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, pp. 174-5 (traduzido pela autora).

10. Ver nota 8.

11. Muitos, contudo, eram incapazes de seguir com suas vidas sem ele. No fim, inúmeros companheiros muito próximos cometeram suicídio: a família Goebbels, Göring (pouco antes de ir para a forca), Himmler, ao ser capturado pelos aliados; os dois generais no *bunker*, Burgdorf — que conduziu as negociações de rendição com os americanos — e Krebs; o capitão da SS Schedle e o *Brigadführer* Albrecht, um de seus jovens oficiais, o tenente de 24 anos da SS Stehr, todos esses se mataram com um tiro após a saída dos que abandonaram o *bunker*. O general Ritter von Greim se matou um mês depois, assim como a família inteira de Hanna Reitsch, imediatamente após a morte de Hitler. O embaixador Hewel, recém-casado, conseguiu sair de Berlim, mas em seguida se matou. O criado de Hitler, Linge, tentou fazê-lo mas foi impedido por Rochus Misch; o general Mohnke também tentou, mas Otto Günsche o deteve.

12. Com a devida reverência a T. S. Eliot por seus “Whispers of Immortality” (“Sussurros de imortalidade”): “*Webster was much possessed by death/ And saw the skull beneath the skin;/ And breastless creatures under ground/ Leaned backward with a lipless grin*” (“Webster era um tanto quanto possuído pela morte/ E via o crânio sob a pele;/ E criaturas sem peito sob o solo/ Curvadas para trás com um sorriso sem lábios”). Isso me parece resumir a expectativa pela morte nos últimos dias de Eva. Talvez esperasse que sua alma imortal sobrevivesse, mas sabia que o belo corpo não o faria.

13. Aí inclusos a família Goebbels; Martin Bormann; o ex-embaixador Hewel, oficial de ligação do gabinete de Ribbentrop; Herman Fegelein, oficial de ligação de Himmler; seus ajudantes Nicolaus von Below e Otto Günsche; o cirurgião-chefe Haase,

junto com a enfermeira Erna Flegel e outros que cuidavam dos que estavam feridos demais para ser removidos; o dr. Stumpfegger, médico pessoal de Hitler, seu dentista o dr. Kunz, inúmeros oficiais e equipes de apoio; o telefonista Rochus Misch, as cozinheiras e faxineiras, vários ordenanças, choferes e mensageiros. Muitos desses fugiram do *bunker* após o suicídio do *Führer* e foram mais tarde julgados em Nurembergue ou escreveram suas memórias; às vezes, as duas coisas.

14. Do depoimento dado pelo juiz Michael Angelo Musmanno (1897-1968). Musmanno foi o ajudante naval do general Mark W. Clark no fim da Segunda Guerra Mundial que recomendou a seus superiores na marinha uma investigação completa sobre a morte de Hitler. O próprio Musmanno recebeu a incumbência, com autoridade para interrogar qualquer um que acreditasse deter informações sobre Hitler. Mais tarde, como observador oficial da marinha no Tribunal Militar Internacional de Nurembergue, obteve acesso a inúmeras pessoas envolvidas com o Terceiro Reich. Foi designado juiz no Julgamento de Crimes de Guerra de Nurembergue e serviu como principal juiz do Tribunal Internacional contra Crimes de Guerra para o caso *Einsatzgruppen*, onde vinte homens encarregados da administração de suprimentos de campo de concentração e trabalho foram julgados pelo assassinato de um milhão de civis. Ele se retirou do serviço ativo com a patente de contra-almirante.

Entre maio de 1945 e o verão de 1948, numa tentativa de determinar se Hitler morrera de fato, entrevistou-se com mais de duzentas pessoas que haviam conhecido Adolf Hitler e Eva Braun, tanto em conversas particulares em suas casas como conduzindo interrogatórios de prisioneiros alemães. Segundo o juiz Musmanno: “Fegelein deixou o *bunker* e foi para casa.

Quando a notícia sobre a traição de Himmler chegou até Hitler, ele perguntou por Fegelein e mandou soldados buscá-lo, trazê-lo de volta e, em questão de horas, fuzilá-lo. Fegelein foi executado só porque em ocasião diversa fora ajudante de Himmler, fora-lhe próximo. Eva Braun protestou, pois afinal ele era seu cunhado”.

15. Junge, *Until the Final Hour*, pp. 178-80.

16. De fato, Himmler encontrou Bernadotte quatro vezes para negociar uma rendição.

17. *Fidus Achates*, leal Acates, é o companheiro de Eneias na *Eneida* de Virgílio, que o acompanha na longa jornada de Troia a Roma, sempre a postos.

18. A biógrafa de Hanna, Judy Lomax, conta que Harald Quandt continuou em contato com Hanna Reitsch após a guerra e os dois se tornaram bons amigos. Hanna usava regularmente uma casa de veraneio na propriedade de Harald. Ela morreu em 1979, com 67 anos.

19. Sou grata a minha filha, Carolyn Butler, por chamar minha atenção para essa entrevista no *The Tablet*, maio de 2005, concedida pelo barão von Lorignhoven a Konstantin Eggert, chefe de redação da BBC em Moscou.

20. Langer, *Inside the Mind of Adolf Hitler*, p. 154.

21. Mas talvez Hitler nem soubesse disso.

29. FRAU HITLER POR TRINTA E SEIS HORAS

1. Junge, *Until the Final Hour*, p. 180.
2. Extraído de uma entrevista com Traudl Junge feita por Gitta Sereny no *Sunday Times*, 25 de setembro de 2000.
3. O testamento e a certidão de casamento estão no Photoarchiv Hoffmann, em Munique, T474 10861, 10863 e (com sua assinatura) 13502.
4. Entrevista com Gitta Sereny, *Sunday Times*, 25 de setembro de 2000.
5. É difícil ter certeza desses momentos, já que tudo depende do relato em que se vai crer. Mesmo a normalmente confiável Traudl Junge afirmou coisas diferentes em momentos diferentes. Decidi seguir a sequência de eventos de Ian Kershaw, conforme descrita no fim do volume dois de sua magistral biografia, *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, pp. 821 et seqs.
6. NARA em College Park, rg 319, caixa 393, hitler xe 00 36 55, vol. III, pasta 2.
7. “Uma série de leis promulgadas pelo Partido Nazista havia tornado o casamento sujeito a intenso escrutínio eugênico. A ideologia, mais do que os afetos, era o que determinava quem podia se casar com quem ou quem tinha o direito à reprodução. Todos os benefícios para os legalmente casados estavam submetidos a critérios raciais.” Sob a Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemães, de setembro de 1935, o casamento e as relações sexuais entre arianos e judeus eram proibidos. A Lei para a Prevenção de Progenie Hereditariamente Enferma entrara em vigor a partir de 1º de janeiro de 1934. Ver Burleigh, *The Third Reich: A New History*, p. 236.
8. Junge, *Bis Zur Letzten Stunde*, p. 187 (traduzido pela autora).
9. Citado por Traudl Junge.

EPÍLOGO

1. Segundo Erna Flegel, “*Frau Goebbels* era muito superior aos seres humanos comuns.

Era preciso um espírito resolutivo para decidir sacrificar os próprios filhos. Mas, disse ela, ‘Para onde irão meus filhos? A vergonha de serem Goebbels permanecerá para sempre sobre eles’.

As seis crianças morreram de tarde. Disseram-lhes que tinham de ser vacinados”. *Fraulein Flegel* alegou que foi o dentista de Hitler, dr. Kunz, que de fato ministrou o veneno às crianças. Isso nunca ficou provado nem é motivo de discussão, uma vez que as evidências fornecidas por Erna Flegel são virtualmente desconhecidas. Ver NARA, nnd 974345, rg 226, caixa 465, depoimento dado por Frederick Stalder sob o comando de Richard Helms, primeiro-tenente da usnr, destacamento de Berlim/ssu; apo 742 em 23 de novembro de 1945.

2. Na última carta ao filho Harald, escrita no *Führerbunker* três dias antes de se matar, Magda Goebbels disse: “Nosso magnífico ideal está acabado — e com ele tudo de

belo, admirável, nobre e bom que conheci na vida. O mundo que admirá após o *Führer* e o nacional-socialismo não é um mundo no qual valerá a pena viver, e, por esse motivo, trouxe as crianças aqui comigo”.

3. Os pesados ferimentos no rosto de Helga, observados na necropsia, sugerem que lutou contra seu carrasco e teve de ser violentamente imobilizada enquanto a cápsula era forçada em sua boca e os maxilares fechados à força.

4. Detalhes de um artigo de Tom Parfitt no *The Observer*, 8 de maio de 2005.

5. Essas posses privadas constam em vários relatórios como sendo um baú de prata ostentando emblemas da coroa polonesa; prataria ostentando o monograma de Eva Braun; quatro relógios de ouro masculinos e um feminino incrustado com cinquenta diamantes (presumivelmente, o que Eva prometera a Gretl em sua última carta) e dois pares de abotoaduras de ouro; um broche de diamante e um medalhão numa corrente; uma câmera Leica e trinta a quarenta filmes sem uso; um gramofone; parte de uma coleção de selos roubada por Konrad no gueto de Varsóvia, com valor estimado em RM 30.000; a farda danificada de Hitler do atentado de Stauffenberg; finalmente, RM 104.625 e, em moeda estrangeira, mil dólares e mais dez libras. Não é pouca coisa, mas está longe de ser uma fortuna. O baú cheio de papéis particulares que segundo se dizia incluíam cerca de cinquenta bilhetes pessoais de Hitler para Eva, escritos entre 1938 e 1945, as cartas com que Eva tanto se preocupara, também é mencionado, junto com nomes das várias pessoas por cujas mãos ele passou. A última vez que se teve notícia dessas cartas foi em Schloss Fischhorn, mas depois elas desapareceram para, assim se alegou, reaparecer em Schladming, na Áustria. De lá, no dia 4 de fevereiro de 1946, foram entregues sob a custódia de Robert A. Gutierrez, SA, *cic*.

Após sua morte, foi dito que haviam sido enterradas; nunca se revelou onde. Pelas quinquilharias que aparecem nas casas de leilão ou no eBay, parece provável que ele gradualmente vendeu algumas. Mas a maior parte ainda está por vir à tona. Sua descoberta é o Santo Graal dos historiadores sérios, assim como de fãs de Hitler e outros neonazistas.

6. Konrad foi deveras relutante em revelar qualquer informação significativa e seu relato de como os papéis foram parar em suas mãos e onde haviam estado é um quebra-cabeça de contradições e impossibilidades factuais.

7. Informação dada por Gertraud Weisker.

8. Sereny, *Albert Speer: His Battle with Truth*, pp. 715-6.

9. Citação extraída de *Hitler's Fixer*, documentário da 3bmtv, escrito e dirigido por Marion Milne e que foi ao ar pela primeira vez na itv em 13 de maio de 2001.

ANEXO A: A HISTÓRIA DA FAMÍLIA DE EVA BRAUN, POR ALOIS WINBAUER

* Copyright © by Gertraud Weisker. Traduzido do alemão por Claudia Abeling a partir de transcrição fornecida pela autora. [N. E.]

ANEXO B: O DIÁRIO DE EVA BRAUN DE 6 DE FEVEREIRO A 28 DE MAIO DE 1935

1. A mulher do chefe dos ajudantes de Hitler, Julius Schaub.
2. Ilse Braun, a irmã de Eva, é de opinião que, quando se tratava de presentes, Hitler não era mesquinho, mas não tinha imaginação. Ela explicou ao autor que Eva, talvez sem confessar a si própria, esperava menos um *dachshund* do que um pedido de casamento de Hitler.
3. Herta Ostermayr, melhor amiga de Eva.
4. Uma amiga de Eva chamada Charlotte.
5. Ajudante-de-ordens de Hitler.
6. Ilse Braun, que auxiliou o autor nas notas do diário, acha que Eva nunca gostou de trabalhar com Hoffmann.
7. Eva Braun provavelmente está usando a abreviação “Br.” para o ajudante de Hitler, Brücker. Veja sua anotação de 15.2.1935.
8. A Osteria era um dos lugares preferidos de Hitler no animado bairro de artistas de Munique, Schwabing. Chama-se ainda hoje “Osteria Bavaria”.
9. Diretor da indústria alemã de automóveis Daimler-Benz.
10. Dr. Goebbels, ministro do Reich para Propaganda.
11. Ilse Braun explica aqui que a solidão oprimia Eva fortemente. Já que Hitler aparecia geralmente sem avisar, ela estava sempre obrigada a esperá-lo no estúdio ou em casa.
Essa espera extenuante explica por que Eva consumia mais e mais soníferos.
12. A atriz de cinema Anny Ondra, mulher do ex-campeão mundial de boxe Max Schmeling.
13. Parece que as observações entre parênteses foram supostamente registradas por Eva depois, quando pegou de novo o diário em 16.3.1935.
14. A politicamente inexperiente Eva tinha feito uma descoberta que a maioria dos estadistas só faria muito mais tarde.
15. Em 16 de março de 1935 foi implantado o serviço militar obrigatório na Alemanha.
16. Provavelmente Lady Unity Valkyrie Mitford, chamada em Munique de Valquíria britânica. Ilse Braun é de opinião que pode também ter se tratado de Winifred Wagner.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

NÃO-FICÇÃO

- AIR MINISTRY *The Battle of Britain 8th August-31st October 1940* (Londres: hmsO, 19410)
- BAIGENT, Michael, e Richard Leigh, *Secret Germany: Claus Von Stauffenberg and the Mystical Crusade Against Hitler* (Londres: Jonathan Cape, 1944)
- BEEVOR, Antony, *Berlin: The Downfall 1945* (Londres: Viking, 2002) [trad. bras.: *Berlim 1945: A queda*. Rio de Janeiro: Record, 2004.]
- BULLOCK, Alan, *Hitler — A Study in Tyranny* (Londres: Odhams, 1952)
- BURLEIGH, Michael, *The Third Reich: A New History* (Londres: Macmillan, 2000)
- DALLEY, Jan, *Diana Mosley: A Life* (Londres: Faber & Faber, 1999)
- EVANS, Richard J., *Telling Lies About Hitler* (Londres: Virago, 2002)
- . *The Coming of the Third Reich* (Londres: Allen Lane, 2003)
- FEST, Joachim C., *Hitler* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1974) [tras. bras.: *Hitler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. 2 vols.]
- . *Inside Hitler's Bunker: The Last Days of the Third Reich* (Londres: Macmillan, 2004) [trad. bras.: *No bunker de Hitler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006]
- FRANK, Johannes, *Eva Braun: Ein ungewöhnliches Frauenschicksal in geschichtlich bewegter Zeit* (Coburg: Nation Europa Verlag, 1997) (sem edição em língua inglesa)
- GILBERT, Martin, *The Holocaust* (Londres: William Collins, 1986)
- GUN, Nerin E., *Eva Braun: Hitler's Mistress* (Nova York: Meredith Press, 1968; Londres: Leslie Frewin, 1969)
- HANFSTÄNGL, Ernst ("Putzi"), *Unheard Witness* (Nova York: J. Lippincott Company, 1957; relançado com um novo Apêndice, Concord, nh: Gibson Press,

HASTE, Cate, *Nazi Women: Hitler's Seduction of a Nation* (Londres: Channel 4 Books, 2001)

HAUNDER, Milan, *Hitler: A Chronology of His Life and Times* (Nova York: The Macmillan Press, 1983)

HOFFMANN, Heinrich, *Hitler Was My Friend* (Londres: Burke, 1955)

INFIELD, Glenn, *Adolf and Eva: Eva Braun and Adolf Hitler* (Londres: New English Library, 1975)

JJNGE, Traudl, editado por Melissa Müller, *Bis Zur Letzten Stunde* (Berlim: Claassen Verlag, 2002); traduzido como *Until the Final Hour* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2003) [trad. bras.: *Até o fim*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005]

KERSHAW, Ian, *Hitler, 1889-1936: Hubris* (Londres: Allen Lane, 1998)

——. *Hitler, 1936-1945: Nemesis* (Londres: Allen Lane, 2000)

KLABUNDE, Anja, *Magda Goebbels* (Munique: Bertelsmann Verlag, 1999; Londres: Little, Brown, 2001)

KNOPP, Guido, *Hitler's Women* (Munique: Bertelsmann Verlag, 2000; Nova York: Routledge, 2003)

LANGER, Walter, *Inside the Mind of Adolf Hitler* (Londres: Plume Books, 1988)

LARGE, David Clay, *Where Ghosts Walked: Munich's Road to the Third Reich* (Nova York: W. W. Norton and Co., 1997)

MASER, Werner, *Hitler*, traduzido por Peter and Betty Ross (Londres: Allen Lane, 1973)

——. *Hitler's Letters and Notes* (Londres: Heinemann, 1974)

MIDDLEBROOK, Martin, *The Battle of Hamburg: The Firestorm Raid* (Londres: Allen Lane, 1980)

MOLTKE, Helmut James von, *Letters to Freya, 1939-1945* (Londres: Collins Harvill, 1991)

MORELL, Dr. Theodore, *The Secret Diaries of Hitler's Doctor* (Londres: Sidgwick & Jackson, 1983; Nova York: Macmillan, 1983)

PAXTON, Robert O., *The Anatomy of Fascism* (Nova York: Knopf, 2004)

PLAIM, Anna, and Kurt Kuch, *Bei Hitlers: Zimmermädchen Annas Erinnerungen* (Kleindienst Verlag, 2003)

PRYCE-JONES, David, *Unity Mitford: A Quest* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1976) read, Anthony, *The Devil's Disciples: Hitler's Inner Circle* (Nova York: W. W. Norton and Co., 2003)

ROPER, Lyndall, *Witch Craze: Terror and Fantasy in Baroque Germany* (Londres: Yale University Press, 2004)

SEAMAN, Mark, Introdução a *Operation Foxley: The British Plot to Kill Hitler* (Belfast: The Blackstaff Press em conjunto com o Public Record Office (pro), 1998)

SERENY, Gitta, *Albert Speer: His Battle with Truth* (Londres: Vintage, 1996) [trad. bras.: *Albert Speer: sua luta com a verdade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 2ª ed.]. *The German Trauma* (Londres: Allen Lane, 2000)

SPEER, Albert, *Inside the Third Reich* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1970; Phoenix edn, 1995)

TREVOR-ROPER, Hugh, *The Last Days of Hitler* (Londres: Macmillan, 1947)

—, Introdução à edição inglesa de *Hitler's Table Talk, 1941-1944* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1953)

WISTRICH, Robert L., *Who's Who in Nazi Germany* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1982; Londres: Routledge, 1995)

FICÇÃO

Centenas, talvez milhares, de romance tiveram como pano de fundo o período do Terceiro Reich e dezenas de milhares de livros foram escritos na tentativa de compreender ou chegar a alguma conclusão sobre o Holocausto, mas, até recentemente, relativamente poucos foram escritos sobre a experiência dos alemães comuns antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial. Entre os melhores estão: Grass, Günter,

Im Krebsgang (Göttingen: Steidl Verlag, 2002); traduzido como *Crabwalk* (Londres: Faber & Faber, 2003) [trad. bras.: *Passo de caranguejo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005]

KNAUSS, Sibylle, *Eva's Cousine* (Berlim: Claassen Verlag, 2002); traduzido como *Eva's Cousin* (Nova York: Doubleday, 2002; Londres: Black Swan, 2003)

LEDIG, Gert, *Vergeltung* (Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1956); traduzido como *Payback* (Londres: Granta Books, 2003)

MULLER, Robert, *The World That Summer* (Londres: Sceptre, 1994)

SCHLINK, Bernard, *The Reader* (Londres: Phoenix House, 1997)

SEBALD, W. G., *Austerlitz* (Londres: Penguin, 2002)

_____. *The Emigrants* (Londres: Vintage, 2002) [trad. bras.: *Os emigrantes*. Rio de Janeiro: Record, 2002]

MEMÓRIAS E DIÁRIOS

Antes de mais nada, mencionem-se as 22 páginas remanescentes do diário particular mantido por Eva entre fevereiro e maio de 1935, hoje preservadas no National Archives and Records Administration (nara), nos Estados Unidos, 8601 Adelphi Road, College Park, Maryland. E também os 33 álbuns de fotografias c. 1913-c.

1944 (RECORD GROUP 242: NATIONAL ARCHIVES COLLECTION OF FOREIGN RECORDS SEIZED), bem como oito horas de seus filmes caseiros, *Eva Braun and Adolf Hitler, Berchtesgaden, Germany, pre-World War Two*, arc identifier: 24134 (departamento de arquivo de Still Pictures Moving Images), estão todos mantidos ali.

ANÔNIMA, *A Woman of Berlin* (Londres: Virago, 2005) é um dos melhores relatos sobre Berlim nas semanas antes e depois da invasão soviética, detalhando as experiências de mulheres nas mãos dos russos.

MATERIAL INÉDITO

Eva Braun's Familiengeschichte (A história da família de Eva Braun) é um relato pessoal escrito pelo dr. Alois Winbauer em 1976 a pedido de sua sobrinha Gertraud Weisker e datilografado por ela em outubro de 1992.

Wer War Eva Braun? Bericht von Gertraud Weisker (Quem foi Eva Braun? Uma história por Gertraud Weisker), escrita em 1998, traduzida para a autora por Christiane Gehron (com algumas passagens específicas, quando assinalado, traduzidas pela autora).

Memórias de Wilhelm Schröder, avô desta autora, escritas em c. 1943, traduzidas para o inglês (e mutiladas, infelizmente, pela edição da mãe da autora, Ditha Helps) em 1976. Manuscrito original alemão hoje perdido.

MATERIAL DE ARQUIVO

Bayerische Staatsbibliothek, Ludwigstrasse 16, de-80539 Munique (curadora de imagens: *Frau Obermaier*): guarda inúmeras fotografias de Eva Braun e seu círculo do extenso Arquivo Fotográfico Hoffmann (Bildarchiv Hoffmann).

Ferragamo Museo, Palazzo Spini Feroni, Via Tuomaboni, Florence: para material relativo à predileção de Eva Braun pelos sapatos Ferragamo.

Hermann-Historica, Linprunstrasse 16, D-80335 Munique: para catálogos passados de leilões da *memorabilia* de Hitler, Eva Braun e do Terceiro Reich.

Institut für Zeitgeschichte, Bibliothek, Leonrodstrasse 46 b, 80636 Munique: para material raro e inédito sobre Eva Braun.

Modern Military Records, Textual Archives Services Division, Archives II at NARA, College Park, Maryland, para registros e entrevistas do exército americano após a guerra Musmanno Collection (arquivista: Paul Demilio), Gumberg Library, Duquesne University, Pittsburgh, Pensilvânia 15282 para entrevistas antes e depois dos Julgamentos de Nurembergue feitas pelo juiz Michael Musmanno, com inúmeras pessoas do círculo de Hitler, das quais usei as seguintes:

Série I: Os interrogatórios

Arthur Axmann

Dr. Karl Brandt

Hugo Blaschke (dentista de Hitler)

Gerda Christian

Margaret Himmler

Erich Kempka

Hanna Reitsch

Traudl Junge (apenas o depoimento sobre os eventos de abril de 1945)

Dr. Morell
Julius Schaub
Baldur von Schirach
Christa Schröder
Albert Speer

Caixa 3
Nicolaus von Below
Frau Anna Winter
Joanna Wolf

ÍNDICE REMISSIVO

(termos para busca no e-reader)

águia

Áustria

Adlerhorst

Adolf and Eva (programa de televisão)

Alemanha

Alliluyeva, Nadezhda

Almas-Dietrich, Maria

Altmühl, rio

Amann, Max

Amsterdã

apatia

Arent, Kukuli von

ariana, norma

Arndt, Wilhelm

arte

Ascherson, Neal

assassinato

Auschwitz

Autobahn

Baarova, Lina

Bad Schachen

baixas

Bambi (Salten)

Batalha da Inglaterra

Baviera

Bayreuth

BDF (Bund Deutscher Frauenvereine)

BDM (Bund Deutscher Mädel): Liga das Jovens Alemãs

Bechstein, Helene

Behrens, Magda

Beierl, Florian

Beilngries

Below, Maria von

Belzec

Berchtesgaden

Berger, Gottlob

Berghof

Berlim

Berlin, Isaiah

Berlinghoff, Kurt

Bernadotte, conde Folke

Birkett, Norman

Blasko (cão)

Bloch, dr.

Blondi (cadela)

bolcheviques

Boomtown Rats

Bormann, Gerda

Bormann, Martin

Brand, Wolfgang

Brandt, Anni

Brandt, dr.

Braun, Fritz

Braun, Gretl; ver Fegelein, Gretl (née Braun)

Braun, Ilse

Braunau am Inn

Brecht, Bertolt

Breslau

British Union of Fascists

Bruckmann, Elsa

Buchenwald

Bulgária

bunker

Busch, Wilhelm

Byatt, A. S.

Byron, Robert

Bélgica

caminhadas

campos de concentração

campos de extermínio

canções infantis

canções populares

Carinhall

casamento

catolicismo

CCG (Control Commission of Germany)

Chamberlain, Neville

Chelmno

Christian, Gerda (née Daranowski)

Churchill, Winston

Ciano, conde Galeazzo

ciganos

Colônia

comida

Comissão de Controle Aliado

comunismo

Conferência de Wannsee

consciência racial

Conspiração Stauffenberg

Contos de fada de Andersen (Andersen)

Convento das Irmãs Inglesas

convenções

Convenções de Nurembergue

cosméticos

Court, major H. B.

Coué, Emile

Crabwalk (Grass)

“Crença e Beleza”

cultura jovem

câmaras de gás

Dachau

deficientes

depressão

desemprego

Deutelmoser, Ernst

Dietrich, Marlene

Dinamarca

divórcio

Dokumentation Obersalzberg

Dresden

Döring, Herbert

Eckart, Dietrich

Edelweiss

Eichmann, Adolf

Einsatzgruppen

eleições de

Eppelheim

escoteiros

Estados Unidos

esterilização

estrelas de cinema

eugenia

Europa

Evans, Richard

Eva's Cousin (Knauss)

Eventos Negros; ver também judeus

Exner, Marlene von

Exército Vermelho

Fegelein, Gretl (née Braun)

Fegelein, Hermann

feministas

Ferdinando, arquiduque

Ferragamo, Salvatore

Finlândia

Fitzgerald, William George

Flegel, Erna

Florença

fotografias

Frankfurt

França

Freikorps Oberland

Frentz, Walter

Fritsch, Werner von

Fromm, Bella

“Fuchs, Du hast die Gans gestohlen” (canção)

Furtwängler, Wilhelm

Galton, Francis

Gandhi, Mahatma

Garmisch-Partenkirchen

Gdansk

Gehron, Christiane

genocídio; ver também judeus

Gestapo

Giesing, dr. Erwin

Giesler, Hermann

Gilbert, John

Gilligan, James

Glassl, Anna

Goebbels, Josef

Goebbels, Magda

Grande Depressão

Grass, Günter

gripe, pandemia de

grupos

Gun, Nerin

Gutierrez, coronel Robert A.

“Guten Abend, gute Nacht” (canção)

Göhler, Johannes

Göring, Emmy

Göring, Hermann

Günsche, Otto

Hamburgo

Handschuhmacher, Heini

Hanfstängl, Ernst (“Putzi”)

Hasselbach, Hans Karl von

Hassell, Ulrich von

Hastings, Selina

Haus Wachenfeld

Hausenstein, Wilhelm

Hauser, Gayelord

Heidi (Spyri)

Heimat (programa de tevê)

Helps, Ditha (née Edith Schröder)

Hess, Rudolf

Hettlage, Karl

Hewel, Walter

Heydrich, Reinhard

Hiedler, Johann Georg

“higiene” racial

Himmler, Heinrich

Himmler, Margaret

histórias infantis

Hitler, Alois

Hitler, Brigid

Hitler, Klara (née Pölz)

Hitler, Paula

Hoffmann, Erna

Hoffmann, Heinrich

Hoffmann, Henriette; ver Schirach, Henriette von (née Hoffmann) Hohenstein,
Alexander

Holanda

Holocausto

Homes and Gardens (revista)

homossexuais

Hossbach, Protocolo

Hupfauer, dr. Theodor

Hébuterne, Jeanne

indesejáveis raciais

Infield, Glenn

Inglaterra

Irving, David

Itália

jazz

Joachimsthaler, Anton

jogos olímpicos

Johannmeier, major

judeus

Julgamento de Nurembergue

Junge, Hans

Junge, Traudl

Kaufmann, Karl Otto

Kehlstein

Kehlsteinhaus (Ninho da Águia)

Kempf, Annemarie

Kempka, Erich

Klein, Ada

Knauss, Sibylle

Koch, Robert

Kraft durch Freude

Krause, Karl

Krauss, Maria

Kreisau, Círculo

Kristallnacht

Kronburger, Franz-Paul

Kronburger, Josefa (née Winbauer)

Krysnica Norska

Kubizek, August

Kunz, dr.

Königssee

Künzel, Max

Langer, dr. Walter C.

Last Days of Hitler, The (Joachimsthaler)

Lebensraum

Leis de Nurembergue

leis raciais

Lenya, Lotte

Leonding

Ley, Inge

Ley, Robert

“Lili Marleen” (canção)

Linge, Heinz

Linz

Lipstadt, Deborah

lobos

Lodz

loirice

Londres

Ludecke, Karl

Luftwaffe

Lyttelton, Oliver (depuis Lord Chandos)

Mann, Thomas

Manziarly, Constanze

Marie-Magdalena, irmă

Markt am Inn

Maser, Werner

Matzelsberger, Franziska

Maugham, Syrie

Maurice, Emil

Max und Moritz (Busch)

May, Karl

Mein Kampf (Hitler)

Meissner, Otto

Mengele, dr. Josef

Metcalf, Ralph

Miesbacher Anzeiger (jornal)

Milgram, Stanley

Miller, Alice

Miller, Lee

Milne, Marion

Misch, Rochus

Mitford, Unity

Mittelstrasse, Margarete

Mohnke, general

Morell, Hanni

Morell, Theodore

“morte misericordiosa”

Mosley, Diana (née Mitford)

Munique

Musmanno, Michael

Mussolini, Benito

Müller, Renata

Münchener Post

NARA (National Archives and Records Administration)

Natal

Negus (cão)

Neuengamme

Ninho da Águia

Noite das Facas Longas

Normandia

Noruega

Nurembergue

Nápoles

Obersalzberg

Operação Barbarossa

Operação Foxley

Operação Valquíria

Ostermayr, Walter

Owens, Jesse

Paolini, Salvatore

Paris

Paris Soir

Partido Nazista

Peacock, Eulace

Pforzheim

Phayre, Ignatius

Piratas Edelweiss

Plaim, Anna

Plankstetten

Polônia

Popp, Joseph

Portofino

Praga

Prevenção de Progenie

Primeira Guerra Mundial

prisioneiros de guerra

programa de extermínio

propaganda

Pryce-Jones, David

punks

Putsch da Cervejaria

Pözl, Johanna

Quandt, Günther

Quandt, Harald

Quatro elementos (pintura)

racismo

Rall, Günter

Raubal, Angela

Raubal, Geli

Raubal, Leo

Ravensbrück

Reichsmarks

reides aéreos

Reitsch, Hanna

resistência

reuniões ministeriais

Ribbentrop, Joachim von

Riefenstahl, Leni

Roth, Joseph

Royal Air Force

Ruhpolding

Ryback, Timothy

Rzhevskaya, Elena

Röhm, Ernst

SA

Salten, Felix

Sangue Alemão e Honra Alemã, Lei para Proteção dos

Schattenhofer, Franz

Schaub, Julius

Schelling, Friedrich

Schellingstrasse

Schicklgruber, Maria

Schilling, Peter

Schirach, Baldur von

Schirach, Henriette von (née Hoffmann)

“Schlafe, mein Prinzchen, schlaf ein” (canção)

Schloss Fischhorn

Schneider, Erwin

Schneider, Herta (née Ostermayr)

Scholl, Hans

Scholl, Sophie

Schreber, dr. Daniel Gottlieb

Schreck, Julius

Schröder, Christa

Schulz, Alfons

Schwanensee

Schönmann, Marion

Segunda Guerra Mundial

Sereny, Gitta

Seydelmann, Gertrud

Shaw, George Bernard

Shirer, William

Simbach

Sklar, Pearl

Slezak, Gretl

Sobibor

SOE

Spam

Speer, Albert

Speer, Margret

Spitzzy, Reinhard

SS

St. Clair-Erskine, Mary

Stasi (cão)

Stempfle, Bernhardt

Stocker, Wilhelm

Strasser, Otto

Streicher, Julius

Struwelpeter (Hoffmann)

Stuttgart

Suábia

suástica

Swing Jugend (Juventude do Swing)

Taylor, John

Tchecoslováquia

teorias raciais

Toca do Lobo

Tratado de Versalhes

Treblinka

Trenker, Luis

Trevor-Roper, Hugh

Triunfo da vontade (filme)

Trott, Adam von

Ungerer, Tomi

União Soviética

Until the Final Hour: Hitler's Last Secretary (Junge)

Varsóvia

Veit, Aloisia

Viena

Volkswagen

Wachenfeld

Wagener, Otto

Wagner, Walter

Wagner, Winifred

Wait Training

Walthierer, Max

Wandervögel

Weill, Kurt

Weisker, Gertraud

Weisse Rose, die (a Rosa Branca)

Wessel, Horst

Wiedemann, Fritz

Wilde, Oscar

Wilhelm Gustloff (navio)

Winbauer, Alois

Winckler, Andreas

Windsor, duque de

Windsor, duquesa de

Winter, Anna

Winter, Margarethe

Wolf (cão)

Wolf, Johanna

Yates, Dora

Ypres, Batalha de

Zabel, professor

Ziegler, Adolf

Zugspitze

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA DE EVA BRAUN

